MINGLA – MINDERHEITEN GERMANISCHER SPRACHEN
IN LATEINAMERIKA / MINORÍAS DE LENGUAS
GERMÁNICAS EN LATINOAMÉRICA 3

Joachim Steffen /
Marcelo Jacó Krug / Lucas Löff Machado /
Claudia Wolff Pavan / Willian Radünz /
Fernando Hélio Tavares de Barros (Hrsg./eds.)

Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit. Sprachliche Perspektiven auf die akademische Arbeit von Cléo Vilson Altenhofen /

Contato Linguístico, Variação e Plurilinguismo. Perspectivas Linguísticas sobre o Trabalho Acadêmico de Cléo Vilson Altenhofen

PETER LANG

Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit. Sprachliche Perspektiven auf die akademische Arbeit von Cléo Vilson Altenhofen /

Contato Linguístico, Variação e Plurilinguismo. Perspectivas Linguísticas sobre o Trabalho Acadêmico de Cléo Vilson Altenhofen

MINGLA – MINDERHEITEN GERMANISCHER SPRACHEN IN LATEINAMERIKA / MINORÍAS DE LENGUAS GERMÁNICAS EN LATINOAMÉRICA

Herausgegeben von / editado por
Patrick Wolf-Farré und / y Joachim Steffen

Wissenschaftlicher Beirat / Comité científico:
Cléo Vilson Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre)
Joachim Born (Justus-Liebig-Universität Gießen)
Nicole Eller-Wildfeuer (Universität Regensburg)
Göz Kaufmann (Albert-Ludwigs-Universität Freiburg)
Marcelo Jacó Krug (Universidade Federal da Fronteira Sul Chapecó)
Sebastian Kürschner (Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt)
Anna Ladilova (Justus-Liebig-Universität Gießen)
Daniel Reimann (Romanistik, Humboldt-Universität zu Berlin)
Peter Rosenberg (Europa-Universität Viadrina Frankfurt/Oder)
Alfred Wildfeuer (Universität Augsburg)

BD. / VOL. 3

Joachim Steffen / Marcelo Jacó Krug / Lucas Löff Machado /
Claudia Wolff Pavan / Willian Radünz /
Fernando Hélio Tavares de Barros (Hrsg./eds.)

Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit. Sprachliche Perspektiven auf die akademische Arbeit von Cléo Vilson Altenhofen / Contato Linguístico, Variação e Plurilinguismo. Perspectivas Linguísticas sobre o Trabalho Acadêmico de Cléo Vilson Altenhofen



PETER LANG

Berlin - Bruxelles - Chennai - Lausanne - New York - Oxford

Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek
Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über http://dnb.d-nb.de abrufbar.

Wir danken der Alexander-von-Humboldt-Stiftung (AvH) für die großzügige finanzielle Förderung des Drucks der vorliegenden Festschrift.
Dem Deutschen Akademischen Austauschdienst (DAAD) danken wir für die ebenso großzügige finanzielle Förderung einer Tagung zum Anlass der Herausgabe der Festschrift in Porto Alegre am 17. November 2023.

Agradecemos à Fundação Alexander von Humboldt por seu generoso apoio financeiro para a impressão desta publicação comemorativa.
Agradecemos igualmente ao Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) por seu generoso apoio financeiro para a realização de uma conferência para celebrar a publicação do livro em Porto Alegre, em 17 de novembro de 2023.

ISSN 2699-8122
ISBN 978-3-631-91297-3 (Print)
ISBN 978-3-631-91298-0 (E-PDF)
ISBN 978-3-631-91299-7 (E-PUB)
DOI 10.3726/b21465

© Joachim Steffen / Marcelo Jacó Krug / Lucas Löff Machado / Claudia Wolff Pavan / Willian Radünz / Fernando Hélio Tavares de Barros 2025

info@peterlang.com http://www.peterlang.com/

PETER LANG Open

Offener Zugang: Dieses Werk ist lizenziert unter einer Creative Commons Namensnennung 4.0 Internationalen Lizenz (CC-BY). Weitere Informationen: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Inhaltsverzeichnis / Índice

Prefácio: Mit Kerwa unn Alma fo die Sprooch, pesquisa unn formação 9

Tabula gratulatoria 15

Claudia Wolff Pavan
O milho nosso de cada dia. Análise sob uma perspectiva topodinâmica da língua 17

Fernando Hélio Tavares de Barros
A alcunha *gaudério* no português do Rio Grande do Sul: o que mostram os dados do ALERS 33

Felício Wessling Margotti, Orlando da Silva Azevedo e Amanda Chofard
Variantes lexicais de sovina na região norte do Brasil: uma análise geolinguística dos dados do ALiB 51

Elisa Battisti
"Aqui não se fala assim": O contato do português com línguas italianas de imigração no Brasil e o refreio a processos fonológicos variáveis 71

Vanderci de Andrade Aguilera
Variação lexical em diferentes sincronias: De Bunse a Altenhofen – o caso de "funda" e de "bodoque" 87

Martina Steffen
Variação do /r/ em coda silábica em falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul 107

Rosane Werkhausen
A marcação glotal no português em contato com o vestfaliano no sul do Brasil 123

Leonardo Cerno e Maria Liz Benitez Almeida
A hispanização do guarani: um estudo de documentos indígenas sob o regime reducional-jesuíta (períodos 1752–53 e 1756–61) 147

Angélica Prediger, Renata Szczepaniak e Siegwalt Lindenfelser
Deutschsprachige Briefe aus Argentinien: Morphologische und graphematische Einblicke in das BriTa-Korpus 171

Myrna Estella Iachinski Mendes
A vitalidade do polonês no cenário plurilingue brasileiro 191

Lucas Löff Machado e Willian Radünz
Percepção de variedades linguísticas "alemãs" no Brasil: Estudo em Alto Feliz e Nova Petrópolis (Rio Grande do Sul) 205

Anna Ladilova, Kristina Pröstler e Sina Keller
Imaginierte Selbstbilder der Russlanddeutschen 225

Neusa Inês Phillipsen
Percepções e atitudes linguísticas de falantes descendentes da língua minoritária alemã em Sinop/Mato Grosso/Brasil 249

Henry Daniel Lorencena Souza
A paisagem linguística na fronteira do Uruguai com o Brasil: Diferenças no status do português 271

Peter Rosenberg
Contato, variação e mudança linguística nas ilhas línguísticas alemãs na Rússia e no Brasil 283

Fernanda von Mühlen
Vestfaliano: Do noroeste da Alemanha ao sul do Brasil 303

Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst
A relevância de fatores extralinguísticos na manutenção e substituição linguística nos diferentes domínios de uso das línguas a partir de dados do projeto ALCF 325

Jussara Maria Habel
O contínuo standard-substandard do alemão falado em Nova Petrópolis – RS 353

Göz Kaufmann
Nachnamen erzählen Geschichte, Vornamen die Gegenwart: Analysen zur onymischen Identität deutschsprachiger Brasilianer/innen 369

Joachim Steffen
Zwischen Stolz und Vorurteil. Frühe Beobachtungen und Einstellungen zu Sprachkontakt und Sprachmischung in Südbrasilien nach Dokumenten im Schuchardt-Nachlass 401

Marcia Meurer
Variedades do português de migrantes sulistas em contato com variedades do nordeste do Brasil 417

Ingrid Kuchenbecker e Katja Schnitzer
Visibilidade e acolhimento de línguas na escola: dois projetos parceiros – Brasil e Suíça 437

Erineu Foerste e Gerda Margit Schütz-Foerste
Culturas, línguas e educação do campo: Diálogos sobre parcerias na formação de professores 463

Bernardo Kolling Limberger
Dialetologia e Psicolinguística em diálogo: estudos sobre processamento do Hunsrückisch e bilinguismo 485

Ingrid Finger
Bilinguismo e Plurilinguismo: Conversas entre a Psicolinguística e a Sociolinguística 499

Sofia Froehlich Kohl
Füll Glick fa di kanze Muddache: uma breve análise das crônicas em português e em *Hunsrückisch* do livro *Crônicas da Pronila*, de Pronila Krug 515

Karen Pupp Spinassé e Gerson Roberto Neumann
Wir kochen mal Schmier! / Vamos fazer schmier! Discussão em torno do Hunsrückisch na literatura em língua alemã no Brasil 527



Cléo V. Altenhofen bei der Feldforschung / Cléo Altenhofen na pesquisa de campo

Prefácio: Mit Kerwa unn Alma fo die Sprooch, pesquisa unn formação

Com grande alegria, celebramos o 60º aniversário de Cléo Vilson Altenhofen, homenageando-o com esta edição comemorativa que reúne contribuições de colegas, estudantes e amigos que compartilharam parte de seu caminho de vida e trabalho. Quiçá este espaço também possa ser uma possibilidade de apreciar diferentes paisagens, reconectar trilhas e construir novas veredas.

O título em Hunsrückisch deste prefácio é uma referência ao foco acadêmico de Cléo: a língua de imigração Hunsrückisch (e ao seu maior projeto: ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch). Também reflete sua dedicação "mit Kerwa unn ALMA" à formação e à capacidade de construir amizades, parcerias, projetos e trajetórias conjuntas.

A obra de Cléo Altenhofen é uma das referências fundamentais nos estudos contemporâneos de dialetologia, variação e mudança linguística do português e especialmente de variedades germânicas no Brasil. Sua visão de linguagem agrega diferentes vozes, repertórios, bem como dimensões sociais, políticas e temporais. Mapear, documentar, conhecer *in loco*, ouvir, inventariar, investigar em múltiplas dimensões, salvaguardar e promover são alguns dos principais verbos que fizeram e fazem parte dos seus projetos de pesquisa.

Do nosso ponto de vista, a sua contribuição aos estudos do Hunsrückisch é a mais central em sua trajetória como pesquisador. Da língua da sua casa, da sua comunidade à língua que pesquisa ao menos desde 1990 no seu mestrado[1] na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passando pela sua investigação de doutorado[2] na Johannes Gutenberg Universität, em Mainz, que, de maneira inovadora, aponta caminhos para a investigação e a descrição do Hunsrückisch e de outras variedades minoritárias do Brasil. Nessa trajetória, concebeu e coordenou o Inventário do Hunsrückisch e, junto com Harald Thun, o projeto ALMA-H, para além de orientar uma infinidade de projetos e trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação nessas temáticas. Ao longo desse percurso, Cléo também vem fazendo esforços para a investigação, a valorização e o diálogo com outras variedades minoritárias do Brasil e da América Latina, sobretudo,

---

1 A aprendizagem do português em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul: um estudo de redes de comunicação em Harmonia.Altenhofen 1990

2 *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.*

concebendo uma visão e um engajamento aplicados ao plurilinguismo e à pedagogia do plurilinguismo, a exemplo da sua atuação no Colegiado da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul. Em 2021, sua pesquisa e seus esforços no campo do Hunsrückisch, de variedades germânicas e em prol do plurilinguismo foram reconhecidos com a Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha.

Cléo Altenhofen contribuiu também significativamente aos estudos de variação, mudança e contato linguístico do Sul do Brasil e da América Latina, principalmente por meio da sua participação em diversos projetos geolinguísticos. Cléo Altenhofen deu continuidade aos estudos dialetais iniciados por Heinrich Bunse nas décadas de 70 e 80 do século XX e, posteriormente, impulsionados por Walter Koch e Mário Klassmann, que foram a base da construção do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), um valioso banco de dados orais do português rural falado nos três estados do Sul do Brasil. Esse projeto contribuiu significativamente na formação de Cléo como geolinguista, oferecendo-lhe a possibilidade de conhecer de perto os rincões do Rio Grande do Sul, as pessoas, a variação, os múltiplos contextos sociais, os seus multifacetados contatos e repertórios linguísticos e, provavelmente, um dos seus maiores tesouros: o amadurecimento na técnica de entrevista. Ainda sobre o seu percurso de formação e atuação nas investigações linguísticas no Sul do Brasil e na América Latina, a participação de Cléo nas viagens de pesquisa para o Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU), a convite de seu colega, amigo e formador Harald Thun, e, posteriormente, o levantamento de dados para o ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) constituem balizas centrais da sua trajetória e na contribuição a esse campo de estudos.

Tanto como colega, quanto como professor, o trabalho e o jeito de ser de Cléo sempre foram inspiradores, e louváveis são seu incansável exercício e empenho em prol do respeito às diferenças e ao lugar de onde cada um vem. Notável é também o seu espírito de construir espaços de pesquisas e aprendizagem onde as pessoas antes de qualquer discussão linguística se sentem bem e se sentem vistas e ouvidas. Não por acaso, na maioria das suas reuniões de trabalho ou, inclusive, nas suas aulas, há café ou chimarrão, as nozes do seu pai, às vezes, chocolate para todos e um primeiro momento de conversas e trocas mais pessoais.

As suas várias e dedicadas contribuições a projetos de alunos, amigos e colegas que escreveram textos para essa edição comemorativa são apenas um pequeno exemplo disso. Em meio às suas variadas atividades, o tempo de orientar *mit Kerwa unn ALMA*, de contribuir significativamente com a textualidade de textos acadêmicos, ou o esforço de escrever cartas de recomendação

e auxiliar outros a seguirem suas trilhas também são, para nós, sinônimos do amigo, colega e professor Cléo. Agradecer e apreciar essa dedicação genuína voltada às pessoas que Cléo formou e forma é o que nos motivou a organizar essa edição comemorativa.

A pesquisa e atuação de Cléo são bastante diversificadas. As contribuições para este volume trazem elementos dessa diversidade e refletem vários interesses de pesquisa fundamentais de Cléo Vilson Altenhofen: Investigações em torno da língua de imigração alemã Hunsrückisch em sua diversidade de contextos, situações de contato e perspectivas teóricas e metodológicas; Pesquisas em Variação, Mudança e Contatos Linguísticos do Sul do Brasil e do Sul da América Latina; Plurilinguismo e suas Interfaces. Investigações em torno da língua de imigração alemã Hunsrückisch em sua diversidade de contextos, situações de contato e perspectivas teóricas e metodológicas constituem a primeira seção deste volume.

Claudia Wolff Pavan discute a trajetória do contato dos imigrantes alemães com o milho – cereal elementar para a subsistência no Novo Mundo. Sob uma perspectiva topodinâmica da língua e com base em cartas do banco de dados do ALMA-H, a autora procura traçar o caminho linguístico das denominações desse cereal, desde aquelas próprias da região de origem até apropriações que se seguiram ao contato dos imigrantes com a língua local. **Fernando Hélio Tavares de Barros** analisa o significado variado de "gaudério" no Rio Grande do Sul e destaca sua presença em 70 dos 95 pontos de pesquisa do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS), com um significado comum de "alguém que vaga sem rumo". O artigo de **Felício Wessling Margotti**, **Orlando da Silva Azevedo** e **Amanda Chofard** explora o impacto da imigração italiana no sul do Brasil no final do século XIX por meio da análise fonética de variedades do português brasileiro em áreas especialmente afetadas pela imigração italiana. Também o capítulo de **Elisa Battisti** trata do contato do português com dialetos italianos no sul do Brasil e analisa a variedade do português brasileiro no Rio Grande do Sul. São discutidos processos fonológicos variáveis e a interferência fonética em comunidades bilíngues. **Vanderci de Andrade Aguilera** estuda a história da Geolinguística no Brasil, com destaque para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e o Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). A autora concentra-se no estudo das diferentes palavras usadas para denominar "o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho", analisando trabalhos geolinguísticos de diferentes épocas, incluindo dados inéditos do ALiB no Rio Grande do Sul. **Martina Steffen** examina a pronúncia do /r/ em falantes de Hunsrückisch e português brasileiro do sul do Brasil. A pesquisa revela variações na realização

do /r/ em posição de coda, com grupos socioculturalmente específicos apresentando uma pronúncia retroflexa semelhante à de falantes de português brasileiro. O estudo de **Rosane Werkhausen** analisa a ocorrência de marcação glotal (glotalização e ocorrência da oclusiva glotal) em palavras iniciadas por vogais no português brasileiro em contato com o vestfaliano e relaciona isso aos processos de manutenção e mudança dessa língua minoritária. Segundo a autora, a marcação glotal é mais frequente em áreas onde o vestfaliano é mais preservado. O trabalho de **Leonardo Cerno** e **Maria Liz Benitez Almeida** foca no estudo do contato linguístico entre espanhol e guarani nas reduções jesuíticas do Paraguai, descrevendo empréstimos do espanhol em manuscritos jesuíticos. Os autores analisam a presença de hispanismos nesses documentos, discutindo os domínios de uso do guarani e do espanhol, fatores de hispanização e motivações para a incorporação de empréstimos na comunidade linguística. **Angélica Prediger**, **Renata Szczepaniak** e **Siegwalt Lindenfelser** discutem aspectos editoriais, de conteúdo e morfossintáticos da preparação de cartas de emigrantes alemães à Argentina para um corpus de dados, conhecido como o corpus BriTa, que permite análises linguísticas detalhadas, tornando-as um objeto valioso de pesquisa na variação linguística. **Myrna Estella Iachinski Mendes** apresenta parte de sua tese sobre a vitalidade do polonês no sul do Brasil em contato com o português, com resultados que destacam a maior vitalidade do polonês em Cruz Machado – PR, em comparação com Descanso – SC, onde a língua está em processo de extinção. O trabalho também enfatiza a importância da promoção e revitalização do polonês como parte do patrimônio histórico e cultural do Brasil.

Lucas Löff Machado e **Willian Radünz** analisam a percepção da variação linguística em variedades locais de raiz alemã e variedades padrão em entrevistas com participantes de Alto Feliz e Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. O estudo revela tendências de autoidentificação dos falantes com as variedades locais e maior compreensão das variedades próximas às mesmas em comparação com as normas padronizadas. **Anna Ladilova**, **Kristina Pröstler** e **Sina Keller** estudam aspectos identitários dos Russos-Alemães na Alemanha, explorando também a relação deles com a sociedade alemã e refugiados. O texto de **Neusa Phillipsen** discute os resultados do seu projeto de pós-doutorado "Nos confins do Brasil, o que resta da língua de imigração alemã entre os descendentes de alemães em Mato Grosso", analisando as percepções e atitudes dos falantes e descendentes de minorias descendentes de alemães em Sinop, Mato Grosso. **Henry Daniel Lorencena Souza** aborda o contato linguístico entre espanhol e português na fronteira Brasil/Uruguai através da análise da paisagem linguística, destacando a situação do português e o seu prestígio nas

cidades fronteiriças Río Branco e Chuy. O estudo da paisagem linguística revela aspectos fundamentais da vitalidade da língua portuguesa nesses lugares. **Peter Rosenberg** compara ilhas linguísticas alemãs em situações de atrito linguístico no Brasil e na Rússia, analisando fatores de obsolescência linguística, influências dos contatos linguísticos locais e políticas linguísticas nacionais. O estudo de **Fernanda von Mühlen** traça um panorama do dialeto baixo-alemão Westfälisch, trazido por imigrantes alemães para o sul do Brasil no século XIX. Destaca-se a perda de falantes e as iniciativas de preservação da língua, como seu uso em nomes de produtos e empresas, bem como a cooficialização no município de Westfáliano Vale do Taquari. O artigo de **Marcelo Jacó Krug** e **Cristiane Horst** apresenta uma visão geral da situação linguística no oeste de Santa Catarina, com foco no bilinguismo local e nos contatos linguísticos. Com base nos dados do Atlas de Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), destacam-se questões relacionadas à substituição e manutenção de línguas minoritárias em contextos multilíngues, relacionadas a fatores como a criação de novos municípios e a chegada de pessoas que não falam a variedade local. A contribuição de **Jussara Maria Habel** apresenta um estudo da variedade de alemão falada por descendentes de hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em diferentes localidades de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, refletindo sobre processos de contatos linguísticos que resultaram em uma variedade no continuum entre o alemão padrão e o subpadrão, com influências do português local.

Göz Kaufmann analisa as práticas de nomeação entre os descendentes de imigrantes de língua alemã no sul do Brasil, enfocando sobrenomes e nomes de batismo e destacando as mudanças ao longo do tempo e as influências da adaptação à língua portuguesa. Inicialmente, os nomes de batismo foram adaptados ao português em relação à grafia e pronúncia; mais tarde, no entanto, muitos foram simplesmente substituídos por nomes brasileiros. **Joachim Steffen** analisa as primeiras amostras comentadas da língua mista do alemão e português no Sul do Brasil, publicadas no final do século XIX e mantidas no arquivo Hugo Schuchardt em Graz, e argumenta que os autores desses textos tinham uma atitude ambígua em relação ao contato linguístico, e não tão rígida e purista quanto poderia se esperar. O capítulo de **Marcia Meurer** analisa o contato linguístico intervarietal em Balsas, Maranhão, entre as variedades faladas por migrantes do Sul do Brasil e a língua local, destacando as mudanças nas variantes linguísticas e os significados sociais associados a essas mudanças. **Ingrid Kuchenbecker** e **Katja Schnitzer** apresentam dois projetos (realizados na Suíça e no Rio Grande do Sul) que promovem o multilinguismo na escola e integram as línguas maternas dos alunos em sala de aula. O capítulo de **Erineu Foerste** e **Gerda Margit Schütz-Foerste** discute a relação entre línguas,

culturas e educação rural, com foco na formação de professores. Os autores destacam a importância da interculturalidade em comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas e pomeranas no Espírito Santo, na promoção da resistência cultural e diversidade linguística. **Bernardo Kolling Limberger** explora a interseção entre a psicolinguística e a dialetologia, focando no Hunsrückisch e no processamento bilíngue. O seu estudo investiga os efeitos do bilinguismo na cognição e no processamento de leitura entre falantes de Hunsrückisch, buscando contribuir para a compreensão da linguagem, bilinguismo e preservação de línguas minoritárias. **Ingrid Finger** discute a influência do contexto interacional no desempenho linguístico de bilíngues e destaca a importância de considerar os fatores sociolinguísticos e socioculturais na pesquisa sobre processamento linguístico e cognitivo em bilíngues e plurilíngues. **Sofia Froehlich Kohl** analisa o livro bilíngue Crônicas da Pronila/Pronila's Chronicles, que visa à preservação do patrimônio linguístico e cultural da comunidade Hunsriqueana no Brasil. Explora as motivações da autora, Pronila Krug, na compilação das crônicas e na tradução para o Hunsrückisch, além de examinar as estratégias de tradução utilizadas. O capítulo final, de **Karen Pupp Spinassé** e **Gerson Roberto Neumann**, discute a importância da prática plurilíngue no Brasil, especialmente em relação à língua Hunsrückisch falada por descendentes de imigrantes alemães. Os autores apresentam e analisam um poema de Karl Hermann, publicado em 1925, que oferece uma representação escrita da fala do Hunsrückisch no Brasil.

Essa ampla gama de contribuições nos alegra muito e, do nosso ponto de vista, espelha muitos aspectos do extenso interesse e atuação de Cléo Vilson Altenhofen no campo da linguística.

Willian Radünz, Marcelo J. Krug, Lucas Löff Machado, Fernando Hélio Tavares, Claudia Wolff Pavan, Joachim Steffen

Tabula gratulatoria

Elisa Battisti
Maria Liz Benitez
Joachim Born
Antonio Carlos
Leonardo Cerno
Amanda Chofard
Orlando da Silva Azevedo
Vanderci de Andrade Aguilera
Elmar Eggert
Lukas Fiedler
Ingrid Finger
Erineu Foerste
Sofia Fröhlich Kohl
Jussara Maria Habel
David Paul Gerards
Fernando Hélio Tavares de Barros
Cristiane Horst
Konstanze Jungbluth
Göz Kaufmann
Sina Keller
Bernardo Kolling Limberger
Marcelo Krug
Ingrid Kuchenbecker
Sebastian Kürschner
Myrna Estella Lachinski Mendes
Anna Ladilova
Siegwalt Lindenfelser
Henry Daniel Lorencena Souza
Lucas Löff Machado
Benjamin Lucas Meisnitzer
Marcia Meurer
Rosângela Morello
Gilvan Müller
Katharina Müller

Gerson Neumann
Neusa Inês Philippsen
Dania Pinto Gonçalves
Angélica Prediger
Kristina Pröstler
Willian Radünz
Peter Rosenberg
Mônica Savedra
Gabriel Schmitt
Katja Schnitzer
Gerda Margit Schütz-Foerste
Karen Spinassé
Joachim Steffen
Martina Steffen
Renata Szczepaniak
Harald Thun
Fernanda von Mühlen
Rosane Werkhausen
Felício Wessling Margotti
Claudia Wolff Pavan

Claudia Wolff Pavan

O milho nosso de cada dia. Análise sob uma perspectiva topodinâmica da língua

Abstract: This chapter discusses the history of contact between German immigrants and corn – a basic cereal for their subsistence in the New World. From a topodynamic perspective of language and based on letters from the ALMA-H database, written in the 19th and 20th centuries, the aim is to trace the linguistic path of the different names that immigrants gave to this cereal, from those typical of their region of origin to appropriations that followed their contact with the local language.

Keywords: Corn cultivation. Corn denominations. Private letters. Topodynamic perspective of language. ALMA-H.

1 Introdução

O título deste artigo remete a um dos alimentos mais básicos e mais antigos da história humana: o pão. Ele está na bíblia, no Pai Nosso e, como mostram cartas escritas no século XIX, na mesa dos imigrantes alemães. Nesse sentido, discute-se a importância da cultura do milho para esses imigrantes e busca-se, através das denominações que deram a essa planta, rastrear o contato que tiveram com ela mesmo antes de chegarem às Américas, apontando para as mudanças linguísticas pelas quais o termo passou.

Para tanto, parte-se do princípio da pluridimensionalidade – princípio básico do modelo teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional e relacional proposto por Radtke & Thun (1996) e adotado pelo projeto ALMA-H – para realizar uma análise topodinâmica associada à língua, no sentido proposto por Altenhofen (2023 – no prelo),[1] examinando as ocorrências das diferentes formas de "milho" em uma comunidade linguística ao longo de sua história

1 Segundo Altenhofen (no prelo), "enquanto a perspectiva de uma topodinâmica associada ao indivíduo considera uma temporalidade no plano mesocronológico, comparando a fala de indivíduos contemporâneos do mesmo recorte temporal, em dois ou mais momentos de sua vida, entre a matriz de origem e o novo meio, a topodinâmica associada à língua como foco de análise envolve, por outro lado, uma temporalidade no plano macrocronológico, quando contrasta a fala de indivíduos e gerações que viveram em momentos históricos distintos" (4–5).

migratória. Ou seja, comparando as formas linguísticas utilizadas na matriz de origem e as mudanças ocorridas no novo meio.

O material de pesquisa utilizado, além de textos e dicionários de séculos passados, constitui-se de dados do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch),[2] em especial do subprojeto ALMA-Histórico, composto por dados de língua escrita e de um acervo de cerca de mil cartas privadas, escritas em comunidades de língua alemã em diferentes períodos históricos desde 1824, quando se iniciou a imigração para o sul do Brasil (Altenhofen, Steffen & Thun 2018; Steffen 2016). Além das cartas do ALMA-Histórico – publicadas em grande parte no livro *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*, organizado por Cléo Altenhofen, Joachim Steffen e Harald Thun (2018), outros dois livros contendo cartas escritas por imigrantes alemães fizeram parte do material de pesquisa: *Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbriefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854–1906)*, de Judith Matzke (2018) e *A saga dos alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*, de Erni Guilherme Engelmann (2004).

As cartas trocadas nesse período representam documentos de valor inestimável que permitem tanto observar o olhar dos imigrantes sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas naquela época quanto analisar questões referentes à mudança e à variação linguística que passaram a ocorrer a partir do contato das variedades de alemão faladas pelos imigrantes com as variedades linguísticas do novo meio. A correspondência pessoal "além de permitir um ordenamento cronológico e geográfico da produção escrita, propicia por

2 O projeto ALMA-H é coordenado pelo Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen pelo Prof. Dr. Harald Thun e contou, entre 2008 e 2012, com o apoio financeiro da Fundação Alexander von Humboldt. Trata-se de uma parceria interinstitucinal entre o Instituto de Letras/Setor de alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Instituto de Romanística da Universidade de Kiel. O projeto tem por objetivo descrever a variação e a mudança linguística do Hunsrückisch bem como das demais variedades do alemão em contato com o português e demais línguas na Bacia do Prata, a partir de uma perspectiva macrolinguística e pluridimensional, considerando diferentes dimensões de análise, entre as quais as dimensões diatópica, diastrática, diageracional, diassexual e diarreligiosa. O ALMA-H abrange 44 pontos de pesquisa dentro de uma extensa área, que compreende os estados RS, SC, PR, ES e MT, no Brasil, e os países vizinhos AR (Misiones, Argentina) e PY (Paraguai). Em cada um desses pontos foram realizadas até quatro entrevistas, com base em um mesmo questionário, possibilitando, assim, o compartilhamento e a comparabilidade entre os dados de toda a rede de pontos bem como o posterior mapeamento das variáveis identificadas (Altenhofen 2016).

sua natureza uma presença relativamente grande de elementos da oralidade no texto escrito" (Altenhofen, Morello et al. 2018, p. 211), permitindo, assim, uma visão sobre o contato linguístico intervarietal (com as variedades de alemão faladas pelos imigrantes) e interlingual (com as variedades linguísticas presentes no novo meio, sobretudo o português local).

A próxima seção trata de questões etimológicas, históricas e linguísticas acerca do milho e de seu cultivo bem como do percurso do seu contato com os imigrantes na Europa e no Brasil. Em seguida, são discutidas as diferentes denominações usadas pelos imigrantes alemães para "milho" e suas possíveis motivações e, por fim, são apresentadas as considerações finais do artigo.

2 O pão da terra

Etimologicamente a palavra "milho" tem origem no latim: *-miliu*, o que provavelmente se deve à influência de "mil", uma referência à grande quantidade de grãos presentes na espiga (Machado, 1977). Em português, a palavra "milho" passou a ser usada para designar o *maiz* (*Zea mays*) do espanhol, originário da América Central. Este por sua vez tem suas raízes na palavra *mahíz*, da língua falada pelos povos taínos em grande parte do Caribe até o século XIX, e significa "aquilo que sustenta a vida" (Marzinka, 2017, p. 2). Não se tem informações precisas de como e quando se iniciou seu cultivo, mas cientistas contemporâneos acreditam que o milho foi cultivado a partir do teosinto, da família das gramíneas (*Poaceae*).

Os povos antigos da região caribenha atribuíam grande importância ao milho, como se pode observar na própria etimologia do termo "teosinto", do Nahuatl *Teocentli*: *Teo* significa deus e *centli*, milho, ou seja, o Deus-milho. Há ainda o deus mexicano *Cintéotl*, protetor das espigas secas; a deusa maia do milho *Yum Kax*; *Xilonen*, a deusa do milho jovem; *Chicomecoatl*, a deusa da terra, do sustento e do milho; *Saciskukiliwatkan, Otuanaka, Xochipili*, deus do amor, das flores, da música, da dança e também do milho. Além disso, durante a colheita do milho, não se travavam guerras e alguns desses povos acreditavam que o corpo humano era feito de massa de milho (Marzinka, 2017).

Também os primeiros europeus que chegaram àquela região no século XVI logo perceberam o valor do milho e passaram a considerá-lo como "pão da terra", ou seja, um alimento vigoroso e resistente, capaz de assegurar a subsistência durante longas viagens (Barghini, 2004), reforçando o sentido desse cereal como "aquilo que sustenta a vida". O milho tinha destaque especial,

> não só por sua fácil adaptação agrícola (possibilidade de ser cultivada em clima temperado), mas porque era um alimento por excelência, similar ao trigo. […] a difusão

> do milho na Europa ainda precisa ser documentada mais detalhadamente. Não resta dúvida, porém, de que ele foi aceito imediatamente como planta de horta e, em pouco menos de um século, transformou-se em cultivo intensivo (Barghini, 2004, p. 89).

Quando chegaram ao Brasil no século XIX, os imigrantes alemães precisaram se apropriar de novas plantas, de novos alimentos, de novas formas de cultivo: nem tudo que se plantava na sua terra natal dava frutos no novo meio. A cultura do trigo, por exemplo, trouxe grandes dificuldades e desafios para os imigrantes. As plantações de trigo sofriam com as oscilações climáticas, com o excesso de chuva, com pragas e doenças – como a ferrugem (Cunha 1988).[3] Assim, a farinha de milho bem como a de mandioca e de outras variedades de cereais e farinhas eram utilizadas como alternativas ao uso da farinha de trigo na confecção do pão (ou até para substituí-lo) como mostram cartas pessoais escritas naquela época:

> Além disso, tenho para contar que, há algum tempo, faço um pão bem bom, com uma mistura de farinha de milho, farinha de arroz e farinha de mandioca […]. [*Ferner habe ich Dir zu erzählen daß ich schon seit längerer Zeit recht gutes Brod backe, aus einen Gemisch von Maismehl, Reismehl und Farinja*[4] *[…]*] (Fonte: Matzke, 2018, p. 189).[5]

Como se percebe no excerto acima, os imigrantes precisavam encontrar alternativas para a farinha de trigo na produção do pão, pois os cuidados que esta exige em seu cultivo, fazem com que se torne cara e escassa. Contudo, não é apenas no Brasil que o cultivo do trigo exige maiores cuidados. Trata-se de fato de uma cultura mais frágil, suscetível a pragas e que necessita de uma infraestrutura agrícola mais complexa e, por consequência, mais trabalhosa e mais cara (Barghini, 2004).

Na Europa, tem-se notícia da superioridade da produção de milho em relação à de trigo, por exemplo, em livro publicado durante a Revolução Francesa para incentivar o cultivo desse cereal, no qual se encontra a informação de que a produção do milho era quase o dobro da produção do trigo. Barghini menciona

---

3 Além disso, outros problemas contribuíram para o fracasso do cultivo de trigo no sul do Brasil, entre os quais estão a criação de gado, graças ao desenvolvimento das charqueadas e "a concorrência americana que põe fim à produção gaúcha de trigo e transforma o próprio Rio Grande do Sul em consumidor de seu cereal e de sua farinha" (Cunha 1988:47).

4 O termo "farinja", ou na variedade do Hunsrückisch "Farin", refere-se à farinha obtida da mandioca (cf. Altenhofen, Steffen & Thun 2018; Matzke 2018).

5 Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 22 de setembro de 1857, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

ainda que, no século XVI, a superioridade da produção de milho em relação à do trigo é atestada quando "o veneziano Giovanni Lano ofereceu ao grão-duque da Toscana sementes dessa nova planta […], já que ela proporcionava o dobro do rendimento do trigo" (Barghini, 2004, p. 22).

Trata-se, assim, de uma planta vigorosa, de crescimento rápido e produção abundante. Por essas características, o cultivo do milho pode ser associado ao cultivo de outras plantas (cultura consorciada), como o feijão e a abóbora[6] (Barghini, 2004) – duas culturas igualmente importantes no Brasil e que faziam parte do cotidiano dos imigrantes já no século XIX, como se observa nos seguintes excertos:

> O solo aqui é muito fértil, alguns produtos, como por exemplo a batata, podem ser colhidos duas vezes por ano. Porém, os principais produtos que o colono comercializa são, em primeiro lugar, o milho (Milios) ou Welschkorn, do qual ele também faz seu pão, e ainda feijão preto, arroz, tabaco e vinho, este último, contudo, é normalmente produzido apenas pelos italianos. [*Der Boden hier ist im Allgemeinen sehr ergiebig, manches wie z. B. Kartoffeln erntet man 2 mal jährlich. Die Hauptprodukte aber, die der Bauer zu Markte bringt, sind in erster Reihe der Mais (Miljos) od. [er] Welschkorn, von was er auch sein Brod bäckt, sodann schwarze Bohnen, Reis, Tabak, und Wein, letzteren jedoch meistens nur von den Italianern gezogen*] (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun 2018, p. 164).[7]

> Minha propriedade livre e desimpedida tem 400 acres, um acre mede, como na Alemanha, 160 varas. O solo da floresta é ainda mais fértil que do campo aberto, e nos primeiros 10 anos não precisa de adubação nem de melhorias. O milho e os feijões são os principais produtos aqui. [*Mein freies ungestörtes Landeseigentum enthält 400 Morgen, ein Morgen besteht wie in Deutschland aus 160 Ruten. Des Waldes Boden ist noch ergiebiger und fruchtbarer, als der des freien Landes, bedarf in den ersten 10 Jahren keines Düngers, keiner Besserung. Das Welschkorn und die Bohnen sind hier das Hauptprodukt […]*]. (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun 2018, p. 85).[8]

> Hannes Müller Christian seguiu seu irmão e comprou uma colônia que adentra a floresta, às margens do rio. Ele pode transportar bem seus feijões e milho, pois o rio é navegado com canoas. [*Hannes Müller Christian der hat seinen Bruder gefolget der kauft sich eine koloni weit im waldt an der Rio der kann seine Bonen Milgen gut auf der*

6 Sobre o cultivo e as denominações de abóbora na América Latina, cf. Tavares de Barros (2020).

7 Carta escrita em 03.01.1889 por Johann Diemer, de "São João do Monte Negro", a seu amigo Seibert, na Alemanha, passados mais de 30 anos de sua chegada ao Brasil.

8 Carta escrita em 01.01.1832 por Johann F. Friedrich, em São Leopoldo, a seu irmão Claudius, na Alemanha.

> *forttrantzporttieren dann die Rio wird mit der Kanoen gefahren*] (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun 2018, p. 98–99).[9]

O seguinte excerto confirma que os imigrantes alemães praticavam a cultura consorciada:

> Pode-se também plantar abóboras e mandioca no meio do milho. As sementes de abóbora são plantadas, no meio do milho, seis passos uma da outra. [*Es stehen auch Kürbisse (Bobern) und Maniok (Manjock) unter den Maisen (Milgen). Die Kürbisse pflanzt man mit dem Mais und zwar sechs Schritte voneinander*] (Fonte: Engelmann 2004, p. 300–301 – tradução do autor).[10]

Além da importância do cultivo do milho – como ilustram os excertos anteriores – as imprecisões terminológicas, apontadas por autores como Barghini (2004) e Álvarez (2002), provavelmente justifiquem as variantes encontradas para o termo, como se observa na seção seguinte.

3 Mais, Türkisch Mais, Milgen, Welschkorn, Milje, Milho…

O cultivo do milho "americano", também conhecido como milho grosso ou milho gordo (Álvarez, 2002, p. 70), é registrado, no território alemão, a partir do século XVIII, principalmente em regiões com clima mais favorável, próximas ao Reno e a Baden (Relly 2020; Schnabel et al., 2009). Mesmo não se tratando de uma cultura de todo desconhecida, os imigrantes alemães no Brasil precisavam assimilar e desenvolver novas formas de cultivo, adequadas ao novo ambiente (Relly, 2020) – o que valia à pena, dada a resistência e versatilidade dessa planta:

> nada se perde da própria planta: a parte lenhosa, que resta depois da debulha da espiga serve para fazer fogo, as folhas secas dão a forragem e a palha, as mais finas, as que estão em volta da espiga, são utilizadas para encher os colchões e até para enrolar os cigarros à moda gaúcha, quanto às folhas grossas e aos caules, são enterrados para proteger o solo contra a erosão (Roche, 2022, p. 256).

Além disso, desde cedo, os imigrantes alemães percebem como a agricultura, juntamente com a criação de animais, é essencial para a sobrevivência e subsistência da vida nas colônias (Altenhofen, Steffen & Thun, 2018). Em consequência disso, diversas são as palavras das quais se apropriam nesses contextos:

---

9 Carta escrita em 22.02.1856 por Johannes Gisch, Johannes Gäsch e Peter Seibert, da colônia de Feliz, a seus parentes na Alemanha.

10 Carta escrita em 24 de julho de 1859, em São Leopoldo, por Konradt Engelmann a seus familiares na Alemanha.

> **Potreiro** […] é um campo para o gado, em volta dele se faz uma cerca e são colocadas estacas que deixam a cerca firme e robusta para que nenhum animal possa sair. O gado fica nesse potreiro o ano todo, dia e noite, e vem como no estábulo e isso é muito melhor para o gado […] no inverno, acrescenta-se um pouco de **milho** e **abóbora** […]. Para os porcos, constrói-se um cercado […], só que não é chamado de cercado, mas de **curral**. Os porcos ficam nesse **curral** dia e noite. [***Patrer*** *[…]ist eine Weide für das Fieh da wird ein Zaun darum gemacht und es werden Pfähle aufgestelt und es kompt den der is durch zuliegen und so wird der Zaun fest und stark das kein Fieh heraus kan in solche* ***Patrer*** *geht das Fieh die das ganze Jahr Tag und Nacht und kommen wie auf den Stall und das ist ja viel beser für das Fieh […] im Winter wird etwas* ***Milge*** *und* ***Poben*** *zugefüttert […]. Für die Schweine wird ein Hoff gemacht […] aber man nent ihn nicht Hoff sondern* ***Korahl*** *in diesen* ***Korahl*** *gehen die Schweine Tag und Nacht*] (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun 2018, p. 120 – grifos nossos).[11]

O autor da carta esclarece, nesse excerto, a adoção e o sentido das palavras *Patrer* e *Korahl*, variantes germanizadas de "potreiro" e "curral" respectivamente, salientando que esses são os termos utilizados no novo meio. Nota-se, porém, que não explica a adoção de *Poben* e *Milge*, como se assumisse que seus interlocutores estivessem familiarizados com essas palavras.

Poben é uma das variantes para abóbora que aparecem nas cartas dos imigrantes alemães e, ao que tudo indica, representa a forma germanizada da palavra abóbora. Altenhofen (1996) ressalta que é rara a ocorrência de palavras proparoxítonas no *Hunsrückisch*, o que justificaria a redução da forma do português abób[o]ra e sua germanização, e Steffen (2016) observa que a dessonorização inicial de consoantes sonoras, como ocorre em *Poben*, representa um reflexo dessa variedade dialetal na grafia. Atualmente, a forma mais popular em *Hunsrückisch* é Bower, conforme dados do ALMA-H: "[e]m todos os pontos, pelo menos um grupo de informante usa Bower de forma espontânea" (Tavares de Barros, 2020, p. 989).

Contudo, o motivo pelo qual o autor dessa carta não considera necessário explicar o termo não está claro, uma vez que, na mesma carta, ele explicita que se trata da primeira vez que escreve para dar notícias sobre o novo ambiente, conclui-se, portanto, que não teve oportunidade anteriormente de mencionar ou explicar o termo. Uma hipótese para a falta de explicação seria a importância do cultivo da abóbora para as comunidades de imigrantes já nas fases iniciais da imigração e a consequente familiarização com o termo, a ponto de não ser mais percebido como estrangeiro e, por isso, não necessitar explicação.

---

11 Carta escrita por autor desconhecido em Teotônia, 10 de outubro de 1858, aos parentes na Alemanha.

A mudança linguística não é percebida pelos falantes: estes "normalmente estão convencidos – no que diz respeito à sua própria atividade – de que estão continuando uma tradição linguística sem mudanças" (Coseriu, 1983, p. 53).

Em relação à variante *Milge(n)*, é possível que se trate de um termo já utilizado ou semelhante a outro utilizado na matriz de origem do autor da carta à época de sua partida. Em outras cartas, igualmente escritas ainda no século XIX, *Milge(n)* é uma das variantes mais utilizadas. Os seguintes excertos são de uma mesma carta, na qual aparecem as variantes *Milgen*, *Mülgen* e *Mühlgen*:

> [Nosso?] hannes comprou uma colônia de Johannes Assmann da velha Sim[m]ern por 1200 milréis. O milréis vale 25 moedas de prata. Ele plantou 200 acres com milho para pão para um ano. [*[Unser?] hannes hat vor sich eine Kolonie von Johannes Assmann von alten Sim[m]ern vor 1200 zwölf [hun]tert Milreis der Milreis der hat 25 silbergroschen hält 200 Morgen mit mit* ***Milgen*** *vor Brod vor ein Jahr*].

> Também quero informar vocês sobre as frutas que tem. Feijão custa 9 milréis o saco, milho 9 milréis, batata se consegue o saco por 4 milréis. [*noch will ich euch zu wissen Thun was die Früchten der Hat Bohnen kostet 9 Mühlreh der sack* ***Mülgen*** *9 Mühlreh kartofeln der sak krieg[t] zu 4 Mühlreh*].

> Se elas quiserem vir, ficaríamos felizes, pois por mês se gasta 2 francos por criança para um quarto de feijão e um quarto de milho. 2 de cada criança, com isso podem se alimentar o suficiente. [*wenn sie kommen wolt das wär uns alle sehr lieb dann das Monats vom kind zweÿ franken da noch bohnen ein Qart ein Qart* ***Mühlgen*** *2 von jedem Kind f davon kann einer sich reichlich sich ernähren*] (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun, 2018, p. 98–104).[12]

Trata-se de uma carta longa, escrita por três autores diferentes, o que pode explicar a variação ortográfica entre *Milgen*, *Mülgen* e *Mühlgen*. Vale notar, porém, que são três falantes distintos, utilizando o mesmo termo, que aparece também em outras cartas – do que se pode depreender tratar-se de um termo corrente na época.

James (1970) observa que o termo *Meliga* já era usado na Anatólia e entrou no norte da Itália e para a língua italiana com o cultivo da planta no ano de 1205. James faz referência também ao *Nouveau Dictionnaire Italien et François*, publicado em Basel, na Suíça, em 1794, no qual aparecem os termos *Meliga*, *Meliga* e *Melga* traduzidos como trigo-sarraceno.

Ao discutir a imprecisão terminológica na designação de plantas exóticas no meio europeu, como o milho, Barghini (2004) menciona que este era conhecido,

12 Carta escrita em 22.02.1856 por Johannes Gisch, Johannes Gäsch e Peter Seibert, da colônia de Feliz, a seus parentes na Alemanha.

já no século XVI, como *Meliga* ou *Melica* no norte da Itália – denominação que se mantém na variedade dialetal daquela região ainda atualmente, como ilustram os seguintes excertos:

> Especialmente nesta época do ano, é lindo observar a paisagem campestre e capturar toda a beleza em um campo de **meliga**, **granoturco** ou **mais** [milho], como você quiser chamá-lo (Pepe, 2018 – tradução e grifos nossos).

> O segredo das Paste di **Meliga**: farinha de milho. Outrora criados como solução emergencial, os delicados biscoitos são agora embaixadores culinários de toda uma região. (Dorigato, 2020 – tradução e grifos nossos).

Álvarez detalha o avanço do cultivo do milho americano em detrimento do milho miúdo (*Panicum Miliaceum*) – cereal cultivado, por exemplo, na área litorânea e pré-litorânea da Galícia – e argumenta que a substituição de um pelo outro "sustenta as mudanças produzidas no plano terminológico" (Álvarez, 2002, p. 73 – tradução nossa). Ao que tudo indica, o novo cereal chegou à Europa com denominações adaptadas de *maíz* e passou a concorrer com variantes de "milho", que se referiam sobretudo ao milho miúdo.

Em relação aos falantes de alemão, vale notar que, ainda que grande parte dos imigrantes alemães chegados ao Brasil no século XIX viessem da região do Hunsrück, tratava-se, nesse período, de uma região de fronteiras difusas, na qual não havia uma variedade linguística única (Altenhofen, 1996). Embora Altenhofen defina a variedade dessa região como *rheinisches Hunsrückisch* (RhHr.), ele alerta para a possibilidade de que "certos fenômenos transcendam os limites do RhHr. devido à heterogeneidade dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e à forma particular de composição do Hrs. [*riograndenser Hunsrückisch*]" (Altenhofen, 1996, p. 18). Assim, visto que os imigrantes vinham de diferentes regiões da matriz de origem, a associação histórica com a base de partida deve ser considerada como um critério relativo (Altenhofen, 1996).

Vale notar ainda que acontecimentos religiosos conectam falantes de suíço alemão – que usam variantes como *Melga*/*Melge*, como será demonstrado adiante – a regiões próximas do Hunsrück. Em 21 de janeiro de 1525, um grupo de cristãos reformistas, que se opunham à prática do batismo de crianças, rebatizaram-se mutuamente em Zurique. Isso causou grande descontentamento nas autoridades religiosas locais, que passaram a denominar o grupo de rebatizadores (*Wiedertäufer*) ou anabatistas (Louden, 2019).

Em função de tais conflitos religiosos, entre os séculos XV e XVI, muitos anabatistas suíços deixaram a Suíça, dirigindo-se sobretudo para áreas de ambos os lados do Reno, como o Palatinado – que faz fronteira com o Hunsrück a noroeste – e a Alsácia – que, por sua, vez, faz fronteira com o Palatinado.

Descendentes dos anabatistas também estão entre aqueles que emigraram para a América do Sul e do Norte no século XIX (Louden, 2019). Esse acontecimento religioso-histórico pode ser considerado como um indício do caminho percorrido pelas variantes alemãs do "milho", uma vez que, como será visto a seguir, verificam-se tais variantes em textos e dicionários suíços de séculos passados.

A ocorrência da variante *Melga* e de variantes semelhantes, como aparece no *Nouveau Dictionnaire Italien et François* (James, 1970), também se verifica em outros textos e dicionários de língua alemã de séculos passados. Salis (1781), por exemplo, descreve em texto para a revista *Der Sammler*, publicada em Chur/Suíça, entre os anos de 1779 e 1784:

> Entre todos os cereais cultivados na Valtelina, nenhum é tão pouco conhecido nos Grisões como aquele chamado **Melga** (Melica). […] Três tipos são plantados na Valtelina: 1. Melga-vassoura **[Besenmelga]**, 2. Melga de espiga **[Kolbenmelga]** marrom escuro, 3. e Melga de espiga **[Kolbenmelga]** marrom claro. […] Os grãos [da Melga-vassoura] servem apenas para alimentar aves. Já da Melga de espiga obtém-se uma farinha que, por ser muito curta, não serve para nada a não ser para fazer polenta […] (Salis, 1781, p. 73–75– grifos e tradução nossos).

As denominações *Melga*, *Besenmelga* e *Kolbenmelga*, descritas por Salis (1781), ainda são registradas no suíço alemão atualmente, na variedade dialetal falada na região dos Grisões[13]: *Melge*, *Bäse-Melge* e *Cholbe-Melge* respectivamente, referem-se, porém, apenas à espécie *Sorghum Bicolor*, conhecida no Brasil como sorgo ou milho-zaburro. No dicionário de suíço alemão *Schweizerisches Idiotikon* (1881), aparecem duas entradas para a variante *Melge*: (1) Milho, (2) Sorgo. Já o dicionário do médio-alto-alemão de Matthias Lexer (1878) [*Mittelhochdeutsches Wörterbuch von Matthias Lexer*] registra a variante *milgen* como verbo, com sentido de "demolhar o cereal, escaldá-lo, prepará-lo como alimento para animais."

Como ilustrado anteriormente, as variantes *Meliga* e *Melga* aparecem com frequência na língua italiana. James (1970) observa ainda que o termo *Melica* e suas variantes *Melga*, *Melega*, *Meliga* são utilizados indiscriminadamente para denominar tanto o milho quanto o sorgo e o trigo sarraceno, especialmente em variedades dialetais do norte da Itália, como o piemontês.

---

13 Conforme descrição do Projeto *Alemannischi Pflanzenämme*, que tem por objetivo reunir os nomes de plantas presentes nas regiões de língua alemã nas diversas variedades dialetais germânicas. Disponível em: https://als.wikipedia.org/wiki/Alemannische_Pflanzennamen_(nach_Systematik).

Esse contexto, que envolve aspectos históricos, geográficos, linguísticos e religiosos, combinado às imprecisões terminológicas relacionadas ao milho, à heterogeneidade dos grupos emigrados e à difusão das fronteiras na época da emigração para o Brasil podem representar indícios que esclareçam o uso das variantes *Milge(n)*, *Mülge*, *Mühlge* nos excertos apresentados anteriormente e sobretudo o motivo que levou os autores a não considerar necessário explicar o sentido da palavra para seus interlocutores alemães.

Além das variantes de *Milge*(*n*), observou-se, nas cartas escritas ao longo do século XIX, a ocorrência das variantes *Mais*, *Welschkorn* e *türkischer Mais*:

> Minha propriedade livre e desimpedida tem 400 acres, um acre mede, como na Alemanha, 160 varas. O solo da floresta é ainda mais fértil que do campo aberto, e nos primeiros 10 anos nem precisa de adubação nem de melhorias. O milho e os feijões são os principais produtos aqui. [*Mein freies ungestörtes Landeseigentum enthält 400 Morgen, ein Morgen besteht wie in Deutschland aus 160 Ruten. Des Waldes Boden ist noch ergiebiger und fruchtbarer, als der des freien Landes, bedarf in den ersten 10 Jahren keines Düngers, keiner Besserung. Das* ***Welschkorn*** *und die Bohnen sind hier das Hauptprodukt […]*]. (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun, 2018, p. 85).[14]

> O solo aqui é muito fértil, alguns produtos, como por exemplo a batata, podem ser colhidos duas vezes por ano. Porém, os principais produtos que o colono comercializa são, em primeiro lugar, o milho (Milios) ou Welschkorn, do qual ele também faz seu pão, e ainda feijão preto, arroz, tabaco e vinho, este último, contudo, é normalmente produzido apenas pelos italianos. [*Der Boden hier ist im Allgemeinen sehr ergiebig, manches wie z. B. Kartoffeln erntet man 2 mal jährlich. Die Hauptprodukte aber, die der Bauer zu Markte bringt, sind in erster Reihe der* ***Mais*** *(Miljos) od.* ***Welschkorn*** *von was er auch sein Brod bäckt, sodann schwarze Bohnen, Reis, Tabak, und Wein, letzteren jedoch meistens nur von den Italianern gezogen*] (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun, 2018, p. 164).[15]

> O salário é: um fixo mensal de 10 Milréis ou táleres espanhóis […] e 12 sacos de cereais por ano: 8 sacos de cereal para pão, mais especificamente milho turco, aqui chamado de milho, e 4 sacos de feijão preto. [*Die Besoldung ist: Ein monatliches Fixum von 10 M. 000 Reis oder 5 Spanische Thaler […] und 12 Sack Früchte jährlich; 8 Sack Brodfrucht, nämlich* ***türkischer Mais****, hier* ***Myljen*** *genannt, und 4 Sack schwarze Bohnen*].[16]

---

14 Carta escrita em 01.01.1832 por Johann F. Friedrich, em São Leopoldo, a seu irmão Claudius, na Alemanha.

15 Carta escrita em 03.01.1889 por Johann Diemer, de "São João do Monte Negro", a seu amigo Seibert, na Alemanha, passados mais de 30 anos de sua chegada ao Brasil.

16 Carta escrita em 09.10.1947 por Peter Wolff, de Picada do Hortêncio/RS, a seus familiares em Bergnhausen, na Alemanha. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do ALMA-Histórico.

É interessante notar que, nos primeiros dois excertos, os autores usam o termo *Welschkorn*, que não necessita ser esclarecido para seus interlocutores, pois se trata de um termo já conhecido na matriz de origem. O segundo autor ainda coloca *Miljos* entre parênteses, mostrando como é a forma usada na região onde se encontra agora. Já o terceiro autor usa o termo *türkischer Mais* e explica claramente como é o termo utilizado em português: *Mylien*.

Os termos *Welschkorn* e *türkischer Mais* remetem à origem alóctone dessa planta, sob uma perspectiva europeia. Segundo James (1970), o adjetivo "turco" era utilizado na Europa, mesmo antes do século XVI, para fazer referência a um elemento não nativo, de origem estrangeira ou mesmo de origem desconhecida. O mesmo vale para *welsch*: originalmente, trata-se de um adjetivo e tem como um dos seus significados "latino", usado principalmente com sentido depreciativo para designar algo que vem de fora (Welsch …, 2023).

Todas as ocorrências das variantes de *Milge(n), Welschkorn* e *Türkischer Mais* são observadas no século XIX, período em que o contato com o português ainda não era tão intenso. A partir do século XX, não se verifica mais a ocorrência da variante *Milge(n)* e suas variações nas cartas analisadas. Uma variação de *Welschkorn*, *Welschken*, ainda é encontrada em algumas regiões de falantes do Hunsrückisch, como em Marechal Floriano, no Espírito Santo (Altenhofen, Steffen & Thun, 2018).

Nas cartas escritas já no século XX, verifica-se a ocorrência das variantes "milho", *milie*, *milje*. No seguinte excerto, a adoção da palavra "milho", inclusive com a grafia em português, aponta para a importância dessa cultura para a subsistência dos imigrantes bem como para a crescente instauração do bilinguismo (Steffen, 2016):

> A **mandioca**, que foi plantada cedo, cresceu muito bem. Por conta do longo período de tempo chuvoso, muito se estragou. Plantamos muito **milho** e **sorgo**, alguns deles já têm espigas pequenas, outros ainda estão florescendo. Como estava muito úmido por muito tempo e depois por causa das longas chuvas, receberam [inserido: pouco] sol, por isso o **milho** ficou tão pequeno. [*[…] der frügeflanzte **Maniok** ist sehr gut aufgegangen, durch das wochenlange regenwetter ist viel kabut gegangen, **Milho** und **Futtermilho** haben wir vilgeflanzt etliche haben schon kleine Kolben, andere noch die kommen jetz die blüte, dadurch das es so lange so dämbich war und danach der lange Regen kam zu [eingefügt/inserido: wenig] Sonne dadurch sind die **Milho** so klein gebliben*] (Fonte: Altenhofen, Steffen & Thun, 2018, p. 310 – grifos nossos).[17]

17 Carta escrita por Aloysio e Alwine Bruch, em Linha Laju, Mondaí – SC, 19 de novembro de 1963, para Henrique Petry, em Linha Nova – RS.

Além disso, o uso da palavra "milho", segundo Altenhofen, Steffen e Thun (2018), indica uma possível consciência do falante de que se trata de uma forma da língua portuguesa. Entre as variantes adotadas para "milho" pelos imigrantes alemães, sobretudo a partir do século XX, a mais produtiva delas é *Milje* e suas combinações: *Miljehitt* – paiol, *Miljemehl* – farinha de milho, *Puffmilje* – milho de pipoca, *Miljestick* – plantação de milho, *Miljeloob* – palha de milho, *Futtermilje* – um tipo de sorgo, utilizado na alimentação animal, *Miljebock* – caruncho do milho, entre outras. Altenhofen, Steffen e Thun (2018, p. 310) salientam que "trata-se de um dos empréstimos do português com maior número de palavras compostas derivadas" – o que atesta a importância dessa cultura para a subsistência dos teuto-brasileiros.

4 Considerações finais

A grande importância atribuída ao milho já aparece em sua matriz de origem na América Central, onde a palavra *mahíz* significa "aquilo que sustenta a vida" (Marzinka, 2017, p. 2). Mais tarde, também os europeus reconhecem seu valor e passam a chamá-lo de pão da terra. Para os imigrantes alemães, o milho se transforma em um dos principais cereais na produção do pão. Assim, milho e pão se entrelaçam na vida diária dos imigrantes: o primeiro por sua resistência e versatilidade, o segundo por seu valor como alimento básico na mesa dos imigrantes, como mostraram os excertos das cartas apresentados neste artigo.

A versatilidade e a alta produtividade do milho como alternativa ao trigo já fora atestada na Europa e muitas das cartas escritas pelos imigrantes alemães mostram que eles conheciam o cereal anteriormente à sua chegada ao Brasil. Nesse sentido, depreende-se que termos como *Milgen*, *Welschkorn* e *türkischer Mais*, encontrados nas cartas escritas no século XIX, faziam parte do repertório linguístico desses falantes ainda na sua matriz de origem, enquanto termos como *milho* e *milje*, que aparecem principalmente em cartas escritas no século XX, representam apropriações a partir do contato com falantes de português.

Como observam Altenhofen, Steffen & Thun (2018), em função desse contato, atualmente apenas a variante *Welschken* – uma variação de *Welschkorn* – ainda se mantém em uma comunidade de falantes de Hunsrückisch no Espírito Santo. As outras formas deram lugar a termos como "milho" e *milje*. A variante *milje*, juntamente com suas combinações, representa, desde o século XX, a forma mais produtiva adotada pelos imigrantes alemães, enquanto a inclusão de "milho" no repertório linguístico dos imigrantes indica uma possível consciência de que se trata de uma forma da língua portuguesa.

Referências

Altenhofen, Cléo (2023). Variação e mudança da língua de imigração alemão "na outra terra natal": o papel das migrações na configuração e no uso do Hunsrückisch. [No prelo].

Altenhofen, Cléo (2016). Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. Büring, Daniel, Lenz, Alexandra N., & Ritt, Nikolaus (Hg.): *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen. V&R Unipress, 103–129.

Altenhofen, Cléo (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner. 444p. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

Altenhofen, Cléo, Morello, Rosângela et al. (2018). *Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil*. Florianópolis: Ed. Garapuvu.

Altenhofen, Cléo, Steffen, Joachim, & Thun, Harald (2018). *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos.

Altenhofen, Cléo & Thun, Harald (2016). *As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 371–392.

Álvarez, Rosario (2002). Viño novo en odres vellos: os nomes do millo. In: *Dialectoloxía e léxico*. Álvarez, Rosario; García Francisco D.; Fernandéz Xulio S. (Ed.). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: Instituto da Língua Galega.

Barghini, Alessandro (2004). O milho na América do Sul pré-colombiana: uma história natural. Pesquisas. *Antropologia* 61.

Coseriu, Eugenio (1983). Linguistic change does not exist. *Linguistica Nuova et Antica. Rivista di Linguistica Classica Medioevale e Moderna*. Galatina: Congedo.

Cunha, Jorge Luiz da (1988). *Os Colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 1849–1881*.

Dorigato, Alessandra (2020). *Ein Keks für alle Fälle: Paste di Meliga*. Disponível em: https://www.derstandard.at/story/2000117555366/ein-keks-fuer-alle-faelle-paste-di-meliga. Acesso em: 15. Mar. 2023.

Engelmann, Erni G. (Org.) (2020). *A saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*. Igrejinha (RS): E. G. Engelmann.

Idiotikon, Schweizerisches (1881). *Wörterbuch der schweizerdeutschen Sprache. Begonnen von Staub F. und Tobler L. Bearb. von Bachmann A*. Bd. I—XIV. Frauenfeld, v. 1979.

James, Theodore (1970). Maize: an historical, geographical and etymological essay. *South African Medical Journal*, v. 44, n. 49, 1408–1410.

Lexer, Matthias (1878). *Mittelhochdeutsches handwörterbuch von Dr. Matthias Lexer*. S. Hirzel.

Louden, Mark L. (2019). Deutsch Als Minderheitensprache in Nordamerika. *Volume 4 Deutsch*, 1135–1153. De Gruyter Mouton.

Machado, José Pedro (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

Marzinka, Birgit (2017). *Globale Geschichte des Mais*. Berlin: Sodi.

Matzke, Judith (2018). *Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbriefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854–1906)*. Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag.

Pepe, Giampaolo (2018). *Il granturco, la meliga, il mais*. Disponível em: https://storieditterritori.com/2018/08/08/il-granturco-la-meliga-il-mais/. Acesso em: 15. Jun. 2022.

Radtke, Edgar & Thun, Harald (1996). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag.

Relly, Eduardo (2020). A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). *Estudos Ibero-Americanos* 46.1.

Roche, Jean (2022 [1969]). *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. 2. ed. compl., ver. e atualiz. Tradução de Jorge L. da Cunha. São Leopoldo: Oikos: IHSL.

Salis, Rudolf von. Von der Melga oder dem Rohrhirse, Indianischen Hirse, auch Sorgo. In: *Der Sammler* 3 (1), S. 73–75, 1781.

Schnable, Patrick et al. (2009). The B73 maize genome: complexity, diversity, and dynamics. *Science*, v. 326, n. 5956.

Steffen, Joachim (2016). Einblicke in einen Sprachwechsel in Zeitlupe: Phasen des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts in Südbrasilien in Briefen aus zwei Jahrhunderten. In: Büring, Daniel; Lenz, Alexandra N.; Ritt, Nikolaus (Hg.): *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen. V&R Unipress, 131–157.

Steffen, Joachim & Altenhofen, Cléo (2014). Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, 34–60.

Tavares de Barros, Fernando (2020). As denominações das abóboras no Hunsrückisch sul-americano. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 4, 980–1004.

Welsch. *Duden Online*. Disponível em: https://www.duden.de/rechtschreibung/welsch. Acesso em: 15. Mar. 2023.

Fernando Hélio Tavares de Barros

A alcunha *gaudério* no português do Rio Grande do Sul: o que mostram os dados do ALERS

Abstract: *Gaudério* is certainly one of the most expressive words in the gauchismo and folklore of Rio Grande do Sul. This lexical form of Portuguese is used with great variation in its semantic content, but also in its spelling and morphology between Brazilian and European Portuguese. The aim of this paper is to present unpublished data from the *Linguistic-Ethnographic Atlas of the Southern Region of Brazil* (ALERS) on the documentation of the adjective*gaudério* in the Portuguese spoken in Rio Grande do Sul. Therefore, we conducted the Rio Grande do Sul-specific semantic-lexical questionnaire and applied it to 95 Rio Grande do Sul survey points from ALERS.We analyzed the data generated by questions 27 "a person who has no formal occupation, lives at the expense of others is a…?" and 28 "what is *gaudério*?". *Gaudério* had positive results in the status of spontaneous and passive use of the lexical form in 70 out of 95 points. The denomination is unknown to the informants in eight locations, considering that five of them are from contexts of Portuguese bilingualism with German or Italian dialectal variety. Most of the metalinguistic comments (29 in all) identify the nickname *gaudério* as a denomination for "someone who wanders aimlessly and doesn't settle down anywhere".

Keywords: nicknames, anthroponymy, *gaudério*, Rio Grande do Sul, ALERS.

Introdução

A geolinguística feita no Rio Grande do Sul tem a maior parte de sua história vinculada ao *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS). Atlas que só foi levado a cabo graças à união de vários pesquisadores dos três estados da Região Sul do Brasil. Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen é, sem dúvida, um dos personagens que viveram intensamente os trabalhos do referido projeto e um dos poucos inquiridores que *gauderiaram* por todo o território sul-rio-grandense, desde a Pampa até os confins dos Campos de Cima da Serra, em busca de bons representantes das variedades dialetais do português falado pelos gaúchos. Dedico a ele esse artigo sobre a alcunha *gaudério*.

Gaudério é certamente um dos vocábulos mais expressivos do gauchismo e do folclore do Rio Grande do Sul. Essa forma lexical do galego e do português carrega em seu uso uma grande diversidade na variação do seu conteúdo

semântico, mas também em sua grafia[1] e morfologia entre o português brasileiro e europeu.[2]

Este trabalho tem por objetivo apresentar dados inéditos do ALERS sobre a documentação da referida alcunha no português falado no Rio Grande do Sul, em particular, sobre sua variação semântica. Para tanto, o trabalho dispõe, logo após sua introdução, de uma apresentação teórica da natureza das alcunhas, por conseguinte, um panorama dos registros da forma presentes na literatura lexicográfica, seguido da apresentação da metodologia adotada pelo ALERS. Na sequência, está a apresentação dos dados relativos às perguntas 27 "uma pessoa que não tem ocupação séria, vive à custa dos outros é um…" e 28 "o que é *gaudério*?" do *Questionário semântico-lexical específico do Rio Grande do Sul* do ALERS. Posteriormente, encontra-se a análise dos dados refletidos pela cartografia e pela dimensão diarreferencial considerada, ou seja, os comentários metalinguísticos produzidos pelos informantes. Logo após a análise, encontram-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

O estudo das alcunhas: aspectos teóricos

Dentro dos estudos de antroponímia, ramo da Onomástica dedicado ao estudo dos nomes de pessoas, encontra-se o interesse pela alcunha.[3] Conferir um nome e, por sua vez, uma alcunha a alguém "baseia-se geralmente num único e elementar motivo: o desejo de identificar uma pessoa e distingui-la de outra qualquer" (Ramos e Silva, 2003, p. 13).

Entre as funções da alcunha está a de identificar. Segundo Ramos e Silva (2003), essa função se articula "com a economia do processo lingüístico, como mecanismo referencial" (p. 16). A alcunha nasce por diferentes razões: prazer, competição, inveja, discriminação, paródia, sanção, entre outras. Contudo a

1 Ora grafada com l - *galdério*, ora com a vogal - *gaudério*. Nos dicionários brasileiros, devido ao fenômeno da vocalização da lateral, o vocábulo geralmente vem grafado com 'u' em vez de 'l'. A palavra também é encontrada nos dicionários nas formas *godério*, *godero* e *godeiro*. Por ser a mais presente nos dicionários brasileiros, este estudo resolveu usar *gaudério* como forma 'guarda-chuva'.

2 Não se encontraram registros nos dicionários dialetais do português africano consultados (Ribas, 1997; Brüser, Reis Santos, Lang, 2002; Mendes *et al.*, 2002; Dias, 2002 e Fonseca, 2016).

3 A alcunha é igualmente chamada de *anexim*, *nomeada*, *apodo*, *cognome*, entre outros, no português europeu (Ramos, 1990) e de *apelido* no português brasileiro.

sua consolidação só acontece por meio da "necessidade de identificar um actor na teia complexa das relações sociais" (Ramos e Silva, 2003, p. 16).

Outra função existente no uso das alcunhas é o que Ramos e Silva (2003) chamam de demarcação dos campos entre *nós* e os *outros*. Nesse processo afloram sentimentos de discriminação, de xenofobia e crueldade com o outro. Ao mesmo tempo, a alcunha também pode ser usada para fortalecer os laços da amizade. Isso se dá em relações em que o uso da alcunha é autorizado em nome da amizade.

No que diz respeito aos tipos de alcunha, Ramos e Silva (2003) estabelecem quatros principais: a) as alcunhas geográficas (galego, paulista, baiano, gaúcho, catarino, etc.); b) as alcunhas físicas (cabeça chata, gigante, cor-de-cuia, etc.); c) as alcunhas profissionais (vaqueiro, picolezeiro, padeiro, etc.) e d) as alcunhas comportamentais, motivadas pelas atitudes e comportamentos "normais ou excêntricos, habituais ou não, que estigmatizam os receptores e/ou seus familiares" (p. 20).

No que tange a alcunha *gaudério*, boa parte das acepções encontradas na literatura consultada e nos dados do ALERS analisados neste estudo apontam o uso de *gaudério* como denominação motivada por questões comportamentais. Na seção seguinte, estão algumas dessas acepções já registradas em obras lexicográficas.

A forma *gaudério* na literatura lexicográfica

É no termo lat. *gaudēre* "alegrar-se", segundo Casteleiro *et al.* (2001), que estão as raízes de *galdério/gaudério*. Machado (1977, p. 136) acredita, no entanto, que o termo, possivelmente, venha de *gaudio* "contentamento, satisfação, prazer, alegria, prazer dos sentidos, voluptuosidade". Nos dicionários gerais da língua portuguesa consultados, nomeadamente, o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* e o *Dicionário Aulete Digital*, encontramos as seguintes acepções para o termo: a) pessoa que está sempre a divertir-se (Casteleiro *et al.*, 2001); b) indivíduo vadio, que não trabalha (Casteleiro *et al.*, 2001), que vive sem ter o que fazer (Aulete digital[4]), além de gastador (Aulete Digital) e malandro (Ferreira, 2009); c) pessoa intrujona, impostora (Casteleiro *et al.*, 2001); d) pessoa que, na saída de eventos, "chamava os táxis, a pedido dos espectadores" (idem, 2001, p. 1854) – na gíria dos cocheiros – aquele que "à saída dos espetáculos, se encarregava de ir à fila ou praça chamar as carruagens" (Aulete digital).

4 Link: https://aulete.com.br/galderio acesso: 26 de fev. de 2022.

Na Galícia, *galderio* [sem acentuação] é um sujeito que faz 'esmorga' (García Represas, 1994), ou seja, quem passa o tempo a divertir-se e exagerar-se. Em Portugal, *galdério* é, igualmente, um esbanjador, 'rapaz leviano', intrujão, em Trás-os-Montes e Alto Douro (Pires Cabral, 2013; Teixeira, 1910) e um 'vadio' na freguesia de Piodão – na Beira Litoral (Gouveia, 1951). Já *galdéria* é, em Sobral do Campo (Beira Baixa), uma "cavidade em que se encaixa a lingueta da fechadura" (Martins, 1954, p. 428), mas também uma mulher que se prostitui (Casteleiro *et al*., 2001, p. 1854) e, precisamente, no falar de Marvão (Alentejo) – uma "mulher que facilmente acede a cortesias" (Simão, 2016, p. 106); no falar de Figueira de Castelo Rodrigo (Beira Alta) – uma mulher "vadia, leviana" (Barros, 2010, p. 212); em Pereiros (Beira Alta) "uma mulher de mau porte, prostituta" (Nascimento, 2017, p. 78) e igualmente se diz em Sátão (Beira Alta) (Carvalho, 1970). No Porto (Minho), *galdéria* é alcunha para "moças desembaraçadas para a idade" (Mendes, 2010, p. 97). Já a forma no plural – *galdérias*, outrossim no Porto, é usada para um tipo de calças (Mendes, 2010).

Também se registra nos dicionários portugueses o termo *galdeirona* que, nos Trás-os-Montes e Alto Douro, é alcunha para mulher "que dá voltas às hortas dos outros […] para roubar" (Pires Cabral, 2013, p. 624) ou para qualquer pessoa "que se abastece nas hortas alheias" – isso, no falar de Torre de Moncorvo (no Alto Douro) (Barros, 2006, p. 191).

No arquipélogo da Madeira, encontra-se ainda a forma *gaudiança* como sinônimo de "passeio, vadiagem" (Barcelos, 2016) e *gaudiar* no sentido de "dar pequenos passeios" (*idem*, 2016, p. 245). Outro termo correlato é *gauderice* que, no falar de Marvão (Alentejo), é palavra para "vadiagem, *rambóia*" (Simão, 2016, p. 106).

No Brasil, de ampla expressão, *gaudério* é um indivíduo que vive à custa de outrem (Serra e Gurgel, 2009; Viotti, 1957; Pereira da Costa, 1937; Girão, 2000; Romaguera Corrêa *et al*., 1964.; Filipak, 2002); um *bicão*, ou seja, um intruso que entra em reuniões e festas sem ser convidado (Audubert, 1996)[5]. Cascudo (1988) o registra como sinônimo de "parasita, vadio, filante, papa-jantar" (p. 359), tal qual Viotti (1957). Serra e Gurgel (2009) também o trazem como termo para "pessoa sem expressão" (p. 411).

No português falado no nordeste brasileiro, encontram-se as formas *godeiro* (Trigueiros, 1977), *godero* (Almeida, 1979; Clerot, 1959; Nonato, 1980) e *godério* (Cascudo, 1988; Pereira da Costa, 1937; Girão, 2000). Cascudo (1988) salienta

5 "celui qui cherche à s'introduire dans des réunions, des fêtes, sans être invité; resquilleur" (Audubert, 1996, p. 24)

que se usa a palavra *godero* para o menino pobre que "junto às gulodices de tabuleiro" fica namorando "os bolos e doces, na teimosa esperança de ganhar um deles gratuitamente, atirado fora por quem não gostou" (p. 359).[6] Nesse sentido, Almeida (1979) diz que na Paraíba chama-se de *godero* a "pessoa que vive farejando comida na casa dos outros" (p. 91). No Pernambuco, registra-se, outrossim, o verso popular "*goderio* me disse que eu *goderasse*, comesse o dos outros e o meu guardasse" (Pereira da Costa, 1937, p. 365). Esse verso é, igualmente, dito na Paraíba, conforme Almeida (1979).

Na Paraíba, *godero* é, igualmente, o "indivíduo que procura obter as coisas sem gastar dinheiro" (Clerot, 1959, p. 56), o que se assemelha bastante com a acepção usada em Goiás para "aquele que guarda o seu e pede o dos outros" (Ortêncio, 1983, p. 207).

Cascudo (1988) fala ainda de um pássaro chamado *godero* "vadio e ladrão do trabalho dos outros pássaros" (p. 359).[7] Na Paraíba, *godero* é, da mesma forma, outra denominação para o *chupim* ou *chopim* (*Molothrus bonariensis*), "pássaro que põe ovos nos ninhos que encontra feitos, além do que arrebata de outros pássaros a comida que tem no bico" (Almeida, 1979), o que, do mesmo modo, registra Borba (2002) e Aulete Digital.[8]

No Brasil central, sobretudo em certas regiões de Goiás, *gaudério* é denominação para o barbeiro (*Triotoma megistus*) "o hematófago responsável pelo mal-de-chagas" (Cascudo, 1988, p. 359). Lá, diz-se *goderar* como sinônimo de filar (Ortêncio, 1983), mas também no sentido de pegar, apoderar-se (Nogueira; Silva, 2017). No Rio de Janeiro, *gauderar* é gíria dos ladrões e significa ficar à espreita "para conseguir alguma coisa" (Pederneiras, 1946, p. 36). Já no falar dos pescadores do litoral de São Paulo, ou seja, no dialeto caiçara, *godéria* ou *gaudéria* é "uma mulher que vive zanzando pela vizinhança; mulher que não pára em casa" (Fortes Filho & Diegues, 2005, p. 174), mas também é uma "mulher de má fama".[9] Essa última acepção se assemelha às encontradas no Alentejo e na Beira Alta que, por sua vez, já foram mencionadas.[10]

---

6 Ou seja, um filante, assim como descrevem Trigueiros (1977), Pereira da Costa (1937), Clerot (1959) e Girão (2000).

7 "põe os ovos no ninho do tico-tico (Fringilida, Brachyspiza capensis) e este que se encarregue de criar e manter os filhos do *godero*" (Cascudo, 1988, p. 359).

8 Link: https://aulete.com.br/gaudério acesso: 26 de jan. de 2022.

9 "Depois que casou, Maria se revelou uma boa bisca, não para mais em casa, é uma grande *gaudéria*" (Fortes Filho; Diegues, 2005, p. 173); "Chiquinha não para em casa, está se tornando uma grande *godéria*" (Fortes Filho; Diegues, 2005, p. 173–174) [itálico meu].

10 Ver Simão (2016), Barros (2010), Nascimento (2017) e Carvalho (1970).

Em particular, no Sul do Brasil, a literatura existente é rica. Cascudo (1988) informa que *gaudério* é "a primitiva designação do gaúcho-malo, ladrão de fronteira, carneador do gado alheio, valentão e falador" (p. 359). Nesse sentido, Filipak (2002) o descreve como um "domador, gaúcho" (2002, p. 192), igualmente, o faz Tokarski (2004). No entanto, também se encontram as definições "indivíduo que viaja muito, despreocupado" (Bossle, 2003, p. 266); um "andejo, vagabundo sem eira nem beira" (Filipak, 2002, p. 192); um indivíduo extraviado "sem rumo, sem destino" (Schlee, 2019, p. 475); "parasita, amigo de viver à custa alheia" (Nunes; Nunes, 1993); "aquele que acompanha qualquer pessoa, abandonando-a logo para seguir outra" (Oliveira, 2003); um animal "que não tem paradeiro, abrigo" (Aulete Digital), em particular no Rio Grande do Sul, um cachorro selvagem, ou seja, "cachorro chimarrão – hoje cimarrom" (Schlee, 2019, p. 475), um "cão ou cavalo errante, sem dono", conforme Oliveira (2003). Ainda no português gaúcho, essa última acepção é outrossim registrada por Nunes e Nunes (1993), Callage (1928) e Romaguera Corrêa *et al.* (1964) e igualmente no falar do planalto de Santa Catarina na forma *gaudérico* (Corrêa, 2012). Já no falar da ilha de Santa Catarina e seus arredores, registra-se a forma *godero* para a "semente deixada no solo e que brota. É a semente que nasce na terra sem ser plantada" (Rodrigues Filho, 1996, p. 84).

Esses dados lexicográficos referentes ao uso de *gaudério* no português falado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina foram de suma importância para analisar o *corpus* recolhido pelo ALERS, assim como se apresenta adiante. Para tanto, é necessário antes disso apresentar de maneira breve a metodologia adotada pelo referido atlas linguístico.

O ALERS e seus aspectos históricos e metodológicos

Foi com o desafio de documentar o português falado nos três estados federativos situados na Região Sul do Brasil que o *Altas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS) se ocupou. A base metodológica adotada pelo projeto seguia os princípios da Dialetologia tradicional, ou seja, a diatopia era a dimensão privilegiada. Nesse sentido, entrevistou-se, na maioria das vezes, 1 informante por ponto de inquérito, dando preferência aos informadores homens, de pouca escolaridade, de origem rural e originários daquele lugar.

O homem era o informante principal do ALERS. Não obstante, não poucas vezes, as mulheres, ou seja, a matriarca (a mãe, a vó, a esposa) ou a(s) irmã(s), a(s) filha(s) eram convidadas a participar das entrevistas, opinando e auxiliando nas respostas. Sem embargo, a dimensão diassexual/diagenérica, ou seja, o contraste da fala de homens e mulheres, não foi um critério metodológico sistematicamente contemplado pelo ALERS.

As entrevistas do ALERS ocorreram no Rio Grande do Sul entre os anos de 1982 e 1992 e o projeto contemplou 95 pontos de inquérito. Nesse sentido, foram realizadas 95 entrevistas nesse estado, uma em cada ponto. Os principais entrevistadores foram os professores Basílio Agostini, Cléo V. Altenhofen, José L. da V. Mercer, Mário S. Klassmann e Walter Koch. As perguntas escolhidas para este estudo são, respectivamente, as de n. 27 "uma pessoa que não tem ocupação séria, vive às custas dos outros é um.." e 28 "o que é *gaudério*?". Elas foram feitas uma seguida da outra. Isso, consequentemente, facilitou o controle do *status* de uso da forma *gaudério* e aumentou a coleta de comentários metalinguísticos e a quantidade de conteúdos semânticos existentes para a lexia. Cabe salientar que ambas as perguntas pertencem ao *Questionário semântico lexical específico (3.3.4) do Rio Grande do Sul* utilizado no ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011, p. 53–54). Os dados produzidos por esse questionário específico são inéditos e não estão publicados no volume 2 do ALERS – Cartas Semântico-Lexicais (Altenhofen; Klassmann, 2011).

No que tange o *status*, a pergunta 28 "o que é *gaudério*?" possibilitou documentar os pontos em que *gaudério* é forma lexical desconhecida pelo informante. Oportunidade rara, uma vez que o método tradicional da Dialetologia não permite o retoque nos dados, visto que a visão monodimensional objetiva tirar uma fotografia instantânea da língua, mas sem retoques (fr. *sans retouches*), assim como elucida Thun (2000). Por conseguinte, os informantes deveriam dar apenas respostas espontâneas, o que, obviamente, dificulta a produção de dados diarreferenciais[11], ou seja, comentários sobre o uso das formas lexicais por parte dos informantes.

Gaudério: uso e vitalidade no Rio Grande do Sul

Conforme a realidade dos dados do ALERS, a alcunha *gaudério* é usada e conhecida na maioria dos 95 pontos de inquérito do Rio Grande do Sul, nomeadamente, em 80 pontos de inquérito que representam os dados válidos (84,2 % das 95 localidades visitadas). Como pode-se observar no mapa 01, *gaudério* teve resultados positivos[12] (círculo hachurado de preto) em 72 localidades, o que representa 90 % dos dados válidos. Em 8 localidades, os informantes disseram desconhecer (círculo vazio) a referida denominação, o que representa

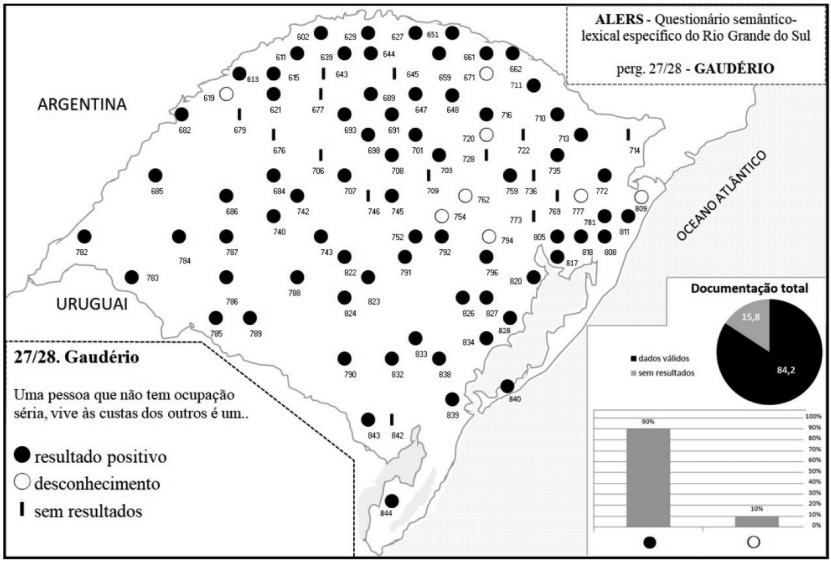
11 Comentários metalinguísticos.

12 Tantos as respostas espontâneas, vindas da pergunta 27, quanto as vindas após a sugestão da lexia (conhecimento da forma), advindas da pergunta 28, são consideradas na cartografia como 'resultados positivos'.

10 % dos dados válidos. Dos 8 pontos, 5 são localidades (619, 754, 762, 777, 809) em que os povoadores eram de fala alemã[13] e 2 eram de povoadores de fala dialetal italiana (671 e 720).[14] O desconhecimento de *gaudério* só foi registrado numa localidade de povoamento luso-brasileiro, no caso, o ponto 794 (General Câmara – RS). Em outras duas localidades luso-brasileiras 647 e 840 a palavra é conhecida, mas os informantes declararam que não sabem o que *gaudério* significa.

MAPA 1 – Graus de *status* da lexia *gaudério* nos dados do ALERS/RS

Fonte: Elaborado por F. H. Tavares de Barros e L. Löff Machado, com observações técnicas[15]



13 Entre elas, em apenas uma (809) o informante não era bilíngue português/alemão dialetal.

14 Nos dois referidos pontos, os informantes eram bilíngues português/italiano dialetal.

15 A documentação da lexia *gaudério* tem como base 84,2 % de dados válidos num total de 100 % que equivale aos 95 pontos de inquérito do Rio Grande do Sul. No mapa 01, pode-se notar que alguns pontos de inquérito levam um símbolo em barra vertical para representar o *status* de "sem resultado". Esse símbolo retrata os casos em que, a) aparentemente, o questionário específico não foi aplicado na localidade (pontos

Considerando a diatopia, pode-se afirmar que os pontos 720, 762, 754 e 794 formam uma zona compacta de desconhecimento de *gaudério*. O desconhecimento desse lusismo nas áreas de bilinguismo do português com o alemão e o italiano dialetal poderia ser atribuído ao grau de contato[16] dos imigrantes e seus descendentes com o português falado pelos luso-brasileiros. Esse argumento poderia explicar a formação dessa isoglossa de círculos vazios, contudo os dados existentes no ALERS permitem apenas especulações sobre tal fenômeno.

No que tange os dados positivos para a documentação de *gaudério*, a lexia foi registrada com uma variação enorme em seu conteúdo semântico. Essa diferença só foi possível graças à recolha de comentários metalinguísticos que as perguntas 27 e 28 do questionário específico do ALERS proporcionaram.

Os comentários metalinguísticos

A dimensão diarreferencial é vista pela Dialetologia contemporânea como uma ferramenta importante para categorizar o *status* de uma forma de acordo com o seu uso na língua.

643, 645, 676, 677, 679, 709, 728, 736, 746, 769); b) a pergunta não foi realizada (pontos 611, 777); c) a qualidade ruim do áudio impossibilitou ouvir a resposta (pontos 714, 722); d) a forma *gaudério* não foi sugerida pelo entrevistador (ponto 706) e e) a forma *gaudério* foi sugerida na aplicação da pergunta 28, contudo o entrevistador desiste de insistir ou esperar a resposta do informante (ponto 842).

16 Grau hipoteticamente menor.

Tabela 1 – Comentários metalinguísticos recolhidos nas perguntas 27 e 28

Nº	Comentário metalinguístico	Σ	Ponto – ALERS/RS
01	*Gaudério* é alguém que caminha para cá e para lá, não para em nenhum lugar. a. *Gaudério* é alguém que não para em casa, sai bastante. (644, 710, 713, 805, 826) b. *Gaudério* é quem que a cada dia está num lugar diferente (682) c. *Gaudério* serve para denominar uma criança que não para em casa. (805) d. *Gaudério* é um índio[17], assim, que anda meio solto, gauderiando. (781) e. É um índio atirado, um caboclo atirado, solto das patas. (615)	37	602, 611, 615, 627, 629, 644, 682, 685, 686, 698, 707, 708, 710, 711, 713, 743, 781, 782, 783, 784, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 796, 805, 811, 818, 820, 822, 824, 826, 827, 833, 834
02	*Gaudério* é um gaúcho, um tradicionalista. Aquele que cultiva as tradições gaúchas.	11	648, 651, 693, 701, 703, 735, 752, 759, 788, 817, 832
03	*Gaudério* serve de denominação para um cachorro que não para em casa, que caminha muito. a. *Gaudério* é um cachorro que aparece na porta da casa, que não tem dono. (839)	09	602, 710, 740, 742, 788, 826, 827, 839, 844
04	*Gaudério* é um descompromissado, um atirado, sem mérito de confiança.	05	691, 716, 742, 783, 822
05	*Gaudério* também se usa para denominar os animais.	05	629, 708, 710, 791, 833
06	*Gaudério* é alguém que não trabalha, que vive à custa dos outros. a. *Gaudério* é alguém que não trabalha, um vagabundo. (808, 827) b. Alguém de má índole que não trabalha e que fica à procura de enganar as pessoas. (611)	05	611, 708, 808, 823, 827
07	*Gaudério* não serve para denominar os animais.	04	615, 621, 644, 693
08	Eu conheço a palavra, mas não sei o que significa.	03	689, 647, 840
09	*Gaudério* é uma pessoa de muita lida, muito trabalho no campo, um sujeito campeiro.	02	684, 818
10	*Gaudério* é um gaúcho, um trovador.	02	613, 662

17 Cabe mencionar que no Rio Grande do Sul, o termo índio é usado como sinônimo de peão, ou seja, o empregado de fazenda. Assim como menciona Romaguera Corrêa *et al.* (1964): "o termo índio não se aplica, aqui no Rio Grande, ao indígena, ao silvícola ou aborígene, e sim ao peão gaúcho, em geral ao empregado de estância" (p. 246). Schlee (2019) acrescenta que também se usa índio para um "indivíduo de tez morena, cabelo preto e traços faciais similares aos dos antigos povoadores"; "um tipo reservado, calado e austero" e um "campeiro competente e valoroso" (p. 525).

Tabela 1 Contínua

Nº	Comentário metalinguístico	Σ	Ponto – ALERS/RS
11	*Gaudério* é qualquer planta que nasce sem plantar. (772) a. *Gaudério* é um pasto que nasce sem plantar. (772) b. *Gaudéria* é uma planta que nasce fora do tempo. (838)	02	772, 838
12	*Gaudério* é alguém desleixado, que não se preocupa. a. *Gaudério* é uma pessoa despreocupada (largada), que gosta de diversão e não vê nada de ruim. (639)	02	639, 661
13	*Gaudério* é um forasteiro que aparece na porta da tua casa. (839) a. *Gaudério* é um forasteiro, que chegou há pouco. (843)	02	839, 843
14	*Gaudério*, essa palavra é usada na fronteira.	01	689
15	Gaudério serve de denominação para um touro que pula cerca.	01	710
16	Gaudério serve de denominação para qualquer animal que não pára em casa.	01	826
17	*Gaudério* é uma pessoa disposta, perseverante e que não tem preocupação.	01	621
18	*Gaudério* é uma pessoa alegre, que canta e se diverte.	01	828
19	*Gaudério* é um gaúcho que se arruma bem e sai a cavalo para namorar.	01	844
20	*Gaudério* é uma pessoa que não tem ninguém por ela.	01	745
21	*Gaudério* é alguém que gosta muito de cavalos.	01	792
22	*Gaudério* é uma pessoa que é "bom pra tudo".	01	659
23	*Gaudéria* é uma laranjeira que produz fora do tempo.	01	838
24	*Gaudério* é um *tchatchino*[18], alguém que não tem pai, não tem mãe, nem nome e sobrenome.	01	784
25	*Gaudério* é um malandro, que passa a noite nas timba.[19]	01	785
26	*Gaudério* é uma pessoa "burra", um índio que não sabe muito das coisas.	01	838

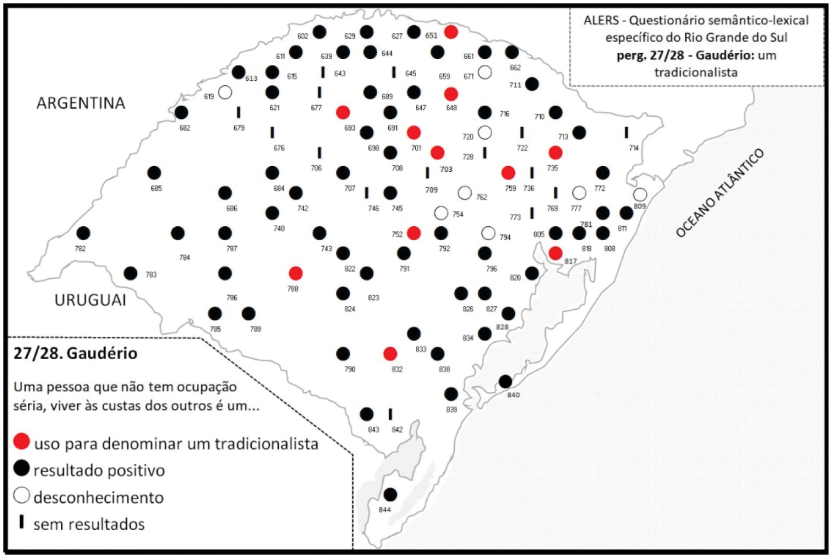
Fonte: Elaborado por F. H. Tavares de Barros

18 É possível que essa denominação tenha relação com a forma *teatino* mencionada nos glossários de João Mendes da Silva, a qual é denominação para "cavalo que não é conhecido, que não se sabe a quem pertence" (Hessel, 1959, p. 57). Igualmente, faz a mesma menção Romaguera Corrêa *et al.* (1964). Sobre a origem da designação é possível levantar a hipótese da relação da palavra com os *teatinos*, "os clérigos regulares da Ordem de S. Caetano de Theáto" (Romaguera *et al.*,1964, p. 451). Schlee (2019) também registra *teatino* para um cavalo sem dono, mas também para um "forasteiro, estranho, estrangeiro. Pessoa de outras plagas" (p. 858).

19 Segundo Schlee (2019) *timba* é "qualquer tipo de jogo em que se aposta dinheiro" (p. 867).

Assim como mostra a tabela 01, o comentário metalinguístico mais frequente entre os informantes é o que atribui o uso de *gaudério* para "alguém que caminha para cá e para lá, não para em nenhum lugar" (nº 01) com o total de 37 comentários. Relacionado a essa acepção, foram registrados tantos outros comentários com sentidos particulares. Esse é o caso dos comentários 01.d e 01.e "sujeito livre, atirado, 'solto das patas". Eis o caso, igualmente, do uso de *gaudério* para animais que não param em casa, como nos comentários nº 03, 15 e 16. Outro conteúdo semântico registrado foi de *gaudério* como denominação para alguém que cultiva as tradições gaúchas (nº 02), no total de 11 comentários.

MAPA 2 – Uso de *gaudério* para um "tradicionalista" nos dados do ALERS/RS
Fonte: Elaborado por F. H. Tavares de Barros.



Como mostra o mapa 02, o uso de *gaudério* como denominação para um tradicionalista está presente na maioria dos cantos do estado. Essa acepção, nas palavras de Fischer (1999), é positiva e se direciona às "coisas referentes a arte, cultura e comportamento dados como típicos do Rio Grande do Sul" (p. 86). Dentro do movimento tradicionalista, a palavra está, aparentemente,

relacionada a uma representação nostálgica do peão de estância.[20] Nesse sentido, dentro dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) há a crença de que o verdadeiro gaúcho é aquele que se comporta e se veste à moda *gaudéria*.[21] Dentro desse senso do culto às tradições, também estão os comentários nº 10 "*gaudério* é um gaúcho, um trovador"; 19. "*gaudério* é um gaúcho que se arruma bem e sai a cavalo para namorar" e 21. "*gaudério* é alguém que gosta muito de cavalos".

Outro recorte semântico presente nos comentários metalinguísticos é o uso de *gaudéria* para uma planta que nasce espontaneamente ou que produz fora do tempo (comentários 11), o que na variedade do português caipira, de São Paulo até os Campos de Cima da Serra chamam de *tigüera* (Filipak, 2002; Tokarski, 2004; Romaguera Corrêa *et al*., 1964).[22] Essa acepção é registrada para a forma *godero* no falar ilhéu de Santa Catarina (Rodrigues Filho, 1996).

Há nos dados diarreferenciais coletados comentários dos informantes que atribuem à denominação *gaudério* uma carga semântica negativa. Eis o caso dos comentários 04. "*gaudério* é um descompromissado, um atirado, sem mérito de confiança"; 07. "*gaudério* é alguém que não trabalha, que vive à custa dos outros"; 07.a "Alguém de má índole que não trabalha e que fica à procura de enganar as pessoas"; 6.a "*gaudério* é alguém que não trabalha, um vagabundo"; 12. "*gaudério* é alguém desleixado, que não se preocupa"; 12.a "*gaudério* é uma pessoa despreocupada (largada), que gosta de diversão e não vê nada de ruim"; 25. "*gaudério* é um malandro, que passa a noite nas timba" e 26. "*gaudério* é uma pessoa "burra", um índio que não sabe muito das coisas".

Esse conjunto de acepções negativas mostra uma confluência com as encontradas em Portugal continental e insular e na Galícia. Em particular, o uso da alcunha para descrever alguém que passa o tempo a se divertir e extrapolar, por essa razão é julgado como indolente, vadio e que pratica ações que são reprovadas na sociedade local.

---

20 Assim como menciona Pacheco (2003) "o próprio nome gaúcho, os sentidos que esta palavra ganhou passaram por várias modificações semânticas, sendo, por exemplo, no período colonial, chamado de *guasca* e depois de *gaudério*. No final do século 18, são chamados de gaúchos e, com a organização da estância, em meados do século 19, o termo passa a se referir ao peão campeiro" (p. 30).

21 Nessa direção assinala o comentário do informante da pesquisa de Freitas (2006) feita em CTGs do Mato Grosso: "o gaúcho que não for *gaudério* não é gaúcho" (p. 107).

22 "tigüera – Arroz nascido sem plantar" (Ortêncio, 1983, p. 428); "também *tigoeira* […], têrmo do Sul, de S. Paulo até a região de Cima da Serra no Rio Grande do Sul, designativo de terras de roças, nas quais, após a colheita das plantações vingam plantas esporádicas […]" (Souza, 1961, p. 316).

Alguns dos comentários recolhidos mostram uma carga positiva para a alcunha. Em particular, nos comentários 09. "*gaudério* é uma pessoa de muita lida, muito trabalho no campo, um sujeito campeiro"; 17. "*gaudério* é uma pessoa disposta, perseverante e que não tem preocupação"; 18. "*gaudério* é uma pessoa alegre, que canta, se diverte" e 22. "*gaudério* é uma pessoa que é 'bom pra tudo". Esses comentários sinalizam uma mudança do *status* negativo para um sentido positivo da palavra, o que, hipoteticamente, pode ter sido causado pelo fomento do gauchismo levado adiante pelo movimento tradicionalista gaúcho desde a década de 1940–1950.[23]

Considerações finais

Os resultados da documentação da lexia *gaudério* nos dados do ALERS mostram uma pluralidade de acepções usadas no repertório do português dialetal do Rio Grande do Sul na década de 1990.[24] Algumas delas não foram encontradas nos dicionários consultados. Eis o caso de "alguém que não tem pai, não tem mãe, nem nome e sobrenome" (comentário 24) e "um forasteiro recém-chegado" (comentário 13). Muitos dos comentários com sentidos negativos relacionando a alcunha a sujeitos de comportamentos reprováveis se confluem as acepções encontradas nos dicionários do português europeu e do galego. Nesse sentido, é possível afirmar que essa carga negativa da palavra no repertório do português europeu se manteve no português do Rio Grande do Sul, alterando-se somente o contexto cultural e geográfico.

Outrossim, registrou-se no português sul-rio-grandense uma carga positiva para a referida alcunha. É o caso do uso da forma lexical para alguém que cultiva as tradições gaúchas. Essa acepção remonta ao passado folclórico da figura do peão, que "até o séc. XVIII era o mesmo que gaúcho – homem vago, errante, ocioso – citado entre *los ladroncitos coloniales*" (Schlee, 2019, p. 475). Com as batalhas por independentismo no Rio Grande do Sul, isso no início do séc. XIX, esse personagem é atraído e incorporado à revolução. É nesse momento que "se

23 O movimento tradicionalista gaúcho é termo para denominar os movimentos organizados que valorizam os elementos relacionados à figura do gaúcho, como o Centro de Tradições Gaúchas (CTG), "o Partenon Literário, o Grêmio Gaúcho e o próprio tradicionalismo formam o gauchismo, algo difuso e temporalmente espalhado, com várias correntes até divergentes entre si em determinados aspectos. O tradicionalismo tornou-se o núcleo hegemônico do gauchismo logo após seu surgimento" (Kieling Júnior, 2021, p. 48).

24 O período da coleta dos dados do ALERS, como já mencionado.

forjou o gaúcho, *gaudério* e changador, como soldado" [itálico meu] (*idem*, 2019, p. 475), e, posteriormente, herói da revolução farroupilha. Os dados do ALERS somente reforçam essa acepção positiva de *gaudério* nos dicionários dialetais do português gaúcho e também mostram o quanto esse conteúdo semântico se popularizou por todo o território do Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas

Almeida, H. de. (1979). *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: Ed. universitária UFPB.

Altenhofen, C. V. & Klassmann, M. S. (Orgs.). (2011). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS:* cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis, Ed. UFSC.

Audubert, A. (1996). Gíria et Argot: Dictionnaire d'argot brésilien (gíria) – argot français. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Barcelos, J. M. S. (2016). *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Serviços de Publicações do Governo da Região Autónoma da Madeira.

Barros, V. F. (2010). *Dicionário de Falares das Beiras.* Lisboa: Âncora Editora – Edições Colibri.

Barros, V. F. (2006). *Dicionário do Falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Âncora Editora – Edições, Colibri.

Borba, F. S. (2002). *Dicionário de usos do Português do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática.

Bossle, J. B. A. (2003). *Dicionário gaúcho brasileiro.* Porto Alegre – RS: Artes e Ofícios.

Brüser, M.; Reis Santos, A. dos & Lang, J. (2002). *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde).* Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Callage, R. (1928). *Vocabulário gaúcho***.** 2ª ed. Porto Alegre: Livraria do Globo.

Carvalho, M. A. da C. A. (1970). *Sátão (Concelho do distrito de Viseu).* Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Coimbra. Consulta feita no *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*. Disponível em: http://ilg.usc.es/tesouro/pt Acesso em: 26 fev. 2022.

Cascudo, L. C. (1988). *Dicionário do folclore brasileiro*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Casteleiro, J. M. (Cord.). (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo.

Clerot, L. F. R. (1959). *Vocabulário de Têrmos Populares e Gíria da Paraíba:* estudo de Glotologia e Semântica Paraibana. 1ª Ed. Rio de Janeiro.

Corrêa, I. de B. (2012). *Dicionário Catarinense* – Tratado de dialetologia, falares, subfalares e expressões idiomáticas no Estado Barriga Verde. Itajaí: Alternativa.

Dias, H. N. (2002). *Minidicionário de Moçambicanismos*. Maputo: Furtado & Godinho, Ltda.

Ferreira, A. B. de H. (2009). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa***.** 4ª ed. Curitiba: Ed. Positivo.

Filipak, F. (2002). *Dicionário Sociolingüístico Paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.

Fischer, L. A. (1999). *Dicionário de porto-alegrês*. 6ª ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Freitas, L. F. R. de. (2006). *Uma análise a partir da diáspora gaúcha*. Tese de Doutorado em Educação – UFRGS, Porto Alegre.

Fonseca, M. S. (2016). *Pequeno Dicionário Caluanda*. 1ª ed. Lisboa: Guerra e Paz.

Fortes Filho, P. & Diegues, A. C. (org.). (2005). *Enciclopédia caiçara:* falares caiçaras. Editora Hucitec: São Paulo.

García Represas, D. (1994). *Estudio da fala de Xinzo (Ponteareas):* contribución á lingüística descritiva do galego. Memoria de Licenciatura. Universidade de Santiago de Compostela [Léxico: 164–280]. Consulta feita no *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*. Disponível em: http://ilg.usc.es/tesouro/pt Acesso em: 26 fev. 2022.

Girão, R. (2000). *Vocabulário Popular Cearense*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha.

Gouveia, M. de L. (1951). *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Pióbão*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Universidade de Coimbra. Consulta feita no *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*. Disponível em: http://ilg.usc.es/tesouro/pt Acesso em: 26 fev. 2022.

Hessel, L. F. (1959). *Os glossários de João Mendes da Silva*: reunidos e comentados por Lothar F. Hessel. Porto Alegre: Centro de estudos filológicos – UFRGS. Faculdade de Filosofia.

Kieling Júnior, B. (2021). *Tradicionalismo gaúcho e italianidade: c*onstrução de identidades em Caxias do Sul (1950–2010). Tese de Doutorado em História, UFRGS, Porto Alegre.

Machado, J. P. (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

Martins, J. D. (1954). *Etnografia, linguagem e folclore de uma pequena região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcongosta, Tinhalhas e Sobral do Campo).* Dissertação de Licenciatura. Universidade de Lisboa. Consulta feita no

Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português. Disponível em: http://ilg.usc.es/tesouro/pt Acesso em: 26 fev. 2022.

Mendes, A. (2010). *Porto: naçom de falares*. Lisboa: Âncora, 2010.

Mendes, M.; Ragageles, F.; Quint, N.; Semedo, A. *Dicionário Prático Português-Caboverdiano (variante de Santiago)*. Lisboa: Verbalis, 2002.

Nascimento, J. do. (2017). *Dicionário do nosso falar:* Pereiros – S. João da Pesqueira. Chamusca: Edições Cosmos.

Nogueira, I. D.; Silva, A. H. (2017). *Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX*. Goiânia: Gráfica UFG.

Nonato, R. (1980). *Calepino potiguar – gíria rio-grandense.* Rio Grande do Norte: Coleção Mossoroense – vol. CXIX .

Nunes, Z. C. & Nunes, R. C. (1993). *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul.* 5ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro.

Oliveira, A. J. de. (2003). *Dicionário gaúcho:* termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades. 2ª ed. Porto Alegre: Editora AGE.

Ortêncio, W. B. (1983). *Dicionário do Brasil Central:* subsídios à Filologia. Linguagem, usos e costumes. Folclore. Toponímia dos municípios goianos. São Paulo: Ática.

Pacheco, L. O. (2003). *Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade*. Dissertação de Mestrado em Educação – UFRGS, Porto Alegre.

Pederneiras, R. (1946). *Gerigonça carioca:* verbetes para um dicionário da gíria. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livreiros Editores.

Pereira da Costa, F. A. (1937). *Vocabulário pernambucano.* Recife: Imprensa Official.

Pires Cabral, A. M. (2013). *Língua Charra:* Regionalismos de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vol II: F-Z. Lisboa: Âncora.

Ramos, F. M. (1990). *Alcunhas Alentejanas:* estudo etnográfico. Monsaraz: INGRAPOL.

Ramos, F. M. & Silva, C. A. (2003). *Tratado das Alcunhas Alentejanas.* 3ª Ed. Edições Colibri: Lisboa.

Ribas, Ó. (1997). *Dicionário de regionalismos angolanos*. Matosinhos: Editora Contemporânea.

Rodrigues Filho, I. W. (1996). *Dicionário de regionalismos da Ilha de Santa Catarina e arredores*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Lunardelli.

Romaguera Corrêa, J.; Coruja, A. A. P.; Moraes, L. C. de & Callage, R. (1964). *Vocabulário Sul-Rio-Grandens*e. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo.

Schlee, A. G. (2019). *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense.* Pelotas: Fructos do Paiz.

Serra e Gurgel, J. B. (2009). *Dicionário de Gíria:* modismo lingüístico, equipamento falado do brasileiro. 8ª ed. Brasília, DF: [s. n.].

Simão, T. (2016). *Dicionário do falar raiano de Marvão.* 1ª Ed. Lisboa: Edições Colibri.

Souza, B. J. de. (1961). *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. 5ª Ed. da Onomástica geral da Geografia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Teixeira, A. (1910). *Vocabulario trasmontano (do concelho de Moncorvo).* In: Revista Lusitania, vol. XIII, Lisboa. pp. 110–148.

Trigueiros, E. (1977). *A Língua e o Folclore da Bacia do São Francisco:* Notação Musical do autor. Ilustrações de J. Paulino e do autor. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Thun, H. (2000). Altes und Neues in der Sprachgeographie. In: Dietrich, W.; Hoinkes, U. *Romanistica se movet…*: Festgabe für Horst Geckeler zu seinem 65. Münster, Nodus-Publ, pp. 69–89.

Tokarski, F. (2004). *Dicionário de regionalismos do sertão do Contestado.* Florianópolis: Letras Contemporâneas.

Viotti, M. (1957). *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Tupã.

Referências da web:

Gaudério – Dicionário Aulete da Língua Portuguesa. Link: https://aulete.com.br/gaudério acesso: 26 de jan. de 2022.

Galdério – Dicionário Aulete da Língua Portuguesa. Link: https://aulete.com.br/galderio acesso: 26 de fev. de 2022.

Felício Wessling Margotti, Orlando da Silva Azevedo
e Amanda Chofard

Variantes lexicais de sovina na região norte do Brasil: uma análise geolinguística dos dados do ALiB[1]

Abstract: The immigration of Italians, Germans and other ethnic groups to southern Brazil, at the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, had a strong impact on the occupation of the territory, on the economy, on culture in general and, particularly, on languages. in touch. In the specific case of the transplanted Italian language, the subject of this text, it is known that it has changed to the point of being recognized as a Brazilian language called "talian". Likewise, Portuguese in contact with the dialectal varieties brought by Italian immigrants presents a series of peculiar traits that characterize it as a specific variety. According to sociolinguistic and geolinguistic studies, the variety of Brazilian Portuguese spoken in population centers where Italian-Brazilian speakers constitute a significant part of the population is characterized by a set of linguistic variables at different levels of grammar and lexicon. Among the variables at the phonetic-phonological level, the substitution of strong [R] for weak [R] stands out, among others; the reduction and morphophonemic change of the nasal diphthong [-ão] to [-õ]; the absence of raising the final unstressed vowels /e/ and /o/; the replacement of [ʃ] by [ʂ] and [ʒ] by [ʐ]; the realization of oral vowel [a] in contexts followed by a nasal consonant; the absence of palatalization of the consonants /t/ and /d/ when followed by /i/. At the morphological level, mention is made, among other variables, of the borrowing of derivational suffixes: *-eta* (carreta), *-eto* (aceto), *-ete* (filete), *-ela* (mortadela), *-elo* (farelo), *-ola* (caçarola), *-esco* (dantesco), *-ano* (milano, soprano), *-ina* (cantina), *-ino* (travertino), *-one* (provolone). Any change in grammatical gender is also included, such as *a sabonete* instead of *o sabonete*. In the lexicon, there are many loanwords, such as *rastelo*, *filó*, *minestra*, *fortaia*, *capelete*, *nono*, *brodo*, *bocha*, *radicha*, *grostoli*, *bergamota/vergamota*. Some of these changes will remain; others, eventually, will last for a short time, given the progressive processes of linguistic assimilation and substitution in the referred space of the Brazilian territory.

Keywords: Italian language, Portuguese language, language contact, South of Brazil

1 Atlas Linguístico do Brasil.

Introdução

O estudo descreve as variantes lexicais de *sovina* em algumas cidades e capitais da Região Norte do Brasil, tendo como base o *corpus* do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, organizado e executado por pesquisadores de diversas universidades brasileiras desde 1996. Sobre o referente de que se tratará aqui, *sovina* é a pessoa que não gosta de gastar dinheiro (Houaiss *et al*., 2009), ou mais propriamente, não gosta de gastar o seu próprio dinheiro. Alguns sinônimos são apresentados por esse dicionário, entre os quais *avarento* e *forreta*.

No Baixo Amazonas, por exemplo, incluindo as cidades de Juruti, no Estado do Pará, e Parintins, no Estado do Amazonas, é comum ouvir a variante *escasso* e, na capital amazonense Manaus, baseado em dados linguísticos empíricos, ouve-se *sovina, pão-duro* e *mão de vaca,* sendo essas duas últimas as variantes as mais recorrentes na fala manauara. É comum ouvir nessas cidades expressões como: *fulano é muito escasso; ele é um mão de vaca; tu é muito pão-duro.* Parintins, a segunda cidade mais populosa do Estado do Amazonas, com cerca de 116.439 mil habitantes, não é um ponto de inquérito do ALiB; Manaus, todavia, que é um dos pontos de inquérito, a variável lexical *sovina* apresentou 9 variantes, como se verá mais adiante na análise geral dos dados da Região Norte.

A Região Norte do Brasil é a maior em extensão territorial do país com uma área de 3.870.000 km² e com população estimada em 17,71 milhões em 2016. É formada por 7 Estados, a saber: Amazonas com a capital Manaus, Tocantins com a capital Palmas, Rondônia com a capital Porto Velho, Acre com a capital Rio Branco, Amapá com capital Macapá, Roraima com capital Boa Vista e Pará com capital Belém. Todas as capitais foram selecionadas como pontos de inquérito do ALiB, exceto Palmas que, fundada em 1989, não foi incluída na pesquisa por ser uma cidade relativamente nova.

Além das 06 capitais da Região Norte, fazem parte da rede de pontos do ALiB mais 18 cidades regionais. No total, são 10 no Estado do Pará, 05 no Amazonas, 02 no Amapá, 02 no Acre, 02 em Rondônia, 01 em Roraima e 02 em Tocantins.

Neste estudo, os dados foram apresentados em mapas e descritos conforme as ocorrências em números absolutos e percentuais. Além disso, foram abordadas as definições de léxico e descritas as dificuldades em se considerar como entradas lexicais diferentes as formas linguísticas que apresentam alterações morfofonológicas. Em vista disso, as variantes foram inicialmente classificadas pela distribuição e frequência de ocorrência no espaço geográfico. Na sequência, foram apresentadas algumas cartas linguísticas de arealidade dos itens lexicais mais usados na Região Norte do Brasil e a correlação dessas formais mais frequentes com a dimensão diassexual e com a dimensão diageracional.

1 O Componente Lexical

Para Almeida e Correia (2012), o léxico é o conjunto de todas os vocábulos que compõem uma língua. Mas quais são todos os vocábulos de uma língua? É difícil contabilizá-los. Por exemplo, mesmo o dicionário Houaiss (Houaiss *et al*., 2009), que possuindo 442 mil entradas, não é capaz de registrar todos os vocábulos da língua portuguesa. Além disso, há unidades lexicais simples como *sovina*, mas há unidades lexicais complexas como *pão-duro*, e ainda há frases que têm um referente, a exemplo de *morrer de graça*, *negócio muito quente*, *levar de boa* etc.

Nas pesquisas dialetológicas, o componente lexical tem sido o mais explorado. É difícil encontrar um atlas linguístico sem esse componente. Apesar de as variantes lexicais serem relativamente fáceis de catalogar por meio da aplicação de questionários semântico-lexicais, há dificuldades em sistematizar as formas linguísticas que apresentam a mesma raiz como sendo variantes da mesma palavra, uma vez que tais formas sofreram processos morfofonológicos ou processos metaplasmáticos. Em tais casos, é possível que se opte por fazer um agrupamento das variantes lexicais que apresentam a mesma raiz, considerando-se apenas uma das variantes como sendo a forma padrão para facilitar a catalogação e a representação no mapa linguístico. Nesse caso, opta-se por registrar como entradas lexicais diferentes somente as formas que possuem raízes diferentes. Por exemplo, para designar "coisinhas redondas de vidro com as quais as crianças gostam de brincar", a resposta dos falantes podem ser, no Brasil, *bolinha de gude*, *bolita*, *bolica*, *clica*, *bola de vidro*, *bolinha de vidro*, *burca*, *burquinha*, *búrica*, *bola de búrica*, *bolinha de búrica*, *tilica*, *peca*, *biroca*, *mate-baile*, *peteca*, *bila*, entre outras. Em casos como esse, deve-se considerar cada um dos registros como uma forma à parte, independentemente de ter a mesma raiz, ou tais formas compõem um mesmo item lexical, apesar da variação. É o caso de *burca/burquinha*, *bola de búrica/bolinha de búrica*, ou *bolita/bolica*, entre outras. Às vezes, a variação é restrita à pronúncia (*mesquinho ~ misquinho*; *garça ~ galça*; *peixe ~ pexe*; *família ~ familha* etc.); às vezes, a variação situa-se no nível morfológico (*burca ~ burquinha*, *pão-duro ~ pão-dura* etc.).

Em geral, todas as formas pesquisadas são consideradas, mesmo quando parecem estranhas, exceto quando há indícios de que o falante não compreendeu a pergunta. Todavia, para fins de cartografia dos dados, é prática agrupar algumas formas mais claramente aparentadas. Essa prática de agrupar formas linguísticas é arbitrária, pois não é certo que duas ou mais variantes aparentadas fazem parte da competência linguística de todos os falantes da mesma língua. Servem de exemplo o seguinte chiste:

– Olha lá, tem um *urubu* naquela árvore.
– Acho que é um *aribu*.

Conforme Chambers & Trudgill (1994), na dialetologia gerativa o componente fonológico apresenta dois níveis: a forma subjacente, que está listada como unidade linguística do léxico; e as regras fonológicas, que transformam as formas linguísticas subjacentes em formas superficiais, resultando em formas linguísticas concretas, reais. Quando o falante, usuário da língua, está conversando, utiliza as regras fonológicas, que convertem a forma linguística abstrata na forma concreta. Dessa forma, os segmentos fonéticos que apresentam variantes aparecem no léxico como uma única forma fonológica, isto é, realizam-se de modo diferente, mas têm o mesmo valor fonológico. Nesse modelo teórico, em cada língua há formas subjacentes e formas superficiais. Surge, pois, a indagação quanto à consideração dessas duas formas: O que pode ser considerado forma subjacente e forma superficial? Chambers & Trudgill (1994) consideram que tomar como básico as formas de um dialeto e derivar todos os demais dialetos deste se chegaria à forma subjacente. Porém, os autores consideraram que tal tarefa é impossível. Analogicamente, aplicando esses preceitos da fonologia gerativa ao componente lexical, indaga-se da mesma forma anterior: como saber qual forma linguística pode ser considerada uma abstração e qual pode ser a concreta? Entende-se que a imposição de qual seja a variável linguística e qual seja a variante é decisão arbitrária. A solução seria não considerar as formas subjacentes como uma restrição e permitir que as formas linguísticas difiram tanto em suas entradas lexicais quanto em suas regras fonológicas. Portanto, é importante registrar a forma linguística sob a perspectiva do falante, pois um simples timbre aberto ou fechado de uma vogal pode indicar a identidade do usuário da língua e sua origem geográfica.

2 A Dialetologia Pluridimensional e o Atlas Linguístico do Brasil-ALiB

A Dialetologia pluridimensional e relacional, proposta por Radtke & Thun (1996) e Thun (1998; 2010) considera as variantes na perspectiva horizontal ou areal (espaço geográfico), na perspectiva vertical ou social (diferentes grupos sociais), em distintos estilos de fala (conversa, resposta a perguntas, leitura e outros), bem como permite relacionar parâmetros de diferentes dimensões, por exemplo, os dados de falante mais velhos bilíngues de áreas rurais com os dados da falantes mais jovens de áreas urbanas. Com isso, contempla-se a variação linguística em diferentes áreas geográficos e a variação linguística

em diferentes segmentos sociais e em diferentes estilos de fala ou de interação linguística. Quanto mais dimensões e parâmetros forem usados na pesquisa dialetológica, mais completa será a análise. Por outro lado, quanto mais amplo for o escopo da pesquisa e o conjunto de dimensões a serem controladas, mais difícil será realizar a pesquisa, tendo em vista as dificuldades para conseguir falantes/informantes com o perfil previamente estipulado em todas as localidades previamente definidas. Em contrapartida, a ampliação da rede de pontos, das dimensões e respectivos parâmetros e de estilos de fala diversos resultará em maior base de dados e, consequentemente, maior segurança e confiabilidade nos resultados.

Como afirmado anteriormente, o ALiB é um atlas linguístico pluridimensional, considerado, como tal, de terceira geração, pois envolve várias dimensões para a pesquisa dialetológica, entre as quais, a dimensão diatópica (250 pontos de inquérito distribuídos por todos os estados do Brasil), dimensão diassexual (550 homens e 550 mulheres, totalizando 1.100 informantes, sendo 2 homens e 2 mulheres em todos os pontos de pesquisa, exceto nas capitais, onde foram selecionados 4 homens e 4 mulheres); dimensão diageracional (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos) e dimensão diafásica (aplicação de questionários, leitura de texto e conversas semidirigidas) e diastrática (ensino fundamental em todos os pontos e, nas capitais, foram acrescidos informantes de escolaridade superior).

Além disso, os informantes do ALiB teriam que ser nascidos na localidade pesquisada ou em áreas próximas, não ter se afastado por mais de 1/3 de suas vidas do lugar de origem e serem, de preferência, filhos de brasileiros nascidos na mesma localidade.

Os dados do ALiB já foram todos coletados por meio da aplicação de questionário fonético-fonológico – QFF, questionário semântico-lexical – QSL, questionário morfossintático – QMS, de perguntas metalinguísticas, conversas semidirigidas e leitura de textos.

3 Metodologia

Os dados do presente estudo foram obtidos pelo ALiB por meio da pergunta 138 do questionário semântico-lexical, a saber: *Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?* As respostas dizem respeito ao lema *sovina*.

Segundo dados do ALiB, na Região Norte do Brasil (Cardoso *et al*., 2013, p. 129), foram selecionados 24 pontos de inquérito, enumerados de 1 a 24, conforme Quadro 1. Essa numeração foi inserida nos mapas linguísticos para identificação cada ponto de inquérito na referida região.

Quadro 1 – Pontos de inquérito do ALiB na Região Norte do Brasil

N°	Cidade	Estado
1	Oiapoque	Amapá
2	Macapá	
3	Boa Vista	Roraima
4	São Gabriel da Cachoeira	Amazonas
5	Tefé	
6	Manaus	
7	Benjamin Constant	
8	Humaitá	
9	Soure	Pará
10	Óbidos	
11	Almeirim	
12	Belém	
13	Bragança	
14	Altamira	
15	Marabá	
16	Jacareacanga	
17	Conceição do Araguaia	
18	Itaituba	
19	Cruzeiro do Sul	Acre
20	Rio Branco	
21	Porto Velho	Rondônia
22	Guajará Mirim	
23	Pedro Afonso	Tocantins
24	Natividade	

Fonte: Cardoso *et. al*., 2013, p. 129.

Na etapa seguinte, foi feita a identificação das variantes e a quantificação dos dados em cada ponto de inquérito, que levou em consideração o seguinte perfil dos informantes, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Localidade	Faixa Etária	Sexo	Escolaridade
Nas capitais	De 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos	4 homens e 4 mulheres	Até o Ensino Fundamental e Ensino Superior Completo
Nas demais cidades	De 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos	2 homens e 2 mulheres	Até o Ensino Fundamental

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme leitura dos Quadros 1 e 2, essa é a amostra feita pelo ALiB na Região Norte do Brasil, com 24 cidades como pontos de inquérito, incluindo as capitais dos estados, 4 informantes por localidade, exceto nas capitais, nas quais foram entrevistados 8 informantes, estratificados entre homens e mulheres, em duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e em Ensino Fundamental para as localidades interioranas e Ensino Fundamental e Ensino Superior nas capitais nortistas.

Na Região Norte, foram então contabilizadas 48 formas lexicais para se referir ao lema *sovina*, incluindo as várias respostas dadas por um único informante. Esses dados foram primeiramente sistematizados em formato de planilha, organizada por: (i) região, (ii) estado (iii) sequência de informantes, (iv) item lexical, por ordem de uso (a primeira variante lexical citada pelo informante até a última). Em seguida, esses dados foram cadastrados no programa SGVClin (Seabra; Romano; Oliveira, 2014), por meio do qual foram feitas as quantificações (absolutas e relativas) dos resultados e as cartas linguísticas. Apesar disso, houve algumas adaptações no mapa (ver Figura 1) para fazer a plotagem do percentual de ocorrência com a utilização do *Excel 2010* e do *Paint*.

4 As variantes lexicais de *sovina*

Para cálculo do percentual de ocorrência de cada variante lexical documentada, levaram-se em consideração somente as respostas válidas, desconsiderando as inaudíveis e a ausência de respostas. Por problemas na gravação, não foi possível a transcrição total dos dados da cidade de Conceição do Araguaia, no Estado do Pará, de Natividade, em Tocantins, e de um dos informantes de Manaus, no Amazonas. A relação de variantes documentadas e respectivos dados quantitativos podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Variantes lexicais de SOVINA na Região Norte do Brasil

Variantes de SOVINA	**Nº de ocorrências**	**%**	**Variantes de SOVINA**	**Nº de ocorrências**	**%**
mão de vaca	54	24,1 %	marrado	1	0,4 %
pão-duro	39	17,4 %	avarenta	1	0,4 %
mão fechada	19	8,5 %	gente roxa	1	0,4 %
miserável	22	9,8 %	iscasso	1	0,4 %
miserave	12	5,4 %	jarana	1	0,4 %
suvino	8	3,6 %	muchiba	1	0,4 %

(*contínua*)

Tabela 1 Contínua

Variantes de SOVINA	Nº de ocorrências	%	Variantes de SOVINA	Nº de ocorrências	%
avarento	6	2,7 %	munheca de samambaia	1	0,4 %
mesquinho	5	2,2 %	muquinha	1	0,4 %
unha de fome	4	1,8 %	mão de nenê	1	0,4 %
amarrado	3	1,3 %	murrinha	1	0,4 %
econômico	3	1,3 %	nonô correia	1	0,4 %
misquinho	3	1,3 %	pão jarana	1	0,4 %
muquirana	3	1,3 %	pão seco	1	0,4 %
canguinha	2	0,9 %	parcimônia	1	0,4 %
casquinha	2	0,9 %	pé de papagaio	1	0,4 %
escasso	2	0,9 %	peida no fogo pra não comprar bana	1	0,4 %
mão trancada	2	0,9 %	queixo de tartaruga	1	0,4 %
pão-dura	2	0,9 %	ranzinza	1	0,4 %
seguro	2	0,9 %	Ruim	1	0,4 %
sovina	2	0,9 %	siguro	1	0,4 %
travoso	2	0,9 %	suvina	1	0,4 %
mão de papagaio	1	0,4 %	tio patinhas	1	0,4 %
mão de tranca	1	0,4 %	trancado	1	0,4 %
cu de sapo	1	0,4 %	usurado	1	0,4 %

Fonte: Elaborado pelos autores com base no Corpus do ALiB.

Em respostas à pergunta 138 do questionário semântico-lexical do ALiB *(Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?),* foram catalogadas, na Região Norte do Brasil, 48 variantes lexicais da variável lexical *sovina,* cujas bases possuem formações simples ou compostas, a saber: *amarrado, avarenta, avarento, canguinha, casquinha, cu de sapo, econômico, escasso, gente roxa, iscasso, jarana, mão de nenê, mão de papagaio, mão de tranca, mão de vaca, mão fechada, mão trancada, marrado, mesquinho, miserave, miserável, misquinho, muxiba, munheca de samambaia, muquinha, muquirana, murrinha, nonô correia, pão-dura, pão-duro, pão jarana, pão seco, parcimônia, pé de papagaio, peida no fogo pra*

não comprar bana, queixo de tartaruga, ranzinza, ruim, seguro, siguro, sovina, suvina, suvino, tio patinhas, trancado, travoso, unha de fome e *usurado*.

A maioria das formações decorre de processos derivacionais e composicionais, ou por extensão semântica para caracterizar o comportamento humano de não gostar de gastar o próprio dinheiro.

Optou-se por listar, na apresentação inicial dos dados, todas as variantes documentadas para o mesmo referente de SOVINA de acordo com a forma original realizada pelos informantes, ainda que houvesse variação fonética ou morfológica.

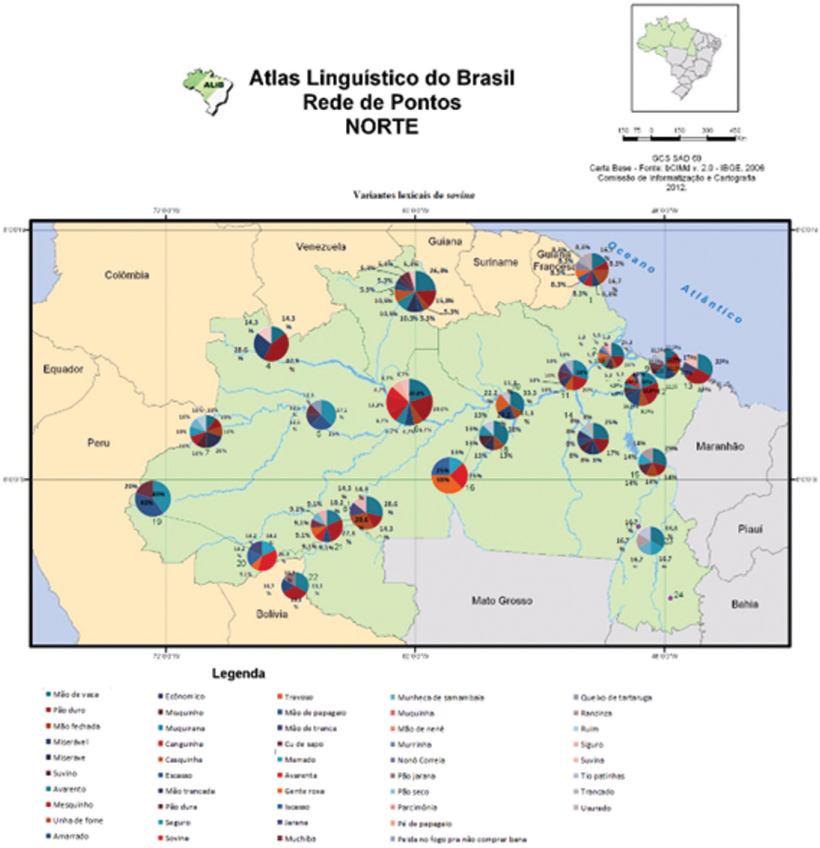
Conforme visualização na Tabela 1, as variantes lexicais com maior incidência na Região Norte, de um total de 224 respostas válidas e dadas pelos informantes, foram: *mão de vaca, que apresentou* 54 ocorrências, equivalentes a 24,1 %; *pão-duro,* que ocorreu 39 vezes, equivalentes a 17,4 %; *miserável,* que ocorreu 22 vezes, o que equivale a 9,8 %; e *mão-fechada*, que incidiu 19 vezes, o que equivale a 8,5 % do total de respostas válidas. Todavia, se à forma *pão-duro* (17,4 % de realizações) for juntada a forma *pão-dura* (0,9 % de realizações), chega-se a 18,3 %; e, se à forma miserável (9,8 % de realizações) for juntada a forma *miseráve* (5,4 % de realizações), chega-se a 15,2 %. Além desses exemplos, é possível fazer outros agrupamentos com base em critérios fonéticos ou morfológicos, entre outros.

O agrupamento de formas que se diferenciam com base em variação fonética ou morfológica, além de outros critérios, é questão complexa, visto que não é possível saber com segurança qual forma faz parte do léxico internalizado do falante, ou se há variação fonética ou mórfica de tais semantemas na fala do mesmo indivíduo. Todavia, nas cartas de arealidade gradual e de arealidade simples (mapas 2, 3, 4 e 5 adiante), fez-se agrupamento de *miserável* com *miserave* (variação fonética que resulta do apagamento do /l/ final) e de *pão-duro* com *pão-dura* (variação morfológica de gênero).

4.1 Variação diatópica

A variação diatópica das diferentes formas de nomear pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, sem agrupamentos, pode ser visualizada no mapa da Figura 1.

Figura 1 – Mapa das variantes lexicais de *sovina* na Região Norte do Brasil
Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.



A forma variante *sovina,* que foi considerada no ALiB como lema, ocorreu 02 vezes apenas, e as variantes *suvina*/*suvino*, com o alteamento pretônico da vogal /o/ para [u], apresentaram, respectivamente, 01 e 8 ocorrências. Se forem consideradas formas da mesma palavra, na perspectiva do pesquisador, totalizam 11 ocorrências apenas no universo de 224 ocorrências, o que equivale a 4,9 %.

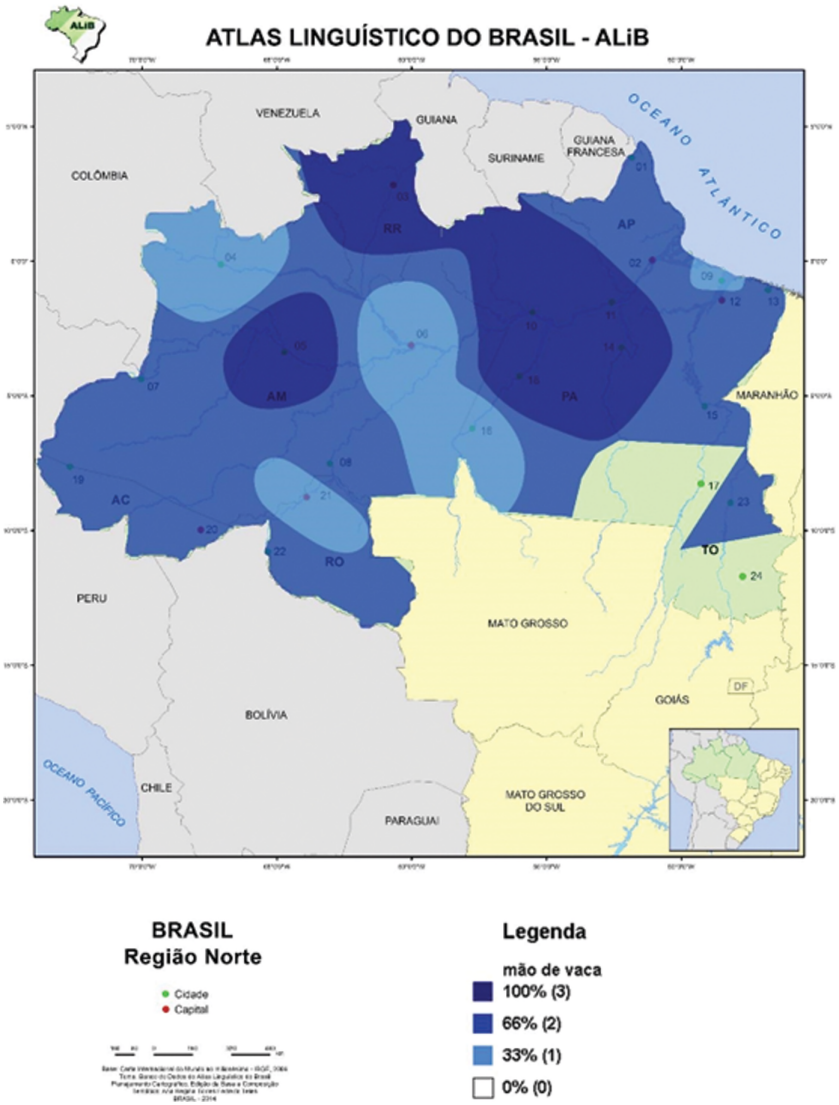
Conforme Barbosa (1989), em um grupo social, uma variante lexical pode se constituir em norma de uso, que é um conjunto de modelos linguísticos utilizados durante o uso real da língua. A frequência e a distribuição regular ocorre

quando a(s) variante(s) é/são documentada(s) em número elevado na maioria dos pontos da área geográfica em análise ou na fala da maioria das pessoas da localidade. Conforme dados visualizados no mapa da figura 1, a variante que ocorreu em todos os estados da Região Norte foi *mão de vaca,* com 54 registros (24,1 %), seguida por *pão-duro,* com 17,4 %, que também foi documentada em todos os estados da Região Norte, com exceção de Tocantins.

Para melhor compreender a distribuição diatópica das 4 variantes lexicais mais produtivas para o mesmo referente de *sovina*, apresentamos a seguir cartas de arealidade gradual de *mão de vaca*, com 54 ocorrências, e de *miserável* (à qual se agrupou *miserave*), com 34 ocorrências, a que seguem as cartas de arealidade simples de *pão-duro* (à qual se agrupou *pão-dura*), com 41 ocorrências, e *mão fechada*, com 19 ocorrências.

Figura 2 – Mapa de arealidade gradual da variante *mão de vaca* na Região Norte do Brasil

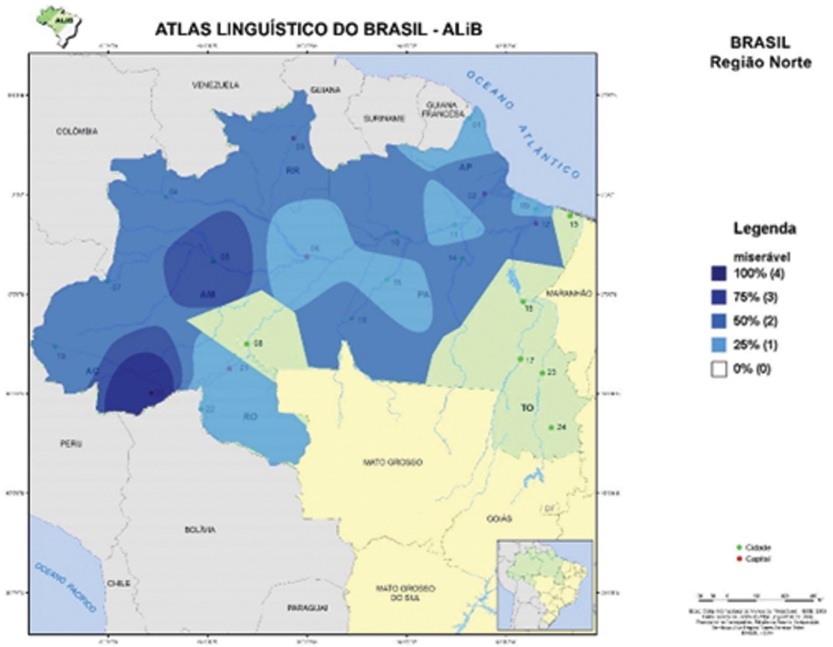
Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.



De acordo com a Figura 2, a expressão *mão de vaca*, a que se atribui o significado de pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, foi documentada em todas os pontos de investigação do AliB na Região Norte do Brasil, exceto em dois pontos de Tocantins: Conceição do Araguaia e Natividade. Com 03 ocorrências em cada ponto (o máximo seriam 04 ocorrências), destaca-se uma grande área contínua que se estende do sudoeste do Pará a Roraima, a que se acrescenta a área de Tefé/AM (ponto de número 5). Numa área mais extensa, com 11 pontos de pesquisa, foram documentadas 02 vezes a forma *mão de vaca*. Com 01 registro dessa mesma expressão, tem-se 05 pontos. Como dito anteriormente, em Conceição do Araguaia e em Natividade, no estado de Tocantins, não há dados sobre o referente aqui abordado.

Figura 3 – Mapa de arealidade gradual da variante *miserável/miserave* na Região Norte do Brasil

Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.

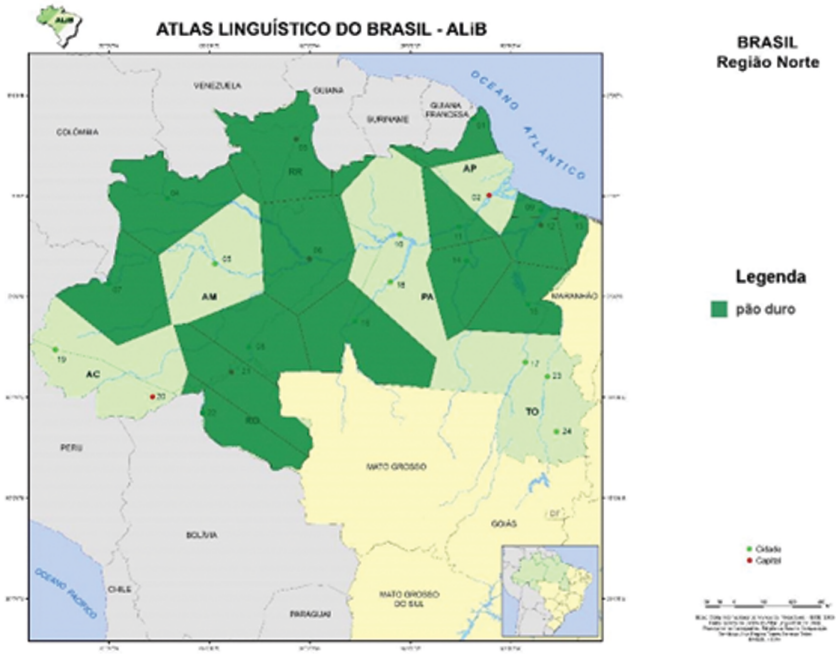


A figura 3, que trata da arealidade gradual de *miserável* ou *miserave*, aponta 04 ocorrências dessa variante lexical em Rio Branco (Acre) e 03 ocorrências

em Tefé (AM). A área de maior abrangência diatópica das formas *miserável* e *miserave* é representada por 09 pontos de inquéritos, localidades em que foram documentada 02 ocorrências cada. Com 01 ocorrência de tais formas, têm-se as seguintes localidades: Oiapoque/AM (ponto 01), Manaus/AM (ponto 06), Soure/PA (ponto 08), Almerim/PA (ponto 11), Itaituba/PA (ponto 18), Porto Velho/RO (ponto 21) e Guajará Mirim/RO (ponto 22). Em 06 pontos concentrados a sudeste do Pará (Bragança, Marabá e Conceição do Araguaia) e no estado de Tocantins (Pedro Afonso e Natividade), a que se acrescenta o ponto 08 (Humaitá/AM), não houve registro de *miserável* ou *miserave*.

Figura 4 – Mapa de arealidade da variante *pão-duro/pão-dura na Região Norte* do Brasil

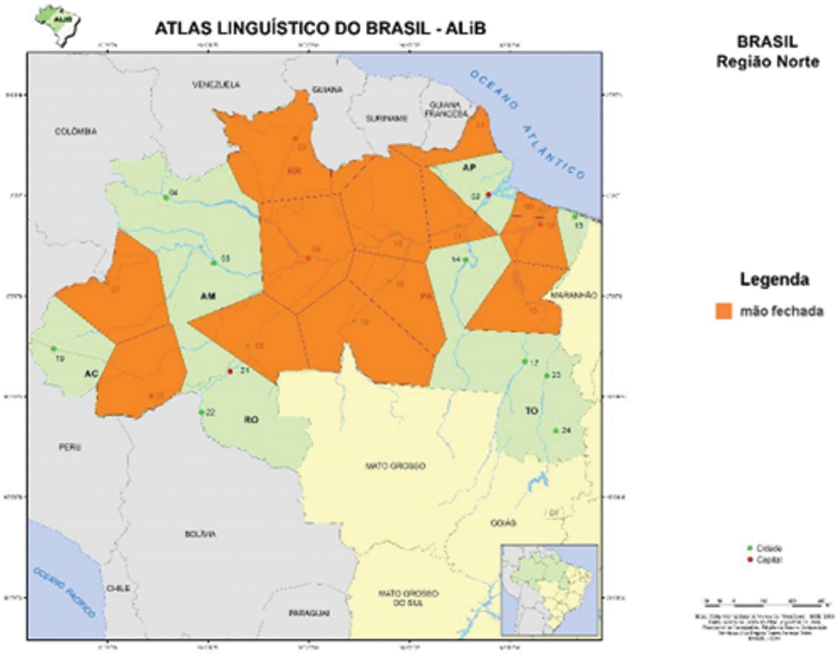
Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.



Conforme demonstra a Figura 4, as variantes *pão-duro* e *pão-dura*, que nomeiam o referente que corresponde a *sovina*, foram registradas em 15 pontos de pesquisa do ALiB na Região Norte do Brasil, em 2 áreas contínuas distintas:

a mais extensa é representada por 8 pontos a leste e a menor em 7 pontos a oeste. Em 4 áreas não houve uso das variantes *pão-duro* ou *pão-dura*, sendo a maior a que percorre os pontos de Tocantins, sul do Pará e avança pelo centro do estado do Amazonas até a área norte. As outras 3 áreas sem o registro das variantes *pão-duro* e *pão-dura* correspondem a Macapá/AP (ponto 02), Tefé/AM (ponto 05) e Cruzeiro do Sul/AC (ponto 19) e Rio Branco/AC (ponto 20).

Figura 5 – Mapa de arealidade da variante *mão fechada na Região Norte* do Brasil
Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.



De acordo com a Figura 5, a expressão *mão fechada* foi documentada em 13 pontos de pesquisa do AliB na Região Norte do Brasil. A área contínua mais extensa com registro de uso dessa forma lexical situa-se no centro do território investigado, que corresponde ao norte do estado do Amapá, ao estado de Roraima, a 2 pontos do estado do Pará e a 3 pontos no estado do Amazonas. Há ainda uma área a oeste, representada pelos pontos 07 (Benjamin Constant/AM)

e 20 (Rio Branco/AC), e outra a leste, representada pelos pontos 09 (Soure/PA), 12 (Belém/PA) e 15 (Marabá/PA).

Além das variantes *mão de vaca*, *miserável/miserave*, *pão-duro/pão-dura* e *mão fechada*, cujas distribuições diatópicas foram apresentadas nos mapas correspondentes às Figuras 2, 3, 4 e 5, também existem variantes de baixa frequência e distribuição irregular, ocorrendo apenas em alguns lugares e, às vezes, usada por um só informante. É o caso da maioria das variantes catalogadas nesta pesquisa, conforme foi informado na Tabela 1.

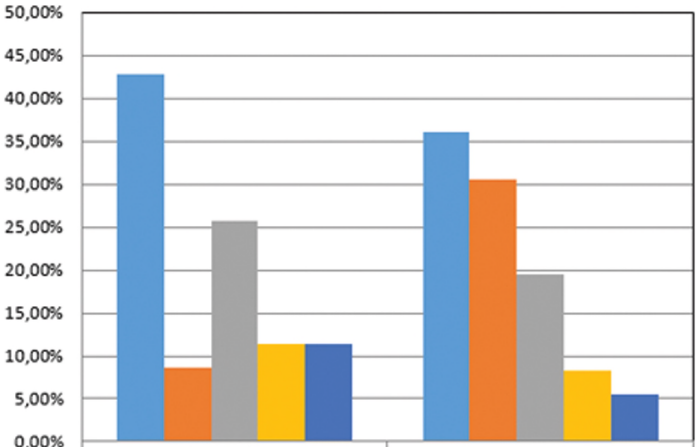
Como foi demonstrado, o referente equivalente a *sovina* apresenta alto poliformismo, representado por 48 variantes lexicais. Cabe lembrar que foram computadas todas as variantes relatadas por um mesmo informante, que se dispôs a mostrar, espontaneamente, seu conhecimento sobre o repertório linguístico regional.

4.2 Variação diassexual

Além da distribuição das diferentes formas lexicais no espaço geográfico da Região Norte do Brasil, apresentamos, no Gráfico 1, as cinco lexias mais recorrentes para designar a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. Nesse caso, foi considerada tão somente a primeira resposta na fala de homens e mulheres com baixa escolaridade (ensino fundamental), mantendo-se o agrupamento de *pão-duro/pão-dura* e *miserável/miserave*, da mesma forma que procedemos na distribuição diatópica.

Gráfico 1 – Produtividade das cinco variantes de SOVINA mais recorrentes na Região Norte do Brasil na dimensão diassexual

Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.



	Masculino	Feminino
mão de vaca	42,86%	36,11%
pão-duro/pão-dura	8,57%	30,56%
miserável/miserave	25,71%	19,44%
mão fechada	11,43%	8,33%
mesquinho/misquinho	11,43%	5,56%

De acordo com o Gráfico 1, constata-se que 4 variantes têm pequena vantagem na fala dos homens em comparação com a fala das mulheres, a saber, respectivamente: *mão de vaca* (42,86 % e 36,11 %); *miserável/miserave* (25,71 % e 19,44 %); *mão fechada* (11,43 % e 8,33 %); *mesquinho/misquinho* (11,43 % e 5,56 %). Diferentemente, as variantes *pão-duro/pão-dura* são bem mais frequentes na fala das mulheres, com 30,56 %, do que na fala dos homens, com 8,57 %, respectivamente. Tem-se a impressão de que as mulheres apresentam alguma resistência em usar as formas *mão de vaca*, *miserável/miserave*, *mão fechada* e *mesquinho/misquinho*, possivelmente porque consideram ser palavras mais grosseiras ou desrespeitosas.

4.3 Variação diageracional

Na Tabela 2, apresentamos as cinco variantes mais produtivas para nomear o mesmo referente de *sovina*, como primeira resposta, nas duas faixas etárias

controladas pelo Projeto ALiB: faixa etária I (18 a 30 anos), faixa etária II (50 a 65 anos). Na faixa etária I, foram obtidas 38 respostas; e na faixa etária II, foram obtidas 33 respostas. Cabe lembrar, como informado acima, que não foi possível a transcrição total dos dados da cidade de Conceição do Araguaia, no Estado do Pará, de Natividade, em Tocantins, e de um dos informantes de Manaus, no Amazonas.

Tabela 2 – Produtividade das cinco variantes de SOVINA mais recorrentes na Região Norte do Brasil na dimensão diageracional

Variantes	**Faixa I**		**Faixa II**	
	Nº de ocorrências	**%**	**Nº de ocorrências**	**%**
mão de vaca	18	47,37 %	10	30,3 %
pão-duro/pão-dura	10	26,32 %	4	12,12 %
miserável/miserave	7	18,42 %	9	27,27 %
mão fechada	3	7,89 %	4	12,12 %
mesquinho/misquinho	0	0 %	6	18,18 %
	38		33	

Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus do ALiB.

De acordo com a Tabela 2, as formas *mão de vaca*, *pão-duro/pão-dura* são mais usadas por informantes mais jovens (faixa etária I) e as formas *miserável/miserave*, *mão fechada* e *mesquinho/misquinho* são mais usadas pelos informantes mais velhos (faixa etária II). Essa diferença é relativamente alta, principalmente, no emprego de *mão de vaca* (47,37 % nos mais jovens e 30,3 % nos mais velhos) e de *pão-duro/pão-dura* (26,32 % nos mais jovens e 12,12 % nos mais velhos). Diferentemente, há um relativo equilíbrio no uso de *miserável/miserável* (18,42 % nos mais jovens e 27,27 % nos mais velhos) e de *mão fechada* (7,89 % nos mais jovens e 12,12 % nos mais velhos). A variante *mesquinho/misquinho* somente foi registrada na faixa etária II.

Esses dados parecem indicar que *mão de vaca*, *pão-duro/pão-dura* apresentam grande vitalidade, não só porque são as formas mais usadas para se referir à pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, mas também e principalmente porque são as formas preferidas pelos informantes mais jovens. Em sentido oposto, a variante *mesquinho/misquinho*, além de apresentar baixo número de ocorrências, somente foi empregado pelos informantes mais velhos.

Considerações finais

Na Região Norte do Brasil existem várias formas de se falar sobre a pessoa que não gosta de gastar o próprio dinheiro. Conforme exposição nos Quadros, Tabelas e Mapas, foram descritas grafematicamente 48 variantes, levando-se em consideração as formas originais enunciadas pelos informantes, ou seja, formas linguísticas realizadas pelos falantes sobre as quais não se fez originalmente nenhum ajuste ortográfico ou qualquer outra alteração.

Em se tratando da norma utilizada pelo falante, devido à alta frequência e distribuição regular na Região Norte, houve destaque para a variante *mão de vaca,* que foi registrada em todos os 22 pontos de inquérito. Além dessa variante, obtiveram ocorrências expressivas em quase em todas as cidades as variantes lexicais *pão-duro, miserável e mão fechada.* Por outro lado, a realização lexical de *sovina,* a variável lexical utilizada como lema da pergunta no ALiB*,* foi pouco produtiva na Região Norte o Brasil. No total, *sovina* e suas formas alternantes *suvino* e *suvina* somaram 11 ocorrências.

Como afirmado anteriormente, estavam inaudíveis os dados de Conceição do Araguaia, no Estado do Pará, Natividade, no Estado do Tocantins, e de um informante na cidade de Manaus, no Estado do Amazonas. Por isso, não foi possível uma descrição completa das 24 cidades selecionadas como ponto de inquérito do ALiB.

Devido à elevada poliformia para nomear o mesmo referente de *sovina* no contexto amazônico, cujas formações são derivacionais, composicionais e de extensão semântica, foi difícil representar no Mapa1 todas as 48 variantes com as respectivas legendas e dados em número percentual. Os falantes usaram formas simples e compostas, por meio de estratégias de comparação, analogia, extensão semântica para criar novas palavras e perífrases a partir de bases substantivas, na maioria das formações lexicais, o que caracteriza o processo de economia linguística usado pelo falante para não sobrecarregar o sistema linguístico, neste caso o Português do Brasil.

Na descrição diatópica, incluindo cartas de arealidade simples e de arealidade gradual,

Quanto à dimensão diassexual, considerando apenas as cinco formas mais recorrentes, como primeira resposta, verifica-se que as variantes *pão-duro/ pão-dura* são bem mais frequentes na fala das mulheres, com 30,56 %, do que na fala dos homens, com 8,57 %. Quanto as variantes *mão de vaca, miserável/ miserave, mão fechada, mesquinho/misquinho*, há relativo equilíbrio de uso entre homens e mulheres, embora com pequena vantagem para aqueles.

Ao examinar as mesma cinco variantes na fala de informantes mais jovens (faixa etária I) e informantes mais velhos (faixa etária II), constata-se que as formas *mão de vaca*, *pão-duro/pão-dura* são mais usadas por informantes da faixa etária I, e as formas *miserável/miserave*, *mão fechada* e *mesquinho/misquinho* são mais usadas pelos informantes da faixa etária II. A variante *miserável/miserável*, por sua vez, apresenta equilíbrio de uso nas duas faixas etárias.

Por se tratar de estudo restrito à Região Norte do Brasil com base em dados fornecidos pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, resta a possibilidade de explorar os resultados com os dados das demais regiões, não só para demonstrar a existência de áreas dialetais associadas a determinadas variantes linguísticas, mas também para verificar a vitalidade das formas documentadas.

Referências

Almeida, G. M. de B.; Correia, M. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Barbosa, M. A. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científico. *In anais do IV encontro nacional da ANPOLL*. Recife: ANPOLL, 1989.

Cardoso, S. A. M. *et al. Documentos 4*. Salvador: Vento Leste, 2013.

Chambers, J. K.; Trudgill, P. *La dialectologia*. Traducción: Carmen Morán Gonzalez. Espanha. Madrid: Visor Libros, 1994.

Houaiss, A. *et al*. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Radtke, E; Thun, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: Radtke, E.; Thun, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25–49.

Seabra, R. D.; Romano, V. P.; Oliveira, N. 2014. **[SGVCLin]** – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

Thun, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology*. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701–729, 1998.

Thun, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, P.; Schmidt, E. J.(eds.). *Language and space:* An International Handbook of Linguistic Variation. v. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706–723.

Elisa Battisti

"Aqui não se fala assim": O contato do português com línguas italianas de imigração no Brasil e o refreio a processos fonológicos variáveis

Abstract: The chapter deals with the contact of Portuguese, the majority language in Brazil, with Italian dialects introduced in the country between the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century by Italian immigrants from different regions of Italy. The variety of Brazilian Portuguese (BP) spoken in the former Italian colonial region of Rio Grande do Sul (RCI-RS), a state located in southern Brazil, is analyzed. Altenhofen & Margotti's (2011) notions of *contact Portuguese* and *immigration language* are mobilized in the discussion of variable phonological processes that are in rapid progress in other varieties of Brazilian Portuguese, such as regressive palatalization of alveolar plosives /t, d / by high front vowel, but progress more slowly in the BP of the RCI-RS. In addition, phonic interference peculiar to bilingual speech contributes to the formation of a local accent that identifies the 'gringo' (foreigner) speech and, thus, to the dialectalisation of the Portuguese spoken in Rio Grande do Sul.

Keywords: language contact, contact Portuguese, Brazilian Portuguese, Italian immigration languages, phonological variation.

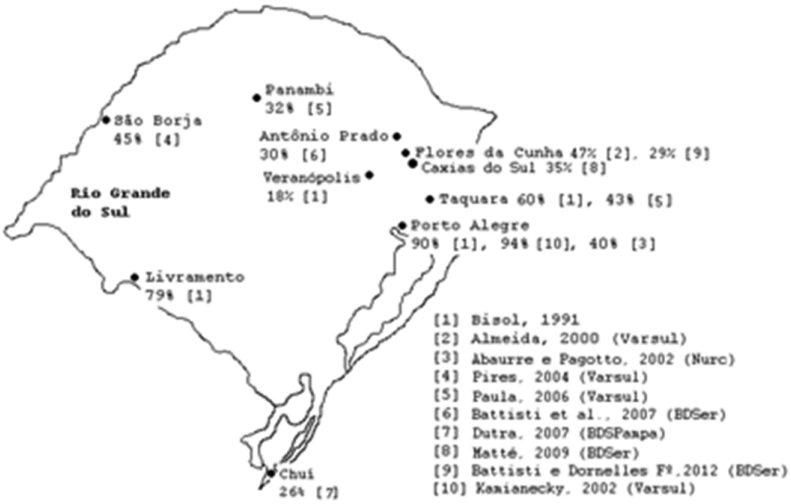
A afirmação no início do título deste trabalho foi endereçada à pesquisadora quando ela estava em campo entre 2008 e 2009, realizando entrevistas sociolinguísticas[97] na zona rural do município brasileiro de Flores da Cunha,[98] fundado por imigrantes italianos no final do século XIX, à nordeste do estado do Rio Grande do Sul. A informante, mulher do grupo etário de 51 a 70 anos, conduzia a pesquisadora à saída de sua propriedade após a entrevista, conversando sobre generalidades. Uma neta da informante, menina em torno de 8 anos de idade, acompanhava a dupla e escutava a conversa. Em certo ponto, a mulher contou à pesquisadora que outra de suas netas cursava Direito e a pesquisadora exclamou:

Pesquisadora: – [ʤ]ireito, que bacana!
Nesse ponto, a menina intervém e corrige:
Menina: – Não é [ʤ]ireito, é [d]ireito.
E completa:
Menina: – Aqui, ninguém fala assim.

Esse acontecimento ilustra, em primeiro lugar, o comportamento avaliativo explícito que os falantes podem exibir em relação a formas linguísticas cuja realização divirja daquela habitualmente observada em sua comunidade de fala. Pela sociolinguística variacionista laboviana (Labov, 1972, 1994, 2001, 2010), seguida neste trabalho, tal comportamento baseia-se em *normas* de uso localmente compartilhadas, as quais dirigem não só a aplicação ordenada de processos variáveis nas comunidades de fala, mas também a percepção de semelhanças e diferenças linguísticas entre falantes de estratos sociais e comunidades distintas.

Em segundo lugar, o fato relatado introduz o tema deste trabalho: os efeitos do contato entre o português brasileiro (PB) e línguas italianas de imigração. Temos mostrado (Battisti, 2011, 2016, Battisti & Santos, 2024) que, em comunidades de fala como Flores da Cunha, o contato não só promove a transferência ao PB de traços das línguas de imigração, inesperados nas variedades de PB – como a realização alveolar das fricativas palatoalveolares /ʃ, ʒ/ – *bola[ʃ]a~bola[s]a* 'bolacha', *[ʒ]ogo~[z]ogo* 'jogo' (Frosi & Mioranza, 1983) – mas também refreia processos fonológicos de variação e mudança linguística não originados no contato, avançados em outras variedades de PB. No fato relatado, a menina estranha a palatalização das oclusivas alveolares /t, d/ diante de vocoide anterior alto – vogal alta subjacente /i/ (*[t]ia~[tʃ]ia, [d]ia~[ʤ]ia*), vogal [i] elevada de /e/ em sílaba átona (*gen[te]~gen[tʃɪ], on[de]~on[ʤɪ]*), semivogal [j] (*pá[tj]o~pá[tʃj]o* 'pátio', *ó[dj]io~ó[ʤj]o* 'pátio'). A palatalização é processo urbano e suprarregional no Brasil (Noll, 2008), observado nas diversas variedades de PB (Cardoso et al., 2014). No Rio Grande do Sul, a palatalização aplica-se em menores proporções no interior, em maiores índices em Porto Alegre, capital do estado (Figura 1).

Figura 1. Proporções totais de palatalização em comunidades do Rio Grande do Sul
Fonte: Battisti (2014)



O estranhamento da menina conforma-se ao contraste capital-interior acima referido. Na zona rural de Flores da Cunha, onde a menina reside, subsiste o bilinguismo PB-línguas italianas de imigração. A proporção total de palatalização é de 21 % na zona rural, 38 % na zona urbana de Flores da Cunha (Battisti & Dornelles Filho, 2012). Em Porto Alegre, onde atua a pesquisadora, a palatalização supera os 90 % de aplicação (Bisol, 1991; Kamianecky, 2002). Nesse sentido, nossa visão (Battisti, 2016) é a de que:

> A aplicação moderada desses processos [generalizados no PB] e a ocorrência de interferências fônicas peculiares à fala bilíngue contribuem para a constituição de um sotaque local identificador da fala do 'gringo' e, como vimos defendendo (Battisti, 2011), promotor da dialetação do português falado no Rio Grande do Sul. A RCI-RS, mais do que uma divisão geopolítica, revela ser uma comunidade de fala (Labov, 1972, 1994): os subgrupos populacionais que a integram, distribuídos nos diferentes municípios, partilham normas de uso da língua e atitudes relativas ao emprego das formas linguísticas, tendo como pano de fundo uma sócio-história comum, similar vocação econômica e orientação positiva aos elementos da base étnica italiana. (Battisti, 2016, p. 161).

Na RCI-RS, portanto, fala-se o que Altenhofen & Margotti (2011) definem como *português de contato*, nesse caso com *línguas de imigração*, outra noção teórica proposta pelos autores. Neste volume, que celebra os sessenta anos de vida do

colega Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS, Brasil), retomarei inicialmente essas duas noções, propostas pelo homenageado em coautoria com o colega Felício Wessling Margotti (UFSC, Brasil). Ambas as noções são pertinentes ao tratamento da variação linguística no PB da RCI-RS. Depois, ilustrarei o que aqui chamo de *refreio* de processos fonológicos, observado no PB de contato, com resultados de Battisti & Dornelles Filho (2015) e Battisti & Santos (2024).

1 O português de contato com as línguas de imigração faladas no Brasil

Altenhofen & Margotti (2011, doravante A&M) ampliam a questão dos contatos linguísticos ocorridos no Brasil ao proporem a noção de *línguas de imigração*. Na formação sócio-histórica do país, os contatos iniciais deram-se "…entre o português e as línguas indígenas e africanas nos três primeiros séculos da história brasileira, durante a era colonial, …" (Mello, 2011, p. 182). Já "…o contato entre o português e outras línguas indo-europeias ocorreu mais tardiamente e [foi] inicialmente focalizado no Sul do Brasil." (Mello, 2011, p. 182). Segundo A&M, as descrições do PB geralmente contemplam a influência africana e indígena, dando "pouca atenção ao papel do contato entre línguas de imigração e o português." (Altenhofen & Margotti, 2011, p. 293). A&M veem, assim, a necessidade de desenvolver uma linha de pesquisa das línguas de imigração, o que implica esclarecer o próprio termo no contexto sociolinguístico brasileiro.

Em termos de *status,* língua de imigração é uma língua minoritária vinda "de fora" (*alóctone*), diferente do português, língua oficial e majoritária no Brasil. Línguas africanas não são abrangidas pela noção porque, de acordo com A&M, as populações africanas não entraram no Brasil por processo imigratório, mas porque foram escravizadas. Acrescente-se a isso o fato de as línguas africanas não serem efetivamente faladas no Brasil hoje (Petter, 2005). Quanto ao período e à localização do processo imigratório, as línguas de imigração ingressaram no país entre os séculos XIX e XX e concentram-se no Sul do Brasil. Conforme os autores, há 30 línguas de imigração no país, sendo as de matriz alemã e italiana aquelas que concentram o maior número de bilíngues, descendentes provavelmente de oitava (alemães) e sexta (italianos) gerações dos imigrantes.

Português de contato é, segundo A&M, o português da comunidade bilíngue. Corresponde à "…uma variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área." (Altenhofen & Margotti, 2011, p. 297–298). Em termos de percepção, tal variedade é reconhecida porque "as

pessoas de um determinado lugar falam português de um jeito diferente" (Altenhofen & Margotti, 2011, p. 298), o que elas mesmas atribuem ao contato com línguas de imigração. A ausência de palatalização de /t/ e /d/ diante de vocoide alto e a realização de r-fraco (tepe alveolar) em lugar de r-forte (vibrante múltipla alveolar ou suas variantes fricativas) – *ca[r]o* em lugar de *ca[r]o~ca[x]o~ca[h]o* 'carro' – são dois dos traços fonético-fonológicos apontados por A&M como característicos do português de contato tanto com o adstrato alemão quanto com o adstrato italiano.

As noções propostas por A&M são relevantes para os estudos sociolinguísticos de variação realizados em comunidades de fala do Sul do Brasil em dois importantes aspectos. De um lado, a noção de *línguas de imigração* reconhece a existência, ainda em nossos dias, de grupos expressivos de falantes de línguas transplantadas ao Brasil em um processo imigratório iniciado há quase duzentos anos. Ou seja, tem havido transmissão geracional dessas línguas, cujo uso é predominantemente oral. De outro, a noção de *português de contato* tipifica variedades de PB. Registra a motivação de peculiaridades locais e assim explica certos padrões de fala e tendências particulares de variação e mudança, como mostraremos a seguir.

2 O refreio à progressão de processos de variação e mudança linguística no português de contato da RCI-RS

Battisti e Dornelles Filho (2012) investigaram a palatalização de /t/ e /d/ em Flores da Cunha (RS) com dados de quarenta e oito entrevistas sociolinguísticas do BDSer[99]. Verificaram uma proporção total de aplicação da regra de 29 %. O processo mostrou-se condicionado tanto linguística quanto socialmente: jovens, vogal alta fonológica, habitantes de zona urbana e consoante-alvo desvozeada favorecem a palatalização. Embora os autores tenham constatado que o processo tende a progredir na comunidade, o estudo da rede social dos informantes revelou que a alta densidade da rede, nucleada por informantes de grupos etários mais idosos, refreia a palatalização. Outra etapa do estudo, de natureza etnográfica, mostrou que os habitantes de Flores da Cunha, em especial os jovens, realizam práticas sociais inovadoras ao lado de práticas tradicionais, introduzindo a palatalização na comunidade. O emprego das formas palatalizadas é valorado como não local e é relativamente prestigiado.

Comparando-se a proporção total de aplicação da regra com a de estudo anterior, em outra amostra – 47 % de palatalização nos dados do VARSUL[100] (Almeida, 2000), coletados em 1990, e 29 % (Battisti & Dornelles Filho, 2012) nos do BDSer, coletados em 2008 e 2009 – o processo pareceria estar em

regressão, o que instauraria um paradoxo, já que ambas as análises registram a tendência de progressão da palatalização na comunidade. No entanto, esses resultados derivam de diferenças no desenho das análises: da codificação das formas palatalizadas, mas não africatizadas, registradas como não aplicação da regra em Battisti & Dornelles Filho (2012); e da presença, entre os contextos de aplicação da regra considerados por esses autores, de dados com vogal /e/ não-elevada em posição átona.

A análise em tempo real empreendida por Battisti & Dornelles Filho (2015) com dados de Flores da Cunha do VARSUL e do BDSer eliminou essas diferenças analíticas. Usou igual número de entrevistas, informantes com a mesma estratificação por idade, o mesmo critério de registro de aplicação-não aplicação da regra, e considerou apenas dados com vogal /e/ em sílaba átona em que houve a efetiva elevação da vogal. Empreendeu-se análise em tempo real, estudo de tendência, em dados de doze entrevistas sociolinguísticas de informantes de Flores da Cunha do VARSUL realizadas em 1990 e doze do BDSer realizadas de 2008 a 2009. Controlaram-se três grupos etários (25 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60 ou mais anos) e distribuíram-se os informantes por sexo/gênero (masculino e feminino).

Os dados levantados das vinte e quatro entrevistas foram codificados conforme as seguintes variáveis: (a) Dependente: palatalização de /t d/ desencadeada por vogal anterior alta subjacente /i/ *(tia~[tʃ]ia, dia~[dʒ]ia)* ou por [ɪ] derivado de /e/ em sílaba átona (*gente~gen[tʃɪ], onde~on[dʒɪ]*); (b) Independentes – sociais: Idade (25–39, 40–59, 60 ou mais anos) e Sexo/Gênero (feminino, masculino); Independentes – linguísticas: Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, *Status* da Vogal Alta, Qualidade da Consoante-Alvo, Posição da Sílaba na Palavra, Tonicidade. Os dados codificados foram então submetidos ao pacote de programas VARBRUL, versão Goldvarb X, para análise de regra variável (Labov, 1972), com que se buscou verificar se, no intervalo de vinte anos, a palatalização teria progredido na comunidade, se a tendência à progressão da regra ainda se manteria, como também as variáveis condicionadoras do processo.

A análise quantitativa realizada por Battisti e Dornelles Filho (2015) em 7944 dados de fala de Flores da Cunha, 4710 levantados de entrevistas do VARSUL e 3234 de entrevistas do BDSer, mostrou que a tendência a palatalizar aumentou na comunidade nos últimos vinte anos: o valor de *Input* (numa escala e 0 a 1) sobe de 0,37 na amostra VARSUL e para 0,53 na amostra BDSer. A proporção total de aplicação da regra em cada amostra conforma-se à tendência expressa pelos valores de *Input*: foi de 41,7 % nos dados do VARSUL e de 51,7 % nos dados do BDSer.

Das variáveis linguísticas, as mais significativas foram *Status* da vogal alta e Qualidade da consoante-alvo. Na variável *Status* da vogal alta, o fator Vogal alta fonológica /i/ condiciona a palatalização nas duas amostras, do VARSUL (0,62 de peso relativo) e do BDSer (0,66), o fator Vogal alta fonética desfavorece a aplicação da regra (0,33 no VARSUL, 0,29 no BDSer). Em vinte anos, nota-se um leve aumento no distanciamento dos pesos relativos das duas vogais, o que parece indicar que o sistema da comunidade está fixando a distinção entre os tipos de vogal-gatilho, fonológica ou fonética/derivada, com a seleção do primeiro. Isso colabora para o estabelecimento do padrão local, *com palatalização, mas moderada*. Na variável Qualidade da consoante-alvo, o fator consoante desvozeada /t/ condiciona a palatalização (0,59 no VARSUL, 0,55 no BDSer), o fator consoante vozeada /d/ desfavorece (0,39 no VARSUL, 0,44 no BDSer). Percebe-se uma aproximação nos pesos relativos dos dois fatores, sugerindo a possibilidade de a distinção entre as consoantes vir a se desfazer futuramente, com o incremento na aplicação da regra.

O controle da variável Idade nas duas amostras confirma que a palatalização de /t/ e /d/ é mudança em progresso em Flores da Cunha: os pesos relativos dos grupos etários mais jovens são maiores do que os pesos dos grupos mais idosos. O grupo etário mais jovem desponta na amostra mais recente: 25 a 39 anos – 0,58 no VARSUL, 0,81 no BDSer; 40 a 59 anos – 0,49 no VARSUL, 0,22 no BDSer; 60 ou mais anos – 0,41 no VARSUL, 0,22 no BDSer. A explicação para os resultados do grupo etário mais jovem pode estar no fato de os jovens de Flores da Cunha terem, hoje, mais mobilidade territorial: deslocam-se a centros urbanos maiores para estudar, trabalhar e, eventualmente, para atividades de lazer. Assim, aumentam as oportunidades de interação com pares de outras comunidades, tornando sua fala suscetível a inovações como a palatalização.

Em relação à variável Sexo/Gênero, os pesos relativos obtidos na análise das duas amostras revelam que o fator feminino condiciona a palatalização em Flores da Cunha: feminino com 0,78 no VARSUL, 0,62 no BDSer; masculino com 0,20 no VARSUL, 0,31 no BDSer. Não só o aumento do peso relativo em vinte anos, como o incremento nas proporções de aplicação do fator masculino são significativos: houve aumento de 17 % para 40 % de palatalização pelo fator masculino do VARSUL para o BDSer, e diminuição de 65 % para 59 % de palatalização pelo fator feminino. A análise estatística complementar, fundamentada nos pressupostos labovianos de mudança geracional e assimetria na transmissão linguística, auxilia a compreender os efeitos do fator masculino.

De acordo com Labov (1994, p. 83) e o pressuposto da mudança geracional (*generational change*, em inglês), nosso sistema fonológico está definido na juventude e se estabiliza na vida adulta. Mudanças linguísticas resultam de

mudanças na comunidade[101]. Já pelo pressuposto da assimetria na transmissão linguística (*asymmetry of language transmission,* em inglês) de Labov (2010, p. 198), homens da geração mais velha (geração 1) não se envolvem na mudança, homens entre 30 e 50 anos (geração 2) são os primeiros a terem mães afetadas pelos processos e mostram um incremento rápido nos valores de aplicação equivalentes aos de suas mães (entre 50 e 70 anos de idade). Assim, homens estarão cerca de uma geração atrás de suas mães até o fim do processo, quando a diferença de sexo/gênero diminui. É o que pode explicar a eventual aproximação nos índices dos fatores feminino e masculino num intervalo de tempo.

Battisti e Dornelles Filho (2015) consultaram as Fichas Sociais dos vinte e quatro informantes que forneceram dados para a análise (quantitativa) em tempo real, buscando a idade declarada pelo informante no momento da entrevista. Seguindo o pressuposto da mudança geracional, tomaram (arbitrariamente) a idade de quinze anos como aquela em que o sistema fonológico se estabilizaria e calcularam o ano em que cada informante tinha quinze anos. Com essa informação, procederam a uma regressão logística da aplicação da palatalização em função da idade de estabilização e da idade estratificada por sexo/gênero (Figura 2).

Na Figura 2, 1990 refere-se a informantes do VARSUL, 2008, a informantes do BDSer. A regressão logística cobre um período de quase cem anos. A curva de regressão mostra que, à medida que o tempo passa, incrementa-se a proporção de palatalização. O sistema fonológico adquirido pelos florenses vem apresentando índices maiores de palatalização nas sucessivas gerações.

Os efeitos da variável Sexo/Gênero são visíveis na Figura 3, que traz o resultado da regressão logística estratificado nos fatores feminino e masculino.

Figura 2. Regressão logística da aplicação de palatalização em função da data de estabilização linguística do informante (dados totais)
Fonte: Battisti e Dornelles Filho (2015)

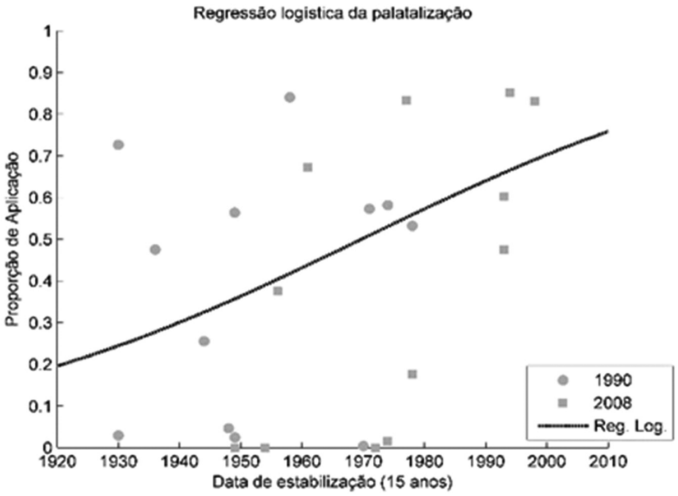
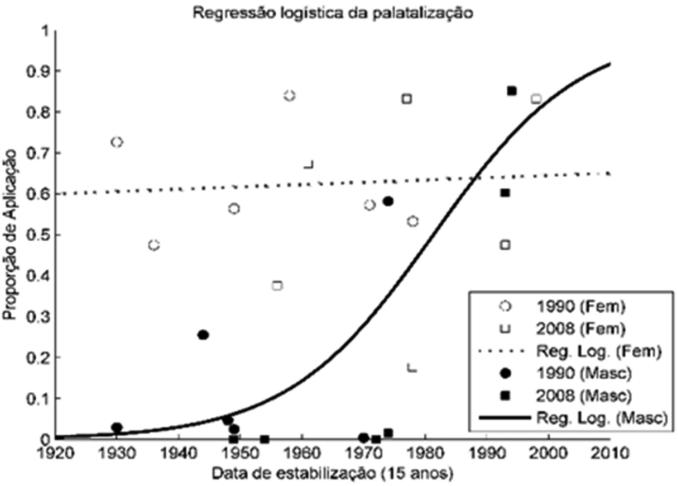


Figura 3. Regressão logística da ocorrência de palatalização em função da data de estabilização linguística do informante (estratificação por sexo/gênero)
Fonte: Battisti e Dornelles Filho (2015)



Na Figura 3, a linha de regressão pontilhada mostra que a aplicação da regra pelo fator feminino é mais alta do que a aplicação pelo fator masculino, mas se mantém praticamente estabilizada em quase cem anos. E, há quase cem anos, já havia palatalização na fala de mulheres quando o processo era inexistente na fala dos homens. É o que mostra a linha de regressão escura, que representa, além disso, o rápido aumento da palatalização pelo fator masculino entre os anos 1950 e 1990. Se houve progressão da regra por sexo/gênero, ela ocorreu na fala masculina, como parte do padrão previsto pelo pressuposto da assimetria na transmissão linguística.

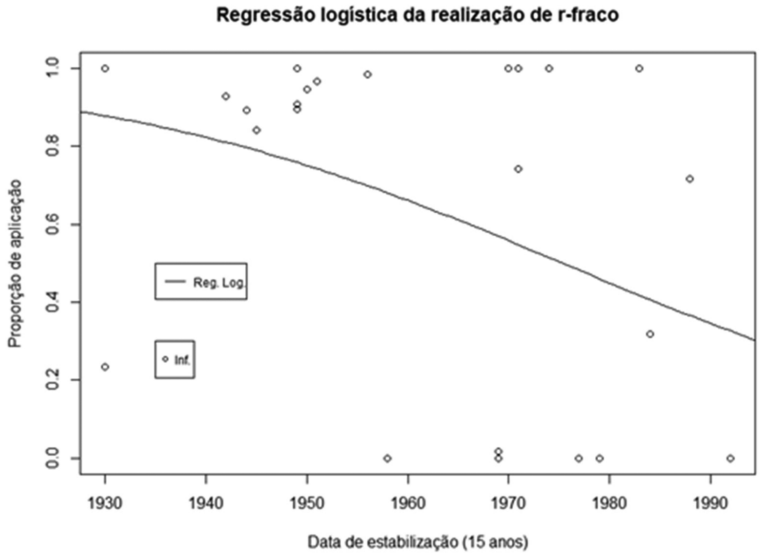
Battisti & Santos (2024) analisam em tempo real outra variável no português de contato de Flores da Cunha, a realização de r-fraco em contexto de r-forte, estereotipada nos falares locais de PB (Santos, 2001; Frosi, Faggion & Dal Corno, 2017). Como a palatalização, que vêm progredindo no PB de Flores da Cunha em um padrão de mudança geracional em direção ao nivelamento com o PB supralocal, as autoras verificam que a realização de r-fraco em contexto de r-forte também se orienta ao padrão supralocal de PB, mas na direção oposta, a do declínio de realização da variável.

As autoras realizam análise em tempo real com o programa R na interface RStudio. Analisam 1072 dados levantados de doze entrevistas do VARSUL, 769 dados levantados de doze entrevistas do BDSer, considerando-se as seguintes variáveis: (a) Variável resposta: *realização de r-fraco em contexto de r-forte*, codificada *sim* para aplicação da regra, *não* para não aplicação da regra; (b) Variáveis previsoras (i) sociais: Idade (25–39, 40–59, 60 ou mais anos), Gênero (feminino, masculino); (ii) linguísticas: Posição da Sílaba, Tonicidade da Sílaba, Número de Sílabas. Os dados são também codificados para as variáveis Informante e Palavra, incluídas como variáveis aleatórias nos modelos estatísticos de efeitos mistos. Os resultados da análise em tempo real não confirmam o atestado em análises anteriores (Battisti & Martins, 2011; Azeredo, 2012): não se verifica declínio da realização de r-fraco no contexto de r-forte em cerca de 20 anos – as proporções totais observadas são 66 % (707/1072) nos dados do VARSUL, 65 % (503/769) nos dados do BDSer – tampouco atesta-se a correlação com Gênero e Idade. A única hipótese confirmada é a de Posição da Sílaba, com o fator Medial favorecendo a realização de r-fraco em contexto de r-forte.

Esses resultados são paradoxais. Em cerca de 20 anos, se de um lado se verifica a existência, na amostra mais recente, de quem não fale, tampouco entenda as línguas italianas de imigração, de outro a realização variável de r-fraco em contexto de r-forte está presente mesmo no PB de quem não fala línguas italianas de imigração. Os resultados parecem sugerir que a variável esteja se incorporando ao PB da comunidade e funcionando como traço marcador de

identidade local, como observa Curioletti (2021) no PB de Planalto, interior de Concórdia (SC), onde a variável goza de prestígio relativo e é empregada em variadas trocas linguísticas, nas práticas sociais cotidianas. Assim, a despeito da estereotipia em torno da variável, é possível que ela venha ganhando prestígio local. A análise da variável em função da idade de estabilização do sistema fonológico, efetuada por Battisti & Santos (2024) repetindo os procedimentos de Battisti & Dornelles Filho (2015), lança luz à discussão (Figura 4).

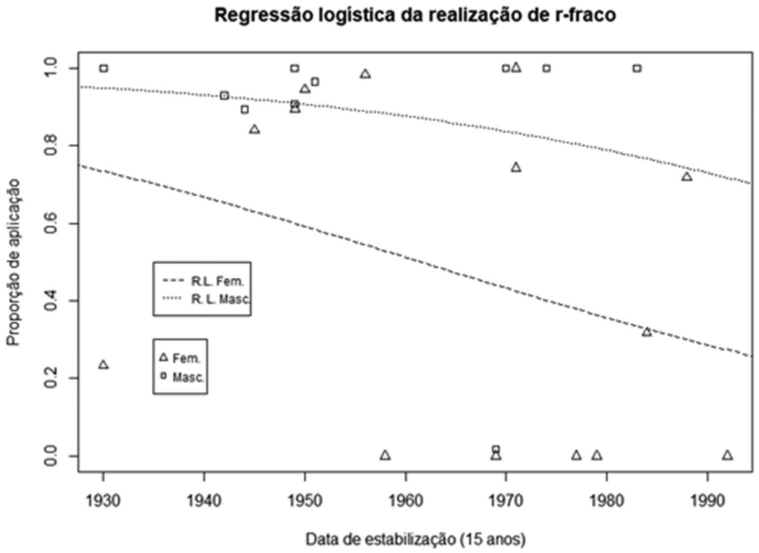
Figura 4. Regressão logística da aplicação de r-fraco em contexto de r-forte em função da data de estabilização linguística do informante (dados totais)
Fonte: Battisti & Santos (2024)



A Figura 4 refere-se aos dados totais (VARSUL e BDSer juntos) e mostra que a regressão cobre um período de oitenta anos. A curva de regressão logística revela que, à medida que o tempo passa, declina a proporção de aplicação de r-fraco em contexto de r-forte no PB de Flores da Cunha. Esse resultado indica que o sistema fonológico adquirido pelos florenses estaria apresentando índices menores de aplicação da regra nas sucessivas gerações. Como explicar, então, as proporções totais bastante similares entre as amostras VARSUL e BDSer observadas na análise em tempo real? Uma primeira resposta está no recorte temporal: essas amostras referem-se às duas últimas décadas do período. Outra

resposta está no comportamento distinto de subgrupos de falantes, como revela a análise de regressão da realização variável por Gênero e data de estabilização linguística do sistema fonológico do informante (Figura 5). A linha de regressão pontilhada mostra que a aplicação da regra pelo fator masculino é mais alta do que a aplicação pelo fator feminino (linha de regressão tracejada), e se mantém praticamente estabilizada em quase oitenta anos.

Figura 5. Regressão logística da aplicação de r-fraco em contexto de r-forte em função da data de estabilização linguística do informante (estratificação por gênero)
Fonte: Battisti & Santos (2024)



A Figura 5 mostra que tanto informantes do gênero masculino quanto feminino vêm reduzindo a realização de r-fraco em contexto de r-forte, mas o declínio é maior entre as mulheres. Esse padrão conforma-se ao pressuposto laboviano da assimetria na transmissão linguística. Mesmo assim, não se observa uma queda acentuada nas proporções de aplicação do processo ao longo do período em nenhum dos fatores. Os resultados da análise pela idade de estabilização do sistema fonológico, portanto, indicam que o declínio na realização de r-fraco em contexto de r-forte segue um padrão de mudança geracional (declínio gradual nas proporções de aplicação da regra de geração a

geração), o que se contrapõe à hipótese de declínio acentuado de traços estereotipados, geralmente confirmada em análises de variedades de contato.

3 Considerações finais

Nossos estudos sobre variação fonológica comprovam, portanto, a existência de traços peculiares ao PB de contato com línguas italianas de imigração. Entre esses traços, estão realizações exclusivas ao contato, como a de r-fraco em contexto de r-forte, e realizações comuns às distintas variedades de PB, mesmo àquelas em que não houve o contato com línguas de imigração, como as formas palatalizadas. Interessante, nesses traços, é o fato de ocorrerem em padrões moderados de progressão (na palatalização) e de declínio (na realização de r-fraco em contexto de r-forte). Trata-se de um refreio à variação e mudança que caracteriza o PB de contato e contribui para a instanciação de sotaques e dialetos locais, acompanhando padrões socioeconômicos e culturais que, no caso da comunidade examinada neste trabalho, celebram e preservam a italianidade, associada à história da imigração.

Tratar de *línguas de imigração* e *português de contato* mostra-se, assim, social e cientificamente relevante. Essas são noções que cabe não apenas situar entre as contribuições teóricas do colega homenageado neste volume, mas também empregar em investigações sobre os padrões de variação e mudança linguística no PB do Sul do Brasil, produzidos conforme normas de uso locais e percebidos como índices de identidade regional.

Referências

Almeida, M. A. B. de. (2000). *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Altenhofen, C. V., & Margotti, F. W. (2011). O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In H. Mello, C. V. Altenhofen & T. Raso (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil* (pp. 289–315). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Azeredo, P. S. (2012). *A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilíngue de Flores da Cunha (RS).* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Battisti, E. (2011). Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial

italiana do Rio Grande do Sul. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários* 8, 103–124.

Battisti, E. (2014). Palatalização de T e D. In L. Bisol & E. Battisti (Org.). *O português falado no Rio Grande do Sul* (pp. 105–120). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Battisti, E. (2016). Variação linguística e o português falado na RCI-RS. In V. M. Frosi, & B. Misturini (Org.). *Imigração italiana: estudos e pesquisas* (Parte IV, Cap. 1, pp. 160–176). São Leopoldo: Oikos.

Battisti, E. & Dornelles Filho, A. A. (2012). Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): Variação linguística e práticas sociais. *ALFA: Revista de Linguística* 56 (3), 1117–1149.

Battisti, E. & Dornelles Filho, A. A. (2015). Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista da ABRALIN* 14 (01), 221–246.

Battisti, E., & Martins, L. B. (2011). A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas. *Cadernos do IL* 42, 146–158.

Battisti, E., Othero, G. & Flores, V. do N. (2021). *Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais.* São Paulo: Contexto.

Battisti, E., & Santos, B. S. dos (2024). Patterns of progression of sound changes in a variety of Portuguese in contact with Italian immigration languages in Southern Brazil. *Journal of Portuguese Linguistics* 23, pp. 1–25. DOI: https://doi.org/10.16995/jpl.8924

Bisol, L. (1991). Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language* 89, 107–124.

Cardoso, S. A. M. da S. et al. (2014). *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina, EDUEL.

Curioletti, D. S. S. (2021). *A realização variável de /r/ em onset silábico no português falado por ítalo-brasileiros do distrito de Planalto, Concórdia (SC): produção e percepções linguísticas.* Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Frosi, V. M., Faggion, C. M., & Dal Corno, G. O. M. (2017). Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. *Revista da ABRALIN* 7(2), 139–167.

Frosi, V. M., & Mioranza, C. (1983). *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul.* Caxias do Sul, EDUCS.

Harrington, J. (2006). An acoustic analysis of 'happy-tensing' in the Queen's Christmas broadcasts. *Journal of Phonetics* 34, 439–457.

Kamianecky, F. (2002). *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa.* Dissertação

de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Labov, W. (1994). *Principles of linguistic change. Volume 1: Internal factors.* Cambridge/Oxford: Blackwell.

Labov, W. (2001). *Principles of linguistic change. Volume 2: Social factors.* Malden/Oxford: Blackwell.

Labov, W. (2010). *Principles of linguistic change. Volume 3: Cognitive and cultural factors.* Malden/Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell.

Mello, H. (2011). Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In H. Mello, C. V. Altenhofen & T. Raso (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil* (pp. 173–185). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Noll, V. (2008). *O português brasileiro: formação e contrastes.* São Paulo: Globo.

Petter, M. M. T. (2005). Línguas africanas no Brasil. *Gragoatá* 19, 193–217.

Santos, S. R. P. dos. (2001). *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Vanderci de Andrade Aguilera

Variação lexical em diferentes sincronias: De Bunse a Altenhofen – o caso de "funda" e de "bodoque"

Abstract: The history of Geolinguistics in Brazil, which began with the first drafts of linguistic maps (Teixeira, 1944), went through the most elaborate atlases, such as the Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi, 1963) and other state atlases, and reached its peak with the Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Cardoso et al, 2014). In this set, the only regional atlas conceived and produced in Brazil stands out: the Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (Altenhofen; Klassmann 2011). In this light, this article aims to study the lexical realizations that cover the concept of a throwing weapon consisting of a pitchfork fitted with a pair of rubber bands attached to a leather tongue, with which stones are thrown to kill birds, in works geolinguistics developed in different synchronies, including Bunse and Klassmann (1969), Altenhofen and Klassmann (eds.) (2011) and the unpublished ALiB data collected in the sixteen municipalities of Rio Grande do Sul.

Keywords: lexicon from Rio Grande do Sul, diatopic variation, diachronic variation.

Apresentação

A história da Geolinguística no Brasil, iniciada pelos primeiros esboços de cartas linguísticas (Teixeira, 1944), passa pelos atlas mais elaborados, como o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963) e demais atlas estaduais e atinge seu apogeu com o Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso et al, 2014). Nesse conjunto, destaca-se o único atlas regional até hoje concebido e realizado no Brasil: o Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011).

Desde as primeiras propostas metodológicas para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, Silva Neto (1957) e Nascentes (1958-1961) atentaram para os instrumentos de coleta de dados. A importância do questionário é ressaltada já na Apresentação do Guia para Estudos Dialetológicos (Silva Neto, 1957) pelo editor da obra:

> Atendendo a um convite do I.N.P.A.[48], o professor Serafim da Silva Neto, catedrático de filologia românica da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, proferiu um curso em Manaus, preparando uma equipe que poderá

> ser utilizada para o inquérito que está sendo programado visando à carta lingüística dialetal do País. As aulas dadas, a que juntou um esboço de inquérito lingüístico, contribuição de seus alunos naquele curso, compõem o volume que editamos agora, certos de que divulgando-as, presta o I.N.P.A um serviço ao desenvolvimento intelectual do Brasil (Silva Neto, 1957, p. 5).

Silva Neto (1957) dedica uma seção para tratar do inquérito linguístico e inicia expondo sobre os dois tipos: inquérito por correspondência e *in loco*, ressaltando as vantagens deste sobre aquele. Esclarece, também, que as perguntas de um questionário incidem sobre as mais variadas atividades cotidianas e precisam agrupar-se em "esferas semânticas": (i) a Terra, (ii) os Animais e (iii) o Homem. Esta última vem subdividida em onze "subesferas", entre as quais inclui festas populares, divertimentos, jogos e brinquedos infantis, cantigas de roda, cantigas de ninar, a vida musical, as cores. No entanto, no *Esbôço de Questionário* (*1ª Tentativa*), Silva Neto (1957, p. 47–51), no item *Festas populares e divertimentos* não há referência a brinquedos e brincadeiras infantis.

Na sequência, Nascentes (1958), por sua vez, sobre o instrumento de coleta de dados esclarece que

> A título de sugestão, apresentamos um questionário típico, de caráter geral (cada região terá seu questionário suplementar especial), o que elaborámos em 1954 para o curso do professor Pop, o primeiro que se fêz no Brasil, e uma lista dos pontos em que devem ser feitos os inquéritos (Nascentes, 1958, p. 8).

O Questionário de Nascentes (1958, p. 11–18), na realidade, é uma lista de itens lexicais a serem investigados, distribuídos pelos campos: *A terra, o Homem, A família, Tratamentos, Nascimento, Indústrias, Várias, Religião, Festas e Divertimentos populares, Animais, Plantas, Casamento, Morte, Fórmulas de Saudação* e *Habitação.* O subcampo dos *Brinquedos* está inserido no campo *Nascimento* e relaciona os seguintes itens: bruxa, pião, papagaio de papel, balanço, gangorra, carniça, pegar, esconder, amarelinha, barra, três marias, *atiradeira*, roda, quatro cantos, buraca, gude, etc. Como podemos observar, *atiradeira* é a variante eleita por Nascentes para designar o brinquedo feito de uma "forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros".

Três anos depois, Nascentes complementa o Questionário Geral de 1958, incluindo perguntas de natureza fonética, morfológica e sintática, seguidas das *Especificações do Questionário Geral* (Nascentes, 1961, p. 23–37). São 1003 itens lexicais apresentados por ordem alfabética com sugestões de variantes possíveis. Como exemplo, na p. 26, temos *Atiradeira* seguida de *baladeira, estilingue, forquilha.*

Feita essa síntese, este artigo, como singela homenagem ao querido colega Cléo Altenhofen, tem como proposta verificar a variação lexical de um único conceito em diferentes atlas, com ênfase nos trabalhos que abrangem o território do estado do Rio Grande do Sul, desenvolvidos em sincronias distintas, entre eles Bunse e Klassmann (1969), Altenhofen[49] e Klassmann (orgs.) (2011) e dados do *corpus* inédito do Atlas Linguístico do Brasil. Para efeito de comparação, acrescentamos os dados de Aguilera (1987, 1994), Cuba (2015), e Sá (2013), dentre outros.

Para este trabalho nos pautamos no ponto de vista de Coseriu (1991) ao considerar os papéis que os atlas linguísticos desempenham: observar o inventário de formas, o conjunto delas, cuja amplitude permite supor a expansão e a circunscrição de cada uma e indicar que há variantes caindo em desuso sendo substituídas por outras mais inovadoras.

Inicialmente, discutimos como os dialetólogos incluem a questão para a investigação de campo e como os lexicógrafos constroem o verbete, desde a entrada à definição. Na sequência, expomos a metodologia e os resultados obtidos em atlas, estaduais e outros de menores domínios, acerca dos nomes que recobrem o conceito do artefato em pauta. Na terceira sessão, comparamos os dados recolhidos em território sul-rio-grandense referentes a três sincronias: décadas de 1960; de 1980 e de 2000, seguindo-se as Considerações finais.

1. Brinquedo ou arma?

Como os Questionários geolinguísticos e os dicionários definem esse artefato: brinquedo ou arma? A Questão 157 do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (Comitê Nacional, 2001), inserida na seção Jogos e Diversões Infantis, está assim formulada: "Como se chama o *brinquedo* feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?" No *caput* da Questão, sugerem-se os nomes *estilingue/setra/bodoque* que servem para orientar o entrevistador no momento da coleta de dados.

Nos dicionários consultados, temos como entrada principal, ora *atiradeira*, ora *estilingue*, oscilando, ao que parece, conforme a origem do lexicógrafo.

Ferreira (2004)[50], no verbete *estilingue*, registra a forma como brasileirismo, de Minas Gerais, do Centro-Oeste e do Sul e remete o leitor para *atiradeira* onde informa se tratar igualmente de um brasileirismo com a definição: "Forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras". Esta definição do artefato como *forquilha* parece-nos uma forma cautelosa de o autor preservar a face e não se posicionar diante do impasse: Se

é arma, como pode ser usada por crianças? Se se trata de um brinquedo, como admitir que ele serve para matar? Essa isenção também se manifesta na indefinição do sujeito: *se atiram pedras*. Ferreira completa o verbete com uma lista de sinônimos encontrados em vários pontos do Brasil: *baladeira, baleeira, beca, bodoque, badoque ou badogue, estilingue, funda, peteca, seta, setra*. O Priberam segue a mesma definição de Ferreira (2004).

Caldas Aulete[51] traz como entrada principal *estilingue*, que é assim definido:

> (Bras., Sul e Goiás) forquilha de madeira ou de metal, provida de um par de elásticos, presos a uma lingüeta de couro, com que se arremessam pequenas pedras; forquilha (Port.). [É arma geralmente usada por meninos para matar passarinhos]. Também a chamam, segundo as regiões, *atiradeira* (Rio de Janeiro), *baladeira (*Amazonas a Pernambuco), *beca* (Bahia), *bodoque* (Sul), *funda* (Rio Grande do Sul), *peteca* (Nordeste) e *seta* (Aulete, Caldas, 1964, sv.).

O lexicógrafo Caldas Aulete também inicia a definição pela referência neutra *forquilha,* mas, na sequência, entre parênteses, mostra o uso mais frequente do artefato, isto é, *arma* infantil para matar passarinhos. Conclui o verbete com os sinônimos, localizando-os de acordo com a distribuição por região ou por estado, exceto a variante *seta* que não traz a referência areal.

Houaiss, na definição de *atiradeira*, é mais detalhista, procurando abarcar as possíveis funções do objeto:

> arma ou brinquedo infantil para arrojar pedras e objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal. Sinônimos: badogue, badoque, baladeira, baleeira, beca, bodoque, elástico (STP), estilingue, fisga (P), funda, peteca, seta, setra.

Observamos que Houaiss admite as duas funções da *atiradeira*: arma ou brinquedo e atualiza o material de que ele é feito, incluindo o plástico, que não fora mencionado por Aulete nem por Ferreira. Tradicionalmente, tratava-se de um artefato caseiro, feito pelos meninos, com uma forquilha de madeira tirada da própria árvore; os mais modernos já são de plástico, ou de metal. Quanto aos sinônimos arrolados por Houaiss, são, praticamente, os mesmos dos dicionaristas anteriores, exceto a *fisga*, o *elástico* e a variante *setra* de *seta*.

Na entrada *estilingue*, Houaiss é um pouco mais econômico na definição e na abonação: "arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingüeta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros". Cita apenas dois sinônimos: *atiradeira* e *bodoque*.

Em síntese os quatro dicionários consultados têm aspectos comuns no que se refere à descrição do artefato e aos sinônimos elencados, diferindo sutilmente

quanto à natureza ou à função do objeto: arma ou brinquedo, matar passarinhos ou apenas arremessar pequenas pedras.

2. O *estilingue* nos atlas linguísticos de diferentes domínios

A geolinguística brasileira conta atualmente com 15 atlas estaduais concluídos ou publicados, dos quais catorze[52] trazem a carta correspondente à variação lexical de *estilingue*. Dentre os cinco primeiros atlas estaduais publicados, apenas o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (Ribeiro et al., 1977) – e o Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) – contemplaram a questão referente a esse artefato. Neste grupo incluímos o Atlas Linguístico de Sergipe II (Cardoso, 2005) que, embora publicado no início deste século, os dados foram coletados na década de 1970.

O EALMG é um atlas monodimensional, isto é, em cada um dos 116 pontos foi entrevistado um informante principal com o seguinte perfil: homem[53], analfabeto, rurícola, adulto, sedentário. O ALPR e o Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II (Cardoso 2005) são atlas bidimensionais por terem incluído na pesquisa a dimensão diassexual, entrevistando sistematicamente um homem e uma mulher em cada localidade.

O EALMG apresenta as seguintes variantes na carta 43: *estilingue* em 87 pontos, *bodoque* em 34 pontos, *atiradeira* em 31 e *seta* em oito pontos. Trata-se de uma carta mista, por trazer os itens lexicais distribuídos no interior da carta, em cada um dos pontos da rede, representados por círculos preenchidos coloridos e sintetizados na legenda colocada na parte externa da carta. *Estilingue* distribui-se por todo o território mineiro, exceto em algumas localidades na porção leste próximas da divisa com o Espírito Santo e com o Rio de Janeiro, onde *atiradeira* é a forma mais comum, mas não única. *Bodoque* também se dissemina pelo interior mineiro, em áreas mais centrais. As poucas ocorrências de *seta* estão registradas em localidades mais próximas da divisa capixaba.

Embora os dois volumes da 2ª edição tenham sido publicados em 2011, os dados para o Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen; Klassmann, 2011) – ALERS – foram coletados entre 1989 e 1994, seguindo a metodologia dos altas monodimensionais. A pesquisa foi feita em 100 pontos do Paraná, 95 do Rio Grande do Sul e 80 de Santa Catarina, totalizando, pois, 275 municípios e o mesmo número de informantes principais. A carta 303 mostra que, no Paraná, os dados do ALERS se assemelham aos do ALPR (Aguilera, 1994) quanto à expansão de *estilingue* (50 registros), *setra* (39) e *bodoque* (14). Em Santa Catarina, *funda* representa 51 % dos dados, com 38 ocorrências, difundindo-se pela porção central e leste do estado; *bodoque*, com 15 (20 %) se

dissemina pelo oeste catarinense, *setra*, com 14 (19 %) se concentra no centro-norte. As poucas ocorrências de *estilingue* (10 %) se distribuem pelo litoral em apenas oito das 75 localidades. Sobre as variantes registradas no Rio Grande do Sul, pelo ALERS, *bodoque* (69 %) e *funda* (29 %), tecemos as considerações na seção seguinte ao compararmos as variantes de estilingue nas três sincronias: Bunse (1969), Altenhofen et al (2011) e ALiB (inédito).

O ALPR é um atlas bidimensional em cujas cartas a fala feminina e a masculina são marcadas pelos símbolos da Biologia:♀ para mulher e ♂ para homem em cada um dos 65 pontos. A carta 86 apresenta 211 registros, indicando que muitos informantes conhecem mais de uma forma. A variante mais frequente é *estilingue* com 82 registros (39 %), distribuídos por 50 pontos, sobretudo nas áreas mais recentes, ou seja, norte, oeste e sudoeste do estado, denominada Paraná Moderno, com indicativo de expansão para o sul, graças à fala masculina que impulsiona a presença desta variante para as áreas mais conservadoras. Na sequência, registramos *setra* em 41 localidades com 75 registros (36 %) e *bodoque*, em 34 pontos, e 49 registros (23 %), que se distribuem por todo o espaço paranaense, concentrando-se na área correspondente ao Paraná Tradicional. *Bodoque* predomina na fala masculina em 57 % do total dos dados, enquanto *setra* apresenta índices próximos: 52 % dos homens e 48 % das mulheres. A variante *funda* foi registrada em três localidades (2 %) do oeste: em Guaíra (ponto 27), na fronteira com o Paraguai; em Foz do Iguaçu (ponto 47), na divisa com Argentina e Paraguai e em Marechal Cândido Rondon (ponto 32).

O ALS II, embora publicado em 2005, expõe os dados coletados na década de 1970 para o ALS e que não foram incluídos neste atlas. Trata-se, também, de atlas bidimensional, que traz a fala de um homem e de uma mulher em cada um dos 15 pontos. A carta 95, intitulada *Objetos para arremessar pedras*, mostra 58 respostas das quais *badoque/badogue* é a mais frequente com 24 ocorrências (41 %), seguida por *baleadeira*, 18 ocorrências (31 %) e as menos frequentes *funda* e *peteca*, com sete ocorrências cada (12 %), além de duas ocorrências de *besta*.

Na segunda geração de atlas estaduais, os pluridimensionais, que se inspiraram na metodologia do ALiB, temos:

Para o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM – Cruz (2004) investigou nove pontos em cada um dos quais entrevistou seis informantes, de ambos os sexos, de três faixas etárias, o que supõe o total de 54 respostas. No entanto, a carta 78 mostra a ausência[54] de resposta de 21 informantes, computando-se 33 respostas válidas, das quais 30 (91 %) para *baladeira*, duas (9 %) para *estilingue* e uma para *balador*.

Para o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS – (Oliveira, 2007) foram selecionadas 32 localidades em cada uma das quais foram inquiridos quatro informantes estratificados segundo o sexo e a faixa etária. A carta QSL 0481.a mostra que *estilingue* (107 registros) é a forma predominante entre os sul-mato-grossenses com 89 % das formas válidas e, com menor incidência, *funda* (10 ocorrências), ou 8 % e com apenas um registro cada: *chanha*, *bodoque* e *baleadeira*.

A carta 40 do Atlas Linguístico de Pernambuco (Sá, 2013) – ALiPE – expõe os dados recolhidos em 20 pontos junto a quatro informantes em cada município do interior e oito na capital, Recife, no total de 108 respostas, mostrando a predominância de *peteca* com 41 registros (38 %); seguindo-se *baladeira/baleadeira* com 33 registros (31 %); *estilingue*, com 20 (18 %), *badoque*, dez registros (9 %) e *baleeira* com quatro (4 %).

A rede do Atlas Linguístico do Amapá (Razky et al. 2017) – ALAP – compõe-se de dez pontos, em cada um dos quais foram entrevistados quatro informantes, estratificados segundo o sexo e a faixa etária. A carta L57, com 49 respostas, traz 36 ocorrências de *baladeira* (74 %), 11 de *estilingue* (22 %) e uma de *balador* e de *seringa* (2 % cada).

Atlas Linguístico de São Paulo – ALESP[55] – é o projeto elaborado e iniciado por Caruso que propôs a coleta de dados em 66 localidades do interior do estado de São Paulo. As quatro cartas apresentadas no artigo de Caruso (1982) são o resultado de uma pesquisa por correspondência. Na carta 44 – estilingue (Caruso, 1982, p. 70), verificamos a ocorrência de duas variantes: *estilingue* e *setra/seta*, totalizando 76 registros, dos quais *estilingue* é exclusivo em 52 localidades e concorrente com *setra/seta* em dez delas. A difusão de *setra/seta* pode ser observada em toda a extensão leste do estado paulista, sendo exclusiva em apenas quatro delas.

Alencar (2018), com os dados do ALiB em São Paulo, ao analisar as variantes para o brinquedo/arma em questão, chegou a resultados próximos aos de Caruso uma vez que a forma predominante *estilingue* se manteve e ampliou sua frequência. Na sequência, aparece a variante *seta/setra* com 11 %, diminuindo sua abrangência areal em relação ao trabalho de Caruso.

A tese de Cuba (2018) objetivou analisar, discutir e cartografar, mediante pesquisa *in loco* em localidades de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Rondônia, aspectos fonéticos e lexicais da área que Nascentes (1953) denominou de Território Incaracterístico. A autora concluiu não mais se tratar de uma área linguística "incaracterística", mas multivarietal, por existirem, conforme os dados coletados, duas forças atuando sobre o português falado: a do dialeto do Sul e

a do Norte. Sobre os nomes do brinquedo em pauta *estilingue* corresponde a 56 % do total do *corpus*, predominando sobre *baladeira*, com 20 % e *bodoque*, com 19 %.

No Quadro 1 sintetizamos a distribuição das variantes registradas em doze atlas estaduais, um interestadual e um regional, publicados ou concluídos.

Quadro 1 – Atlas (estaduais, interestaduais e regional) publicados ou concluídos e as variantes para *estilingue*.

Regiões	**Carta**	**Variantes predominantes/%**							**Outras**
Norte		**bal(e) adeira**	**estilingue**	**peteca**	**ba(o) doque**	**Funda**	**atiradeira**	**set(r)a**	
ALAM	78	**91 %**	6 %	-	-				3 %
ALAP	L57	**74 %**	22 %	-	-				4 %
Nordeste									
ALiPE	40	30 %	19 %	**38 %**	9 %	-			4 %
ALS II	95	31 %	-	12 %	**41 %**	12 %			4 %
Falar Baiano[56]	13–15	14,9 %	**48 %**	7,5 %	**23,2 %**	-	2,4	2,1	1,9 %
Centro-Oeste									
ALMS	481a	1 %	**84 %**	-	1 %	8 %			6 %
ALTTI[57]	62	**20 %**	**56 %**	-	**19 %**	5 %	-	-	-
Sudeste									
EALMG	43	-	**55 %**	-	21 %	-	19 %	5 %	-
ALESP[58]	44	-	**81 %**	-	-	-	1 %	18 %	-
ALIB-SP[59]			**84 %**	-	3 %	-	1 %	11 %	-
Sul									
ALPR	86	-	**38 %**	-	23 %	-	1 %	36 %	2 %
ALERS-PR	303	-	**49 %**	-	13 %	-	-	38 %	-
ALERS-SC	303	-	10 %	-	20 %	**51 %**	-	19 %	-
ALERS-RS	303	-	2 %	-	**67 %**	28 %	3 %[60]	-	-

Fonte: Elaboração da autora mediante a consulta aos atlas estaduais, interestaduais e regional.

3. O *estilingue* na fala sul-rio-grandense em três sincronias

Pesquisadores da área da linguagem do Rio Grande do Sul, como Heinrich Bunse e Mário Klassmann, desde cedo se preocuparam com a descrição dos falares sul-rio-grandenses de tal sorte que, em 1958, promoveram o Primeiro Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia estimulados pelas ideias de Antenor Nascentes expressas nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*.

Um ano depois, Bunse publica um estudo linguístico-etnográfico do município de São José do Norte, localizado entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, escolhido por pertencer às mais antigas regiões do Estado e por não ter sido atingida pelo "afluxo de elementos de outras etnias, e ter conservado, devido ao isolamento em que se encontra, seu caráter primitivo" (BUNSE, 1959, p. 7). O trabalho segue a estrutura desenvolvida por Amaral (1922), em *O dialeto caipira*, isto é, descreve os aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e dedica toda uma seção para o Vocabulário coletado em São José do Norte, entre eles *bodoque* que Bunse (1959, p. 108) define como "pequeno arco com que se arremessam bolinhas de barro, pedras ou chumbo para apanhar passarinhos".

Na década seguinte, Bunse, contando com a colaboração de Mário S. Klassmann, publica os "Estudos de Dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos e resultados)" e ressalta que

> E é exatamente também êste o nosso pensamento de que – como o fêz Rossi – devemos começar com a elaboração de Atlas Regionais, aliás de acordo com os métodos da dialetologia moderna. Dirigimos, portanto, o nosso trabalho para a elaboração do Atlas Lingüístico e Etnográfico do Rio Grande do Sul (BUNSE, 1969, p. 8).

Depois de apresentar uma retrospectiva histórica do Rio Grande do Sul, Bunse elenca os principais trabalhos lexicográficos sobre o "linguajar gaúcho" e observa que

> Em todas essas obras, porém, seja nos vocabulários – onde a falta é mais sentida por quererem abranger todo o Rio Grande do Sul, – seja nos glossários, observamos a ausência de um critério tanto diatópico como diastrático. E as abonações nos estudos sôbre a língua por falta de levantamentos sistemáticos e feitos "in loco", que lhes poderiam servir de fonte, baseiam-se, como não poderiam deixar de fazer, em fontes escritas (BUNSE, 1969, p. 12).

Ressalta que o progresso alcançado pelo Estado nos vários setores, com a construção de estradas, facilidades de comunicação, intercâmbio turístico, expansão da rede escolar, popularização do rádio e advento da televisão, são fatores a serem considerados no nivelamento linguístico, tornando urgente a elaboração do Atlas Linguístico e Etnográfico do Rio Grande do Sul.

Bunse (1969) discute os procedimentos metodológicos a serem adotados para a elaboração desse atlas: a composição do questionário e a definição da rede de pontos que deverão levar em conta as zonas fronteiriças e a existência de populações bilingues.

A pesquisa foi dividida em três fases: (i) etapa da coleta direta; (ii) inquérito por correspondência enviado a cerca de 600 escolas primárias, inclusive

as situadas em zonas bilingues, sobretudo alemãs; (iii) pesquisa direta para a elaboração Atlas Linguístico e Etnográfico do Rio Grande do Sul, etapa que não havia sido iniciada na época.

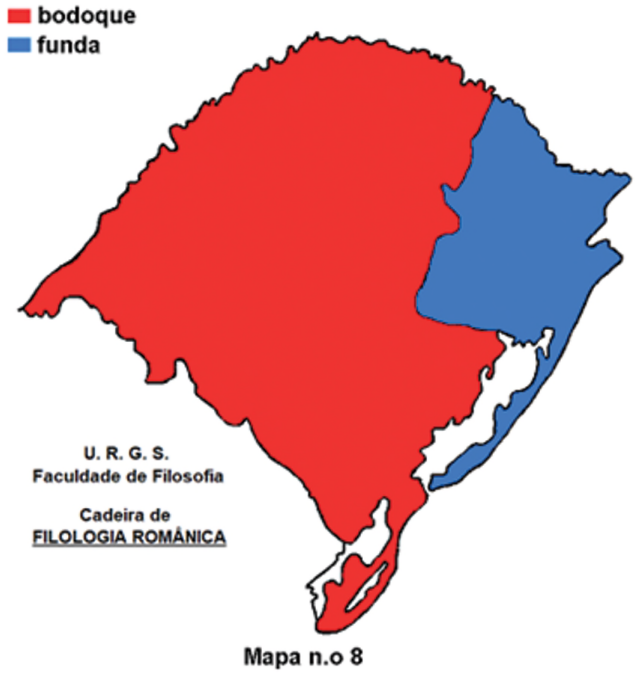
Os primeiros resultados das fases iniciais permitiram ao autor a reformulação da rede de pontos e o aperfeiçoamento do questionário. Quanto à rede de pontos, Bunse esclarece:

> Dispomos, portanto, de elementos sólidos que nos permitem a fixação dos pontos dos inquéritos, uma das finalidades da segunda fase. Quanto ao número, chegamos à conclusão de que será preciso duplicar ou até triplicar o número de pontos sugerido por Antenor Nascentes (BUNSE, 1969, p. 21).

Para ilustrar a presença das variantes coletadas, nove cartas sintéticas são apresentadas ao final do texto, das quais nos interessa a de nº 8 que trata da distribuição de *bodoque* e *funda*[61]. Por se tratar de carta sintética, não é possível definir com precisão os pontos investigados, somente a área de abrangência de cada variante.

A Figura 1, adaptação da carta nº 8 de Bunse, mostra duas áreas de isoléxicas: a predominância de *bodoque*, em mais de três quartos do estado, cobrindo 33 das 35 mesorregiões, e a ocorrência de *funda* na Mesorregião Nordeste Rio-Grandense e na Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre até a altura de Osório e Camaquã. A figura 1 mostra as isoléxicas de *bodoque* e de *funda*, conforme Bunse (1969).

Figura 1: Isoléxicas de *bodoque* e *funda* no Rio Grande do Sul (Bunse, 1969).
Fonte: Bunse (1969) adaptada por Kika Milani[62].

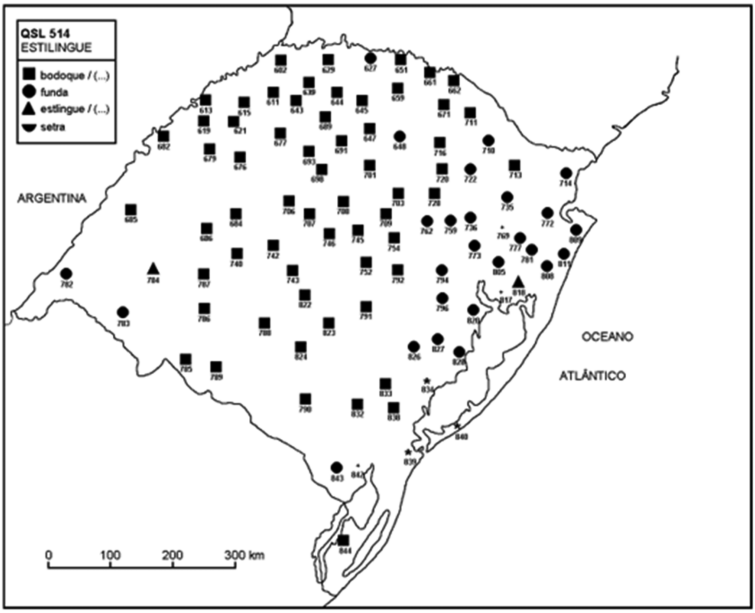


Na segunda sincronia estudada[63], decorridos pouco mais de 20 anos em relação à coleta de dados de Bunse, analisamos a carta 303 do ALERS relativamente às respostas para a Questão 514: "Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha?"

O ALERS, único projeto de atlas que contemplou todos os estados de uma Região, foi idealizado e desenvolvido por pesquisadores das universidades federais dos três estados sulistas. Observando a carta 303, ilustrada pela Figura 2, constatamos que, nos 95[64] pontos do Rio Grande do Sul, *bodoque* ainda é predominante com 61 registros, distribuindo-se pelas mesmas mesorregiões, mas abrindo espaço para *funda* (26 ocorrências) nos pontos do Noroeste: 627-Nanoai, 648-Passo Fundo; do Sudoeste: 782-Uruguaiana e 783-Quaraí; do Sul: 843-Jaguarão; e do Sudeste: 796-São Jerônimo, 820-Barra do Ribeiro, 826-Encruzilhada do Sul, 827-Dom Feliciano e 828-Camaquã, antes ocupados por *bodoque*. *Estilingue* e *atirador* são as duas formas menos

frequentes com duas e três ocorrências, respectivamente. A primeira ocorre em pontos distantes (Alegrete e Viamão) e a segunda concentra-se no Sudeste Rio-grandense (São Lourenço do Sul, Rio Grande e São José do Norte). Reproduzimos, na figura 2, uma adaptação da carta do ALERS com a distribuição areal dessas variantes, no interior do Estado do Rio Grande do Sul. É importante assinalar a advertência de Altenhofen sobre a ênfase dada pelo ALERS à primeira resposta do informante, considerada a mais espontânea.

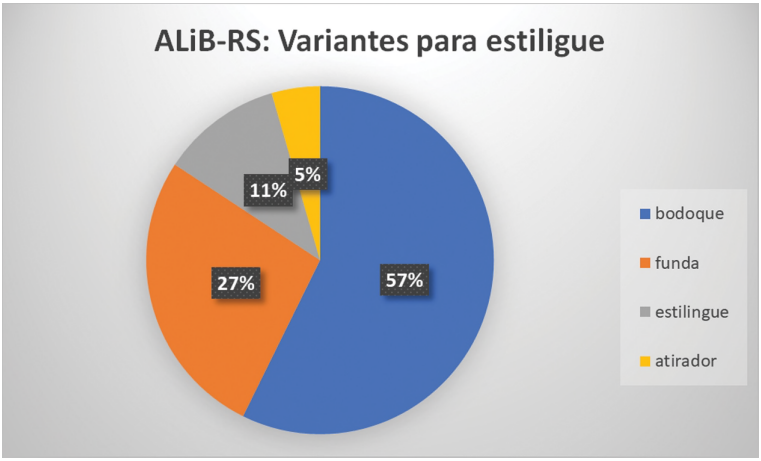
Figura 2a: Distribuição das variantes lexicais, para o brinquedo em análise, pelo interior do Estado do Rio Grande do Sul (adaptado do ALERS, 2011).
Fonte: ALERS (2011), Carta 303, adaptada por Kika Milani.



A terceira sincronia diz respeito aos dados coletados pelo ALiB, entre os anos de 2005–2010, na capital e em dezesseis localidades do interior, junto a quatro informantes (dois homens e duas mulheres) com escolaridade até o nível fundamental e nas faixas etárias de 18 a 30 anos (FI) e 50 a 65 anos (FII). No total computamos 89 respostas, das quais 66 foram espontâneas, como primeira resposta, e 23 foram registradas quando se perguntava ao informante se ele conhecia o brinquedo por outros nomes. *Bodoque* mantém a preferência dos

entrevistados, com 51 registros que representam 57 % do total; *funda* com 24 ocorrências, ou seja, 27 %. *Estilingue* e *atirador* são as inovações: aquele com dez registros, nove dos quais como segunda resposta; este com quatro registros, obtidos somente em São José do Norte (ponto 249). O Gráfico 1 traz, em porcentagens, o total das ocorrências coletadas pelo ALiB-RS.

Gráfico 1: Variantes registradas pelo ALiB no Rio Grande do Sul (dados inéditos).
Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus* inédito do ALiB-RS.



Comparando os dados geolinguísticos de Bunse (1969), de Altenhofen et al. (2011) e os atuais do ALiB (inéditos) – lembrando que a coleta do primeiro trabalho ocorreu na década de 1960; a do segundo, no início da década de 1990 e a do terceiro, entre 2005 e 2010 – verificamos que, do ponto de vista diacrônico, a variante *bodoque* permanece como a mais frequente e com a distribuição areal preservada, isto é, continua ocupando as porções oeste, central e sul do Estado, fixando-se em onze das dezessete localidades da rede de pontos. É majoritária em Três Passos (ponto 234), Erechim (ponto 235), Passo Fundo (ponto 236), São Borja (ponto 239), Santa Cruz do Sul (ponto 241), Santa Maria (ponto 242), Caçapava do Sul (ponto 246), Santana do Livramento (ponto 247), Bagé (ponto 248) e Chuí (ponto 250). Nessas localidades, estão sendo inseridas, gradativamente, *funda* e *estilingue*, geralmente como segundas respostas. *Estilingue* (total de dez ocorrências) é mais frequente na fala dos mais jovens, com seis ocorrências e na fala dos homens com sete ocorrências.

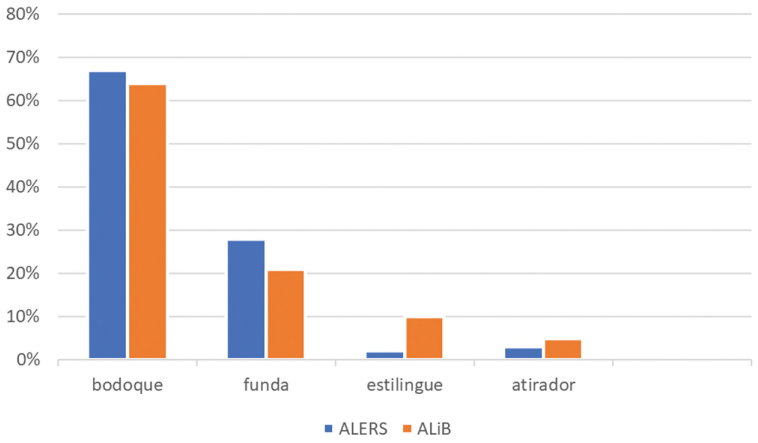
Funda distribui-se pelo espaço já enunciado por Bunse (1969) e Altenhofen et al (2011), ou seja, a porção nordeste do Estado, sendo majoritária em Vacaria (ponto237), registrada pelos quatro informantes, dois dos quais também se referiram à *bodoque*. Em Porto Alegre (ponto 243), *funda* é exclusiva como primeira resposta; na segunda resposta, *estilingue* é lembrada pelo informante 1 (homem, faixa etária I) e em Santa do Livramento (ponto 247) concorre com *bodoque*.

A inovação linguística correu por conta da presença categórica de *funda* em Uruguaiana (ponto245), área originalmente ocupada por *bodoque*, que só aparece como segunda resposta na fala dos informantes. Além disso, a variante *atirador*, ausente na primeira sincronia analisada é coocorrente nos pontos São Lourenço do Sul, Rio Grande, no ALERS; e exclusiva em São José do Norte (ponto 249), nos dados do ALiB.

Nos dados atuais, não se observa a homogeneidade rigorosa na distribuição de *bodoque* e *funda* tal como Bunse registrara, uma vez que exceto em São José do Norte, com *atirador*, nas demais localidades, embora uma predomine sobre a outra, o que se verifica é a gradativa inserção de *estilingue*, conforme mostra o Gráfico2.

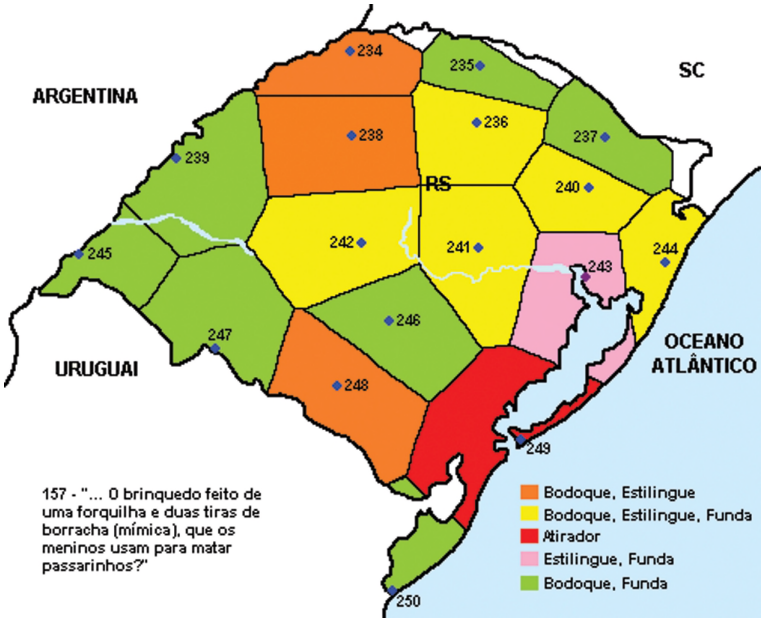
Gráfico 2: Frequência das variantes em duas sincronias de acordo com a coleta dos dados – ALERS (1990–1995) e ALiB (2005–2010).

Fonte: Elaboração da autora com os dados do ALERS (2011) e ALiB (*corpus* inédito).



Acerca dos nomes para essa arma ou brinquedo, o que fica evidente é o polimorfismo lexical em andamento no Português falado no Rio Grande do Sul e a interseção das variantes, conforme ilustra a carta (experimental) da Figura 2, elaborada com todas as respostas (primeira, segunda e terceira) registradas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Figura 2b: Carta experimental com a distribuição areal das variantes lexicais coletadas pelo ALiB nos pontos do Rio Grande do Sul.
Fonte: Elaborada por Kika Milani com os dados inéditos do ALiB.



A carta da Figura 2 mostra que: (i) São José do Norte (ponto 249) distingue-se dos demais com uma única forma elicitada por todos os informantes – *atirador*; (ii) *estilingue* não foi registrada apenas nos pontos 235, 237, 239, 245, 247 e 250; (iii) nos demais, embora a primeira resposta do informante tenha sido *bodoque* ou *funda*, a variante *estilingue* emerge como segunda resposta, precedida de advérbios como *hoje, agora* ou na forma indeterminada *eles falam*.

Ratificamos, deste modo, a predominância de *bodoque* seguida por *funda* no português falado no Rio Grande do Sul, em ambas as sincronias, acompanhando a distribuição areal exposta, há mais de 50 anos, nos dados de Bunse.

No entanto, verificamos que a forma inovadora *estilingue* vem ganhando espaço, podendo representar uma mudança em progresso haja vista a sua inserção no vocabulário dos informantes mais jovens (Faixa Etária 1– 18 a 30 anos), como comprovam os excertos 1 a 6:

1. INF. – O *bodoque*, *estilingue*, falemo mais *bodoque* aqui, conhecido como *bodoque* (234-Três Passos/1).
2. INF. – *Bodoque*. *Estilingue*.
   INQ.- Bodoque, estilingue qual dos dois fala mais aqui?
   INF.- *Bodoque* (236-Passo Fundo/1).
3. INF.- *Bodoque*.
   INQ.- Tem outro nome?
   INF.- Isti…*Istilingue*, dizem. Mas aqui é… dizem *bodoque* (238-Ijuí/1).
4. INF.- *Bodoque*.
   INQ.- Tem outro nome pra *bodoque*?
   INF.- Ah, o *estilingue* (241-Santa Cruz do Sul/2).
5. INF.- *Bodoque*.
   INQ.- E… Tem outro nome?
   INF.- Eu conheço mesmo por *bodoque*, tem *estilingue*, *estilingue*.
   INQ.- Mas é a mesma coisa?
   INF.- É (…) de borracha, de couro (242-Santa Maria/1).
6. INF.- *Bodoque*.
   INQ.- Tem outro nome?
   INF.- *Estilingue*.
   INQ.- Mas aqui vocês…?
   INF.- *Bodoque*.
   INQ.- Não tem diferença. Então pra vocês é a mesma coisa?
   INF.- É a mesma coisa (242-Santa Maria/2).

Reação semelhante observamos na fala dos informantes da Faixa Etária 2 (entre 50 e 65 anos) que, embora manifestem a intenção de preservar a variante herdada, reconhecem a existência de uma nova forma, conforme verificamos nos excertos 7 a 11:

7. INF.- Antigamente nóis dizia *bodoque*, né, **hoje** é *estilingue*, *funda*, né.
   INQ.- Qual o senhor acha que fala mais aqui?
   INF.- *Bodoque*, né (238-Ijuí/3).
8. INF.- *Bodoque*.
   INQ. – Tem outro nome aqui?
   INF.- Não, nóis chamava *bodoque*, **agora** que eles chamam *estilisques*, *estilique*, não sei o que, mas é *bodoque* (238-Ijuí/4).

9. INF.– *Estilingue* ((risos)), *funda*, *estilingue*.
   INQ.- E, como é que tu fala mais?
   INF.- *Estilingue* (240-Flores da Cunha/4).
10. INF.- *Bodoque*.
    INQ.- Tem outro nome?
    INF.- **Eles** diz *estilete* (241-Santa Cruz do Sul/3).
11. INF.- *Bodoque*, ou, senão, *estilingue* (248-Bagé/3).

As variantes inovadoras, *estilingue* e *atirador*, em sua difusão pelos espaços outrora ocupados (quase) exclusivamente por *bodoque* e *funda*, consideradas por nós formas conservadoras (norma), lembram as palavras de Coseriu:

> El hablante tiene conciencia del sistema, y lo utiliza, y, por otro lado, conoce o no conoce, obedece o no obedece la norma, aun manteniéndose dentro de las posibilidades del sistema. Pero la originalidad expresiva del individuo que no conoce o no obedece la norma puede ser tomada como modelo por otro individuo, puede ser imitada y volverse, por consiguiente, norma. El individuo, pues, cambia la norma (Coseriu, 1973: 107).

4. Considerações finais

Com este texto, baseado em estudos geolinguísticos de três sincronias, propusemos uma análise comparativa da variação lexical para os nomes dados por sul-rio-grandenses ao objeto formado por uma forquilha, pedaços de borracha e couro, usado geralmente pelos meninos para atirar em passarinhos. Inicialmente indagamos sobre a presença e a formulação da pergunta sobre esse aparato nos questionários dialetológicos e, na sequência, buscamos as respectivas entradas dos dicionários. Prosseguindo, discutimos a difusão das variantes lexicais cartografadas em três *corpora* de sincronias diferentes: Bunse (1969), Altenhofen et al (1990–1995) e pelo Projeto ALiB (2005–2010). As análises comparativas indicaram: (i) no primeiro *corpus*, a distribuição areal homogênea de *bodoque* e *funda*; (ii) no segundo, a inserção de *funda* em áreas de predomínio de *bodoque*, além da tímida presença de *estilingue* e *atirador*; (iii) no terceiro *corpus*, o polimorfismo começa a se estabelecer nas áreas, anteriormente homogêneas, com a presença de *estilingue* no vocabulário passivo dos informantes, reconhecida como forma inovadora na fala local.

Esse polimorfismo deve ser compreendido como uma tendência natural da língua em uso, sujeita à influência de fatores de variada natureza, tais como a facilidade de acesso aos meios de comunicação, a força dos processos migratórios, o maior contato com falantes de outros dialetos, a proliferação de cursos universitários que, segundo o portal do Ministério da Educação, de acordo com

o censo de 2015, realizado pelo INEP "8.033.574 alunos estavam matriculados no ensino superior, (com a oferta de) 33 mil cursos de graduação em 2.364 instituições de ensino superior".

Esses fatores, além de outros, favorecem o intercâmbio de dialetos e podem contribuir no processo de variação e mudança linguística, dependendo das percepções e das atitudes positivas do falante receptor frente às inovações com as quais se depara nas suas redes sociais[65].

Vale a pena ratificar a importância deste estudo com as palavras de Martín (2011):

> Muchos son los trabajos que han demostrado la importancia del estudio de la información contenida en estos atlas (García Mouton 1990, entre otros), dado que estos materiales son "un medio importante de aproximación a la realidad de los hablantes, así como a las conexiones que estos establecen entre diversos conceptos y a la manera como modihican la lengua según su visión del mundo" (Castañer Martín 1990, p. 17). Pero los atlas no son solo reflejo de la lengua "actual", sino que son una herramienta fundamental para los lexicógrafos y estudiosos de la historia de la lengua. De la interacción de estas dos disciplinas, se podrán resolver problemas etimológicos (Navarro Carrasco 1993, p. 82) e indicar, tal como señala Fernández Ordóñez (2011, p. 24), "los focos de creación y de difusión de las innovaciones lingüísticas" (Martín, 2011, p. 53–69).

Referências

Aguilera, Vanderci de Andrade. *Aspectos linguísticos da fala londrinense: esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina*. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1987.

Aguilera, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

Alencar, Beatriz Aparecida. *O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2018.

Altenhofen, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do Português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: Aguilera, Vanderci de Andrade Aguilera (org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005, p. 177–208.

Altenhofen, Cléo Vilson; Klassmann, Mario Silfredo. (Orgs.) *Atlas lingüístico e etnográfico da Região Sul do Brasil*. Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

Aragão, Maria do Socorro Silva de; Menezes, Cleusa Bezerra de. *Atlas linguístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba; CNPq, 1984, 2v.

Bunse, Heinrich; Klassmann, Mário Silfredo. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos, resultados*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.

Caldas Aulete. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 5 ed. 5 vols. 1964.

Cardoso, Suzana Alice Marcelino. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2005.

Cardoso, Suzana Alice Marcelino; Mota, Jacyra Andrade; Aguilera, Vanderci de Andrade; Aragão, Maria do Socorro Silva de; Isquerdo, Aparecida Negri; Razky, Abdelhak; Margotti, Felício Wessling. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014, 2 v.

Caruso, Pedro. *Amostra de um inquérito linguístico prévio para o estado de São Paulo*. ALFA, São Paulo, v. 26, p. 69–77, 1982.

Coseriu, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1973, p. 11–113.

Coseriu, Eugenio. *El hombre y su lenguaje: estudios de teoria y metodologia lingüística*. 2 ed. rev. Madrid, Gredos, 1991.

Cruz, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas lingüístico do Amazonas – ALAM*. 2004. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004, 2 v.

Cuba, Marigilda Antônio. *Atlas linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico*, 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2 v. 2015.

Martín, Leyre. *Las formas de la "yema de la vid" en los atlas lingüísticos regionales del español: un recorrido histórico*. Sintagma, 23, p.p. 53–69, 2011.

Nascentes, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Nascentes, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa, 1961.

Nascentes, Antenor. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

Oliveira, Dercir Pedro (dir.). *ALMS Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

Razky, Abdelhak; Ribeiro, C. M. R.; Sanches, Romário Duarte. *Atlas Linguístico do Amapá*. 01. ed. São Paulo: Labrador, 2017.

Ribeiro, José; Zágari, Mário Roberto; Passini, José; Gaio, Antônio. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Huiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

Ribeiro, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012, 2v.

Rossi, Nelson; Callou, Dinah; Ferreira, Carlota. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1963.

Sá, Edmílson José de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013, 2 v.

Silva Neto, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2 ed. Belém:Conselho Nacional de Pesquisas/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. 1957.

Teixeira, José Aparecido. *Estudos de dialectologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Ed. Anchieta, 1944.

Martina Steffen

Variação do /r/ em coda silábica em falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul

Abstract: The article is concerned with an aspect of language contact between a German immigrant dialect of southern Brazil and Brazilian Portuguese. It investigates how the German-speaking minorities in South Brazil pronounce Portuguese /r/ in syllabic coda position. The investigation is based on the analysis of informants reading a text in Portuguese, who were recorded for the Atlas of German-speaking minorities in the Rio de la Plata Basin (ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch). Owing to the pluridimensional method used in this linguistic atlas, extralinguistic variables like level of education, age and gender can be correlated with phonetic variation. It can be shown that there is variation in the realization of /r/ in coda by descendants of German immigrants, but that their linguistic behavior in this case (in contrast to an earlier study concerning their realization of Portuguese /r/ *forte*) is like the one of their Portuguese-speaking compatriots. With regard to the choice of specific allophones, for example, it is the socioculturally lower class groups (Cb), young generations (GI) and men (m) who most often present a retroflex pronunciation regardless of their origin.

Keywords: language contact, variation of Portuguese /r/, rhotics, immigrant languages

1. Introdução

No Sul do Brasil, o contato linguístico entre o português e línguas minoritárias como o alemão ou o italiano tem levado a um processo paulatino de assimilação de elementos da língua portuguesa nas variedades dialetais faladas pelos imigrantes. O surgimento de códigos misturados de alemão e português já foi objeto de estudo de uma série de trabalhos desde os anos 1950 (Fausel 1959; Altenhofen 1996; Tornquist 1997; para citar apenas alguns mais abrangentes). Isto não se limita às influências lexicais, como ocorre por exemplo com o empréstimo "chimia" (do alemão dialetal *Schmier*), praticamente conhecido em todo o Rio Grande do Sul e no leste de Santa Catarina e do Paraná (cf. ALERS, mapa 357), mas também vale para o âmbito da fonética-fonologia do português falado por descendentes de imigrantes no Brasil (cf. Altenhofen & Margotti 2011).

No presente artigo, pretende-se contribuir para a linha de pesquisa dos contatos linguísticos de imigração, analisando-se uma variável fonética do português falado por descendentes de imigrantes alemães, um dos grupos de imigração mais representativos no sul do Brasil, tomando por base dados do *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H). Os dados do ALMA-H permitem uma análise pluridimensional, questão que será aproveitada para fazer uma análise diastrática, diageracional e diassexual das ocorrências registradas, como se verá mais adiante. Pretende-se analisar se há variação na realização do /r/ em posição de coda silábica medial e final e qual é a variante preferida pelos informantes nessa posição.

Em dois artigos anteriores (cf. Steffen 2013, 2016), com os mesmos dados, já foi analisada a variação da realização do r-forte no português falado por descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Em primeiro lugar, foi considerado se os informantes usaram variantes de r-forte em contextos em que sua realização seria esperada, e por outro, foi feita uma descrição das variantes empregadas por esses falantes bilíngues em português e alemão (Hunsrückisch).

2 Imigrantes alemães no Rio Grande do Sul

Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao sul do Brasil em 1824, a maioria proveniente dos estados do norte da Confederação Germânica. Nos anos subsequentes, foram os alemães de regiões mais meridionais que formaram o contingente mais forte de imigrantes, chegando estes últimos a desempenhar um papel relevante nas questões socioculturais e linguísticas nas colônias no Rio Grande do Sul (Altenhofen 1996:14). A variedade dialetal do alemão falada pela maioria dos imigrantes alemães no sul do Brasil, chamada de Hunsrückisch ou hunsriqueano, pode ser definida como uma coiné de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX (cf. Altenhofen 2004). Trata-se, assim, de uma variedade herdada da imigração que continua sendo falada entre as famílias de descendentes, ainda que cada vez menos. Hoje em dia, o monolinguismo em alemão ou hunsriqueano é raro e limita-se às gerações mais velhas (cf. Tornquist 1997:76). Predomina o falante bilíngue, sobretudo nas gerações mais velhas, com considerável perda linguística entre crianças e adolescentes (para um resumo mais detalhado sobre a história da imigração alemã e o contato linguístico alemão-português cf. Steffen 2013).

3. O fonema /r/ em português e hunsriqueano

No português há dois fonemas vibrantes, o *r-forte* e o *r-fraco*, *brando* ou *simples* que dependendo do contexto fonético ou região diatópica são realizados como variantes diferentes (Monaretto et al. 1996:218). Só em posição intervocálica, as vibrantes encontram-se em oposição fonológica, por exemplo em: *carro* vs. *caro* (Cristófaro-Silva 1998:159). O r-fraco é realizado como tepe [ɾ] em todas as variedades do português (Cristófaro-Silva 1998:142–43, 159; Monaretto et al. 1996:218), tanto em posição intervocálica (por exemplo em *careta*), como em grupo consonântico (por exemplo em *prata*). A realização do r-forte, pelo contrário, que ocorre sempre em início de palavra (*rosa*), intervocálico (*carro*) ou precedido de consoante (*Israel*), varia consideravelmente de região para região (cf. Cristófaro-Silva 1998:38–39, 160; Monaretto et al. 1996:215, 218). Na posição de coda silábica, neutraliza-se a oposição entre r-forte e r-fraco, de modo que, dependendo da variedade, pronuncia-se ou um tepe ou uma das variantes de r-forte (por exemplo em *carta*, *mar*) (Cristófaro-Silva 1998:160; Monaretto et al. 1996:206, 218). As variantes possíveis para o /r/ em coda silábica no português brasileiro são as seguintes: [ɾ, x, ɣ, h, ɦ, ɽ], sendo as fricativas velares típicas do dialeto carioca, as glotais do dialeto de Belo Horizonte e a retroflexa do dialeto caipira (cf. Cristófaro-Silva 1998:161). No *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) estão incluídas 5 cartas fonéticas de palavras com /r/ em final de sílaba acentuada que mostram que no Rio Grande do Sul a variante preferida é o tepe [ɾ] enquanto no Paraná, e algo menos em Santa Catarina, encontra-se a presença da variante retroflexa [ɽ]. O limite meridional da ocorrência do retroflexo transcorre através de Santa Catarina (cf. ALERS carta 48–53). Outras das variantes mencionadas, como as fricativas velar e glotal, ocorrem só muito pontualmente. Também Monaretto (1997:238) chega à conclusão de que, apesar de existirem outras variantes, nos três Estados do Sul, o tepe é a variante mais utilizada na posição de coda. Outra possibilidade é a queda do /r/ que se observa sobretudo no contexto final de palavra da classe gramatical dos verbos (cf. Monaretto 2002:264, 267; Callou et al. 2002:446; Noll 1999:52) e que parece ser um processo de mudança em curso onde o tepe diminui e o apagamento cresce (cf. Monaretto 2002; Brescancini & Monaretto 2008). Enquanto o apagamento do /r/ final é um fenômeno mais comum em cidades mais nortenhas (Rio de Janeiro, Salvador, Recife), o uso da variante retroflexa em posição interna é exclusivo de regiões mais sulinas (São Paulo, Porto Alegre), mas com baixo percentual de uso (cf. Callou et al. 2002:466–467). Essa última variante do dialeto caipira é avaliada como pejorativa (cf., por exemplo, Amaral 1982 [1920]; Head 1973; Leite 2004) e, em um estudo sobre o

/r/ retroflexo em São Paulo, Oushiro & Mendes (2013:81) apontam para um uso mais prevalente em falantes com menor nível de escolarização, de sexo masculino e da faixa etária dos mais jovens (20–34 anos), mas ocorre também na fala culta, como demostraram Callou *et al*. (2002:487) para São Paulo e Porto Alegre. Finalmente cabe mencionar que, recentemente, parece estar acontecendo uma crescente valoração de traços da cultura caipira sobretudo a partir do movimento musical (cf. Leite 2010:153–154).

No hunsriqueano, falado pela maioria dos descendentes de imigrantes alemães, existe só um fonema vibrante, a vibrante simples alveolar ou tepe /r/. Uma consequência natural é a transferência desse paradigma do hunsriqueano para o português falado por esses descendentes de alemães; como resultado, tem-se a neutralização dos fonemas r-forte e r-fraco em posição intervocálica (Altenhofen 1996:335). Também Monaretto et al. (1996:216) mencionam a substituição da vibrante múltipla pelo tepe no português falado por descendentes de colonos europeus (inclusive de italianos). Com respeito à pronúncia de /r/ em coda silábica por descendentes de imigrantes, até onde se tem conhecimento, não existem estudos específicos.

4 Resultados da realização do r-forte

Num estudo prévio sobre as realizações de r-forte em português (cf. Steffen 2013 – publicado em português com resultados preliminares – e Steffen 2016 – estudo completo, publicado em alemão), que leva em consideração sua ocorrência no estilo de leitura em início de palavra e em posição intervocálica por falantes de hunsriqueano descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, foram obtidos os seguintes resultados:

1. Em geral, pode-se constatar variação na realização de r-forte, com um predomínio do tepe (55 %) sobre a variante de r-forte (45 %) (Steffen 2016:167) – seja vibrante múltipla, seja fricativa velar – manifestando-se a interferência do hunsriqueano no português, onde surge o r-fraco no contexto que fonologicamente corresponde ao r-forte. Assim, o hunsriqueano, ainda depois de mais de seis gerações após a primeira onda de imigração, imprime suas marcas fonético-fonológicas na língua majoritária.
2. Na realização do fonema r-forte, constata-se um claro predomínio da vibrante múltipla (63 %) sobre a fricativa velar (37 %) (Steffen 2016:169), ou seja, verifica-se a preferência da variante tradicional do Rio Grande do Sul por parte dos descendentes de imigrantes alemães, comprovando-se assim um comportamento conservador em relação a essa característica.

3. Com respeito à realização normativa do r-forte, pode-se afirmar que o nível de escolarização é um fator determinante: a classe socioculturalmente alta produz, na maioria dos casos, um r-forte (69 %) em vez do tepe (31 %), enquanto os informantes menos escolarizados apresentam um comportamento oposto (26 % vs. 74 %, cf. Steffen 2016:168). A dimensão diageracional, pelo contrário, não parece ter influência sobre a realização normativa do r-forte. Nas duas gerações, prevalece ligeiramente a realização não normativa (GII: 55 %, GI: 54 %, cf. Steffen 2016:168).
4. Em relação à escolha de uma variante de r-forte, o efeito das variáveis extralinguísticas consideradas é exatamente o contrário: enquanto o nível de educação não parece ter quase influência sobre a realização predileta de r-forte – os dois grupos socioculturais mostram um comportamento semelhante, favorecendo a vibrante múltipla tradicional (Ca: 61 %, Cb: 67 %, cf. Steffen 2016:169) – a idade, nesse caso, é determinante. Os informantes mais velhos preferem nitidamente uma vibrante (87 %), enquanto os jovens tendem a uma realização da fricativa (57 %), participando assim das inovações do português brasileiro.
5. Na análise, também foi necessário considerar fatores intralinguísticos, já que, durante a pesquisa, constatou-se uma influência do contexto linguístico ou da posição do som na palavra na realização de variantes determinadas. Igualmente, ao tratar-se de uma análise do estilo de leitura, a grafia pode condicionar a escolha de uma variante determinada. A vibrante representada por <rr> duplo em posição intervocálica leva mais frequentemente a uma realização como vibrante múltipla do que no caso do <r-> individual de início de palavra, mesmo que ambas as grafias representem o mesmo fonema. Assim, nas palavras com <rr> duplo temos, por um lado, mais casos de pronúncia normativa e, por outro, a preferência pela realização tradicional do Sul, a vibrante múltipla, sobre a da fricativa velar. Nesse sentido, faltaria ainda uma contrastação diafásica, para verificar se essa tendência também surge em conversas ou se é limitada ao meio gráfico.

A tendência, por parte de descendentes de imigrantes, de eliminar, paulatinamente, as marcas de contato, sobretudo aquelas mais estigmatizadas e associadas à fala do colono (cf. Margotti 2004), também foi constatada neste estudo, sendo decisivo não só a idade, mas também o grau de escolarização. Os falantes da classe socioculturalmente alta e os jovens, como grupos com maior mobilidade, seguramente têm mais contato com as variedades normativas e inovadoras do português, faladas nos centros urbanos.

5 Base de dados considerada

Também os dados para a presente contribuição provêm do ALMA-H (*Atlas Linguístico- -Contatual das Minorias Alemãs na Bacía do Prata: Hunsrückisch*), projeto binacional brasileiro-alemão que tem como objetivo produzir um atlas linguístico pluridimensional,[1] no qual estejam registradas a variação, os contatos linguísticos e o uso do Hunsrückisch na região Sul do Brasil, no Nordeste da Argentina e no Leste do Paraguai (cf. Altenhofen 2004). O objetivo do Atlas não é apenas descrever as diferentes manifestações na variedade minoritária, mas também analisar sua influência no português de seus falantes.

Para este artigo, analisaram-se as realizações de /r/ em coda silábica procedentes de 124 leituras do texto bíblico "parábola do filho pródigo" em português (cf. texto em anexo), feitas por um total de 227 informantes. Foram registradas e avaliadas um total de 2349 ocorrências de /r/ em coda silábica, 827 realizadas em 8 palavras em posição final de sílaba,[2] 1250 em 12 infinitivos no final de palavra[3] e 273 em 3 palavras também no final de palavra.[4]

Dos três estilos de uso da língua considerados pelo ALMA-H, incluindo conversa livre, respostas a perguntas do questionário e leitura, esse último estilo, mais monitorado, representa o menos livre, já que pressupõe a "tradução" de um texto preestabelecido do meio gráfico para o meio oral. Nesse caso, é de se esperar uma pronúncia mais cuidada do que na conversa livre. Por isso, justifica-se, em estudos futuros, considerar a análise diafásica (em estilos e situações distintas de uso da língua) para identificar variações de pronúncia na fala do mesmo informante.

O ALMA-H permite registrar a variação diastrática por meio de dois parâmetros, segundo o grau de escolaridade. Foram entrevistados informantes com formação universitária parcial ou completa, grupo chamado de socioculturalmente alto (Ca), e informantes com formação até ensino médio e com uma profissão que não exija o uso da escrita, representando o grupo socioculturalmente baixo (Cb). Sem dúvida, é de se esperar, na fala desses descendentes de

1 A dialetologia pluridimensional analisa a variação linguística combinando a dimensão diatópica com dimensões sociais, como o nível de escolaridade, a idade etc. dos informantes (cf. Thun, 2011).

2 parte, porcos (2x), gordo (3x), morto (2x) (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

3 ganhar, pedir, cuidar, encher, morrer, fazer (2x), viver (2x), regressar, ouvir, entrar (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

4 melhor, maior, sequer (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

imigrantes alemães, uma competência variável em português, condicionada pelo grau de escolaridade.

A variação diageracional está representada por duas gerações, a saber, por informantes acima de 55 anos, a geração mais velha (GII), e por informantes com idade entre 18 e 36 anos, a geração mais jovem (GI). Em virtude do contato maior com o português, há entre os falantes jovens uma proficiência maior em português.

Apesar da dimensão diassexual não ter sido levantada sistematicamente durante as entrevistas, para a presente análise é possível contrastar um número relativamente equilibrado de 105 leituras lidas por homens com 122 lidas por mulheres.

6 Análise pluridimensional do /r/ em coda silábica

Nesta seção, são apresentados os resultados da análise empírica. Primeiramente veremos os resultados em geral e nas próximas seções, de forma separada, segundo a posição medial ou final do /r/ e a classe morfológica da palavra.

Globalmente podemos constatar que, na realização do /r/ em coda silábica por descendentes de imigrantes alemães, temos variação: ocorrem as variantes tepe alveolar sonora [ɾ], flap retroflexa sonora [ɽ], fricativa dorso-velar surda [x] e zero. Como se pode ver nos dados da tabela, na maioria dos casos os informantes optam por uma realização como tepe (90,5 %), a variante típica da região, e em segundo lugar, mas já muito menos, pronunciam uma variante retroflexa (8,3 %). Em posição silábica medial, uma pronúncia retroflexa do /r/ aparece mais vezes (18 %) do que em posição de coda final (3 %), independentemente da classe de palavra.

Tabela 1: Distribuição geral das ocorrências de /r/ na amostra

/r/ em coda silábica	Ocorrências	%
[ɾ]	2127	90,5 %
[ɽ]	194	8,3 %
[x]	12	0,5 %
Ø	16	0,7 %
Total	2349	100 %

Fonte: elaborado pela autora

A fricativa [x] e o apagamento do /r/ quase não ocorrem (menos de 1 %). Chama a atenção que praticamente todos os casos de fricativa [x] foram realizados pela mesma informante – de Santa Catarina, do grupo dos jovens, da classe socioculturalmente baixa (CbGI) – e só uma ocorrência foi produzida por um homem do mesmo grupo e estado. O apagamento do /r/ se dá só nos infinitivos (em coda externa), mais no grupo socioculturalmente baixo (Cb: 14 vs. Ca: 2), nos informantes jovens (GI: 11 vs. GII: 5) e nas mulheres (f: 10 vs. m: 6).

7 Análise pluridimensional do /r/ em coda silábica medial

Nesta seção, analisaremos a realização do /r/ em coda silábica medial, tendo em conta as dimensões diastrática, diageracional, diassexual e diatópica (por estados). Além disso, é preciso considerar a influência do contexto linguístico na produção do /r/. No total, nessa posição, em 81 % (n =666) dos casos, a pronúncia preferida é o tepe e em 18 % (n =151) das ocorrências, os informantes produzem uma variante retroflexa.[5]

Como se pode verificar nos dados da tabela abaixo, predomina claramente a realização como tepe em ambas as classes socioculturais, mas na classe socioculturalmente baixa (Cb) temos uma ocorrência levemente maior de realizações retroflexas (Cb: 20 % vs. Ca: 16 %), o que concorda com os resultados de outros estudos apresentados acima e o fato de tratar-se de uma pronúncia estigmatizada (cf. seção 4).

Tabela 2: Pronúncia do /r/ em coda interna nas palavras: *parte, porcos* (2x), *gordo* (3x), *morto* (2x). (n =826)

/r/ em coda interna	Ca	Cb	GII	GI	m	F
/ɾ/	84 %	80 %	93 %	73 %	72 %	89 %
/ɽ/	16 %	20 %	7 %	27 %	28 %	11 %

Fonte: elaborado pela autora

Com respeito às gerações, podemos ver uma diferença muito mais marcada entre os dois grupos: em quase um terço das realizações (27 %), os jovens optam

5 Não vamos considerar aqui o 1 % de realizações de [x] (cf.seção 6). A modo de comparação, Monaretto (2002:256) constata 5 % de realizações retroflexas em Porto Alegre e Callou et al. (2002:467) 7 % para a mesma cidade.

por uma variante retroflexa, enquanto os informantes da geração mais velha indiscutivelmente preferem o tepe (93 %).

Também na dimensão diassexual, nós nos deparamos com preferências diferentes que chamam atenção: enquanto as mulheres usam uma variante retroflexa só em 11 % dos casos, os homens preferem essa variante em 28 % das realizações.

Se comparamos a pronúncia do /r/ nos pontos de inquérito por estado, podemos ver que em todos a ocorrência do tepe é maior do que 77 %. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, as realizações como retroflexo são proporcionalmente quase iguais e no Paraná, com 23 %, ligeiramente mais presentes. É preciso mencionar que a comparabilidade nesse caso não é tão alta, já que o número de pontos de inquérito varia bastante de estado a estado (cf. tabela 3). Nos pontos exteriores, temos comportamentos bastante divergentes: na Argentina, não existe variante retroflexa e, no Paraguai, o índice (28 %) é até mais elevado do que no Paraná.

Tabela 3: Pronúncia do /r/ em coda interna por estados

/r/ em coda interna	**RS**	**SC**	**PR**	**AR**	**PY**
/ɾ/	81 % n =480	82 % n =103	77 % n =30	100 % n =24	73 % n =29
/ɽ/	19 % n =109	18 % n =22	23 % n =9	0 % n =0	28 % n =11
total ocorrências	589	125	39	24	40

Fonte: elaborado pela autora

Finalmente, se levarmos em consideração o contexto linguístico, podemos verificar diferenças no índice de realizações retroflexas dependendo da consoante subsequente. No caso de *porcos*, em que o /r/ é seguido por uma oclusiva velar, temos o menor número de ocorrências retroflexas (6 %). Se a consoante seguinte apresenta um ponto de articulação mais próximo a do /r/ retroflexo, essa característica parece facilitar a sua pronúncia: quando segue uma oclusiva alveolar definitivamente temos índices mais elevados de /ɽ/, mas aqui também é necessário diferenciar entre as surdas (*parte* 16 %, *morto* 14 %) e as sonoras (*gordo* 33 %) que têm o valor mais alto das ocorrências retroflexas.[6]

6 Ricardo (2019:48,52) também constata uma maior presença de retroflexão do /r/ quando é seguido de consoante alveolar.

Tabela 4: Pronúncia de /ɽ/ retroflexo e consoante subsequente

/r/ em coda interna	*parte*	*porcos*	*Gordo*	*morto*
pronúncia retroflexa /ɽ/	16 % n =19	6 % n =14	33 % n =92	14 % n =26
total ocorrências de /r/	122	237	282	186

Fonte: elaborado pela autora

8 Análise pluridimensional do /r/ em coda final

A realização do /r/ em coda final apresenta menos variação do que o /r/ em coda silábica medial. Em 95,9 % dos casos, a pronúncia preferida pelos informantes é o tepe e só 2,8 % optam por uma realização retroflexa do /r/ (em posição silábica medial, era ainda 18 %). Também surgem algumas poucas realizações de [x] (0,2 %, todas da mesma informante) e a queda do /r/ em 1,1 % dos casos.

Se nos concentrarmos primeiramente nas três palavras do texto analisado que não são verbos (*melhor, maior* e *sequer*), é possível constatar as mesmas tendências com respeito à relação entre ocorrências de variantes retroflexas e fatores extralinguísticos. No caso das realizações do /r/ em coda interna, são os grupos de classe socioculturalmente baixa (Cb), as gerações jovens (GI) e os homens (m) os que apresentam mais vezes uma pronúncia retroflexa (cf. tabela 5). Contudo, dado que se trata aqui no total de somente 8 casos de /ɽ/ (3 %), não é preciso fazer conclusões precipitadas.

Tabela 5: Pronúncia do /r/ em coda final nas palavras: *melhor, maior, sequer.*

/r/ em coda final	**Ca**	**Cb**	**GII**	**GI**	**M**	**F**
/ɾ/	99 %	94 %	98 %	95 %	94 %	99 %
/ɽ/	1 %	5 %	2 %	4 %	6 %	0 %

Fonte: elaborado pela autora

Com respeito aos dados de realização do /r/ em coda final em infinitivos, igualmente temos uma preponderância marcada de ocorrências como tepe (96 %) e só 3 % (n =35) de variantes retroflexas. Uma diferença nos dados analisados até agora é o aparecimento de alguns poucos casos (1 %, n =16) de apagamento do /r/ final.

Fazendo uma análise pluridimensional dos dados, podemos constatar mais uma vez as tendências já descritas acima: tanto na classe socioculturalmente

baixa (Cb), como na geração dos mais jovens (GI) e nos homens (m) ocorrem ligeiramente mais casos de variantes retroflexas (cf. tabela 5). Com respeito ao apagamento do /r/ são os mais jovens (GI) e os menos escolarizados (Cb) os que apresentam mais casos – mas dado que as ocorrências são poucas, seria precipitado chegar a conclusões definitivas.

Tabela 6: Pronúncia do /r/ em coda final em infinitivos: *ganhar, pedir, cuidar, encher, morrer, fazer* (2x), *viver* (2x), *regressar, ouvir, entrar*

/r/ em coda final	**Ca**	**Cb**	**GII**	**GI**	**M**	**F**
/ɾ/	97 %	95 %	98 %	94 %	95 %	97 %
/ɽ/	1 %	5 %	1 %	4 %	4 %	2 %
/Ø/	0 %	2 %	1 %	2 %	1 %	1 %

Fonte: elaborado pela autora

Paralelamente aos dados do /r/ em coda interna, também nos infinitivos resulta determinante o contexto linguístico em relação à realização do /r/ como variante retroflexa (cf. tabela 6). Quando o infinitivo vem seguido de uma palavra que começa por vogal praticamente não surgem realizações retroflexas (0–1 %). Nos três casos de infinitivo seguido de pausa, aparecem variantes retroflexas em 2–3 % das ocorrências. Temos um infinitivo seguido de palavra que começa por oclusiva dental surda (*pedir trabalho*), ou seja, com ponto de articulação próximo ao do /ɽ/, mas só ocorre um caso de retroflexo. Nos dois infinitivos seguidos da preposição *de*, que começa por uma oclusiva alveolar sonora, acontecem a maioria das realizações retroflexas (8 % e 13 %), sendo este o mesmo contexto no que ocorrem a maioria em final de sílaba interna (cf. acima).

Tabela 7: Pronúncia do /r/ em coda final em infinitivos e contexto fonético subsequente

/r/ final realizado como:	**ganhar + vogal**	**pedir + *trabalho***	**cuidar+ de**	**encher+ vogal**	**morrer+ de**	**fazer + vogal**	**viver + pausa**	**regre-ssar + pausa**	**ouvir + vogal**	**entrar + pausa**
/ɾ/ ou /ø/	100 %	99 %	87 %	99 %	92 %	100 %	98 %	97 %	100 %	97 %
/ɽ/	0 %	1 %	13 %	1 %	8 %	0 %	2 %	3 %	0 %	3 %

Fonte: elaborado pela autora

Em geral, as poucas ocorrências de queda do /r/ e de uma pronúncia retroflexa em posição de coda final podem ser devidas ao fato de tratar-se de fenômenos

da língua coloquial ou até estigmatizados e, portanto, pouco prováveis de surgir no estilo de leitura (cf. Noll 1999:52).[7] Para comparar, no estudo de Callou et al. (2002:468), em que se analisam dados de entrevistas, para Porto Alegre, o índice da queda do /r/ em posição de coda final é muito mais alto: 37 %.

9 Conclusão

Para resumir, podemos constatar que temos variação na realização do /r/ em coda por descendentes de imigrantes alemães, ainda que menos do que no caso de r-forte (cf. Steffen 2013, 2016). A variante predileta é o tepe alveolar sonoro [ɾ] (90,5 %), a variante típica da região Sul do Brasil, como já foi verificado em estudos anteriores, e o flap retroflexo sonoro [ɽ] é a segunda variante mais usada, mas com 8,3 % das realizações já em muito menor medida. Outras variantes, como a fricativa dorso-velar surda [x] ou o apagamento do /r/ em final de palavra, aparecem em menos de 1 % dos casos (em parte, devido a pronúncias idiolectais).

No caso das realizações retroflexas, é necessário distinguir a posição dentro da palavra: em posição silábica medial, uma pronúncia retroflexa do /r/ aparece mais vezes (18 %) do que em posição de coda final (3 %), independentemente da classe de palavra. O contexto linguístico que mais favorece uma pronúncia retroflexa do /r/ é uma consoante oclusiva alveolar sonora subsequente.

O resultado da análise pluridimensional com respeito à variante retroflexa mostrou as seguintes tendências: são os grupos de classe socioculturalmente baixa (Cb), as gerações jovens (GI) e os homens (m) os que apresentam mais vezes uma pronúncia retroflexa (mais manifesta nos últimos dois grupos), resultado que também surge em outros estudos (p. ex., Oushiro & Mendes 2013:81).

Poderíamos concluir que, no caso da pronúncia do /r/ em coda, não parece haver nenhum acento de imigração perceptível, enquanto que, no caso do r-forte, ainda temos presentes marcas fonético-fonológicas da língua de imigração. Na realização do /r/ em coda silábica, os descendentes de imigrantes

7 No estudo de Oushiro & Mendes (2013:82–84) sobre o /r/ em São Paulo também no estilo de leitura surgem bastantes ocorrências de /ɽ/. Eles fizeram ler aos informantes diferentes tipos de texto e chegaram à conclusão de que o índice relativamente alto de pronúncias retroflexas na leitura da notícia de jornal (42 %) era devido ao tipo de texto, um gênero bem conhecido pelos informantes, que foi lido com mais desenvoltura e "normalidade" (por isso mais retroflexos) que outros textos, onde tiveram que fazer mais atenção à fala.

alemães linguisticamente se comportam como os seus compatriotas de língua portuguesa.

Anexo: Leitura analisada

Parábola do Filho Pródigo

Jesus disse também: Um certo homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai: "Pai, tenho a idéia de ganhar experiência na vida. Dá-me a parte da herança que me pertence." O pai, decepcionado, repartiu os seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais novo liquidou o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou todo o dinheiro numa vida desregrada.

Quando já não tinha dinheiro, e como houve muita fome e árduo sofrimento naquela região, começou a padecer de extrema necessidade. Foi pedir trabalho a alguém da região. O homem mandou-o para os seus campos guardar e cuidar de porcos. Desejava encher o estômago mesmo com uma espécie de bolotas que os porcos e os cães comiam, mas ninguém lhas dava. Foi então que, numa noite, ele caiu em si e, inquieto no seu exílio, pensou: "Eu minguo a riqueza do meu pai. Perdi o juízo! E tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem. Nunca há penúria, e eu estou parado aqui doente no meu lençol e a morrer de fome! Amanhã vou mas é ter com o meu pai e digo-lhe: "Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas aceita-me como um de teus trabalhadores."

Levantou-se e voltou para o pai. [Mas] ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, o bom pai correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe então: "Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já nem mereço ser chamado teu filho." Mas o pai disse logo aos empregados: "Tragam depressa a melhor roupa e vistam-lho. Ponham-lhe também um anel no dedo e calcem-lhe sandálias nos pés. Tragam o bezerro mais gordo que criamos e matem-no. Vamos fazer um banquete no pátio. Porque este meu filho estava morto e voltou a viver; estava perdido e apareceu." E começaram com a festa.

Ora, o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos empregados e perguntou-lhe admirado o que era aquilo. E o empregado disse-lhe: "Foi o teu irmão que voltou, e por ordem do pai matamos o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo." Ao ouvir isso, ficou indignado e mui amolado e nem queria entrar. Mas o pai saiu para o convencer.

Mas o filho maior respondeu: "Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter desobedecido às tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Isso me dói. Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com mulheres de má vida, e nós matamos o bezerro mais gordo. Não quero que míngües mais a tua riqueza nem a minha com este infeliz."

O pai disse-lhe com voz tênue: "Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmo-nos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu."

Referências

ALERS = Altenhofen, Cléo Vilson; Klassmann, Mário. (org.) (2011): *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC.

ALERS = Koch, Walter; Altenhofen, Cléo Vilson; Klassmann, Mário. (org.) (2011): *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2a. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC.

Altenhofen, Cléo Vilson (1996): Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. *Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.

Altenhofen, Cléo Vilson (2004): A constituição do corpus para um Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, p. 135–165.

Altenhofen, Cléo Vilson / Margotti, Felício Wessling (2011): O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: Mello, Heliana (Altenhofen, Cléo V. / Raso, Tommaso. (org.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, p. 289–315.

Amaral. Amadeu (1982 [1920]): *O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC.

Brescancini, Cláudia / Monaretto, Valéria (2008): Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n.11/2, p. 51–66.

Callou, Dinah et al. (2002): Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: Koch, Ingedore V. (org.). *Gramática do Português Falado*, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP.

Cristófaro-Silva, Thaïs (1998): *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto.

Fausel, Erich (1959): *Die deutschbrasilianische Sprachmischung: Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt.

Head, Brian F. (1973): O estudo do "r-caipira" no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*, *v. 67*, n.8, p. 43–49.

Leite, Cândida Mara Britto (2004): *Atitudes Lingüísticas: A Variante Retroflexa em Foco*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas.

Leite, Cândida Mara Britto (2010): *O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas.

Margotti, Felício Wessling (2004): *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Tese: Doutorado. Porto Alegre: UFRGS.

Monaretto, Valéria (1997): *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Tese: Doutorado em Letras. Porto Alegre: Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Monaretto, Valéria (2002): A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Bisol, Leda / Brescancini, Cláudia. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 253–268.

Monaretto, Valéria et al. (1996): As consoantes do Português. In: Bisol, Leda. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 205–246.

Noll, Volker (1999): *Das brasilianische Portugiesisch. Herausbildung und Kontraste*, Heidelberg: Winter.

Oushiro, Livia / Mendes, Ronald B. (2013): A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, vol. 8, n. 2, p. 66–95.

Ricardo, Júlia (2019): */R/ retroflexo em coda no português da Região Metropolitana de Porto Alegre: estudos de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS.

Steffen, Martina (2013): Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no Rio Grande Do Sul, *Organon: Fonologia: Variação e mudança*, Porto Alegre, n. 54, v. 28, p. 241–256, jan./jun 2013.

Steffen, Martina (2016): Portugiesisch im Munde der deutschen Einwanderer in Brasilien: Phonetische Variation und Erwerb der Kontaktsprache durch Sprecher des Hunsrückischen am Beispiel des /r/. In: Lenz, Alexandra N. (ed.), *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt und Mehrsprachigkeitsforschung*, Wiener Arbeiten zur Linguistik, Bd. 4, Wien: Vienna University Press, p. 159–175.

Thun, Harald (2011): Pluridimensional Cartography. In: Lameli, A. / Kehr-Ein, R. / Rabanus, St. (eds.) *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation*. Volume 2: language Mapping. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, p. 506–524.

Tornquist, Ingrid Margareta (1997): *"Das hon ich von meiner Mama" – zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul*. Uppsala: Swedish Science Press.

Rosane Werkhausen

A marcação glotal no português em contato com o vestfaliano no sul do Brasil

Abstract: The present study analyses the occurrence of glottal marking (glottalization and glottal stop) in vowel-initial words in spoken Brazilian Portuguese in contact with Vestfaliano (Westphalian/ Westfälisch), and related it to some factors that contribute to the processes of maintenance and shift of this minority language. Glottal stop as consonant is not part of the Portuguese phonological system, and it does not seem to occur systematically in other varieties of Portuguese spoken in Brazil, but it is a phoneme present in German, especially in the Low German varieties as Vestfaliano. For the phonetic analysis, we used data from 24 bilingual speakers of Portuguese and Vestfaliano, as well as data from 24 monolingual speakers of Portuguese of two communities in southern Brazil: Westfália, in Rio Grande do Sul (RS01), and Rio Fortuna, in Santa Catarina (SC01), based on pluridimensional dialectology (Radtke & Thun, 1996). According to the analysis, there was a higher degree of glottal marking in Westfália, where the minority language is more widely maintained.

Keywords: Brazilian Portuguese, Low German, Vestfaliano, language contact, glottal stop, glottalization

1. Introdução

O presente artigo tem como tema central fenômenos de contato linguístico do português e vestfaliano[73] em dois pontos no sul do Brasil: Westfália, no Rio Grande do Sul (RS01), e Rio Fortuna, em Santa Catarina (SC01). O vestfaliano, é aqui entendido como uma variedade do baixo-alemão originária da região de Renânia do Norte Westfália, Alemanha, e é, conforme a descrição de Altenhofen (2011, 2013b, 2019), uma das línguas alóctones faladas por comunidades multilíngues no Brasil.

Analisa-se nessas duas cidades a ocorrência da oclusiva glotal (ʔ) em palavras iniciadas por vogais do português brasileiro em contato com o vestfaliano. Essa consoante glotal não faz parte do sistema fonológico do português, e parece não ocorrer sistematicamente em outras variedades do português falado no Brasil, mas está presente em variedades do alemão, principalmente nas variedades do baixo alemão, do qual o vestfaliano faz parte. Observa-se que o grau de ocorrência de marcação glotal parece relacionar-se com o grau de manutenção da língua de imigração vestfaliana nos pontos pesquisados, em suas

diferentes dimensões. Para a análise fonética, foram usados dados de falantes bilíngues em português e vestfaliano em RS01 e SC01, além de dados de falantes monolíngues em português nos mesmos pontos, totalizando 1.152 ocorrências. O trabalho tem como base a metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional (Radtke & Thun, 1996) e a análise sociolinguística (Labov, 1972).

2. Contato linguístico, manutenção e substituição linguística

A região sul do Brasil caracteriza-se pela formação de núcleos populacionais linguisticamente complexos, muitos deles falantes de variedades alemãs. Algumas dessas variedades são faladas há quase 200 anos no Brasil, mesmo diante de atitudes e políticas muitas vezes desfavoráveis às línguas minoritárias[74].

Em relação ao vestfaliano, Horst (2014, p. 28) o configura como uma língua brasileira de imigração alemã, a exemplo do que já foi afirmado por Altenhofen (2013a)[75]. De acordo com Horst (2004), novos condicionamentos sociais e culturais atuam no processo de mudança linguística do vestfaliano, como dialeto do baixo-alemão em contato com o português e outras línguas autóctones e alóctones. No entanto, essas mesmas línguas também influenciam a variedade do português em contato com elas, podendo provocar interferências linguísticas (Mackey, 1972)[76].

A manutenção ou substituição linguística está relacionada, por um lado, com a relação de mudança e estabilidade do uso habitual das línguas ou variedades linguísticas em contato e, por outro, com processos culturais, sociais e psicológicos (Fishman, 1968). Em áreas em que esses contatos linguísticos ocorrem, vários fatores podem influenciar e regular as interações sociais para a manutenção de língua minoritária, dentre eles, conforme Fishman (1968), (a) o fator demográfico: quantidade de falantes dessa língua com os quais se realizam os contatos; (b) geográfico: a localização mais isolada e tamanho da comunidade de fala; (c) econômico: autossustentabilidade da comunidade; (d) cultural: língua como identificação do grupo; (e) regulamentação: existência de leis que valorizem a língua.

Podem-se acrescentar ainda fatores como urbanização e mobilidade (Thun, 1996; Altenhofen, 2011), já que quanto mais urbana uma comunidade, maior a mobilidade e maior a ocorrência de contato entre as línguas, o que pode, dentre outros fenômenos, pode levar a uma substituição de língua minoritária. Horst e Krug (2020) chamam a atenção ainda de que um dos fatores que leva à substituição linguística ao longo dos últimos anos nessas comunidades é a criação de novos municípios, cuja administração é praticamente realizada em português. Isso se deve ao fato de que, com a realização de concursos públicos e da falta de

mão de obra qualificada no local, há uma imigração de pessoas que não falam as variedades locais.

No caso do vestfaliano, vale destacar, que apesar do tamanho pequeno das comunidades de fala, o isolamento geográfico e social, que se estendeu por muitos anos, em algumas localidades de Westfália (RS01) até bem recentemente, e a fixação, em certas localidades, de famílias originárias de uma mesma região foram fatores importantes na manutenção linguística[77]. Conforme Díaz (2004), a estrutura social de falantes de vestfaliano em Westfália é endógena[78], o que pode contribuir para a manutenção da língua minoritária. Em contrapartida, em Rio Fortuna (SC01), o grau de substituição gradativa dessa língua pelo português parece estar mais avançado. Conforme Vandresen (2006, 2009) esse processo pode estar relacionado com a dependência da estrutura administrativa das comunidades já estabelecidas, como Tubarão, nas quais não podiam falar em seu dialeto e/ou eram monolíngues em português.

Segundo Koch (1974, p. 36), a manutenção do vestfaliano também pode ser explicada por ser pertencente ao grupo do baixo alemão, levando os falantes a apresentar maior resistência à influência do hunsriqueano e mesmo do alemão, "por apresentar características fonológicas e um vocabulário bastante diferente desses últimos". Nesse sentido, um dos aspectos a ser investigado é se a maior ou menor presença da marcação glotal no português pode sugerir de maneira mais ampla processos de manutenção ou substituição do vestfaliano e a própria mudança do português falado nos pontos analisados, corroborando os estudos de outros autores citados neste artigo. Os resultados da análise de dados (seção 5) indicam que essa marcação ocorreu principalmente no Vale no Taquari, em Westfália (RS01), enquanto em Rio Fortuna, o processo de substituição e mudança do português parece estar em um processo mais avançado, se levarmos em conta esse fenômeno linguístico.

Vale também elencar que esses pontos são núcleos fronteiriços a outras áreas linguísticas de colonização. Além disso, tanto a área pesquisada no estado gaúcho quanto a catarinense não foram formadas homogeneamente por imigrantes exclusivamente vestfalianos, embora a história da colonização mostre que, por ter sido tardia, houve a ocupação de áreas mais isoladas. Essa população manteve contato com outras línguas, por meio da mobilidade social e econômica[79].

Para compreendermos e analisarmos a situação linguística desse contato, é importante considerar também a sua dimensão diacrônica, já que que as comunidades linguísticas pesquisadas têm uma história de deslocamento espacial desde 1860, quando os primeiros vestfalianos migraram para o Brasil. Temos, nesse sentido, como ponto de partida duas comunidades de fala, que em torno de 1860 eram basicamente monolíngues em uma variedade do baixo

alemão. Esses grupos tornaram-se gradativamente bilíngues em vestfaliano e português[80]. A intensificação (forçada) do contato linguístico com português deu-se principalmente a partir de 1930, com a campanha de Nacionalização do Ensino[81]. Como língua majoritária, o português desde então vem substituindo o vestfaliano em diferentes domínios, que antes eram ocupados pelo vestfaliano, língua considerada em âmbito nacional como língua minoritária. Tal fenômeno de substituição linguística já vinha sendo observado por Weinreich (1970). Essa substituição ocorre de forma gradual e inconsciente e despercebida pelos falantes (Dück, 2011). Conforme a autora, dependendo da situação e do contexto, a substituição inicia em um determinado âmbito ou habilidade linguística, como na fala, na escrita ou na leitura. O resultado da substituição, de acordo com Margotti (2004), é a transformação de um indivíduo bilíngue em monolíngue. De acordo com os dados gerados para este trabalho, há indícios de que esse processo de substituição está em um estágio mais avançado em Rio Fortuna, onde não conseguimos encontrar falantes da geração I (18 a 36 anos) e poucos falantes da geração II (37 a 55 anos).

Entretanto, a língua minoritária não é substituída completamente, pois devido a sua história de contatos com a língua majoritária, esta pode sofrer interferências também, adotando algumas marcas da língua minoritária (Coseriu, 1982). Por isso, neste artigo, será analisada a ocorrência da oclusão glotal no português falado em comunidades em que o vestfaliano é língua minoritária. Como a consoante glotal e a glotalização não existem como elemento fonológico no português, presume-se que, a exemplo do estudo de Cerno e Radtke (2013) do espanhol em contato com o guarani no Paraguai, o português em contato com o vestfaliano tenha a presença do fenômeno da marcação glotal, como também um caso de interferência linguística, que pode indicar um grau de manutenção do vestfaliano e retardamento da substituição pelo português, por ela ser uma característica marcante das variedades e dialetos germânicos falados no norte da Alemanha, e menos presente em variedades e dialetos de outras regiões. Além disso, o fenômeno da marcação glotal praticamente não ocorre em português, o que nos permite analisar o quanto de influência da presença do vestfaliano ainda pode ser sentida nas regiões em que ele é/era falado, como veremos na análise dos dados na seção 5.

3. A coleta de dados, os pontos de análise e os informantes

Para a coleta de dados para a análise foi aplicado um questionário a 24 falantes bilíngues em português e vestfaliano, e 24 informantes monolíngues em português em dois pontos no sul do Brasil: em Teutônia, no Rio Grande do Sul e

em Rio Fortuna, em Santa Catarina. A escolha desses pontos levou em conta o fato de terem a presença de núcleos populacionais descendentes de vestfalianos e, portanto, representativos da variedade do português em contato com o vestfaliano no Sul do Brasil.

Para a obtenção de palavras iniciadas por vogais de preferência em contexto de início absoluto, optou-se em fazer 24 perguntas em português, que gerassem respostas diretas, como podemos ver em alguns exemplos abaixo, de perguntas com respostas em português[82]:

– Animal que faz teias na parede: aranha
– Com que letra começa a palavra família? éfe
– Um pedaço de terra cercado de água por todos os lados é uma… ilha
– A galinha bota um… ovo

Na escolha dos informantes, levou-se em conta a dimensão diageracional (GI, GII, GIII), diagenérica (masculino e feminino) e diastrática (Ca e Cb), de maneira que em cada célula apresentadas na figura abaixo houvesse pelo menos um informante. Os informantes foram divididos, diferentemente da base metodológica da dialetologia pluridimensional (Radtke & Thun, 1996), que prevê duas gerações, em três gerações na pesquisa:

CaGIII	CaGII	CaGI
CbGIII	CaGII	CbGI

A fim de fornecer um breve panorama comparativo dos pontos pesquisados ao leitor, apresento a seguir algumas informações de aspectos históricos, religiosos, sociais e linguísticos:

3.1 Westfália (RS01)

A imigração de vestfalianos para o Rio Grande do Sul, mais especificamente para o Vale do Taquari, iniciou-se por volta 1858 para a Colônia Teutônia (Lang, 1995, 2015), iniciando assim "uma trajetória de contatos linguísticos com diferentes variedades", principalmente com o português, além do alemão (*Hochdeutsch*), do italiano, e do hunsriqueano (Horst, 2014). Os imigrantes eram, na sua maioria, de comunidades de Westfália, além de localidades dos municípios circunvizinhos de Teutônia, Imigrante e Colinas. Encontramos também comunidades de fala vestfaliana em VX de Novembro e Panambi, formada por emigrantes vestfalianos da Colônia Velha de Teutônia (Werkhausen Luersen, 2009; Ahlert 2012; Horst, 2014).

O município de Westfália, emancipado de Teutônia e Imigrante em 1996, conta com uma população estimada de 3.046 habitantes e uma extensão territorial de quase 64 km[83], distante 120 km da capital, Porto Alegre. O principal acesso à cidade é pela RS 453 (Rota do Sol), construída na década de 1980, a qual promoveu uma facilitação ao acesso, principalmente à Linha Berlim (núcleo exclusivo de falantes vestfalianos), localizado a uma distância de 15 km de Teutônia, e 5 km de Imigrante. Os mais de 70 % da população de confissão evangélica[84] tem contato com o alemão padrão em cultos e cantos nas comunidades, conforme anotações da pesquisa de campo realizada pela autora.

O vestfaliano é língua cooficial nesse município e há um projeto apoiado pela administração municipal de ensiná-lo nas escolas. A língua vestfaliana, mais conhecida na região como sapato-de-pau, tem esse símbolo usado como identificação visual, apesar de a língua não estar presente na paisagem linguística local. A língua ainda é usada na comunidade e na família de descendentes vestfalianos, e falado por mais gerações (Werkhausen Luersen, 2009). Mais recentemente, por meio da criação do Grupo Amigos do Sapato de Pau em 2013, houve um avanço da sistematização da língua, através da publicação do dicionário (Ahlert, 2019) e a Gramática da Língua Westfaliana Brasileira (Ahlert, 2022)[85].

3.2 Rio Fortuna (SC01)

No sudeste de Santa Catarina, os imigrantes vestfalianos chegaram em torno de 1860, ocupando terras da Colônia Teresópolis – São Bonifácio, no Alto Vale do Cubatão (Vandresen, 1970, 2006, 2009; Dircksen e Ricken, 2008). Ainda segundo Vandresen (1970, 2006), havia quatro línguas em contato na comunidade de Rio Fortuna: o vestfaliano, o alemão (*Hochdeutsch*), o *Holsteiner* e o português. A área do vestfaliano catarinense se estende ainda por Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Braço do Norte, São Ludgero, Santa Rosa de Lima, Armazém e Grão Pará (Vandresen 1970, 2006, 2009; Werkhausen Luersen, 2009).

O município de Rio Fortuna, localizado no vale do rio do mesmo nome, foi colonizada por alemães de São Bonifácio, em sua maioria. O município conta com uma população estimada em 4.630 habitantes em 2021, em uma extensão territorial de 303,028 km² [86]. O principal acesso à cidade é pela rodovia SC-482, que passa por Braço do Norte.

Segundo Vandresen (1970, 2006, 2009), os colonos da região eram em sua maioria falantes de vestfalianos católicos, além de uma minoria de famílias protestantes que falavam o dialeto *Holsteiner*, também do baixo-alemão

(Vandresen, 1970). Todos dependiam administrativamente do município de Tubarão, formada por falantes monolíngues do português.

Ao longo do tempo, apesar de a comunidade ser formada ainda exclusivamente por imigrantes católicos[87], a assistência religiosa era esporádica, por meio de padres provenientes de São Bonifácio e São Ludgero (Vandresen, 2006 e 2009). Ainda de acordo com o mesmo autor, além do uso do alemão padrão nos eventos religiosos, os imigrantes adultos que chegavam a Rio Fortuna já haviam frequentado escolas alemãs, em que se ensinava o alemão padrão, mas na família e em contatos informais o dialeto vestfaliano era usado. Como já afirmado anteriormente, esse contexto mudou não só pela dependência a Tubarão, mas também pelo efeito da Campanha de Nacionalização do Ensino.

4. A marcação glotal

A consoante oclusiva glotal desvozeada, que ocorre a nível da laringe [ʔ] "resulta da súbita sobrecarga da glote sob a pressão do ar interno ou do fechamento súbito da passagem de ar ao nível da glote" (Kohler, 1994; Fougeron, 2001). O som desse fechamento produzido quando a glote fechada se relaxa bruscamente para vibrar realiza-se em contato com uma vogal. A marcação glotal pode ser realizada pela consoante, mas muitas vezes vê-se a ocorrência de glotalização. Há vários tipos de glotalização, mas geralmente ela se caracteriza por pulsos glóticos irregulares e largamente espaçados, os quais não serão categorizados neste artigo.

A oclusiva glotal e a glotalização desempenham muitos papéis em muitas línguas, como, por exemplo, o alemão (Kohler, 1999), o holandês (Jongenburger e Vn Heuveb, 1991), o espanhol em contato com o guarani (Cerno e Radtke, 2013), entre outros. Vários estudos relatam a enorme variabilidade desse fenômeno em sua realização acústica, seja como um fonema de parada glótica, ou como fonação contrastiva em consoantes ou vogais, podendo ser correlacionadas com contrastes tonais, ou podendo indicar os limites de elementos lexicais ou prosódicos.

No caso do alemão, a oclusão glotal pode preceder vogais em início de palavras, como em *[ʔ]ein [ʔEi]* (um ovo) ou em limites morfológicos internos, com uma função delimitativa[88] como o limite entre morfemas nos seguintes encontros vocálicos: *sich be[ʔ]eilen* (apressar-se) ou quando o morfema que segue inicia com vogal, como em *[ʔ]er[ʔ]arbeiten* (conseguir com seu próprio trabalho) e *wieder[ʔ]er[ʔ]obern* (reconquistar). De acordo com Cerno e Radtke (2013, p. 2), mesmo que a glotal não tenha valor distintivo no alemão, ele faz parte da fonologia dessa língua no nível prosódico. Os autores acrescentam também que

a ocorrência de [ʔ] pode ocorrer sem ter uma função linguística específica, e somente ao nível da fala, resultando de fatores contextuais.

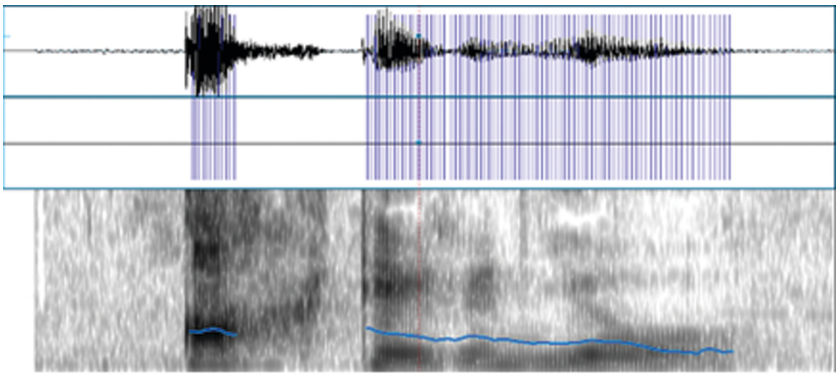
Conforme Kohler (1994) e Alber (2001) o corte glotal é uma característica de destaque nas variedades do norte da Alemanha, mas menos ocorrente nas variedades do centro e sul, o que levanta a hipótese de que o vestfaliano apresente esse fenômeno linguístico. Vandresen (1970, p. 27) descreve esse fenômeno no vestfaliano de Rio Fortuna, o que corrobora a nossa hipótese. No caso do português, o status das oclusões glotais e da glotalização é fraco, em comparação com o alemão e o vestfaliano, e não que não têm valor fonológico.

Para este artigo, optou-se em categorizar os dados de acordo com Wiese (2000) em: a) a ocorrência de uma oclusão glotal por meio da consoante oclusiva glotal (também conhecida como plosiva glotal surda), b) a glotalização e c) a ausência de qualquer marcação em início de palavras com vogal, como veremos nas figuras abaixo.

a) Consoante oclusiva glotal:

A oclusão glotal é produzida quando a glote, localizada na laringe, atua como o ponto de articulação principal. Nesse som de fala, a glote é momentaneamente fechada, interrompendo completamente o fluxo de ar entre os pulmões e a boca. Em seguida, ela é abruptamente aberta, liberando o ar e criando um som audível. Essa interrupção e liberação rápida do ar geram o som distintivo da consoante glotal (Wiese, 2000), que aparece no espectrograma abaixo (figura 1), quando antes da vogal [a] na palavra em vestfaliano *Achtegen*(dezoito), é produzido um som surdo caracterizado pela consoante [ʔ]. Como veremos na seção 5, essa consoante aparece com mais frequência em falantes bilíngues de português e vestfaliano.

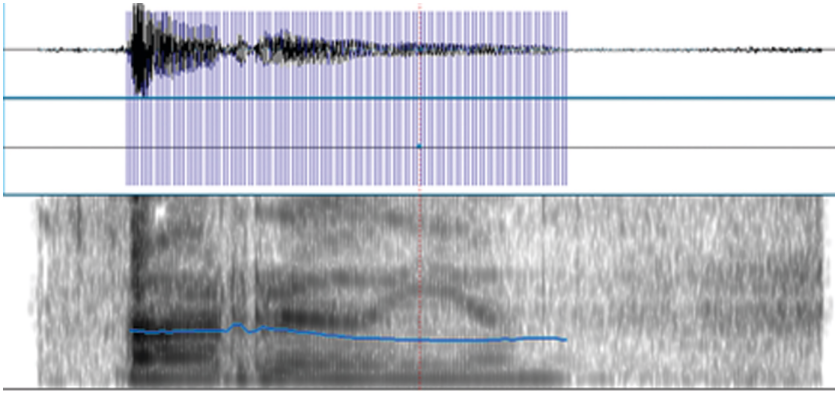
Figura 1: Realização fonética da expressão *Achtegen Johr* por um falante bilíngue GIIICb em Westfália-RS



b) Glotalização:

Na imagem abaixo, vemos um exemplo de glotalização, que é mais frequentemente percebida como *creaky voice* (fechamento parcial da glote) (Wiese, 2000). Neste caso, a glotalização geralmente não envolve a produção da consoante glotal em si, mas a sua presença afeta a pronúncia da vogal, como ocorre abaixo na figura 2 com o fonema [a] em aranha.

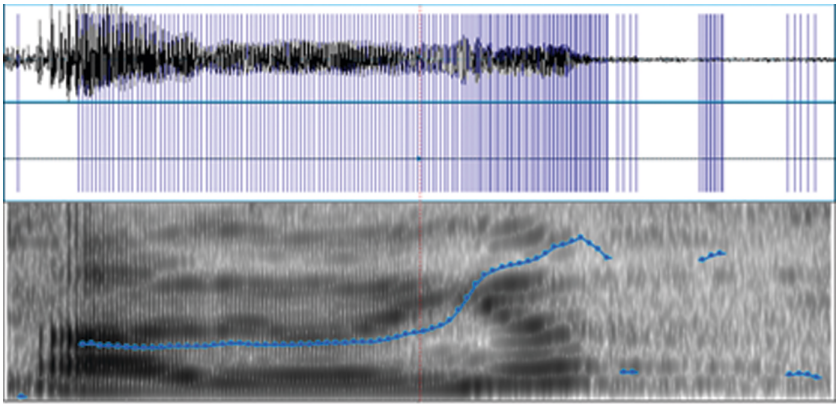
Figura 2: Realização fonética da palavra aranha por uma falante bilíngue GICa em Westfália-RS



c) Ausência de marcação:

Neste caso, em contextos favoráveis à ocorrência de consoante glotal ou glotalização, ocorre a vogal em si, o que representa a realização canônica do português brasileiro (Silva, 2001). Na figura abaixo (figura 3) vemos a sua realização por um falante monolíngue em português em um dos pontos analisados.

Figura 3: Realização fonética da palavra aranha por um falante monolíngue GIIICa em Westfália-RS



Esse fenômeno fonético será analisado para compreender os processos de mudança linguística do português falado nos pontos pesquisados, derivados dos diferentes contatos linguísticos com o vestfaliano. Como a marcação glotal do vestfaliano não é representada graficamente em nenhuma das línguas analisadas neste trabalho, presume-se que haja um baixo nível de percepção de sua ocorrência na fala e que dificilmente seja controlável pelo falante, o que possibilita que o fenômeno se mantenha por mais tempo na transferência para a língua de contato, o português[89]. Isso significa que, mesmo que haja falantes que já não sejam tão proficientes no vestfaliano, sua variedade do português poderá ter marcas dessa língua minoritária.

5. A análise dos dados

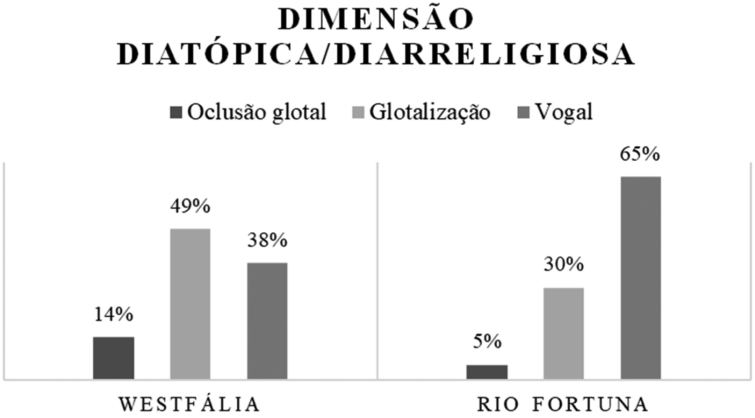
Para esse artigo, analisaram-se os 1.152 dados (24 perguntas x 48 informantes), resultantes da aplicação do questionário, usando-se a linguagem de programação *Python*, juntamente com o pacote de análise de dados *pandas*[90]. O contexto

fonético, como já mencionado anteriormente, é a realização ou não de uma marcação glotal em palavras iniciadas por vogal no português, considerando a variação linguística, de acordo com as seguintes dimensões da proposta metodológica pluridimensional:

5.1 Variação diatópica e diarreligiosa

Optou-se pela análise conjunta das dimensões diatópica e diarreligiosa neste artigo por questões de espaço. Além disso, como visto na seção 3, os informantes de Westfália, assim como a maioria da população, é de confissão luterana (IECLB), enquanto os informantes de Rio Fortuna são católicos, como a maioria de sua população. No gráfico abaixo, analisaram-se as três variáveis em falantes bilíngues, que somam 576 dados:

Figura 4: Variação diatópica e diarreligiosa em falantes bilíngues em RS01 e RS02



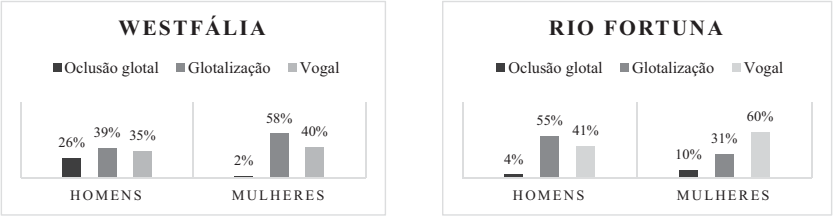
No gráfico acima, pode-se observar diferenças em relação à alguma marcação glotal (oclusão glotal e glotalização) em Westfália, de 63 %, em relação às ocorrências em Rio Fortuna, em que temos um percentual de 35 %, o que nos permite confirmar que o grau de ocorrência de marcação glotal parece relacionar-se com o grau de manutenção da língua de imigração vestfaliana, o que vai ao encontro de pesquisas de Altenhofen (2011), Krug (2004), Horst, (2011) e Horst (2014). Como vimos anteriormente, historicamente os falantes católicos de Rio Fortuna realizaram mais contatos com o português do que os luteranos de Westfália, cuja população vestfaliana, como já vimos, passou muito tempo

mais isolada geograficamente, na sua maior parte formada por comunidades rurais. Já em Santa Catarina, o acesso ao português chegou mais cedo, por meio de atividades econômicas diversificadas, maior mobilidade e com maior ocorrência de contato entre as línguas (Vandresen, 2006, 2009), o que parece levar a uma substituição do vestfaliano, e a perda de marcas desse no português.

5.2 Variação diagenérica

Ao se analisar os dados dos falantes bilíngues pela dimensão diagenérica, vemos que há uma tendência visivelmente discrepante entre os pontos pesquisados: enquanto em Westfália os homens tendem a realizar mais a oclusão glotal, com 26 % dos casos, esse fenômeno é mais presente entre as mulheres em Rio Fortuna, com 10 %. No entanto, se observarmos adjunto a realização de glotalizações, vemos que a realização de marcação glotal é alta também entre as mulheres em Westfália, e a porcentagem da marcação glotal entre os homens supera o índice entre mulheres em Rio Fortuna.

Figura 5: Gráficos comparativos de RS01 e SC01 na dimensão diagenérica – falantes bilíngues

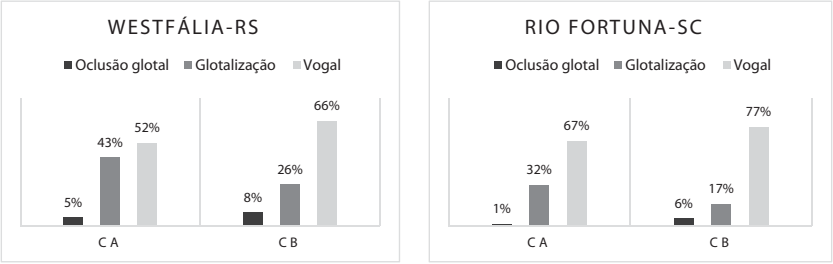


Labov (2001, 2006, 2008) afirma que, em geral, as mulheres são mais sensíveis ao padrão, e cabe a elas o papel fundamental na promoção da mudança linguística. Os gráficos acima (figura 5) confirmam a hipótese de que em Rio Fortuna o processo de substituição do vestfaliano pelo português não só está em um estágio mais avançado, mas também que o português pode estar em um processo de mudança, com menos marcas de interferência da língua minoritária, o que se observa mais avançado na categoria feminina, com 60 % de realização de vogais em início de palavras.

5.3 Variação diastrática

Na dialetologia pluridimensional, a dimensão diastrática não se refere à classe econômica dos falantes e sim a sua escolarização (Radtke e Thun, 1996). São considerados Ca a classe mais escolarizada e Cb, aqueles com pouco grau de instrução, Ensino Fundamental e, em alguns casos, o Ensino Médio[91].

Figura 6: Gráficos comparativos de RS01 e SC01 na dimensão diastrática – falantes bilíngues



Tendo em vista os indícios de mudança em curso e maior grau de competência do vestfaliano no ponto do Rio Grande do Sul, pode-se confirmar também nesta dimensão uma maior ocorrência de marcação glotal em Westfália. De modo geral, a ocorrência de variantes em Ca indica influência da escola ou de práticas sociais envolvendo o uso do português.

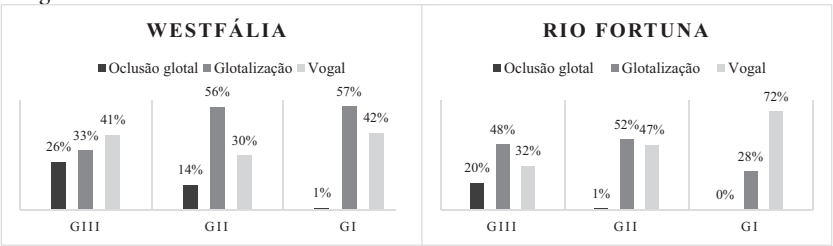
Normalmente jovens que frequentaram a escola por mais tempo estiveram expostos a um contato maior com o português padrão, consequentemente apresentariam menos situações de uso do vestfaliano e, por conseguinte, menos traços fonéticos no português falados por eles. No entanto, é interessante observar aqui o alto índice de ocorrência da vogal na classe menos escolarizada, diferentemente do que afirma Altenhofen (2016) para o hunsriqueano. Um aspecto que talvez tenha relevância para o entendimento desse resultado seja o grau de mobilidade dos entrevistados, já que muitos deles trabalham em centros urbanos maiores[92] e tem mais contato com o português, o que corrobora as afirmações de autores como Thun (1996) e Altenhofen (2011).

5.4 A variação diageracional

Como já elencado na seção 3, optou-se neste trabalho, diferentemente da dialetologia pluridimensional (Radtke e Thun, 1996), incluir um grupo

intermediário de informantes entre 37 e 55 anos (GII), para melhor analisar em tempo aparente a variação e a mudança em curso do português em contato com o vestfaliano. Desse modo, a geração acima de 55 anos passa a ser denominada de GIII.

Figura 7: Gráficos comparativos de RS01 e SC01 na dimensão diageracional – falantes bilíngues

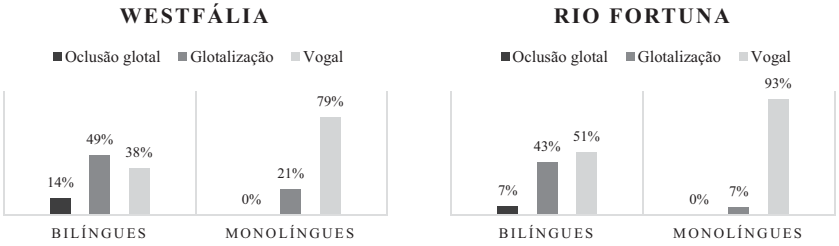


Como esperado, pode-se observar nos gráficos acima (figura 7) que a geração acima de 55 anos tem maior interferência da marca glotal no português, e dessa vez em ambos os pontos com uma alta porcentagem. E é nesta dimensão e geração que vemos pela primeira vez Rio Fortuna, com 68 % de ocorrências, superar Westfália, onde há 59 % de ocorrências de marcação glotal, somando-se a oclusão e a glotalização. No entanto, já vemos um declínio na GII e GI, e uma maior ocorrência de vogal na GI em Rio Fortuna. Nas entrevistas, percebeu-se que muitos dos falantes da GI e GII em Rio Fortuna já não falam mais vestfaliano no dia a dia, limitando-se a palavras soltas, ou então a conversas curtas e esporádicas com os pais (GII) ou com os avós (GI), confirmando o que afirma Vandresen (2006, 2009). Por outro lado, em Westfalia, a língua minoritária mantém-se ativa entre uma parte da população, conforme já apontado na seção 3.

5.5 A variação dialingual

Para confirmar a hipótese de que a marcação glotal possa ser um fenômeno que ocorre na variedade do português em contato com o vestfaliano, aplicou-se o questionário também a falantes monolíngues em português nos dois pontos de pesquisa. Abaixo temos os resultados comparativos obtidos, agora com o dobro dos dados em relação aos analisados nas dimensões anteriores, totalizando 1.152 ocorrências.

Figura 8: Gráficos comparativos de RS01 e SC01 na dimensão dialingual



Os dados nos confirmam que a oclusão glotal não ocorre sistematicamente na variedade do português falado pelo grupo monolíngue. No entanto a ocorrência da glotalização mostra-se bastante alta em Westfália, onde há uma maior difusão e vitalidade do vestfaliano e do hunsriqueano. Isso nos mostra, como é de se esperar, que há muitas variedades do português em contato, conforme nos mostra o vasto número de pesquisas e estudos.[1] Um aspecto a ser observado seria, entre outros, o tipo de vogal e a sua tonicidade, que pode favorecer a realização de uma marcação glotal em diferentes línguas, mesmo aquelas em que o fenômeno não é comum.[2]

6. Considerações finais

Diante do exposto na seção anterior, vemos que há indícios de que a marcação glotal em palavras iniciadas por vogal é um fenômeno presente na variedade do português no sul do Brasil em contato com o vestfaliano nos pontos analisados, mas praticamente não ocorre em falantes monolíngues, como vimos nos índices de ocorrência da dimensão dialingual (Figura 8). Nesse sentido, é possível relacionar o grau de ocorrência de marcação glotal como um fator de análise do

1 Exemplarmente, podemos citar os dados do ALERS - Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen *el al*., 2002a, 2002b) e o ALiB - Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso et al., 2014a, 2014b), entre tantos outros.

2 Para mais detalhes, ver os estudos de Kohler (1994, 1999), Rodergs (1999), Pompino-Marschall e Zygis (2010), Brunner e Zygis (2011), Reed (2014) no alemão; Jongenburger e von Heuveb (1991) no holandês; Fougeron (2001), no francês; Zygis e Pompino-Marschall (2012) no polonês e alemão em contraste; Cerno e Radtke (2013) no espanhol em contato com o guarani.

grau de manutenção e substituição do vestfaliano nos pontos pesquisados, em suas diferentes dimensões.

Nas dimensões diatópica e diarreligiosa, podemos observar uma interferência menor do vestfaliano (- marcação glotal) no português falado em Rio Fortuna, cujos falantes já realizam muito mais a vogal nesse contexto em comparação a Westfália. Isso nos leva a concluir que um menor índice de ocorrências de marcação glotal, seja como consoante ou a realização de glotalização, pode estar relacionado com processos mais amplos de substituição do vestfaliano pelo português em Rio Fortuna, consequentemente levando a uma mudança da variedade do português falado nesse ponto.

Na dimensão diagenérica, a hipótese de Labov (2001, 2006, 2008) parece se corroborar, já que as mulheres tendem à realização de vogal em início de palavras, o que corresponde à fala de uma variedade próxima do português padrão, indicando que há um processo de mudança na variedade do português falado nestes pontos, com menos interferência da língua minoritária. Isso se torna mais claro ao compararmos as ocorrências na dimensão dialingual, quando se comprova que a marcação glotal não ocorre de maneira sistemática na variedade do português falado pelo grupo monolíngue. Essa afirmação, no entanto, por questões de espaço, leva em conta somente o fenômeno da marcação glotal analisado neste artigo, com a consciência de que já inúmeros outros fatores em relação às variedades do português e a sua variação, que devem ser levadas em conta.

Contrariamente à dimensão diageracional, a dimensão diastrática parece exercer um papel menos marcado. Enquanto as ocorrências do grupo GIII confirmam uma maior interferência da marca glotal no português, as gerações mais novas já realizam muito mais a vogal nos dados analisados. Por outro lado, diferentemente do esperado, os grupos CB apresentam menos interferência fonética do vestfaliano no português no quesito marcação glotal. Esses resultados vão ao encontro das afirmações de Thun (1998), que observa que os seus informantes acima de 55 anos com uma formação maior que o Ensino Médio, além de elaborem mais comentários metalinguísticos no momento das entrevistas, apresentavam pouca interferência de lusismos na sua língua oficial do Uruguai. Porém, Thun (2005) também salienta a importância do prestígio da língua. A língua que possui mais prestígio é mais empregada e, consequentemente, mais mantida, o que pode explicar esses resultados e a manutenção maior no ponto rio-grandense. De fato, entender os fatores endógenos (Díaz, 2004) é essencial para compreender o funcionamento de uma comunidade bi/multilíngue e sua dinâmica linguística. As atitudes e crenças dos membros da

comunidade bilíngue em relação às línguas que falam, o que pode afetar sua motivação para manter e desenvolver habilidades bilíngues.

Nesse sentido, é possível relacionar os resultados do fenômeno da realização da marcação glotal nas ocorrências analisadas com alguns fatores que contribuem nos processos de manutenção e substituição de uma língua minoritária, elencados na seção 2. Dentre eles, cabe destacar aqui que, apesar de os grupos de falantes ser demograficamente menor do que de outras línguas minoritárias (Fishman, 1968, 1972), o fato de a comunidade de Westfália ter estado geograficamente mais isolada parece ter um papel relevante na maior ocorrência de fenômenos de transferência linguística e possivelmente na maior manutenção do vestfaliano no Rio Grande do Sul. Por outro lado, fatores econômicos e uma maior mobilidade e urbanização (Thun, 1996, 2005, 2010, 2011 e Altenhofen, 2008, 2013b), parecem contribuir na maior ocorrência de fenômenos de transferência linguística e possivelmente levando à substituição da língua minoritária em Rio Fortuna, onde praticamente não conseguimos encontrar falantes proficientes em vestfaliano da geração I e II.

Além disso, há dois outros fatores elencados por Fishman (1968), que parecem contribuir para a manutenção do vestfaliano em Westfália: a língua minoritária como identificação de grupo e a existência de leis que valorizem a língua. A língua minoritária ainda é usada na comunidade e na família, é língua co-oficial do município desde 2016, diferentes publicações, como o Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira (Ahlert, 2019), a Gramática da Língua Westfaliana (Ahlert, 2022), publicação de histórias em vestfaliano na coletânea de Altenhofen *et al*. (2022). Além disso, há em Westfália eventos, encontros, corais, danças com trajes típicos, teatros, além das atividades do Grupo dos Amigos do Sapato-de-Pau, que promovem encontros mensais para ler, cantar e conversar em vestfaliano. Há também um programa de rádio em vestfaliano e o projeto Memórias Westfalianas, que visa coletar textos orais e escritos de falantes de vestfaliano[95]. Em contrapartida, o vestfaliano de Rio Fortuna, não só perde falantes a cada nova geração, como também é falado em contextos cada vez mais restritos, levando seus falantes a uma reduzida competência linguística (Vandresen, 2006, p. 336), o que também pôde ser comprovado na pesquisa de campo realizada por mim.

Como já observado por Calvet (2002, p. 143) "o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob seu aspecto linguístico". E é assim que o professor Cléo sempre nos motivou e inspirou a pesquisar a nossa língua materna, que nos fez ver a língua minoritária como objeto de estudo acadêmico[96]. A minha contribuição na descrição das

variedades linguísticas do português falado no Brasil e, mais especificamente, do português em contato com o vestfaliano, teve como ponto de partida, além de entender a relevância e as implicações que os diferentes contatos linguísticos assumem nas relações linguísticas do grupo social de que faço parte, observar que atitudes positivas ao bilinguismo podem favorecer a proficiência em ambas as línguas e valorizar a diversidade e identidades múltiplas.

Referências

Alber, Birgit. *Regional Variation and Edges: Glottal Stop Epenthesis and Dissimilation in Standard and Southern Varieties of German*. Zeitschrift für Sprachwissenschaft. 20.1: 3–41, 2001

Ahlert, Lucildo. *Cultura westfaliana: percepções sobre a sua realidade, importância e expectativas futuras no município de Westfália*. Monografia (Especialização em Aprendizagem da Língua Alemã). Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI), 2012

Ahlert, Lucildo. *Dicionário da língua westfaliana brasileira:* histórias e contos westfalianos. Edição do Autor, 2019

Ahlert, Lucildo. *Gramática da língua westfaliana brasileira:* expressões do cotidiano dos westfalianos. Edição do Autor, 2022

Altenhofen, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.), 1996

Altenhofen, Cléo V. *Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil*. In: Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI), Frankfurt a.M., 1.3: 83–93, 2004

Altenhofen, Cléo V. Os contatos linguísticos e seu papel de arealização do português falado no sul do Brasil. In: Espiga, Jorge; Elizaincín, Adolfo. (org.) Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos. Pelotas: UCPEL: 129–164, 2008

Altenhofen, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 93–116, 2013a.

Altenhofen, Cléo V. *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolingüística pluridimensional e contatual*. In: Revista de Letras Norte@mentos, Sinop, 12.6: 19–43, 2013b. Acessível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/6876/5408

Altenhofen, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: Lenz, Alexandra N. (org.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, 2016: 103–130

Altenhofen, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien In: Ammon, Ulrich; Schmidt, Gabriele. (ed.) *Förderung der deutschen Sprache weltweit: Vorschläge, Ansätze und Konzepte*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019: 531–552, Acessível em: https://doi.org/10.1515/9783110479232-033

Altenhofen, Cléo V.; KLASSMANN, Mário S.; KOCH, Walter (orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. v. 1: Introdução*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002.

Altenhofen, Cléo V.; Klassmann, Mário S.; Koch, Walter (orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. v. 2: Cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002.

Altenhofen, Cléo V.; Machado, Lucas L.; Pavan, Cláudia; Radünz, Willian. *Die „Mottersproch" in der Vielfalt des Deutschen / A língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2022

Altenhofen, Cléo V.; Margotti, Felício W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: Mello, Heliana. Altenhofen, Cléo V.; Raso, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 289–315, 2011

Altenhofen, Cléo V.; Morello, R. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Garapuvu, 2018

Beilke, Neubiana. *Do nativo ao pomerano: as línguas, os dialetos e falares vivos de um Brasil pouco conhecido*. Domínios de Lingu@gem. 7 (1): 263–283, 2013.

Brunner, Jana; Zygis, Marzena, *Why do glotal stops and low vowels like each other?* International Congress of Phonetic Sciences, 2011 Acessível em: https://www.internationalphoneticassociation.org/icphs-proceedings/ICPhS2011

Calvet, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

Campos, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil.* 1a.. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

Cardoso, Suzana Alice Marcelino Cardoso *et al*. *Atlas linguístico do Brasil. v. 1. Introdução*. Londrina: EDUEL, 2014a.

Cardoso, Suzana Alice Marcelino Cardoso *et al*. *Atlas linguístico do Brasil. v. 2. Cartas linguísticas 1*. Londrina: EDUEL, 2014b

Cerno, Leonardo; Radtke, Alexander. *Corte glotal y laringalización en el español coloquial del Paraguay y nordeste argentino. Contribuciones al Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*. UniverSOS: Revista de Lenguas Indígenas y Universos Culturales, 10: 95–114, 2013.

Coseriu, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8).

Damke, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997

Díaz, Norma. *"… und in welcher Sprache träumst du?" "Da kür ik ma português"*. In: Radtke & Thun (Herausgeber). Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie. Heidelberg/Mainz, 10: 21, 1991.

Díaz, Norma. *Sprachkontakt in Novo Berlim (Rio Grande do Sul)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2004

Dircksen, Tatiane; Ricken, Ignácio. *Rio Fortuna: resgatando as origens, cultivando valores, alicerçando o futuro…* Rio Fortuna: Coan, 2008.

Dück, Elvine S. *Vitalidade linguística do Plattdietsch em contato com variedades Standart faladas em comunidades menonitas no Brasil.* Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Dreher, Martin N. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. 2.ed. São Leopoldo: Oikos, 2014

Fishman, Joshua A. The Sociology of Language. In: *Readings in the Sociology of Language*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 1968.

Fishman, Joshua A. Language Maintenance and Language Shift as a Field of Inquiry. In: *Sociocultural change: essays by Joshua A. Fishman*. Standford, California: Standfort University Press, 1972

Fougeron, Cécile. *Articulatory properties of initial segments in several prosodic constituents in French*. Journal of Phonetics 29 (2): 109–135, 2001. Acessível em: https://doi.org/10.1006/jpho.2000.0114.

Heredia, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: Vermes, G.; Boutet, J. (orgs.). *Multilinguismo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989

Höhmann, Beate, Savedra, Mônica M. G. *Das Pommerische in Espírito Santo: ergebnisse und perspektiven einer soziolinguistischen studie*. In: Pandaemonium Germanicum, São Paulo 18, 2011. Acessível em: https://www.scielo.br/j/pg/a/v4R8XNqrPDqCT6QxcdtRXZy/?lang=de

Horst, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2014

Horst, Cristiane. *"Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa". A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil*. Kiel: Westensee-Verlag, 2011.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo. *Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch*. Papia, 22 (2): 367–383, 2020.

Krug, Marcelo. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

Krug, Marcelo. *Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonia funcional do Português no Sul do Brasil*. Kiel: Westensee-Verlag, 2011.

Koch, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1974

Kohler, Klaus J. (1994). *Glottal stops and glottalization in German. Data and theory of connected speech processes*. Phonetica 51: 38–51, 1994

Kohler, Klaus J. *Plosive-related glottalization phenomena in read and spontaneous speech. A stød in German*? In: Arbeitsberichte des Instituts für Phonetik und digitale Sprachverarbeitung der Universität Kiel (AIPUK) 34: 281–321, 1999

Jongenburger, Willy; Von Heuveb, Vincent. *The distribution of (word initial) glottal stop in Dutch*. Linguistics in The Netherlands 8: 101–110, 1991. Acessível em: https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/avt.8.13jon

Labov, William. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia: U. of Pennsylvania Press, 1972.

Labov, William. *Principles of Linguistic Change. Volume 1: Internal Factors*. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

Labov, William. *Principles of Linguistic change. Volume 2: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001

Labov, W. *The Social Stratification of English in New York City.* 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

Labov, W. *Transmission and diffusion*. Language, 83(2): 344–87, 2008

Lang, Guido. *Colônia Teutônia – História e Crônica*: 1898 a 1908. São Leopoldo: Sinodal, 1995

Lang, Guido. *Os colonizadores da Colônia de Teutônia*. São Leopoldo: Sinodal, 2015

Mackedanz, Daiane. *O papel da identidade para a manutenção do Pomerano na Serra dos Tapes, RS*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2016.

Mackey, William F. The description of bilingualism. In: Fishman, Joshua A. (ed.) *Readings in the sociology of Language*. The Hague: Monton, 554–584, 1972.

Margotti, Felício Wessling. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Tese: Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004

Pertile, Marley T. *O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

Pompino-Marshall, Bernd; Zygis, Marzena. *Glottal Marking of vowel-initial words in German*. Zas Papers in Linguistics 52 1–17, 2010

Radtke, Edgar & Thun, Harald (org.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1. Kiel: Westensee-Verlag., 1996.

Rambo, Arthur Blásio (Trad.). *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul* – 1824–1924. São Leopoldo: Unisinos, 1999

Reed, Beatrice S. *Phonetic practices for action formation: Glottalization versus linking of TCU-initial vowels in German*. Journal of Pragmatics 62: 13–29, 2014. Acessível em: www.sciencedirect.com

Rodergs, Jonathan. *Three influences on glottalization in read and spontaneous German speech*. In: Arbeitsberichte des Instituts für Phonetik und digitale Sprachverarbeitung der Universität Kiel (AIPUK) 34: 177–284, 1999

Roche, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. São Leopoldo/Porto Alegre: Globo, 1969

Silva, Thais C. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2001.

Sulzbach, L. (2004) *Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch*. Universität Hannover, 2004.

Thun, Harald. Movilidad demográfica y dimension topodinámica. Los montevideanos en Rivera. In: Radtke, Edgar & Thun, Harald (org.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen*

Dialektologie. Dialectologia Pluridimensionalis Romanica 1: 210–269. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

Thun, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: Ruffino, Giovanni (org.). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. 1995: Palermo).5: 701–729 Tübingen: Niemeyer, 1998.

Thun, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: Zilles, Ana Maria Stahl (org.). Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2005, 63–92

Thun, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, Peter; Schmidt, Erich (Eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. v. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706–723, 2010.

Thun, Harald. Pluridimensional Cartography. In: Lameli, A.; Kehrein, R.; RABANUS, St. (eds.) *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation*. Volume 2: language Mapping. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 506–524, 2011

Tressmann, Ismael. *O Pomerano: uma língua baixo-saxônica* In: Educação, Cultura, Sociedade. Revista da Farese. Santa Maria de Jetibá, Faculdade da Região Serrana 1: 10–21, 2008.

Vandresen, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Porto Alegre: Tese de Livre Docência em Letras: PUCRS, 1970.

Vandresen, Paulino. Política Linguística e Bilinguismo em uma Comunidade Teuto-Brasileira. In: Vandresen, P. (org.) *Variação e mudança no português falado da Região Sul.* Pelotas: EDUCAT, 2006.

Vandresen, Paulino. Estudo comparativo do bilinguismo em duas áreas de colonização alemã. In: Carvalho, Ana Maria (org.). *Português em contato*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2009. 199–214.

Weinreich, Uriel. *Languages in contact. Findings and problems*. 7th Printing. The Hague; Paris: Mouton, 1970 [1953].

Werkhausen Luersen, Rosane. *A situação de contato plurilíngue no Sul do Brasil*. Macaé: Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – Visões. 8: 70–86, 2009.

Wiese, Richard, *The phonology of German*. Oxford, 2000.

Willems, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

Zygis, Marzena; Pompino-Marshall, Bernd. Glottale Markierung vokalinitialer Wörter: Deutsch und Polnisch im Kontrast. In: Gunkel, Lutz; Zifonun, Gisela (Hrsg.): *Deutsch im Sprachvergleich. Grammatische Kontraste und Konvergenzen*. – Berlin, Boston: de Gruyter, 2012. 75–98. (Jahrbuch des Instituts für Deutsche Sprache 2011). Acessível em: https://doi.org/10.1515/9783110284768.75

Leonardo Cerno e Maria Liz Benitez Almeida

A hispanização do guarani: um estudo de documentos indígenas sob o regime reducional-jesuíta (períodos 1752–53 e 1756–61)

Abstract: In this work, we focus on the study of a linguistic contact situation between Spanish and Guarani in the context of the Jesuit reductions in Paraguay. Our main objective is the description of Spanish loanwords in handwritten documents from the Jesuit period. The corpus consists of two sets of letters written by indigenous cabildos (councils) to colonial authorities in Buenos Aires on two different occasions. The first set was produced between 1752–53 and was motivated by a boundary conflict that led to the so-called Guarani War, while the second, written between 1756–61, consists of more everyday reports, although also related to a wartime context. We propose some discussions about the domains of Guarani and Spanish usage in the region and during the period in question, as well as the most important factors related to the transfer of Spanish elements into the indigenous language. Through a quantitative approach, we assess the presence of hispanicisms in the manuscripts and suggest a comparison of the level of hispanicization between these periods and the later, post-Jesuit phases. Finally, we provide an interpretation of the data considering both internal motivations (parts of speech, semantic fields) and external motivations (themes, discursive traditions, or the writing situation) that facilitated the incorporation of loanwords into the linguistic community.

Keywords: loanword, Guarani and Spanish in contact, indigenous documents, colonial America, Jesuit reductions.

1. Introdução

O estudo do contato linguístico entre o guarani e o espanhol tem uma longa tradição que começa com *Hispanismos en Guaraní*, tese de doutorado de Marcos Antonio Morínigo orientada por Amado Alonso e publicada em 1931 pela *Universidad de Buenos Aires*. A tradição é longa e teve tão prestigiosa origem. O vigor dos estudos contatuais do guarani, contudo, teve que esperar até os anos 90, com as discussões suscitadas em torno ao conceito do "yopará" para estimular estudos que aventaram os preconceitos do purismo linguístico instalados por boa parte da tradição acadêmica paraguaia. Nesse meio produziu-se uma tese reveladora, *A Description of Colloquial Guaraní* de Emma Gregores e Jorge Suárez, publicada em 1967, realizada com a fala de informantes bilíngues, cuja novidade foi (além do rigor científico aplicado pela primeira vez na descrição

do guarani) o tratamento que incluía os hispanismos assimilados como parte do repertório dos falantes. Nesta tese, o debate sobre o caráter "híbrido" ou "puro" do guarani paraguaio é deslocado pela atitude centrada na descrição estrutural de uma língua, independentemente (ou melhor, sem negar) a circunstância de que ela é falada com bilinguismo.

Os guaranistas do século XXI temos a sorte de ter contado com esta perspectiva realista e metódica, continuada em parte pelos romanistas alemães Wolf Dietrich e Harald Thun, por exemplo, nos volumes do *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*, elaborados com uma concepção contatual e variacionista, desenhada à medida de uma comunidade bilíngue, tal como corresponde à comunidade guarani falante moderna. É com essa concepção que esta contribuição enfoca uma parte do corpus histórico do guarani, documentos do século XVIII que refletem um estado inicial da formação da sociedade guarani-falante, e que dedicamos ao Cléo V. Altenhofen, mestre de nossa geração nos estudos contatuais e de multilinguismo na região do Rio da Prata.

2. O guarani missioneiro: caraterização e situação no século XVIII

O guarani que historicamente está mais bem documentado é o que corresponde às reduções jesuíticas do Paraguai, uma unidade política e sociológica que se formou nas primeiras décadas do século XVII e teve seu apogeu na primeira metade do século XVIII. Após uma fase de dificuldades defensivas e realocações, esta sociedade desenvolveu-se sobre a base de uns 30 povos estendidos entre o sul do rio *Tebicuary*, no atual Paraguai, e na franja oriental do rio Uruguai, no atual sul do Brasil e norte do Uruguai, passando pelas terras da atual Mesopotâmia Argentina. Administrados por jesuítas, a Ordem reuniu para a conversão religiosa e submissão política milhares de indígenas que buscaram se libertar do jugo das *encomiendas* dos espanhóis ou dos escravagistas portugueses. A maioria desses indígenas, de língua guarani, integraram, sob a direção dos religiosos, uma organização econômica e política que respondia diretamente à Coroa e à Roma, podendo se orientar a partir das jurisdições espanholas da região, como o Vice-Reino do Peru, da Província do Paraguai e, mais tarde, do Vice-Reino do Rio da Prata, mais ou menos, autarquicamente, sob a tutela das esferas mais altas do poder.

A língua guarani falava-se, de fato, também fora dos domínios controlados pelos jesuítas, principalmente nas cidades espanholas que foram fundadas e

povoadas desde Assunção, como Villa Rica e Corrientes, e onde se implantou o regime da *encomienda* pelo qual os indígenas trabalhavam nas chácaras e estâncias das terras próximas, e, na mesma cidade, no serviço pessoal dos crioulos (filhos de espanhóis nascidos na América). Esta área constitui o âmbito de formação do "guarani crioulo" (hoje chamado "*paraguayo*" e "*correntino*"), antecedente da modalidade desta língua falada por uma população não indígena. De fato, 80 % dos paraguaios e 20 % dos *correntinos* ainda falam essa língua, que alcançou o estatuto de língua oficial entre finais do século XX e inícios do século XXI, em ambos os estados. Que relação tem o guarani paraguaio com o jesuítico que aqui estudamos? A de dois dialetos de uma mesma língua, diferenciados parcialmente pelas variedades que serviram a sua formação e pelas circunstâncias históricas de seu desenvolvimento; um e outro condicionante aportaram os ingredientes básicos, para que, meados do século XVIII, as falas da sociedade civil paraguaia e a das reduções jesuíticas já não fossem mutuamente inteligíveis (Melià 2003: 119–121). Certamente, os dialetos *kari'o* e *avá-guarani* do guarani paraguaio, e as variedades do Guaira e do Tape para o guarani reducional jesuítico, que cristalizaram as línguas veiculares de vastas regiões diferenciadas, foram sem dúvida um fator de diferenciação inicial entre ambas as variedades.

Outro fator de igual importância foi que, nas missões jesuíticas de guarani, impediu-se, desde o início, o contato com os crioulos do mundo civil. Como consequência, os guarani ficaram muito menos expostos à língua espanhola, diferentemente do que ocorreu no Paraguai mestiço, onde essa situação não esteve sujeita a regulamentações específicas. Nesse contexto, embora o guarani tenha alcançado ampla funcionalidade em diversos domínios, o espanhol permaneceu como a língua predominante na administração, na escrita e na esfera oficial. Por contraste, nas reduções jesuíticas desenvolveu-se uma variedade escrita da língua indígena, a qual, empregada tanto para os assuntos religiosos como temporais, não foi empregada somente pelos padres, senão que também estes instruíram os próprios indígenas para que escrevessem em sua própria língua, por exemplo, em atas capitulares, informes e até sermões. Os padres, contudo, ocuparam-se da estandardização linguística, desenvolvendo, em várias épocas, dicionários e gramáticas, que devem ter impactado, ao menos em parte, na unificação dialetal, e estabelecendo também neologismos para as diferentes esferas de atividade (cf. Cerno e Obermeier 2013, Thun 2008b). Deduz-se aqui que a modalidade do guarani falada nas reduções jesuíticas foi menos vulnerável à mudança por contato – que, sim, acontecia nos povos e cidades externos. Essa afirmação baseia-se na falta de mais documentos e testemunhos

da época sobre o guarani paraguaio e nas conhecidas observações do padre jesuíta José Cardiel nos anos 1754.[1]

No entanto, os condicionamentos mais importantes para um guarani reducional menos exposto ao contato com o espanhol vão se modificar drasticamente depois de 1768, quando os jesuítas são expulsos de todos os domínios imperiais por Carlos III, e os povos guarani caem sob a órbita de Buenos Aires, capital, naquela época, do recente Vice-Reino do Rio da Prata. Nesse mesmo ano, os caciques e corregedores dos trinta povos expressam em uma carta a Sua Majestade seu desejo de aprender a língua espanhola.[2] A partir daquele momento, ordena-se o ensino do espanhol nas escolas das reduções, e favorecem-se as negociações com o mundo exterior (Melià 1992: 105ss). No aspecto econômico, os povos vão passando da invejável prosperidade anterior à pobreza de sociedades mal administradas e até espoliadas por administradores seculares. Os indígenas tiveram que trabalhar fora de suas comunidades para garantir sua subsistência, ou integrar-se como soldados em diferentes conflitos revolucionários, e a unidade política que configuraram "as missões" perde gravitação e identidade no marco das guerras da independência. Aquela unidade política que configurava "as missões" perde fatal e gradualmente toda gravitação, identidade e peso político que teve em tempos coloniais, principalmente durante o período da administração jesuítica. Em 1827, os últimos guarani missioneiros fundam dois povos novos, já integrados à província de Corrientes, e convidam a seus paisanos, em uma carta que acusa a alta pressão do espanhol sobre o guarani, a se unirem à empresa, cujo efeito simbólico foi nada menos do que mudar o *status* político de "missioneiros" a "correntinos" (cf. Morínigo 1990: 151ss).

---

1 Onde qualifica de "jeringoza" e "lengua tan corrupta" o guarani de "toda la gobernación del Paraguay" e da "juridicción de las Corrientes". Cardiel apresenta uma comparação entre o que seria "lengua propia guaraní", como ele chama o guarani das reduções jesuíticas, e a fala dos "españoles del Paraguay y Corrientes". A de estes últimos é apresentada como uma variedade mista, segundo expõe ele mesmo em seu exemplo: "*Neipe cumplíque los mandamientos de la ley de Dios, porque pecumplí e'ỹramo peñecondenane a los infiernos*" corresponde segundo o autor à oração "Ea, pues, cumplid los mandamientos de la ley de Dios, porque si no los cumplís, os condenaréis al infierno". Contudo, no guarani do ambiente das reduções jesuíticas, o mesmo conteúdo se expressaria assim: *'Eneike pemboaje Tupã ñandekuaita; pemboaje eỹramo nia añaretãme ikuaipýramo peiko mburu ne*. Confira-se a citação completa em Melià 2003: 124. Veja-se também Thun 2008a para uma análise crítica desta cita.

2 "òpacatu ore abe oroñemboène Carayñeeˆ rehene" 'todos nós temos de apreender a língua do Rei' (1768/s.l./30 pueblos).

3. Objetivo, corpus e antecedentes do presente estudo

A influência da língua espanhola sobre a sociedade guarani-jesuítica foi analisada em um recente estudo (Almeida, 2022) que mostra a evolução e o ritmo dos hispanismos léxicos e gramaticais que ingressaram desde o espanhol ao guarani em um período que vai de 1768, ano da expulsão dos jesuítas, até 1831, ano do último documento existente. O objetivo deste trabalho é analisar a documentação anterior à fase analisada por Almeida, iniciando os estudos a partir do ano 1752 até 1768. Com esse objetivo, buscamos identificar os processos de transferência que tiveram lugar nessa comunidade de fala, mas que também podem se projetar, com os cuidados do caso, à história do guarani "crioulo" do Paraguai e de Corrientes. De fato, é muito possível que os fenômenos que aconteceram tardiamente, e a certo ritmo, na variedade missioneira, tenham se dado na variedade do Paraguai muito antes a um ritmo mais intenso, como já se infere da declaração de Cardiel (ver nota 1). Certamente, os fenômenos de relexificação e de *code-mixing* que identifica Cardiel para o guarani paraguaio, e que orgulhosamente descarta para a variedade de suas missões, deram-se também nesta última, como foi demonstrado na tese de Almeida, principalmente depois de 1880, uma vez que as dinâmicas sociais com o mundo exterior aceleram nas reduções jesuíticas já sem os jesuítas (Almeida 2022). Em síntese, nosso trabalho vai focar na fase mais inicial da documentação existente, registrando os empréstimos léxicos nesse corpus, e colocando-os em relação com as fases posteriores, extraindo deste modo conclusões sobre a evolução do contato linguístico na região guaranítica sul-americana próximo ao século XVIII.

O corpus de análise compõe-se de dois conjuntos de cartas redigidos por indígenas pertencentes a diferentes povos das reduções jesuíticas do Paraguai (1609–1768). O primeiro conjunto abrange um total de oito cartas, redigidas entre 1752–53 ao governador de Buenos Aires José de Andonaegui num contexto de conflito desencadeado pelos trâmites do Tratado de Madri (1750). O Tratado estabelecia que a Coroa espanhola entregaria os sete povos ao este do Rio Uruguai (atual Rio Grande do Sul, Brasil) à Coroa portuguesa em troca de Colônia do Sacramento do atual Uruguai. Lideranças indígenas fizeram um uso político da escrita para manifestarem sua insatisfação com relação ao Tratado e endereçaram cartas às autoridades locais na tentativa de dissuadi-las do Tratado. O trâmite culminou no levantamento dos indígenas contra ambas as Coroas. Tal episódio foi denominado "Guerra Guaranítica".

O segundo conjunto de manuscritos, redigido entre os anos 1756 e 1761, alcança um total de 15 cartas. Foram textos redigidos ainda sob o regime dos

jesuítas. Trata-se de cartas dirigidas pelos *cabildos*[3] indígenas às autoridades, especialmente, ao governador Pedro de Cevallos, que havia requisitado milícias das reduções para enfrentar os portugueses nos enclaves da banda oriental durante a campanha contra Colônia e Rio Grande do Sul. Em geral, esses textos reportam as capacidades de cada povo em armas e homens para a guerra, denunciando, além disso, outros problemas, como a invasão de indígenas "infiéis". Ambos os conjuntos de cartas são similares na circunstância comunicativa básica, dirigida à esfera oficial e externa às reduções, tendo, em geral, o governador de Buenos Aires como destinatário. Contudo, é importante considerar a presença de eventuais receptores indiretos (como o Rei) e intermediários (como na instância de tradução) entre as condições de produção. Essa circunstância geral possivelmente favoreceu o uso de variantes reservadas para tais situações de contato e, em todo caso, o corpus pode ser representativo sobretudo destas modalidades, em seu registro escrito. As cartas da fase 1752–53, por sua vez, distinguem-se por uma retórica elevada e uma intenção fortemente persuasiva, em vistas a dissuadir às autoridades do erro que constitui o tratado de limites que vai dar suas terras aos portugueses. As cartas de 1756–61 por sua vez caracterizam-se por um tom mais rotineiro, centrado no informe de recursos materiais, armas e homens, ou na relação de novidades. Também se contam neste subcorpus algumas cartas privadas, estas são uma carta de San Juan 1757, dirigida de um cacique a outro, e duas cartas dirigidas ao Padre Antonio Flores, de 1759, localizada uma delas em Candelaria, a outra sem indicação de lugar. Por último, ambos os subconjuntos se diferenciam na dimensão diatópica, pela concentração das cartas da fase 1752–53 nos povos de "província do Uruguai", quer dizer, os que estavam na região disputada, ao este do rio Uruguai (atual Rio Grande do Sul). O subconjunto de 1756–61 forma-se por um conjunto mais diverso, quanto a sua origem geográfica, de documentos, que inclui tanto os povos da província jesuítica "do Paraná" (desde o sul do Tebicuary, Paraguai, até aproximadamente linha média do território da atual Misiones, Argentina) como da província "do Uruguai". Vale lembrar que os povos "do Paraná" estavam próximos à região da influência de Asunción e Villa Rica, cidades do Paraguai civil.

Quanto ao conjunto de manuscritos de 1752–53, Thun (2003) comenta que esses textos teriam sido o prelúdio da "escrita indígena liberada", isto é, da produção escrita fora do controle dos padres. Os conflitos políticos advindos desse

3 Os *cabildos* eram instituições administrativas criadas pela Coroa espanhola e serviam como uma espécie de prefeitura.

trâmite culminaram mais adiante na expulsão dos membros da Companhia de Jesus em 1768. Todos os textos que trabalhamos podem ser consultados na base digital LANGAS (cf. Bibliografia).

4. Algumas precisões conceituais e metodológicas

O objetivo principal deste trabalho consiste em avaliar o grau de hispanização do guarani nesse período, entendendo como hispanização a transferência de léxico de origem hispânico à língua indígena. De tal modo, nos limitamos ao estudo dos empréstimos léxicos do espanhol ao guarani e deixando para outros estudos a transferência de estruturas, tema que não poderemos estudar aqui. Compreendemos por "empréstimo" – nos termos propostos por Coseriu (1979) – a adoção e a difusão, no sistema de uma língua receptora, de elementos advindos de uma língua fonte. Dado que os elementos transferidos são potencialmente diversos, é pertinente lembrar a distinção utilizada em estudos recentes sobre essa temática, entre *replication of linguistic matter* 'réplica de material linguístico' (MAT), ou transferência de formas de uma língua a outra, e *pattern replication* 'réplica de padrão' (PAT) ou transferência de estruturas (cf. Matras e Sakel, 2007). O empréstimo de tipo MAT é, em consequência, o foco de análise do presente artigo.

A pesquisa pioneira de Morínigo (1931) já evidenciava a significativa quantidade de léxico de origem espanhola integrado ao guarani, embora o autor não tenha apresentado estimativas quantitativas. Para o guarani jesuítico Harald Thun, apoiando-se na clássica tipologia de W. Betz, estabeleceu uma taxonomia que diferencia entre empréstimos diretos, calcos ("empréstimos de tradução" ou *Lehnübersetzung* em Betz), calcos semânticos (transferências de significado, em Betz *Lehnübertragung*) e a "denominação impulsada" (*Lehnschöpfung* em Betz). O estudo constitui sem dúvida um avanço para formas de hispanização que vão além do "visível" transferido, quer dizer, do empréstimo direto, porém se concentra no estudo da documentação basicamente de produção jesuítica (Thun 2008b). O estudo quantitativo dos empréstimos, que tentam mensurar a hispanização das variedades modernas do guarani, foi empreendido para o guarani paraguaio e correntino mais recentemente. No guarani paraguaio, por exemplo, Gómez-Rendón (2008: 290ss) constatou uma média de 17,4 % de hispanismos (*tokens*, com um 28,5 % na variedade mais misturada), dos quais 63,9 % são elementos lexicais e 36,1 % de empréstimos gramaticais. Para o guarani correntino Cerno (2013: 271ss) verificou uma média de 30,9 % de hispanismos por informantes, dos quais 65,7 % foram elementos lexicais e 34,3 % elementos gramaticais. Os empréstimos de PAT, por sua vez, que escapa do

escopo deste estudo, são menos passíveis de quantificação, no entanto, alguns trabalhos têm assinalado a ampliação ou até mesmo especialização semântica de algumas formas nativas (cf. Otazú Melgarejo 2006, Thun 2008b). No nível da sintaxe, já se observaram, por exemplo, a mudança da ordem dos constituintes SOV, característica do guarani para SVO, conforme o padrão da língua espanhola, mas esse é um aspecto que não podemos indagar aqui.

No que diz respeito às motivações do emprego de elementos advindos de uma língua fonte, Weinreich já assinalava que tal fenômeno poderia responder a lacunas ("gaps") na língua receptora, isto é, a falta de vocabulário para designar coisas novas, mas também há razões expressivas, derivadas do prestígio ou papel social da língua doadora (Weinreich 1968 [1953]: 58ss). Em relação às "lacunas", estas podem existir certamente tanto em elementos do inventário fechado (palavras com valor gramatical) bem como em elementos do inventário aberto (palavras lexicais). Desse modo, é de se esperar que, em virtude de motivações linguísticas, sociais ou individuais, as denominações de novos referentes, mas também de significados mais abstratos (temporais, modais, discursivos) produzam na língua receptora o desdobramento de uma inovação baseada em uma transferência de tipo MAT ou PAT. Contudo, parece decisivo, na explicação das mudanças que uma língua experimenta por contato, o entorno ecológico, isto é, as taxas de bilinguismo, os domínios de uso das línguas, as relações de poder entre os grupos de falantes, o papel das esferas institucionais com alcance nas línguas, os vínculos entre as sociedades falantes das línguas em contato, etc. Embora o peso destes fatores externos na relexificação ou a mudança linguística por contato é ainda tema de discussões, a falta de estudos vinculados à hispanização do guarani em sua história induz-nos a esboçar esquemas explicativos que, esperamos, possam servir para orientar futuras aproximações.

A metodologia de análise adotada é uma confluência de análise quantitativo-qualitativa e segue os critérios esboçados previamente em Almeida (2022). De modo que para estabelecer proporções entre o léxico nativo e o léxico da língua-fonte, definimos que a quantificação considerará como unidade as palavras, entendendo por "palavra" o que é característico na língua receptora. Consideramos, portanto, aqueles usos integrados no discurso como unidades léxicas, desconsiderando elementos fraseológicos (cabeçalhos, fórmulas) e outras manifestações que indicam um uso espontâneo da língua emprestadora por exemplo fragmentos *code-mixing* ou *code-switching* advindos de um certo grau de bilinguismo. Certamente, esses elementos não são desconsiderados neste trabalho; contudo, serão abordados sob outra perspectiva, mais alinhada ao plano funcional em que atuam, como no caso do discurso. Deste modo,

nosso foco são os empréstimos léxicos que pressupõem um nível de integração na oração e que são usados na língua vernacular, o guarani. Não podemos discutir aqui as questões de graus de integração desses hispanismos, no entanto, faremos algumas apreciações em função da frequência, difusão e da integração deles.

De maneira que consideramos uma "palavra" o núcleo lexical e seus determinantes morfológicos. Foram tomados, portanto, como partes de uma palavra e não como palavras independentes os seguintes morfemas:

1. morfemas de alta imbricação estrutural na formação de palavras em guarani: prefixos de diátese verbal, prefixo relacional, afixos de pessoa, modo, tempo e aspecto;
2. morfemas formativos ou derivacionais: objeto incorporado, às vezes já lexicalizado, prefixo de objeto genérico, afixos de particípio, sufixos nominalizadores ou de sintagmas nominais;
3. morfemas lexicalizados: compostos lexicalizados, palavras com modificadores já lexicalizados, sufixos compostos que funcionam como um só morfema, p.e. *rehegua*: Genitivo < *rehe-gua* Posposição-Genitivo;
4. gramaticalizações de palavras instrumentais: demonstrativos modificados com *-baè* > *cobaè* 'isto', pronomes dativos também se contabilizam como uma palavra *orebe* 'a nós', reduplicações *yebĭyebĭ* 'uma e outra vez', demonstrativos sufixados com conjunções ou partículas, demonstrativos sufixados com conjunções ou partículas *aipo-ramo* 'então'.

De um modo geral, será considerada uma palavra um lexema e seus morfemas flexionais e derivacionais. Merecerão especial atenção as ocorrências de *code-switching* e *code-mixing*, citas aloglotas bem como fórmulas de tratamento, características do discurso formal.

5. Resultados

5.1. Apresentação de quantidades

Esta seção oferece um panorama geral puramente léxica da presença de hispanismos nos manuscritos analisados nos dois conjuntos de cartas (1752–53 e 1756–61). O balanço, de cunho quantitativo, não poderia ser realizado sem antes considerar o uso e as funções que exerciam as formas hispanas empregadas nas cartas, isto é, eram empréstimos que substituíam vocabulário nativo ou incorporavam novas noções à comunidade local? O uso desses empréstimos de parte dos escreventes/falantes sugeria, em alguma medida, atitudes linguísticas com relação ao interlocutor e, por consequência, à língua espanhola?

Isto é, o indígena ao lançar mão de hispanismos em determinados contextos, ora buscava criar aproximação com seu interlocutor, ora buscava demonstrar igualdade de posição social? Levando em consideração tais questionamentos, o quadro a seguir apresenta a proporção de ocorrências de palavras em guarani e em espanhol em termos de *tokens* e de *types*:

Tabela 1: Distribuição de hispanismos em tokens e em types

Período	Guarani	Espanhol		Total de palavras
		Tokens	Types	
1752–53 (guerra guaranítica)	4625	408 (18,8 %)	53 (2,4 %)	5033
1756–61	2596	218 (8,4 %)	58 (2,3 %)	2814

Fonte: elaboração nossa.

Ao comparar os dois conjuntos de cartas na Tabela 1, é notável a discrepância na relação de número de manuscritos e de emprego de hispanismos, tendo em vista que em 1752–53 dispõe-se apenas de 8 cartas, enquanto em 1756–61 conta-se um total de 15 cartas. Essa discrepância, não obstante, se modera ao considerar a extensão dos documentos. Note-se que nos manuscritos de 1752–53 há um total de 5033 palavras, dos quais 408 *tokens* são em espanhol. Em 1756–61, por sua vez, onde dispomos de total de 15 manuscritos, constatamos um total de 2814 palavras, das quais 218 *tokens* são em espanhol.

Ao contrário, o que chama a atenção nesse quadro é a média dos *tokens* em espanhol num e noutro período. Por que se emprega 18,8 % de hispanismos numa fase mais inicial, enquanto menos da metade, um 8,4 %, é empregada na fase posterior? Um fato decisivo para compreender esses números é observar o tema e o tipo de comunicação empreendida na primeira fase. Nas cartas da guerra guaranítica, o carácter argumentativo dos textos e sua orientação para as relações de poder motivam uma repetição considerável de conceitos do espanhol como *Rey*, *Gobernador*, *portugués* e outros. Esta situação reflete-se claramente nos quadros de frequência que exporemos a seguir. Contudo, em termos de *types*, há uma certa equivalência entre os dois conjuntos de cartas. O primeiro apresenta 53 *types*, ao passo que o segundo traz 55 *types*, que perfazem 2,4 % e 2,3 % para cada fase, respectivamente. A Tabela 2 expõe os hispanismos encontrados em cada subcorpus.

Tabela 2: Hispanismos mais usados e menos usados

Período	Mais usados	Menos usados
1752–1753	Rey (125), portugués (54), don (26), Jesucristo (13), santa iglesia (16), España (18), señor (19), cacique (11), santísimo sacramento (11), soldado (9), gobernador (8), estancia (8), cristiano (7), comisario (6), cruz (6), cabildo (6), corregidor (5), hacienda (5)	fuerte (4), iglesia (4), cura (3), calvario (3), vaca (3), altar (3), papa santo (3), año (1), capitán (1), general (1), gracia (1), persona (1), Espíritu Santo (1), columna (1), superior (1), comisario general (1), oveja (1), misa (1), rosario (1), Jesús (2), hostia (1), valer (1), yegua (1), charrúa (2), moján (1), justicia (1), licencia (1), reino (1), teniente (1), alcalde mayor (1), ordinario (1), regidor (1), alguacil (1) alférez real (1)
1756–61	caballo (24), rey (17), soldado (15), corregidor (14), estancia (14), cabildo (11), Señor (9), guaycurú (8), don (8), cacique (6), vaca (6), compañía (6), regidor (6), cura (5), mburica (5)	alcalde (3), alférez (3), alférez real (3), oficial (3), abipón (2), escuadrón (2) misa (2), maestro de campo (2), yegua (2), alcalde 1 voto (2), alcalde 2 voto (2), santísimo sacramento (1), Espíritu Santo (1), paso (1), chafalote (1), hacienda (1), gracia (1), Gobernador (1), martes (1), rosario (1), lienzo (1), padre superior (1), honda (1), amén (1), Jesús (1), abril (1), sargento mayor (2), secretario (1), portugueses (1), arroba (1), agosto (1), cimarrón (1), lanza (1), corona (1), superior (1), mansa (1), novillo (1), oveja (1), puesto (1), fuerte (1), teniente de capitán (1), bolas (1), valer (1),

Fonte: elaboração nossa.

5.2. Aproximação qualitativa

Em primeiro lugar, destaca-se que todos os empréstimos são nomes, com a única exceção de *ovale* (< esp. valer), presente nos dois períodos. Em segundo lugar, destaca-se que, pelo menos, um terço dos empréstimos são palavras para conceitos que tiveram um equivalente em guarani. Com "equivalente" referimo-nos ora a palavras que procedem do guarani pré-hispânico, com modificação em sua semântica na nova realidade colonial, como é o caso de *guaranihára* 'guerreiro' > 'soldado', ora a neologismos do guarani criados durante a época colonial, em grande parte pelos missionários, embora não exclusivamente, por exemplo *Tupâ-ro(ga)* 'casa de Deus'/'igreja'. Do primeiro desses tipos, isto é, dos empréstimos com equivalentes provavelmente pré-hispânicos, são *cacique, soldado, valer, fuerte, paso, puesto, lienzo, bolas, cimarrón, lanza, mansa* e, com

traços talvez mais distantes do protótipo semântico indígena *año, columna, lienzo*, *justicia, puesto, chafalote*.

Também é interessante indicar numerais básicos como *tres* e *cuatro* neste subgrupo.[4] Do segundo tipo, quer dizer, os empréstimos cujos equivalentes em guarani foram reformulados semanticamente na época colonial (por exemplo *ybĭrayára* 'alguacil') ou surgiram como neologismos (por exemplo *Tupâçĭ* 'Virgen'). Na tabela, são casos desse tipo *Rey*, *gobernador, cristano, comisario, cabildo, corregidor, iglesia, cura, altar, España, Santo Papa, capitán, rosario, reino, teniente, alcalde, regidor, alguacil, alférez, maestre de campo, martes*, *compañía.* Nem sempre é fácil estabelecer quais desses últimos termos foram desenvolvidos de maneira exógena, isto é, pelos missionários, e quais se impuseram pela criação espontânea interna, da comunidade. Por sua vez contamos os empréstimos que não tiveram uma palavra vernácula como expressão, quer dizer, que remitem a transferência do tipo "culturais" ou "gaps", representando noções completamente novas, muitas delas no campo da religião como *Jesucristo, Santa Iglesia, Santísimo Sacramento, cruz, calvario, gracia, persona (= Trinidad), Espíritu Santo, missa, hostia, don, amén,* e outra classe, no entanto, noções novas da esfera secular: *portugués, estancia, hacienda, vaca, oveja, yegua, novillo, caballo, burro, charrúa, abipón, moján, licencia, señor, arroba, abril, agosto*.

Em termos de morfologia, interessa assinalar a flexão de plural de alguns empréstimos, como *portugueses*, *caballos*, *charrúas*, *vacas* e outros, em consistência com o referente plural, embora em variação com os usos mais frequentes do termo nativizado *portugues*, *cabayu, charrua*, *vaca,* etc., indistinto para a categoria número (cf. Cerno e Steffen, no prelo). É importante focalizarmos nos empréstimos que tinham um equivalente em guarani e aventurar alguma explicação sobre as causas de sua substituição por hispanismos. É verdade que muitos desses equivalentes procedem da elaboração linguística realizada pelos jesuítas que desenvolveram neologismos em diferentes esferas de atividade, embora muitos pudessem ter sido também neologismos de criação indígena ou do âmbito colonial geral. A vida dos neologismos diante dos empréstimos diretos é, como tem-se visto, nem sempre prolongada, e muitos deles simplesmente não foram adotados nas etapas posteriores pela comunidade de indígenas (Thun 2008b). Na Tabela 3, apresentamos uma tentativa de classificação dos

4 Os numerais básicos no corpus, de um até quatro, foram contabilizados só quando não formavam numerais compostos, por exemplo *veynte y quatro*, ou quando não integravam sintagmas em espanhol, por exemplo *dos Compañías.*

domínios nocionais da hispanização em nosso corpus, tendo em consideração também se os hispanismos se integram como empréstimos diretos (sem equivalentes) ou em concorrência com uma palavra indígena já existente:

Tabela 3: Hispanismos no corpus. domínios semânticos

Domínios	Hispanismos diretos	Hispanismos com equivalentes em guarani
Religião	Santa Iglesia, Santísimo Sacramento, cruz, calvario, gracia, persona, espíritu santo, hostia, missa, amén superior	cristiano, iglesia, cura, altar, Santo Papa, rosario
Política	Don Señor licencia comissario general	rey, gobernador, comisario, cabildo, corregidor España capitán reino teniente, alcalde, regidor, alguacil, alférez, maestre de campo, cacique, justicia
Economia	estancia, hacienda, vaca, oveja, yegua, caballo, burro, arroba novillo, oveja	valer, lienzo, mansa, chupa, calzón
Guerra	fuerte, charrúa, moján, abipón	puesto, compañía, soldado, paso, bolas, lanza, chafalote
Outros	abril, agosto	tres, cuatro, año, martes, columna

Fonte: elaboração nossa.

Nesse quadro, destaca-se que os indígenas, autores das cartas de nosso corpus, usam palavras com equivalentes em guarani, em vários domínios nocionais, incluindo também o principal domínio legislado pelos jesuítas que é a religião, mas também no domínio da política, onde existiam uma série importante de neologismos da normatização missioneira. Na religião, junto com os hispanismos diretos de longa data, já integrados, contam-se usos muito inovadores como *iglesia* para o "prédio" do culto, *cura* e *altar*, na política e praticamente toda a hierarquia, a estrutura do poder colonial é expressa em espanhol.

No domínio da economia, embora muitos termos sejam antigos e altamente integrados, percebe-se a agência indígena na introdução de palavras para

produtos do intercâmbio econômico, como *lienzo*, *chupa* ou expressões predicativas dessa esfera discursiva *ovale* 'vale', (*yegua*) *mansa*. Incluso nessa esfera do discurso encontramos o empréstimo retomado *caballos* que, na norma tradicional, corresponde a *cabayu* e que vemos aqui empregado com a morfologia do plural do espanhol. Muito interessante é o domínio da guerra, que mostra um conjunto grande de inovações (*lanza*, *compañías*) junto a palavras já evidentemente com alta integração como *soldados*, palavra que, apesar de registrar-se na lexicografia como *guaranihara*, só conhece a forma emprestada em nosso corpus. Por último, destacam-se palavras aqui classificadas como pertencentes a "outros domínios" como o calendário e os numerais e o uso ocasional de *columna*.

Claro está que não estamos diante de empréstimos integrados completamente e este corpus expressa uma fase estável do contato das línguas. Nas palavras que mencionamos acima, temos desde usos evidentemente ocasionais até amostras de uma norma já quase regularizada e por conseguinte de integração completa na língua. No que segue, apresentaremos uma abordagem diacrônica, na qual buscamos observar os diferentes fatores que intervêm no processo de mudança linguística responsável pela hispanização do guarani nesta fase.

5.3. Processos de variação e integração linguística

É possível ver também no corpus o processo de difusão e progressiva incorporação do empréstimo, em alguns casos incipientes, em outros em competência com a palavra local, situação na qual se descobre certa especialização das variantes.

Entre as variantes *pay cura* ~ *pay abare* observa-se, na fase de 1752–53, o uso da forma (híbrida) espanhola só na carta de San Juan de 1752 (3 ocorrências), quanto a forma guarani é empregada noutros documentos (25 ocorrências). Interessa assinalar que a carta de San Juan emprega *pay cura* como alocutivo, em três oportunidades (*cheruba Pay Cura mtu* 'meu pai cura, santo'), pois o destinatário é o padre Lope Luis Altamirano, enviado pela Coroa como comissário do assunto dos limites que colocaram a região em conflito. No ano seguinte a carta do mesmo povo (San Juan 1753) emprega, no entanto, *pay abare*, que ocorre 6 vezes com uso delocutivo. Poder-se-ia aventurar um motivador para o emprego de ambas as variantes, ligado à situação de contato, que habilita o uso de hispanismo ante destinatário externo ao mundo reducional (Altamirano não era o padre dos povos jesuítico-guarani). Assim, nas cartas de 1753, toda referência aos religiosos (neste caso os próprios) é sempre *pay abare* e com uso delocutivo (o destinatário é agora o governador de Buenos Aires). Sem embargo, esta situação muda na fase seguinte, de 1756–61. Nos sete usos registados predomina a forma

pay cura, com 5 ocorrências (Sta. M. de Fe 1758 e 1761, Mártires 1761, Trinidad 1761), enquanto a forma nativa ocorre 2 vezes (Santa Rosa 1758). Esta situação estaria ilustrando a generalização do empréstimo, mas também com um viés diatópico pois os povos de Sta. M. de Fe, Mártires e Trinidad pertencem à província "do Paraná", enquanto Santa Rosa, única que usa *pay abare*, localiza-se, junto com todos os povos do período de 1752–53, na região "do Uruguai". A primeira dessas regiões encontra-se mais próxima aos povos e reduções do Paraguai civil. Contudo, é evidente que ambas as variantes tinham certa especialização no uso, em um caso o destinatário, em outro, possivelmente a região.

Com as variantes (*señor*) *Gobernador* ~ *mburuvicha* ocorre uma situação semelhante embora ilustrando a imposição quase total do empréstimo sobre o termo nativo. Assim, a variante espanhola é praticamente geral em todos os documentos (que, com poucas exceções, têm como destinatário o mesmo governador). Mas os dois únicos usos de *mburubicha* na fase de 1752–53 são delocutivos, isto é, em referências a "outros" governadores que não são o interlocutor (S. Miguel 1753 e S. Nicolás 1753). Na fase seguinte de 1757–61, no entanto, a única carta que emprega *mburubicha* para referir-se ao governador o faz em forma alocutiva (La Cruz 1761, 3 usos). Trata-se de um uso proforma, *mburubicha aguĭyebete* 'bom governador'. Disso, pode-se pensar que sobre a imposição da forma *gobernador* apela-se à continuidade de expressões vernáculas como alternativas estilísticas. Algo parecido ocorre com *alguacil mayor ỹbĭrayaruçu*, onde a variante guarani só ocorre na carta de Trinidad de 1761, duas ocorrências com especificações *tenongdegua* 'primeiro' e *ymomocôindaba* 'segundo', enquanto todos os títulos políticos ou militares dão-se, no geral, e em ambos os subperíodos, em espanhol.

Também essa classe de especialização sugerem a variação entre *Rey* ~ *Muburubicha guaçu/ete*. Em 1752–53 com o hispanismo altamente generalizado, a variante local sobrevive só em São Miguel (4 ocorrências) e em Santo Ángel (1 ocorrência) em coexistência com *Rey*. Interessante que o uso de *Mburubicha* ocorre em fragmentos do discurso direto, quando os indígenas citam palavras que teriam dito os interlocutores do mundo externo falando sobre o *Rey*. Provavelmente os indígenas sabem que, na situação referida, falou-se em outra língua, e ao "traduzir" todo o dito ao guarani apelam à forma vernacular.

Em relação a *cacique*, como tem-se dito, de uso quase exclusivo dos hispanismos nessas cartas, contrasta um único uso de *gubicha* 'seus caciques [dos indígenas]', empregado na carta de Nicolas Ñeenguiru (Concepción 1753), e de *abarubicha*, empregado na única carta do emissor e destinatário indígena (San Juan 1757). Isso indica também uma especialização comunicativa, com a palavra vernácula reservada para a comunicação intragrupo.

O estado inicial da adoção de um empréstimo pode-se observar com usos que parecem inserções exlusivamente vinculadas à situação comunicativa concreta. Muito pouco normalizadas e, com certo valor autorreferencial, tendem a revelar apenas o conhecimento da variante espanhola ao interlocutor. O motivo parece ser de acomodação, concebendo o interlocutor, o destinatário final, como falante que desconhece o guarani (pois o tradutor é um intermediário, embora bilíngue). Este tipo de usos ocorre com *iglesia ~ Tupãrog(a), lanza ~ mi*, *honda ~ itaça / ita mondoça*, *compañías ~ yaocába / apïta*. Sendo *(Santa) Iglesia* o empréstimo direto para a instituição, para o edifício *Tupãrog(a)* é empregada na maioria das cartas do período 1752–53, com 9 usos, mas a variante *iglesia* é a variante de Santo Ángel e San Juan (ambas de 1753), nos dois casos como *Iglesia guaçu ~ buçu* ('grande'). A referência é à igreja principal que ficava frente à praça maior em cada povo, mas as demais cartas referem ao mesmo com *Tupãro guaçu/buçu* (San Juan 1752, S. Nicolás, S. Miguel, S. Lorenzo) ou *Tuparô* a secas (Concepción, S. Nicolás e S. Lorenzo com *Tupãrog(a)*). Na frase subsequente, a única ocorrência é de *Tupãro* (S. M. De Fe, 1758). É interessante notar que até a atualidade *Tupãrog(a)* é a palavra corrente no guarani paraguaio. A seleção de *iglesia* parece-nos nesse sentido um fato meta comunicativo, de exibição de uma certa competência apropriada a uma situação de contato. Possivelmente espera-se um efeito de persuasão, que é o tom de ambas as cartas. Desta mesma ordem parece-nos, já exclusivamente no período de 1756–61, o uso único de *lanza*, onde a forma guarani *mi* é a usual com 5 ocorrências (S.M de Fe, 2 ocorrências, Trinidad, Candelaria e La Cruz, todas de 1761). *Lanza* aparece na carta de S. M de Fe, 1761, coexistindo com 2 usos da variante nativa. No texto não há indícios de alguma motivação estilística.

Algo mais integrada parece estar a forma *compañia* com 6 ocorrências em Candelaria, S, M de Fe, Itati e Mártires, todas de 1761, com 2 usos nas últimas cartas, frente a *yaoca(ba)* que ocorre 3 vezes, 2 em La Cruz 1761 e uma vez em Sta. M. de Fe 1761. Também aqui neste último documento coexistem ambas as variantes, neste caso com uso metalinguístico da forma espanhola, indicando com *-yába* '*dicho/a*': *oromoîngo onse dose yyaocaba, Compañias yaba* 'formamos onze ou doze *yaocábas*, chamadas companhias'. No contexto da maior generalização de *compañias*, esse uso de S. M. de Fe indica a consolidação do hispanismo, mas em concorrência com certa lealdade à forma tradicional. Plenamente leal por sua parte permanece La Cruz, que só usa *yaocába* (e única localidade onde se emprega *mburuvicha* para *gobernador*). O uso do mesmo esquema de duplicação com mostra metalinguística existe também para *honda ~ itaça / ita mondoça* em carta de Trinidad, 1761 e para *teco yoya hába ~ justicia* na carta de San Luis de 1753. Por sua parte o conceito de '*honda*' expressa-se

só em guarani nos documentos de La Cruz e Mártires do mesmo ano, mas o conceito de '*justicia*' não volta a ocorrer na série de cartas 1752–53, apesar de o uso de *yoya* empregar-se para 'coincidir/ser iguais'. Parece-nos que este fator de metalinguagem poderia estar indicando certa especificação semântica para as variantes guarani e espanhola, em referência a conceitos não exatamente coincidentes senão privativos de uma e outra realidade, interna e externa à comunidade falante, e que podem evocar-se na língua vernácula ou imperial com conotações diferentes. Essa adscrição a uma conotação especializada pode também explicar vários usos pouco normalizados que descrevemos antes, como *lanza* e *iglesia*.

A variação de *años* ~ *roy*̃, por sua vez, indica uma distribuição de outra ordem, vinculada ao discurso. *Roy*̃ é a palavra para '*año*' em toda a fase de 1752–53, em geral em usos declarativos (*oico roy*̃ *guetébo* 'esteve um ano inteiro', San Luis 1753), 5 em total, y 1 em uma das fórmulas de fechamento (*à 18 de julio de 1753 roy*̃, ibid). O único emprego de *año* ocorre nesta fase com duplicação junto a *roy*̃, em discurso declarativo (*año 1716 roy*̃ *pĭpe* 'no ano de 1716', San Juan 1752). Contudo, na fase seguinte, de 1756–1761, encontram-se 11 usos de *año* contra 3 de *roy*̃, embora todos os usos do empréstimo ocorrem no marco de fórmulas de fechamento (*En 8 de Noviembre de 1756 Años,* Yapeyu 1756, outros 3 usos em San Ignacio 1758, San Nicolás 1758 e Itatí 1762) e de crônica histórica (*aicorire años de 1748 pĭpe oçe yebĭ* 'então no ano 1748 saíram outra vez', em Sta. M. de Fe, 5 usos de este tipo). Registra-se o uso de *roy*̃ quando se referem aos anos de vida (60 *roy*̃ *raça ỹma hare abe, cotera*̂ *18 roy*̃ *rupitĭ hareỹ* 'os de mais de 60 anos e os que não passaram dos 18 anos', Sta. M. Mayor 1761), bem como em expressões formulaicas (*tereycobe catu ânga heta roy*̃ *rupi* '[Deus] te conserve com vida por muitos anos', Candelaria 1761, também assim em La Cruz 1761, San Ignacio 1758 e Trinidad 1761) mas também com empregos para a data (*8 Abril 1761 roĭ pĭpe,* Sta. M. Mayor, 1761, tambén Trinidad 1761). Por fim, o caso parece-nos exemplificar a especialização de *año(s)* para o tempo cronológico, em parte devido ao marco discursivo da fraseologia de fechamento epistolar e da crônica histórica, da que se separam aqui os usos de *roy*̃ para 'anos de vida'. Não sabemos se o maior emprego de *roy*̃ para ano cronológico na fase de 1752–53 relaciona-se com o estilo das cartas das "guerras guaraníticas", muito mais elevado que o do período seguinte (onde os guarani das reduções já haviam sido derrotados), ou à concentração diatópica daquele primeiro subcorpus na região do Tape, enquanto a maioria dos povos com a variante *años* cai no território "do Paraná" (San Ignacio, Sta. Ma. de Fe e Itatí, povo não jesuítico, mas às margens do Paraná e próximo à cidade espanhola de Corrientes). Para terminar, também nos parecen de influência

discursiva os cinco usos de *cruz* (e no de o nativizado *curuçu*) na carta de San Nicolás 1753, texto que recorre permanentemente à intertextualidade doutrinal e que estaria empregando conscientemente a forma hispânica por seu efeito sobre o destinatário, o Governador de Buenos Aires, a quem reprocha-se a falta de cristandade (diante disso assinalamos um uso de *curuçu* em San Juan 1752).

Em síntese, a perspectiva diacrônica mostra-nos diferentes contextos e condições da hispanização léxica, onde coexistem tendências inovadoras junto a conservadores, e onde o papel da acomodação ao destinatário externo parece decisivo na seleção da variante espanhola. Esse processo é apenas incipiente na fase de 1752–53, mas está bastante consolidado no campo da terminologia política, e ocorre com algo de mais força na seguinte fase, incluindo o campo da guerra. Em meio desse processo, observa-se a incipiente consolidação de uma norma mais hispanizada de guarani para os domínios conceituais comuns entre o mundo interno e o mundo reducional externo. Não obstante, nessesmesmos domínios, nota-se a conservação das variantes locais, o que contribui à possibilidade de uma ampliação do repertório léxico, usos marcados e especialização semântica.

5.4. Fraseologia e tradições discursivas

Outros agentes da hispanização são as tradições discursivas e fenômenos de alternância características do gênero epistolar, que se manifestam nos dados do remetente, do destinatário, nas saudações, por extenso ou abreviadas, nas fórmulas de despedida, bem como as datas.[5] É usual que os nomes dos destinatários sejam acompanhados de formas nominais duplicadas, como se pode constatar no seguinte exemplo: "*s.r gov.or d.n Joseph Andonaeguy*" (San Juan, 1753). Essas duplicações podem responder à situação comunicativa na qual, como estratégia retórica, busca-se reforçar as posições hierárquicas dos interlocutores. As datas também são expressas em espanhol, como em "*En 24 de Febrero 1758 años. S.n*" (San Ignacio Guasu, 1758). Entretanto, como visto na seção anterior, essas fórmulas ora são expressas completamente em espanhol, ora de maneira híbrida, alternando com palavras nativas que exprimiam noções aproximadas às da língua espanhola, como o demonstra seguinte excerto: "*14. Ara Yacĩ Abril reheguara pĩpe Roĩ. 1761*" (Trinidad, 1761). Nesse caso, os hispanismos *día*, *mes* e *año* são empregados com seus equivalentes nativos: *ára*, *yacĩ* e *roĩ*. As saudações também são incorporadas em espanhol. Pode-se notar que são fórmulas

5 Os hispanismos dessas tradições discursivas não foram quantificados na categoria de empréstimos.

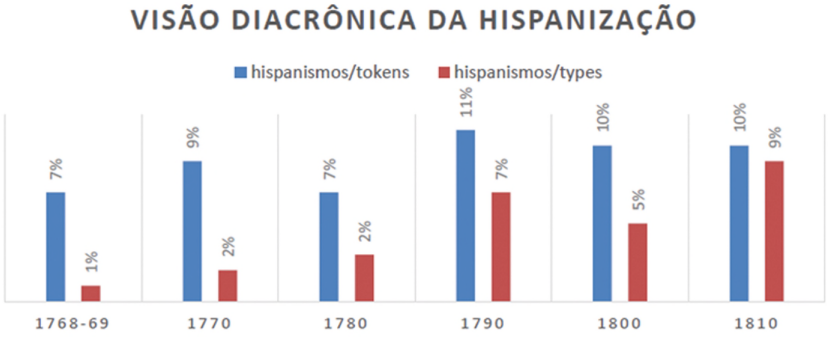
às quais provavelmente esses escreventes estavam expostos e que são próprias do gênero: "*Bendito y Alabado sea el SS.mo Sacramento* (San Luís, 1753)" e "*Alabado sea el santísimo sacramento*" (Sta. Maria de Fe, 1761).

Por fim, nos dois conjuntos, observam-se alguns fenômenos de alternância (*code-mixing*). Exemplo disso, citamos o seguinte excerto da quase única carta privada de um indígena ao sacerdote Antonio Flores: "*Mi padre*" (s.l., 1759) e "*su muchacho*" (s.l., 1759). São formulações que podem ser realizadas em guarani, contudo, ambas as frases parecem responder a um uso meramente estético da língua espanhola em lugar da necessidade, isto é, ausência de expressar tais noções na língua nativa.

6. As etapas posteriores

Nas etapas posteriores, após a expulsão dos jesuítas, presencia-se um incremento significativo de hispanismos tanto em termos de *tokens* como de *types* (Almeida 2022). Como se verá, no gráfico a seguir, desde 1768, início da etapa pós-jesuítica, até 1831, em que se registra a última carta redigida pelos guaranis das já desaparecidas reduções jesuíticas, aumenta a presença de material linguístico oriundo do espanhol, tendo seu auge nas últimas três décadas:

Tabela 4: Hispanização do guarani numa perspectiva diacrônica em etapas posteriores (1768–1831)



Fonte: Almeida (2022: p. 116).

O gráfico demonstra certamente uma hispanização em direção crescente, contudo, observa-se que a partir da década de 1790 os *tokens* e, em especial, os *types* ultrapassam o dobro em comparação às primeiras três fases. O aumento

de *tokens* em espanhol, segundo essa pesquisa, pode sinalizar o uso coletivizado de certas formas. O aumento de *types*, por sua vez, demonstra que os hispanismos vão atingindo mais campos semânticos. Além disso, o estudo aventa a separação entre duas gerações de escreventes. As primeiras três fases estariam compostas por uma geração herdeira direta da tradição escrita dos jesuítas (1768–69, 1770, 1780) e as últimas três fases por uma geração nova que se formou à margem de uma instituição formal. Aliado ao aumento do bilinguismo com as variedades para-reducionais (principalmente o guarani paraguaio e correntino), é compreensível que a incorporação de hispanismo vá aumentando.

Na fase (1752–53 e 1756–61) analisada neste artigo, observa-se um processo de relexificação relativamente lento, que atinge unicamente o inventário aberto, exclusivamente a categoria dos substantivos, com exceção da ocorrência de um verbo Estativo, *ovale*. Ao passo que, nas fases posteriores, a estrutura da língua começa a ser atingida, abrangendo as categorias gramaticais, como se constata no seguinte quadro, que apresenta um panorama em termos de *tokens*:

Tabela 5: Empréstimos lexicais e gramaticais no período de 1768 até 1831

	1768-69		1770		1780		1790		1800		1810-31	
Lexical	292	100%	321	99%	214	97%	32	100%	152	93%	104	92%
Gramatical	0	0%	1	0,3%	6	2,7%	0	0%	10	6,5%	9	8,6%

Fonte: Almeida (2022, p. 124).

A entrada das palavras gramaticais, segundo esse estudo, segue a seguinte escala: conjunções (*ni* 1789, *porque* 1778 y 1779, *pero* 1789, 1808, *para eso* 1808) > preposições (*hasta*, 1789) > pronomes (*ninguno*, 1778, *alguno* 1821, *ni uno*, 1821) > conectores discursivos (*con eso*, 1808), que demonstra que a língua começa a ser reestruturada. A incorporação desses elementos pode ser interpretada sob o prisma do aumento do bilinguismo provocado pela intensificação do contato com a sociedade externa. O aumento da competência na língua espanhola permite a aquisição de estruturas gramaticais dessa língua que posteriormente serão transferidas à língua guarani.

Por fim, os principais domínios nocionais atingidos continuam sendo o da política, em especial no que diz respeito às relações hierárquicas de um modo

geral, onde se observa inclusive a consolidação de determinadas formas. Entretanto, outros domínios vão sendo atingidos pela hispanização, como o da família. A partir de 1780, por exemplo, aparecem *comadre* (1782) e *compadre* (1782) e a partir de 1810 até 1831 usam-se *familia* (1821) e *hermano* (1827). Vale destacar que a palavra *hermano*, empregada em uma carta de 1827, não é usada para referir a relação consanguínea senão para designar a relação política, na qual, no contexto da carta, a palavra exerce uma função apelativa, com o intuito de despertar adesão e sentimento de identidade. Outro domínio atingido é o das relações interpessoais, onde além do predomínio de substantivos como *viuda* (1770), *poblador* (1788), *paisano* (1827), *amigo* (1831) também aparecem os verbos *servir* (1768), *recibir* (1813), *convidar* (1813), que sinalizam práticas sociais e comportamentais. Boa parte dessas palavras, entretanto, apresentam maior proporção na carta de Corrientes de 1827, que é um texto praticamente bilíngue. Outro domínio igualmente atingido e que vale destacar é o da economia, onde se sobressai o vocabulário relacionado à vestimenta, à alimentação, ao trabalho e às trocas comerciais de um modo geral. À diferença das fases anteriores, no corpus de 1768 até 1831, há um aumento de hispanismos nesses domínios tanto de *types* quanto de *tokens*. No campo da vestimenta, além de *lienzo* (1769, 1770, 1773, 1780–82, 1808), forma encontrada nas fases anteriores, também ocorrem *ropa* (1770), *vestido* (1768, 1808), *poncho* (1773) e *uniforme* (1813), o que demonstra provavelmente o aumento dessas trocas comerciais e por consequência o ingresso de mais novidades aos povos missioneiros. O domínio da alimentação também é outro receptor de novidades onde os empréstimos como *cigarro* (1769), *charque* (1773), *sidra* (1789), *comino* (1808), *pimienta* (1808), *clavo* (1808), *chocolate* (1808) dentre outros ocorrem quase em todas as fases (1768–69 até 1800). Do mesmo modo, as atividades relacionadas às profissões e trocas comerciais também apresentam maior proporção de vocabulário em espanhol, refletindo, dessa maneira, a intensificação dessas atividades na região. Por fim, chama a atenção que o domínio da religião, principal alvo da normatização dos jesuítas, também apresenta designações em espanhol no decorrer do tempo. Dentre as a que mais chama a atenção é o uso de *Dios* (carta de Corrientes, 1827) em lugar da forma nativa *Tupã*, ainda de uso corrente no guarani paraguaio. É provável que, como em outros casos, a forma *Dios* tenha sido empregada como estratégia comunicativa, uma vez que a carta busca a unificação política das missões à província de Corrientes.

Conclusão

Constatamos, no corpus proposto, um estágio da língua caracterizado por uma hispanização léxica inicial, que será sucedido, em etapas posteriores, por um volume maior de hispanismos. Descobrem-se aqui não só os empréstimos já estabelecidos de épocas anteriores pela dinâmica de contato linguístico, principalmente nos campos nocionais da religião e da economia, senão também novidades que procedem do campo da política, onde no contexto missional-jesuítico existiam, quase sempre como neologismos ou calcos semânticos, termos na língua vernácula. Por outra parte, tem-se descoberto, além disso, um conjunto importante de empréstimos de inovação recente, em processo de integração, em variação com o vocabulário nativo, em campos nocionais da guerra e da vida cotidiana. A partir da perspectiva diacrônica e comparativa, descobre-se, em primeiro lugar, que os documentos através dos quais conhecemos a história do guarani não são homogêneos em relação à sua hispanização. O grau de uso de termos não nativos parece responder ao contexto de contato, revelando certos usos específicos em função de uma comunicação com a esfera oficial externa ao mundo reducional. Isso ocorre como uma forma de acomodação à língua do interlocutor, cuja língua não é o guarani. Trata-se do caso das aparentes "inserções" de vocabulário hispânico, que indicam uma seleção favorável à língua externa em função do interlocutor, em franco contraste com os casos em que a variante guarani correspondente parece motivada pela comunicação intragrupo. Ou, na comunicação externa, por um tipo de performance expressiva (como na citação direta ou na expressão afetiva). Junto a esse uso livre, embora em possíveis vias de normalização, destacaram-se outros usos já maiormente integrados, que parecem estar motivados pela classe de discurso (formas para datas, numerais básicos etc.).

Em síntese, na época analisada, ainda que o grau de relexificação é baixo, encontram-se tendências que mais adiante se consolidarão numa variedade hispanizada de guarani, e que parecem estar motivadas principalmente pelas relações com o mundo externo, falante de espanhol, e com os domínios comunicativos comuns a ele, como a política, a economia e a religião. A visão das etapas posteriores ao corpus analisado sugere que, à medida que se incrementa este intercâmbio com o mundo externo aumenta também a consolidação de uma forma hispanizada do guarani, respondendo a esta acomodação cultural. Ficam para pesquisar as relações entre esta variedade de contato, incipiente aqui, e o moderno jopara do Paraguai e Corrientes, assim como a funcionalidade e domínios desta variedade de contato, nesta época, ao interior da comunidade, pois nos parece ter mostrado indícios de que, em certos contextos, ela coexiste com modalidades mais leais à tradição vernácula.

Referências

Almeida, Maria Liz B. 2022. *A hispanização do guarani em manuscritos das reduções jesuíticas no período entre 1768 e 1831*. Tese (doutorado). UFRGS, Porto Alegre.

Cerno, Leonardo. 2013. *El guaraní correntino.* Frankfurt am Main: Peter Lang.

Cerno, Leonardo e Franz Obermeier. 2013. *Nuevos aportes de la lingüística para la investigación de documentos en guaraní de la época colonial (Siglo XVIII)*. Folia Histórica del Nordeste, 21: 33–56.

Cerno, Leonardo e Joachim Steffen. No prelo. "*El plural español en textos guaraníes del período colonial: un ensayo de sociolingüística histórica y antropología cultural*". Em: Becker, L.; Kuhn, J.; Ossenkop, Ch.; Polzin-Haumann, C.; Prifti, E. (no prelo): Romanische Sprachen und Kolonialismus. Romanistisches Kolloquium XXXVII, Tübingen: Narr.

Coseriu, Eugenio. 1979. *Sincronia, diacronia e história*. São Paulo: Presença.

Gómez Rendón, Jorge. 2008. *Typological and Social Constraints on Language Contact. Amerindian Languages in Contact with Spanish*. Tesis doctoral. II Vol. Amsterdam: DOT.

Gregores, Emma e Jorge Suárez. 1967. *A Description of Colloquial Guaraní*. París: MOUNTON & CO.

LANGAS. 2012. *Corpus diacrónico del guarani en línea (XVI-XIX)*. http://www.langas.cnrs.fr

Matras, Yaron e Janet Sakel. 2007. *Investigating the mechanisms of pattern replication in language convergence*. Studies in Language, pp. 829–865.

Melià, Bartomeu. 2003 [1969]. *La lengua guaraní en el Paraguay colonial que contiene La creación de un lenguaje cristiano en las Reducciones Jesuíticas de Guaraníes en el Paraguay*. Asunción: CEPAG.

Melià, Bartomeu. 1992. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: Mapfre.

Melgarejo Otazú, Angélica. 2006. *Práctica y Semántica en la Evangelización de los Guaraníes del Paraguay (S. XVI-XVIII)*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch.

Morínigo, Marcos Antonio. 1931. *Hispanismos en guarani*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de Ia Universidad de Buenos Aires. Instituto de Filología.

Morínigo. Marcos Antonio. 1990. *Raiz y destino del guarani*. Universidad Católica "Nuestra Señora de Asunción". Asunción: Imprenta Salesiana.

Thun, Harald. 2003. "Evolución de la escriptualidad entre los indígenas Guaraníes". Em: Ridruejo, O. E.; Fuentes, M. Simposio Antonio Tovar sobre lenguas amerindias. Tordesillas: Universidad de Valladolid, pp. 9–23.

Thun, Harald. 2008a. "La hispanización del guaraní jesuítico en 'lo espiritual' y en 'lo temporal'. Primera parte: El debate metalingüístico". Em: Thomas Stehl (Org.), *Kenntnis und Wandel der Sprachen. Beiträge zur Potsdamer Ehrenpromotion für Helmut Lüdtke*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, pp. 217–240.

Thun, Harald. 2008b. *La hispanización del guaraní jesuítico en 'lo espiritual' y en 'lo temporal'. Segunda parte: Los procedimientos*. Em: Dietrich, Wolf y Haralambos Symeonidis (eds.), *Geschichte und Aktualität der deutschprachigen Guaraní-Philologie*. Berlín, Lit Verlag, pp. 141–169

Weinreich, Uriel. 1968 [1953]. *Languages in Contact. Findings and Problems*. París/New York/Le Hague: Mouton.

Angélica Prediger, Renata Szczepaniak e Siegwalt Lindenfelser

Deutschsprachige Briefe aus Argentinien: Morphologische und graphematische Einblicke in das BriTa-Korpus

Abstract: The so-called "emigrant letters" have already become a fixed and important object of variation linguistic research (cf. Elspaß 2005 and Altenhofen et al. 2018). In order to elevate them to a linguistic research object, they need careful transliteration (as in Altenhofen et al. 2018) and linguistic annotation. This paper presents the preparation of these particular written language witnesses into a data corpus that can be analysed in many ways. It is a corpus of (as of August 2022) 15 letters and 2 diary entries (in short: BriTa corpus) written in German by people who emigrated to Argentina or their descendants.

Keywords: emigrant letters, written language, Argentina, corpus analysis

1. Deutschsprachige in Argentinien

Mit schätzungsweise 400.000 Deutschsprechenden ist Argentinien nach Brasilien das Land mit der größten Population der Deutschsprechender (Ammon 2015: 173). Die deutschsprachige Zu- (seltener Ab-)Wanderung reicht bis ins 16. Jh. zurück, als sich Deutschsprachige (darunter Hans Staden und Ulrich Schmidel/Utz Schmidl) nachweislich an der Expedition von Pedro de Mendoza in die Region Río de la Plata beteiligt haben (s. Hoffmann 1979; Werz 1996; Obermeier 2004). Mit dem Inkrafttreten der zuwanderungsbegünstigenden argentinischen Verfassung von 1853 und dank der anschließenden aktiven Einwanderungsanwerbung begann Mitte des 19. Jhs. eine intensive und vielschichtige Geschichte der deutschsprachigen Einwanderung. Insgesamt sind zwischen 1840 bis 1960 etwa eine halbe Million Deutschsprachige in Argentinien eingewandert (Bein 2012: 57). Diese etwa 100 Jahre andauernde intensive Einwanderung Deutschsprachiger wird in der Forschung in drei Phasen eingeteilt, die eng mit den sich verändernden Migrationsgründen verbunden sind (Veith 2009, Saint Sauveur-Henn 2001, 2010).

Phase 1: Seit der Mitte des 19. Jhs. bis zum Ersten Weltkrieg
Phase 2: Zwischen dem Ersten und dem Zweiten Weltkrieg
Phase 3: Vom Zweiten Weltkrieg bis heute

Phase 1: Argentinien gehörte zwar in dieser Zeitspanne (Mitte des 19. Jhs. bis zum Ersten Weltkrieg) nicht zu den Hauptzielen der deutschsprachigen Auswanderung, jedoch stieg die Zahl der eingewanderten Deutschsprachigen konstant an, wie die Ergebnisse der drei ersten Zensus zeigen, die die Anzahl der zu diesem Zeitpunkt in Argentinien lebenden Menschen aus Deutschland, Österreich und der Schweiz[1] angeben:

Tab. 1: Zensusdaten zu eingewanderten Deutschsprachigen in Argentinien

Zensus	Erhebungsjahr	aus Deutschland	aus Österreich	aus der Schweiz
1. Zensus	1869	4.997	834	5.860
2. Zensus	1895	17.143	12.083	14.789
3. Zensus	1914	26.995	38.123	14.345

Die Auswanderung war in dieser Zeit v. a. wirtschaftlich, seltener politisch oder privat motiviert.

Phase 2: In der Zwischenkriegszeit hat Argentinien als Auswanderungsziel deutlich an Bedeutung gewonnen, wodurch die Anzahl der deutsch(sprachig-)en Neuankömmlinge und ihr Anteil an der Gesamtbevölkerung wuchs: Machten sie zwischen 1857 und 1910 durchschnittlich 1,2 % der Ausländer aus, erhöhte sich ihr Anteil zwischen 1920 bis 1930 auf 6 % und zwischen 1933 bis 1945 sogar auf 28 % (Saint Sauveur-Henn 2010, 25). Der Anteil an unfreiwillig Ausgewanderten war sehr hoch (Saint Sauveur-Henn 2010, 27–30). Zwischen 1933 bis 1945 sind nach Argentinien 40.000 deutschsprachige Jüdinnen ausgewandert, was 30–40 % der deutschen Emigration nach Lateinamerika ausmachte.

Phase 3: Nach 1945 umfasste die Einwanderung neben wirtschaftlichen Flüchtlingen u. a. auch aus Osteuropa vertriebene Volksdeutsche (v. a. Donauschwaben) (Cichon 2006, 1881). In den letzten Jahrzehnten ist auch die berufliche

1 Die Anzahl der aus Russland eingewanderten Deutschsprachigen ist im Zensus nicht klar erfasst. Für diesen Beitrag, der ein Briefkorpus von Ausgewanderten aus Deutschland, Österreich und der Schweiz vorstellt, kann dies vernachlässigt werden (s. aber Prediger/Lindenfelser/Szczepaniak 2023).

und privat wie politisch motivierte Ein-/Aus-/Rückwanderung zu beobachten (s. u. a. Veith 2009, 72). Laut dem 10. Zensus von 2010 (El Décimo Censo Nacional de Población) sind 4,6 % der Gesamtbevölkerung (1.843.877 von 40.112.098) nicht in Argentinien geboren. Etwas mehr als ein Viertel (25,72 %) aller Zugewanderten wohnt in der Ciudad Autónoma de Buenos Aires, gefolgt von Tierra del Fuego (12,84 %). In Deutschland Geborene (8.457) machen 0,46 %, in Österreich (1.637) 0,09 %, in der Schweiz (2.106) 0,11 % der Gesamtbevölkerung aus. Die Mehrheit der aus Deutschland, Österreich und der Schweiz Zugewanderten (5.562 Personen) ist in Buenos Aires Stadt und Provinz registriert.

Der sozioökonomische, Bildungs- und sprachbiographische Hintergrund der Eingewanderten war dementsprechend vielfältig, was der Struktur der deutschsprachigen Einwanderung in Argentinien eine diesbezügliche Dynamik verlieh. Der zunächst hohe Anteil an Arbeitskräften v. a. in der Buch-, Wollindustrie, Eisenbahn und Bierbrauerei, der nach dem ersten Weltkrieg bei etwa einem Drittel aller deutschsprachigen Eingewanderten lag, sank von 1932 bis 1945 auf 6 %, wohingegen der Anteil an Kaufleuten nach 1933 auf 30 % anstieg (Saint Sauveur-Henn 2001, 19–20). Der Anteil an Analphabeten soll unter den Deutschsprachigen vergleichsweise gering gewesen sein. Sie waren überwiegend protestantischen oder jüdischen Glaubens, überproportional häufig männlich (Saint Sauveur-Henn 2001).

Die für die Analyse des Briefkorpus relevante Einwanderungszeit (Ende des 19. bis Anfang des 20. Jh.) fällt zusammen mit einer fortgeschrittenen Phase in der Entwicklung des schriftlichen (und mündlichen) Standarddeutschen. Ausgehend von dem Modell von Haugen (1966, 1987) blickt das Standarddeutsche, v. a. als schriftliches Medium, auf eine ausgedehnte Phase der Formselektion und der diesbezüglichen Kodifizierung, die gerade in der 2. Hälfte des 19. Jhs. als „Bestandteil in der Herausbildung eines modernen Staatsbewusstseins" wichtig war (s. Klein 2014: 227, Mattheier 2003). Der funktionale Ausbau und v. a. die hier relevante Akzeptanz, d.h. eine Ausbreitung (durch Annahme) der Standardvarietät auf alle Mitglieder der Sprachgemeinschaft und dann ihr Gebrauch in vielen verschiedenen Funktionen setzte zu Beginn des 19. Jhs. ein (Mattheier 2003, 234–238). Die bereits stark kodifizierte Standardvarietät wurde v.a. von gebildeter Mittelschicht, zunächst als Schrift- und anschließend dann auch als gesprochene Sprache, verwendet. Die Ausbreitung verlief von hoch modernisierten Regionen wie Sachsen oder Rheinland ausgehend regional unterschiedlich. Unterstützt wurde sie durch populäre Literatur und zunehmend auch Massenmedien (sog. Popularisierung), begleitet auch von der Ausbreitung technischer Innovationen, die das Lesen förderten, z. B. der Petroleumlampen

auch in Haushalten mit geringen finanziellen Mitteln (von Polenz 1991, 5–7). Ab Mitte des 19. Jhs. kam schließlich die Pädagogisierung, d.h. ihre Verwendung als Norm auf Gymnasien und Oberrealschulen hinzu (von Polenz 1983, 6–8; Mattheier 1991). In Volksschulen gab es jedoch „ein massives Vermittlungsproblem" (Elspaß 2005, 91) der standardsprachlichen Normen. Neben der Varietät der kleinen elitären bildungsbürgerlichen Schicht entwickelte sich eine spezielle Varietät – Mattheier (2003, 237) nennt sie „Proto-Standard". Mit der zunehmenden Übernahme des ursprünglich bildungsbürgerlichen Standards sind auch viele sprachliche Merkmale des sog. Proto-Standards in die heutige Standardsprache eingegangen. Dazu gehören Phänomene wie die Dativrektion von Präpositionen wie in *wegen dem Geld* (Elspaß 2005).

Wir schlagen vor, die schriftliche Produktion in den sog. „Auswandererbriefen" vor diesem variationshistorischen Hintergrund zu analysieren. Zu erwarten ist, wie Elspaß (2005) es für die Auswandererbriefe aus Nordamerika zeigte, ein variierendes Maß an kodifizierungsnaher Schriftlichkeit.

2. Beschreibung der Methoden zur Aufbereitung und Veröffentlichung der deutschsprachigen Briefe aus Argentinien

Die vorliegenden 15 deutschsprachigen Briefe und 2 Tagebucheinträge, meist von Hand geschrieben, wurden von in Argentinien Eingewanderten bzw. deren Nachfahren zwischen 1850 und 2010 verfasst. Sie entstammen drei unterschiedlichen Quellen:

a) der Lateinamerika-Briefsammlung der Forschungsbibliothek Gotha der Universität Erfurt[2]
b) dem Dokumentationszentrum der deutschsprachigen Immigration in Argentinien (Centro DIHA)[3]
c) Überlassungen durch Privatpersonen[4]

2 Für die freundliche Zurverfügungstellung des Materials zum Zwecke linguistischer Aufbereitung und Analyse danken wir herzlich Ursula Lehmkuhl (Universität Trier).

3 Für die freundliche Zurverfügungstellung des Materials danken wir herzlich Regula Rohland de Langbehn, Monica Bader und Roberto Liebenthal. Für umfangreiche Scanarbeiten danken wir außerdem Ezequiel Federico Andres und Federico Gustavo Engler.

4 Auch hier gilt unser Dank den GeberInnen, für die Argentinienbriefe sind dies primär Leonor und Felipe Kuhn.

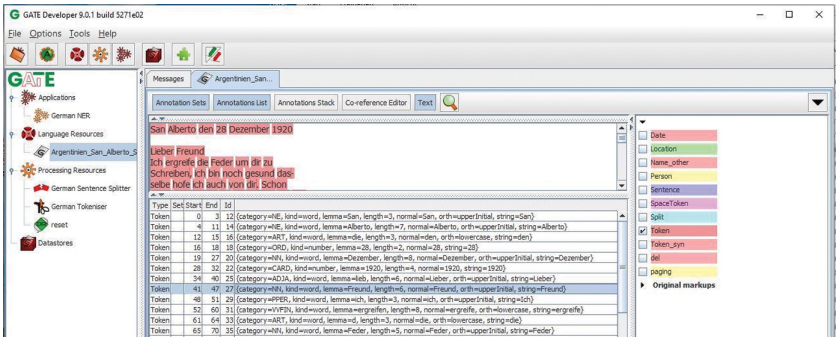
Bis auf 2 bereits von Altenhofen/Steffen/Thun (2018) edierte Texte sind alle im Korpus befindlichen Briefe und Tagebucheinträge im Projekt anhand von Scans der Originale diplomatisch transliteriert.[5] Dabei kann besonders für Kurrent-Schriften auch die auf historische Schriften spezialisierte, KI-gestützte Texterkennungssoftware *Transkribus*[6] für eine erste (fehlerträchtige) Vor-Transliteration herangezogen werden. Aufgrund der Vielzahl unterschiedlicher und teils schon recht moderner Handschriften und Schreibmaschinenproduktionen, die durch die zur Verfügung stehenden Handschriftenmodelle nicht abgedeckt sind und auf die das Tool erst trainiert werden müsste, wurde jedoch früh eine von Grund auf manuelle Transliteration bevorzugt. Die transliterierten Texte wurden anschließend im Textverarbeitungs- und Annotationstool GATE[7] mit Annotationen auf unterschiedlichen Ebenen versehen. Die Annotation lässt sich in editorische Aspekte, inhaltliche Aspekte und morphosyntaktische Aspekte unterscheiden:

a) **Editorische Aspekte:** Hierzu gehört die Annotation von Hervorhebungen, von Textstreichungen und -einfügungen, von erschlossenen oder unlesbaren Stellen sowie von Randanmerkungen und Seitenumbrüchen im Abgleich mit dem Original. Auch Abkürzungen im Brief- und Tagebuchmaterial werden per Annotation aufgelöst, wo möglich.
b) **Inhaltliche Aspekte:** Hierzu gehört die Annotation vorkommender Personen- und Ortsnamen, sonstiger Namen (bspw. Firmen-, Produktnamen) sowie auch von Datumsangaben (inkl. Jahreszahlen). Die Erkennung erfolgt automatisch durch Processing resources des in GATE geladenen CREOLE Plugins *Language: German (8.5.1)* bzw. dessen fertiger Anwendung *German IE System*. Die Annotation sonstiger Namen (denen auch die automatisch erkannten Organisationsnamen zugewiesen werden) erfolgt in manueller Korrektur bzw. Ergänzung.
c) **Morphosyntaktische Aspekte:** Hierzu gehören zunächst eine automatische Tokenisierung, eine automatische Satzgrenzen-Erkennung sowie String-Informationen, die sich graphematisch auswerten lassen (Anzahl der Zeichen/Buchstaben, Vorkommen von Minuskeln bzw. Majuskeln). Diese Informationen werden ebenfalls durch spezielle Processing resources des

5 Für das Transliterieren und Annotieren der Daten danken wir herzlich Anna Brodmann und Jakob Böhm. Im Falle bereits vorliegender Transkripte erfolgte dennoch ein Abgleich mit dem Original.
6 URL: https://readcoop.eu/de/transkribus/ [15.07.2022].
7 URL: https://gate.ac.uk/ [15.07.2022].

Plugins *Language: German (8.5.1)* automatisch hinzugefügt. Über das Plugin *Tagger Framework 8.5* wurde zusätzlich ein generischer Part-of-Speech-Tagger der Korpus-Pipeline hinzugefügt, der auf eine lokale *TreeTagger*-Installation[8] zugreift. Dieser liefert eine Lemmatisierung und eine Wortartenannotation (letztere basierend auf STTS 2.0, vgl. Westpfahl et al. 2017). Beides wurde manuell nachkorrigiert, außerdem wurde manuell eine orthografische Normalisierung eingefügt, um auch die Durchsuchbarkeit nach flektierten Formen unabhängig von der graphematischen Variation in den Daten zu ermöglichen. Schließlich wurden auch noch syntaktische Token manuell annotiert, also Lemmata, die bspw. im Fall von getrennten Partikelverben oder getrennt geschriebenen Komposita zwei graphematische Token ergeben (und von der automatischen Tokenisierung deshalb nur als Einzelwörter erkannt werden). Abb. 1 zeigt die Normalisierung, Lemmatisierung, PoS-Tagging und String-Informationen zu graphematischen Token in GATE. Grau hinterlegt ist das Textwort *Freund,* annotiert sind dazu von links nach rechts die Wortart Substantiv/Appellativum (*category* = *NN*), der Stringtyp (*word,* also eine Buchstabenkette, kein Interpunktionszeichen), das Lemma (*Freund*), die Stringlänge (*6 Zeichen*), die orthografisch normalierte Form (*normal* = *Freund,* hier identisch zur Textform), die wortgraphematische Information, dass das Wort einen großen Anfangsbuchstaben hat (*orth* = *upperInitial*) und schlussendlich der String selbst (*string* = *Freund*).

Abb. 1: Token-Annotation der Daten via GATE



8 URL: <https://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/> [15.07.2022].

Bislang sind 15 Briefe und 2 Tagebucheinträge auf diese Weise fertig transliteriert und annotiert, 20 weitere argentinische Briefe bzw. Tagebucheinträge sind zum gegenwärtigen Zeitpunkt bereits transliteriert und editorisch, aber noch nicht inhaltlich und morphosyntaktisch annotiert. Für den anschließenden Einblick in das Untersuchungspotenzial der Briefe (Kap. 3) wurde lediglich das vollständig annotierte Briefmaterial berücksichtigt.[9] Zwei ebenfalls fertig annotierte Briefe, die umgekehrt von Deutschland nach Argentinien verschickt wurden, wurden aus der Analyse ausgeschlossen.

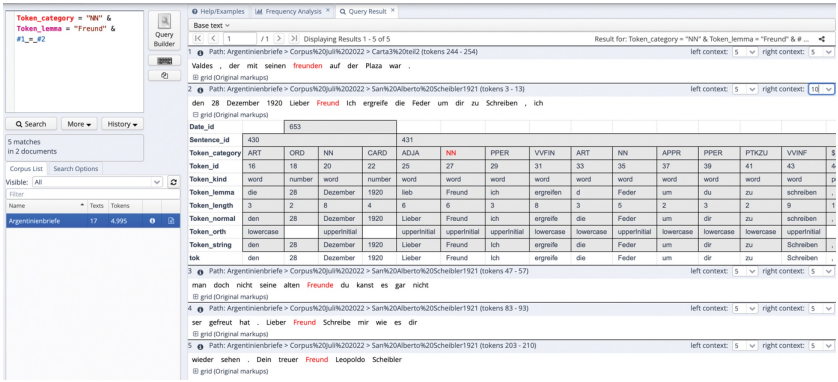
Die annotierten GATE-XML-Dateien wurden mit Hilfe der Tools *Salt* und *Pepper*[10] in das ANNIS-eigene XML-Format konvertiert und zu einem ANNIS-Korpus zusammengefasst.[11] Über die ANNIS Query Language (AQL) ist das Korpus so auf Text- und Metadatenebene sowie allen eingefügten Annotationsebenen durchsuchbar. In Abb. 2 wird nach allen Belegen für das nominale Lemma *Freund* im BriTa-Korpus gesucht. Das diachrone BriTa-Schriftkorpus soll später Teil eines größeren, multimodalen Korpusverbunds *Deutsch in Argentinien (DiA)* werden (vgl. Prediger/Lindenfelser/Szczepaniak 2023.). Zugleich wird durch die Integration weiteren deutschsprachigen Schriftmaterials aus anderen Ländern Lateinamerikas (insbesondere Brasilien, Chile, Paraguay) längerfristig ein Vorstoß in Richtung eines umfassenderen linguistisch aufbereiteten Schriftkorpus deutschsprachiger (privater) Schriftzeugnisse aus Lateinamerika gewagt.

9 Nach demselben Vorgehen wurden inzwischen auch (Stand August 2022) 24 Brasilienbriefe vollständig annotiert. Diese werden hier nicht weiter berücksichtigt, ermöglichen aber künftig kontrastive Analysen.

10 URLs: <https://corpus-tools.org/pepper/>; <corpus-tools.org/salt> [15.07.2022].

11 URL: <https://corpus-tools.org/annis/> [15.07.2022].

Abb. 2: ANNIS-Suche nach Belegen für das nominale Lemma *Freund* im BriTa-Korpus (Beispiel)



3. Untersuchungspotenzial der Sprachkontaktphänomene in den Briefen

In diesem Abschnitt präsentieren wir das Auswertungspotenzial des BriTa-Korpus an ausgewählten Phänomenen. Beschrieben wird der Aufbau der Suchanfragen in ANNIS und die Arbeit mit den Suchergebnissen, die anschließend linguistisch analysiert werden. Der Beitrag liefert exemplarische Einblicke in die Daten der argentinischen Briefe im Bereich der Kasusrektion von Primär- und Sekundärpräpositionen, der Relativpronomen, der Groß- und Kleinschreibung sowie Selbstkorrekturen.

3.1 Kasusrektion bei Primär- und Sekundärpräpositionen

Das annotierte Brief-Korpus ermöglicht innerhalb des ANNIS-Tools eine gezielte Recherche nach der Kasusrektion von Präpositionen. Dabei kann mithilfe der Suchanfrage *Token_category=/APPR/* allgemein nach allen Vorkommen von Präpositionen gesucht werden (265 Belege). Da bei vielen dieser Treffer allerdings die Kasusrektion aufgrund fehlender flektierter Elemente (bzw. Kasussynkretismen beim Bezugsnomen) nicht bestimmbar ist, wird die Suche weiter eingeschränkt: Auf die Präposition muss entweder ein Artikel, ein attributives Adjektiv oder ein Pronomen folgen (148 Belege).[12] Die einzelnen Suchanfragen dafür sind:

12 Belege wie *um 6 Uhr* oder *mit 60 km Geschwindigkeit* (La Cumbrecita, 1952), die zwar morphosyntaktisch ein Adjektiv enthalten, an denen aber aufgrund der

Token_category= /APPR / . Token_category= /ART / [86 Treffer]
Token_category= /APPR / . Token_category= /ADJA/ [17 Treffer]
Token_category= /APPR / . Token_category= /P. /* [44 Treffer]

Die spezifischen Präpositionen mit ihren Trefferzahlen im BriTa-Korpus, geordnet nach Primär- und Sekundärpräpositionen, zeigt Tab. 2.

Tab. 2: Präpositionen im BriTa-Korpus vor flektiertem Element

Primärpräposition	**Anzahl**
in	28
auf	17
mit	17
von	11
na	10
bei	10
zu	8
für	7
über	7
aus	6
nach	6
vor	4
unter	3
bis	2
durch	2
ohne	1
zwischen	1
Sekundärpräposition	**Anzahl**
wegen	3
längs	1
nebst	1
trotz	1
während	1

Zunächst zeigt sich, wenig überraschend, die auch im Sdt. zu beobachtende quantitative Dominanz semantisch unspezifischer (bzw. multifunktionaler)

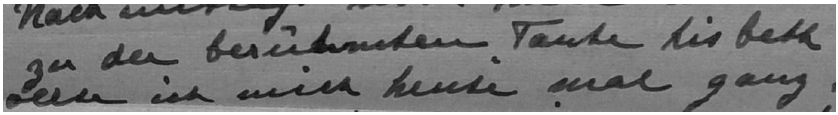
Zifferndarstellung kein Kasus ablesbar ist, werden mit dieser Suchanfrage auch nicht gefunden: Zahlen im Ziffernformat sind im Korpus als Numeralia (NUM) getaggt.

Primärpräpositionen, während Sekundärpräpositionen nur mit sehr niedrigen Trefferzahlen belegt sind. Zugleich sind solche (Primär-)Präpositionen häufig belegt, die durch die Briefinhalte bedingt sind: durch Orts- und Zeitangaben oder eben auch Formeln wie ***Mit*** *vielen Grüßen* ***an*** *Pappi* (vom Schiff „General Osorio", 1930) usw. Morphologisch stellt sich nun die Frage, inwiefern die Kasusrektion der Präpositionen jeweils mit dem standarddeutsch geforderten Kasus übereinstimmt. Für die Primärpräpositionen vgl. dazu die Beispiele (1) bis (3).

(1) ***zu*** *der berühmten Tante Lisbett* (La Cumbrecita, 1952)
(2) a. ***von*** *einer Mutter* (Buenos Aires, 1927)
    b. ***von*** *deinem Sohn* (auf dem Schiff „General Osorio, 1930)
(3) a. ***mit*** *der Flugpost* (auf dem Schiff „General Osorio", 1930)
    b. ***mit*** *seinem Cordoleser Schweif* (Tagebuch, 1980)

Alle Belege behalten den standarddeutsch regierten Kasus, in diesem Fall den Dativ. Abb. 3 zeigt zur exemplarischen Illustration das handschriftliche Brieforiginal zu Beleg (1).

Abb. 3: Auszug aus dem handschriftlichen Brieforiginal zu Beleg (1) (La Cumbrecita, 1952)



Die Belege zeigen also Übereinstimmung zum standarddeutschen System. In den Schriftbelegen des BriTa-Korpus lassen sich somit keine Indizien für die in anderen Sprachkontaktszenarien des Deutschen im Ausland im Gesprochenen auftretenden Kasusynkretismen und Reduktionen im Kasussystem (etwa im Namdeutschen, vgl. Zimmer 2020; im Texasdeutschen, vgl. Boas 2009; generell im Deutschen in Amerika vgl. Keel 1994) nachweisen. Die von Elspaß (2005, 359) schon für seine Auswandererbriefe des 19. Jahrhunderts konstatierte Tendenz zur Weglassung bestimmter Kasusendungen am Substantiv lässt sich hier lediglich für das Dativ-*e* bei Nomina feststellen (vgl. 2b, 3b).

Für die Sekundärpräpositionen lassen sich ebenfalls keine Auffälligkeiten in der Kasusrektion beobachten, vgl. dazu die Beispiele (4) bis (6).

(4) *Es schaukelt **trotz** der ruhigen sehr See sehr* (auf dem Schiff „General Osorio“, 1930)
(5) *Nach der Operation und **während** der langen Krankheit* (Buenos Aires, 1927)
(6) *Nun bin ich in arger Verlegenheit **wegen** der Entscheidung* (Buenos Aires, 1916)

Das Vorkommen vor allem der Sekundärpräpositionen *während* und *trotz* deutet zunächst auf einen mehrheitlich konzeptionell-schriftlichen Stil hin in Opposition zu einem konzeptionell mündlichen Stil wie der Fall bspw. in Privatbriefen aus Nordamerika ist (vgl. Elspaß 2005). Elspaß (2005, 321) zeigt für die Präposition *wegen,* dass ihr Gebrauch mit Genitiv wie in (6) bereits in Privatbriefen im 19. Jahrhundert „ein Merkmal gebildeter Schreibender war“, selbiges gilt für *während* und *trotz* (vgl. Elspaß 2005, 323). Die Sekundärpräpositionen der Belege (4) bis (6) tauchen in den argentinischen Briefen nur in Verbindung mit dem Femininum auf und sie werden in dem Fall ambig vom Genitiv bzw. Dativ regiert. Auch im Standarddeutschen ist eine Variation zwischen Genitiv und Dativ bei Sekundärpräpositionen üblich. Die Belege mit den obengenannten Sekundärpräpositionen geben einen Hinweis darauf, dass (zumindest im Femininum) die standarddeutschen Formen behalten werden.

3.2 Relativpronomen

Die Recherche nach Relativitätsausdrücken mithilfe der Suchanfrage *Token_category=/PRELS/* lieferte unter Abzug eines falsch-positiven Treffers (Annotationsfehler) 34 Treffer mit Relativpronomen im ANNIS-Korpus (vgl. Tab. 3).

Tab. 3: Relativpronomen im BriTa-Korpus

Pronomen	**Trefferzahl**
der/die/das	24
wer/wie/was	5
welche/welcher/welches	3
wo	2

Die Ergebnisse weisen wiederum auf eine fast durchgängig standardkonforme Verwendung der substituierenden Relativpronomen *der, die, das* (Beispiel 13) und der adverbialen Relativpronomen *was* (Beispiel 14), *welche* (Beispiel 15) sowie *wo* (Beleg 16) hin.

(13) *für die gute Behandlung,* ***die*** *Sie mir so viele Jahre gegeben haben* (Bella Vista, 2010)
(14) *es ist immerhin eine gute halbe Runde u mehr lang = berg ab zu gehen auf recht unebenem Wegen,* ***was*** *mir aber gar nicht schwer fiel* (La Cumbrecita, 1952)
(15) *Dann sind auch eine ganze Masse Leute* ***welche*** *(Geschascht) anfangen wollen* (San Alberto, 1920)
(16) *Wir saßen im Eßzimmer,* ***wo*** *kein Teppich lag* (Rosario, 1895)
(17) *Das es Hoide der 9 Tag ist* ***das*** *ich in Pasana bin* (Pasana, 1934)
(18) *Weist du das Milho* ***die*** *4 Tge gepflanzt waren* (San Alberto, 1920), schon aufgegang[en] wären?

Dennoch können unter den substituierenden Relativpronomen einzelne interessante Kontaktvarianten identifiziert werden. Einerseits findet sich im Beleg (17) den Einsatz von *das* in Substitution zu einer temporalen Information (hier *der 9. Tag*), wobei es sich vermutlich um einen Kontakteinfluss des Spanischen handelt, in dem die Relativität üblicherweise in allen Genera mit dem Relativpronomen *que* ausgedrückt wird. Im Spanischen kann *que* alle Arten von Bezugswörtern ersetzen. Beleg (18) zeigt, wie das portugiesische (dort maskuline) Kollektivum *o Milho* ('Mais'), eine Singularform, grammatisch (aber nicht semantisch) inkongruent mit dem Plural-Relativpronomen *die* wiederaufgenommen wird. Der portugiesische Einfluss begründet sich hier aus dem Sprachkontakt zum brasilianischen Portugiesisch in Misiones, Nordostargentinien, wohin mehrere deutschsprachige Familien aus Südbrasilien um die Jahrhundertwende zum 20. Jahrhundert migrierten. Deutschsprachige Briefe zwischen Misiones und Südbrasilien, aus dem Inventar des Hunsrückischen in Brasilien (Altenhofen et al.: 2018), bestätigen den langfristigen Kontakt mit der portugiesischen Schriftsprache. Mehrere Sprachkontaktphänomene aus der Region wurden ebenso im gesprochenen Deutsch im Rahmen des ALMA-H-Projekts identifiziert und beschrieben (vgl. Altenhofen, Thun: 2016).

3.3 Groß- und Kleinschreibung

Das BriTa-Korpus bietet weiterhin vielfältige Möglichkeiten für die Untersuchung der Groß- und Kleinschreibung. Anhand der Suchanfrage *Token_orth= /lowercase/ _=_ Token_category= /NN/* erhalten wir kleingeschriebene Appellativa (43 Belege von insgesamt 643 Appellativa im Korpus ≙ 6,7 %), die sich auf einer Belebtheitsskala nach Personenbezeichnungen (Anrede), Konkreta [+belebt], Konkreta [–belebt], Abstrakta und Konversionen einteilen lassen. Die Suchanfrage *Token_orth= /lowercase/ _=_ Token_category= /NE/* ermöglicht die Beleuchtung von kleingeschriebenen Eigennamen (8 Belege von insgesamt 240 Eigennamen im

Korpus ≙ 3,3 %), die auf der Belebtheitsskala eine eigene Kategorie bilden (vgl. Tab. 4). Insgesamt sind nur 5,8 % der nach dem Standarddeutschen großzuschreibenden Substantiven (51 von 883) im BriTa-Korpus kleingeschrieben. Die satzinterne Großschreibung ist somit im Korpus weitgehend angewendet.

Tab. 4: Belege für Kleinschreibung von Substantiven nach Belebtheitskategorien

Eigennamen (8)	**Personenbezeichnungen (4)**	**Konkreta [+belebt] (3)**	**Konkreta [–belebt] (6)**	**Abstrakta (19)**	**Konversionsprodukte (11)**
arvenida	*herr* (2)	*affenbrot-*	*bahn* (1)	*angst* (2)	*weiteres* (3)
Paulista (1)	*fr* (1)	*bäumen* (1)	*friedhofe* (1)	*masse* (1)	*innere* (2)
avenida	*frau* (1)	*frau* (1)	*[] geschir*[13] (1)	*autofahrt* (1)	*aushalten* (1)
alvear (1)		*freunden* (1)	*hause* (1)	*bedingung* (1)	*alten* (1)
B aires (1)			*korset* (1)	*december* (1)	*kurzem* (1)
buenos			*kuchen* (1)	*durchreise* (1)	*mal* (1)
aires (1)				*einkaife* (1)	*neues* (1)
(frietzlers) (1)				*einrichtung* (1)	*schreiben* (1)
Puerto				*friden* (1)	
belgrano (1)				*gesundhein* (1)	
salomon (1)				*grenze* (1)	
theodor (1)				*grund* (1)	
				heimaht (1)	
				höh (1)	
				kumer (1)	
				[] morgen (1)	
				[] studie (1)	
				zeit (1)	

Abstraktere, unbelebtere Substantive bzw. Substantivierungen werden sowohl in der historischen Genese der Großschreibung als auch im kindlichen Spracherwerb eher bzw. länger kleingeschrieben als konkretere, belebtere Substantive (zum Zusammenhang vgl. Szczepaniak 2011). Vor diesem Hintergrund überrascht es nicht, dass tatsächlich die beiden abstraktesten, „unbelebtesten" Kategorien (Abstrakta und Konversionen) zusammen knapp 60 % (30 von 52 Belegen) der Kleinschreibungen in den sechs angesetzten Kategorien ausmachen. Das als einziges dreimal in Kleinschreibung belegte Wortform *weiteres* – alle anderen Vorkommen sind Einzel- oder höchstens zweifache Vorkommen, sodass hier nicht von einem lexemspezifischen Einfluss auszugehen ist – kommt im Korpus nie in Großschreibung vor. Den zwei kleingeschriebenen Vorkommen von *herr* in Anredefunktion beispielsweise stehen insgesamt

13 Die (insgesamt drei) Belege mit eckigen Klammern markieren, dass es sich hier um das Zweitglied eines getrennt geschriebenen Kompositums handelt, s. unten im Text.

5 großgeschriebene Vorkommen gegenüber (davon 2 in Anredefunktion). Zu bemerken ist noch, dass 3 der attestierten Kleinschreibungen auf die Getrenntschreibung von Komposita und dabei Kleinschreibung des Zweitglieds zurückzuführen sind. Es sind dies die Belege: *Tabaniden studie, Donnertag morgen, Schmide geschir.* Vor dem Hintergrund der selbst schon im 16./17. Jahrhundert starken Tendenz zur Großschreibung von Zweitgliedern bei Getrenntschreibung eines Kompositums (vgl. Dücker/Szczepaniak 2017, 35) sind diese Schreibungen bemerkenswert. Die Belege fügen sich allerdings zumindest in den ebenfalls schon historisch sichtbaren, noch etwas stärkeren Trend zur Großschreibung des Erstglieds bei getrennt geschriebenen Komposita (vgl. ebd.).

Umgekehrt stellt sich noch die Frage, inwieweit nicht-substantivische Elemente im Korpus satzintern in Großschreibung vorkommen. Dafür wird zunächst die Suchanfrage *Token_orth= /upperInitial/ _=_ Token_category!= /N[NE]/* gestellt, die alle Belege mit Majuskel am Wortanfang ausgibt, die zugleich keine Substantive (inkl. Eigennamen) sind. Die 391 Treffer sind noch großteils falsch-positive Treffer: großgeschriebene Wörter an Satzanfängen sowie Anredepronomen. Die Suchanfrage könnte nun weiter verfeinert werden, jedoch zum Preis falsch-negativer Treffer: Anredepronomen sind nicht eigens annotiert, zugleich endet nicht jeder Satz zuverlässig mit einem Satzzeichen. Deshalb wurden die 330 Belege von Hand durchgesehen. Am Ende verblieben nur 20 „echte" Fälle satzinterner Großschreibung nicht-substantivischer Elemente (vgl. Tab. 5) sowie 10 weitere Vorkommen, die primär im Zusammenhang mit der Großschreibung nach Anredezeilen sowie vor Schlussformeln stehen, also im Grunde textsortenbedingt sind (vgl. 19).

(19) *Sehr geehrte Frau Doctor, **N**ach der Operation …* (Baizer, 1927)

Tab. 5: Belege für Großschreibung von nicht-substantivischen Elementen nach Wortart

Verben (9)	**Adjektive/ Adverbien (7)**	**Pronomen (1)**	**Präpositionen, Konjunktionen, Artikel (2)**	**(Verb-) Partikeln (1)**
Blühen (1) *Gratuiliere* (1) *Habe* (1) *Regnet* (1) *Schlisen* (1) *Schmieden* (1) + *(weiter) Schmiden* (1) *Schreiben* (1) + *Schrieben* (1) *Sei* (1)	*Abends* (1) *Elektrischen* (1) *Gnädige* (1) *Hoide* (1) *Jetzt* (1) *Lenlicher* (1) *Nächste* (1)	*Keine* (1)	*Das* (‚dass') (1) *Zum* (1)	*Frei (zu kommen)* (1)

Die Ergebnisse zeigen, dass eher Inhaltswörter (Verben, Adjektive, Adverbien: 16 Treffer, inkl. der adjektivisch interpretierbaren Verbpartikel *Frei* 17 Treffer) großgeschrieben werden als Funktionswörter (Pronomen, Präpositionen, Konjunktionen, Artikel: 3 Treffer). Dies fügt sich wiederum in die vorherigen Befunde: Weniger abstrakte Bedeutung verleitet eher zur Großschreibung. Beleg (20) zeigt die beiden großgeschriebenen Vorkommen des Verbs *schmieden (Schmieden* bzw. *Schmiden)* im syntaktischen Kontext.

(20) a. *er will wieder Schmieden* (San Alberto, 1920)
b. *er ttud hir wieder weiter Schmiden* (San Alberto, 1921)

Insgesamt lässt sich im Vergleich festhalten, dass in den Briefen eher eine leichte Tendenz zur Übergeneralisierung der Kleinschreibung besteht als der Großschreibung. Dies wäre auch zu erwarten vor dem Hintergrund, dass die Großschreibung der markierte Fall ist, später erworben wird und vor allem auch in der Umgebungssprache Spanisch auf Eigennamen beschränkt ist (gemäßigte Kleinschreibung).

Zuletzt wird noch ein Blick auf die Groß-/Kleinschreibung von Entlehnungen geworfen. Dafür wird über die Suchanfrage *Token_category= "FM"* nach allen Vorkommen von (morphologisch nicht integrierten)[14] Fremdwort-Lexemen gesucht (30 Treffer). Hiervon abzuziehen sind Angaben in spanischem Kontext (bspw. Datumsangabe im Briefkopf: *9 de Agosto 1927,* Klammerzusatz in einem Brief: *(Acta de reconocimiento)*), bei denen es sich nicht um Entlehnungen in deutschem syntaktischem Kontext handelt. Am Ende verbleiben nur 12 „echte", syntaktisch integrierte Entlehnungen. Alle 13 sind Substantive und 12 der 13 Belege sind großgeschrieben, also graphematisch bereits als Substantive in den deutschsprachigen Text integriert. Der einzig kleingeschriebene Beleg *canioes* 'Lastwagen (Plural)' ist durch Anführungszeichen im Text als spontane Entlehnung und damit nicht-integriert markiert (Bericht von einer Reise nach Brasilien). Bei den großgeschriebenen Belegen handelt sich um folgende Lexeme: *Caminones* 'Lastwagen (Plural)', *Fazenda* (2x) 'Farm', *Plaza* 'Platz' (3x), *Macacos* 'Affen', *Milho* (2x) 'Getreide', *Milso* 'Getreide', *Mulas* 'Esel (Plural)', *Potreiro* 'Weide', *Rio* 'Fluss'.

14 Deutsch flektierte Verbformen bspw. sind im Korpus nicht als „FM" getaggt, da die Unterscheidung hinsichtlich Entlehnung hier teils schwerfällt (besonders bei Verben auf *-ieren*). Verbentlehnungen sind allerdings in den Argentinienbriefen sehr selten. Ein klares Entlehnungsbeispiel ist „*da das Auto schrecklich patinierte*" ('nicht vorankommen, insbes. aufgrund durchdrehender Räder').

3.4 Selbstkorrekturen

Abschließend wird noch ein kurzer Blick in Selbstkorrekturen in die handschriftlich verfassten Texte des BriTa-Korpus geworfen. Durchstreichungen in den Briefen wurden mit transliteriert und zusätzlich auch annotiert, sie sind also übergreifend suchbar. Sie sind entweder über die Annotationsebene *del* suchbar oder, noch einfacher, auch direkt über Vorkommen des Rautezeichens #, das immer vor und hinter einer Streichung vorkommt. Die Suche ergibt insgesamt 14 Vorkommen von Streichungen. Eine hiervon ist nicht lesbar, sodass für die Auswertung 13 Treffer verbleiben. Beleg (21) gibt ein Beispiel im Satzkontext. Tab. 6 kategorisiert die Selbstkorrekturen nach vier Typen, gemessen daran, ob lediglich ein Buchstabe, ein Wortteil, ein ganzes Wort oder sogar ein Syntagma gestrichen wird. Die Darstellung erfolgt hier wie im ANNIS-Korpus mit Rautenzeichen vor und hinter dem gestrichenen Element, um die Lesbarkeit auch im Fall der Streichung von Einzelbuchstaben zu gewährleisten.

(21) *Wir wohnten bei den **Eltern wo** Familien der dortigen Schüler.* (Vom Schiff „General Osorio", 1930)

Tab. 6: Selbstkorrekturen im BriTa-Korpus

Syntagmenkorr. (1)	**Wortkorr. (1)**	**Wortteilkorr. (3)**	**Buchstabenkorr. (8)**
#Eltern wo#	#sehr# (See)	#gew# (entfleischt) #mi# (ist) #Sch# (Schnellzug)	das#s# (das) ein#e (ein) Kaffe#e# (Kaffe-) (3x) Kaffe#e#früchte #s# (nicht-) #W#

Es zeigt sich ein insgesamt sehr moderates Maß an Selbstkorrekturen, was grundsätzlich mehrere Gründe haben könnte: Sorgfalt beim Verfassen des Gedankengangs, eine geübte Schreiberhand, vielleicht aber auch ein nicht zu hohes Normbewusstsein (das über Einzelschreibungen nicht lange sinniert). Die wenigen Belege sind auf Type-Ebene eher unter den kleineren Korrekturen (Buchstaben, Wortteile) zu verorten. Ein interessanter Fall sind die vier Vorkommen von *Kaffee* bzw. *Kaffeefrüchte* in einem einzigen Brief, in dem der Briefschreiber offensichtlich nachträglich aus jedem Vorkommen das zweite <e> gestrichen hat. Syntagmenkorrekturen und Wortkorrekturen sind mit nur jeweils einem Treffer am seltensten belegt, was nachvollziehbar ist, da sie über ein einfaches „Verschreiben" hinausgehen und eine nachträgliche Änderung

in der Wahl des Lexems oder gar eine syntaktische Reformulierung des niederzuschreibenden Gedankens voraussetzen. Es fällt auf, dass fast alle Korrekturen, nämlich 10, auf einen einzigen Brief entfallen. Der Schreiber dieses Briefes entschuldigt sich am Briefende sogar hierfür: *Entschuldige bitte die schlechte Schrift und Flüchtigkeit, dass Schiff schaukelt sehr stark und ich bin sehr müde* (vom Schiff „General Osorio", 1930).

Die vier bis hierher gegebenen morphologischen und graphematischen Einblicke in die Daten zeigen grundsätzlich eine recht große Standardnähe und entstammen wohl überwiegend geübteren in der Standardschriftsprache geübteren Schreiberhänden.. Mögliche Sprachkontaktphänomene des Spanischen sind zumindest für den Zeitraum (erst?) in begrenztem Ausmaß feststellbar. Dies könnte damit zusammenhängen, dass die Briefe einerseits den Erhalt einer verstärkten Orientierung an der in den Auswanderungsgebieten erlernten Norm bedingen und andererseits auch nahelegen, dass es sich um eine frühe, vielleicht die erste Auswanderergeneration handelt – später gehen die Bekanntschaften und Briefwechsel mit dem Emigrationsland in der Regel immer weiter zurück. Heutige Generationen Deutschsprachiger in Argentinien haben nahezu ausnahmslos keine Kontakte mehr nach Deutschland.

Schlusswort

Der vorliegende Beitrag hat einen Einblick in ein derzeit in Erstellung befindliches historisches Korpus von argentinischen „Auswandererbriefen" und Tagebucheinträgen gegeben, das später Teil eines größeren Ganzen werden soll: eines multimodalen Korpusverbunds zum Deutschen in Argentinien sowie eines auch andere lateinamerikanische Länder einbeziehenden, linguistisch annotierten ANNIS-Schriftkorpus. Dies kann den Grundstein legen für eine modalitätenübergreifende Untersuchung des Deutschen in Argentinien bzw. für eine komparative Untersuchung von historisch geschriebenem Deutsch in Lateinamerika. Zugängliche und zugleich textgetreue Briefeditionen wie etwa Altenhofen et al. (2018) für Brasilien stellen hierfür eine wertvolle Grundlage dar.

Es wurde gezeigt, dass schon zum jetzigen Zeitpunkt der Bearbeitung die Daten ein vielfältiges Analysepotenzial aufweisen. An diese ersten exemplarischen Einblicke können später umfangreichere, detailliertere Analysen zum historisch geschriebenen Deutsch in Argentinien – dann auch auf ein noch weiter gewachsenes Korpus gestützt – anschließen. Doch auch für kurze Vergleichsrecherchen kann dieses später für Forschende weltweit frei zugängliche Korpus, das nicht nur für linguistische Analysen, sondern auch historisch-inhaltlich von Interesse sein dürfte, dann jederzeit herangezogen werden.

Literaturverzeichnis

El Décimo Censo Nacional de Población, Hogares y Vivienda (2010), hrsg. von indec, URL: <https://redatam.indec.gob.ar/argbin/RpWebEngine.exe/PortalAction?BASE=CPV2010A> [28.06.2022].

Altenhofen, Cléo V. / Steffen, Joachim / Thun, Harald (2018): Cartas de Imigrantes de Fala Alemã: Pontes de Papel dos Hunsriqueanos no Brasil. São Leopoldo/RS: Oikos.

Altenhofen, Cléo V. / Thun, Harald (2016): As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil Bacia do Prata. In: Aguilera; Vanderci de Andrade / Romano, Valter Pereira (Hrsg.): A Geolingüística no Brasil: Caminos Percorridos, Horizontes Alcançados. Londrina: Eduel.

Ammon, Ulrich (2015): Die Stellung der deutschen Sprache in der Welt. Berlin/Boston: de Gruyter.

Bein, Roberto (2012): La Política Lingüística respecto de las Lenguas Extranjeras en la Argentina a partir de 1993. Dissertation Universität Wien.

Boas, Hans C. (2009): Case loss in Texas German: the influence of semantic and pragmatic factors. In: Barðdal, Jóhanna (Hrsg.): The Development of Case in Germanic. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 347–373.

Cichon, Peter (2006): Alloglotte Sprechergruppen in den romanischen Sprachräumen: Iberoromania (außerhalb Europas), in: Ernst, Gerhard/Gleßgen, Martin-Dietrich/Schmitt, Christian/Schweickard, Wolfgang (Hrsg.): Romanische Sprachgeschichte. Ein internationales Handbuch zur Geschichte der romanischen Sprachen, 2. Teilband, Sonderdruck, Berlin u. a.: Walter de Gruyter, S. 1878–1885.

Dücker, Lisa / Szczepaniak, Renata (2017): *„Auffm Teuffelß dantz haben sie auffr knotten korffen linen gedantzet"*. Die graphematische Markierung von Komposition in den Hexenverhörprotokomnen aus dem 16./17. Jh. In: Oehme, Florentine / Schmid, Hans Ulrich / Spranger, Franziska (Hrsg.): Wörter. Wortbildung, Lexikologie und Lexikographie, Etymologie [Jahrbuch für germanistische Sprachgeschichte, Band 8)]. Berlin/Boston: de Gruyter, 30–51.

Elspaß, Stefan (2005): Sprachgeschichte von unten. Untersuchungen zum geschriebenen Alltagsdeutsch im 19. Jahrhundert. Tübingen: Niemeyer.

Haugen, Einar (1966): Dialect, language, nation. In: American Anthropologist 68(4), 922–935.

Haugen, Einar (1987): Language Planning. In: Ammon, Ulrich et al. (Hrsg.): Sociolinguistics / Soziolinguistik. Vol. 1. Berlin/New York: de Gruyter Mouton, 626–637.

Hoffmann, Werner (1979): Die Deutschen in Argentinien. In: Fröschle, Hartmut (Hrsg.): Die Deutschen in Lateinamerika: Schicksal u. Leistung [Buchreihe Deutsch-Ausländische Beziehungen des Instituts für Auslandsbeziehungen Stuttgart, Band 15], Tübingen/Basel: Erdmann, 40–145.

Keel, William D. (1994): Reduction and loss of case marking in the noun phrase in German-American speech islands: internal development or external interference? In: Berend, Nina / Mattheier, Klaus J. (Hrsg.): Sprachinselforschung. Frankfurt a. M.: Lang, 7–12.

Klein, Wolf Peter (2014): Gibt es einen Kodex für die Grammatik des Neuhochdeutschen und, wenn ja, wie viele? Oder: Ein Plädoyer für Sprachkodexforschung. In: Plewnia, Albrecht / Witt, Andreas (Hrsg.): Sprachverfall? Dynamik – Wandel – Variation. Berlin/Boston: de Gruyter, 219–242.

Mattheier, Klaus J. (1991). Standardsprache als Sozialsymbol. In: Wimmer, Rainer (Hrsg.): Das 19. Jahrhundert. Sprachgeschichtliche Wurzeln des heutigen Deutsch. Berlin/New York: de Gruyter, 41–72.

Mattheier, Klaus J. (2003). German. In: Deumert, Ana / Vandenbussche, Wim (Hrsg.): Germanic Standarizations: Past to Present. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 211–244.

Obermeier, Franz (2004): Obermeier, Franz (2004): Deutsche Südamerikareisende des 16. Jahrhunderts: Hans Staden, Ulrich Schmidel und ihre Rezeptionsgeschichte. Nordhausen: Bautz. URL: <http://macau.uni-kiel.de/receive/macau_publ_00000573> [28.06.2022].

Prediger, Angélica / Lindenfelser, Siegwalt / Szczepaniak, Renata (2023): Deutsch in Argentinien: Gebrauch, Struktur, Varietäten, Identitäten, Ideologien. Aufbau eines multimodalen Korpus: Methoden und Auswertungsperspektiven. In: Hans-Bianchi, Barbara / Vogt, Barbara Maria (Hrsg.): Deutsch in Kontakt. Neue empirische Studien zu Kontaktphänomenen und -szenarien in der Gegenwart (Germanistische Linguistik). Hildesheim: Olms, 395–447.

Saint Sauveur-Henn, Anne (2001): Arlt y la emigración alemana a la Argentina hacia 1900. In: Roberto Arlt (Hrsg.): Una modernidad argentina. Ed. José Morales Saravia and Barbara Schuchard. Frankfurt: Iberoamericana/Veuvert, 13–25.

Saint Sauveur-Henn, Anne Saint (2010): Die deutsche Migration nach Argentinien. In: Birle, Peter (Hrsg.): Die Beziehungen zwischen Deutschland und Argentinien, Frankfurt am Main: Vervuert, 21–52.

Szczepaniak, Renata (2011): Gemeinsame Entwicklungspfade im Spracherwerb und im Sprachwandel? Kognitive Grundlagen der onto- und historiogenetischen Entwicklung der satzinternen Großschreibung. In: Köpcke, Klaus-Michael / Ziegler, Arne (Hrsg.): Grammatik – Lehren, Lernen, Verstehen. Berlin: de Gruyter, 341–360.

Veith, Daniel (2009): Entwicklung und soziokulturelle Differenzierung deutscher Kolonien in Südamerika. Ein Überblick. In: Hápax 2, 65–92.

Vieregge, Annika (2019): Die historische Entwicklung der Kasusrektion von Sekundärpräpositionen. Eine diachrone Korpusuntersuchung im DTA und DWDS-Kernkorpus. In: Szczepaniak, Renata / Hartmann, Stefan / Dücker, Lisa (Hrsg.): Historische Korpuslinguistik. Berlin/Boston: de Gruyter, 198–218.

Westpfahl, Swantje / Schmidt, Thomas / Jonietz, Jasmin / Borlinghaus, Anton (2017): STTS 2.0. Guidelines für die Annotation von POS-Tags für Transkripte gesprochener Sprache in Anlehnung an das Stuttgart Tübingen Tagset (STTS). Version 1.1. URL: <https://ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/index/index/docId/6063> [15.07.2022].

Werz, Nikolas (1996): Die deutsch-argentinischen Beziehungen. In: Nolte, Detlef / Werz, Nikolas (Hrsg.): Argentinien: Politik, Wirtschaft, Kultur und Aussenbeziehungen. Madrin/Frankfurt a. M.: Iberoamericana Vervuert, 297–312.

Zimmer, Christian (2020): Kasus im Namdeutschen. In: Zeitschrift für germanistische Linguistik 48(2), 298–335.

Myrna Estella Iachinski Mendes

A vitalidade do polonês no cenário plurilíngue brasileiro

Abstract: This paper is part of a dissertation on the linguistic vitality of Polish in contact with Portuguese in southern Brazil. It presents the results obtained on the linguistic vitality found in two research sites, Descanso, SC and Cruz Machado, PR. The approach is based on qualitative research into the presence of Polish as a language in circulation and a language of contact. The research shows that the presence of Polish is strongest in Cruz Machado, PR and that the language is still circulating, therefore with greater vitality. In Descanso, the language is already in the process of extinction. As described in the UNESCO table (2003), the language present only in older generations, in rural areas, orally, and in less circulation in urban areas is at great risk of becoming extinct. This shows that it is important to think about language promotion, revitalization, and/or maintenance. It is worth pointing out that the greater vitality of one of the research points does not guarantee the vitality of the Polish language, but it is relevant to the processes of language policy, action, and promotion. The research suggests that maintenance and preservation as part of the historical heritage help the vitality of the secular language, revitalizing it together with public policy practices for language teaching, cultural manifestations, and other actions that are present in the younger generations, leading to the status of a living language.

Keywords: language promotion, maintenance, teaching, Polish language.

1 Introdução

O estudo da vitalidade linguística demanda que, antes de tudo, definamos o que entendemos por "vitalidade linguística". Como a etimologia do nome já sugere, pode-se dizer que, de algum modo, evoca "quanto de vida (= uso ativo) pode haver em uma determinada língua". Vitalidade linguística seria a força de uso e aceitação de uma língua em um determinado contexto social.

Em certo sentido, porém, mais do que definir o conceito, o mais difícil é determinar o que "atribui mais ou menos vida a uma língua". Ao contemplarmos o cenário histórico, observamos que algumas línguas mantêm-se "por aparelho", outras "se difundiram fortemente", mas de modo geral a manutenção, uso e legitimidade de cada língua da diversidade não se deu de forma tranquila, ou seja, a substituição de uma língua por outra foi frequente e nem sempre pacífica. As questões político-sociais e históricas dos povos eslavos, em especial os

poloneses, são o retrato de muitas lutas e escolhas que os levaram, na maioria das vezes, a deixar de falar na sua língua para usar a língua dominante, a qual era necessária economicamente durante o período de colonização e adaptação ao novo meio dos imigrantes.

Fishman (2006) argumenta sobre a relação entre a língua materna e o indivíduo, apontando que a língua materna é resultado de transmissão sociocultural e de experiências ao longo da história econômica e política, com isso, o autor leva-nos à compreensão de que uma nação não é monolíngue em sua origem. Assim, temos a seguinte questão: *as experiências socioculturais garantem ao falante manter sua língua materna, quando em contato com outras línguas?* Sem dúvida, a disputa por espaço com outras línguas só pode ser construtiva se o princípio da diversidade, do direito linguístico de cada língua, for respeitado.

Para responder, no entanto, à pergunta de Fishman, é preciso compreender como ocorrem os processos que levam ao bilinguismo, ao multilinguismo, ao plurilinguismo ou aos processos bilíngues (*language shift*), bem como seus desdobramentos, sejam eles diglóssicos ou não e relativos à representatividade dos eventos de fala que ocorrem nas circunstâncias de migração (Ferguson 1974 [1959]; Fishman 2006).

Myusken (2013), na mesma perspectiva de Fishman (2006), buscou delinear diferentes cenários de contatos linguísticos, destacando que as línguas não são vazias, sozinhas ou únicas, que elas ocorrem no contexto com a interação entre pessoas, grupos sociais que influenciam e são influenciados por línguas de outros grupos também. Visto dessa forma, não teríamos apenas falantes de uma língua só, mas falantes bilíngues, multilíngues e plurilíngues. E, por consequência, não teríamos uma "vitalidade linguística" nutrida por uma única língua.

A resposta à pergunta sobre os fatores que levam à vitalidade de uma língua, ou não, necessariamente não é inerente à língua e, sim, tem sua resposta na estrutura social. Como veremos mais adiante, qualquer ação portanto de "revitalização linguística", ou seja, de recuperação da vida de línguas ameaçadas ou em vias de cair em desuso, requer uma leitura e compreensão dos fatores que fomentam a vitalidade de uma língua, isto é, seu "estado de saúde".

Uma das lacunas para novas pesquisas e estudos sociolinguísticos sobre vitalidade e revitalização linguística reside na aplicabilidade de metodologias que possam desobscurecer o espaço em que essas línguas e seus falantes circulam. Tal como um paciente que, por exemplo, vá a um nutricionista, para melhorar sua alimentação, também o uso e revitalização de línguas precisa ser de certo modo educado. Este artigo apresenta um diagnóstico do que favorece ou desfavorece a vitalidade linguística de uma língua com as características da

língua de imigração polonesa nos contextos pesquisados, contribuindo para compreender seu uso e "estado de saúde" e subsidiar ações de revitalização no futuro.

A vitalidade linguística, tal como a variação interna de qualquer língua, pode no entanto ser variável, variam seu *status* sócio-político e sua posição de língua da comunidade, conforme a área em que se encontra, o período, as migrações, a situação, os usos, as funções etc. O que nos importa aqui é que toda língua tem seu estado A e seu estado B. O que a vitalidade linguística aborda, no entanto, refere-se à língua como um organismo social, não como parte de um sistema linguístico, embora marcas linguísticas possam ser consideradas como indicadores de vitalidade ou perda. Como organismo ou instituição social, é preciso acrescentar, as línguas eslavas podem ser consideradas como "línguas marginais", expressão tomada que designa "[…] línguas em contato na perspectiva de seu *status* sócio-político, justamente por exprimir essa condição de inoficialidade não oficialidade de uma língua falada à 'margem' da língua oficial […]" (Altenhofen 2014:70–71).

Sabemos, além disso, que não é apenas a identidade étnico-cultural que garante aos falantes de uma língua marginalizada a possibilidade de manter sua língua. Outros fatores são relevantes para que se preserve e fortaleça uma língua nas comunidades linguísticas, como, por exemplo, as práticas linguísticas que podem ser desenvolvidas por meio da manutenção da religiosidade, do ensino da língua, da dança, entre outras que descrevemos mais adiante.

Para os falantes das línguas eslavas, ao determinarem o seu espaço de permanência, isto é, o local no qual a comunidade se instala e se abriga, a preferência linguística pode ser modificada de acordo com o novo território explorado, como resultado de uma nova ocupação planejada ou não. Assim, no contexto do Sul brasileiro, a presença da língua polonesa e demais línguas de imigração serve como referência e suporte para as escolhas linguísticas e de territorialidade. Por territorialidade entende-se, juntamente com Altenhofen (2014:73), "[…] o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística." Isso quer dizer, o território ocupado e constituído de territorialidades diferentes, línguas de grupos de falantes díspares e distintas variedades linguísticas que podem ocupar o mesmo espaço geográfico e determinar se sua língua será língua majoritária ou minoritária.

Podemos assim afirmar que todas as línguas de imigração têm sua origem nos processos de mobilidade espacial, ou seja, são reflexo de ocupação migratória durante a colonização europeia e asiática (alemães, italianos, poloneses, japoneses, entre outros), a partir do século XIX. Podemos refletir sobre os

espaços linguísticos das línguas eslavas então, a partir da territorialização[1] dos imigrantes eslavos e compreender em que espaço circula a língua polonesa. Com isso, novamente usando uma metáfora para didatizar a questão, "cercamos a língua em uma horta, a irrigamos e colocamos adubo", para que tenha a "vitalidade linguística necessária". Isso nos remete a outra questão desse campo de estudos, que é a noção de "diagnóstico linguístico" (Seiffert 2014), como veremos a seguir.

2 Em que estado a língua se encontra: "diagnóstico" dos graus de vitalidade linguística

Perceber os espaços em que a língua circula bem como o estado em que ela se encontra e, consequentemente, descrever a sua vitalidade linguística equivale, em certo sentido, a diagnosticar o estado e a saúde de uma língua minoritária nos espaços em que circula, muitas vezes compartilhados com uma língua majoritária de maior poder e vitalidade. Romaine (2013) afirma que o estado de uma língua é consequência das escolhas dos falantes em contato com diferentes grupos linguísticos. Transpondo para o plano histórico (diacrônico), observa-se em relação às línguas eslavas uma trajetória de lutas, disputas políticas e de poder. Nessa disputa, as línguas vão sendo substituídas e seus falantes optam por manter a língua materna ou optam pela língua de maior prestígio, substituindo de modo gradual ou também de maneira impositiva a sua língua de origem.

> […] an initial distinction between the sudden and gradual disappearance of language is helpful in understanding some of the linguistic consequence of language of death in sudden death a language dies more or less intact as its speakers are exterminated often as a result of a natural disaster or genocide. (Romaine 2013:322).[2]

Romaine (2013) nos faz refletir sobre esses processos nas mudanças de contato de uma língua para outra e que, gradativamente, levam à morte ou perda de uma língua. Em outras palavras, uma substituição linguística (*language shift*),

---

1 Entendemos por *territorialização* a ação de ocupar territórios, nos quais eram assentados os imigrantes. As comunidades linguísticas ocupam o seu espaço definindo sua territorialidade real ou potencial de uma variedade ou variante.

2 "[…] o desaparecimento de uma língua repentina e/ou gradualmente, se dá quando seus falantes são exterminados através de um desastre natural ou genocídio. Consequentemente a língua morre mais ou menos intacta. Essa é uma das distinções para compreender as consequências linguísticas da morte de uma língua em uma comunidade linguística". (Romaine 2013:322, tradução nossa).

nos termos de Fishman (2006), define-se como um processo gradual que, portanto, leva à questão de que se pode medir "graus de vitalidade linguística" para diagnosticar, digamos, o estado de saúde de uma língua, no sentido de sua manutenção (sobrevivência) ou perda (morte linguística).

Para aprofundar a discussão sobre a vitalidade da língua polonesa, o documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2003) descreve seis fatores a serem considerados para medir o grau de vitalidade linguística e, consequentemente, o estado de saúde de uma língua:

Fator 1 – Transmissão intergeracional: essa condição é o reflexo de como a língua é transmitida para as gerações futuras, ou se ela permanece apenas na geração mais velha;

Fator 2 – Número de falantes: o número de falantes da língua nos leva a refletir sobre o grau de vitalidade dessa língua, principalmente se os falantes são de geração mais nova, os quais, de modo geral serão os transmissores dessa língua;

Fator 3 – Na comunidade: o número de falantes na comunidade reflete também o grau de vitalidade e de presença dessa língua, se ela circula na igreja, na escola, nos eventos festivos, no comércio local entre outros;

Fator 4 – Domínio da língua (isto é, a competência linguística): tanto no que se refere à oralidade quanto à escrita, fator que auxilia e é determinante para a sua transmissão às próximas gerações;

Fator 5 – O uso da língua no que se refere à circulação-mídias: rádios, TVs, programas específicos da língua, jornais, entre outros. Todos esses fatores são significativos para identificar a presença e a vitalidade de uma língua minoritária e também pensar em ações de salvaguarda de uma língua que pode estar em situação de risco;

Fator 6 – Produção de materiais para educação e alfabetização linguística: proporcionar a educação na língua mantém a vitalidade linguística e as tradições orais de uma língua minoritária. Esse fator está ligado diretamente às questões sociais e econômicas de uma comunidade linguística.

Os fatores descritos pelo documento da UNESCO (2003) são essenciais para a análise/ o diagnóstico sobre as condições de manutenção de uma língua minoritária. É a partir desses fatores diagnosticados que o planejamento linguístico pode prever ações para salvaguardar uma língua em risco de extinção. Para tanto, cada um desses fatores contribui para atribuir graus de vitalidade linguística, como mostra o quadro a seguir, elaborado a partir de Krauss (2007).

Quadro 4 – Escala de graus vitalidade linguística

Grau de vitalidade linguística	**Falantes**
Em situação segura	Todas as gerações falam a língua (crianças, jovens e velhos)
Vulnerável	Algumas crianças falam e algumas falam poucas palavras
Definitivamente em perigo	Apenas a geração mais velha fala a língua (avós)
Severamente ameaçada	Apenas a geração mais velha fala (bisavós)
Em profundo perigo	Poucos bisavós falam a língua
Língua extinta	Não há mais falantes

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Krauss (2007)

No documento da UNESCO (2003), por outro lado, atribui-se uma escala de 0 a 5, para determinar o **nível de seguridade** (vitalidade linguística) de uma língua. Essa escala classifica-se da seguinte maneira:

5 – seguro: a língua é falada por todas as gerações; a língua não está ameaçada;

4 – inseguro: a maioria dos falantes usa a língua, porém nem todas as crianças da comunidade falam a língua; consequentemente pode não ser repassada para as gerações futuras;

3 – definitivamente em perigo: a língua já não é aprendida como língua materna em casa;

2 – severamente ameaçada de extinção: apenas a geração mais velha fala a língua;

1 – criticamente em perigo: a língua não é mais usada na interação cotidiana, e nem sempre os mais velhos se lembram de usar a língua;

0 – extinto: Não há ninguém que fale a língua.

As tabelas elaboradas pelo documento da UNESCO (2003) podem enfatizar pontos de vista diferentes. Assim como o nível de seguridade, a população de falantes, a proporção de uso em relação ao total da população, os domínios e as funções da língua, o acesso a material escrito, como mostram os quadros abaixo, podem também servir de referência. Seguem os quadros que representam cada fator exposto pela UNESCO (2003)[3].

3 Os quadros apresentados foram retirados do documento da UNESCO (2003) como citado nas referências e servem como explicações e base para a compreensão sobre os fatores que levam a diagnosticar a saúde e o estado de uma língua minoritária.

Quadro 5 – Grau de perigo-população de falantes da língua

Grau de perigo	**Grau**	**População de falantes**
Seguro	5	A língua é falada por todos os falantes inclusive as crianças.
Inseguro	4	A maioria dos falantes usa a língua, porém nem todas as crianças da comunidade falam a língua.
Definitivamente em perigo	3	A língua já não é aprendida como língua materna em casa.
Severamente em perigo	2	Apenas a geração mais velha fala a língua.
Criticamente em perigo	1	A língua não é mias usada na interação cotidiana, e nem sempre os mais velhos se lembram de usar a língua.
Extinto	0	Não há ninguém que fale a língua.

Fonte: UNESCO (2003:8)

Quadro 6 – Grau de proporção de falantes em comparação com o total da população

Grau de perigo	**Grau**	**Proporção de uso da língua de acordo com o total da população**
Seguro	5	Todos falam a língua.
Inseguro	4	Quase todos falam a língua
Definitivamente em perigo	3	Uma maioria ainda fala a língua
Severamente em perigo	2	Um grupo menor fala a língua
Criticamente em perigo	1	Poucos falam a língua
Extinto	0	Ninguém fala a língua

Fonte: UNESCO (2003:9)

Quadro 7 – Grau de domínio e função da língua

Grau de perigo	**Grau**	**Domínios e funções**
Seguro	5	A língua é usada em todos os domínios e todas as funções
Inseguro	4	duas ou mais línguas possivelmente são usadas nas duas funções
Definitivamente em perigo	3	A língua é usada em casa, porém a língua dominante começa a tomar o espaço em casa também.
Severamente em perigo	2	O uso da língua é limitado a algumas funções e domínios sociais
Criticamente em perigo	1	A língua é usada apenas em alguns domínios restritos e em poucas funções.
Extinto	0	A língua não é usada em nenhum domínio e em nenhuma função.

Fonte: UNESCO (2003:10)

Quadro 8 – Grau de novos domínios da língua e mídias para as línguas ameaçadas

Grau de perigo	**Grau**	**Novos domínios e mídias reconhecidos pela língua em perigo**
Seguro	5	A língua é usada em todos os domínios e todas as funções
Inseguro	4	Duas ou mais línguas são usadas na maioria dos domínios e das funções.
Definitivamente em perigo	3	A língua é usada em casa, porém a língua dominante começa a tomar o espaço em casa também.
Severamente em perigo	2	O uso da língua é limitado a algumas funções e alguns domínios sociais.
Criticamente em perigo	1	A língua é usada apenas em alguns domínios restritos e em poucas funções.
Extinto	0	A língua não é usada em nenhum domínio e em nenhuma função.

Fonte: UNESCO (2003:11)

Quadro 9 – Grau de acessibilidade de materiais escritos na língua minoritária

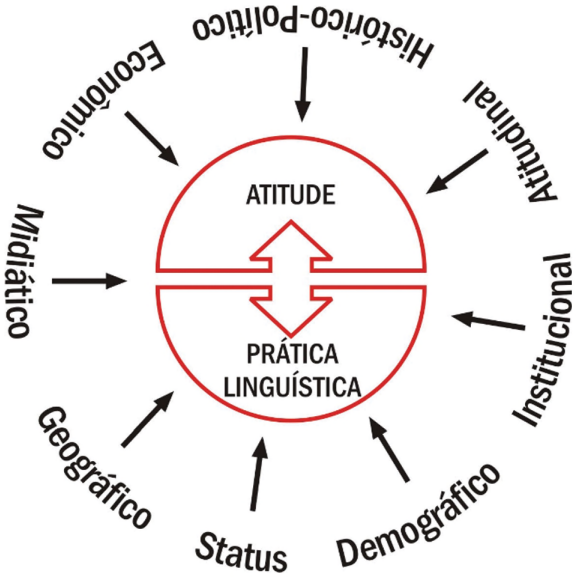
Grau	Acessibilidade de materiais escritos na língua
5	Há materiais na língua, livros gramaticais e de alfabetização, dicionários, mídias eletrônicas, literatura na língua. A língua é usada na escrita, no ensino e na administração pública.
4	Existem materiais na língua e, na escola, as crianças são alfabetizadas na língua, porém no poder público a língua não é usada.
3	Existem materiais na língua, as crianças podem ser alfabetizadas na língua. Porém, o ensino não é promovido pela mídia impressa.
2	Existem materiais escritos na língua, porém não são utilizados e não estão disponíveis para os membros da comunidade, tendo muitas vezes um significado apenas simbólico. O ensino da língua não faz parte do currículo escolar.
1	Apenas alguns materiais são escritos na língua e poucos da comunidade conhecem.
0	Nenhum material escrito disponível para a comunidade.

Fonte: UNESCO (2003:12)

Os quadros apresentados acima têm em comum uma mesma escala de 0 a 5 que determina o grau de vitalidade linguística. Mudam os fatores e critérios para a gradação. No presente estudo, foi especialmente a noção de gradação do "estado de saúde" do polonês que orientou a análise da vitalidade linguística nas duas localidades pesquisadas. Veremos isso mais à frente.

3 O que determina a vitalidade linguística

Conforme se aludiu acima, a vitalidade linguística está condicionada por diferentes fatores. Um primeiro aspecto é a consideração das localidades da pesquisa. Cada localidade pressupõe uma estrutura social e uma série de outros aspectos de ordem geográfica e histórica. Dessa estrutura social e desse espaço geográfico é que emergem diferentes fatores que podem condicionar/determinar a "vida" da língua minoritária. Pertile (2009) apresenta um esquema que pode ajudar a compreender, de modo geral, os fatores mais comuns que atuam nesse processo. Veja-se a Figura 1 a seguir. – Esquema de fatores determinantes



Fonte: Pertile (2009:148)

O esquema, de Pertile (2009), divide-se em dois grandes eixos, referentes às práticas linguísticas e às atitudes. Sobre esses eixos atuam fatores de ordem diversa: demográficos, histórico-políticos, geográficos, econômicos, midiáticos e institucionais, bem como atitudinais e de status.

4 Considerações finais

Status da língua e contatos linguísticos

Pensar no *status* da língua polonesa como fator determinante para sua manutenção ou perda equivale a definir sua posição em relação às demais línguas em contato, especialmente o português. Política e socialmente, pode-se dizer que o polonês configura uma língua de imigração que se encontra à margem da língua oficial, o português. Seu status de língua marginal minoritária, ou minorizada, coloca dificuldades para seu uso. Além disso, é a língua da família, a língua materna anterior ao ingresso na escola. Todos esses critérios vão moldando o valor e a importância da língua.

Esses aspectos e critérios definidores do status da língua de imigração polonesa estão de acordo, em cero sentido, com o que define a política do INDL

(Inventário Nacional da Diversidade Linguística), construída a partir do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O INDL é um instrumento de levantamento para o registro das línguas faladas pelas comunidades linguísticas brasileiras, que se classificam nas seguintes cinco categorias, que levam em conta diferenças tipológicas, históricas e sociológicas:

Quadro 10 – Categorização das línguas segundo o Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL

Categorias	**Línguas**
1	*Indígenas;*
2	Imigração;
3	Comunidades Afro-Brasileiras;
4	Sinais;
5	Crioulas;
6*	Variedades do português[4]

Fonte: Iphan (2016a:13–14)

À língua polonesa como pertencente à categoria de línguas de imigração, alóctones, oriundas dos grupos de fala vindos da Europa, Oriente Médio e Ásia, são associadas características próprias: são línguas derivadas de um movimento migratório, ocorrem em grupo, sobrevivem em comunidade e possuem muitas vezes uma língua internacional correspondente e suprajacente (v. Altenhofen 1997). No Inventário, a relevância de categorizar as línguas está em dar espaço e legitimidade às diferentes situações das línguas consideradas minoritárias, inferiorizadas e minorizadas, assim definidas por Lagares (2018).

Para Lagares, as línguas minoritárias, como línguas à margem das línguas majoritárias, costumam ser línguas minorizadas, isto é, Lagares (2018) afirma que são as línguas afetadas pela "condição minoritária" da língua. E não como língua de maior circulação, ou oficial, mas sim, a língua falada por um número menor de falantes.

4 Variedades internas ao português do Brasil, surgidas por influência de fatores socioculturais e históricos específicos, em determinado espaço geográfico e social, às quais se associam elementos linguísticos que marcam a identidade de falares regionais (variedades diatópicas) e de grupos sociais específicos (variedades diastráticas). (Iphan, 2016a:14)

Entendendo o INDL como parte de ações de político-linguísticas, pode-se distinguir, seguindo Calvet (2007), entre um "planejamento do *status*", que ocorre com a intervenção sobre o reconhecimento da função social da língua, e um "planejamento do *corpus*", através de medidas de intervenção no processo de codificação, realizado depois da escolha da variedade que vai servir de base para o padrão e modernização da língua.

As ações de políticas linguísticas, de intervenções, quando ocorridas, geralmente são ações relacionadas as intervenções de cunho político social e econômico que essa língua carrega. O planejamento linguístico de *corpus* e de *status* (Calvet 2007*)* em comunidades linguísticas com falantes de línguas minoritárias tem o objetivo de oportunizar falantes a continuarem a falar sua língua. Isso exige a compreensão de que a hierarquização de uma língua não leva a descontruir a presença de outra. Muito mais, pode ser um indicador de alguma função específica associada a uma e a outra língua em contato.

Para tanto, esse artigo não se finda com esses apontamentos, apenas apresenta um cenário da vitalidade da língua polonesa presente nos pontos de pesquisa em Descanso, SC e Cruz Machado, PR. Com base nessa análise da maior ou menor vitalidade da língua polonesa, ações para promoção, revitalização e intervenção para manutenção da língua em comunidades com falantes do polonês tem por objetivo proporcionar a continuidade da língua no contexto plurilíngue brasileiro.

Referências

Altenhofen, Cléo Vilson (1997). O estudo de Línguas de Imigrantes no Brasil: O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 18, 17–26.

Altenhofen, Cléo Vilson (2014). O território de uma língua: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. *In*: Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves et al. (org.). *Línguas em contato*: onde estão as fronteiras? Pelotas: Editora da UFPel, 69–103.

Calvet, Louis-Jean (2007). *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola, 136–139.

Ferguson, Charles Albert (1974 [1959]). Diglossia. Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva. *In*: Fonseca, Maria Stella V. & Neves, Moema F. (org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 99–118.

Fishman, Joshua Aaron (2006). Language maintenance, language shift, and reversing language shift. *In*: Bhatia, Tej; Ritchie, William C. (ed.). *The handbook o bi/ingua/ism*. Malden. Oxford: Blackwell, 406–436.

IPHAN – Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional (2016a). *Guia de Pesquisa e Documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)*: Patrimônio Cultural e Diversidade Linguística. vol. I. Brasília, DF: Iphan.

IPHAN – Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional (2016b). *Guia de Pesquisa e Documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)*: Formulário e Roteiro de Pesquisa. vol. II. Brasília, DF: Iphan.

Krauss, Michael (2007). *Language Diversity Endangered*. Edited by Matthias Brenzinger. Berlim; New York: Mounton de Gruyter, 1–6.

Lagares, Xoán Carlos (2018). *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola.

Muysken, Pieter (2013). Scenarios for language contact. *In*. Hickey, Raymond (ed). *The handbook of language contact*. Oxford: Wiley-Blackwell. 256–281.

Organização das Nações Unidas (ONU)/(UNESCO) (2003). Para a Educação a Ciência e a Cultura. Document. *In*: Conference International Expert Meeting on the UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages. Language Vitality and Endangerment. 10 to 12 March 2003, Paris. *Anais* […]. Paris: ONU, 1–27.

Pertile, Marley Terezinha (2009). *O Talian entre o Italiano-Padrão e o Portugês brasileiro*: manutenção e substituição linguísticano. Alto Uruguai Gaúcho. 2009. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Poro Alegre, 248 f.

Romaine, Suzane (2013). Contact and language death. *In*: Hickey, Raymond (ed.). *The Handbook of language contact*. Oxford: Wiley- Blackwell, 320–339.

Seiffert, Ana Paula (2014). *Censo, diagnóstico, inventário e observatório linguísticos: aspectos metodológicos e papel político-linguístico*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 199 f. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194046.

A vitalidade do polonês no cenário plurilingue brasileiroA vitalidade do polonês no cenário plurilingue brasileiro

Lucas Löff Machado e Willian Radünz

Percepção de variedades linguísticas "alemãs" no Brasil: Estudo em Alto Feliz e Nova Petrópolis (Rio Grande do Sul)

Abstract: The present study aims to analyze the perception of the linguistic variation of local varieties that we call German root based and standard varieties on interviews with 11 participants in five groups in Alto Feliz and four in Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, Brazil. The methodology involves listening tasks of four varieties identified by us as Hunsrückisch Deitsch-type, Hunsrückisch Deutsch-type, Standard German read by a Brazilian and Standard German read by a German. The audition task includes two steps: denomination of the variety heard and matched guise. Qualitative analyses in each of the tasks suggest trends that (1) through linguistic denominations and their attributes, Alto Feliz speakers identify themselves with the Deitsch-type variety, while in Nova Petrópolis self-identification occurs with the variety of the Deutsch type, it is however less evident and more heterogeneous; (2) speakers similarly identify the distance of varieties heard in relation to the standard variety and demonstrate greater understanding of varieties relatively close to their locality (Deitsch and Deutsch types) compared to standardized norms.

Keywords: Linguistic Perception, Hunsrückisch, Pluridimensional Dialetology, sociolinguistics

1. Introdução

Nas últimas décadas, no contexto de variedades linguísticas aqui denominadas de raiz alemã no Brasil, a investigação linguística se diversificou e passou a valorizar e dar voz, cada vez mais, à variação e à diversidade das suas populações falantes. O professor e pesquisador homenageado desta edição comemorativa, Cléo Vilson Altenhofen, teve e tem, do nosso ponto de vista, um papel central nessa mudança de paradigma por meio dos seus esforços de formação e pesquisa.

Neste artigo, analisamos como falantes de variedade linguísticas de raiz alemã negociam e percebem suas variedades e a variação linguística local. Enquanto a negociação diz respeito às etiquetas e valorações atribuídas às línguas locais, o eixo da percepção se refere à reação frente a fenômenos linguísticos específicos, aos quais os falantes são expostos e os quais os mesmos categorizam. Partimos da ideia de que os falantes possuem normas distintas e com o *Hochdeutsch* (Löff Machado, 2024), para assim, investigar como

se estrutura o conhecimento dos falantes. Por *Hochdeutsch* (pt. alto-alemão) entendemos a variedade manifestada ora através da escrita, ora em práticas institucionalizadas como escola e igreja.

Assim, interessa saber, a partir da perspectiva dos participantes dessa pesquisa, como as suas experiências linguísticas são nomeadas e categorizadas.

O contato entre falantes de diferentes variedades linguísticas de raiz alemã entre si e os múltiplos contatos com a variedade escrita do alemão (Schriftsprache), fomentado pelas instituições como a escola e a igreja ou ainda o contato com modelos linguísticos, impulsionaram processos de nivelamento linguístico ocorridos nesses 200 anos de história de presença de imigrantes falantes de variedades de raiz alemã (Tavares de Barros, 2019; Prediger, 2019). Por *nivelamento linguístico* entende-se a substituição de traços mais dialetais por traços comuns, em geral, mais próximos da variedade escrita (von Polenz, 2021, 182; Altenhofen 1996). Esse processo ocorre, por exemplo, em Nova Petrópolis, onde falantes do pomerano assumiram ao longo do tempo traços das variedades hunsriqueana e boêmia (Habel, 2022).

Historicamente, com a proibição do alemão e outras línguas durante o Estado-Novo (1937–1945), práticas escolares e demais institucionais foram reprimidas e criminalizadas, de modo que se continuou falando a variedade local na família. Com o início desse nivelamento já na matriz de origem e sua intensificação através da difusão da escola, localidades fundadas a partir de 1850 apresentam maior grau de nivelamento de traços dialetais do que localidades fundadas anteriormente. Esses grupos são chamados respectivamente de Hunsrückisch tipo *Deutsch* (Hrs. tipo *Deutsch*) e tipo *Deitsch* (Hrs. tipo *Deitsch*) (Altenhofen, 2016, p. 116). Em suma, o Rio Grande do Sul resguarda uma diversidade considerável de variedades (outras variedades encontradas em contato com o hunsriqueano são pomerano, westfaliano, boêmio).

A partir dessa configuração, buscou-se durante o doutorado (2016–2021) de um dos autores compreender como normas linguísticas são construídas, sendo essa uma inquietação iniciada durante o trabalho dos autores com o prof. Cléo Altenhofen. Entendemos que as valorações, crenças e ideologias desempenham um papel decisivo na construção e manutenção de normas linguísticas ao longo da história (Faraco & Zilles, 2019) e que discursos normativos procuraram criar línguas homogêneas e, por conseguinte, homogeneizar os próprios grupos de falantes. A definição de norma, assim, do nosso ponto de vista, recorre a traços estruturais da língua (p.ex. regras de uso) e, sobretudo, à expectativa social acerca de fenômenos linguísticos (Gloy, 1987, p. 121). Desse modo, normas consituem-se de proposições, narrativas, comentários, entre outras recursos linguísticos e semióticos (inclusive o silêncio de uma turma escolar perante a figura do professor

pode sinalizar uma expectativa em relação a um comportamento desejado), pois recobram faticidade e legitimação sobre o que é esperado, desejado ou previsto.

A seguir, após descrever os fundamentos teóricos centrais da dialetologia perceptual, apresentaremos os pontos de pesquisa (Alto Feliz e Nova Petrópolis) e, em seguida, será discutida a metodologia concebida em três etapas: preparo, execução e método de análise dos dados. A parte principal contempla a análise dos dados a exemplo da tarefa de matched guise. Por fim, apresentaremos considerações finais sobre a análise das normas linguísticas locais e a percepção dos falantes.

2. Fundamentos teóricos: a dialetologia pluridimensional e perceptual

Para responder a pergunta de pesquisa deste artigo, como variedades linguísticas de raiz alemã são percebidas, nomeadas e avaliadas? recorremos a duas vertentes da dialetologia, a saber a dialetologia pluridimensional (ver Radtke & Thun, 1998) e à dialetologia perceptual (al. *Wahrnehmungsdialektologie*). Enquanto a primeira investiga a língua através de dimensões sociais, linguísticas e geográficas, a dialetologia perceptual concentra-se em como fenômenos linguísticos são percebidos na medida em que os falantes são expostos ao mesmos.

A dialetologia pluridimensional e relacional é um referencial teórico-metodológico da geografia linguística que investiga e representa fenômenos linguísticos a partir de pelo menos oito dimensões da variação linguística: dialingual (contraste entre duas ou mais línguas em contato); diatópica (contraste entre duas localidade distintas); diastrática (contraste entre diferentes estratificações sociais); diageracional (contraste entre diferentes faixas etárias); diafásica (contraste entre diferentes modalidades de entrevista como respostas de questionários e conversas livres); diatópico-cinética (contraste entre grupos sociais estáticos e a mobilidade de outros grupos sociais); diassexual (contraste entre entre diferentes gêneros); e diarreferencial (contraste entre o modo de falar do informante e os seus comentários metalinguísticos; comentários metalinguísticos contrastados).[1]

1 Conforme Thun (1988): [...] o espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos "puros" preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demografcamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento lingüístico, e outros parâmetros mais. (Thun, 1998, p. 706).

Nas últimas décadas, estudos de dialetologia perceptual passaram a ser um importante recurso na pesquisa sociolinguística (Soukup, 2019). As análises vão de mapas dialetais desenhados à mão que representam a percepção de variedades linguísticas até técnicas com tarefas de estímulos-*prime*. Objetos frequentes de análise são atitudes (aspectos avaliativos) acerca da língua (Anders, 2010, p. 351). Soukup (2019) define atitudes como posicionamentos em forma de reações, julgamentos, estimativas, avaliações, associações relacionadas à língua e seus falantes (Soukup, 2019, p. 94). Segundo Preston (2019, p. 141) atitudes referem-se a avaliações e valorações dos falantes sobre língua e grupos linguísticos, enquanto percepções – como subárea da dialetologia – referem-se classificações, distinções dos falantes acerca de variedades linguísticas. O presente artigo ocupa-se com ambas noções: os participantes foram questionados tanto sobre suas avaliações quanto sobre possíveis graus de distinção das variedades ouvidas. Preston & Niedzilski categorizam o conhecimento metalinguístico dos falantes em *metalanguage* 1 e *metalanguage* 2. Asserções com foco no código linguístico pertencem ao âmbito do *metalanguage* 1 (p.ex. julgamentos sobre o alemão), enquanto formas menos conscientes estão no escopo do *metalanguage* 2 (imitações, hipercorreções etc.). Embora o primeiro tipo seja mais esperado em respostas a entrevistas sociolinguísticas, os falantes operam frequentemente através de imitações (v. p. ex. Altenhofen, 2016, p. 120 exemplo na música folclórica) (Niedzielski & Preson, 2000, p. 306–308).

Lenz (2003) demonstra em seu estudo em tempo aparente com falantes mais velhos e mais jovens da região de Wittlich (oeste da Alemanha) que uso e percepção das variantes dialetais estão correlacionados e possuem gradações especialmente interessantes para o estudo da variação dialetal. Variantes consideradas primárias, ou seja, que são substituídas mais facilmente por variantes padrão, são classificadas pelos mesmos falantes no estudo de Lenz (2003) como Platt. Já variantes secundárias ou terciárias, quartenárias e quintenárias, ou seja, mais resistentes à substituição, são atreladas respectivamente a tipos menos e mais próximos de *Hochdeutsch*. O Hochdeutsch ideal para os falantes, de acordo com estudo de Lenz, é associado com a fala do norte da Alemanha, mais especificamente à região de Hannover.

Para compreender como se estruturam avaliações de variedades linguísticas, partimos de uma perspectiva sociocognitiva do discurso, em especial, do discurso da norma, que é necessariamente carregado pelo indivíduo, por exemplo na memória episódica (a longo prazo), mas experenciado, aprendido e negociado socialmente (Soukup, 2019, p. 91; Van Dijk, 1992). Mesmo em entrevistas (semi-)estruturadas, os participantes estão agindo considerando a dimensão pragmática de suas respostas às preguntas do entrevistador. No entanto,

diversas críticas em torno da confiabilidade de tais tarefas têm sido tecidas. Uma delas atenta para a discrepância entre atitudes e comportamento, uma vez que o comportamento real dos falantes nem sempre corresponde aos resultados das mensurações. Estudos de percepção enfrentam ainda dificuldade com respeito ao seu método de coleta, pois percepções não estão sempre disponíveis aos falantes entrevistados ou podem ser modificadas a depender do instrumento da coleta (Hundt et al., 2015, p. 591).

Entendemos que o estudo metalinguístico é decisivo para compreendermos como são construídos comportamentos linguísticos e o nosso conhecimento relacionado a normas linguísticas, ou seja, ao que é esperado, desejado ou previsto. Do ponto de vista da dialetologia pluridimensional, o conhecimento metalinguístico corresponde à dimensão diarreferencial. Na próxima seção, apresentamos o desenho metodológico desta pesquisa.

3. Localidades de pesquisa: Alto Feliz e Nova Petrópolis

A partir de 1824, São Leopoldo e os vales do seu entorno ao longo do rio Jacuí, caracterizados na literatura de investigação linguística como Colônias Velhas (Altenhofen, 2016), receberam assentamentos de imigrantes, entre eles os alemães vindos de diferentes áreas de fala de raíz alemã da Europa. Na região de São Leopoldo no Vale dos Sinos se estabeleceram empresas e sedes escolares e eclesiais. O Hunsrückisch e o pomerano estão entre as variedades mais difundidas no Brasil em termos populacionais e territoriais (Altenhofen, 2019, p. 541; Beilke, 2013). O Hunsrückisch constitui em si um arquipélago linguístico (Altenhofen & Steffen, 2014).

Alto Feliz e Nova Petrópolis, foco do presente trabalho, foram fundadas ainda no período do império brasileiro, porquanto a referência ao imperador D. Pedro I está no nome da cidade de Nova Petrópolis. Os grupos traziam variedades linguísticas distintas conforme a região de procedência na matriz de origem e possuíam posições sociais distintas, o que concerne ocupação e religião.

Alto Feliz está localizada nas montanhas do Vale do Caí, a cerca de 95 km de Porto Alegre. A sua população é de 2.917 habitantes (IBGE 2010). Em 1846/1847, Alto (da) Feliz pertencia inicialmente a Feliz. Para Alto Feliz migraram pessoas do Reno, Hesse, Silesia bem como do Palatinado. A norma local é de base hunsriqueana (Ruschel, 2017, p. 8) e, até hoje, encontramos traços da variante franco-moselana na fala observadas nas saídas de campo de um dos autores (Altenhofen, 1996): por exemplo, *dat* "pronome demonstrativo isso/isto", *wat* "que", *detwege* "por isso", *gewenn* "forma do aspecto perfeito" ao lado das respectivas formas franco renanas: *das*, *was*, *deswege*(n), *gewesen*.

Nova Petrópolis tem origem na colônia provincial de Nova Petrópolis, fundada em 1858 (Roche, 1969, p. 109). A cidade de hoje está situada a cerca de 86 km da capital Porto Alegre e tem 19.045 habitantes (IBGE 2010). Conforme Habel (2022, p. 197), o assentamento de imigrantes pomeranos, saxões, renanos do Hunsrück e boêmios, além de alguns franceses das regiões limítrofes franco-germânicas, holandeses, belgas, poloneses, russos, italianos, entre outros, contribuiu para a heterogeneidade linguística e cultural de Nova Petrópolis. O turismo em Nova Petrópolis tem vindo a crescer fortemente nas últimas décadas. A ligação das duas localidades com a Alemanha pode ser vista no exemplo nas parcerias intermunicipais, respectivamente, com Tholey e Emmelshausen, ambas localizadas no oeste alemão.

4. Metodologia

Os dados desta pesquisa foram coletados em março de 2019 no âmbito do doutorado (2016–2021) e configuram um total de 11 participantes divididos em nove entrevistas e agrupados conforme as dimensões utilizadas no Projeto ALMA: geração mais velha (GII) e geração mais nova (GI), escolaridade alta (Ca) e baixa (Cb). Os participantes anonimizados e codificados podem ser conferidos na tabela abaixo:

Tab. 1: Perfil dos grupos de pesquisa entrevistados no estudo.

Alto Feliz	**Nova Petrópolis**
I: professora nas séries iniciais com grau superior, geração mais nova (CaGI) II: professora aposentada, geração mais velha (CaGII) III: comerciante, geração mais velha, (CbGII) IV: jornalista, geração mais velha (CaGII) V: casal de participantes da geração mais velha funcionário da prefeitura e dona de casa (CbGI)	I: agricultora aposentada, geração mais velha (CbGII) II: aposentado, geração, mais velha (CbGII) III: família de agricultores, geração mais velha (CbGII) IV: família de agricultores, pai da geração mais velha e filho da geração mais jovem (CbGII e CbGI)

A maioria dos participantes são da geração mais velha e em Nova Petrópolis-IV temos a presença de duas gerações (pai e filho). Alto Feliz-IV e Alto Feliz-V foram contactados através de residentes conhecidos previamente. Os demais já haviam sido entrevistados na primeira saída de campo no âmbito do doutorado

em 2018. Na etapa empírica, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: preparo (4.1) e aplicação (4.2) das tarefas.

4.1 Preparo da tarefa

Com vistas à exposição dos participantes a diferentes variedades de raíz alemã, foram utilizadas quatro gravações de falantes reais, sendo três oriundos do Rio Grande do Sul (Paverama, Imigrante e Santo Cristo) e falantes de variedades linguísticas originárias do alemão e um da Alemanha.[2] Assim, consideramos gravações na variedade standard da língua alemã (AS), leitura em alemão por falante brasileira (AL), variedade tipo *Deutsch* (A-Deutsch) e tipo *Deitsch* (A-Deitsch), estas duas últimas por duas falantes crescidas respectivamente nos vales do Caí e do Taquari. As 8 frases utilizadas foram selecionadas com base no questionário de Georg Wenker e podem ser conferidas juntamente com as transcrições dos respectivos áudios no anexo 1. As frases escolhidas deveriam conter variações encontradas nos grupos dialetais presentes no Rio Grande do Sul. Essas são entre outras /p/ vs. /pf/ em *Pfeffer*.

As variáveis abrigam a variação em diferentes graus. O grau de dialetalidade da variedade tipo *Deitsch* pode ser exemplificado pela pronúncia do ditongo *Euer* [ɔɪɐ] e *Pefa* [pfefɐ] no lugar respectivamente de *Eier* 'ovos' e *Pfeffer* 'pimenta' (Altenhofen, 2016), enquanto o tipo *Deutsch,* por um lado, realiza essas variantes em conformidade com o standard e conserva algumas marcas como não realização da africada /pf/ para /f/ e vozeamento de consoante surda pós-tônica. O vozeamento de /s/ antes de vogal, a realização da africada /ts/ (*Salz* [zalts]), neste exemplo, foram realizados apenas na variedade standard (ver frase 1 no anexo 1).

4.2 Aplicação da tarefa

A aplicação da tarefa foi realizada, na maioria das vezes, na casa dos próprios participantes e com auxílio de computador e um aparelho de reprodução de som. A tarefa de percepção subdividiu-se em duas partes: 1) oitiva de 3 frases seguidas da pergunta pela denominação das mesmas ("qual variedade é essa?"). Além disso foi perguntado quais sons eles associaram com a variedade identificada; 2) oitiva de 4 frases e avaliação através da técnica *matched guise*:

---

2 Agradecemos imensamente a Janete Marschall Stumm, Sebastian Kürschner, Jussara Maria Habel e Angélica Prediger que contribuíram com sua fala para a construção dessa tarefa.

a) *Ich verstehe* "eu entendo"
[1] *nichts* (nada) – [2] *ein bisschen* (um pouco) – [3] *Hälfte* (metade) – [4] *fast alles* (quase tudo) – [5] alles (tudo)

b) *wie findest du es?* "O que você acha da fala?"
[1] *nicht schön* (não é bonito) – [2] *etwas* (em parte) – [3] *normal* (normal) – [4] *schön* (bonito) – [5] *sehr schön* (muito bonito)

c) *Você acha que isso é gramatical?* (Grau de gramaticalidade)
[1] *nichts* (nada) – □ [2] *etwas* (em parte) – □ [3] *normal* (normal)- □ [4] *viele Wörter* (muitas palavras) – □ [5] *alles ist grammatikalisch* (tudo)

d) *Você acha que isso é dialeto?* (grau de dialetalidade)
[1] *purer Dialekt* (dialeto puro) – □ [2] *etwas Dialekt* () – □ [3] *normal* – □ [4] *etwas Hochdeutsch* – □ [5] *pures Hochdeutsch*

Os participantes podiam ouvir os áudios quantas vezes desejassem. O número restrito de frases favoreceu a ampliação do tempo para comentários dos participantes. Em média, as tarefas tiveram duração de 30 minutos. Em alguns momentos, os falantes tiveram dificuldades de realizar julgamentos em forma de números, o que levou ao anulamento dessas respostas. Mantivemos os parâmetros em alemão, pois foi a língua da entrevista. Em caso de incompreensão do alemão, os enunciados foram traduzidos para o português pelo aplicador.

5. Análise

5.1 Classificações da língua

Na primeira etapa da entrevista, os falantes foram questionados acerca do nome das variedades ouvidas em três frases (ver anexo). Abaixo, estão indicadas respostas – traduzidas quando necessário – dos falantes agrupadas por localidade bem como o número de citações de cada forma ao longo das audições:

Quadro 1: denominações das variedades ouvidas pelos participantes.

	variedades ouvidas			
Grupos	**Hrs. Tipo Deitsch**	**Hrs. Tipo Deutsch**	**Leitura de alemão por falante brasileiro**	**alemão standard**
Alto Feliz	*Plattdeutsch (4)* *Deitsch (1)*	*Plattdeutsch (2)* *Hochdeutsch (1)* *Deutsch (1)* *Como nós falamos (1)* *Nem Hochdeutsch e nem Plattdeutsch (1)* *Um pouco diferente (1)*	*Hochdeutsch (3)* *gramatical (2)* *Deutsch bonito (1)* *Deutsch certo (1)* *Deitsch (1)* *tem mistura (1)* *não é Hochdeutsch (1)*	*Hochdeutsch (4)* *gramatical (3)* *Plattdeutsch (1)* *pronúncia um pouco diferente (1)* *Deitsch (1)* *Deutsch (1)* *Deutsch certo (1)*
Nova Petrópolis	*Como eu/nós falamos (3)* *dialeto (2)* *tipo Pinhal Alto (1)* *Kaffeeschneeser ‚habitantes de Picada Café' (1)* *Hunsrickisch (1)* *Plattdeutsch (2)* *quase como os Sachse ‚saxões' (1)*	*mais ou menos como eu falo (3)* *nosso alemão (1)* *nosso dialeto (1)* *dialeto (1)* *Plattdeitsch (1)* *alemão (1)*	*Hochdeitsch (2)* *mais ou menos* *Hunsrick (1)* *Deutsch melhor (1)* *Dialeto melhor (1)* *não muito claro (1)* *mais na gramática (1)* *Pomeraner (1)* *misturado (1)*	*Hochdeitsch (6)* *bem alemão/ alemão mesmo (2)* *dialeto um pouco diferente (2)* *pouquinho mais Deutsch certo* *quase como o nosso (1)*

Procurou-se manter as denominações originais, uma vez que variações fonéticas como *Deutsch* e *Deitsch* em localidades dessa região podem carregar marcadores sociais das variedades respectivamente mais ou menos próximas da variedade standard. O quadro geral revela uma auto-identificação do grupo de participantes de Alto Feliz com a variedade Hrs. tipo *Deitsch* e de Nova Petrópolis com o Hrs. tipo *Deutsch*. A leitura até evoca atitudes mais próximos do polo standard, mas concentra também avaliações como *mistura* e até mesmo *Hunsrick* ou *Pommeraner* 'pomeranos'.

Em Alto Feliz, a variedade Hrs. tipo *Deitsch* foi identificada com a própria variedade na maior parte das entrevistas, ressaltado por atributivos como *unser*

'nosso'. A variedade Hrs. tipo *Deutsch* recebe avaliações que abarcam um espectro mais amplo, podendo estar mais próximas do polo mais dialetal (*Plattdeutsch*) e do mais standard (*Hochdeutsch*). As associações com a norma standard são destacadas pela conotação de "caprichado" no sentido *aperfeiçoado* (*já um pouco caprichado para o Hochdeutsch* – Alto Feliz IV). Observam-se também posicionamentos equidistantes (*nem Hochdeutsch e nem Plattdeutsch*). A leitura por falante brasileira em alemão foi associada 3 vezes com o *Hochdeutsch* e 2 vezes com o atributo gramatical. A fala em alemão standard foi associada com essas categorias 4 e 3 vezes, respectivamente, em Alto Feliz. Ambas receberam pelo menos uma avaliação como alemão certo (al. *richtiges Deutsch*). Respostas como "mistura" ou "não é Hochdeutsch" para a leitura sinalizam uma certa precaução dos entrevistados em a posicionar como mais standard.

Em Nova Petrópolis, encontramos uma paleta de denominações mais complexa para o Hrs. tipo *Deitsch*. Entre elas, temos associações topográficas (*tipo Pinhal Alto*, *como os Kafeeschneeser* 'habitantes de Picada Café'), autoinclusivas (*como eu falo/nós falamos*), denominações linguísticas (*Deutsch* 'alemão', *dialeto*, *Hunsrickisch*, *Plattdeutsch*) ou referência a categorias sociais (*quase como os saxões*). Enquanto em Picada Café e Pinhal Alto fazem parte do conhecimento local e carregam o traço mais dialetal (Altenhofen, 1996), a referência aos saxões aponta para um grupo quantitavamente menos expressivo se comparado aos hunsriqueanos, boêmios e pomeranos imigrados para Nova Petrópolis (Habel, 2022, p. 197). Os participantes identificaram-se individualmente com a variedade Hrs. tipo *Deutsch* em três ocorrências e através das auto-identificações coletivas *nosso alemão* e *nosso dialeto* outras duas vezes. Quanto à variedade de leitura, essa foi classificada como *Deutsch* ou *dialeto melhor* ou *mais na gramática*, ou seja, com grau dialetal atenuado, o que é esperado, pois a leitura converge, mas mantém determinados traços dialetais remanescentes: realização /ts/ como /s/ em *Salz* 'sal', não arredondamento em *finf* 'cinco' e *mide* 'cansado' (al. *fünf*, *müde*) bem como o uso de acusativo (*mich*) no lugar de dativo (*mir*). *Pomeraner*, mais ou menos *Hunsrick* ou ainda "não muito claro" são denominações atribuídas a uma variedade menos standard. Para a variedade alemão standard, a associação com o standard expressamente é mais evidente.

Cabe destacar que nossa análise não se deteve ao nível individual, o que carece de aprofundamento em estudos futuros. Na sequência, procuramos analisar as avaliações em eixos temáticos específicos.

5.2 Tarefa *matched guise*

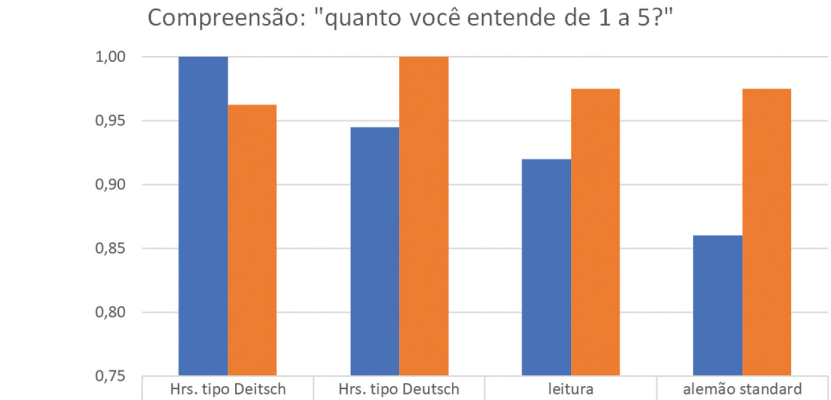
A tarefa *matched guise* seguiu quatro temáticas consideradas relevantes para a pesquisa sobre normas linguísticas: compreensão da variedade ouvida, grau de

dialetalidade/aproximação do standard, grau de aproximação à língua "gramatical" e avaliação estética. As frases utilizadas nessa etapa são as frases de 4 a 8 (ver anexo). As vozes, portanto, já eram conhecidas dos entrevistados. A seguir serão expostos os resultados para cada uma das quatro perguntas e comentados brevemente.

Compreensão: "quanto você entende de 1 a 5?"

A compreensão dos áudios é a primeira pergunta da série de quatro. Aos grupos de entrevistados foi perguntado o quanto eles conseguiam entender dos áudios:

Fig. 1: Respostas à pergunta de auto-avaliação "quanto você entendeu da frase ouvida?" em relação a cada uma das quatro variedades ouvidas



	Hrs. tipo Deitsch	Hrs. tipo Deutsch	leitura	alemão standard
Alto Feliz	1,00	0,95	0,92	0,86
Nova Petrópolis	0,96	1,00	0,98	0,98

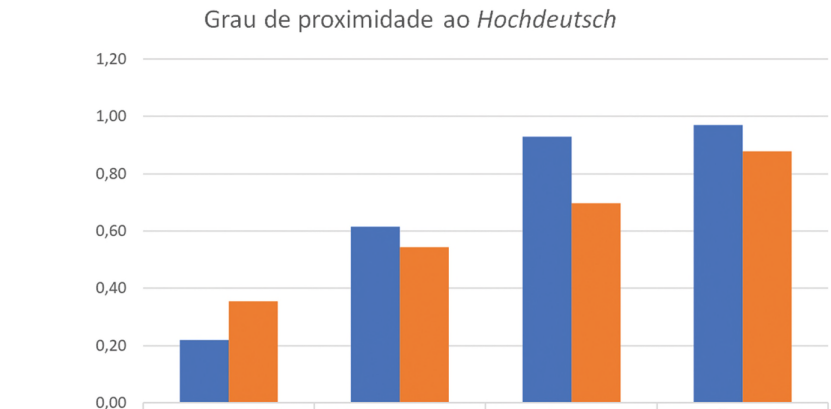
Como a identificação das denominações em 5.1 já indicava, Alto Feliz demonstrou maior compreensão – segundo auto-avaliação – da variedade de tipo *Deitsch*, enquanto Nova Petrópolis obteve maior entendimento do tipo *Deutsch*. Dessa forma, as variedades relativas às normas da própria localidade receberam índices mais elevados de compreensão. De modo geral, os entrevistados de Nova Petrópolis apresentaram uma compreensão mais expressiva das variedades de leitura em alemão e do alemão standard. Como explicação, é possível citar o nivelamento linguístico ao longo do tempo ocorrido em Nova Petrópolis, no qual falantes oriundos de diferentes matrizes dialetais subsituem traços mais dialetais (sobretudo os primários considerados mais salientes) por traços mais padronizados (von Polenz, 2021). Como Habel (2022) encontra em sua tese, orientada pelo prof. Cléo Altenhofen, o pomerano acabou incorporando traços fonéticos das variedades do alemão central,

como o *Hunsrückisch* e o boêmio. Nesse processo, práticas em alemão standard como aulas ou mesmo práticas históricas (entre outros, rádio em alemão, presença de turismo e festivais internacionais, imprensa em língua alemã, inclusive da revista mais longeva *Sankt Paulus Blatt*) desempenham um papel determinante. Em Alto Feliz, observamos uma linha decrescente que acompanha a hierarquia do contínuo standard-dialeto: (100 %) > tipo Deutsch (95 %) > leitura (92 %) > standard (86 %). Os falantes apresentam, portanto, mais dificuldades, conforme a variedade aproxima-se de um registro mais próximo do escrito. No caso dos falantes de Alto Feliz, o contato com práticas em alemão standard é indiviual e em contextos específicos como a participação em coral, cujo repertório inclui músicas em alemão, experiência na infância com aulas privadas de alemão e ensino confirmatório em alemão.

Grau de dialetalidade

Um dos interesses nucleares da dialetologia perceptual e da pesquisa sobre o multilinguismo no âmbito da imigração de fala alemã no Rio Grande do Sul é a mensuração do grau de dialetalidade, pois encontramos o contato entre variedades de imigração distintas. Desse modo, procedemos com a pergunta sobre o quanto a variedade ouvida se aproxima do *Hochdeutsch*:

Fig. 2: Respostas à pergunta "quão parecida é essa língua do *Hochdeutsch* 'alemão standard'?" em relação a cada uma das quatro variedades ouvidas



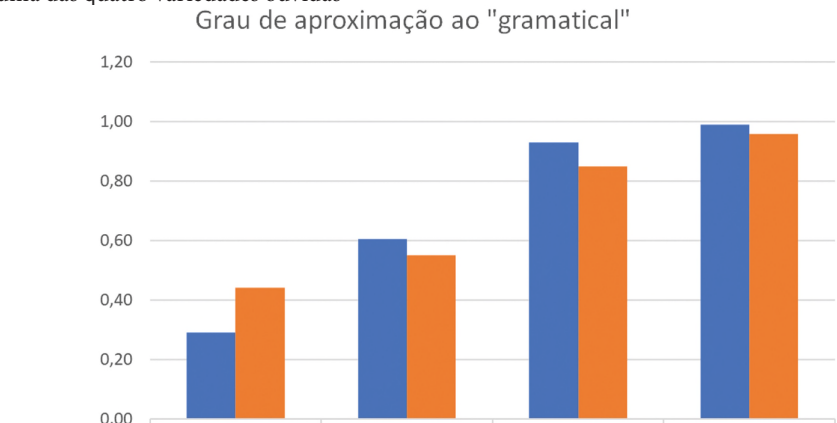
	Hrs. tipo Deitsch	Hrs. tipo Deutsch	leitura	alemão standard
Alto Feliz	0,22	0,62	0,93	0,97
Nova Petrópolis	0,35	0,55	0,70	0,88

O Hrs. tipo *Deitsch* foi avaliado com o maior grau de dialetalidade. Onde os dados revelam uma diferença expressiva é no contraste intervarietal: participantes de Alto Feliz atribuíram um grau de dialetalidade significativamente mais elevado ao Hrs. tipo *Deitsch* do que às demais variedades, a diferença entre as duas variedades chega a 0,40 pontos. Participantes de Nova Petrópolis, no entanto, classificaram os graus de dialetalidade como mais próximos, aqui a diferença cai para 0,20 pontos. Alto Feliz parece atribuir maior dialetalidade à própria variante e maior estandardização a variedades exógenas. Como observa Altenhofen (2016: 119–120), o Hrs. tipo *Deutsch* pode ser associado a um "alemão mais fino" (*feineren Deutsch*) *Hochdeutsch* por falantes de regiões do tipo *Deitsch*.

Aproximação à língua gramatical

As posições sociais das línguas ficam muitas vezes evidentes pelas denominações que elas recebem. Na região de imigração alemã, costuma-se atribuir a etiqueta "gramatical" à variedade standard (para o italiano Torquato, 2017, p. 19; alemão Altenhofen & Morello, 2018, p. 40), possivelmente por conta do ensino de enfoque gramatical de línguas estrangeiras e da própria língua nacional até o século XX (Faraco & Zilles, 2019, p. 94). Na pergunta seguinte, utilizou-se, portanto, a denominação popular e perguntou-se o quão "gramatical" era a variedade ouvida:

Fig. 3: Respostas à pergunta "quão gramatical é a frase ouvida?" em relação a cada uma das quatro variedades ouvidas



	Hrs. tipo Deitsch	Hrs. tipo Deutsch	leitura	alemão standard
Alto Feliz	0,29	0,61	0,93	0,99
Nova Petrópolis	0,44	0,55	0,85	0,96

De modo similar ao grau de dialetalidade, temos novamente uma diferença considerável na percepção das normas locais em relação às línguas entendidas como gramaticais, ou seja, as variedades de leitura e alemão standard (ver 5.1) e aqui uma classificação média acima de 0,80 pontos. Os participantes de Alto Feliz enfatizam novamente através de sua avaliação a percepção de que sua variedade está mais distante do "ideal gramatical". Como na Fig. 2 acima, as avaliações seguem uma tendência, na qual o tipo *Deitsch* é visto como menos gramatical e se manifesta na crença ouvida com frequência em comentários de que não se fala o gramatical. O gramatical parece ser associado com um ideal oposto à própria língua. Cabe salientar, portanto, que essa homogeneidade não ocorre de fato, já que até mesmo as variedades consideradas mais próximas do gramatical, possuem traços dialetais. Cabe lembrar, ainda, que as gravações foram produzidas em contexto de leitura. Mesmo nesse contexto – de controle, sob alto grau de monitoramento, como ocorre na leitura em alemão ou na variedade standard, encontramos variações na própria Alemanha.[3]

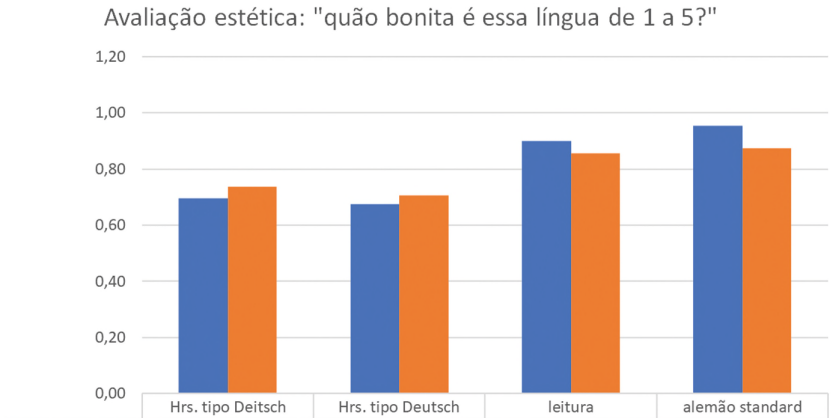
Avaliação estética: "quão bonita é essa língua?"

Os julgamentos estéticos são um componente central das atitudes de falantes em relação à língua, porque indicam afinidade dos falantes com determinada variedade. Eles também são complexos de mensurar, pois as línguas são abstratas e os falantes costumam ter diferentes critérios para valorar a língua esteticamente:

Embora as variedades consideradas, em parte, *Hochdeutsch* ou "gramaticais" pelos falantes (5.1) recebam avaliações estéticas mais positivas, o gráfico sinaliza a proximidade afectiva dos falantes com relação às normas locais: mesmo variedades percebidas como mais dialetais recebem uma avaliação relativamente alta. Os próprios falantes comentam durante a tarefa que estão avaliando o tipo Deutsch ou Deitsch de forma positiva, pois são "suas línguas", o que sugere o prestígio da variedade local. Os julgamentos de participantes de Nova Petrópolis chegam a ser levemente superiores em termos de positividade em relação ao Hrs. tipo *Deitsch*. Nesse caso, pode ter ocorrido uma orientação pela variedade do outro. Aqui, pode ocorrer uma identificação com a norma de outras localidades e menos com o tipo Deutsch, o qual linguisticamente se aproxima mais da sua própria norma.

3 O projeto "alemão falado" (al. gesprochenes Deutsch) do Instituto da Língua Alemã (IDS), coletou e mapeou a variação da língua alemã em contexto de leitura (https://www.ids-mannheim.de/prag/ausvar/ acessado em 15/04/2023).

Fig. 4: Respostas à pergunta "quão bonita é a língua que você ouviu?" em relação a cada uma das quatro variedades ouvidas



	Hrs. tipo Deitsch	Hrs. tipo Deutsch	leitura	alemão standard
Alto Feliz	0,70	0,68	0,90	0,96
Nova Petrópolis	0,74	0,71	0,86	0,87

6. Considerações finais e perspectivas futuras

O presente artigo ocupou-se da percepção de quatro variedades de raíz alemã. Procuramos demonstrar, através de um estudo piloto, como a integração de métodos complementares pode auxiliar na compreensão da percepção de falantes de alemão sobre a língua alemã em situação de contato no Sul do Brasil. Campo esse que foi profundamente e permanentemente estimulado e alimentado pelas pesquisas do professor Cléo Altenhofen. A análise se deu sobre dados coletados nas comunidades de Alto Feliz e Nova Petrópolis, totalizando onze falantes. A pergunta de pesquisa "como variedades linguísticas de raíz alemã são percebidas e avaliadas?", foi examinada de forma qualitativa em duas etapas. As tarefas foram realizadas a partir da audição das variedades do tipo *Deitsch* e *Deutsch* (normas locais) e das variedades obtidas com a leitura de alemão standard por uma professora falante de Hrs. do Rio Grande do Sul e pela leitura de alemão standard por um alemão como língua materna, crescido no norte e sul da Alemanha. Podemos destacar as seguintes tendências:

- Denominação da língua: há indícios que os participantes dessa pesquisa percebem uma distinção entre as quatro variedades. As denominações de *Plattdeutsch* (*Plattdeitsch*) ou *Deitsch* em Alto Feliz e, entre outros, *Deutsch* e *dialeto* em Nova Petrópolis são reservadas para as variedades que identificamos

como normas locais (tipo *Deitsch* e *Deutsch*). As normas mais próximas ao polo standard recebem denominações como *Hochdeutsch*, além de atributivos valorativos como *gramatical* ou *richtig* 'correto'.

- *Matched guise*: Os quatro eixos temáticos – compreensão, dialetalidade, avaliação da variedade standard e estética – apontam para a compreensão e afinidade mais profunda das normas regionais ou locais; maior afastamento da variedade tipo *Deitsch* do polo standard entre os falantes de Alto Feliz, os quais consideram inclusive a variedade do Hrs. tipo *Deutsch* mais próxima desse polo. Em Nova Petrópolis, essa diferenciação diminui. Em relação à avaliação estética, os falantes confirmam o prestígio de variedades consideradas mais gramaticais, mas expressam também maior proximidade afetiva às normas locais, as quais são consideradas bonitas por serem as suas próprias línguas. Em resumo, as avaliações dos falantes revelam uma aproximação de normas locais (Hrs. tipo *Deitsch* e tipo *Deutsch*) e um distanciamento de normas próximas ao eixo standard da língua (leitura ou variedade standard de alemão) consideradas menos compreensíveis quando faladas muito rápido (sobretudo alemão standard).

Por fim, alguns aspectos metodológicos merecem reflexão. A aplicação da tarefa com as frases em ordem aleatória não evitou que os participantes antecipassem certas respostas, uma vez que se familiarizaram com as vozes. Outro aspecto diz respeito ao uso de uma escala numérica de um a cinco (*matched guise*), a qual nem sempre era clara para todos participantes. Em estudos futuros, pode-se aprofundar a abordagem quantitativa, por exemplo através do controle do tempo de resposta ou mesmo com participação de uma quantidade maior de entrevistados em cada ponto, o que diante do tempo disponível e objetivo deste estudo não foi possível.

Anexo:

1. *Er ißt die Eier immer ohne Salz und Pfeffer* (pt. ele come os ovos sem sal e pimenta)	
Alemão standard	eːɐ ɪst diː ˈaɪɐ ˈɪmɐ ˈonə zalts un ˈpfefɐ
Leitura por falante brasileira	eːɐ ɪst diː ˈaɪɐ ˈɪmɐ ˈonə sals un ˈpfefɐ
Hrs. tipo *Deutsch*	eːɐ ɪst diː ˈaɪɐ ˈɪmɐ ˈonə sals un ˈfevɐ
Hrs. tipo *Deitsch*	de ɪst diː ˈɔɪɐ ˈɪmɐ onː sals un ˈpʰefɐ
2. *Die Füße thun mir sehr weh, ich glaube, ich habe sie durchgelaufen* (pt. os pés estão doendo, eu acho que os pisei)	
Hrs. tipo *Deitsch*	dɪ fiːs tun miç fiːl veː iç ˈglɔvə iç hɔn ziː dɔrіçgəˈlɔːf
Hrs. tipo *Deutsch*	dɪ fiːs tun miç fiːl veː iç ˈglaʊbə iç hen ziː dɔrіçgəˈlaʊf
Leitura por falante brasileira	dɪ fiːzə tun miç fiːl veː iç ˈglaʊbə iç habə ziː dʊrçgəˈlaʊfən
Alemão standard	dɪ ˈfyːsə tun miːɐ seːɐ veː iç ˈglaʊbə iç habə ziː duˀçgəˈlaʊfn̩
3. *Du bist noch nicht groß genug, um eine Flasche Wein auszutrinken, Du mußt erst noch ein Ende/etwas wachsen und größer werden.* (pt. Você não grande suficiente para tomar uma garrafa de vinho, você precisa ainda precisa crescer um pouco e ficar maior)	
Hrs. tipo *Deitsch*	duː biʃ nɔx net gros gəˈnuː fɔ eːn ˈflaʃ vaːn leːn ˈaʊstringə, duː muʃt eːɐʃt nɔ x etvas ˈvaksə un ˈgreɪzɐ weɪrə
Hrs. tipo *Deutsch*	duː bist nɔx net gros gəˈnuːx fɔ aːn ˈflaʃ vaːn alaːn aʊstsuˈtringə, duː must erst nɔx etvas ˈvaksə un ˈgreɪzɐ weːn
Leitura por falante brasileira	duː bist nɔx niçt gros gəˈnuːx um aːnə ˈflaʃe vaːn alaːn aʊstsuˈtrinkn̩, duː m ust erst nɔx etvas ˈvaksn̩ unt ˈgreɪsɐ ˈwɐrdn̩
Alemão standard	duː bist nɔx niçt gros gəˈnuːk um aːnə ˈflaʃə vaːn alaːn aʊstsuˈtrinkn̩, duː m ust eˀst nɔx etvas ˈvaksn̩ unt ˈgʁøɪsɐ ˈweˀdn̩
4. *Wir sind müde und haben Durst.* (pt. Nós estamos cansados e estamos com sede)	
Hrs. tipo *Deitsch*	mɪɐ sinḍ ˈmiːḍ un ˈhɔm dɔʃt
Hrs. tipo *Deutsch*	mɪɐ sinḍ ˈmiːḍ un ˈham dɔʃt
Leitura por falante brasileira	vɪɐ zint ˈmyːdə un ˈhabə dʊʁst
Alemão standard	vɪɐ zint ˈmyːdə un ˈhabən duˀst
5. *Hinter unserm Hause stehen drei schöne Apfelbäumchen mit rothen Aepfelchen.* (pt. Atrás da nossa casa têm três macieiras bonitas com maçãzinhas bonitas)	
Hrs. tipo *Deitsch*	ˈhɪnɪç ˈunzɐ haʊs steɪn draɪ ˈʃenə ˈɛbelbemçɐ miḍ ˈrodə ˈebəlçə
Hrs. tipo *Deutsch*	ˈhɪnɪç ˈunzem haʊs steɪn draɪ ˈʃenə ˈepfelbɔɪmç miḍ ˈrodə ˈepfəlçə
Leitura por falante brasileira	ˈhɪntɐ ˈunzɐ haʊs steɪn draɪ ˈʃenə ˈapfəlbɔɪmçən miḍ ˈrotən ˈapfəlçən
Alemão standard	ˈhɪntɐ ˈunzem haʊs steɪn draɪ ˈʃønə ˈapfəlbɔɪmçən miḍ ˈrotn̩ ˈapfəlçən
6. *Ich verstehe euch nicht, ihr müßt ein bißchen lauter sprechen.* (pt. Eu não entendo vocês, vocês precisam falar um pouco mais alto)	
Hrs. tipo *Deitsch*	ɪç veɾˈʃteː aːɪç neːt deɐ mɪst aːɪn bɪsɪə ˈhaːtɐ ˈʃpʁeçə
Hrs. tipo *Deutsch*	ɪç veːɐˈʃteː ɔːɪç net ɪɐ mɪst aːɪn bɪsɪə ˈhɛːdɐ ˈʃpʁeçə
Leitura por falante brasileira	ɪç veɾˈʃteː ɔːɪç niçt ɪɐ mʏst aːɪn bɪsɪən ˈlaʊtɐ ˈʃpʁeçən
Alemão standard	ɪç vɐˈʃteː ɔːɪç niçt ɪɐ mʏst aːɪn bɪsçən ˈlaʊtɐ ˈʃpʁeçən
7. *Sein Bruder will sich zwei schöne neue Häuser in eurem Garten bauen.* (pt. o irmão dele quer construir duas casas bonitas no jardim de vocês)	
Hrs. tipo *Deitsch*	dəm saːɪn ˈbʁʊdɐ vɪl ziç zvɔɪ ˈʃeɪnə ˈnaɪɐ ˈhaːɪzɐ ɪn ˈaːɪɐ ˈg̊ɔdə ˈbaːʊə
Hrs. tipo *Deutsch*	saːɪn ˈbʁʊdɐ vɪl ziç zvaːɪ ˈʃeɪnə ˈnɔːɪə ˈhɔːɪzɐ ɪn ˈɔːɪəm ˈgadə ˈbaːʊə
Leitura por falante brasileira	zaːɪn ˈbʁʊdɐ vɪl ziç zvaːɪ ˈʃøɪnə ˈnɔːɪə ˈhɔːɪzɐ ɪn ˈɔːɪəm ˈgaˀtən ˈbaːʊən
Alemão standard	zaːɪn ˈbʁʊdɐ vɪl ziç zvaːɪ ˈʃøɪnə ˈnɔːɪə ˈhɔːɪzɐ ɪn ˈɔːɪʁəm ˈgaˀtən ˈbaːʊən
8. *Die Bauern hatten fünf Ochsen und neun Kühe und zwölf Schäfchen vor das Dorf gebracht, die wollten sie verkaufen.* (pt. Os agricultores trouxeram cinco bois e nove vacas até a frente da vila, eles queriam vendê-las)	
Hrs. tipo *Deitsch*	diː ˈbaːʊə hatə fɪnəf ˈɔksə un nɔːɪn ˈkiː un tsvələf ˈʃoɪfçə foɐ diː dorəf gəˈbrʊŋ diː ˈvɔldə zɪː fɛkɔɪvə
Hrs. tipo *Deutsch*	diː ˈbaːʊə hatə fɪnf ˈɔksə un nɔːɪn ˈkiː un tsvəlf ʃefçə foɐ diː gəmaɪndə gəˈbʁaxt diː ˈvɔldə zɪː fərkaːʊvə
Leitura por falante brasileira	diː ˈbaːʊəˀn hatən fɪnf ˈɔksən unḍ nɔːɪn ˈkyə unḍ tsvølf ʃefçən foɐ das dorf g əˈbʁaxt ziː ˈvɔltən zɪː fərkaːʊfən
Alemão standard	diː ˈbaːʊəˀn hatn fʏnf ˈɔksən unḍ nɔːɪn ˈkyə unḍ tsvølf ʃefçn̩ foɐ das doˀf gəˈbʁaxt di ˈvɔltən zɪː fɐˈkaːʊfn̩

Bibliografia

Altenhofen, C. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Franz Steiner (Mainzer Studien Zur Sprach- und Volksforschung).

Altenhofen, C. (2019). Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: Ammon, Ulrich/Schmidt, Gabriele (Ed.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit*. Vorschläge, Ansätze und Konzepte. Berlin, Boston: De Gruyter.

Anders, C. A. (2010). *Wahrnehmungsdialektologie. Das Obersächsische im Alltagsverständnis von Laien*. Berlin/New York: de Gruyter.

Beilke, N. (2013). *Pomerano: uma variedade germânica em minas gerais*. Anais do SILEL, Bd. 3 (1), Uberlândia: EDUFU.

Coseriu, E. (1960). *Sistema, norma e fala*. [Universidade, Faculdade de Letras], Coimbra; tradução para o português Nr. 9, übers. von J. H. de C. [= J. Herculano de Carvalho].

Faraco, C. A., Zilles, A. M. S. (2017). *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto.

Gloy, K. (1987). Norm. Em Ammon et al. (ed.): *Soziolinguistik. Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft*. 1. Teilband. Berlin/New York: de Gruyter. (pp. 119–124).

Habel, J. M. (2022). *O contínuo standard-substandard do alemão no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis – RS*. (Tese de Doutorado) Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: UFRGS.

Hundt, M., Palliwoda, N. & Schröder, S. (2015). Wahrnehmungsdialektologie – Der deutsche Sprachraum aus der Sicht linguistischer Laien. Em Kehrein, R. & Lameli, A. / Rabanus, S. (ed.): *Regionale Variation des Deutschen – Projekte und Perspektiven*. Berlin, Boston: De Gruyter (pp. 585–620).

Löff Machado, L. (2024). *Die Rolle sprachlicher Normen für Deutschsprachige in Brasilien*. Untersuchungen bei Nachfahren von Eingewanderten in Rio Grande do Sul. Berlin: Peter Lang.

Niedzielski, N., Preston, D. (2000). *Folk Linguistics*. Mouton de Gruyter, Berlin and New York.

Prediger, A. (2019). *Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração do norte da boêmia no Brasil*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204557* (último acesso 27/09/2020)

Radtke, E. & Thun, H. (1996). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag (= Dialectologia Pluridimensionalis Romanica 1).

RhWb = „Hinkel I". *Rheinisches Wörterbuch, digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities*, Version 01/23, <https://www.woerterbuchnetz.de/RhWB?lemid=H05758>, último acesso em 22/01/2023.

Roche, J. (1969). *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo.

Ruschel, D. M. S. (2017). *Alto Feliz e os ecos de sua história*. Bom Princípio: Primeira Hora.

Soukup, B. (2019). Sprachreflexion und Kognition: Theorien und Methoden der Spracheinstellungsforschung. Em Antos, G. & Niehr, T. & Spitzmüller, J. (ed.) *Handbuch Sprache im Urteil der Öffentlichkeit*. Berlin, Boston: De Gruyter (pp. 83–106).

Steffen, J., Altenhofen, C. V. (2014). Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. Em *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, 81: 34–60.

Tavares De Barros, F. H. (2019). *Topodinamica del Hunsrückisch: cartografia y ejemplos del proceso de cambio y manutencion del lexico en contexto de migracion*. Bremen: Universität Bremen (Dissertation).

Thun, H. (1998). La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Em *International Congress Of Romance Linguistics And Philology*, 21., 1995, Palermo. Ati del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer. v. 5, (pp. 701–729).

Van Dijk, T. 1992 [1988]. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Contexto.

Anna Ladilova, Kristina Pröstler e Sina Keller

Imaginierte Selbstbilder der Russlanddeutschen

Abstract: The Russian-Germans represent a " unique" migrant group in Germany in that, on the one hand, they are of German origin. Therefore, they received German citizenship immediately upon arrival to Germany. On the other hand, they are still perceived as immigrants, although the term "(Spät-)Aussiedler" is used to refer to them. This poses a challenge to the Russian Germans, as this paper will show, to (re)define their collective self-image. Not only will their relationship to and positioning in German society be examined, but also the relationship of this group to refugees in Germany. For this purpose we will first give an overview of the socio-cultural situation of the Russian Germans. Then, we will discuss the results of an empirical study – a group discussion evaluated according to the method of Qualitative Content Analysis.

Keywords: migration, integration, identity, Russian Germans, refugees.

1. Einleitung

„[D]ie Frage über die Identität – ist auch interessant" (E: 01:21:39 – 01:21:44)

Im Laufe der letzten Jahrzehnte gestand sich Deutschland den Status eines Zuwanderungslandes zu. In diesem Zusammenhang wurden zahlreiche Integrationsprogramme entwickelt, die Migrant*innen eine Integration in die Mehrheitsgesellschaft ermöglichen sollen. Dabei wurde zwar die Beziehung der Zuwanderer zur Mehrheitsgesellschaft berücksichtigt, das Verhältnis der Migrant*innen zueinander jedoch meist vernachlässigt. Eine der größten Gruppen, die als „zugewanderter Mitbürger" (Worbs et al. 2013, S. 6) wahrgenommen wird, stellen die Russlanddeutschen dar. Zum Zeitpunkt ihrer Ankunft in Deutschland wurden diesen jedoch keine speziellen Integrationsprogramme zur Verfügung gestellt, unter anderem weil sie offiziell als Aussiedler eingestuft wurden. Nicht zuletzt deshalb wird auch in der Forschung den Schwierigkeiten, die diese Gruppe im Zuge der Integration in Deutschland hatte, kaum Rechnung getragen, obgleich es zahlreiche Arbeiten über die Geschichte und Sprachentwicklung der Russlanddeutschen gibt (Berend 2017; Berend und Kaul 2016; Hinnenkamp und Meng 2016; Meng 2016, 2017). Gleichzeitig wird ihre

Position in der Gesellschaft beispielhaft für gelungene Integration gedeutet (Worbs et al. 2013). Auch ihre ursprünglich deutsche Abstammung, die teilweise eher symbolischen Deutschkenntnisse und die starke Identifizierung mit deutschen Kulturgütern zum Zeitpunkt ihrer Ankunft in Deutschland, hebt diese Gruppe von anderen Migrant*innengruppen in der deutschen Gesellschaft ab.

Die Geschichte der Russlanddeutschen beginnt vor fast 350 Jahren, als die russische Zarin Katharina die Große 1762 ein Manifest erließ, in dem sie Kolonisten einlud, sich im Russischen Reich niederzulassen. Diese Einladung ging mit Privilegien einher, wie z.B. Religionsfreiheit, regionale Selbstverwaltung und die Befreiung vom Militärdienst. Die Folgen des Siebenjährigen Krieges und die Anwerbungsversuche der Lokatoren bewegten allein bis 1767 ca. 30.000 Menschen dazu, die Auswanderung anzutreten. Nach ca. 100 Jahren wurde die besondere Stellung der Deutschen in Russland jedoch wieder aufgehoben und im Kontext des Zweiten Weltkrieges folgten zahlreiche Deportationen nach Sibirien. Vor allem in den 90er Jahren reisten zahlreiche Russlanddeutsche nach Deutschland ein (vgl. Schneider 2015).

> Dies geschah auf Grundlage von Artikel 116, Abs. 1 des Grundgesetzes sowie §§ 1 und 6 des Bundesvertriebenengesetzes (BVFG), welche in der Nachkriegszeit für die Aufnahme und Einbürgerung der über zwölf Millionen deutschen Vertriebenen und Flüchtlinge aus den deutschen Ostgebieten und Osteuropa entstanden waren (Panagiotidis 2017).

Nach Angaben des 20. Forschungsberichtes des Bundesamtes für Migration und Flüchtlinge (vgl. Worbs et al. 2013, –S. 7–12) waren 2011 in der Bundesrepublik Deutschland 3,2 Millionen Spätaussiedler registriert. Dabei ist anzumerken, dass unter ihnen bis zum heutigen Tag eine geringe Arbeitslosigkeit herrscht. Zudem scheinen die russischen Spätaussiedler ihr Wissen um die deutsche Sprache höher zu bewerten als Mitglieder anderer Migrationsgruppen. Doch trotz der hohen Selbsteinschätzung stellen auch bei Russlanddeutschen mangelnde Sprachkenntnisse oft eine Hürde im Bildungsbereich und in der sozialen Interaktion dar.[1] Viele der in Deutschland lebenden Russlanddeutschen sind Christen und pflegen im Vergleich zu anderen Migrant*innen deutlichere und langfristigere Pläne für das Leben in Deutschland. Zudem bezeichnen sie das Integrationsklima in Deutschland mehrheitlich

1 Dies betrifft selbstverständlich vor allem die erste Generation der Migrant*innen, während ihre Kinder und Enkelkinder in der Regel keine Schwierigkeiten mit der sprachlichen Integration mehr haben.

als positiv. Dies führen sie aber auf die eigene Verantwortung und Motivation zurück und nicht auf die Maßnahmen des deutschen Staates. Gerade im Zusammenhang mit der aktuellen Veränderung der demografischen Zusammensetzung der deutschen Gesellschaft stellt sich daher die Frage nach dem imaginierten Selbstbild der Russlanddeutschen im Zusammenhang mit dem Integrationsprozess.

Selbstverständnis und Selbstbild stehen gerade bei Migrant*innen in Verbindung zum Begriff der Identität (vgl. Assmann 2017, S. 130), dessen Gebrauch und Bedeutung jedoch kontrovers diskutiert wird (vgl. Straub 2011, S. 277). Als gemeinsam angenommen wird, dass unbewusste Verhaltensformen, soziale Zugehörigkeiten und implizites Alltagswissen (*tacit knowledge*) eine wichtige Rolle spielen (vgl. ebd.). Zudem herrscht eine Vorstellung des zeitübergreifenden Identisch-Seins innerhalb einer Gruppe (vgl. Davidovic 2006, 42 f.). Diese Konstruktion von Gleichheit beruht darauf, dass sich Handlungen sowie Selbst- und Weltbeschreibungen herausbilden, die gemeinsam verwendet werden (vgl. Straub 2011, S. 277). Umgekehrt kann daher über diese Ausdrucksweisen Rückschluss auf das kollektive Selbstbild der Gruppe gezogen werden. Gleichzeitig erfordert Identität eine Bewusstwerdung des eigentlich selbstverständlichen Selbstbildes (vgl. Assmann 2017, S. 134). Bei einem solchen, konstruktivistischen Verständnis von Identität wird nicht davon ausgegangen, dass diese an einen unveränderbaren Wesenskern anschließt. Stattdessen stellt sich die Frage, wie Identität ausgehandelt und inszeniert wird (vgl. Davidovic 2006, 42 f.). So schlagen Rogers Brubaker und Frederick Cooper (2000, S. 3) die Betrachtung der Prozesshaftigkeit und der sozialen Rolle der Subjekte bei der Erforschung kollektiver Identität vor. Eben diese Perspektive wird im vorliegenden Aufsatz bei der Betrachtung des aktuellen Selbstbildes der Russlanddeutschen eingenommen.

In modernen Gesellschaften führt die große Auswahl an Identitätsoptionen zu sogenannten Identitätskrisen – denn die identitäre Positionierung ist obligatorisch: „[W]e have no choice but to choose“ (Giddens 2008, S. 81). Gleichzeitig verlieren die traditionellen Kategorien wie Familie, Geschlecht, Ethnie und Nation ihre identitätsstiftende Kraft und das Ergebnis sind sogenannte „patchwork identities“ (ebd.), deren Einzelteile kein kohärentes Ganzes mehr bilden und keinen einheitlichen Kern haben. Es kann daher nicht mehr darum gehen, die unterschiedlichen Bestandteile der eigenen Identität miteinander in Einklang zu bringen, sondern die aus den Differenzen hervorgehenden Spannungen und Krisen zu meistern bzw. auszuhalten (Keupp 2002, S. 196). In diesem Prozess ist der Vergleich zu Anderen und die damit einhergehende soziale Identifizierung und Positionierung zentral: Diese impliziert eine soziale

Beziehungskomponente, die mit einer Zugehörigkeit zu bestimmten Gruppen (Identität) und gleichzeitig mit der Exklusion aus anderen Gruppen (Alterität) einhergeht (Spreckels und Kotthoff 2011, 417 ff.).

Das Selbstbild einer Gruppe hängt daher eng mit den Fremdzuschreibungen durch andere Gruppen zusammen. Wenn es Übereinstimmung zwischen den beiden Wahrnehmungen gibt, gestaltet sich die Herausbildung des Selbstbildes unproblematisch. Weicht die Fremdzuschreibung von der Selbstwahrnehmung jedoch ab, kann es gerade dann zu Konflikten bei der Herausbildung des Gruppenbewusstseins kommen, wenn die Fremdwahrnehmung negativ bzw. diskriminierend ist (Davidovic 2006: 45). Eine solche abwertende Haltung erfuhren die Russlanddeutschen zweifach, und zwar sowohl in Russland als auch bei der Ankunft in Deutschland. Gerade Letzteres scheint besonders (re) traumatisierend für die Gruppe gewesen zu sein. Erstens, weil die Diskriminierungserfahrung an Vorerfahrungen anknüpft. Zweitens, weil Deutschland als Heimat konstruiert und im kollektiven Gedächtnis bewahrt wurde. Und drittens, weil an dieses Konstrukt anknüpfend die Ankunft in Deutschland ein Ausweg aus der jahrhundertelangen kollektiven Diskriminierung sein sollte. Die „Rückkehr in die Heimat" führte daher zu einer Krise, die vermutlich über die üblicherweise konstatierten Integrationskrisen von Migrant*innen hinausging und eine bewusste Auseinandersetzung mit der Herkunfts- und Aufnahmegesellschaft und damit einen Identitätswandel in Gang setzte.

Wie bereits von Alfred Schütz (1972a) in seinem Text „Der Fremde" bemerkt, hängt diese Krise damit zusammen, dass das gewohnte Handlungs- und Interpretationsschemata bzw. die bekannten Zivilisationsmuster der Migrant*innen nicht mehr „als ein System erprobter und vorhandener Rezepte" (Schütz 1972a, S. 59) funktionieren, da sie an spezifische historische Kontexte gebunden sind: Die neue Gruppe hat eine andere Geschichte und der Fremde ist nicht Teil davon, weshalb er „[v]om Standpunkt der Gruppe aus, welcher er sich nähert, […] ein Mensch ohne Geschichte" (Schütz 1972a, S. 59) ist. So werden historische und biografische Erfahrungen der Russlanddeutschen von der Aufnahmegesellschaft nicht wahrgenommen, und das obgleich die deutschen Siedlungsgebiete in Russland sehr wohl in der deutschen Geschichtsschreibung beachtet werden.

Die Russlanddeutschen dagegen nehmen sich selbst durchaus als Teil der deutschen Geschichte wahr, denn sie haben die Verbindung zur Heimat nie verloren, sondern sie als einen wichtigen Bezugspunkt der eigenen Identität aufrechterhalten. Daher könnte die Einwanderung der Russlanddeutschen teilweise mit der Situation des „Heimkehrers" im Sinne von Schütz (1972b.) verglichen werden, der mit der Erwartung zurückkehrt, eine Welt vorzufinden, die

bekannt ist. Doch in Wirklichkeit findet er oder sie zunächst einen fremden Ort vor, was zu einem nicht weniger tiefgreifenden Schock führt als beim Fremden, der sich einer neuen sozialen Gruppe annähert. Um sich in der „alten Heimat" zurechtzufinden, kann lediglich auf Erinnerungen zurückgegriffen werden, die zu Orientierungszwecken aufrechterhalten wurden, denn Heimat wird als Ausgangs- und Endpunkt bzw. „Nullpunkt des Koordinatensystems, womit wir die Welt überziehen, um uns in ihr zurechtzufinden" (Schütz 1972b, S. 72) verstanden. Dabei ist nicht nur der geografische Ort gemeint, sondern auch andere Symbole der Heimat wie Sprache, Familie, Freunde, Landschaft, Lieder, Speisen und Gewohnheiten.

Diese Symbolsysteme sind auch Teil des kollektiven Gedächtnisses – des Wissens einer Gemeinschaft über die eigene Vergangenheit –, das im Prozess der kollektiven Identitätsbildung aus der jeweils aktuellen Perspektive neu beleuchtet, umorganisiert und für die jeweils angestrebte Identitätskonstruktion instrumentalisiert wird (vgl. Assmann 2017, S. 130). Da die Russlanddeutschen über 300 Jahre – also generationenübergreifend – in einem anderen Land lebten, ging das kommunikative (Kurzzeit)Gedächtnis, das an mündliche Überlieferungen geknüpft ist, verloren. Was jedoch blieb, ist das kulturelle (Langzeit)Gedächtnis. Letzteres transportiert Erfahrungen und Wissen über Generationsschwellen hinweg und beinhaltet mythische Ereignisse ferner Vergangenheit (vgl. Erll 2008, S. 29). Die Mystik ist den als deutsch bezeichneten Elementen im kollektiven Gedächtnis der Russlanddeutschen eigen. Sie half diesen vermutlich die Deportationen und Diskriminierungen in Russland aufgrund des „Deutschseins" zu verkraften, indem die deutschen Kulturelemente positiv besetzt wurden. Beim Zusammenstoßen mit der Lebensrealität in Deutschland im Prozess der Aussiedlung führte jedoch genau diese Mystifizierung zu einem Schock. Dies hängt mit den gesellschaftlichen und kulturellen Entwicklungen während der 300 Jahre zusammen, in denen die Russlanddeutschen abwesend waren (und kaum bis keinen Kontakt zu Deutschland hatten bzw. haben konnten) und die daher im kollektiven Gedächtnis der Russlanddeutschen nicht vorhanden waren.

Zugleich stößt das aus dem kulturellen Gedächtnis der Russlanddeutschen hervorgehende Selbstbild als Deutsche bei der Ankunft in Deutschland auf die Fremdwahrnehmung, die davon bedeutend abweicht. Dies führt einerseits zu einer Fremdheitserfahrung, anderseits zu einem starken Wunsch nach einem Ausgleich des Wunsch-(Gleichseins) und Ist-Zustandes (Fremdsein), was eine Annäherung an die Aufnahmegesellschaft voraussetzt. Schütz (1972a, 67 f.) geht davon aus, dass der*die Fremde und, so ließe sich übertragen, auch der*die Heimkehrer*in, wenn er*sie zum Mitglied der Gruppe

werden will, die neuen Kultur- und Zivilisationsmuster von der Ebene des Denkens auf die Ebene des handlungsrelevanten Wissens transformieren muss. Dies kann in einem wiederholten Kulturkontakt in einem Zyklus an Deutungen und Umdeutungen stattfinden (vgl. Wolf 2015, 449 f.). Dieser Prozess ist aber mühsam, denn die Erfahrung, dass die eigenen Kultur- und Zivilisationsmuster in der neuen Umgebung nicht gültig sind, erschüttert das Vertrauen in das „Denken-wie-üblich" und das ganze bisherige Auslegungsschema des Neuankömmlings wird hinterfragt. Diese Erschütterung war im Falle der Russlanddeutschen daher besonders stark, weil die Erwartung, etwas Bekanntes vorzufinden, vorherrschte.

Bei der Frage, wie sich das Verhältnis von Migrant*innen zu der aufnehmenden Gesellschaft entwickelt, wird häufig auf die Idee der Integration verwiesen. Diese wird – im alltäglichen Verständnis – meist mit Assimilation gleichgesetzt und als ein mehrstufiger Prozess verstanden, bei dem ein Gefühl von sozialer Ähnlichkeit bzw. symbolischer Zugehörigkeit aufkommt. Dieses Empfinden entsteht sowohl auf der Seite der etablierten Bevölkerung wie auch der Migrant*innengruppe. Dabei ist jedoch zu beachten, dass die Definitionsmacht darüber, wer als ähnlich betrachtet wird, bei der gesellschaftlich dominanten und somit meist der etablierten Gruppe liegt (vgl. Burden und Nowotny 2009, S. 197). Im Falle der Russlanddeutschen bestand zwar ihrerseits das Gefühl der symbolischen Zugehörigkeit, nicht jedoch auf Seite der Aufnahmegesellschaft, was die Identitätskrise, die im Prozess der Integration in das moderne Deutschland stattfand, erschwerte. Im folgenden Kapitel werden Umgangsstrategien mit dieser Situation beleuchtet.

Im Sinne der Assimilationslogik sind die übergeordneten Ziele der Migrant*innen, für alle sichtbar Mitglied der aufnehmenden Gesellschaft zu werden, nicht mehr fremd zu sein und als fremd wahrgenommen zu werden und sich in der neuen Kultur problemlos zurechtzufinden. Es wird davon ausgegangen, dass dieser Prozess mit dem Erlernen der Sprache und dem erfolgreichen Zugang zu Bildungsinstitutionen beginnt. Klassische Assimilationsansätze sehen dann das Umziehen in bessere Wohngebiete sowie Ehen mit Mitgliedern der dominanten Kultur als finale Phase von Assimilation an (vgl. Schachter 2016). Jesus Garcia (2016) übt Kritik an der Forderung nach Assimilation und dem gängigen Verständnis von Integration, da dabei erwartet würde, dass Migrant*innengruppen die Kultur der Mehrheitsgesellschaft vollständig übernehmen. Marginalisierungen würden dem individuellen Versagen oder der individuellen Weigerung zugeschrieben werden, während gesellschaftliche Exklusionsmechanismen außer Acht gelassen würden. Gerade Letztere können aber über den Erfolg bzw. das Misslingen der Integration entscheiden

und zur Konstruktionsdynamik des Selbstbildes der Migrant*innen beitragen. Auch das Verhältnis zu anderen Migrant*innengruppen kann in diesem Zusammenhang entscheidend dazu beitragen, wie integriert sich die jeweilige Zuwanderergruppe fühlt. Die Daten der vorliegenden Studie zeigen, dass auch im Falle der Russlanddeutschen all diese Aspekte eine Rolle im Integrationsprozess spielen und das aktuelle Selbstbild mitbestimmen. Bevor der Datensatz und die Ergebnisse geschildert werden, wird jedoch kurz auf die Methode der empirischen Studie eingegangen.

2. Methode

2.1 Die Erhebungsmethode: Gruppendiskussionen

Da in der vorliegenden Studie die subjektiven Eindrücke der Teilnehmenden im Fokus stehen, wurde für die Datenerhebung die Methode der Gruppendiskussionen gewählt. Diese ermöglicht es, eine Vielzahl von alltäglichen, aber auch grundsätzlichen Meinungen und Einstellungen sichtbar werden zu lassen (vgl. Kühn und Koschel 2018, S. 17). Darüber hinaus ist eine weitere Stärke der Methode, dass damit der Fokus auf die Kommunikation zwischen den Teilnehmenden gelegt wird. Dadurch wird eine künstliche und wenig alltagsnahe Frage-Antwort-Sequenz vermieden (vgl. ebd., S. 24). Das Gespräch entwickelt mit der Zeit eine eigene Dynamik, die dazu beiträgt, eine vertrauensvolle Atmosphäre zu schaffen und Hemmungen, Ängste und Widerstände abzubauen, denn bei einer gut verlaufenden Gruppendiskussion fühlen sich die Teilnehmer ernst und wichtig genommen, was den Charakter einer authentischen Diskussion fördert (vgl. Lamnek 2005, S. 86). Kühn (2018, S. 24) betont in seinen Ausführungen zur Methode der Gruppendiskussion, dass ebendiese Vorgänge Grundvoraussetzungen dafür sind, Meinungsbildungsprozesse nachzuvollziehen. Dies ist besonders effektiv, um Wirkungszusammenhänge zu entdecken. Da es Ziel der Studie ist, den Zusammenhang zwischen dem Selbstbild, der Integration und dem Verhältnis zu den neuen Migrant*innen zu beleuchten, profitiert die Arbeit von den Dynamiken der Gruppendiskussion.

2.2 Vorgehen bei der Datenerhebung

Die Teilnehmer*innen der Gruppendiskussion wurden im Sommer 2017 per E-Mail kontaktiert.[2] Daraufhin fand ein Treffen mit vier Russlanddeutschen

2 An dieser Stelle wird darauf verzichtet, nähere Auskunft über die Quelle des Kontaktes zu geben, um die Anonymität zu bewahren.

statt, bei dem das Gespräch aufgezeichnet wurde. Bei den Diskutierenden handelte es sich um I, E, M und P (Pseudonyme), die zwischen ca. 35 und 65 Jahren alt waren. Zwei von ihnen waren im Bereich der Migration und Integration tätig. Dies ist auch an ihren Aussagen zu sehen, weshalb diese teilweise den Charakter von Expert*inneninterviews aufweisen. So finden sich z.B. manche der vorgetragenen Argumente im BAMF-Bericht (vgl. Worbs et al. 2013) wieder, z.B. die Aussage, dass die Russlanddeutschen besser in den Arbeitsmarkt integriert sind als andere Migrant*innen. Die Diskussion dauerte ca. zwei Stunden und neben den Diskutierenden waren zwei Forscherinnen anwesend. Die Teilnehmer*innen kannten sich untereinander, da sie beruflich oder privat miteinander zu tun haben. Die Diskutierenden sprachen zunächst nacheinander in langen Beiträgen, die jeweils ca. 20 Minuten dauerten. Gegen Ende gab es häufigeren Sprecher*innenwechsel.

Die Aufnahmen wurden standardorthographisch transkribiert, wobei die grammatikalischen Eigenarten beibehalten wurden. Im Folgenden wird auf die Auswertungsmethode eingegangen.

2.3 Auswertungsmethode: Qualitative Inhaltsanalyse

Für die inhaltliche Analyse der Transkripte wurden zunächst theoretische Vorüberlegungen getroffen. Dabei wurde auf die in der Gruppendiskussion gestellten Fragen zurückgegriffen. Aufbauend auf Theorien über den Integrationsprozess und Darstellungen der Situation der Russlanddeutschen wurden anhand des empirischen Materials Themen und Motive identifiziert und Kategorien gebildet. Im Sinne einer Qualitativen Inhaltsanalyse nach Jochen Gläser und Grit Laudel (2009) blieb dieses Kategoriensystem während des gesamten Analyseprozesses offen für unvorhergesehene Informationen. Somit wurde eine vom Ursprungstext abweichende Informationsbasis geschaffen, die durch das Kategoriensystem, das bei der Extraktion verwendet wurde, strukturiert wurde, indem die einzelnen Textstellen in eine Reihenfolge gebracht wurden, die sie für die abschließende Interpretation operabel machte. Bei der im folgenden Kapitel dargestellten Analyse, werden Originalzitate der Teilnehmer*innen der Gruppendiskussion aufgeführt, gefolgt von ihren Pseudonymen und dem Zeitpunkt der jeweiligen Aussage in der Aufnahme.

3. Analyse

Die Analyse schließt an die These an, dass die Selbstwahrnehmung der Russlanddeutschen und deren Wahrnehmung der Geflüchteten in einem reziproken

Verhältnis stehen. Deshalb soll zunächst analysiert werden, welches Selbstverständnis innerhalb der Gruppe der Russlanddeutschen besteht und auf welche Aspekte es aufbaut. Im darauffolgenden Teil wird dargestellt, wie das Verhältnis zu der Gruppe von Geflüchteten in den Diskussionen beschrieben wird. Abschließend werden beide Aspekte in Verbindung gesetzt und nach den gegenseitigen Auswirkungen gefragt.

3.1 Strategien der Identitäts(re)konstruktion

Bei den Diskussionen wurden verschiedene Dimensionen der Identitätskonstruktion herausgearbeitet. Diese Strategien lassen sich in die folgenden vier Kategorien der Identitäts(re)konstruktion unterteilen. Erstens über den Bezug zu gemeinsamen – oder als gemeinsam angenommenen – Merkmalen innerhalb verschiedener Gruppen. Zweitens durch die Beziehung zur und die Fremdwahrnehmung durch die Restbevölkerung. Drittens in Zusammenhang mit den eigenen Handlungen, Aktivitäten und den darüber entstehenden Interaktionen. Und viertens anhand des direkten Vergleichs mit anderen Mitgliedern der Gesellschaft. Vielfach überschneiden sich diese Strategien, verstärken einander oder aber markieren im Gegenteil Widersprüche, die mehr oder weniger reflektiert nebeneinander bestehen.

Geteilte Merkmale

Den verschiedenen Strategien, die unter der Kategorie der geteilten Merkmale zusammengefasst sind, ist gemeinsam, dass die essentialistische Vorstellung einer festen Identität mitschwingt. Besonders deutlich wird das, wenn es um Kultur geht:

> „Die Kultur ist quasi dieselbe – ohne Vertiefung. […] Sehr gut hier reingepasst. So. So wie wir eben sind." (E: 00:12:00 – 00:12:38)

Neben der (National-)Kultur und Tradition wird auch auf Religion und Sprache verwiesen. Der eigenen Vertrautheit mit dem so verstandenen „Deutschsein" wird im Prozess des Ankommens eine große Beachtung geschenkt. Gleichzeitig wird von I aber auch die Frage gestellt, was Deutschsein eigentlich bedeutet, denn auf diese Frage scheint es keine eindeutige Antwort zu geben.

Große Bedeutung hat auch das Merkmal der Zugehörigkeit zur Gruppe der Russlanddeutschen, was daran deutlich wird, dass die eigenen Erfahrungen immer in Bezug zu denen der anderen Aussiedler gesetzt werden oder sogar generell im Plural gesprochen wird. Dies wurde möglicherweise vom Forschungsaufbau mitbeeinflusst, da vorab erklärt wurde, dass es um die

Integration der Russlanddeutschen ginge, und es sich bei den Diskutierenden auch um Personen handelt, die in russlanddeutschen Organisationen aktiv und vernetzt sind.

Für die Selbstwahrnehmung (vorwiegend der älteren) Teilnehmenden scheint außerdem auch die Situation der jüngeren Generationen eine Rolle zu spielen. So wird dabei häufig auf die Erfolge der eigenen Kinder und Enkelkinder verwiesen:

> „Ich denke, wir sind ja hierhergekommen, um unser Leben zu verbessern und wir haben es überwiegend für unsere Kinder getan, damit die eine Zukunft haben." (M: 00:46:39 – 00:46:53)

Integration wird oft als ein Prozess verstanden, der sich über mehrere Generationen hinzieht. Daher werden Integrationserfolge der jüngeren Generationen auch durch die ältere Generation für sich selbst beansprucht.

Diese Idee von Strebsamkeit und Verzicht, vor allem der älteren Generationen, um dadurch die eigenen Chancen oder die der Kinder langfristig zu verbessern, zieht sich wie ein roter Faden durch die verschiedenen Erzählungen. Damit verbunden sind Wertvorstellungen, von denen angenommen werden kann, dass sie eine wichtige Rolle in der Selbstwahrnehmung spielen. Die auffallendsten Aspekte sind dabei Familie, Arbeit und Regelkonformität.

Die eigene Identität wird auch über autobiographische Erzählungen beschrieben, wobei der Ausgangspunkt meist die Ankunft in Deutschland ist. Damit wird diese spezifische Migrationserfahrung zu einem wichtigen gemeinsamen Merkmal, auf das sich die Diskutierenden beziehen. Am eindrucksvollsten wird der Stellenwert dieses Merkmals daran deutlich, dass mehrere Teilnehmende sich von sich aus (ohne danach gefragt zu werden) mit Namen und einer Schilderung darüber, wann sie nach Deutschland kamen und was die ersten Jahre für sie bedeuteten, vorstellen. Dies legt die Vermutung nahe, dass es sich bei der Erzählung über die Ankunftszeit um ein etabliertes Narrativ handelt, das in standardisierten Situationen zum Einsatz kommt und so auch hier zur Gesprächseröffnung eingesetzt wird. Daraus lässt sich schließen, dass diese Ankunft oder auch Rückkehr als ein zentrales Moment im Prozess der Identitätskonstruktion fungiert, an das viele der anderen Aspekte angeknüpft werden. Darüber hinaus werden auch die Erlebnisse der Eltern- und Großelterngeneration in der Sowjetunion thematisiert. Sie scheinen als Erfahrungspool zu fungieren, der es ermöglicht, Situationen und Annahmen zu vergleichen, einzuordnen und zu reflektieren. Die Bezugnahme zum eigenen

kollektiven Gedächtnis ermöglicht somit eine Annäherung an die aktuelle Realität in Deutschland.

Das Bedeutende bei diesem geschichtlichen Bezug ist, dass mit der Ankunft in Deutschland auch eine Krisenerfahrung verbunden wird. Eine Teilnehmerin beschreibt ihre Reaktion auf die Frage ihres russischen Mannes, was ihr eigentlich fehle, eindrücklich mit:

> „Da musste ich ausrasten. Es war alles fremd. Das muss man verstehen." (M: 00:08:00)

Die Aussage der Teilnehmerin erinnert an die von Alfred Schütz (1972a.) beschriebene Krise, die von Migrant*innen im Prozess der Annäherung an die neue Gesellschaft erlebt wird. Dabei wird das Vertrauen in das „Denken wie üblich" erschüttert und es folgt ein Hinterfragen der eigenen Identität und Zivilisationsmuster.

Ähnlich wie bei Schütz' (1972b) Heimkehrer wurde im kollektiven Gedächtnis der Russlanddeutschen die Erinnerungen an die „Heimat" Deutschland konserviert. P erinnert sich an das Aufrechterhalten der deutschen bzw. als deutsch bezeichneten Lebensgewohnheiten in Russland:

> „Denn alle Bräuche, alles, was in den Familien, was sie mitgebracht [haben, war deutsch]. Sogar die Blumen im Garten, ja? Meine Großmutter hat diese Blumen aus Deutschland. ‚Das ist ja aus Deutschland', hat sie gesagt, obwohl das auch, 200 Jahren vor. Und diese Blumen muss man unbedingt vor dem Haus haben. ‚Das ist aus Deutschland, ja?'" (P: 01:40:38 – 01:41:04)

Vergleicht man die Ankunft der Aussiedler in Deutschland mit der Erfahrung der Heimkehrer bei Schütz (1972b), wird klar, dass zu dem Schock, sich fremd zu fühlen eine zweite Dimension hinzukommt: die Erkenntnis, dass die Heimat, an die so viele Hoffnungen geknüpft wurden, (zumindest in der erwarteten Form) nicht (mehr) existiert.

Auch wenn vor allem der teilweise selbstironische Rückblick auf die eigene Erwartungshaltung erkennen lässt, dass der Schock überwunden wurde, scheinen sich diese Erfahrungen auf besondere Weise eingeprägt zu haben. So ist das Hinterfragen eigener Handlungsmuster, Vorstellungen und nationaler Identität für einige der älteren Generation scheinbar ein ganz selbstverständlicher Prozess geworden, nachdem sie auch bei ihren Kindern und Enkelkindern Ausschau halten.

> „Aber ob sie [die Enkelkinder] sich hier auch so wie Deutsche fühlen?, frage ich sie. Aber sie sind ja noch zu klein, das zu analysieren." (P: 01:15:40 – 01:15:50)

Dadurch, dass die Krise und die daran anknüpfende Reflexion als identitätsstiftendes Moment aufgegriffen werden, entsteht ein Spannungsverhältnis und

eine Art der Dopplung, insofern, dass die Reflexion über Identität selbst Teil der Identität wird. Dass trotz Überwindung der Krise eine Spannung bestehen bleibt, zeigt folgende Aussage:

> „Bis heute verstehe ich noch einiges nicht.[…] Aber mittlerweile, man gewöhnt sich daran." (E: 00:10:31 – 00:10:40)

Somit wird deutlich, dass die Rekonstruktion der kollektiven Identität der Russlanddeutschen im Zusammenhang mit der Einwanderung nach Deutschland ein bewusster Prozess ist, der sowohl mit der Reflexion über die eigene Gruppengeschichte als auch mit den Gemeinsamkeiten mit der deutschen Gesamtgesellschaft zusammenhängt. Letzteres hängt zudem eng mit der zweiten Strategie der Identitätskonstruktion zusammen.

Stellung in der Gesellschaft

Die zweite Strategie, die eigene Identität zu definieren und zu konstruieren, die in den Gruppendiskussionen festgestellt wurden konnte, läuft über die soziale Verortung in der Gesellschaft. In den Reflexionen über die momentane Situation wird immer wieder auf das Verhältnis zur Restbevölkerung Bezug genommen. So werden die bestehenden Beziehungen zu den „Einheimischen"[3] betont. Diese spielen sich zum einen auf einer privaten Ebene ab, wie Freundschaften oder familiäre Bindungen. Zum anderen bestehen die Kontakte auch auf Basis beruflicher oder ehrenamtlicher Tätigkeiten. In ihren Schilderungen berichten die Teilnehmenden immer wieder von den Rückmeldungen, die sie zum Beispiel von „einheimischen" Kolleg*innen erhalten haben.

Vernetzt zu sein und die damit verbundene gesellschaftliche Position, wird ebenfalls von einigen der Teilnehmenden wiederholt betont:

> „Wie gesagt, in der Stadt, weil ich ehrenamtlich immer tätig als Vorsitzende bin, habe ich sehr viele Kontakt mit anderen Vereinen, das heißt mit komplett anderen Kulturen: Eritrea zum Beispiel, Kurdisch-Mesopotanisch und DITIB [Türkisch Islamische Union der Anstalt für Religion e.V.] – das sind die Türken -, Aleviten, na? Ach mit allen." (E: 00:19:36 – 00:20:02)

Auch hier muss jedoch bedacht werden, dass es sich bei den ausgewählten Diskutierenden gerade verstärkt um aktive und organisierte Personen handelt und nicht zwangsweise ein Rückschluss auf die Gruppe der Russlanddeutschen insgesamt gezogen werden kann.

---

3 Die Diskutierenden verwendeten diesen Begriff, um sich auf die Deutschen ohne Migrationshintergrund zu beziehen.

Ganz entscheidend bei der Reflexion über die eigene Stellung in der Gesellschaft ist das Gefühl, vergessen, benachteiligt oder vernachlässigt worden zu sein. Elementare Punkte sind hierbei die Probleme bei der Anerkennung von Abschlüssen bzw. deren Nichtanerkennung, sowie die auf 60 % reduzierte Rente. In beiden Fällen zeichnet sich die Haltung durch eine Mischung aus Verärgerung und Akzeptanz der Regeln aus, die sich nicht unbedingt gegenseitig aufheben, sondern nebeneinander bestehen und so ein Spannungsfeld beschreiben:

> „Es war ärgerlich. Man konnte das verstehen und man versteht das auch. Hier sind die so die Voraussetzungen, in Russland komplett was anderes. Was kann man verlangen? Man kann die Gesetze ja nicht ändern, aber man hat mehrere Möglichkeiten in diese Richtung zu tun und dann…" (E: 00:05:20 – 00:05:43)

Von den Diskutierenden wird auch angesprochen, dass die Russlanddeutschen (vom Staat) gar nicht als Migrant*innen angesehen wurden, was es ihnen einerseits theoretisch erlaubte, nicht als fremd wahrgenommen zu werden, was andererseits aber auch zur Folge hatte, dass eine systematische Förderung nicht stattfand. Die Teilnehmenden berichten, dass Unterstützung besonders in der ersten Orientierungsphase nötig gewesen wäre und zwar zum Verstehen der (administrativen) Abläufe und um Kenntnisse über die eigenen Rechte zu erlangen. Eine Teilnehmerin spricht an, dass sich dieses Vergessenwerden nun sozusagen wiederhole, da trotz der laufenden Debatte über Integration, sie als Expert*innen erneut nicht nach ihren Erfahrungen und Meinungen gefragt werden würden:

> „Aber wer fragt uns? Sag mal?" (P: 01:30:45 – 01:30:48)

Die eigene Stellung in der deutschen Gesellschaft wird nicht nur durch die Beziehungen zu den „Einheimischen", sondern auch durch aktives ehrenamtliches Engagement und vor allem der Anerkennung der eigenen gesellschaftlichen Stellung definiert. Letztere steht in enger Wechselbeziehung zur Handlungsmacht der Diskutierenden.

Eigene Handlung(smacht)

Es scheint so, als würde die eigene Aktivität zumindest teilweise als ein Gegengewicht zur erlebten Vernachlässigung wahrgenommen werden. Die Identifikation mit eigenen Handlungen und Tätigkeiten stellt die dritte Gruppe an Strategien dar, wie von den Diskutierenden ihre Selbstwahrnehmung dargestellt wird.

> „[…] ich glaube, dass, was die Aussiedler in Deutschland angeht, die haben sehr viele Chancen, die haben sehr viele Möglichkeiten, die sie auch genutzt haben. Und das jetzt auch nicht [mit], ich sag jetzt mal, immer gute[r] systemische[r] Förderung." (I: 00:3013 – 00:30:22)

In Anbetracht dieser Feststellung erschließt sich, warum Eigeninitiative und Erzählungen über das eigene Handeln einen so wichtigen Stellenwert einnehmen. Ein ganz zentrales Thema ist dabei die Selbstverständlichkeit, sich sofort einen Job zu suchen und sich notfalls auch mit einer Arbeitsstelle zufriedenzugeben, die nicht der eigenen Qualifikationen entspricht, immer wieder ausgedrückt durch das Bild der Putzfrau mit Universitätsabschluss. An diesem Punkt überschneiden sich die oben erwähnten Wertvorstellungen von Strebsamkeit und Bescheidenheit und das Gefühl, vernachlässigt worden zu sein, mit dem Glauben an die eigene Handlungsmacht.

Bei einer der Diskussionsteilnehmerinnen kommt es zu einer spannenden Dopplung:

> „Ab sofort hab ich auch mit meine äh ehrenamtliche Tätigkeit angefangen, alles rund um die Integration. Unterstützung von den Landsleuten und so weiter… und meine erste Arbeitsstelle war auch äh in diese Richtung gewesen äh ich habe eine Arbeitsstelle bei Firma F. bekommen und zwar das Projekt war Aussiedler für Aussiedler. Es waren fünf Damen da im Projekt. Alle mit akademischer Ausbildung unter der Leitung von einer äh Einheimischen und wir haben uns damit auch beschäftigt. […] Und da mussten wir viele Sachen gemeinsam mit den zuständigen Behörden machen, das alles aufklären, den Menschen sagen, wohin, wie und was soll das gehen." (E: 00:02:03 – 00:04:28)

Obwohl sie sich selbst ebenfalls in einer Phase des Ankommens befand, begann sie bereits, sich im Bereich der Integration zu engagieren. Die Unterstützung der Anderen und die Gestaltung des Lebensalltags der Gruppe bot ihr eine Möglichkeit, aktiv zu werden und diese Aktivität scheint als zentral für die eigene Identität zu gelten. Dass die Interaktionen innerhalb der Gruppe der Russlanddeutschen wichtig sind, zeigt sich auch im folgenden Zitat:

> „Und die Zusammenhaltung bei den Russlanddeutschen hat auch in diesem Sinne ein bisschen so mitgespielt, Zusammenhaltung. Alle zusammen – keine Sorgen. […] Die Zusammenhaltung, ja, das haben alle dann unter den Verwandten geregelt; wer wo Probleme hat…" (E: 01:01:26 – 01:01:48)

Die Gruppenidentität basiert nicht nur auf (angenommenen) Ähnlichkeiten der Mitglieder, sondern ist durch die Interaktion und Solidarität geprägt.

Eine ganz andere Komponente auf der hier angesprochenen Handlungsebene ist die Reaktion auf das Gefühl, sich dem Erwartungsdruck der „Einheimischen" anpassen zu müssen.

> „Du musst dich jetzt irgendwie beweisen. Du musst beweisen, dass du Deutsch genug bist – was auch immer Deutsch damals war." (I: 00:28:14 – 00:28:23)

Es habe eine ganze Zeit gedauert, bis diese Vorstellung, sich den Erwartungen der anderen anpassen zu müssen, überwunden wurde. Und so wird die Freiheit, sich nun auch zu erlauben, russisches Fernsehen zu sehen, als Emanzipation wahrgenommen. Ein anderes Beispiel ist die Gründung und Leitung eines Deutsch-Russischen-Chors durch M., was verdeutlicht, dass die Teilnehmenden das Verhältnis zwischen ihren Bezügen zu Deutschland und Russland als aktiv gestaltbar wahrnehmen.

Vergleiche mit anderen Gruppen

Die vierte identifizierte Strategie, wie die eigene Position bestimmt wird, ist der Weg über Vergleiche. Dabei werden sowohl Ähnlichkeiten und Gemeinsamkeiten als auch Unterschiede zu den „Einheimischen" und in geringem Maße zu anderen Migrant*innen festgestellt. Weiterhin wird die eigene Position mit der von Geflüchteten verglichen, dies wird jedoch erst im nächsten Kapitel vorgestellt. Eine andere Gegenüberstellung ist die der heutigen Situation mit der Zeit der Ankunft und auch mit den Erfahrungen der Eltern und Großeltern in der Sowjetunion.

Bei dem Vergleich mit den „Einheimischen" wird zunächst die Vorstellung ausgedrückt, dass man sich grundsätzlich ähnlich sei. Dabei wird auf Begriffe wie Kultur, Religion und Tradition verwiesen. Außerdem wird angesprochen, dass man die gleichen Veränderungen erlebe, unter anderem die Sorge, dass das Leben teurer geworden sei. Verschiedenheiten werden mit Begriffen wie Mentalitätsunterschiede bezeichnet und zeigen sich auch in der Aussage, es handle sich um eine komplett andere Gesellschaft. Eine Konkretisierung, worin die Differenz bestehe, ergibt sich in der Thematisierung der kapitalistischen Ellenbogengesellschaft gegenüber dem Kommunismus. Dabei wird eine kommunistische Haltung mit Solidarität gleichgesetzt und festgestellt, dass es den Teilnehmer*innen mit der Zeit in Deutschland aber gelungen wäre, ein „Ellenbogengefühl" zu entwickeln. Ein Unterschied bestünde auch in den Gesetzen, Regeln und Abläufen, nicht jedoch an der Tatsache, dass man sich an diese eben halten müsse.

Bei den Vergleichen ist auffällig, dass verschiedene Punkte einander gegenübergestellt, abgewogen und zwischen ihnen Parallelen gezogen werden. Das Reflektieren über gleichzeitige Ähnlichkeiten und Unterschiede erscheint so als eine bereits vielfach geübte Praxis, anhand derer die eigene Position besser verstanden werden kann. Dass eine „einfache" nationale Identität zur

Selbstbeschreibung nicht ausreicht, zeigt sich auch auf begrifflicher Ebene. So wird als Selbstbezeichnung meist Aussiedler oder Russlanddeutsche verwendet, während für die Gruppe der Deutschen ohne Migrationshintergrund die Bezeichnung „Einheimische" verwendet wird. Dies lässt sich so interpretieren, dass der Begriff „Deutsche" für die Bezeichnung der eigenen Position nicht mehr ausreichend ist (in Russland sei er das gewesen) und auch, dass eine Unterscheidung der eigenen Gruppe von der Restbevölkerung scheinbar als notwendig empfunden wird. Insofern wird die kollektive Identität über Alterität konstruiert (Spreckels und Kotthoff 2011, 417 ff.).

3.2 Verhältnis zu den neuen Migrant*innen

Die alteritätsbedingte Identitätskonstruktion wird besonders deutlich bei der Betrachtung des Verhältnisses der Diskutierenden zu den Geflüchteten, welches ambivalent ist. Dieses zeichnet sich einerseits durch eine Identifizierung aufgrund einer ähnlichen Krisenerfahrung bei der Ankunft in Deutschland aus. Anderseits wird eine Abgrenzung vorgenommen, die unter anderem im Umgang mit der eigenen Identitätskrise hilft. Dabei wird von manchen an den allgemeinen Flüchtlingsdiskurs angeknüpft, indem von stärkerer Verschmutzung der Straßen, der zunehmenden Unruhe und Angst sowie einer unfairen Geldverteilung aufgrund der vielen Geflüchteten berichtet wird. Auch die Religion wird als eine bedeutende Differenz angesprochen, der Folgeprobleme zugeschrieben werden. Diese Abgrenzung kann als eine Integrationsstrategie verstanden werden, denn indem Alterität zu den Geflüchteten hergestellt wird, wird Nähe und Identität mit der Aufnahmegesellschaft anvisiert.

Die Tendenz zur Distanz gegenüber den Geflüchteten wird auch auf der Metaebene als eine Veränderung in der eigenen Haltung reflektiert, die mit der Zeit stattgefunden hat. So geht aus dem folgenden Zitat hervor, dass nach 17 Jahren in Deutschland keine helfende Absicht mehr gegenüber neuen Migrant*innen vorliegt:

> „So, dass wir ein bisschen so hmm… anders äh sind. Und mittlerweile werden wir jetzt auch so (Lachen) Ja, ja ich bin jetzt [wie] gesagt 17 Jahre hier, jetzt denke ich auch: ‚Wieso soll ich helfen? […] Mir geht es gut, ich hab einen Job, so also, ich mach das und das, wieso soll ich…'" (E: 01:24:00–01:24:11)

Zugleich legt das Zitat nahe, dass dies früher anders war bzw. eigentlich anders ist oder sein sollte, denn die eigene Identitätskrise trug auch zur Sensibilisierung gegenüber den Schwierigkeiten bei, denen neue Migrant*innen ausgesetzt sind und motivierte die Russlanddeutschen zu Hilfsinitiativen, z.B. in Vereinen und in gezielter Integrationsarbeit. So waren die Nicht-Anerkennung der

Abschlüsse aus dem Herkunftsland sowie die Schwierigkeiten mit dem Hochdeutschen auch für die Diskutierenden Hürden, die sie überwinden mussten.

> „Das ist nicht, ja, gehen Sie auf die Homepage Seite www.anerkennung was weiß ich was, .de. Ne? Werden die das machen? Und wenn sie auf die Homepageseite gehen würden, und was sollen sie damit anfangen? Ne? Hochdeutsch, was soll man da bitteschön verstehen? Und der erste Schritt und der zweite Schritt und so weiter. Das auch, na gut, da sind jetzt viel gekommen aber da und da sind auch viele Fachkräfte. Sehr viele Fachkräfte da." (E: 01:08:45–01:09:13)

An dieser Stelle wird auch eine Systemkritik deutlich, die auf verschenkte Potenziale aufgrund von unfairen Anerkennungsverfahren und anderen Lücken im deutschen (Integrations-)System hinweist. Dazu gehöre ebenfalls die lediglich gesetzlich organisierte Integrationspolitik, die jedoch nicht praktisch umgesetzt werde.

Das Verständnis für die neuen Migrant*innen kann zudem auf „Multi-Kulti-Erfahrung" in der Sowjetunion zurückgeführt werden, denn dort – so die Diskussionsteilnehmenden – lebten verschiedene Nationalitäten nebeneinander, ohne dass dies zu einem Problem wurde. Das folgende Gespräch verdeutlicht, dass dadurch die jetzige Einwanderungssituation in Deutschland für die Russlanddeutschen keine „Überraschung" sei:

„E: Wir kommen jetzt alle aus einer multi-kulti Gesellschaft. So, ich komme aus Russland, sie aus Kasachstan. War schon alles …

P: In Kasachstan gab es 150 Nationalitäten. Alle unsere Nachbarn waren verschieden.

E: Für uns ist es überhaupt nicht was Neues. Wir waren alles zusammen, verschiedene Nationalitäten. Ich vor allem. Da waren die Tataren, Baschkiren, Russen, Mordwinen. Die Deutsche, alles!

M: Koreaner.

P: Und bei uns im Dorf waren Kasachen, Tschetschenen, Türken, Kurden, Deutsche, Russen, Ukrainer.

E: Und das hat funktioniert. Deswegen reagieren wir vielleicht was in Europa allgemein so ist, ich meine jetzt die Zuwanderer, nicht soo

P: Das macht keine Überraschung. […] Aber weil wir auch so das, diese Lebenserfahrungen haben. Wie haben diese Menschen oder wie wohnten diese Menschen anderer Nationalitäten zusammen. Dann sehen wir, dass hier gibt's noch viel viel zu tun." (01:29:00–01:30:40)

Auch in diesem Zusammenhang wird darauf hingewiesen, dass in Deutschland noch viel getan werden müsse, um erfolgreiche Integration zu ermöglichen. Hierzu würde zum Beispiel gehören, faire Anerkennungsverfahren zu entwickeln oder Integrations- bzw. Deutschkurse anzubieten, die auch Kontakt zu

den Deutschen ermöglichen. Zugleich wird die Herausforderung der Integrationsarbeit im folgenden Zitat deutlich, in dem einerseits auf das Potenzial der eigenen Erfahrung für die Integrationsarbeit hingewiesen wird und anderseits auf die dabei auftretenden Schwierigkeiten aufgrund der sprachlichen Barriere:

> „Wir können ihnen leider nicht so helfen. Es war auch eine Dame hier, wir haben uns auch getroffen. X, ich und eine Dame aus Y. Auch ein Forschungsprojekt. Und habe ich dann gesagt, ah gut, ne, wir haben das alles hinter uns, wir sind integriert. Es war nicht leicht, aber wir haben das irgendwie geschafft und was können wir, inwieweit können wir die Menschen unterstützen? Und wir haben das auch überlegt, wir könnten die Hausaufgaben betreuen oder Hilfe anbieten, wir könnten eine Betreuung von den Frauen, kochen, was weiß ich was. Haben wir so Ideen, wir kommen zusammen, wir organisieren das, wir machen das, mit Füßen und Händen kann man sich schon verstehen. Hauptsächlich sie zeigen Interesse und sie möchten das machen, ne? Aber das ist doch kompliziert, ne? Ich meine jetzt die Sprache, die fehlt, ne? Man kann sich mit einigen auf Englisch irgendwie verständigen, aber Russisch kommt überhaupt nicht in Frage so und. Aber wir sprechen wir nicht, tut mir leid sagen immer.“ (E: 01:09:45–01:10:39)

Die fehlenden Deutschkenntnisse sind außerdem einer der Unterschiede, die im Vergleich zu der eigenen Gruppe hervorgehoben werden, denn die Russlanddeutschen nehmen sich als Deutsche wahr und betrachten das Deutsche auch als ihre Muttersprache – obgleich sie vorwiegend das Russische besser sprechen (vgl. Riehl 2009).

Zudem werden auch die Kultur und Religion der Geflüchteten als ein deutlicher Unterschied zu der eigenen Gruppe und als ein mögliches Problem in der Zukunft hervorgehoben.

> **„E:** Ja, aus muslimischen Ländern in ein christliches Land, das muss man schon verstehen. Und da ist, das wird später auch ein großes Problem mal sein, ne? Weil für uns war das so selbstverständlich, wir sind in die Kirche gegangen. Kein Problem, ne? Was das alles ist, Vater Unser und so weiter. So, da ist das.
> **P:** Wer ist der Jesus Christus.
> **E:** Ja, da ist es ein Problem. Und ob sie das/ Wir müssen das nicht verstehen, wir müssen nur … die Gesellschaft verstehen, wie gesagt.“ (01:44:00–01:44:25)

Des Weiteren wird erklärt, dass die Russlanddeutschen bei der Einwanderung nach Deutschland endlich nach Hause kamen, während die Geflüchteten noch auf dem Weg seien und keinen gefestigten Ortsbezug hätten.

Nicht zuletzt wird betont, dass es für die Geflüchteten leichter sei, zu kommen (als für andere Migrant*innen), denn sie müssten keinen Sprachkurs machen, da sie aus dem Krieg kämen. In diesem Kontext wird teilweise auch

der Groll auf die deutsche Gesellschaft darüber deutlich, dass die Russlanddeutschen nicht die Unterstützung bekamen, die den Geflüchteten nun zur Verfügung steht.

> „Man ist angekommen. Keine Unterstützung. Keine Unterstützung. Nicht so wie das jetzt ist. Die Menschen, die geflüchtet sind, werden von allen Seiten betreut und beraten und unterstützt. Bei uns war das nicht so." (E: 01:10:10–01:10:24)

Die gleiche Person zeigt jedoch an einer späteren Stelle im Gespräch Verständnis dafür, dass es trotzdem schwer ist, sich an einem neuen Lebensort zurechtzufinden. Dieses Verständnis resultiert aus der eigenen Migrationserfahrung:

> „Das ist so, dass auf einmal so zu viel kommen, aber das, das auch alle Menschen sind, die ins Land kommen, sie suchen auch nach einem besseren Leben, das kann man alles verstehen. Wir sind auch gekommen." (E: 01:29:45–01:30:00)

Etwas später wird aber betont, dass Integration aktiv betrieben werden muss. Sie, die Russlanddeutschen, haben ihre Chancen genutzt und die Geflüchteten sollten sich daher auch anstrengen.

> „Integration ist keine Einbahnstraße, ja? Heißt das. Man muss auch, man muss die Gesellschaft verstehen, man muss sich anpassen an allen Sachen. Die Kultur achten, finde ich sehr wichtig." (E: 01:39:50–01:40:00)

Interessant bei diesem Zitat ist, dass die Aussage „Integration ist keine Einbahnstraße" in Hinblick auf die Bemühungen der Migrant*innen verwendet wird und nicht – wie normalerweise – als Betonung der Tatsache, dass auch die „Einheimischen" sich am Integrationserfolg beteiligen sollten. Somit wird Konformität im Integrationsprozess, als einer der Hauptaspekte des russlanddeutschen Selbstverständnisses, erneut als eine Tugend hervorgehoben.

Obgleich die Ankunft neuer Migrant*innen offenbar in der Wahrnehmung der Mehrheitsgesellschaft dazu beigetragen hat, dass die Russlanddeutschen besser integriert seien, wird über Integration auch als Resultat des längeren Aufenthaltes in Deutschland reflektiert:

> „Also ich stelle schon fest, dass es auf der einen Seite eine Tendenz gibt, dass man, wie soll ich das sagen, dass die Leute, die schon lange da sind, in den letzten fünf Jahren plötzlich dazugehört haben, obwohl sie vielleicht doch nicht so dazugehört haben. Ich mein… Also ich werde jetzt viel weniger gefragt, gerade in den letzten fünf Jahren, wo mein Name herkommt. Ich buchstabiere den und dann reicht das auch […] Ich glaube, das ist so'n Phänomen, hab ich jemanden fünf Mal gesehen irgendwann mal, und dann kommt einer dazu, den hab ich nur einmal gesehen, dann sind die, obwohl ich mit denen noch nie geredet habe, denk ich: ‚ach, den kenn ich doch!' Nur weil ich den fünf Mal gesehen habe." (I, G1: 00:34:00–00:34:45)

Ebenfalls auf einer Metaebene wird dem Vorurteil widersprochen, dass Migrant*innen keine Rassisten sein können:

> „Nur wenn jemand als ein Migrant eine rassistische Äußerung von sich gibt, wird er natürlich erst mal gefragt: ‚Ja, Moment mal, du bist ja selber Migrant. Wie kannst du denn Rassist sein?' Aber da äußert sich ja immer wieder die Unkenntnis, was Gesellschaftswissenschaften angeht. Natürlich kann jemand, der ein Migrant ist, selber auch ein Rassist sein. Natürlich kann jemand, der aus der Türkei migriert ist, was gegen Schwarze haben. Genauso wie er ein Sexist sein kann." (I, G1: 00:35:15:-00:35:57)

Die Reflexion über das Verhalten der eigenen Gruppe relativiert die teilweise widersprüchlichen Haltungen der Diskutierenden. Gleichzeitig werden damit weitere Aspekte aufgeworfen, die im Rahmen des vorliegenden Beitrages nur am Rande besprochen werden können.

3.3 Diskussion

An der Analyse wird deutlich, dass die Russlanddeutschen sich unter anderem als Deutsche wahrnehmen und dass der längere Aufenthalt in Deutschland zur besseren Integration in die Aufnahmegesellschaft geführt hat. Nichtsdestotrotz kamen die Diskutierenden während der gesamten Diskussion nicht umhin, eine Abgrenzung zu den „Einheimischen" vorzunehmen. Es scheint, als könne das „Fremd"- und „Anders"sein nicht abgelegt werden. Es zeigt sich außerdem, dass Integrationsprozesse besonders mit der eigenen Motivation und Leistung in Verbindung gebracht werden. Integrationserfolge werden also an der Bereitschaft der Zuwanderer festgemacht, die neue Sprache zu lernen und sich selbst einen Platz in der Gesellschaft zu suchen – ein Anpassungsprozess außerhalb der institutionell geregelten Integrationsangebote, die von den Diskutierenden als bei Weitem nicht ausreichend bewertet werden. In diesem Zusammenhang steht die Überwindung der eigenen Identitätskrise im Vordergrund, die bedeutend zur darauffolgenden Integrationsmotivation beiträgt. Bei dem Verhältnis zu den Geflüchteten zeigen sich zwei unterschiedliche Tendenzen. Zum einen erlaubt die Abgrenzung von den Geflüchteten, sich der Mehrheitsgesellschaft anzunähern. Die Gründe für die Unterscheidung werden in verschiedenen und unterschiedlich schwer zu überwindenden Aspekten gesehen, von einer Ethnisierung über einen Vergleich der Migrationsmotive bis hin zu der Tatsache, dass Zeit ein wichtiger Faktor für die Integration sei. Diese Perspektive weist eine große Nähe zu der Idee der Assimilation (vgl. Schachter 2016) auf – durch das Entstehen einer neuen Gruppe von Fremden hören die Russlanddeutschen auf, als fremd betrachtet zu werden. Die andere Tendenz, die sich abzeichnet, ist die Arbeit mit Geflüchteten als ein potenzielles Tätigkeitsfeld

zu identifizieren. Dabei kann auf die eigene Migrationserfahrung sowie bereits geleistete Integrationsarbeit zurückgegriffen und so eine Expert*innenrolle eingenommen werden. Auf diese Weise gelingt es, eine anerkannte Position innerhalb der Gesellschaft einzunehmen, die jedoch gleichzeitig auf die Besonderheiten der eigenen Biografie aufbaut. Dieses Verhalten weist eine größere Nähe zu der Vorstellung von Integration auf (vgl. Garcia 2016).

Diese Perspektiven können auch in Hinblick auf die Handlungsmacht der Russlanddeutschen betrachtet werden: Während die durch die Abgrenzung von neueren Migrant*innen bedingte Integration mit einer Passivität einhergeht, ist die Expert*innenposition durch eine aktive Haltung gekennzeichnet. Somit sind die Russlanddeutschen nicht der Fremdwahrnehmung seitens der Mehrheitsgesellschaft ausgeliefert, sondern entscheiden selbst, wie integriert sie in der deutschen Gesellschaft sind. Abgesehen von der Reflexion über die eigene Stellung innerhalb der Mehrheitsgesellschaft ist vor allem Letzteres eine potenzielle Integrationsstrategie, die auch anderen Migrant*innengruppen von Nutzen sein könnte.

4. Ausblick

Insgesamt wird an den Ausführungen deutlich, dass die Russlanddeutschen sich durchaus als „deutscher" als die neuen Migrant*innen fühlen. Diese Abgrenzung dient auch der Stärkung des eigenen Selbstbildes. Der eigene Stellenwert innerhalb der deutschen Gesellschaft wird jedoch nicht lediglich an der Fremdwahrnehmung durch die Aufnahmegesellschaft festgemacht. Vielmehr wird die Eigenleistung im Prozess der Integration hervorgehoben. Diese Erfahrung sowie der „Multi-Kulti"-Hintergrund der Russlanddeutschen wird als Ausgangsbasis für die Entwicklung von Integrationsstrategien für neue Migrant*innen genutzt, die von den Diskutierenden in Form von gemeinsamen Aktivitäten (Chor, Kochen) oder auch Beratung eingesetzt werden. Auch darüber wird die Integration in die deutsche Gesellschaft betont.

An diese Beobachtungen schließen sich die folgenden Fragen an, die durch zukünftige Forschung beantwortet werden können: Welche (weiteren) Strategien fördern erfolgreiche Integration bzw. Konvivialität? Sind ökonomische Erfolge dafür ausschlaggebend oder ist die Überwindung der Identitätskrise der Zuwanderer möglicherweise zentraler? Welche Rolle spielt das Verhalten der Mehrheitsgesellschaft? Was ist entscheidend dafür, wie Russlanddeutschen mit anderen Migrant*innen umgehen? Wie kann eine solidarische Haltung auch gegenüber anderen gesellschaftlichen Gruppen entstehen? Die Beschäftigung mit diesen Fragen kann helfen, Strategien zu finden, um bislang weniger

beachtete Gruppen systematisch an der Gestaltung von Integrationsprozessen zu beteiligen. Sie können eine Grundlage liefern, auf der aufbauend eine Praxis entsteht, Migrationserfahrungen in die Gestaltung der Gesellschaft einzubeziehen.

Interessant wäre es zudem auch die aktuelle Situation der Russlanddeutschen in Deutschland mit Russlanddeutschen in Argentinien und Brasilien zu vergleichen. Während es bereits einige Arbeiten zu Argentinien gibt (Hipperdinger 2005, Ladilova 2013, Schmidt 1997), waren die Russlanddeutschen in Brasilien bisher nicht Gegenstand sprachwissenschaftlicher Forschung. Zugleich gibt zahlreiche Arbeiten zu anderen deutschstämmigen Migrant*innengruppen in Brasilien, die vor allem von Cléo Altenhoffen bedeutend vorangetrieben wurden. Daher wäre auch ein Vergleich dieser Gruppen zu den Russlanddeutschen in Brasilien eine ebenso fruchtbare Fragestellung für zukünftige Forschungsprojekte.

Literatur

Assmann, Jan. 2017. *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, v.1307. München: C.H. Beck.

Berend, Nina. 2017. *Sprachliche Anpassung. Eine soziolinguistisch-dialektologische Untersuchung zum Rußlanddeutschen*, Bd. 14. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache, Bibliothek.

Berend, Nina, und Elena Kaul. 2016. *Bibliographie. Sprache und Dialekte der Deutschen in Russland in Geschichte und Gegenwart*. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache, Bibliothek.

Brubaker, Rogers, und Frederick Cooper. 2000. Beyond ‚Identity'. *Theory and Society* 29.

Burden, Boris, und Stefan Nowotny. 2009. Cultural translation: An Introduction to the problem. *Translational Studies* 2:196–219.

Davidovic, Antonia. 2006. Identität – ein unscharfer Begriff. Identitätsdiskurse in den gegenwartsbezogenen Humanwissenschaften. In *Soziale Gruppen – kulturelle Grenzen. Die Interpretation sozialer Identitäten in der prähistorischen Archäologie*. Tübinger archäologische Taschenbücher, Bd. 5, Hrsg. Stefan Burmeister und Nils Müller-Scheeßel, 39–58. Münster: Waxmann.

Erll, Astrid. 2008. Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen. In *Einführung in die Kulturwissenschaften. Theoretische Grundlagen – Ansätze – Perspektiven*, Hrsg. Ansgar Nünning und Vera Nünning, 156–185. Stuttgart, Weimar: Metzler.

Garcia, Jesus A. 2016. Resisting Assimilation and Other Forms of Integration. *Sociology Compass* 10:468–476.

Giddens, Anthony. 2008. *The consequences of modernity*. Reprint. Cambridge: Polity.

Gläser, Jochen, und Grit Laudel. 2009. *Experteninterviews und qualitative Inhaltsanalyse als Instrumente rekonstruierender Untersuchungen*. 3., überarb. Aufl. Wiesbaden: VS.

Hinnenkamp, Volker, und Katharina Meng, Hrsg. 2016. *Sprachgrenzen überspringen. Sprachliche Hybridität und polykulturelles Selbstverständnis*. Studien zur deutschen Sprache, Bd. 32. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache, Bibliothek.

Hipperdinger, Yolanda H. 2005. *Die Sprache(n) der Wolgadeutschen in Argentinien. Die Kolonisierung des Bezirkes Coronel Suárez*. Wien: Praesens.

Keupp, Heiner, Hrsg. 2002. *Identitätskonstruktionen. Das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne*. Rororo, 55634: Rowohlts Enzyklopädie. Orig.-Ausg., 2. Aufl. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.

Kühn, Thomas, und Kay-Volker Koschel. 2018. *Gruppendiskussionen. Ein Praxis-Handbuch*. 2. Auflage. Wiesbaden: Springer.

Ladilova, Anna. 2013. *Kollektive Identitätskonstruktion in der Migration. Eine Fallstudie zur Sprachkontaktsituation der Wolgadeutschen in Argentinien*. Frankfurt am Main: Peter Lang.

Lamnek, Siegfried. 2005. *Gruppendiskussion. Theorie und Praxis*, Bd. 8303. 2., überarb. und erw. Aufl. Weinheim: Beltz.

Meng, Katharina. 2016. *Russlanddeutsche Sprachbiografien. Untersuchungen zur sprachlichen Integration von Aussiedlerfamilien*, Bd. 21. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache, Bibliothek.

Meng, Katharina. 2017. *Russlanddeutsche Sprachentwicklungen im „Zeitalter der Extreme": familien- und generationsbezogene Sprachbiografien*. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache, Bibliothek.

Panagiotidis, Jannis. 2017. Geschichte der Russlanddeutschen ab Mitte der 1980er Jahre. http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/russlanddeutsche/249842/geschichte-der-russlanddeutschen-ab-mitte-der-1980er-jahre (Zugegriffen: 16. Oktober 2018).

Riehl, Claudia Maria. 2009. *Sprachkontaktforschung. Eine Einführung*. 2., überarb. Aufl. Tübingen: Narr.

Schachter, Ariela. 2016. From "Different" to "Similar". An Experimental Approach to Understanding Assimilation. *American Sociological Review* 81.

Schmidt, Arnd. 1997. K*ollektive Zweisprachigkeit in einsprachiger Umgebung. Eine wolgadeutsche Sprachinsel in Argentinien*. Kiel: Westensee.

Schneider, Jan. 2015. Die Geschichte der Russlanddeutschen. http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration/56417/russlanddeutsche?p=2, letzter Zugriff am 15.10.2022.

Schütz, Alfred. 1972a. Der Fremde. In *Gesammelte Aufsätze. II Studien zur soziologischen Theorie*, Hrsg. Alfred Schütz und Arvid Brodersen, 53–69. Den Haag: Nijhoff.

Schütz, Alfred. 1972b. *Gesammelte Aufsätze. 2 Studien zur soziologischen Theorie*. Dordrecht: Springer.

Spreckels, Janet, und Helga Kotthoff. 2011. Communicating Identity in Intercultural Communication. In *Handbook of Intercultural Communication*, Hrsg. Helga Kotthoff und Helen Spencer-Oatey, 415–439. Berlin: De Gruyter.

Straub, Jürgen. 2011. Identität. In *Handbuch der Kulturwissenschaften*, Sonderausgabe, Hrsg. Friedrich Jaeger und Jürgen Straub, 277–303. Stuttgart, Weimar: Verlag J. B. Metzler.

Wolf, Hans-Georg. 2015. Language and Culture in Intercultural Communication. In *The Routledge handbook of language and culture*. Routledge handbooks in linguistics, Hrsg. Farzad Sharifian, 445–459. London, New York: Routledge.

Worbs, Susanne, Eva Bund, Martin Kohls und Christian Babka von Gostomski. 2013. *(Spät-)Aussiedler in Deutschland. Eine Analyse aktueller Daten und Forschungsergebnisse*, Bd. 20. Stand: November 2013. Nürnberg: Bundesamt für Migration und Flüchtlinge.

Neusa Inês Phillipsen

Percepções e atitudes linguísticas de falantes descendentes da língua minoritária alemã em Sinop/Mato Grosso/Brasil

Abstract: The purpose of this text is to discuss some of the results achieved by the project entitled "In the confines of Brazil, the remains of the German immigration language among German descendants in Mato Grosso", which was part of a postdoc scholarship program "Research Stays for University Academics and Scientists, 2020" of the DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). The project is based on the theoretical-methodological assumptions of multidimensional dialectology in interface with variationist sociolinguistics. The study recorded the (i)migration movement of speakers of German descent to the north of Mato Grosso. In this section the focus is on the perceptions and attitudes of speakers and descendants of the German minority language in Sinop, Mato Grosso, a city located in the Brazilian Amazon, with a population of approximately 200,000 (IBGE, 2022). First, we present some information about the research location, the arrival of German-descended migrants in the north of Mato Grosso and the current situation of the immigration language among descendants. Secondly, the theoretical-methodological procedures of the research are presented in order to highlight the analysis of the data on perceptions and attitudes of the informants about their bilingualism, the maintenance (or not) of German varieties and culture. This research contributes to previous German-Brazilian Studies carried out in other Brazilian states (Krug, 2013; Steffen, 2013, among others), e.g. Mato Grosso (Altenhofen, 2013; Figueiredo, 2014).

Keywords: Pluridimensional dialectology, Variationist sociolinguistics, German minority language, linguistic perceptions and attitudes, Northern Mato Grosso.

Introdução

Este artigo é resultante de uma pesquisa que está sendo desenvolvida a partir do consentimento de uma bolsa de estudos, em 2021, pelo Serviço de Intercâmbio Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD), a qual justificou-se pelo fato de contribuir com pesquisas teutobrasileiras já feitas em outros estados brasileiros (Krug, 2013; Steffen, 2013, dentre outras) e em Mato Grosso/Brasil (Altenhofen, 2013; Figueiredo, 2014), pelo registro do movimento de (i)migração de falantes descendentes de alemães ao Norte de Mato Grosso[1] e de como

1 A região Norte mato-grossense está inserida em uma ampla região denominada Amazônia Legal, área que ocupa 61% (sessenta e um por cento) do território

se encontra a última fase de assimilação (language shift) entre a geração velha e a geração jovem, além de apurar percepções e atitudes linguísticas dos falantes bilíngues e/ou monolíngues da língua de imigração alemã que se encontra em uso neste espaço geográfico.

O projeto em desenvolvimento intitula-se "Nos confins do Brasil, o que resta da língua de imigração alemã entre os descendentes de alemães em Mato Grosso". Toda a pesquisa encontra-se vinculada aos pressupostos gerais da Dialetologia Pluridimensional.

Em especial, para este artigo, o recorte feito enfoca as percepções e atitudes de falantes e descendentes da língua minoritária alemã em Sinop, Mato Grosso, Brasil, cidade essa que fica a 504 km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e que se localiza na Amazônia brasileira, contando com uma população de aproximadamente 150 mil habitantes[2].

Para tanto, este artigo está dividido em três seções principais, em que se apresentam, primeiramente, algumas informações sobre a contextualização do lócus da pesquisa, Sinop-MT, bem como sobre a chegada dos migrantes descendentes de alemães ao Norte de Mato Grosso e a situação atual da língua de imigração entre os descendentes em Sinop. Na segunda seção, aborda-se sobre os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa, com destaque à Dialetologia Pluridimensional. Na terceira seção, realizam-se análises sobre os dados obtidos, em relação às percepções e atitudes dos informantes sobre sua bilingualidade, manutenção (ou não) das variedades e cultura alemã. Então, vamos a elas.

Contextualização do lócus da pesquisa

O processo de ocupação do espaço geográfico pertencente à região Norte mato-grossense intensificou-se apenas na década de setenta do século XX, como resultado do estímulo federal à colonização de toda a Amazônia Legal, considerada até então uma região distante e inacessível. Um dos primeiros programas

brasileiro, criada para efeito de ação governamental, possuindo leis diferenciadas do restante do país em relação a incentivos fiscais, e que hoje é composta pela superfície total dos Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Tocantins e, parcialmente, o Estado do Maranhão (a Oeste do meridiano 44 N) e Norte de Goiás. (Pitombo-Oliveira, 2007).

2 Conforme estimativa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2021. Sinop hoje é a quarta maior cidade de Mato Grosso em número de habitantes.

implantados que objetivava ocupar os espaços do imenso território florestal foi o Programa de Integração Nacional – PIN, desenvolvido com o propósito de promover uma rápida integração da Amazônia mato-grossense à economia nacional. Dentre as atividades propostas pelo PIN, destacam-se a construção da Transamazônica e da Cuiabá-Santarém, o que estimulou a colonização e a exploração econômica das áreas 'desapropriadas' ao longo destas rodovias. (Philippsen, 2013).

Começa-se, desse modo, a apropriação de grandes porções de terra por colonizadoras particulares que, aproveitando-se das condições e incentivos da política fundiária de regularização e venda de terras no estado de Mato Grosso, denominadas terras devolutas/públicas, passam a comercializar os grandes latifúndios adquiridos a pequenos agricultores, a maioria proveniente do Sul do país e que enfrentavam dificuldades financeiras naqueles estados, dentre eles os descendentes de alemães.

Gradualmente, então, começa a ocupação das terras Norte mato-grossenses, tendo como pioneiros migrantes, inicialmente, uma grande quantidade de pequenos agricultores vindos do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, que, ao venderem ou perderem suas pequenas propriedades naqueles estados, instalavam-se nas áreas oferecidas pelas colonizadoras particulares da Amazônia mato-grossense. Segundo Covezzi e Preti (2000, p. 90), "a adoção do modelo político de modernização da agricultura pelo governo militar provocou um fluxo migratório intenso de produtores rurais do Sul em direção ao Norte de Mato Grosso e Rondônia".

Nesse contexto surge, em 14 de setembro de 1974, o povoado de Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná), nome dado em homenagem à colonizadora privada que o projetou. Por sua vez, a criação do município de Sinop ocorre apenas em 17 de dezembro de 1979, pela Lei 4.156/79, aprovada pelo então governador Frederico Campos.

Dentre as alternativas econômicas que hoje se apresentam na cidade, pode-se destacar a produção agrícola desenvolvida principalmente nas áreas de soja, algodão, arroz, milho, da pecuária, da indústria, do comércio e, fundamentalmente, da prestação de serviços. Sobressai-se também um incremento na construção civil, que se se deu essencialmente à grande demanda universitária, já que Sinop tornou-se uma "Indústria da Educação". São nove faculdades que oferecem mais de 60 cursos de nível superior, com destaque para a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) (Philippsen, 2013).

Na foto abaixo, que expressa uma rápida visão panorâmica, pode-se observar a organização estrutural atual dessa planejada cidade:

Fotografia 1: Foto Vista aérea atual de Sinop.
Fonte: Acervo pessoal de Júlio César Tábile, cedida em ago. de 2018.



Na subseção a seguir, faz-se um pequeno levantamento histórico sobre a chegada dos migrantes descendentes de alemães ao Norte de Mato Grosso e sobre como se encontra o uso atualmente da língua alemã entre os descendentes em Sinop.

2.1 A chegada dos migrantes descendentes de alemães ao Norte de Mato Grosso e a situação atual da língua de imigração entre os descendentes em Sinop

A primeira leva de imigrantes alemães em solos brasileiros chega em 1818, no estado nordestino da Bahia, conforme asseverado por Schappelle (1917, p. 13–14): "In this state is located the first German colony founded in Brazil. It is Leopoldina, started as a private undertaking by Busch, Reycke and Freireiss in

1818. Frankenthal, another private colony, was founded in 1822 by Peter Weyll and Saueracker[3]". O mesmo autor ainda menciona que, no ano seguinte, em 1819, outra leva de imigrantes se instala em Nova Friburgo – RJ, fundando uma nova colônia alemã nessa cidade do Sudeste brasileiro.

No Sul do país, os alemães começam a chegar em 1824. Os primeiros imigrantes vieram, conforme Reiter (2015), do Norte da Alemanha e eram falantes de variedades do Plattdeutsch. Seguiram-se alemães de outras regiões, principalmente falantes de um dialeto médio-alemão ocidental, o Hunsrückisch. Ainda segundo a autora, os primeiros colonos alemães foram convidados pelo governo brasileiro para, no Rio Grande do Sul, "colonizarem um território fronteiriço pouco ocupado até então por colonos brasileiros. Na sua maioria, eram pequenos agricultores que vieram de lugares na Alemanha onde tradicionalmente o filho mais velho ou o mais novo herdava toda a propriedade". (Reiter, 2015, p. 428).

Em consonância com a autora, Steffen (2013) afirma que o maior contingente de imigrantes era oriundo da região do Hunsrück e áreas adjacentes da Alemanha, falantes de variedades dialetais do francônio-renano (usuários de variantes como *das* e *was*) e francônio-moselano (falantes de *dat* e *wat*). De acordo com o autor:

> Na oralidade, portanto, dominava uma variedade do alemão que apresentava fortes traços de dialetos do centro-oeste da Alemanha e na qual gradualmente foram absorvidos mais e mais elementos do português. Essa variedade, conhecida como *riograndenser Hunsrückisch* (ou hunsriqueano em português), é uma das línguas minoritárias mais faladas no sul do Brasil. Não obstante, além do alemão dialetal do âmbito informal da oralidade, os imigrantes trouxeram consigo também o alemão-padrão (*Hochdeutsch*). Este foi utilizado no âmbito da escrita, ou seja, quando se escrevia, se escrevia em Hochdeutsch. (Steffen, 2013, p. 74).

Com espírito colonizador, esses pequenos agricultores vieram ao Brasil em busca de terra, busca essa que mobilizou sempre mais os então teuto-brasileiros a migrarem para outros espaços até chegaram à Amazônia. Atualmente, pode-se encontrar pessoas que falam dialetos alemães não só nos lugares rurais e urbanos dos estados do Sul, como no Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná, mas também em Mato Grosso, Rondônia e até no Pará. A chegada dos já descendentes de imigrantes ao Norte de Mato Grosso, como

---

3 Neste estado está localizada a primeira colônia alemã fundada no Brasil. É a Leopoldina, iniciada como um empreendimento privado por Busch, Reycke e Freireiss em 1818. Frankenthal, outra colônia privada, foi fundada em 1822 por Peter Weyll e Saueracker. (Tradução nossa).

já dito, começa a acontecer desde o início de sua colonização, em meados da década de 1970.

Mais especificamente em relação aos falantes do dialeto Hunsrückisch no Norte de Mato Grosso, em especial na cidade de Sinop, há registros já feitos pelo Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), que é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrecht-Universität de Kiel – CAU, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre), que acrescentaram esta cidade em sua rede de pontos; pelo Prof. Dr. Joachim Steffen, que reuniu cartas escritas no dialeto, com o objetivo de reunir fontes para a história do Hunsrückisch em contato com o português; pela Dra. Carla Regina de Souza Figueiredo (2014), que registrou a existência do dialeto em sua tese de doutoramento intitulada "Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso".

Para melhor explicitar sobre a situação atual da língua de imigração entre os descendentes em Sinop, valemo-nos dos resultados alcançados por Figueiredo (2014), que, embora enalteçam a 'variação do português gaúcho', também valem para a 'vitalidade' da língua alemã. Conforme a autora, a vitalidade da língua parece ter acompanhado a cronologia das migrações, quanto maior o tempo em que se distanciaram do Sul do país, maior o processo de regressão do uso do dialeto (e também da língua alemã). Além disso, a autora afirma que nenhum dos grupos GII (dos mais idosos) falam o alemão em casa com os filhos. A alegação para a não transmissão da língua de imigração entre as gerações foi fundamentada pelo receio que os filhos fossem discriminados e que o aprendizado da língua portuguesa fosse prejudicado. Assim, os informantes usariam o Hunsrückisch para se comunicarem entre si (GII) e alternam para o português para falarem com os filhos (Figueiredo, 2014).

Portanto, de fato, é possível afirmar, também pelos resultados preliminares de nossa pesquisa e pela dificuldade veemente em encontrarmos falantes da geração jovem (GI), que esta deve ser a última fase de assimilação entre a geração velha e a geração jovem, tornando o falar, na região, intervarietal, como bem propõe a autora.

Todavia, a cultura alemã continua relativamente vigorosa em Sinop. Destacam-se a Associação Teuto-Brasileira de Sinop – MT (ATBS) (fundada em 1993) e o Grupo de Dança Siebenschritt. Tanto a comunidade teuto-brasileira quanto o grupo de dança na região Norte mato-grossense são formados, em sua maioria, de gerações de descendentes de imigrantes alemães que foram assentados em regiões de ocupação antiga no Brasil, desde 1824. A ATBS

é composta, essencialmente, de teuto-gaúchos, compreendendo-se que o conceito 'gaúcho' envolve todos os sujeitos inseridos no contexto de migração que atravessou fronteiras da região Sul (PR, SC) e estrangeiras (Paraguai e Argentina), chegando às áreas de ocupação recentes da Amazônia. Outra marca da cultura alemã na cidade são casas em estilo colonial alemão com o telhado em forma de chalé, que lembram bastante o estilo enxaimel (ou *Fachwerk* em alemão), típico na arquitetura alemã, conforme se pode ver a seguir:

Fotografia 2 e 3: Casa enxaimel e do Grupo de Dança Siebenschritt

Fonte: Casa pertencente aos sujeitos entrevistados Sonnenhut e Begonie e do Instagram de J. Diel.



Na próxima seção, serão apresentados os procedimentos teórico-metodológicos.

Procedimentos teórico-metodológicos

Como já apresentado, as principais mobilizações teórico-metodológicas referentes às atividades desta pesquisa filiam-se aos pressupostos da Dialetologia Pluridimensional, mais especificamente aos trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador alemão Dr. Harald Thun (1996, 2000). Quanto ao recolhimento de

informações e coleta de dados, estão sendo feitos na cidade de Sinop, localizada ao Norte do estado de Mato Grosso e que integra a Amazônia Legal no Brasil.

A Dialetologia Pluridimensional, que foi desenvolvida pelos pesquisadores alemães Edgar Radtke e Harald Thun, na segunda metade do século XX, e adotada na produção do Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU (Thun, 2000), tem como propósito mesclar modelos teórico-metodológicos distintos, mas que se complementam e ampliam as possibilidades dos estudos de variação. Para tanto, importa coadunarem-se aos fatores diatópicos e linguísticos, os extralinguísticos, ou seja, os olhares analíticos dos dialetólogos devem voltar-se tanto às variedades regionais quanto às sociais.

Mais especificamente com relação às migrações de línguas em um contexto topodinâmico, vale refletir sobre as seguintes assertivas de Altenhofen:

> Como consequência das migrações das línguas, variedades e variantes e dos seus falantes, homens e mulheres de diferentes classes sociais, origens étnicas e idades, cabem acrescentar duas variáveis das quais uma "ciência ampla da variação", como afirma Thun (1998, p. 704s.), não pode prescindir, porque simplesmente constituem uma característica de qualquer contexto variável. Falo […] dos <contatos linguísticos> […] e do <plurilinguismo>, em sentido amplo, como a "habilidade [de um indivíduo] de se constituir plural, linguística e culturalmente", através da influência e do contato com a diversidade linguística/multilinguismo presente na sociedade. (Altenhofen, 2013, p. 35).

Sendo assim, tendo como fio condutor tais variáveis, lançamos olhar ao que resta da língua de imigração alemã em Sinop- Mato Grosso, língua considerada minoritária no Brasil, visto que, depois de sua proibição de uso no Brasil na década de 1940 pelo então presidente Getúlio Vargas, passou a sofrer preconceito linguístico. Conforme Hasselstron (2018, p. 38), as "variedades desprestigiadas são o que chamamos de línguas minoritárias, pois, se comparadas à língua pátria/majoritária, não recebem fomento político nem social e são línguas predominantemente orais". Assim, a forçada aprendizagem dos (i)migrantes e descendentes de alemães da língua majoritária, o português, originou novos dialetos e, posteriormente, o enfraquecimento desses. Tal enfraquecimento, como já mencionado, se intensificou ainda mais com as migrações internas realizadas por esses sujeitos.

A situação de contato linguístico e de proibições, por sua vez, gerou, entre esses falantes, sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante, ou inversamente, sentimentos de familiaridade, reconhecimento, cumplicidade entre aqueles que compartilhavam a língua ou a situação de contato. Sendo assim, "as atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de

comunidade, de grupo social separado" (Tarallo, 1985, p. 14). Daí a importância de pesquisar a maneira como os informantes de nossa pesquisa fazem uso da(s) língua(s), sua competência, percepções e atitudes linguísticas a respeito de seu próprio comportamento linguístico e dos demais falantes.

Para a realização deste estudo, o *corpora* está sendo reunido por meio de falas espontâneas coletadas em entrevistas com migrantes descendentes de alemães e por meio de um questionário com perguntas dirigidas que abordam sobre a identificação dos informantes, sobre sua topodinâmica e sobre aspectos (meta)linguísticos, dentre os quais questões de identidade, identificação de padrões identitários, papel da língua na constituição da identidade, grau de bilinguismo e o reconhecimento da identidade. A elaboração do questionário, que foi adaptado à situação linguística local, considerando-se os contatos intervarietais e entre línguas, levou em conta estudos teutobrasileiros já desenvolvidos em outras regiões do país, especialmente os do Sul do Brasil, com destaque ao questionário voltado às percepções e atitudes do Hunsrückisch do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (Krug, 2013).

As dimensões de natureza extralinguística consideradas para este estudo foram as seguintes: a diatópica-cinética (topodinâmica), diageracional (GII e GI), diagenérica (homens e mulheres), dialingual (variedades do alemão, alemão-padrão, português) e diarreligiosa (católicos e luteranos). Cabe ressaltar, como esperado, que a dimensão diageracional não tem se mostrado produtiva à pesquisa, visto que ainda não conseguimos localizar informantes bilíngues entre os mais jovens da GI (18 a 36 anos), mas há grande número de bilíngues da GII (geração velha, acima de 55 anos).

As entrevistas e questionário seriam inicialmente aplicados a vinte e quatro informantes, migrantes descendentes de alemães e seus filhos/netos, divididos igualmente entre informantes diageracionais, ou seja, doze jovens e doze velhos, todavia, como não se tem encontrado informantes jovens, pretende-se ampliar o número de informantes da GII para dezoito. Até o momento, dez entrevistas foram feitas, sendo que dessas, nove já foram transcritas.

No quadro abaixo, podem ser vistas as informações sobre a identificação desses informantes. Salienta-se que os nomes apresentados são fictícios (todos inspirados em nomes de flores em língua alemã) e que, sobre as línguas faladas por eles, foram transcritas e aqui apresentadas conforme elencadas pelos entrevistados, ou seja, segundo a sua percepção de língua/variedade que utilizam.

Quadro 1 – Identificação dos informantes

Nome/Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade	Religião	Local de origem/ Nascimento	Origem dos pais	Ano de migração para Sinop	Línguas faladas
Löwenzahn/ Masculino	69	Motorista	Ensino Fundamental	Katholisch (católica)	Linha Moraes – São Carlos – Santa Catarina	Pai: Lajeado/RS Mãe: São Carlos/ SC	1998	Variedade Hunsrückisch Português
Narzisse /Feminino	67	Merendeira	Ensino Médio	Katholisch (católica)	São José distrito de São Carlos – Santa Catarina	Pai: RS Mãe: RS	1998	Variedade Hunsrückisch Português
Sonnenhut/ Masculino	77	Kinder Schpielerei (autônomo)	Até a quinta série – Fundamental I	Evangelisch (evangélica) Luterana	Joaçaba – Santa Catarina	Pai: Montenegro/ RS Mãe: Não sabe	1977	Variedade Hunsrückisch/ Hunspuckel Português
Begonie/ Feminino	78	Doméstica	Até a quinta série – Fundamental I	Evangelisch (evangélica) Luterana	Tangará – Santa Catarina	Pai: Montenegro/ RS Mãe: Jaraguá do Sul/SC	1977	Hochdeutsch (alemão gramatical) Português
Krokus/ Masculino	69	Empresário	Ensino Médio	Evangelisch (evangélica) Luterana	Curitiba – Paraná	Pai: Ucrânia Mãe: Ucrânia	1974	Variedade Mennoniten-Deutsch (Platt menonita) Português
Osterglocke/ Feminino	69	Empresária	Ensino Médio	Evangelisch (evangélica) Luterana	Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul	Pai: Berlim/ Alemanha Mãe: Ucrânia	1976	Hochdeutsch (alemão gramatical) Português
Hibiskus/ Masculino	85	Padre	Ensino Superior (Philosophie und Theologie)	Katholisch (católica)	Vera Cruz – Rio Grande do Sul	Pai: Vera Cruz – RS Mãe: Vera Cruz – RS	2008	Variedade Plattdeitsch Português
Dahlie/ Feminino	63	Professora	Ensino Superior (Pedagogia)	Katholisch (católica)	Itapiranga – Santa Catarina	Pai: Arroio do Meio – RS Mãe: Monte Negro – RS	2000	Variedade Plattdeitsch Português
Flieder/ Masculino	70	Construtor	Até a quinta série – Fundamental I	Katholisch (católica)	Monte Negro – Rio Grande do Sul	Pai: Monte Negro – RS Mãe: Monte Negro – RS	1979	Variedade Plattdeitsch Português

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Destacam-se, no quadro, a variedade Hunsrückisch (três informantes), Plattdeitsch[4] (três informantes), Hochdeutsch (duas informantes), Mennoniten-Deutsch (um informante) e português (todos os nove informantes).

Para as considerações analíticas, optamos por quatro questões específicas, que serão apresentadas na próxima seção e que retratam as percepções e atitudes linguísticas dos informantes entrevistados referentes à sua identidade linguística e ao papel da língua na constituição dessa identidade.

Tessituras analíticas sobre os dados coletados: a língua alemã em contexto amazônico

Nesta seção, apresentamos apontamentos analíticos sobre uma pequena parte do *corpus* coletado, mas que já permitem ter-se uma amostra das percepções e atitudes linguísticas dos informantes entrevistados, todos descentes de alemães, que saíram do Sul do país e que se encontram hoje em Sinop, todos chegaram há mais de dez anos, sendo que o empresário Krokus chegou em 1974 e o padre Hibiskus chegou em 2008.

As duas primeiras questões selecionadas para as tessituras analíticas serão apresentadas no quadro abaixo, juntamente com as respostas dadas pelos informantes:

4 Ainda que se saiba que o Plattdeitsch é o mesmo que o Hunsrückisch, ou seja, apenas mais uma denominação que os hunsriqueanos dão para o Hunsrückisch, optou-se por manter a distinção, pois foi assim que eles se autodenominaram.

Quadro 2: Percepções sobre percentual de descendentes no local e sobre o futuro da língua/variedade de imigração alemã

Informante	**O Sr. (a) faz ideia de qual percentual da população local descende de imigrantes alemães e quantos por cento desses descendentes ainda falam alemão? (ALMA, 27 e 28)**	**No futuro ainda vai ser falado alemão aqui? (ALMA, 29)**
Löwenzahn e Narzisse[5]	Mia hare ma imma uns apresentiat, né, to hon die die Base gemacht, tem **zehn Prozent** deitsche Leit gebt ou mais que zehn Prozent. Ali na Unemat hate die das gemacht[6]. (Trad. Port. Nós sempre nos apresentamos, então eles fizeram uma base, tem dez por cento de pessoas alemãs ou mais que dez por cento. Eles fizeram isso ali na Unemat).	Olha, quem leva a sério a tradição, wie mia, unse Kina hon gelent. Jetzt woll ma das Kleness och alls lehna. Das seth Wassa un möchte etlich Werta setzen. Awa ma sieht wema so Deitsch sprechen tut, dann will es wenicha wissen. Wie die Izadora, die hot bis zwoi Joha alles gesproch, die Numre bis zehn. Jetzt ist er arrependido das sie net weida gelenht hot. (Trad. Port. Olha, quem leva a sério a tradição, como nós, nossas crianças aprenderam. Agora queremos ensinar a pequena também. Ela diz água e quer construir algumas palavras. Agora vemos que, quando falamos em alemão, ela quer saber pouco. Como a Isadora, ela falava tudo até os dois anos, os números até dez. Agora ela está arrependida de não ter continuado a aprender).

5 Os casais que foram entrevistados juntos serão trazidos também juntos no quadro 2, pois nessas perguntas apenas um dos informantes as responderam.

6 As traduções pretenderam, o máximo possível, manter-se fiéis às falas produzidas pelos informantes.

Quadro 2: Contínua

Informante	**O Sr. (a) faz ideia de qual percentual da população local descende de imigrantes alemães e quantos por cento desses descendentes ainda falam alemão? (ALMA, 27 e 28)**	**No futuro ainda vai ser falado alemão aqui? (ALMA, 29)**
Sonnenhut e Begonie	Deve ser uns 3 ou 4 %. Na Igreja Evangélica a maioria fala alemão sim, talvez uns 80 %.	Acho que cada vez menos e num futuro muito poucas pessoas ainda vão falar. A gente é um exemplo disso. Em casa e onde a gente morava em SC só falávamos em alemão. E depois que viemos pra Sinop começamos a falar só português. Também nossos filhos também não falam. Não passamos. E assim aconteceu com muitos.
Krokus e Osterglocke	Não temos ideia, mas são poucos. Temos poucos contatos que falam alemão.	Eu acho difícil. Eu acho difícil porque não tem escola. Porque pra manter uma língua tem que saber ler e escrever. É o que o meu pai sempre dizia. Tem que saber ler e escrever, tem que mantê a língua ativa.
Hibiskus	É difícil dizer, mas eu penso que seja uns 20 % e desses uns 5 %, mais ou menos ainda falam.	Sempre menos, sempre menos, porque os mais antigos já não falam mais alemão, então novos não aprendem mais.
Dahlie	Não sei te dizer, mas eu conheço muita gente. Deve ter uns 20 %. Eu penso que uns 50 % desses continuam falantes.	Se essa geração se for, eu penso que não. Eu já tenho dificuldade, você viu agora eu já senti dificuldade. Só eu continuo mantendo a língua.
Flieder	Olha, no passado, quando eu ia na Igreja, nas reuniões da Cooperativa, dá pra dizer que na faixa de 40 a 50 anos, tem mais ou menos uns 40 % ainda.	Olha, eu acho que não. Isso é difícil, isso vem da família. A própria família já não fala mais. Como é que você quer tirar um alemão no meio daquilo ali?

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Conforme se pode ver no quadro acima, há divergência com relação à percepção sobre o percentual da população local que descende de imigrantes alemães e sobre quantos por cento desses descendentes ainda falam alemão, os percentuais apontados variam entre 40% e 3 e 4%. Por outro lado, com relação às respostas dadas sobre a pergunta referente a se no futuro a língua alemã continuaria sendo falada no local, houve praticamente unanimidade nas respostas sobre a não continuidade e as razões apresentadas também se igualam, quais sejam, a língua majoritária é a portuguesa, é essa que é falada em casa e, principalmente, com a geração mais jovem, que sequer aprendeu, em muitas famílias, o alemão.

Apenas os informantes Löwenzahn e Narzisse afirmaram que ensinaram aos filhos (que hoje já se encontram com mais de quarenta anos) e também à neta mais velha, mas que hoje praticamente não fala mais. Ademais, sobre o futuro do uso da língua alemã, Krokus acrescenta que:

> […] depende do valor que você dá pra isso. Se você der esse valor, por exemplo, aqui em Sinop não vi nenhuma televisão em dar ênfase nisso. Então, não tem nenhum tipo de programa em alemão onde você poderia incentivar alguém, onde deveria ver uma vantagem, livros que existem em alemão. Então, automaticamente isso vai morrer mais cedo ou mais tarde.

Ainda com relação a esse cenário nada favorável à sobrevivência da língua alemã nesse espaço amazônico, cabe ressaltar sobre o porquê de os descendentes de imigrantes dessa língua minoritária não mais têm dado continuidade ao seu uso. Dentre as possíveis respostas a esse cenário compreendemos que, em consonância com Altenhofen (2013), por estarem distantes da "matriz de partida" (a região Sul do Brasil), migrantes e descendentes, nessas novas áreas, realizam mudanças na língua e variedades. Isso se deve especialmente por causa de:

> a) o tempo transcorrido (eixo macrocronológico, segundo THUN, 2009; 2010a), b) o contato com outras variedades do português e de outras línguas (dimensão diacontatual e dialingual [fala de bilíngues e monolíngues]) e c) as territorialidades de cada língua no novo meio, em termos da coesão e homogeneidade *versus* heterogeneidade dos diferentes grupos em contato. Em áreas do norte mato-grossense, isso equivale p.ex. ao contato entre teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, de um lado, e nortistas, paulistas e norte-paranaenses, de outro (Altenhofen, 2013, p. 42).

Ainda cabe refletir sobre outra possibilidade de não sobrevivência da língua alemã, no sentido de não ter sido repassada às gerações mais jovens. O relato de Dahlie expresso a seguir deixa explícito a vergonha que tinha da variedade de alemão que aprendeu, ao dizer que "E sabe que a gente teve que aprender a sentir vergonha da gente. E eu aprendi a ter vergonha de mim mesma. Era

sempre Schäm dich doch mohl, loss dich doch mohl Scheme". Vale ressaltar que essa vergonha a informante relatou ter sentido já no Sul do país, antes da migração para o Norte de Mato Grosso, sendo que, desde muito jovem, passou a usar mais a língua portuguesa do que a variedade alemã, que só mantinha nas conversas com os pais e familiares quando falassem a variedade, atitude esta que a fez não ensiná-la aos filhos.

A terceira pergunta selecionada para análise é "Se fosse dizer o que mais identifica um alemão, diria que é o quê? AP[7]: Wenn Sie sagen könnten, was ein Deutscher am besten identifiziert, was würde es sein? VA[8]: Wenn du sagen dest wie man ein Deutsche rauskennt, was wär es?".

Quadro 3: Percepções sobre a identificação e cultura alemã

Löwenzahn e Narzisse	Oh! Quem é alemão mesmo, schprecht Taitsch.
Sonnenhut e Begonie	**Sonnenhut**: Participar da Igreja, costumes. Ou quando tem um jardim bonito, opa, aqui mora um alemão. **Begonie**: Nós, por exemplo, a pronúncia. Comida, bebidas também, né. O alemão gosta mais de cerveja e chopp. Os olhos, o cabelo é loiro, pele branca, né.
Krokus e Osterglocke	**Krokus**: Der Charakter. **Osterglocke**: Die Deutsche sin imma mehr organiziert, um machen alles schön. So bin ich das gewenht. Wen du in die Kolonie (Witmarsum) bist komm, das ist ein gleiche Garten. Wunderbar, wunderbar. Rosen, Blumen, Bäume. Alles ist schön, alles is schön. Alles is aufgeräumt, alles ist organiziert. Um das findest du nichts über alle.
Hibiskus	Blonde Harr. Weiße Farb und die wo nicht richtig Brasilianich schprechen merkt ma das. Essen, der Garten um schön sauba ums Haus rum, der mersthe zeit. Wenn Deutsche zamma kommen dann tun sie gern singen um Musik machen.
Dahlie	É a fala e depois é a cultura. Uma casa de Alemão é diferente. Entra pra tu ver. Pode tá o chão sujo, mas o pátio e a mesa não. Sempre vai ter verdura, sempre tem flor. Sempre tem enfeites. As pessoas que estão aqui elas preservam muito a cultura Alemã (baile do Chopp, feiras com comidas típicas alemãs – bolachinha pintada, salame, melado, festas das Nações).

(*contínua*)

7 AP = alemão padrão.
8 VA = variedade do alemão.

Quadro 3: Contínua

Flieder	Aqui tinha Oktoberfest, mas não tem mais, morreu. Não sei o que aconteceu. As primeiras foram muito boas, mas depois já não prestou mais. Uns falavam que foi falta de divulgação, outros que foi falta de organização. Eu não sei porque os organizadores foram os mesmos. Eu fui na segunda e nunca tinha visto fazer fila para pegar um copo de chopp e a pista ficou pequena de tanta gente que tinha dançando. Eu nunca vi tanta gente. Eu acho que com o tempo a cultura alemã vai morrer aqui em Sinop.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Conforme se pode ver no quadro acima, Löwenzahn, Narzisse, Begonie, Hibiskus e Dahlie dizem ser a língua/sotaque/fala o(s) maior(es) fator(es) de identificação de um alemão. A menção a um jardim bonito, limpo e florido como elemento identificador foi feita por três informantes, Sonnenhut, Osterglocke e Dahlie. Pele branca e cabelos loiros seriam características de um alemão para Begonie e Hibiskus. Krokus enaltece o caráter de um alemão como fator de identificação e Osterglocke ainda acrescenta sobre o seu senso de organização e enfatiza que essa característica não é comum para todas as etnias (Um das finds du nichts über al). Sonnenhut também realça a participação dos alemães na Igreja[9] e seus costumes.

Sobre a cultura alemã, aqui incluídas comidas e bebidas, três informantes a elencaram como fator de identificação, Begonie, Hibiskus e Dahlie, esta última chega a dizer que "As pessoas que estão aqui elas preservam muito a cultura Alemã". Todavia, essa percepção não é a mesma para o informante Flieder, que afirma, de forma veemente, que "Eu acho que com o tempo a cultura alemã vai morrer aqui em Sinop". Essa percepção se deve ao fato de algumas festas tradicionais não mais estarem sendo oferecidas na localidade, como, por exemplo, a Oktoberfest, que não tem mais sido organizada e oferecida aos moradores locais.

9 Essa percepção de Sonnenhut se deve à sua participação e de sua família na Igreja Luterana, conforme já elencado no Quadro 2, na pergunta referente à compreensão sobre o percentual de descendentes no local, quando afirma que "Deve ser uns 3 ou 4 %. Na Igreja Evangélica a maioria fala alemão sim, talvez uns 80 %". Ademais, nesta instituição religiosa, muitos costumes alemães são vivenciados, além da língua falada nos cultos e festas, pratos típicos integram o cardápio das festas da comunidade, dentre eles o conhecido *Eisbein*, cucas recheadas, bolacha pintada e, claro, churrasco e cerveja.

Com relação à identificação teuto-brasileira, cabe ainda ressaltar as assertivas de Savedra e Damke (2012), que asseveram que a construção da identidade teuto-brasileira está, justamente, na manutenção dos costumes e tradições trazidos pelos imigrantes alemães ao Brasil, mas mesclada com a nova identidade do país que os acolheu. E, no caso específico de nossa pesquisa, matizada novamente com o novo espaço geográfico que escolheram migrar, o qual acolheu e acolhe etnias diversificadas, além de alemães, também migraram para cá descendentes de italianos e japoneses já no início da colonização, em meados dos anos 1970 (Philippsen, 2013).

Por sua vez, Seyferth (1994) endossa as assertivas de Savedra e Damke, quando afirma que a etnicidade teuto-brasileira tem sido reafirmada de diferentes formas ao longo do tempo, sempre destacando um modo peculiar, diferente, de ser brasileiro. Dentre esse modo peculiar, é possível considerar a percepção de Hibiskus sobre quando alemães se reúnem, para ele, nos encontros de alemães haveria sempre canto e música (Wenn Deutsche zamma kommen dann tun sie gern singen um Musik machen).

Finalmente, a última questão faz menção ao sentimento de pertença dos informantes: "Como se sente mais? Alemão, Brasileiro ou Sinopense? AP: Fühlen Sie sich meher Deutsch, Brasilianer(in) oder Sinopense? VA: Wie fühlst du dich mehr? Deustch, Brasilianer oder Sinopense?"

Quadro 4: Percepções sobre o pertencimento

Löwenzahn e Narzisse	**Löwenzahn**: Sinopense, mato-grossense. **Narzisse**: Sinopense, ja. Ich wohne ken hia. Te clima, dass wo in Sul so kalt, das hat ich net kenn.
Sonnenhut e Begonie	**Sonnenhut** Ja, das sin in die zwanzig Jahre, Sinopense já. Risos. **Begonie**: Sinopense também.
Krokus e Osterglocke	**Krokus**: Ich denke Sinopense, das sind schon vierzig Jahre. Uma geração inteira. **Osterglocke**: Jetzt sin mia Sinopense. Mehr wie vierzig Jahre. Und mia fahren so wenig nach Paraná, oda in Rio Grande do Sul wo ich geboren bin. Wir waren einmal hingefahren, so wenig. Verliert ma den Kontakt.
Hibiskus	Deutsch Brasilianer. Risos… Ja, jetzt ganz sicher mehr Brasilianisch. Ich sin ganz Brasilianisch.
Dahlie	Alemã. É esquisito, mas eu sinto isso. Como eu sou sozinha eu fico horas assistindo os vídeos, músicas e as imagens. Eu nunca fui pra lá, mas, impressão que eu vivi ali.
Flieder	Olha, ich sin Sinopense, zwoi un vierzig Joha.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

De acordo com o quadro 4, é possível verificar que a maioria dos informantes têm um sentimento de pertença à cidade mato-grossense, Sinop, integrante da Amazônia Legal, Löwenzahn e Narzisse, Sonnenhut e Begonie, Krokus e Osterglocke e Flieder. Isso talvez possa ser explicado por causa do longo tempo de migração, entre trinta e quarenta anos já residindo neste espaço geográfico e, ainda, pelo pouco contato com a região de origem, o Sul do país, como bem explica a informante Osterglocke, que afirma ter voltado ao Paraná apenas uma vez (Wir waren einmal hingefahren, so wenig. Verliert ma den Kontakt). Fatos estes que validam os resultados dos estudos de Altenhofen (2013) e Figueiredo (2014) sobre o tempo transcorrido das migrações do Sul do país, o contato com outras variedades e línguas e o processo de regressão, ousamos dizer 'apagamento', do uso da língua/variedade alemã.

Apenas os informantes Hibiskus e Dahlie têm atitudes diferentes de pertencimento, o primeiro afirma ser alemão-brasileiro, mas hoje se sente mais brasileiro e apenas a segunda, Dahlie, afirma se sentir alemã e, mesmo nunca tendo ido à Alemanha, diz ter a impressão de lá já ter vivido. Sobre o pertencimento aliado à identidade, cabe citarmos Bauman (2005), que chama a atenção ao constante movimento possível em sua compreensão, o que pode gerar também constante (re)contrução:

> Tornamo-nos conscientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade" (Bauman, 2005, p. 17).

Esses resultados mostram que as atitudes identificadas nos entrevistados nem sempre foram atitudes positivas frente à manutenção da língua/variedade e cultura alemãs, conforme vimos nos excertos de análise, e que, categoricamente, as variedades minoritárias em uso se encontram na última fase de assimilação entre a geração velha e a geração jovem. Dessa forma, evidenciamos, por meio dos dados obtidos, que os descendentes de alemães alternam entre atitudes linguísticas positivas e negativas perante os temas pesquisados.

Considerações Finais

Colocamos em relevo a relevância social desta pesquisa, pois consideramos que as atitudes não são simples julgamentos e também não meras percepções, mas influenciam na permanência ou erradicação de um falar. Além disso, os informantes serão beneficiados com este estudo no âmbito geolinguístico, pois esta pesquisa contribui para a valorização da realidade linguística da comunidade

pesquisada, ou seja, Sinop – MT, para mostrar que neste espaço amazônico a língua e a cultura alemãs se fizeram presentes.

Os resultados que obtivermos com a aplicação da pesquisa objetivam, também, serem comparados com os demais estudos já feitos e publicados sobre a língua de imigração alemã falada por descendentes (i)migrantes em solos brasileiros e sobre a sua trajetória de migrações no território brasileiro desde a sua chegada no século XIX.

Ademais, sendo o Brasil um país que abriga uma heterogeneidade de grupos em contato e de grande extensão territorial, é irreal negar as variedades do português falado no país a partir desses contatos, assim como das diversas línguas faladas por aqui. E é nesse ambiente plural que uma língua étnica serve a seus falantes como um marcador de identidade, além dos costumes, da culinária, da cultura. Por essa razão, por ser apenas um dos inúmeros marcadores de identidade potenciais, a língua pode facilmente ser substituída por outros marcadores tão eficazes quanto ela ou, aos poucos, mesclar-se com as variedades do novo espaço geográfico que escolheram migrar, até ser, finalmente, substituída pela língua hegemônica, o português. É o que parece já ser irreversível em Sinop/MT com a língua/variedade alemã.

Fechamos o texto com as reflexões de Altenhofen (2013) sobre a topodinâmica das migrações – como também de línguas minoritárias, de modo geral – que necessariamente implica a consideração de contatos linguísticos, em uma perspectiva multilíngue e multivarietal (que abarque os contatos linguísticos de línguas e variedades distintas), porque estes constituem a situação mais comum *de facto* encontrada na realidade em uso.

Esta realidade em uso também é a responsável pelas percepções e atitudes reveladas pelos informantes que têm como língua materna uma variedade da língua alemã, mantém um laço afetivo com a língua e a cultura alemãs, mas hoje já se consideram sinopenses, em sua maioria, e utilizam, de forma quase hegemônica, o português brasileiro em sua comunicação cotidiana.

Referências Bibliográficas

Altenhofen, C. V. (2013). Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras Norte@mentos*, Sinop, MT. Vol. 6, pp. 19–43.

Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vechi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Covezzi, M., & Preti, O. (2000). Diagnóstico Educacional da Bacia do Alto Rio Paraguai. In: Rosa, D. B. (Org.). *Um estudo geoambiental comparativo das*

*características morfoestruturais e morfoesculturais nas áreas das Bacias do Alto Rio Paraguai e do Rio Teles Pires no Estado de Mato Grosso***.** Relatório Bibliográfico – Projeto de Pesquisa. FAPEMAT, CNPq – UFMT, Cuiabá, MT.

Figueiredo, C. R. de S. (2014). *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, RS.

Hasselstron, M. M. (2018). *Línguas de imigração em contato com o português no oeste catarinense: crenças e atitudes linguísticas***.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Fronteira Sul: Chapecó/SC.

Krug, M. J. (2013). *Projeto Atlas das línguas em contato na fronteira: Missões no Brasil e Misiones, na Argentina* (Questionário).

Pitombo-Oliveira, T. (2007). *Fronteira Discursiva: o paralelo 13º e os sentidos da exclusão.* Cáceres/MT: Editora Unemat.

Philippsen, N. I. (2013). *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva da geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado de São Paulo: São Paulo, SP.

Reiter, S. (2015). O desenvolvimento das variedades de alemão faladas por colonos teuto-brasileiros no Pará. *Anais do 1º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos* (ABEG), 09–11 de novembro 2015 –USP, São Paulo, SP.

Savedra, M. M. G., & Damke, C. (2012). Língua, cultura e construção da identidade teuto-brasileira/brasileira-alemã no Sul do Brasil. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. *14* Número Especial: pp. 387–409**.**

Schappelle, B. F. (1917). *The German Element in Brazil Colonies and Dialect*. Philadelphia: Americana Germanica. N. 26.

Seyferth, G. (1994). A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: Mauch, C., & Vasconcellos, N. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil.* Canoas, RS: ULBRA.

Steffen, J. (2013). Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no Sul do Brasil através de cartas de imigrantes. Interferências fonêticas no português dos imigrantes. *Revista de Letras Norte@mentos.* Sinop, MT. Vol. 6, No. 12, pp. 66–86.

Tarallo, F. (1985). *A pesquisa sociolinguística.* São Paulo, SP: Ática.

Thun, H. (1996). Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. In: Radtke, Edgar. Thun, Harald (org.). *Neue Wege der Romanischen Geolingyistik*. Kiel, Alemanha: Westense – Verl., pp. 210–274.

Thun, H. (2000). *Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte* (ADDU-Norte). Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.1.: Lateral palatal (/λ/, y Fricativa Mediopalatal (/j/): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y cheísmo en el español uruguayo). Kiel, Alemanha: Westensee-Verl.

Henry Daniel Lorencena Souza

A paisagem linguística na fronteira do Uruguai com o Brasil: Diferenças no status do português

Abstract: The present work is the result of research carried out under the guidance of Professor Cléo Altenhofen. The linguistic contact between Spanish and Portuguese on the Brazil/Uruguay border is approached from the analysis of the linguistic landscape. In this excerpt, in which part of the collected data is revisited, we highlight the situation of Portuguese in two border cities that represent different times of prestige of the language, although both of them border with Brazil. The linguistic landscape reveals fundamental aspects of the vitality of languages in specific times and spaces. On the one hand, there is Río Branco, traditionally recognized in several studies for the historical presence of Portuguese and, on the other, Chuy, a city that had a later development and gained importance from the 90s, becoming the main route for Brazilians to access the Uruguayan capital, Montevideo.

Keywords: language contact, linguistic landscape, Uruguay/Brazil border.

A decisão de fazer um doutorado sempre pressupõe uma série de desafios. No meu caso, como professor de Espanhol, a dificuldade era encontrar um orientador que tivesse afinidade com a temática que eu queria investigar: o contato linguístico entre o espanhol e o português na fronteira Brasil/Uruguai. Foi nesse contexto que encontrei o professor Cléo Altenhofen e tive a oportunidade de conhecer seu trabalho junto ao professor Harald Thun na construção do *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*. Cabe destacar que, além de seu conhecimento da fronteira, o professor Cléo demonstrou grande generosidade ao acolher meu projeto de pesquisa, colocando em prática esse seu grande entusiasmo pela pluralidade linguística. E entre as muitas conversas que tivemos, surgiu a discussão sobre a paisagem linguística e como ela nos revela aspectos fundamentais da vitalidade das línguas em tempos e espaços específicos. Neste recorte, no qual recupero uma parte dos dados que coletei para meu estudo, destaca-se a situação do português em duas cidades fronteiriças que representam tempos diferentes de prestígio da língua, embora as duas façam fronteira com o Brasil. Por um lado, está Río Branco, tradicionalmente reconhecida em vários estudos pela presença histórica do português e, do outro, o Chuy, uma cidade que teve um desenvolvimento mais tardio e que ganhou importância a

partir dos anos 90, tornando-se a principal rota de acesso à capital uruguaia, Montevidéu. Ao recuperar parte dos dados de minha pesquisa e lembrar das etapas de sua elaboração, quero agradecer e parabenizar o professor Cléo pela sua trajetória e por ter inspirado tantos pesquisadores curiosos como eu a se aventurarem no mundo da paisagem e da política linguísticas. Foi um grande aprendizado e um imenso prazer conviver com um profissional que tem contribuído tanto para os estudos linguísticos na nossa região.

Fronteira em transformação

A atividade comercial, como a própria história registra, significou um dos principais segmentos econômicos das cidades uruguaias localizadas junto ao Brasil. Esse comércio durante muitos anos foi caracterizado por pequenas empresas familiares de manufatura de produção essencialmente artesanal. Como o principal objetivo era atrair o morador do outro lado da fronteira, explorando as vantagens cambiais, a presença do português na publicidade local foi e é uma constante.

A campanha purista, levada a cabo pelo governo militar a partir de 1979, investiu fortemente a favor do que considerava *el buen uso del idioma*. Como afirmam Barrios e Pugliese (2006), esse esforço tinha como objetivo frear a penetração do português através dos meios de comunicação e a publicidade brasileira na fronteira. Uma carta publicada no jornal *El País*, citada pelas autoras, afirmava:

> *Quiere decir que a cambio de dineros por pago de publicidad [en portugués] se realiza el atropello contra el idioma y las buenas costumbres. Habría que poner coto a eso simplemente prohibiendo la difusión de propaganda escrita en un idioma no nacional.* ("El País", carta de un lector, 27/11/78).

Apesar das mudanças promovidas a partir dos anos 90 com a assinatura do Tratado de Assunção e a posterior formação do MERCOSUL, é possível ver reações como consequência da campanha purista antes mencionada em anos posteriores. Exemplo disso foi a notícia publicada no jornal *El País*, destacando a preocupação de um vereador de Rivera com o excesso de palavras em português nas fachadas dos comércios da cidade:

> La aparición de cartelería en portugués, en comercios ubicados en pleno centro de la ciudad, molestó al edil socialista Fabián Fontoura. Dicho legislador pretende que se vote una ordenanza, obligando a los comerciantes a utilizar únicamente el español. (Fernández, 2014, p. B6)

A própria reportagem acaba defendendo o direito ao uso do português, lembrando que a proibição foi recorrente durante o período da ditadura militar. Cita, ainda, que o artigo 6 da lei 17.250 afirma que a informação pode ser em espanhol, podendo também ser em outros idiomas.

O contínuo das políticas linguísticas no Uruguai

Ao analisar o percurso das políticas linguísticas uruguaias é possível aplicar o conceito de contínuo nas modalidades aplicadas ao longo da história, conforme definiu Altenhofen (2013):



O contínuo das políticas linguísticas aplicadas no Uruguai, portanto, demonstram um avanço no sentido de reconhecer o plurilinguismo, promovendo ações de promoção, ao contrário do que existia anteriormente, quando predominava a discriminação e a opressão. Concordamos com o autor quando afirma que uma política linguística eficaz deve valer tanto para o Estado como para o cidadão. Se as determinações ficam apenas nos instrumentos políticos, no caso uruguaio restritos à escola, elas não solucionam os conflitos, pois acabam ignorando as ações individuais elaboradas pelos falantes. Ou seja, não há como ignorar o que ocorreu durante tantos anos *in vivo* ao estabelecer políticas que vão afetar diretamente a língua de uma comunidade.

Reflexos na paisagem linguística

Os fatos até aqui apresentados destacam a importância que a paisagem linguística tem num contexto como esse, permitindo que as línguas possam interferir no espaço de circulação, garantindo assim sua expressão escrita.

Como afirmam Shohamy e Gorter (2009), a paisagem linguística é um importante indicador, capaz de fornecer informações relevantes sobre as sociedades, a vitalidade das relações entre diferentes grupos, principalmente em regiões com diferentes demandas linguísticas. Para os autores, a paisagem linguística representa a linguagem no ambiente, de forma não arbitrária ou aleatória, pois ela integra o sistema social e permite compreender as pessoas, suas identidades e o próprio multilinguismo.

A língua que se expõe no espaço público está intimamente relacionada com as pessoas, pois representa como elas leem, decifram e interpretam o que é escrito. A exibição pública de mensagens também tem um lado político e desperta a desconfiança de certos grupos que veem na língua não oficial uma ameaça, como nos casos apresentados anteriormente.

Em 1986 o governo uruguaio instituiu um decreto do Poder Executivo que permitiu a abertura dos *free shops*, um sistema de comércio livre de impostos destinado a atrair o turismo internacional. As duas cidades autorizadas a abrir este tipo de comércio foram Rivera e Chuy. Em 2002 foram abertas lojas em Artigas e em Río Branco, e em 2007 foram incluídas as cidades de Bella Unión e Aceguá. No mês de abril de 2010 foi criada a *Cámara de Empresarios de Free Shops y Afines del Uruguay*, reunindo 70 empresas do segmento. O sucesso do fluxo turístico promovido por esse comércio pode ser entendido pelo faturamento obtido: no ano 2012 a cifra rondou os 500 milhões de dólares, de acordo com os dados divulgados pelo grêmio empresarial. Até o início de 2020 a força econômica da região estava representada por esse tipo de comércio, porém, a partir do mês de março, com a chegada da pandemia de Covid 19, a situação se alterou dramaticamente, ocasionando o fechamento de muitos estabelecimentos comerciais na região de fronteira. As barreiras sanitárias impostas perduraram até o final de 2021, ocasionando uma crise sem precedentes e motivando o surgimento de promoções voltadas para o público local e não mais para os turistas.

As transformações comerciais promovidas pela abertura dos *free shops*, não provocaram mudanças apenas na economia local, mas também na percepção da importância de outras línguas para a comunicação. Esse tipo de comércio, ao promover produtos importados, difunde marcas dos mais variados tipos cujas instruções e recomendações de uso estão, na sua grande maioria, em inglês. Isso se reflete nas fachadas das lojas e nos próprios *displays* de divulgação.

Se por um lado os *free shops* levaram a globalização à fronteira, estendendo um modelo de loja típico dos *shopping centers*, essa realidade só se reflete nas avenidas centrais, normalmente próximas à linha de fronteira. No interior das

cidades é onde encontramos o comércio local com as manifestações linguísticas próprias.

A situação em duas cidades fronteiriças

No presente artigo, expomos os registros realizados antes da pandemia em duas cidades da fronteira uruguaia: Río Branco e Chuy. A escolha dessas duas cidades deve-se à proximidade com os grandes centros do sul do Brasil, sendo vias de acesso de grande fluxo de turistas que ingressam no Uruguai. A seguir apresentamos alguns dos registros feitos:



Na imagem acima percebe-se a transformação que os *free shops* provocaram na fronteira, promovendo um multilinguismo visual similar ao que pode ser encontrado nos grandes centros urbanos.







O cardápio exposto na porta do restaurante em Río Branco apresenta a alternância de palavras em espanhol (asado, chivitos, pastas) e em português (peixes, torradas). Um registro curioso, que deve ter passado despercebido ao dono do restaurante, é a palavra "sorvete" na porta sem a letra "v", ficando "sorete" que no espanhol rio-platense é uma forma vulgar de referir-se às fezes.

Na primeira foto, na vitrine desta loja observa-se a substituição da preposição "até" pela sua equivalente em espanhol "hasta". Já na foto ao lado o que se tem é o emprego direto do português, no caso a expressão gaúcha "bagual" e "lanches", sem fazer nenhuma referência ao espanhol (figura 21).

As imagens seguintes são exemplos registrados no Chuy, localizada no departamento de Rocha, cidade onde as pesquisas e os próprios entrevistados afirmaram não haver a mistura entre o português e o espanhol como acontece nas outras cidades de fronteira:



A abundância de exemplos encontrados coloca a cidade do Chuy no mesmo nível das outras cidades uruguaias de fronteira. Na primeira fotografia (A) vemos a palavra "açougue" seguida do nome do estabelecimento em espanhol. Na imagem ao lado (B) temos o registro escrito marcado pela influência da oralidade em "esportação", e logo a transcrição da palavra empregando a fonética do português, mas com as letras do espanhol: "picaña". Logo abaixo encontramos uma parede pichada (C) com um texto em português onde se percebe o uso da gíria "galera". Mas é na última imagem (D) que encontramos o principal registro, característico do que tem se chamado *portunhol*: é uma lápide exposta na vitrine de uma funerária, na qual o texto em português demonstra traços do espanhol: *Te recordamos con muito amor y cariñho. Aunque voçe esteja no ceu e nos na terra. Seus Filhos, Netos e Sobrinhos.*

Na coleta de informações sobre a paisagem linguística, fizemos observações nos cemitérios da fronteira. Uma característica interessante desses locais é a sua uniformidade arquitetônica, pois são iguais em todas as cidades, tendo um formato retangular onde os túmulos mais antigos se encontram nas extremidades e no centro os mais atuais. Isso facilitou um registro sincrônico do emprego do português. Destacamos que em todos os cemitérios foram encontradas mensagens em português ou com influências do português sobre o espanhol.

Uma constatação curiosa foi feita nas cidades de Río Branco e Chuy, e que de certa forma pode demonstrar tendências de uso da língua em diferentes épocas e que se relacionam com os dados apresentados em outros estudos linguísticos sobre as questões geracionais que envolvem o uso das línguas na fronteira.

No cemitério de Río Branco identificamos a presença do português nos túmulos mais antigos, principalmente nos jazigos de pessoas falecidas até 1960. Em datas posteriores a incidência de textos em português começa a decrescer, sendo inexistente a partir de 1980. Essa constatação coincide com a observação de que em Río Branco o português é empregado mais pela população mais velha do que pela jovem. A seguir apresentamos alguns exemplos recolhidos no cemitério de Río Branco:



Lápide de 1952:

Recuerdos de sus hijos, *gernos e* nietos.
A influência do português é observada na confusão entre yerno (espanhol) e genro (português) e no uso da conjunção "e", e não "y" do espanhol.

Lápide de 1956:

Saudades de tu esposo e hija.

Aqui emprega-se o substantivo *saudades* do português.



Esta lápide de 1935 apresenta a inscrição praticamente apagada:

Recordações eternas de teus paes e irmãos.
Aqui toda a frase foi escrita em português.

Uma situação contrária foi verificada no Chuy, onde as pesquisas indicavam que o português exercia pouca influência. No cemitério dessa localidade observamos a inexistência de textos em português nos túmulos mais antigos, destacando-se o emprego apenas do espanhol. No entanto, nos túmulos dos falecidos a partir do ano 2000 há um elevado número de mensagens em português, alternando com mensagens em espanhol. Essa constatação coincide com os estudos feitos na cidade, onde verifica-se que o português é usado muito mais pela população jovem do que pelos mais velhos.

Alguns exemplos dos textos encontrados no cemitério do Chuy:



Assim como em Río Branco, é possível verificar a ocorrência de *saudade(s)* junto a textos em espanhol: *Saudades* de tu esposo e hija. *Saudades*: papá, mamá y hermana. Entre as curiosidades observadas, e prova da diversidade da região, encontra-se o túmulo de descendentes de japoneses, sendo que nas lápides são encontrados textos em japonês, espanhol e português, além de textos que comprovam o contato linguístico da fronteira.

A paisagem linguística demonstra que o português é usado não apenas para a comunicação com os brasileiros, mas também entre uruguaios, tendo em vista que a maior parte das ocorrências foi verificada nas regiões que estão distantes do fluxo turístico atraído pelos *free shops*. Esses dados comprovam que a fronteira não pode ser tratada de forma uniforme, pois cada ponto conserva uma identidade própria que deve ser levada em conta na hora de elaborar políticas públicas que envolvam questões linguísticas.

A fronteira e os desafios pós-pandemia

A fronteira do Brasil com o Uruguai é uma região sensível às oscilações econômicas, razão pela qual se viu fortemente afetada a partir de 2020 pela pandemia de Covid- 19. Como principal consequência, em virtude da interrupção do fluxo turístico, houve o fechamento de um grande número de estabelecimentos comerciais, afetando a paisagem linguística. A diminuição de lojas fez com que o comércio local predominasse e a diversidade de línguas presentes nas ruas diminuísse de forma considerável.

No ano de 2022, com a retomada do turismo, iniciou-se um lento processo de recuperação, ampliando ainda mais a presença da língua portuguesa nas fachadas e vitrines do lado uruguaio. Essa constatação foi realizada nas três visitas feitas à fronteira entre 2021 e 2022, nas quais foi possível ver a necessidade de conquistar os consumidores brasileiros, não apenas com produtos importados mas também fabricados no Uruguai. Uma vez mais, as questões econômicas parecem ter falado mais alto do que o interesse em preservar a diversidade linguística, tão destacada no período pré-pandemia. Parece-nos oportuno acompanhar esse novo momento na fronteira, pois a possível retomada econômica e o novo rumo político no Brasil, com a retomada da integração regional, com certeza terá reflexos na paisagem linguística, fato que pode ser o foco de futuros projetos de pesquisa e que podem contar com o embasamento teórico desenvolvido pelo professor Cléo Altenhofen.

Referências

Altenhofen, Cléo V. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: Nicolaides, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013, p. 93–116.

Barrios; Graciela; Pugliese, Leticia. *Política lingüística en el Uruguay: las campañas de defensa de la lengua*. Vol. 23, 2006. Disponível em < http://elies.rediris.es/elies23/barrios_pugliese.htm> Consulta realizada em 06/10/2022.

Fernández, Freddy. *Polémica en Rivera por cartelería en portugués*. El País, Montevideo, 21 fev. 2014. Ciudades, B6.

Shohamy, Elana; Gorter, Durk. *Linguistic landscape*. New York: Routledge, 2009.

Peter Rosenberg

Contato, variação e mudança linguística nas ilhas línguísticas alemãs na Rússia e no Brasil

Abstract: Today, German language islands are in decline almost everywhere in the world: Their varieties show manifold features of linguistic obsolescence, attrition and reduction of morphological structures. This is also the case in the two countries with the largest German-speaking minorities in the world, Brazil and Russia. However, the regular and irregular morphology show very different courses and speeds of development: While the regular morphology in nominal inflection takes a rapid development to a two-case system (or even to a common case), the irregular morphology of personal pronouns is more differentiated, and mostly preserves dative forms. How can this be explained? What role does language and variety contact play in this? What influencing factors can be identified (such as the structure of the language island varieties, the generation of speakers, the sense of ethnic belonging, national language policy)? The results of a comparative language island research project on case morphology in German language islands in Russia and Brazil intend to provide an answer to these questions: The subject is the way of speaking (as well as sociolinguistic and attitudinal data) of speakers of two language island varieties in each country (East Low German Pomerano in Brazil and Plautdietsch in Russia, West Central German Hunsrückisch in Brazil and West Upper German "Catholic" in Russia) in close contact with each other and with the local contact language. The speech patterns of 120 speakers of three generations were surveyed using variationist linguistic methods in three settings of different formality (intended dialect, interview narratives, self-recordings). The core idea of the contribution is the assumption that there is as much to learn from linguistic obsolescence, attrition and reduction as from the emergence of new linguistic forms (through standardization, coineization, dialect leveling), which has been the subject of intensive research in the past: linguistic obsolescence by no means appears as chaotic or amorphous, but as structured and directed: Certain word classes are more exposed to structural reduction than others that preserve morphological "core functions" (such as the case-semantic function of marking the dative as the recipient case in animate referents).

Key words: language contact, comparative language island research, case morphology

Introdução

Os primeiros passos da minha pesquisa em ilhas de língua alemã no Brasil me levaram – claro – ao Cléo! Eu vinha pesquisando as ilhas linguísticas[1] na Rússia

1 As ilhas linguísticas são - nas palavras de Wiesinger (1983: 901) - comunidades relativamente pequenas em um território de uma comunidade linguisticamente diferente.

há vários anos e observei que as comunidades linguísticas de lá mostravam uma mudança acelerada sob a forte pressão para a língua de contato. Nas ilhas linguísticas alemãs na Sibéria a morfologia do caso se simplificou – especialmente entre aqueles que tiveram mais contato com a morfologicamente "rica" língua russa: Os seis casos de flexão nominal russa aparentemente não suportaram a morfologia dos casos nas variedades de ilhas de língua alemã. Em vez disso, o enfraquecimento da competência normativa e da lealdade à norma em alemão parecia acelerar uma mudança "interna" que ocorreu nas variedades alemãs em geral. Então, qual influência a convergência linguística tem na mudança de idioma?

Eu também queria investigar esse fenômeno comparativamente sob outras condições de contato linguistico. Neste contexto, a dupla convergência me pareceu interessante, pois, além do contato com o russo, o contato entre as variedades de língua alemã em ilhas linguísticas também foi intenso, especialmente quando o alemão padrão foi proibido nas escolas durante o Estado Novo e uma "dialetização" (Altenhofen 1996: 70) ocorreu nas comunidades de língua alemã.

Na Rússia (na região Altai, Sibéria ocidental) eu havia investigado comunidades falantes de alto alemão (o "Katholisch", uma variedade de alto alemão ocidental) em contato com baixo alemão (o "Plautdietsch", uma variedade do baixo alemão oriental). Então, fazia sentido selecionar uma situação semelhante, o contato dos falantes de alto alemão (o alemão central ocidental Hunsrückisch) com o baixo alemão oriental (o Pomerano) no Rio Grande do Sul.

Então, pedi conselhos aos colegas em Porto Alegre. Entretanto, como os falantes do Pomerano no Rio Grande do Sul representavam uma minoria dentro da minoria, pouco havia sido feito até aquele momento.

Eu não procurei o falante da língua "representativo", mas exatamente a realidade das comunidades em "obsolescência" (Dorian 1989). O famoso dialectologista russo Viktor Schirmunski (1930) havia dito uma vez que as ilhas de língua alemã eram um laboratório linguístico no qual os desenvolvimentos podiam ser estudados em um curto período de tempo que levaria séculos sob condições "normais". Ele relacionou isto com a formação linguística de koinés, da mistura, acomodação ou fusão das variedades. Mas a reestruturação não

---

Elas são casos especiais de minorias linguísticas. Com traços comuns, a maioria delas compartilha uma área limitada, abrangendo uma comunidade linguisticamente diferente ligada por uma densa rede comunicativa que é, em certa medida, mais voltada para o interior da comunidade do que para o exterior da mesma, e conectada por uma distintividade atitudinal, como enfatizia Mattheier (1996). O autor supõe que o resultado sociolinguístico mais importante de todos os fatores intervenientes nas ilhas linguísticas é uma estrutura de distintividade atitudinal como base da não-assimilação.

ocorre também sob obsolescência, transição ("language shift") e convergência linguística? Os falantes sempre constroem novas estruturas de comunicação com os meios à sua disposição.[2]

Por que comparar a Rússia e o Brasil?

As línguas de contato não são diferentes? Sim, são muito diferentes. Gostaria aqui de chamar atenção em especial, para os propósitos da minha pesquisa, dos casos morfológicos: O russo tem seis casos morfológicos e o português marca casos morfológicos só nos pronomes pessoais.

Estes países não são completamente diferentes? Claro que são, nem que seja (felizmente) apenas em termos de temperatura. Mas eles também têm coisas em comum no que diz respeito às ilhas linguísticas de variedades alemãs:

- Eles são os dois grandes países em termos de território onde vive a maioria dos falantes de alemão no mundo (fora da Alemanha, Áustria e Suiça).
- Considerando que também no caso de ambos os países a língua alemã padrão foi proibida em grande parte das escolas locais nos anos 30/40, esta língua "alemã" consiste predominantemente de variedades não padronizadas.
- Em ambos os países, a comunidade de falantes tem sido oprimida e marginalizada desde ao menos essa época, evidentemente muito mais desumanamente sob Stalin do que sob Getúlio Vargas. O prestígio de falar alemão deu lugar à estigmatização (e vergonha por parte dos seus falantes).
- Há muito tempo, as variedades destas ilhas linguísticas se desenvolveram de maneira independente da Alemanha.
- Em ambos os países, uma língua de contato muito dominante (português e russo) prevalece na esfera pública. Juntamente com a estigmatização, o contato linguístico levou a um declínio no uso de variedades de língua alemã, especialmente entre os jovens.

---

2 Em ilhas de línguas em declínio observamos vários fenômenos de simplificação linguística, o que levou alguns autores a sugerir uma analogia de "morte linguística" e pidginização (Dressler/Wodak-Leodolter 1977), outros consideraram "morte linguística" como "creolização invertida" (Trudgill 1978). Eles se baseiam em fenômenos como (1) uma representação das relações gramaticais menos por morfologia do que por ordem de palavras, (2) a relação da forma à função de acordo com o princípio 1:1- (cf. Andersen 1989: 386) e (3) a substituição de estruturas marcadas por estruturas não marcadas (ou menos marcadas) (cf. Campbell/Muntzel 1989: 189, Jakobson 1936) ou por estruturas "naturais" (cf. Dressler 2000, Mayerthaler et al. 1998: 167). Algumas simplificações nas ilhas linguísticas correspondem a estes fenômenos. Entretanto, sabemos pelo debate sobre as línguas pidgin e crioulas que há dúvidas se as estruturas delas são realmente tão diferentes daquelas de outras línguas (cf. Mufwene 2020).

Considerando as semelhanças nos desenvolvimentos linguísticos e as diferenças nas línguas do contato, a comparação de países ofereceu uma grande oportunidade de aprender algo sobre a influência do contato linguístico.

O método desta comparação deve ser explicado com mais detalhes. Nosso projeto contou com cerca de 120 participantes, investigados entre os anos 1990 e 2000, por meio de: (a) entrevistas, (b) tarefas de tradução e (c) auto-gravações[3]; com um número mais ou menos igual de homens e mulheres, número igual de variedades e em três faixas etárias diferentes – ou seja, duas constelações de variedades muito semelhantes.

Tabela 1: Amostra da pesquisa nas ilhas linguísticas no Brasil (colônias ao redor de Pelotas) e na Rússia (aldeia Schumanovka, região Altai, Sibéria ocidental).

AMOSTRA							
PAÍS Variedade	**< 40 1990s**	**< 40 2000s**	**40-59 1990s**	**40-59 2000s**	**≥ 60 1990s**	**≥ 60 2000s**	**TOTAL**
RÚSSIA							
Plautdietsch	0	6	5	7	4	5	27
"Católico"	3	4	10	6	6	5	34
BRASIL							
Pomerano	2	9	9	5	9	5	39
Hunsrückisch	1	6	3	5	4	6	25
TOTAL	6	25	27	23	23	21	125

A hipótese era a seguinte: se os mesmos processos de simplificação no uso dos casos ocorrem na Rússia e no Brasil, então obviamente não é devido ao contato linguístico, pelo menos não desencadeados simplesmente pela adoção da morfologia portuguesa ou da morfologia russa – porque na Rússia os casos teriam então que ser preservados e não reduzidos.

O contato linguístico não é então importante? Talvez o efeito do contato linguístico não seja tão simples a ponto das variedades das ilhas linguísticas na fase de "inundação" absorverem cada vez mais fenômenos linguísticos da

3 Para reduzir a formalidade da situação de gravação, foram feitos registros durante suas atividades cotidianas (alimentação, tarefas de cozinha, limpeza) sem que o pesquisador estivesse presente. Esta situação de gravação foi o cenário mais informal. A tradução do alemão padrão para a variedade da ilha linguística pretendida tinha o propósito de provocar a máxima distinção de casos. As narrações das entrevistas representaram uma situação de gravação de formalidade média.

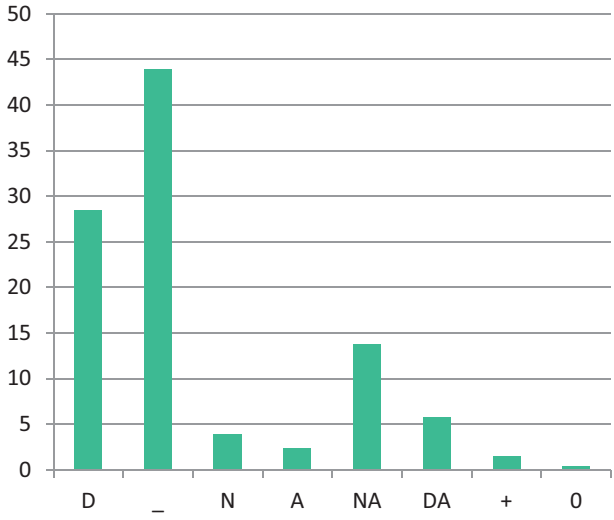
língua de contato. Talvez o contato linguístico funcione mais indiretamente? São essas as perguntas que quero responder nas seções seguintes:

1 Morfologia dos casos regulares (nominal)

Vou mostrar apenas um exemplo de nossos resultados de pesquisa, o uso do dativo: o meu interesse era saber se os falantes distinguiam os casos morfológicos. Da Alemanha conhecemos o desenvolvimento em que especialmente o nominativo (*der Mann*) e no caso do objeto também o acusativo (*den Mann*), menos frequentemente o dativo (*dem Mann*) são usados, enquanto o genitivo (*des Mannes*) desaparece (além do possessivo: *Cléos Haus*).

O genitivo também é quase inexistente nas nossas ilhas. Mas o que acontece com os outros três casos, especialmente o dativo? A figura 1 mostra que o dativo é pouco realizado, contabilizando apenas um terço dos dados coletados (para essa análise os falantes foram solicitados a traduzir sentenças do alemão padrão com dativo ou do portugues para suas variedades).

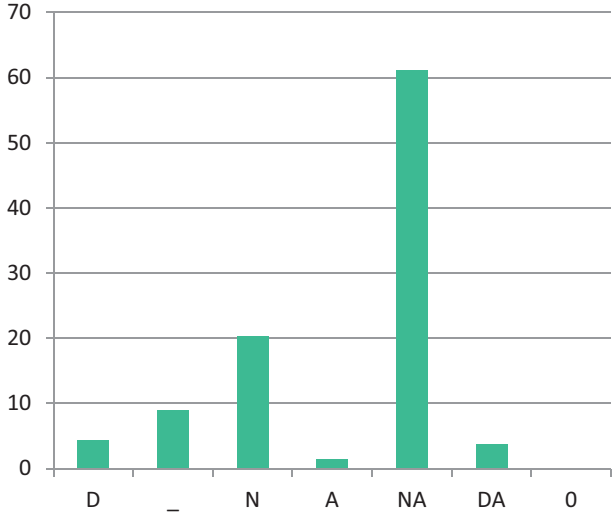
Figura 1: Casos em todas as classes de palavras (dativo input). [125 pessoas, n = 6218, em %, tarefa de tradução][4]



4 **D** = dativo, _ = sem desinência de caso (p. ex. *de*), **N** = nominativo, **A** = acusativo, **NA** = forma comum de nominativo e acusativo (*die*), **DA** = forma comum de dativo e acusativo (*mi/di*), **+** = forma adicional, **0** = sem realização.

Isto é particularmente claro, por exemplo, com adjetivos: aqui, a realização de dativo é quase zero.

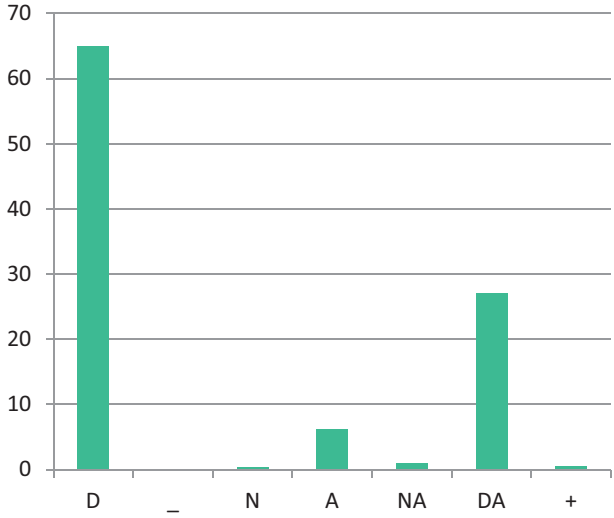
Figura 2: Flexão nominal: adjetivo (dativo input). [125 pessoas, n = 699, em %, tarefa da tradução]



Algo semelhante poderia ser mostrado para toda a flexão nominal (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos …). Mas uma classe das palavras se comporta de maneira bem diferente: os pronomes pessoais.

2 Morfologia dos casos irregulares (pronomes pessoais)

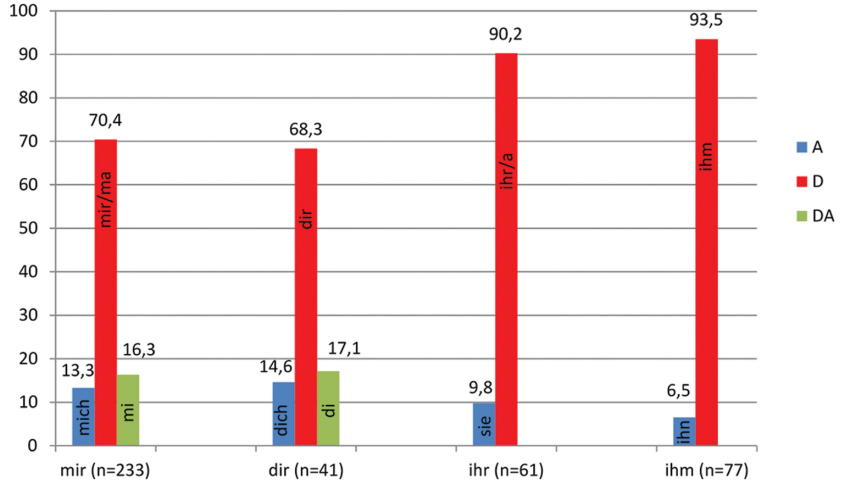
Figura 3: Flexão dos pronomes pessoais (dativo input). [125 pessoas, n = 986, em %, tarefa da tradução][5]



Aqui, o dativo é realizado em mais de dois terços (figura 3). Este é especialmente o caso da 3ª pessoa do singular (*ihm, ihr* 'a ele, a ela'), onde o dativo é praticamente obrigatório (Figura 4).

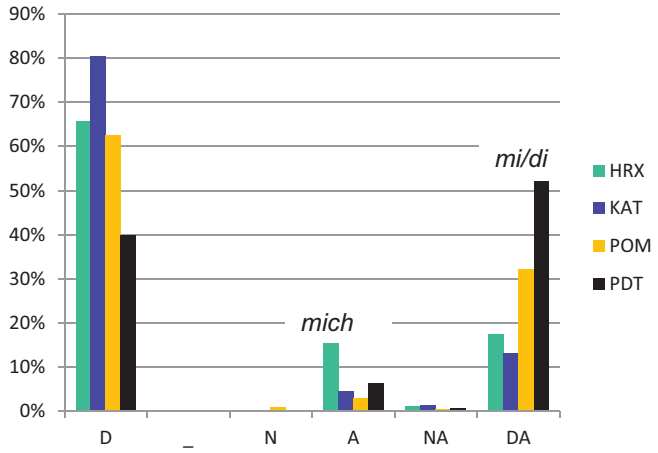
5 **D** = dativo, _ = sem desinência de caso (p. ex. *de*), **N** = nominativo, **A** = acusativo, **NA** = forma comum de nominativo e acusativo (*sie*), **DA** = forma comum de dativo e acusativo (*mi/di*), **+** = forma adicional, **0** = sem realização.

Figura 4: Flexão de pronomes pessoais. [125 pessoas, n = 412, em %, entrevistas e narrações]



Os resultados não são fundamentalmente diferentes entre os países e as diferentes variedades. Em Hunsrückisch, o acusativo é um pouco mais realizado (*mich*), em Pomerano o caso do objeto é uniforme para os pronomes pessoais *mi/di* (figura 5).

Figura 5: Pronomes pessoais: casos conforme variedades (dativo input) [125 pessoas, n = 1142, em %, tarefa da tradução].[6]

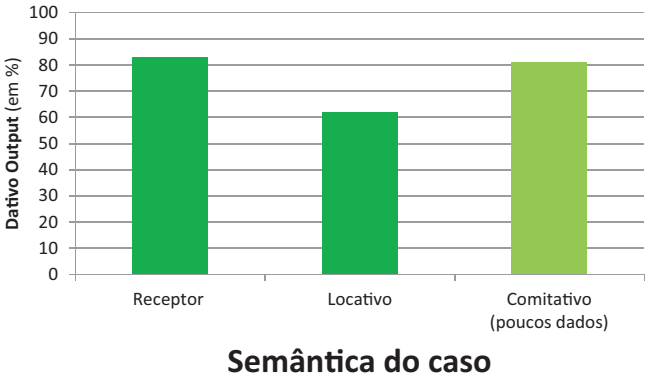


6 Variedades: HRX = Hunsrückisch, KAT = "Católico", POM = Pomerano, PDT = Plautdietsch.

Mas em todos os lugares a flexão nominal é muito menos diferenciada em comparação aos pronomes pessoais. Por quê?

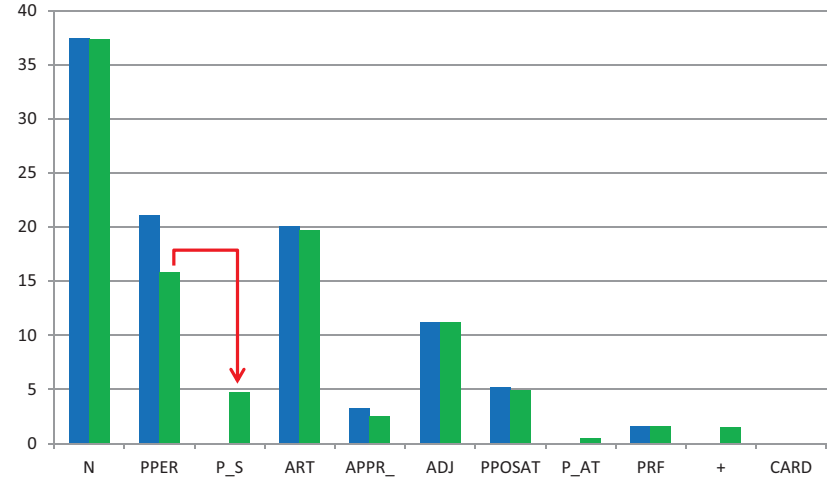
Pronomes pessoais são palavras especiais: são uma classe frequente, pequena e fechada, suas formas gramaticais geralmente consistem de palavras completamente diferentes (supletivas) que são registradas mentalmente como entidades completas ('full-listing'), não separando raízes e desinências do caso como nos outros tipos de palavras. Evidentemente, isso pode protegê-las da mudança. A diferença mais importante, entretanto, é que elas são chamadas de pronomes pessoais, pois representam predominantemente pessoas, seres animados, muitas vezes seres humanos. Isto obviamente demanda mais distinções de seus papéis na frase (Rabanus 2008). O dativo, por exemplo, representa principalmente o receptor de uma ação (cf. Jakobson 1936). É precisamente nesta função que ele permanece particularmente forte na classe dos pronomes pessoais (figura 6).

Figura 6: Flexão pronomes pessoais: semântica do dativo na 3ª pessoa (dativo input): *Receptor – Locativo – Comitativo* [125 pessoas, n = 163, em %, tarefa da tradução]



No entanto, os pronomes pessoais não são excetuados da mudança. Observa-se na figura 7 que os falantes têm a tendência de substituir pronomes pessoais por pronomes demonstrativos (ou artigos definidos). No output (colunas direitas) os pronomes pessoais (PPER: alemão padrão *ihm, ihr*) do input (colunas esquerdas) foram realizados em parte por pronomes demonstrativos (P_S: alemão padrão *dem, der* – veja flecha).

Figura 7: Dativo no input: realização das classes de palavras [n = 6218, em %, tarefa da tradução, input: colunas esquerdas, output: colunas direitas][7]



A consequência desta transformação é que os falantes tratam os pronomes demonstrativos como todas as outras formas regulares: eles/elas preferem a substituição do dativo pelo nominativo ou acusativo (ou pela redução completa das desinências) – como usual na flexão nominal. Isso podemos interpretar como uma regularização[8] morfológica (com simplificação subsequente).

3 Sociolinguística do contato

É aqui que entra em jogo a sociolinguística do contato linguístico: na Rússia, as variedades de ilhas de língua alemã permaneceram estáveis por muito tempo. O alemão (as variedades de língua alemã) era usado em famílias e geralmente na esfera informal, enquanto que o russo era usado na esfera pública. Mas com

7 N = substantivo, PPER: pronome pessoal, P_S = pronome demonstrativo substitutivo ou indefinido, ART = artigo/determinador, APPR_ = preposição com determinador (contração), ADJ = adjetivo, P_AT = pronome demonstrativo atributivo ou indefinido, PRF = pronome reflexivo, + = forma adicional, CARD = numeral (sistema adaptado de STTS).

8 *Regra* é entendida como 'qualquer declaração que expresse uma generalização linguisticamente significativa sobre os fatos gramaticais de uma determinada língua' („any statement expressing a linguistically significant generalization about the

o fim da União Soviética, começou a grande emigração para a Alemanha. Os povoados foram esvaziados. Apenas 10-15% dos habitantes de hoje são autóctones. O russo predomina em todos os lugares. A língua alemã não serve mais como um marcador de fronteiras de grupo; as diferenças étnicas são ainda menos importantes do que antes. Mas quando a língua perde sua função de demarcação, quando prevalece a mistura de códigos, as instâncias normativas que insistem na "correção" gramatical também enfraquecem e desaparecem. A mudança linguística se acelera. Foi exatamente isso que aconteceu na Rússia, onde dentro de 50 anos o caso dativo no artigo definido, outrora a forma principal do caso objeto (Jedig 1966), quase desapareceu.

Entre os colonos alemães no Brasil (desde 1824), as condições históricas da colonização tiveram alguns paralelos com as dos alemães russos (desde 1763). Os colonos viviam em pequenas colônias de língua alemã que eram em grande parte independentes, apesar do contato linguístico com o seu entorno, assim como na Rússia. Eles usavam predominantemente suas variedades primeiras para comunicação e, como estas variedades eram bem diferentes umas das outras, a convergência entre as variedades era um traço inerente ao seu desenvolvimento. As variedades em contato eram múltiplas: desde as variedades predominantes Hunsrückisch (franconiano-renano e franconiano-moselano) passando pelo suábio e o alemão do Volga até as variedades do baixo-alemão do Vestfaliano e do Pomerano no Brasil[9], e desde as variedades alemãs do Volga (franconiano-renano e hessiano) passando pelo suábio e bávaro até as variedades Plautdietsch (baixo-alemão) dos Mennonitas na antiga União Soviética.

O alemão padrão era falado na escola em ambos os países, mas desde 1934 sob Stalin na URSS e desde 1937 sob o governo nacionalista de Getúlio Vargas no Brasil (Estado Novo desde 1937) direitos educacionais e políticos das minorias passaram a ser restritos ou suspensos. Portanto, houve uma "redialectalização" (Rosenberg 2003: 9). Em contraste com a Rússia, porém, no Brasil surgiu uma variedade supra-regional (Hunsrückisch), o que nunca aconteceu na Rússia. Obviamente, o domínio numérico dos falantes de Hunsrückisch (cerca de 50% dos primeiros colonos) e a rede de comunicação mais densa, que não era

grammatical facts of a particular language", Kiefer 2000: 297). A *regularidade* diz respeito ao input e o output de uma regra: o input é regular se ele pode ser considerado como uma classe (natural). O output regular é previsível e "composicional" (cf. Kiefer 2000: 297). A transformação para a composicionalidade abre a possibilidade da simplificação.

9 Para mais detalhes cf. Altenhofen (1996, 2016).

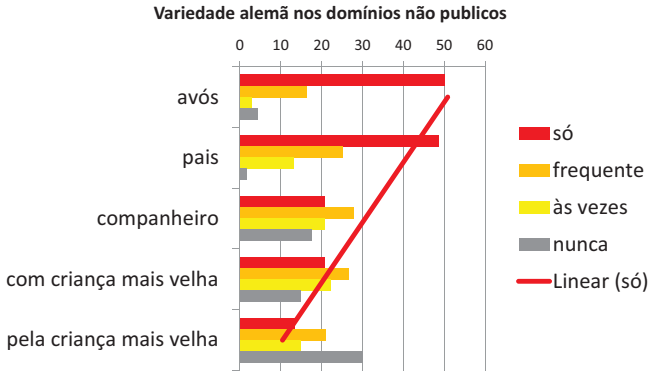
tão limitada como na Rússia, levaram a esta importante diferença (Steffen/Altenhofen 2014).

A sociedade brasileira é multiétnica e as minorias de língua alemã são apenas algumas das muitas outras comunidades étnicas. Desde o início, os colonos alemães eram "alienígenas" por missão: durante cerca de 100 anos, eles mantiveram distância da população vizinha em termos de geografia, idioma, cultura, economia, religião e estrutura social. Desde aproximadamente 1940 surgiu um movimento de nacionalização, que procurava "unificar o país" (pelo menos em relação aos brasileiros "brancos"), nas últimas décadas modernizando a sociedade e, portanto, diminuindo as barreiras de contato social. Durante muito tempo, a manutenção da língua e da cultura minoritária dependeu da autonomia das colônias. As comunidades de língua alemã, no entanto, passaram a ser integradas à sociedade. Hoje, os alemães brasileiros são principalmente brasileiros, falantes de português brasileiro como primeira ou segunda língua, casados com brasileiros de outras etnias, estudando em algum lugar do país. Entre os mais jovens, mais nas comunidades pomeranas do Rio Grande do Sul, que estudamos, do que no Espírito Santo, a língua ancestral se tornou uma língua de herança. A desintegração das ilhas linguísticas começou há duas gerações. Atualmente, a diversidade étnica é um traço de todas as famílias, mas não é um recurso vital de distinção social (cf. Rosenberg 2002, Altenhofen 2013: 109).

Os resultados de nossa pesquisa sociolinguística nas colônias são um comprovante disso: dentro dos domínios não públicos, o alemão é usado principalmente com os avós e pais, raramente com cônjuges e filhos. Para falar com os filhos, é usada principalmente a língua de contato, russo e português, respectivamente (figura 8).[10]

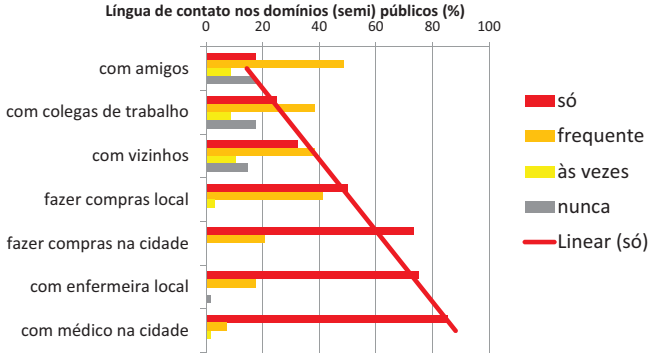
10 A distribuição do uso da língua alemã e do uso da língua de contato no domínio familiar estão quase opostas. As figuras 8 e 9 só mostram os dados do inquérito dos anos 2000 na Rússia e no Brasil (n =68). A "criança mais velha" é a primeira criança nascida na família: "com criança mais velha" significa usar mutuamente a língua com os outros membros da família; "pela criança mais velha (respondendo)" significa só a resposta da criança. Na fig. 8, foram contados apenas os informantes com avós/pais e filhos, respectivamente.

Figura 8: Uso da variedade alemã no domínio da família (n = 68, em %)



Em público prevalece a língua de contato, quanto mais fora da comunidade e quanto mais institucionais são os contextos, tanto mais português (ou russo) é usado na comunicação (figura 9).[11]

Figura 9: Língua de contato nos domínios (semi) públicos (n =68, em %)



O que é impressionante em nossas descobertas é que a aceleração da mudança linguística não é simplesmente uma consequência da imposição da língua de contato. O que encontramos é uma perda de algo diferente: a perda gradual

11 Novamente, a distribuição do uso da língua alemã e do uso da língua de contato nos domínios públicos está quase invertida.

do conhecimento e do cuidado com o que é linguisticamente "nosso" e o que é "deles". Isto está ligado à falta de transmissão intergeracional da língua alemã, a uma proporção crescente de falantes não nativos e a uma prática comum de mistura de códigos. O fator determinante que poderia ter aberto a porta para mudanças nestas comunidades poderia ser chamado de perda de "normatividade", ou seja, da consciência da norma e da lealdade à norma.

Nesta situação da obsolescência linguística, da perda de normatividade, do aumento dos falantes das variedades alemãs como segunda língua, do code-mixing e das fronteiras linguísticas (e étnicas) "desfocadas", o processo da regularização (no sentido mencionado na seção 2) fortalece a mudança linguística. A regularidade parece ser geralmente preferida pelos falantes de segunda língua porque a previsibilidade e a composicionalidade reduz a carga de aprendizagem:

Tabela 2: Características e condições funcionais de irregularidade e regularidade (cf. Rosenberg 2016: 178)

Irregularidade	**Regularidade**
Forma não previsível	Forma previsível
Palavras funcionais, vocabulário da "experiência imediata" (Kiefer 2000)	Não específico
Léxico básico de alta frequência	Frequência não específica
Acesso do léxico mental	Produção de acordo com padrões
Sistema associativo de "conhecer-que": memória (Pinker 1999)	Sistema simbólico de "conhecer-como": combinação
Economia dos falantes	Economia dos ouvintes[12]

12 A economia do falante exige brevidade de expressão. A economia do ouvinte exige a compreensibilidade da expressão. A tensão entre os dois mecanismos é um fator de influência interna crucial na mudança da língua: 'O uso mais econômico ou mais abundante de meios linguísticos para a expressão de um pensamento depende da necessidade. […] Devem ser desenvolvidas formas de expressão em todos os lugares que contenham apenas o quanto a inteligibilidade exige para o ouvinte.' („Die sparsamere oder reichlichere Verwendung sprachlicher Mittel für den Ausdruck eines Gedankens hängt vom Bedürfnis ab. […] Es müssen sich überall Ausdrucksweisen herausbilden, die nur gerade so viel enthalten, als die Verständlichkeit für den Hörenden erfordert." Paul 1880: § 218). Da mesma forma, como aponta Martinet: ' Para entender como e por que um idioma muda, o linguista deve ter em mente dois fatores sempre presentes e antinômicos: primeiro, as exigências da comunicação, a necessidade de o falante transmitir sua mensagem, e segundo, o princípio do menor esforço, que o faz restringir sua produção de energia, tanto mental quanto física, ao

Tabela 2: Continuação

Irregularidade	**Regularidade**
Relação forma-função não icônica (Peirce 1932)	Relação forma-função icônica
Alta carga de aprendizagem	Baixa carga de aprendizagem
Âmbito do falante da L1	Âmbito do falante da L2

A relação da obsolescência sociolinguística e da mudança linguística nestas comunidades aparentemente não é aleatória e sua investigação interdisciplinar (figura 10) vale a pena.

Conclusão

Quais fatores são importantes no tocante à conexão entre o contato e a mudança linguística? Podemos resumir os resultados aqui apresentados da seguinte forma:

- Um desenvolvimento *interno* e *tipológico* é o fato que todas as línguas germânicas perdem estruturas sintéticas como o caso morfológico dependendo das classes das palavras.
- Um fator *externo* é a forte pressão de uma língua de contato dominante que provoca a mudança: contato evidentemente tem importância, mas às vezes como catalisador da mudança.
- O *contato entre variedades alemãs* também é significativo para a vitalidade da comunidade linguística: o Pomerano no Rio Grande do Sul é falado por uma minoria dentro da minoria dos falantes do alemão (o Hunsrückisch é

mínimo compatível com a realização de seus fins.' ("In order to understand how and why a language changes, the linguist must keep in mind two ever-present and antinomic factors: first, the requirements of communication, the need for the speaker to convey his message, and second, the principle of least effort, which makes him restrict his output of energy, both mental and physical, to the minimum compatible with achieving his ends." Martinet 1962: 139) A economia do falante é uma 'força de unificação' (" Force of Unification ") . A economia do ouvinte é uma " força de diversificação " (" Force of Diversification " , Zipf 1949) . De um ponto de vista pragmático, a máxima do falante requer uma 'minimização', enquanto a máxima do destinatário requer uma 'maximalização' da expressão (Levinson 2000) .

a variedade alemã mais falada), enquanto no Espírito Santo o Pomerano é falado pela maioria dentro da minoria de germanófonos.

- Um fator *sociolinguístico* ou *etnológico*: quando a língua não serve mais para delimitar grupos, quando diferenças étnicas geralmente perdem importância e quando o contato linguístico não ocorre entre grupos de falantes claramente opostos, mas as fronteiras do grupo se tornam difusas, isto acelera a mudança linguística, não só, mas muitas vezes através de simplificações.
- Um fator *cognitivo* também diferencia os papéis sociais entre seres animados e inanimados. O dativo, por exemplo, é mantido na função principal de receptor da ação verbal entre os pronomes pessoais. O que ocorre em termos de distinção de casos parece ser, em parte, uma simplificação e redução da morfologia até o ponto de um conceito central do caso que poderíamos chamar de "ressemantização" e que, por sua vez, poderia ser conectada com a desgramaticalização (cf. Leiss 2004: 857) – um processo que podemos entender como reestruturação.

Quando as explicações já são tão complexas, a experiência da nossa pesquisa nas ilhas linguísticas sugere uma abordagem comparativa e interdisciplinar. E essa é uma abordagem que Cléo representa como poucos outros.

Figura 10: Abordagem comparativa e interdisciplinar: Variação e mudança no contexto do contato linguístico



Referências:

Altenhofen, Cléo Vilson. Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

Altenhofen, Cléo Vilson. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, Christine; da Silva, Kleber; Tílio, Rogério; Rocha, Claudia Hilsdorf (orgs.): Política e políticas linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 93–116, 2013.

Altenhofen, Cléo Vilson. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: Lenz, Alexandra N. (ed.). German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und

Mehrsprachigkeitsforschung. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, p. 103–130, 2016.

Dorian, Nancy. Introduction. In: Dorian, Nancy (ed.). Investigating obsolescence. Studies in language contraction and death. Cambridge etc.: Cambridge University Press, p. 1–10, 1989.

Jakobson, Roman. Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre. Gesamtbedeutungen der russischen Kasus. In: Travaux du Cercle Linguistique de Prague n. 6: Études dédiées au Quatrième Congrès de Linguistes, Prague 1936. Praha: Jednota Československých Matematiku a Fysiku, Leipzig: Harassowitz, p. 240–288, 1936.

Jedig, Hugo. Laut- und Formenbestand der niederdeutschen Mundart des Altai-Gebietes. Berlin: Akademie-Verlag, 1966.

Kiefer, Ferenc. Regularity. In: Booij, Geert et al. (Hrsg.): Morphologie. Morphology. Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung. An International Handbook on Inflection and Word-Formation. Unter Mitarbeit von Wolfgang Kesselheim. 1. Halbbd. Berlin, New York: de Gruyter, p. 296–302, 2000.

Leiss, Elisabeth. Ansätze zu einer Theorie des Sprachwandels auf morphologischer und syntaktischer Ebene. In: Besch, Werner; Betten, Anne; Reichmann, Oskar (eds.): Sprachgeschichte. Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung. 2nd completely revised and extended edition. Vol. 1. Berlin, New York: de Gruyter, p. 850–860, 1998.

Levinson, Stephen. Presumptive Meanings. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Martinet, André. A Functional View of Language. Oxford: Clarendon Press, 1962.

Mufwene, Salikoko. How Pidgins emerged? Not As We Have Been Told. Abralin 07.05.2020: (https://www.youtube.com/watch?v=9nsTHFxq-9w, 16.01.2023).

Peirce, Charles Sanders. Collected papers. Vol. II: Elements of Logic. Ed. by Charles Hartshorne; Paul Weiss. Cambridge: Belknap Press of Harvard Univ. Press, 1932.

Paul, Hermann. Prinzipien der Sprachgeschichte. (1ª edição 1880). Berlim, Nova York: de Gruyter, 2010.

Pinker, Steven. Words and Rules. The Ingredients of Language. New York: Basic Books, 1999.

Rabanus, Stefan. Morphologisches Minimum. Distinktionen und Synkretismen im Minimalsatz hochdeutscher Dialekte. Stuttgart: Steiner, 2008.

Rosenberg, Peter. Deutsche Minderheiten in Lateinamerika. Jahrbuch Instituto Martius-Staden, n. 49, p. 9–50, 2002.

Rosenberg, Peter. Dialect convergence in German language islands (Sprachinseln). In: Auer, Peter; Hinskens, Frans; Kerswill, Paul (eds.). Dialect change. Convergence and divergence in European languages. Cambridge et al.: Cambridge University Press, p. 221–235, 2005.

Rosenberg, Peter. Regularität und Irregularität in der Kasusmorphologie deutscher Sprachinselvarietäten (Russland, Brasilien). In: Köpcke, Klaus-Michael; Bittner, Andreas (eds.): Regularität und Irregularität in Phonologie und Morphologie. Diachron, kontrastiv, typologisch. Berlin: de Gruyter, p. 177–217, 2016.

Schirmunski, Viktor M.. Sprachgeschichte und Siedelungsmundarten. Germanisch-Romanische Monatsschrift, n. 18, 3/4, p. 113–122, 5/6, p. 171–188, 1930.

Steffen, Joachim; Altenhofen, Cléo Vilson. Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, n. 81, 1, p. 34–60, 2014.

Wiesinger, Peter. Deutsche Dialektgebiete außerhalb des deutschen Sprachgebiets: Mittel-, Südost- und Osteuropa. In: Besch, Werner; Knoop, Ulrich; Putschke, Wolfgang; Wiegand, Herbert E. (eds.) Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung. 2. Halbbd. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft 1.2). Berlin, New York: de Gruyter, p. 900–929, 1983.

Zipf, George Kingsley. Human Behavior and the Principle of Least Effort. Cambridge, MA: Addison-Wesley, 1949.

Fernanda von Mühlen

DO NOROESTE DA ALEMANHA AO SUL DO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE O PERCURSO HISTÓRICO DO VESTFALIANO

Abstract: Westfälisch is a Low German dialect from Northwestern Germany. It was brought to southern Brazil in the second half of the 19th century by German-speaking immigrants and is still spoken today in Europe as well as in the Taquari Valley, Brazil. The aim of this study is to define, describe and document Westfälisch, gathering information to document and map its presence and history from the matrix of origin. The method will consist of bibliographical research and analysis based on registers of the linguistic landscape of Münster, Germany, and Westfália, Brazil. It is possible to identify that Westfälisch has been losing speakers in both the European and Brazilian contexts and that, in order to minimize this loss, there are some initiatives to maintain Westfälisch such as using terms in the language to name products, streets or establishments in Germany, as well as making it the co-official language of a town in Brazil. Another interesting result came from the analysis of gravestones from the two largest cemeteries in the municipality of Westfália, where it can be inferred that the first immigrants to arrive in the Taquari Valley, more specifically in this town, were speakers of a sub-dialect of Westfälisch called Ostwestfälisch.

Keywords: Immigration, Low German, European Westfälisch, Brazilian Westfälisch.

Migrações e diversidade linguística

Quando as pessoas migram, elas carregam em suas malas documentos, roupas, pertences pessoais, ítens da história da família. Essas bagagens trazidas pelos imigrantes, porém, nem sempre são físicas e materiais. Elas carregam seus costumes e seus valores, sua cultura, suas experiências e suas crenças, seus conhecimentos (empíricos e acadêmicos) e sua(s) língua(s). Além dos imigrantes, também aqueles que já vivem no ambiente ou até mesmo os que foram trazidos forçosamente a um novo meio carregam consigo, nas suas práticas cotidianas, nas suas formas de comunicar, nas suas memórias, nos seus fazeres e saberes elementos culturais, identitários e linguísticos que os caracterizam.

O Brasil está entre os países com maior diversidade linguística do mundo, apresentando falantes tanto de grupos autóctones (também considerados nativos, como é o caso dos povos originários) quanto de grupos alóctones (também considerados falantes de línguas de imigração). Se pararmos para prestar

atenção e dermos ouvidos aos sons do nosso entorno, podemos identificar uma diversidade de falares, de sotaques e de realidades linguísticas. Cada região ou comunidade, devido aos seus processos históricos, coloniais, migratórios e sociais, por meio das pessoas que ali vivem ou por ali passaram, bem como pelos contatos linguísticos que ocorreram, foi se desenvolvendo e construindo a paisagem linguística do seu território.

A diversidade brasileira é, de fato, expressiva, como os números a seguir podem ratificar. Segundo Maher (2013), são faladas pelo menos 222 línguas diferentes no nosso país. Dentre as línguas faladas, a maior parte delas é composta por línguas indígenas (cerca de 180), em torno de quarenta são línguas de imigração e duas são línguas de sinais.[1]

Apesar dessa diversidade que faz parte da realidade nacional, dentre essas línguas, somente uma tem caráter e *status* oficial, conforme a Constituição Federal de 1988: a língua portuguesa. Essa, que é a lei maior, não permite que se tenha outras línguas oficiais, já que, conforme o artigo 13 da referida lei, "A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil". É importante mencionar que a Língua Brasileira de Sinais (Libras), usada pelas comunidades de pessoas surdas, vem conquistando espaço e visibilidade na sociedade, principalmente a partir da Lei de 2002[2]. Com essa lei, a Libras passa a ser considerada uma sistema linguístico que pode ser utilizado como um meio legal de comunicação e de expressão no território nacional pelas pessoas ou para as pessoas com surdez. Ou seja, é possível utilizá-la em situações oficiais, mas ela não é considerada a segunda língua do país.

Contudo, uma das ações que vem sendo desenvolvida através de políticas a nível municipal – com o fim de valorizar a língua local e incentivar sua manutenção – é o processo de cooficialização de línguas em municípios do país. Esse movimento político linguístico teve início no Brasil a partir de 2002, no Amazonas, com a cooficialização de três línguas indígenas no município de São Gabriel da Cachoeira: Baniwa, Neengatu e Tukano. Depois desse movimento inicial, outras línguas foram sendo colocadas em destaque e alcançando o prestígio de língua cooficial.

---

1 Estudos mais recentes apontam que há pelo menos 23 línguas de sinais de comunidades surdas no Brasil, o que corrobora a afirmação sobre a diversidade linguística no país. Ver em: <https://revistapesquisa. fapesp.br/pesquisas-desconstroem-imagem-do-brasil-como-um-pais-monolingue/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

2 Ver a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Conforme dados do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) referentes a outubro de 2022[3], já existem 22 línguas cooficiais em diferentes regiões geográficas, totalizando 51 municípios brasileiros. Dentre elas, 13 línguas autóctones (originárias ou nativas da região) em 10 municípios e 09 línguas alóctones (que foram introduzidas na região, podendo ser através de processos migratórios) em 41 municípios. Dentre essas línguas alóctones, as matrizes de origem predominantes são italiana, alemã, polonesa e ucraniana.

Neste artigo, damos destaque a uma língua alóctone cuja matriz de origem é alemã: o vestfaliano. Ela, que está presente no Brasil desde a segunda metade do século XIX, pode ser encontrada no interior do Rio Grande do Sul (RS), bem como na região sul de Santa Catarina (SC), ambos estados da região sul do Brasil. Vale ressaltar que essa língua é cooficial em um pequeno município do interior do RS chamado Westfália.

É objetivo deste estudo, o qual faz parte da pesquisa de doutorado que vem sendo desenvolvida pela autora na UFRGS sob a orientação do Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, definir o vestfaliano, descrever e documentar essa que é uma das 14 variedades do alemão faladas no Brasil identificadas por Altenhofen (2019), reunindo subsídios para documentar e mapear sua presença e sua história desde a matriz de origem até o novo meio. Esses registros contribuem para que, futuramente, seja possível construir um Atlas Linguístico do Vestfaliano (ALMA-W) e inventariar a língua, de modo que ela possa ser reconhecida política e linguisticamente como uma língua brasileira de imigração.

Dialeto ou língua, *Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*[4]: refletindo sobre as denominações

Vestfaliano ou *Westfälisch* é uma variedade linguística do baixo-alemão (*Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*), sendo um dos falares locais originários e ainda falados atualmente (mas com menos frequência, se comparado com alguns séculos atrás) na região norte da Alemanha. Na Europa, o vestfaliano é considerado um dialeto ou variedade regional. A denominação de *dialeto* tem, no senso comum, um componente de significado negativo. Essa concepção é,

3 Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

4 *Niederdeutsch* e *Plattdeutsch* são dois termos utilizados na Europa para nomear o baixo-alemão. Estas nomenclaturas e outros aspectos serão apresentados e discutidos neste subcapítulo.

porém, inadequada, já que definir uma variedade como língua ou dialeto é uma escolha puramente política. Todo dialeto tem gramática, estrutura e regras. De acordo com Coseriu (1982, p. 10), "Intrinsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e léxico".

Neste artigo, optou-se por denominar a variedade linguística de vestfaliano, com letra inicial "v", por diversos fatores, entre eles: i) o respeito à tradição de pesquisa e escrita da língua no Brasil, a partir de Vandresen (1970); ii) a orientação para a tradição de traduções do alemão – em geral, termos em língua alemã com "w" são traduzidos por "v" na língua portuguesa; iii) a representação, através da denominação, do vestfaliano em geral, falado na Europa e na América, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e não somente o vestfaliano falado no Vale do Taquari, nos entornos do município de Westfália.

Dito isso, é importante definir também o vestfaliano. Analisando sob a ótica do contexto europeu, sua matriz de origem, entende-se o vestfaliano como dialeto, já que na Alemanha e nos demais países de fala alemã as variedades regionais são consideradas dialetos. Conforme Coseriu (2017 [1980], p. 12), "[…] um dialeto é especificamente uma língua (= sistema linguístico) subordinada a uma língua histórica, ou melhor, delimitada no interior de uma língua histórica". Acredita-se que essa visão é adequada, nesse contexto, pelo fato de o vestfaliano ser um sistema linguístico que faz parte da língua histórica alemã. Pode-se criar uma analogia para entender melhor a ideia: se a língua histórica alemã fosse o tronco de uma árvore, o vestfaliano seria um de seus galhos. Dessa forma, pode-se entender que o vestfaliano tem sua origem no tronco linguístico da língua histórica alemã.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as variedades linguísticas regionais da Alemanha, dentre elas o vestfaliano, acabaram perdendo um grande número de falantes, devido à valorização da variedade padrão, que é uma variedade do alto-alemão, chamada de *Hochdeutsch*. Muitas famílias acabaram não ensinando mais a língua da família aos seus filhos e assim a língua local passou a ter contextos de uso mais restritos.

A partir de movimentos como o da carta europeia das línguas regionais e minoritárias, assinada em 1992 e implantada em 1999, no final do século XX e no início do século XXI iniciou-se um movimento de valorização das línguas autóctones e uma preocupação com seu ensino para as gerações seguintes. O *Niederdeutsch* passou a ser considerado uma língua regional, e desde lá vem sendo protegido como uma língua minoritária na Europa. Vêm sendo financiadas pesquisas para: a) identificação da presença das línguas locais nas comunidades (um exemplo é o projeto de atlas da região centro oeste da Alemanha, chamado *Dialektatlas Mittleres Westdeutschland* (DMW), que é desenvolvido

em parceria pelas universidades de Siegen, Münster, Paderborn e Bonn); propostas de ensino de línguas regionais como aulas optativas nas escolas de Anos Iniciais (como acontece em escolas públicas de Münster, bem como em escolas de Hamburg e de Schleswig-Holstein), ensino de línguas locais como matéria eletiva nos cursos de licenciatura (como na Universidade de Greifswald, no estado de Mecklenburg-Vorpommern, no norte da Alemanha), incentivo para a manutenção de grupos de pesquisadores sobre o baixo-alemão (por exemplo, *Centrum für Niederdeutsch* – CfA – em Münster e *Verein für Niederdeutsche Sprachforschung* – VndS –, com sede em Kiel e em Flensburg).

Como se pode perceber, *Niederdeutsch* é um termo usado nos textos científicos para definir o conjunto de línguas locais da região norte da Alemanha. Porém, as denominações usadas no cotidiano pelos falantes para designar o *Niederdeutsch* são *Platt* e *Plattdeutsch* (também *Plattdütsch*, *Plattdüütsch*, *Plattdütsk*, *Plattdüütsk*, *Plattduitsk*, entre outros). Esses termos, contudo, são polissêmicos e podem gerar confusões no que se relaciona à sua compreensão. Apesar de poder significar uma língua "plana" ou originária de região sem desigualdades de nível, mais retas, no sentido geográfico, *Platt* também pode se remeter a uma língua "simples", fácil de compreender e aprender, conforme Adler et al. (2016). No sentido sociolinguístico e dentro da área das políticas linguísticas, por sua vez, a escolha do termo pode demonstrar as atitudes, ideologias, crenças e valorações que circundam o baixo-alemão e seus falantes. Ao se dizer que uma língua é baixa em comparação a outra que é alta, por vezes, pode ser feita alusão a uma falsa ideia de que uma língua ou variedade é inferior a outra, que uma é boa e outra é ruim. Neste estudo, espera-se combater discursos polarizados e reforçar que todas as variedades linguísticas e línguas são válidas, têm estrutura e merecem ser faladas e estudadas.

Figura 1: Mapa situando a matriz de origem do vestfaliano, nas áreas dialetais de língua alemã na Europa

Fonte: Wiesinger (1983, p. 831, grifo nosso).



O *Niederdeutsch* é um termo que denomina um grupo de variedades faladas em uma determinada região. Podemos observar o mapa de Wiesinger (1983), na figura 1, em que são delimitadas as áreas dialetais do alemão na Europa. Nele, podemos ver uma linha mais escura que divide as variedades do baixo e do alto-alemão. Esta é a *Benrather Linie* ou *ick-ich Linie*, a qual marca geograficamente a divisa linguística existente na Alemanha. Como se pode ver, além do *Westfälisch,* outras variedades regionais ou dialetos, como *Brandenburgisch, Mecklenburgisch-Vorpommerisch, Nordniederdeutsch e Ostfälisch,* são considerados dialetos do baixo-alemão.

Além das variedades linguísticas apresentadas por Wiesinger (1983), alguns autores também consideram integrantes da família do baixo-alemão o *Frisisch* – falado mais ao norte, entre o rio Reno e o Mar do Norte, hoje território dos Países Baixos –, assim como o *Plautdietsch* falado pelos menonitas, proveniente da área onde se localiza o delta do rio Vístula, região que atualmente faz parte da Polônia.

Como se pode perceber, o baixo-alemão se faz presente na Europa, principalmente na Alemanha e em países próximos, como na Dinamarca e nos Países Baixos, por exemplo. Devido a fatores históricos e migratórios, o baixo-alemão pode ser encontrado em outros países fora da Europa, como nos EUA, no México, no Brasil, na Rússia, no Cazaquistão, entre outros.

Em consonância com Adler et al. (2016), o baixo-alemão está representado em nove estados da Alemanha, entre eles Brandenburg (na região norte do estado), Bremen, Hamburg, Hessen, Mecklenburg-Vorpommern, Niedersachsen, Nordrhein-Westfalen, Sachsen-Anhalt e Schleswig-Holstein. Dentro desse território, é possível encontrar vários dialetos regionais que fazem parte do baixo-alemão.

De acordo com o Instituto para o Baixo-Alemão (*Institut für niederdeutsche Sprache*)[5], há uma considerável diferença entre o baixo-alemão em relação ao médio e ao alto-alemão. Uma delas é fonética, relacionada à segunda rotação consonantal (*zweite Lautverschiebung*): as oclusivas surdas germânicas <p>, <t> e <k> se mantém no *Niederdeutsch*; no alto-alemão e no médio-alemão (de modo parcial) elas passaram a ser africadas ou fricativizadas, tornando-se <pf> ou <f>; <tz>, <z>, <ss> ou <s>; e <ch> respectivamente. Wiesinger (1983) também reconhece que a segunda rotação consonantal é um aspecto que tem influência nos contrastes entre as formas baixa e média/alta do alemão, já que resulta em diferenças estruturais da morfologia da flexão verbal, do vocalismo e do consonantismo.

Esses aspectos relacionados à segunda rotação consonantal são possíveis de ser identificados também no dialeto *Westfälisch*. Podemos observar o contraste <p> e <pf> no substantivo "pimenta", por exemplo: ele é "Pieper" em *Westfälisch* e "Pfeffer" em *Hochdeutsch*. O contraste <t> e <z> pode ser identificado no numeral "doze", em que se fala "twiälwe" em *Westfälisch* e "zwölf" em *Hochdeutsch*. O contraste <k> e <ch> pode ser representado no adjetivo "bonito", que, por sua vez, é "sköön" em *Westfälisch* e "schön" em *Hochdeutsch*.

5 Disponível em: <https://ins-bremen.de/projektbeschreibung/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Como se pode perceber, o interesse em olhar para o vestfaliano a partir de diferentes ponto de vista se faz presente neste estudo. A seguir, realiza-se uma descrição mais detalhada do vestfaliano na Europa.

Vestfaliano na matriz de origem: Vestfaliano Europeu

O *Niederdeutsch* é, como apresentado anteriormente, um termo guarda-chuva para um grupo de variedades. Por serem muitas e apresentarem características diferentes, elas são separadas em subgrupos de acordo com a localização geográfica. Dessa forma, temos as variedades de *Niederdeutsch* do leste (*Westniederdeutsch*) e do oeste (*Ostniederdeutsch*). Nesse sentido, é importante entender o vestfaliano no contexto de origem, em contato com outras variedades regionais do baixo-alemão.

O vestfaliano é originário do noroeste da Alemanha, região onde atualmente se localiza o estado da Renânia do Norte-Vestfália (*Nordrhein-Westfalen*). Além disso, essa variedade (considerada dialeto no contexto europeu, por seu aspecto local, como já mencionado anteriormente), também é falada em parte do sul do estado da Baixa Saxônia (*Niedersachsen*). Ele é uma forma linguística que apresenta uso predominante na oralidade. O vestfaliano, considerado um dialeto do baixo-alemão da região oeste, se faz presente ainda hoje em cidades como *Osnabrück*, *Bielefeld*, *Dortmund* e *Münster*, bem como em suas proximidades, como se pode ver na figura 2.

A Figura 2 foi retirada da gramática "Plattdeutsche Grammatik" e ela representa de forma cartográfica a localização das línguas na região mais ao norte da Alemanha. Por exemplo, a linha pontilhada em negrito da imagem 2 é chamada pelos autores de *maken-machen Linie* (também chamada de *Benrater Linie* ou *ick-ich Linie*, como já citado neste estudo). Ela representa a diferença fonética e fonológica das variedades do baixo e do médio/alto alemão. Enquanto o baixo-alemão vai usar a oclusiva velar surda <k>, o médio/alto alemão vai usar a glotal fricativa desvozeada <h>. Essa é uma diferença bastante marcante e contrastiva utilizada para identificar as regiões de baixo e médio/alto alemão.

Figura 2: Mapa dos dialetos do baixo-alemão subdivididos em grupos por localização geográfica
Fonte: THIES (2010, p. 29)



É interessante observar que nem sempre as fronteiras geográficas ou políticas coincidem com as fronteiras linguísticas. No caso do vestfaliano, esse aspecto é bastante representativo. Como se pode ver no mapa de Thies (2010, p. 29), esse dialeto do alemão é falado na cidade de Osnabrück, a qual é localizada ao sul do estado de Niedersachsen. Portanto, não é somente no estado de Nordrhein-Westfalen que o vestfaliano se faz/fez presente e é/foi falado.

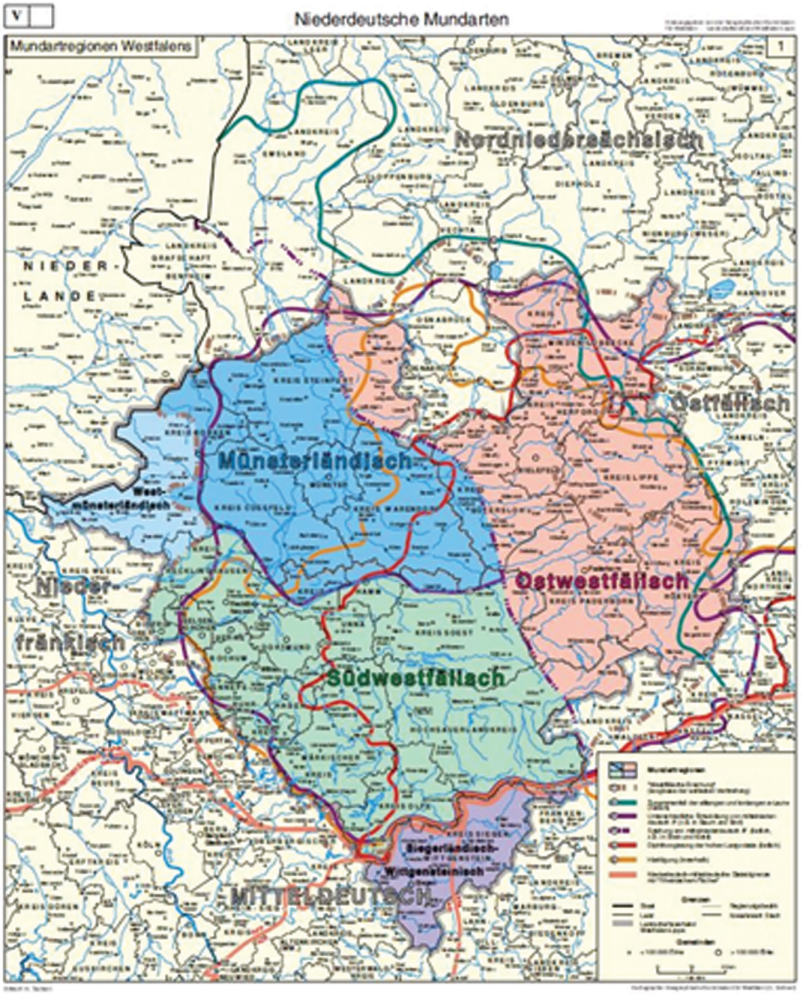
Em consonância com Elmentaler (2019), o vestfaliano pode ser considerado um dialeto especialmente conservador, por manter características mais antigas do baixo-alemão se comparado com outros dialetos da mesma família linguística. Podemos citar a pronúncia surda do som <s>, por exemplo, para o termo falar (*sagen* em alemão padrão). Em *Wesfälisch* a pronúncia é ['sɛgən], enquanto em *Nordniederdeutsch* é ['zɛgən]. É interessante reconhecer que o <s> surdo se mantém em outras variedades do alemão, como no hunsriqueano e no alemão austríaco.

Outro aspecto interessante é a amortização do hiato que se faz no vestfaliano através do uso de <g> ou <w>. Isso é perceptível nos verbos gritar (*schreien* em alemão padrão) e construir (*bauen* em alemão padrão), que são *schreggen* e *bowwen*, respectivamente, enquanto são as formas *schreen* e *boen/buen* em *Nordniederdeutsch*, conforme Elmentaler (2019, p. 559). Essas e outras características do *Westfälisch* vêm sendo registradas em um grande número de dicionários e de gramáticas desde 1884 até os dias atuais.

Ao olhar mais de perto para cada dialeto do baixo-alemão, vai-se percebendo a diversidade de falares que cada dialeto apresenta. Dessa forma, fica claro que também uma variedade ou dialeto não é homogênea, mas que apresenta variação. O mesmo se apresenta para o vestfaliano. Por isso, são definidos subgrupos do vestfaliano, buscando classificar cada qual de acordo com suas características, com fins de pesquisa e de conhecimento cada vez mais micro: com mais profundidade e de forma detalhada.

Figura 3: Mapa dos subdialetos do vestfaliano na Alemanha

Fonte: Disponível em: <https://www.uni-paderborn.de/nachricht/76501>. Acesso em: 10 mar. 2023.



O vestfaliano, uma das variedades do *Niederdeutsch,* faz parte do subgrupo do *Westniederdeusch*, e pode se dividir, portanto, em quatro grandes regiões dialetais: *Münsterländisch*, *Westmünsterländisch*, *Ostwestfälisch* e *Südwestfälisch*. Apesar de essas variedades apresentarem algumas diferenças de pronúncia

e de vocabulário, é possível intercompreensão entre falantes das subvariedades. Podemos ver os subdialetos no mapa acima, apresentado na figura 3.

Em Münster, por exemplo, fala-se *Münsterländisch* e há diversas iniciativas de manutenção da língua e da cultura. Através do lema "Das gute Leben" (a boa vida), busca-se transmitir a ideia de que a região Münsterland é diferenciada, especial, tanto para se trabalhar, viver, quanto para momentos de lazer. Além da bicicleta e do cavalo serem representativos para a imagem da região, que alia campo e cidade, a língua e a cultura são reconhecidas e valorizadas. Inclusive a língua também pode ser identificada na paisagem linguística: em fachadas de comércios mais tradicionais, em placas de ruas, em produtos artesanais locais.

Figura 4: Vestfaliano na paisagem linguística de Münster, em Nordrhein-Westfalen, na Alemanha

Fonte: Acervo da autora (2023).



Como se vê na figura 4, a primeira fotografia mostra um restaurante local (Töddenhoek) que faz alusão a um prato típico da culinária da região para denominar seu estabelecimento. *Töddchen* é uma espécie de ensopado de carne de porco, gado, cebola e temperos, e *Hoek*[6] significa canto, local pequeno. Assim, para quem não sabe o significado da palavra, talvez não fique claro que o estabelecimento seja de fato um restaurante.

O segundo registro é de uma placa com o nome de uma rua na região central de Münster: *Lütke Gasse*, que significa "pequeno beco ou rua". Já a terceira

6 Interessante mencionar que Hoek, em Holandês/Neerlandês, escrito da mesma forma, também significa "canto, lugar".

imagem é da marca de licores *Sei Lecker!*, produzidos em Everswinkel, município da região, mas comercializados em Münster. Uma das variedades de licor produzida pela empresa é de hortelã, *Fäffa Mint* em vestfaliano (*Pfefferminz* em alemão padrão). A escolha por usar o termo no dialeto regional também busca fazer alusão à tradição e à cultura local. Esses três exemplos de uso de termos do vestfaliano local na paisagem linguística[7] demonstram o movimento que vem sendo feito para a valorização do que é de cada região.

A seguir, procurarei descrever alguns aspectos do vestfaliano no Brasil, língua esta que já está nesse novo contexto há mais de 150 anos. Vejamos.

Vestfaliano no novo contexto: Vestfaliano Brasileiro

O vestfaliano, westfaliano ou *Westfälisch* (Wf.) é, de acordo com Koch (1974), um dos falares alemães/de origem teuta regionais e locais presente no Brasil, principalmente na região sul. Essa língua brasileira de imigração é denominada de Sapato-de-Pau, *Plattdüütsk*, *Plattdüütsch* ou simplesmente *Platt* pelos seus falantes na região do Vale do Taquari-RS. Entende-se o vestfaliano, no contexto brasileiro, como uma língua (AHLERT, 2019, 2022; VANDRESEN, 1970), por estar de certa forma desvinculada da matriz de origem e ser diferente em muitos aspectos (fonético-fonológicos, lexicais, gramaticais) das línguas à sua volta, como é o caso do português.

Pela minha experiência, até mesmo os falantes dessa variedade no sul do país não acreditam ser falantes de um dialeto. Parte dos descendentes de imigrantes vestfalianos com os quais convivo acreditam que "Vestfaliano é uma coisa, alemão é outra". Para corroborar essa ideia, trago um fato relatado no documentário "Berlim Brasil" (70 min, 2009) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ceHArefTMJQ>, dirigido por Martina Dreyer e Renata Heinz. Ele tem como personagens moradores de Teutônia e de Westfália, os quais contam fatos marcantes relacionados às suas vidas e às suas línguas maternas. Arnoldo Brune (*in memoriam*), residente na Linha Berlim Fundos (*Ächte Berliien*, em sua língua materna), falante de vestfaliano e de português, é um agricultor aposentado e ainda fabricante do tradicional sapato de pau utilizado pelos

7 É importante destacar uma iniciativa que vem sendo desenvolvida no norte da Alemanha, através do site <https://www.plattdeutsch-sammeln.de/search?fbclid=PAAaaBfS_iyQlniKiy2RdWHauPHoZ1nhwlgdi-0Gf1xungj-4ZBWfYogRyAA8>. Através dele, todos que possuem login podem tirar fotos do baixo-alemão presente na paisagem linguística, postar no site e georreferenciar, criando assim um acervo online do baixo-alemão acessível a todos que apresentam interesse no tema.

vestfalianos que emigraram ao Brasil para se proteger dos rigorosos invernos. Arnoldo relata que quando serviu o exército, o oficial brasileiro queria dar castigo aos descendentes de alemães. Arnoldo e um companheiro disseram que não eram alemães e que não tinham conhecimento dessa língua. Eles falavam vestfaliano, uma língua diferente. Dessa forma, segundo Arnoldo, ambos se livraram do castigo. Vestfaliano é mesmo uma língua especial!

Existem alguns poucos, mas interessantes estudos sistemáticos sobre o vestfaliano brasileiro. Vandresen (1970, 2006), em sua tese, pesquisou a fonologia do vestfaliano falado em uma comunidade católica de Rio Fortuna, em Santa Catarina, descendente dos imigrantes chegados ao Brasil em 1860. O autor conseguiu identificar e catalogar diversas pronúncias de vogais e consoantes no vestfaliano catarinense. Díaz (1996, 2004) descreveu a situação do vestfaliano falado em Linha Berlim, Westfália, no Rio Grande do Sul. Em sua tese, ela analisou como essa língua se adequou às características do novo meio, o contexto brasileiro, e incorporou marcas linguísticas das línguas em contato, com ênfase no português. Sulzbach (2004), em sua tese de doutorado, enfocou o contato entre o Hunsrückisch e o vestfaliano em Vila Schmidt, Westfália, no Rio Grande do Sul, analisando o uso ativo de cada língua na comunidade. Luersen (2009), em um artigo, comparou brevemente a situação linguística de duas comunidades distintas falantes de vestfaliano, uma no RS e outra em SC, identificando fatores que podem influenciar na substituição da língua de imigração pelo português, língua majoritária e oficial no Brasil.

Ahlert (2012), em sua especialização, pesquisou a cultura vestfaliana em um município do RS, considerando o cotidiano das famílias e as expectativas dos falantes em relação ao futuro do vestfaliano. Horst (2014)[8], por sua vez, em sua dissertação de mestrado, usando o modelo pluridimensional, fez um levantamento exaustivo e detalhado da variação do vestfaliano a nível lexical em quatro localidades do Vale do Taquari / RS.

Como estratégias para estabelecer maior *corpus* do vestfaliano falado no Brasil, há iniciativas recentes voltadas à escrita dessa língua de imigração. Em 2019 e 2022, Ahlert produziu, em parceria com o grupo Amigos do Sapato de Pau[9], trabalhos lexicográficos, como um dicionário e uma gramática. Também

8 É importante mencionar que esse estudo foi orientado pelo professor Cléo Vilson Altenhofen e ele é uma referência para os estudos posteriores. Ele contribui para a delimitação da comunidade e para a geração de dados com fins de construir um futuro Atlas Linguístico do Vestfaliano (ALMA-W).

9 O grupo Amigos do Sapato de Pau iniciou suas atividades em 2013, mas foi criado oficialmente através da Lei Municipal 1.375/2017. O grupo se encontra mensalmente,

é importante reconhecer a publicação de três textos em vestfaliano na obra *Mottersproch* (língua materna em português, *Muttersprache* em alemão padrão), organizada pelo projeto ALMA em parceria com CDEA e UFRGS, que conta com textos de diversas variedades de alemão. Nesta obra, Ahlert (2023), Werkhausen (2023) e Von Mühlen (2023) escrevem em vestfaliano, a língua materna dos autores, sobre o vestfaliano falado na sua família e seus usos ao longo da vida.

Olhando para a história dessa língua de imigração no Brasil, ela aparece, portanto, em duas áreas principais: no Vale do Taquari / RS (Colônia Estrela e Colônia Teutônia) e no Vale do Rio Capivari e Braço do Norte / SC (Colônia Teresópolis). As duas regiões e seus imigrantes apresentam características e percursos bastante distintos e interessantes.

Em SC, conforme Vandresen (1970, 2006), os falantes se instalaram na região onde hoje se localizam os municípios de Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Braço do Norte, São Ludgero, Armazém, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Grão Pará. Eles compõem uma comunidade católica, sendo que seus descendentes chegaram à região em 1860. A origem dos imigrantes não está bem clara, pois faltam estudos sobre a temática na região. Contudo, pode-se identificar na região a presença do colégio da Divina Providência, com freiras vindas de Münster, cidade alemã da Vestfália (VANDRESEN, 2006, p. 327). Pelos registros que se pode encontrar, as irmãs chegaram à região (mais especificamente em Tubarão, SC) a partir de 1895 e fundaram oficialmente uma escola em São Ludgero em 1912[10].

No RS, por sua vez, a região em que os falantes dessa língua se instalaram e onde ela ainda está presente se localiza nas redondezas de Colinas, Imigrante, Westfália, Teutônia e Estrela. São imigrantes de origem evangélico-luterana. Essa região foi colonizada por vestfalianos a partir de 1868, na segunda fase da colonização da Colônia Teutônia, na época, localizada em Estrela (LANG, 2015). Mais recentes e menores são os núcleos em Quinze de Novembro e em Panambi (emigrantes da Colônia Velha de Teutônia), que foram colonizados a partir de 1914 e 1919, respectivamente. Também em Itapiranga, SC, é possível identificar um núcleo menor de falantes de vestfaliano, provavelmente também

em geral na comunidade da Linha Berlim, em Westfália, com o intuito de praticar e estudar a língua, bem como planejar ações de manutenção, promoção e visibilização da língua. Ele também realiza postagens de vídeos e de conteúdos próprios em um uma página do Facebook e no YouTube. Ver em: <https://www.youtube.com/@amigosdosapatodepau4703>.

10 Ver mais em: <https://turismo.saoludgero.sc.gov.br/post-12226/>.

descendentes de colonizadores da Colônia Teutônia, chegados à região a partir de 1926.

De acordo com Koch (1974), o vestfaliano falado em uma parte do Vale do Taquari (mais especificamente na localidade de Linha Clara, no município de Teutônia) remonta à variante europeia falada no estado de *Nordrhein-Westfalen* (Renânia do Norte-Vestfália). Consonante com o estudo comparativo de Koch (1974, p. 61), o "vestfaliano de Linha Clara (abstraídas as influências do português e de dialetos francônios) corresponde à variante do vestfaliano falada na região de Tecklenburg, Lengerich e Osnabrück, particularmente à variante local falada numa pequena área situada 8 a 10 quilômetros a oeste da última cidade, o que corresponde aproximadamente à localidade de Hasbergen".

Um espaço que traz registros e bons indícios sobre a origem migratória das pessoas da cidade, servindo como como fonte histórica e genealógica, são os cemitérios. Conforme é possível identificar em algumas das lápides mais antigas, os primeiros imigrantes alemães de Westfália são, em sua maioria, originários das regiões de Tecklenburg e de Osnabrück. Alguns municípios ou distritos de origem dessa população são Lotte, Atter, Wersen, Gaste, Lengerich e Hellern. As figuras 5 e 6 reúnem alguns exemplos de dois cemitérios de Westfália que confirmam essa informação sobre a origem europeia dos imigrantes que vieram à região.

Figura 5: Exemplos de registros em lápides no cemitério de Linha Berlim, Westfália
Fonte: Acervo da autora (2023).



Figura 6: Exemplos de registros em lápides no cemitério luterano de Linha Schmidt, Westfália

Fonte: Acervo da autora (2023).



Para confirmar as informações encontradas nas lápides, é possível fazer comparações com dados genealógicos das famílias de origem alemã no Rio Grande do Sul, como com o material organizado pelo grupo de pesquisadores do Genealogia RS (Volumes I a III, publicados em 2015, 2017 e 2019, respectivamente). A última lápide da figura 6, por exemplo, é de Heinrich Wessel (registrado em documentos oficiais como Christian Heinrich Rudolf Wessel). Através das pesquisas feitas pelo Genealogia RS (2015, p. 395), sabe-se que ele chegou ao Brasil em 1871, vindo da região de Osnabrück, reino de Hannover, e logo se instalou na Picada Schmidt, pertencente à Colônia Teutônia. É interessante identificar que Heinrich nasceu em Gaste, mas trabalhou por mais de uma década em propriedades e firmas em Hellern, por isso a última cidade aparece na sua lápide, no cemitério luterano de Linha Schmidt. Esse fato histórico aponta que esse imigrante (e provavelmente muitos outros) já era "móvel" na matriz de origem e que tinha noções da variedade padrão e de outras variedades regionais inclusive antes de emigrar.

Nos exemplos das figuras 5 e 6, é interessante observar que a imigração ocorreu em massa e que a maior parte dos imigrantes instalados nessas comunidades ou picadas eram da mesma região na Alemanha. Lembrando que, à época da imigração alemã, ainda não existia uma Alemanha unificada, o que só se deu em 18 de janeiro de 1871. Mesmo a maior parte sendo de origem vestfaliana, não podemos negar a presença de inscrições nas lápides da região do Vale do Taquari que identificam a presença de origens diversas e que indicam contatos

interdialetais ou interlinguísticos de origem semelhante: Schlesien, Koblenz, Pommern, Áustria, entre outros.

Outro aspecto relevante é o uso da língua alemã padrão (ou alemão gramatical, como comumente se fala no Vale do Taquari) nas inscrições das lápides. O vestfaliano, no contexto brasileiro, não apresenta essa função. Seu papel principal é na comunicação oral da comunidade. À medida que os contatos com a língua portuguesa vão sendo mais constantes e devido a fatores históricos, as lápides de algumas décadas depois já apresentam inscrição em língua portuguesa, a qual assume a função de língua escrita na comunidade. Aqui cabe mencionar o período de proibição do alemão (além do italiano e do japonês, principalmente) em locais públicos, de obrigatoriedade do ensino do português como única língua e de fechamento de instituições culturais (corais, sociedades de tiro ao alvo, bolão, ginástica) dirigidas por imigrantes e seus descendentes. Isso ocorreu durante o movimento de nacionalização do Estado Novo (1939-1945), no governo de Getúlio Vargas. Esse movimento se intensificou ainda mais em 1942, quando o Brasil se colocou contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) na Segunda Guerra Mundial.

Ainda olhando para as lápides, o destaque dado à origem dos imigrantes na Europa à época da emigração (o que não aparece com tanta frequência nas lápides dos cemitérios das primeiras levas de imigrantes no Vale do Sinos, por exemplo) é um dado muito rico que nos permite traçar os caminhos percorridos e relacionar com o grupo linguístico de origem. Se observarmos as cidades ou povoados de origem dos vestfalianos indicadas nas lápides das figuras 5 e 6 e compararmos com a figura 3, podemos inferir que os primeiros imigrantes eram falantes de uma variedade de *Ostwestfälisch*, estando próximo à fronteira com o *Münsterländisch* (dois subtipos de vestfaliano), bem como com o *Nordniedersächsisch* (um outro dialeto do baixo-alemão). Portanto, a variedade trazida ao sul do Brasil, mais especificamente ao Vale do Taquari, tinha contato com outras variedades e, no Brasil, foi desenvolvendo outras. Tudo isso resultou na rica e bela língua que se fala ainda hoje.

Considerações finais

Este capítulo buscou descrever e documentar a presença da língua de imigração vestfaliana na Alemanha e no Brasil, trazendo reflexões sobre o percurso histórico da língua, descrevendo algumas de suas características e aspectos relevantes, bem como apresentando brevemente sua configuração na atualidade.

Pudemos identificar em mapas relevantes para a pesquisa sociolinguística a localização do vestfaliano, entendendo que as fronteiras linguísticas muitas

vezes não coincidem com as fronteiras geográficas e políticas. Reconhecemos algumas iniciativas para a manutenção do vestfaliano - que vem perdendo falantes tanto no contexto europeu quanto no contexto brasileiro - através da análise da paisagem linguística de Münster, uma cidade alemã localizada em *Nordrhein-Westfalen*. Ainda comparamos as inscrições de algumas lápides de dois cemitérios localizados no município de Westfália e inferimos que os primeiros imigrantes vestfalianos a chegar no Vale do Taquari, mais especificamente nessa comunidade, eram falantes de um subdialeto do vestfaliano chamado *Ostwestfälisch*.

Concluímos dizendo que ainda há muito o que estudar e aprender sobre o vestfaliano. As orientações com o professor Cléo me motivam a olhar para esse contexto com sempre mais curiosidade, interesse e respeito, além de proporcionar momentos de reflexão e de encantamento pelos tempos e espaços estudados, por meio do amor que o professor tem pela pesquisa. Também me impulsionam a ter um olhar mais amplo para o contato entre as variedades linguísticas, não analisando uma língua de forma isolada, mas reconhecendo a área em estudo como uma territorialidade em que se dá o encontro entre línguas e no qual as pessoas buscam intercompreensão. Desta forma, olhar para o vestfaliano em contato com as outras línguas, dentro do Projeto ALMA, vislumbrando um futuro ALMA-W.

Por fim, outro ensinamento que carrego como herança acadêmica, de pesquisa e reflexão, é a de que não podemos nos esquecer de como é bom visitar as comunidades e os informantes (deixando tudo registrado no caderno de campo), de "dar voz e ouvidos" às línguas locais, lembrando de buscar um equilíbrio: valorizar o antigo, o histórico, o passado, sem deixar de olhar para a realidade atual, o novo, o presente, vislumbrando ainda a posteridade, o porvir, o futuro. Reconhecer a importância da carreta de boi, sem deixar de valorizar o trator! Dar valor ao vestfaliano do passado, considerando as suas configurações atuais e desejando vida longa a ele, a seus falantes e aos projetos para sua manutenção.

Referências

ADLER et al. (2016). *Status und Gebrauch des Niederdeutschen 2016: Erste Ergebnisse einer repräsentativen Erhebung*. Disponível em: <https://ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/deliver/index/docId/9037/file/Adler_Ehlers_Goltz_Kleene_Plewnia_Status_und_Gebrauch_des_ND_2016.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

AHLERT, Lucildo. *Cultura westfaliana: percepções sobre a sua realidade, importância e expectativas futuras no município de Westfália*. 2012. 69 f. Monografia (Especialização em Aprendizagem da Língua Alemã). Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI), 2012.

AHLERT, Lucildo. *Dicionário da língua westfaliana brasileira: histórias e contos Westfalianos*. Edição do Autor, 2019.

AHLERT, Lucildo. *Gramática da língua westfaliana brasileira: expressões do cotidiano dos westfalianos.* Lajeado: Edição do Autor, 2022.

AHLERT, Lucildo. Miiene Muttersprauche in Liäben – Un dat Liäben van miiene Muttersprauche - Minha língua materna na vida e a vida da minha língua maternal. In:

ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (org.). *Die„Mottersproch" in der Vielfalt des Deutschen: a língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257884>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ALTENHOFEN, Cléo V. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil. In: *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* (RILI), Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83–93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V. O "território de uma língua": ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). Línguas em contato: onde estão as fronteiras? Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69–103.

ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: Ammon, Ulrich; Schmidt, Gabriele (Eds.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte.* Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. p. 531–551.

COSERIU, Eugenio. "Língua histórica" e "dialeto". Trad. Carolina Falck Grimm. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, p. 9–27, jan/jun 2017 [1980]. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002. Acesso em: 22 fev. 2023.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

DÍAZ, Norma Esther. "... und in welcher Sprache träumt du?" "Da kür ik ma português". In: RADTKE & THUN (Herausgeber). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie* (Heidelberg/Mainz, 21–24.10.1991). 1996.

DÍAZ, Norma Esther. *Sprachkontakt in Novo Berlim (Rio Grande do Sul)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2004.

DREYER, Martina; HEINZ, Renata. *Documentário Berlim Brasil*. Porto Alegre: Cumbuca Filmes, 2009. 70min.

ELMENTALER, Michael. Nordniederdeutsch, Ostfälisch, Westfälisch,

Nordrheinmaasländisch. *II. Die Sprachräume des Deutschen*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2019. p. 550–590.

GENEALOGIA RS. Famílias de Origem Alemã no Rio Grande do Sul: volume I. Porto Alegre: EST Edições, 2015.

GENEALOGIA RS. Famílias de Origem Alemã no Rio Grande do Sul: volume II. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

GENEALOGIA RS. Famílias de Origem Alemã no Rio Grande do Sul: volume III. São Leopoldo: Oikos, 2019.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado em Letras). 2014. 231 f. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da URGS/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

LANG, Guido. *Os colonizadores da Colônia Teutônia*. Porto Alegre: Editora Pradense, 2015.

LUERSEN, Werkhausen Rosane. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. In: *Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora*. Visões no 7. p. 70–87, 2009.

MAHER, Terezinha Machado. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: *Política e Políticas Linguísticas*. NICOLAIDES, Cristiane; SILVA, Kleber Aparecido da; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). Campinas/SP: Pontes, 2013. p. 117–134.

SPIEKERMANN, Helmut H. et al. (Org.) . *Dialektatlas Mittleres Westdeutschland (DMW)*. Siegen: Universität Siegen. Disponível em: <https://www.dmw-projekt.de/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SULZBACH, Luciana. *Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch*. Universität Hannover, 2004.

THIES, Heinrich. *SASS - Plattdeutsche Grammatik: Formen und Funktionen*. Wachholtz Verlag Neumünster: Glinde, 2010.

VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Porto Alegre. Tese de Livre Docência em Letras: PUCRS, 1970.

VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

VON MÜHLEN, Fernanda. Däi Muttersprauche tüsken inhaulen un upgiben: dat Plattdüütske in miiene Familge - A língua materna entre a perda e a manutenção: o vestfaliano na minha família. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (org.). *Die„Mottersproch" in der Vielfalt des Deutschen: a língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257884>. Acesso em: 11 jan. 2023.

WERKHAUSEN LUERSEN, Rosane. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. In: *Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora*. Visões nº 7. p. 70–87, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8752786-A-situacao-de-contato-plurilingue-no-sul -do-brasil.html>. Acesso em: 11 jan. 2023.

WERKHAUSEN, Rosane. Miiene Muttersprauche in miien Liäben: dat Platt uut Berliien in Brasilgen - Minha língua materna em minha vida: o vestfaliano de Berlim, no Brasil. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (org.). *Die„Mottersproch" in der Vielfalt des Deutschen: a língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/ 10183/257884>. Acesso em: 11 jan. 2023.

WESTFÁLIA. *Lei nº 1302, de 16 de março de 2016*. Dispõe sobre a cooficialização da língua do Plattdüütsch (Sapato de Pau), à língua portuguesa no município de Westfália e dá outras providências.

WESTFÁLIA. *Lei nº 1375, de 16 de março de 2017*. Cria o grupo Amigos do Sapato de Pau e dá outras providências.

WIESINGER, Peter: Die Einteilung der deutschen Dialekte. In: *Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung*. Hrsg. von BESCH, Werner [u.a.]. 2. Halbband. Berlin; New York, de Gruyter, 1983. S. 807-900. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft; 1.2.

Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst

A relevância de fatores extralinguísticos na manutenção e substituição linguística nos diferentes domínios de uso das línguas a partir de dados do projeto ALCF

Abstract: Our objective with this article, in honor of our colleague Cléo Vilson Altenhofen, is to present an overview of the current linguistic situation in western Santa Catarina. Starting from a theoretical overview approaching the topic of bilingualism and language contact from the perspective of authors such as Mackey (1972), Romaine (1995), Grosjean (1997, 2007)), Kloss (1967) and Clyne (2003) and, based on the data collected by the Atlas of Languages in Contact at the Border (ALCF), we present some questions that highlight the replacement and maintenance of minority languages to the detriment of Portuguese in contexts of multilingualism. External factors such as the creation of municipalities and along with them, the creation of new jobs, qualified labor, the entry of non-speaking people of that variety into the region. From this, mixed families were formed in which Portuguese often prevailed as the language of communication. The results of these contacts can be seen during the work based on the graphs presented for each municipality/variety analyzed.

Keywords: Bilingualism, Linguistic maintenance/replacement, Extralinguistic factors, West Santa Catarina.

1. Considerações iniciais

Pretendemos, com o presente capítulo, apresentar um panorama do atual estágio de manutenção e/ou substituição (Fishman, 2006) das variedades de imigração *Deitsch/Deutsch*[1], *talian*, Polonês local[2] e Espanhol de fronteira em relação ao português, em dez municípios que fazem parte da rede de pontos do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense,

1 Definições mais frequentemente registradas pelos informantes nos pontos de contato português-alemão no Oeste de Santa Catarina. Também em pesquisas prévias de Altenhofen (1996), Horst (2011), Krug (2011) e Horst e Krug (2021), foram registrados *Deitsch/Deutsch*.

2 Definição dada pelos informantes de Nova Erechim/SC e Áurea/RS e adotadas por Wepik (2017) & Krug, Horst e Wepik (2017).

doravante ALFC: OC. Destacamos a influência de fatores extralinguísticos registrados nos domínios de uso da língua – família, escola e sociedade – para a manutenção ou substituição das línguas minoritárias. Ademais, correlacionamos as informações, assim como elucidamos fatores históricos que motivam essa dinâmica entre línguas na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (doravante DPR) de Thun (2010).

Muitas questões vivenciadas e estudos realizados, tanto na Europa, quanto na América do Norte, Ásia e Oceania, que envolvem fatores linguísticos decorrentes de imigrações nos séculos XIX e XX, também existem na região Oeste de Santa Catarina, porém, apenas atualmente, com a imigração recente, são vivenciados mais intensamente e estudados com maior proximidade. Estudos como os de (Mackey, 1972; Romaine, 1995; Grosjean, 1997, 2007; Kloss, 1967; Clyne, 2003), nos auxiliam para melhor entendermos o que leva os nossos informantes a manterem ou a substituírem a variedade linguística de imigração pelo português.

Os dados linguísticos provêm de pesquisas de campo realizadas no grupo de pesquisa ALCF: OC, tanto a nível de Iniciação Científica, de Graduação (Trabalhos de Conclusão de Curso) e de Mestrado (Dissertações). Todas estas pesquisas seguiram a metodologia da DPR de Thun (1996, 1998, 2005, 2010), o que possibilita e facilita a análise relacional dos dados dentro de diversas dimensões coletadas.

De forma geral, nossos dados trazem uma macrovisão da atual situação do bi-plurilinguismo na região Oeste de Santa Catarina e vale ressaltar que, o que descrevemos aqui, cobre apenas uma parte do que há na região em termos de bi-plurilinguismo, pois ainda estamos trabalhando na coleta de dados para o ALCF-OC (Horst e Krug, 2021).

Mackey (1972) define o bilinguismo como um fenômeno relativo, uma vez que, para o autor, é preciso verificar em que medida o indivíduo é bilíngue, considerando o grau, a função, a alternância e a interferência. Considerando os tipos de aquisição bilíngue sistematizados por Romaine (1995)[3], podemos verificar que uma língua de base oral pode dar ao indivíduo, por assim dizer, o status de bilíngue, assim como no tipo 2 de aquisição bilíngue: língua doméstica não dominante – um ambiente – uma língua, quando os pais falam uma ou até duas línguas não dominantes em casa e no ambiente social as crianças entram

3 Vide Horst e Krug (2020), onde detalhamos os seis tipos de bilíngue descritos por Romaine (1995) incluindo um tipo sete, a citar: pais que ensinam sua língua estrangeira aos filhos, sem terem o suporte, nem da escola, nem da comunidade.

em contato com a língua dominante. No exemplo apresentado, citando Fantin (1985 *apud* Romaine, 1995), são destacados os fatores positivos considerando a formação de uma consciência metalinguística e um biculturalismo precoce. Ainda Grosjean (1997, 2007)) salienta a importância dos domínios de uso das línguas, uma vez que uma língua pode ter mais sentido em um domínio da vida do falante, mas não no outro, o que deixa evidente que o falante bi- ou plurilíngue pode não ter o mesmo grau de proficiência nas suas línguas.

A seguir, apresentamos a diversidade de línguas no oeste catarinense, com base nas pesquisas que foram realizadas pelo grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF.

2. A diversidade linguística no Oeste Catarinense: o que as pesquisas apontam.

Organizar um banco de dados linguísticos com uma diversidade de línguas de determinada região é inovador e desafiador, o que vem possibilitando muita aprendizagem para todos os envolvidos. A partir do mapeamento do Oeste de Santa Catarina (Horst, Krug e Fornara, 2017), nos deparamos com uma realidade linguística ainda mais complexa e diversa do que havíamos imaginado. Segundo dados coletados nos sites das prefeituras, conseguimos registrar a presença de 12 variedades linguísticas, que convivem entre si e que evidenciam os assim chamados por Thun (2010), de complexos linguísticos.

Para conhecer a diversidade linguística existente no Oeste Catarinense, apresentamos nos quadros 1 e 2 a rede de pontos do ALCF – OC com a descrição das variedades de imigração e de línguas autóctones lá registradas. Este levantamento de dados foi o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, realizada em 2015, com base nos sites das prefeituras. Além das informações contidas nos sites dos municípios do Oeste de Santa Catarina, contamos com os dados empíricos coletados *in loco* em dez pontos, que aparecem em destaque no Quadro 1, a citar: Dionísio Cerqueira, Tunápolis, São João do Oeste, Mondaí, São Carlos, Nova Erechim, Saudades, Chapecó, Cunha Porã e Coronel Freitas.

Quadro 1: Distribuição dos pontos de coleta do ALCF – Caminhos da Fronteira

Ponto(s)	**Município(s)**	**Língua(s) registrada(s)**
1	**Dionísio Cerqueira**	Espanhol de Fronteira, Italiano e Alemão
2	Anchieta	Predominância Italiana (mas tem alemães)
3	Palma Sola	Italianos e alemães (distância geográfica em relação aos outros pontos)
4	São José do Cedro, Princesa, Guarujá do Sul e Guaraciaba	Alemães e italianos (em Princesa predominância alemã e em São José do Cedro predominância italiana)
5	Descanso e Belmonte	Predominância Polonesa
6	São Miguel Do Oeste, Bandeirantes, Barra Bonita e Paraíso	Alemães e Italianos (em Paraíso predominância alemã)
7	Iporã Do Oeste e **Tunápolis**	Alemã
8	Itapiranga e **São João do Oeste**	Alemã
9	Santa Helena	Predominância italiana (5 km de Tunapólis)

Fonte: Relatório de projeto de iniciação científica. Horst e Fornara (2015)

Quadro 2: Distribuição dos pontos de coleta do ALCF – Grande Oeste

Ponto(s)	**Município(s)**	**Língua(s) registrada(s)**
10	Riqueza, Caibi, **Mondaí**	Alemães e italianos. Predominância alemã.
11	**São Carlos**	Predominância alemã
12	Palmitos	Italianos e alemães. Predominância italiana
13	Iraceminha, Flor do Sertão, São Miguel da Boa Vista e Romelândia	Mesma proporção de alemães e italianos. Há poloneses
14	Tigrinhos, Serra Alta e Bom Jesus do Oeste, Saltinho	Predominância alemã na maioria dos pontos
15	Águas de Chapecó	Italianos (outras descendências após a construção de uma barragem)
16	Guatambu, Caxambu do Sul e Planalto Alegre	Predominância italiana
17	**Nova Erechim**	Italianos, alemães e poloneses

Quadro 2: Contínua

Ponto(s)	Município(s)	Língua(s) registrada(s)
18	**Chapecó**	Diversidade de etnias (italiana, alemã, paraguaia, haitiana, venezuelana, polonesa, tailandesa, chinesa, árabe, francesa, Kaingang, Guarani…)
19	Cunhataí, **Saudades e Cunha Porã**	Predominância alemã
20	Águas Frias, Jardinópolis, União do Oeste, Irati e **Coronel Freitas**	Predominância italiana
21	Maravilha	Diversidade de etnias
22	Pinhalzinho	Diversidade de etnias (predominância de italianos)
23	Modelo	Predominância Alemã
24	Xaxim e Cordilheira Alta	Predominância italiana. Realizar pesquisa em Xaxim por maior diversidade de etnias
25	Quilombo, Formosa do Sul e Santiago do Sul	Predominância italiana, porém há alemães
26	Marema e Lajeado Grande	Predominância italiana
27	Entre Rios e Ipuaçu	Presença de reserva indígena Kaingang e Guarani
28	São Domingos	Predominância italiana, mas há indígenas Kaingang
29	Xanxerê	Diversidade de etnias
30	Faxinal dos Guedes, Vargeão, Ponte Serrada e Passos Maia	Predominância italiana, mas há presença de outras etnias
31	Abelardo Luz	Descendentes alemães e italianos (presença indígena)
32	Bom Jesus e Ouro Verde	Predominância italiana
33	Coronel Martins, Galvão e Jupiá	Predominância italiana
34	São Lourenço do Oeste	Diversidade de etnias
35	São Bernardino e Novo Horizonte	Italianos e alemães
36	Campo Erê	Possibilidade de predominância italiana (tinha forte presença indígena)

Fonte: Relatório de projeto de iniciação científica. Horst e Fornara (2015)

A partir do Quadro 1, resultado de um estudo realizado por Horst, Fornara e Krug (2017), podemos observar o quão bi-/plurilíngue é a região Oeste de Santa Catarina. Os autores apontam que

> (…) é interessante observar que todos os municípios pesquisados apontam, em seus históricos, para o uso de ao menos uma língua minoritária além da variedade do português, sendo que mais da metade deles apontam para a presença de duas ou mais línguas minoritárias, ressaltando a composição de um território multilíngue. Em suma, todos os dados têm tendência à manifestação e explicitação da diversidade, nunca ao monolinguismo Horst, Fornara e Krug (2017, p. 7).

A partir desse levantamento, é possível ver que há muito a se fazer na região oeste, no que diz respeito às pesquisas linguísticas. Vale destacar que outros atlas linguísticos como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) e o Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) já trazem estudos de cidades que consideraram um "tipo representativo", porém só de algumas cidades isoladas e que não representam a grande maioria. Além disso, os enfoques estavam voltados para a língua portuguesa nos dois primeiros e, no terceiro, para uma variedade do alemão. Com esses atlas é possível ter uma visão macro da situação linguística, entretanto, a grande maioria dos residentes nos outros municípios não se sentem representados pelas pesquisas. Nesse sentido, uma pesquisa também macro, mas com um enfoque micro na perspectiva de valorizar o bi-/plurilinguismo na região faz todo o sentido.

Outro dado que precisa ser debatido e melhor analisado é, quando se faz o levantamento de dados nos municípios, geralmente, é fácil encontrarmos os informantes mais velhos (acima de 55 anos) fluentes na variedade de imigração tanto da Classe alta (Ca), quanto da Classe baixa (Cb), porém, na grande maioria dos municípios, encontrar os informantes mais jovens (de 18 a 36 anos), que ainda falam a variedade de imigração, não é tarefa tão fácil. Em muitos casos, é necessário procurá-los pelos interiores longínquos, mais isolados dos centros urbanos, o que demonstra que cada vez há menos falantes das variedades de imigração. Na sua grande maioria, esses informantes convivem ou conviveram com os avós na mesma casa ou morando por perto.

Nossa constatação mais uma vez condiz com o que Kloss (1967) apontava sobre o isolamento e as pequenas ilhas linguísticas, o que nós poderíamos chamar de domínios linguísticos familiares, pois são variedades faladas por algumas famílias. Já no caso da fronteira entre Brasil e Argentina, onde é falado o portunhol, registramos uma realidade em que a língua tem uma função majoritariamente econômica (Kusy, 2019). Essas informações, quando vistas num mapa linguístico, podem não representar com tanta exatidão o ponto em estudo e não condizer com a atual realidade, pois no mapa apenas aparece que existem falantes, mas geralmente a informação de quantos falantes realmente existem ou de quão difícil foi encontrar um informante no ponto inquerido não

fica tão explícita. Com isso, não queremos diminuir o valor de um Atlas Linguístico, pelo contrário, queremos salientar sua importância, pois eles nos dão pistas a partir de uma visão macro em relação a existência ou não de falantes de determinada variedade, chamado por Thun (2010) e destacados também em Krug e Horst (2022) como "mapa ponto referencial fenotípico". A partir das pistas encontradas nos mapas, precisamos ter noção de que, ao mapearmos um único falante no município sendo ele da geração mais jovem ou mais velha, ele não representa a maioria dos informantes daquele ponto de pesquisa. Ainda é preciso encontrar um método que aponte para essa lacuna e nos traga dados mais precisos.

3. Perceber os fatores extralinguísticos para entender os complexos linguísticos.

Clyne (2003) apresenta em sua obra *"Dinamics of Language Contact",* fatores de manutenção e de substituição das variedades alemãs dos imigrantes que, a partir dos anos de 1850 imigraram da região da Silésia, Prússia e Saxônia, na antiga Alemanha, para a região de Victória, na Austrália. Por se tratar de diferentes variedades advindas da Alemanha, ele pontua a igreja e a escola como principais homogeneizadoras dessas variedades. Em seguida, a Segunda Guerra Mundial colaborou para o rápido declínio das chamadas ilhas linguísticas (*Sprachinseln*) e contribuiu para a estigmatização das variedades do alemão, fazendo com que os seus descendentes se negassem a repassar a variedade. Outro fator que corroborou para a substituição foi o crescimento demográfico e a densidade populacional em grandes centros urbanos. Sem contar, com o preconceito da língua da sociedade sobre a língua da comunidade, descritas por Maehlum (2010).

Tais fatores extralinguísticos também podem ser aplicados e registrados no Oeste de Santa Catarina, como veremos adiante. É preciso levar em consideração outros fatores que, em consonância com o que já traziam Kloss (1967) e Clyne (2003), contribuíram para esse abandono da língua de imigração ou de fronteira. Dentre esses fatores podemos citar: i) o ano de emancipação do município; ii) os casamentos interétnicos; iii) os meios de comunicação em massa; iv) a proibição das línguas de imigração na Era Vargas; v) a alfabetização, o contato com a escola; vi) a religião; vii) co-oficialização de línguas a nível municipal; viii) comércio e economia, dentre outras. Enfim, podemos pressupor que, visando o atual estágio da modernidade, no momento em que uma língua deixa de ser "importante" a nível econômico, seja na sociedade local, regional ou a nível global, ela deixa de ser interessante e passa para um estágio de abandono

e substituição por uma variedade de maior prestígio. Vejamos como se deu/dá e o que corroborou para que ocorresse a substituição e ou a manutenção das variedades de imigração e de fronteira na região do ALCF-OC.

Daremos início com a emancipação dos municípios na região do ALCF – OC. O município mais velho e mãe de todos é Chapecó, criado em 1917, com a extensão do que hoje denominamos Oeste Catarinense. Na sequência, tivemos três grandes levas de municípios que se emanciparam: a primeira, na década de 1950 e a segunda na década de 1960. Nessas duas levas, muitos municípios foram formados e povoados, principalmente por descendentes de alemães, italianos e poloneses, vindos do Rio Grande do Sul. A terceira leva ocorreu, segundo Tomio (2002), após a Constituição de 1988, diferente dos primeiros, a população desses municípios foi formada, principalmente, por filhos e netos dos descendentes de imigrantes, migrados nas décadas de 1950 e 1960 do Rio Grande do Sul.

Com essas emancipações, foram criados novos setores administrativos nas prefeituras e, consequentemente, novas vagas de emprego e o aumento populacional do município, fatores que corroboram com Kloss (1967) e Clyne (2003), por tirar a localidade do anonimato e do isolamento social. Um dos fatores que exige o uso do português é o trabalho, que integra um importante domínio de uso da língua (Grosjean, 2007), que é comum à maioria dos falantes. Muitas dessas vagas de emprego, em alguns casos, necessitam mão de obra qualificada e especializada que precisa vir de fora do município. Consequentemente, a entrada de pessoas que não dominam as variedades de imigração locais contribui para que a língua portuguesa se torne a língua de comunicação mais comum nesses setores, acelerando a acomodação linguística em língua portuguesa.

Além da administração pública, também a abertura de agências bancárias, agências de novos postos de correios, postos de saúde com médicos especializados contribuem ainda mais para a substituição da variedade de imigração pela variedade do português. Na maioria das vezes, o município passa a acolher profissionais concursados de outras cidades e estados e esses passam a integrar aquela comunidade e transformar o cenário linguístico. Esses pais e filhos começam a frequentar os mais diversos locais da sociedade, como por exemplo, escola, igreja, festas, comemorações esportivas etc, possibilitando o contato e a troca linguística.

Uma das perguntas feitas em nossas entrevistas é: "onde você ainda fala a sua variedade de imigração ou de fronteira no município", levando em consideração os locais como comércio, igreja, postos de saúde e sindicatos, conforme apresentado no quadro 3 e gráficos 1 e 2. Vale ressaltar que nossos

exemplos aqui apresentados são de municípios, cujo contato português-talian e, português-*Deitsch/Deutsch* predominam, respectivamente. Considerando as seguintes perguntas do questionário de Krug (2013):

> 1) Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município; a) no correio, b) no mercado/lojas, c) no sindicato, d) no restaurante, e) na prefeitura, f) no posto de saúde, g) no confessionário, h) no posto de gasolina, i) no trabalho.

A partir das respostas dos informantes, é possível identificar a importância dos domínios de uso das línguas trazidos por Grosjean (1997, 2007) e inferir, inclusive, o grau de bilinguismo da cidade. Sabendo que o informante é bilíngue, é preciso levar em conta o grau de bilinguismo do interlocutor.

A seguir, apresentamos os dados das cidades de Nova Erechim, Chapecó e Coronel Freitas (+Ita), Saudades e São Carlos (+Ale). Percebemos que o ritmo da substituição do *talian* está muito mais acelerado em comparação com as duas cidades de descendência alemã. Como podemos ver no quadro 3, mesmo os nossos informantes sendo falantes de *talian*, não é possível falar a variedade em determinados locais pela falta de um interlocutor. Em outros casos, conforme relatos apontados em caderno de campo, nossos informantes não se sentiam bem falando sua variedade minoritária em locais públicos.

Quadro 3: Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Chapecó – + urbano e + rural)

Fonte: Matozo (2018, p. 66)

	CaGII -H-R	*CaGII -M-R*	*CaGI- H-R*	*CaGI- M-R*	*CbGII -H-R*	*CbGII -M-R*	*CbGI- H-R*	*CbGI- M-R*
No Correio	○	○	○	○	○	◑	○	○
No mercado	○	○	○	○	○	○	○	○
No sindicato	○	○	◑	○	○	○	○	○
No restaurante	○	○	○	○	○	○	○	○
Na prefeitura	○	○	○	○	○	○	○	○
No posto de saúde	○	○	◑	○	○	○	○	○
No confessionário	○	○	○	○	○	◑	○	○
No posto de gasolina	○	○	○	○	○	◑	○	○
No trabalho	○	○	◑	○	○	◑	○	◑

LEGENDA	
●	*Talian*
◑	*Pt.*-RS/*talian*
○	*Pt.*-RS

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Matozo (2018) aponta em seu levantamento de dados na cidade de Chapecó, com mais de 200 mil habitantes, que pouquíssimas pessoas ainda falam *talian* nos setores públicos. No quadro 3, é possível observar que os informantes residentes no município de Chapecó, raras vezes, falam a sua variedade minoritária

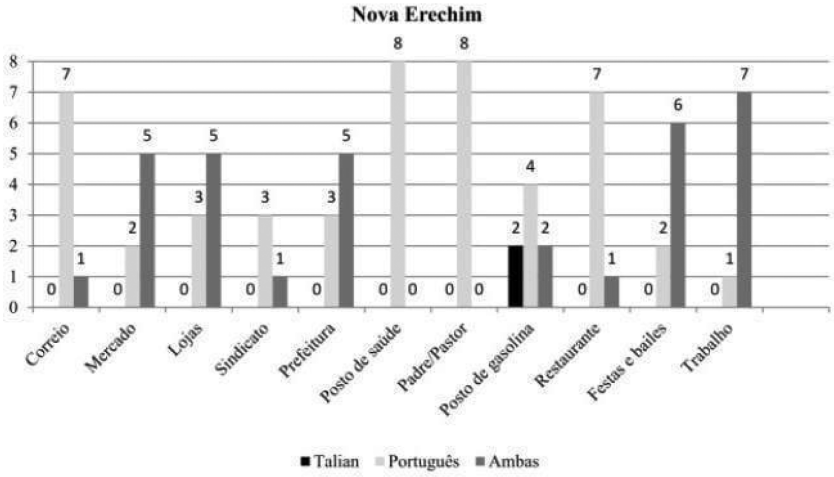
nos estabelecimentos públicos. Estes dados corroboram com o que Kloss (1967) e Clyne (2003) apontam em seus estudos, ou seja, quanto maior a densidade demográfica, mais difícil de se manter a variedade de imigração. Também Grosjean (2007), quando fala dos domínios de uso da língua e, em se tratando de um contexto de predomínio português, num centro urbano maior, o domínio das variedades de imigração ficam mais fracas e até prejudicadas por causa da necessidade de aculturação.

No gráfico 1, de Fornara (2019), temos os dados da cidade de Nova Erechim, uma cidade com um pouco mais de cinco mil habitantes, onde descendentes de italianos e de poloneses dividem o espaço com os lusodescendentes. Nesse ponto, o uso de *talian* se manteve mais forte em comparação a Chapecó. Dentre os possíveis motivos da manutenção dessa variedade, está o tamanho do município e o domínio da língua de imigração tanto nas famílias, quanto na vida pública e no comércio local. Chamamos a atenção para o número de informantes que disseram que utilizam o *talian* no trabalho, nas festas, nas lojas e no mercado, ou seja, isso reforça que a língua de imigração é mantida no meio familiar e em ambientes de trabalho onde não houve a necessidade de contratar pessoas de fora do município. Já nas funções mais específicas, como por exemplo, nas agências dos correios, nos postos de saúde, o padre/pastor, o uso da variedade minoritária isso não é possível, pois os interlocutores não são fluentes em *talian*.

No caso de Nova Erechim, percebe-se que há um interesse por parte da população em manter a variedade do italiano viva e registrada, pois segundo dados do IPOL, 2022, desde 2015, com base na lei 1783/2015, o *talian* é considerada língua co-oficial em Nova Erechim. Porém a pergunta que convém fazer é, até que ponto essa co-oficialização tem poder sobre os domínios da variedade nos mais diversos setores da vida pública e privada? Em outras palavras, uma co-oficialização da variedade num município brasileiro é diferente, em termos legais, da co-oficialização da língua na Suíça, no Canadá ou na União Europeia, por exemplo. Nestes países o cidadão tem o direito de usar sua variedade co-oficial em todas as instâncias de domínio público ou privado, enquanto que nos municípios brasileiros somente a língua oficial brasileira o português é válida nos domínios públicos e privados.

Gráfico 1: Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Nova Erechim.

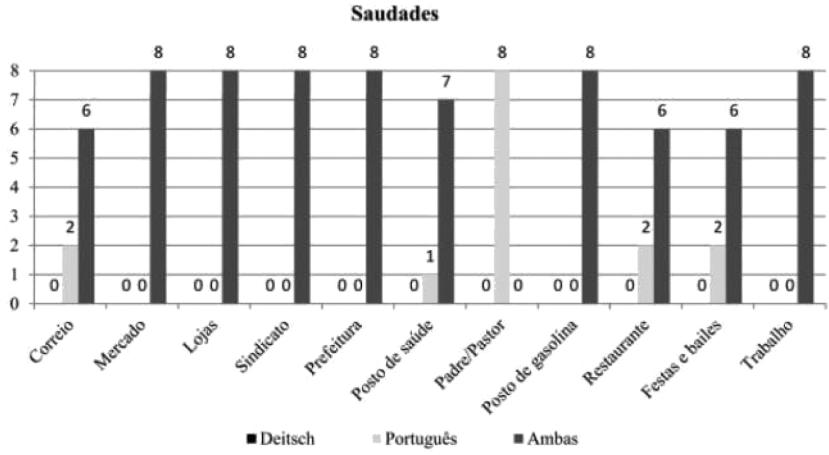
Fonte: Fornara (2019, p. 123)



Diferente dos pontos de Chapecó e Nova Erechim, nossos dados, em Saudades, apontam para uma maior manutenção da variedade alemã. Segundo o gráfico 2, de Fornara (2019), somente o padre/pastor não fala a variedade alemã. Observa-se que no correio, no posto de saúde e nas festas e restaurantes tivemos a informação, por parte de alguns informantes, que não é possível falar na variedade alemã. Vale lembrar que Saudades é, assim como Nova Erechim, um ponto mais rural, tem uma população de aproximadamente dez mil habitantes e as principais fontes de renda do município são baseadas na agricultura, criação de frangos, porcos e pecuária. Também a sua localização geográfica permitiu um maior isolamento geográfico e propiciou um maior contato com municípios vizinhos de colonização alemã, principalmente de São Carlos, de quem se emancipou em 1961. Nota-se que o domínio da variedade alemã, tanto dos informantes entrevistados, quanto dos interlocutores dos locais solicitados, dominam *Deitsch/Deutsch* e português. No gráfico 2, podemos ter um panorama de quão bilíngue é o ponto Saudades. É interessante ressaltar que nenhum informante diz falar somente a variedade do alemão, mas sim, todos falam as duas.

Gráfico 2: Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Saudades.

Fonte: Fornara (2019, p. 124)

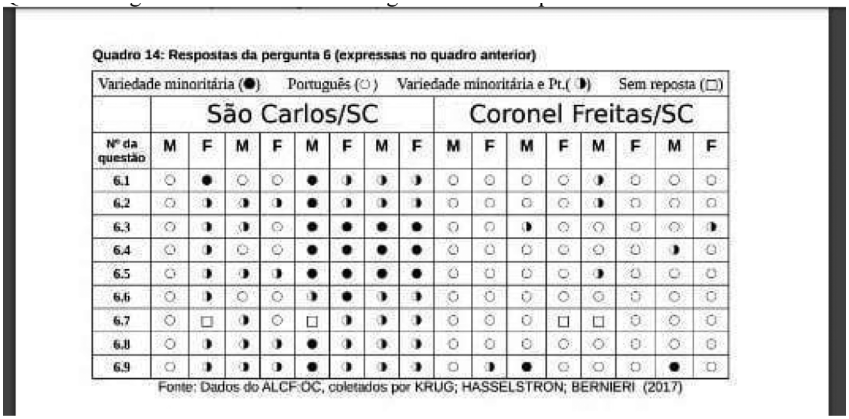


Bernieri (2018), no quadro 4, em seu estudo sobre os pontos São Carlos (+Ale) e Coronel Freitas (+Ita), ambos +rurais, apresenta resultados semelhantes aos apresentados nos estudos de Fornara (2019), Matozo (2018), Kaufmann (2019) e Kaufmann, Horst e Krug (2022). O que chama a atenção é que os pontos de colonização alemã mantiveram mais a variedade *Deitsch/Deutsch,* enquanto que o *talian* sofreu maior substituição pela língua portuguesa. Tal fato pode ser explicado, em primeiro lugar, pela proximidade da variedade do italiano com a língua portuguesa, conforme Margotti (2004), Krug (2004) e segundo, pelo distanciamento e isolamento geográfico de cada município.

O que chama a atenção no gráfico 4, é que a maior parte dos informantes são da geração mais velha, ou seja, têm idade superior a 55 anos, enquanto que os mais jovens estão entre 18 e 36 anos. Podemos ver o quão rápido a variedade de imigração está sendo substituída pela variedade oficial do país, o português. No caso do *talian*, esse processo está ainda mais acelerado, pois inclusive a comunicação entre a geração mais velha está ocorrendo em português.

Quadro 4: Línguas usadas em diferentes lugares dos municípios de São Carlos e Coronel Freitas[4]

Fonte: Bernieri (2017, p. 105)



Quadro 14: Respostas da pergunta 6 (expressas no quadro anterior)

Variedade minoritária (●)	Português (○)	Variedade minoritária e Pt.(◑)	Sem reposta (□)

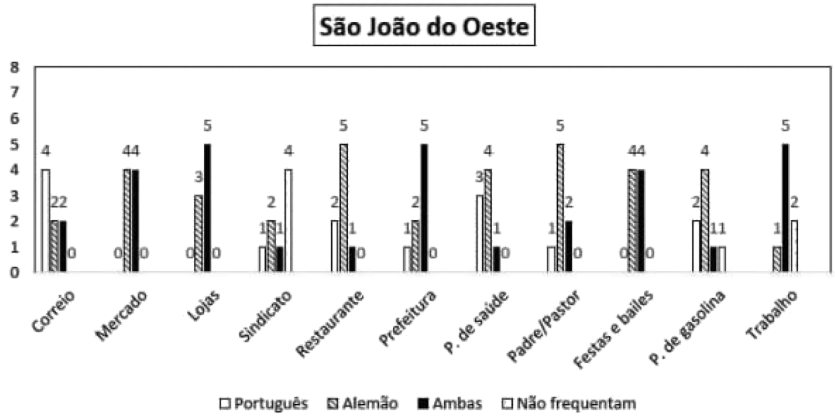
	São Carlos/SC								Coronel Freitas/SC							
Nº da questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
6.1	○	●	○	○	●	◑	◑	◑	○	○	○	○	◑	○	○	○
6.2	○	◑	◑	◑	●	◑	◑	◑	○	○	○	○	◑	○	○	○
6.3	○	◑	◑	○	●	●	●	●	○	○	◑	○	○	○	○	◑
6.4	○	◑	○	○	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	◑	○
6.5	○	◑	◑	◑	●	●	●	●	○	○	○	○	◑	○	○	○
6.6	○	◑	○	○	◑	●	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○
6.7	○	□	◑	○	□	◑	◑	◑	○	○	○	□	□	○	○	○
6.8	○	◑	◑	◑	●	◑	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○
6.9	○	◑	◑	◑	●	◑	◑	◑	○	◑	●	○	○	○	●	○

Fonte: Dados do ALCF OC, coletados por KRUG; HASSELSTRON; BERNIERI (2017)

Wohlschik (2016), em seu estudo nos pontos São João do Oeste e Mondaí, aponta para uma maior manutenção da variedade do alemão no município de São João do Oeste, em comparação com o município de Mondaí. Ela atribui o fato ao maior incentivo à manutenção da variedade em São João do Oeste, com a introdução da Semana Alemã, evento criado para incentivar o falar na variedade do alemão em todas as instâncias públicas e privadas no município. Enquanto em Mondaí, a autora atribui a substituição da variedade pelo português à presença de grandes indústrias moveleiras, que, por falta de mão de obra local, atraiu um grande número de funcionários oriundos de outros municípios e, também, pela necessidade de se manterem no mercado, foram obrigados a se comunicar mais em português. No gráfico 3, apresentamos os dados de São João do Oeste:

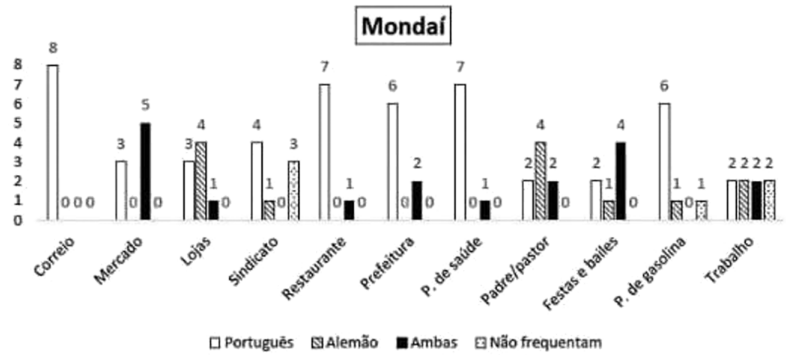
4 1) 6.1) no correio, 6.2) no mercado/lojas, 6.3) no sindicato, 6.4) no restaurante, 6.5) na prefeitura, 6.6) no posto de saúde, 6.7) no confessionário, 6.8) no posto de gasolina, 6.9) no trabalho.

Gráfico 3: Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de São João do Oeste.
Fonte: Wohlschik (2016, p. 88)



Observando os gráficos 3 e 4, de Wohlschik (2016), percebe-se que quando se trata de locais públicos, como, por exemplo, nos correios, o uso do português prevalece, pois geralmente, o atendente é oriundo de outra cidade. Em Mondaí, chama a atenção que tanto nos correios, quanto no posto de saúde, na prefeitura, no sindicato, no restaurante e no posto de gasolina prevalece a língua portuguesa. Com isso, podemos inferir que o domínio da variedade minoritária está restrito ao *domain* da família e de pequenos grupos familiares, que frequentam os mesmos locais, como a igreja, as lojas familiares e o sindicato.

Gráfico 4. Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Mondaí
Fonte: Wohlschik (2016, p. 89)



Na situação de contato polonês-português em Áurea/RS e Nova Erechim/SC (Wepik, 2017; Krug, Horst e Wepik, 2017), fica evidente a relevância de atitudes positivas em relação às suas línguas em uso e a importância do *domain* da família para a manutenção da língua minoritária, neste caso a polonês local. Ao comparar a realidade do oeste catarinense, o ponto de Nova Erechim/SC com Áurea/RS (a cidade de origem de muitos polono-brasileiros de Nova Erechim), diferentemente do que era a nossa hipótese, os números totais de manutenção do polonês local de Nova Erechim são superiores ao de Áurea.

Em Nova Erechim, como pode ser visto no quadro 5, é possível perceber a importância do domínio familiar para a manutenção de uma língua de imigração. Até pode ter sido uma coincidência, mas a GII em Nova Erechim é um exemplo de quando atitudes positivas referentes a uma língua estão presentes na mente de um falante, existe uma grande chance de que essa língua seja mantida até o fim da vida deste indivíduo, enquanto houver, pelo menos, dois indivíduos para ser mantido um diálogo.

Quadro 5. Locais e situações onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Áurea e Nova Erechim.

Fonte: Wepik (2017, p. 74)

Responderam *Pol.* (●) Responderam *Pt.*-RS (○) Ambas: *Pol.* e *Pt.*-RS (◑)																
	ÁUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Nº da Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1	○	○	○	○	●	●	◑	○	○	○	○	○	●	●	○	
2	●	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	
3	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	◑	◑	○	
4	●	○	○	○	●	●	○	○	●	◑	○	○	●	●	○	
5	◑	◑	○	○	◑	◑	◑	○	○	○	○	○	◑	◑	○	
6.1	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.2	○	○	○	○	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.3	○	○	○	○	◑	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.4	◑	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.5	○	○	○	○	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.6	○	○	○	○	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.7	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.8	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.9	○	○	○	○	◑	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	○	
7	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	

Destacamos, com base no trabalho de Kusy (2019), que analisou o caso do portunhol, do espanhol e do português em contato na fronteira seca entre Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen, o *domain* social e econômico como um

fator que define qual língua é a mais relevante para determinada situação. É possível ver que os argentinos utilizam mais o português em seu trabalho em comparação com os brasileiros, que não usam o espanhol em seu trabalho.

A partir do quadro 6, temos alguns dos dados compilados por Kusy (2019) sobre o uso espanhol e do português nos dois municípios. Dos informantes brasileiros, apenas três dizem usar o espanhol no trabalho, enquanto seis dos informantes argentinos alegam falar o português no trabalho. Fica claro que tanto o espanhol no lado brasileiro quanto o português, no lado argentino, em Bernardo de Irigoyen, são usados no comércio como forma de cativar e atrair consumidores de ambos os lados. Em Dionísio, fora da área de comércio, nenhum informante declarou falar espanhol, apenas quando entra na Argentina para visitar familiares. Enquanto isso, dentre os argentinos, com a exceção de um informante, todos os outros falam o português.

Com base em anotações em caderno de campo, complementamos as informações trazidas por Kusy (2019), uma vez que percebemos, justamente na área de comércio, no *domain* social, o uso de uma língua que diferente do espanhol e do português, definida pelos próprios falantes como portunhol que, segundo eles, facilita a comunicação, especialmente, com os brasileiros que vêm fazer compras no lado argentino. No que se refere a essa variedade/língua ainda precisamos ampliar nossos estudos, inclusive de descrição linguística.

Quadro 6. Locais e situações onde são utilizadas as variedades linguísticas dos informantes bilíngues de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen

Fonte: Kusy (2019, p. 91)

Dionísio Cerqueira-Brasil		Bernardo Irigoyen – Argentina		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	*Trabalho/comércio*
◕ ◕	● ◕	◔ ●	◕ ●	◕	*Não fala*
◑ ●	● ◔	● ●	● ○	◑	*Mais dentro da Argentina*
				◔	*Visitas a familiares na Argentina*
				◔	*Escola.*
				○	*Quando falam em português*

Com o aumento da mobilidade, houve também um aumento de casamentos interétnicos (Horst, 2011), outro fator que contribuiu para que o casal adotasse o português como a língua única do lar, ao invés de ensinar as variedades de imigração aos filhos (Horst e Krug, 2020). Segundo registros em caderno de campo feitos nas pesquisas do ALMA-H e no ALCF-OC, várias famílias se concentraram em repassar apenas a língua portuguesa aos filhos. Em outras palavras, em um casamento entre descendentes de italiano e de descendentes de alemão, a variedade linguística do lar passa a ser o português. As variedades de imigração ficaram mantidas somente para a comunicação entre os pais e avós do pai ou da mãe, enquanto entre o casal a língua portuguesa prevaleceu.

> "A gente entende tudo, mas não consegue interagir com a família dela, às vezes, a gente arrisca umas palavras no alemão, mas aí é só bobagem que sai, né. (risos) Minha esposa também só entende um pouco de *talian* e não fala nada, aí ela se sente um pouco perdida quando tá numa roda de conversa com as nona (risos)". (CaGI-M ita – SC 02 ALCF – Caderno de Campo)

Na medida em que os municípios foram crescendo, também foram criadas algumas emissoras de rádio que noticiam os principais acontecimentos da região, estado e do país. Nessas emissoras, as comunicações são feitas em língua portuguesa e, em algumas delas, encontramos um ou dois programas proferidos na variedade de imigração. Geralmente esses programas são em horários pouco nobres no rádio, ou seja, em domingos pela manhã ou à noite, depois das 19h, este último, concorrendo com os horários das telenovelas.

Os programas são, em grande parte, humorísticos e tentam resgatar a cultura a partir de músicas mais antigas, contação de causos e anedotas na variedade minoritária, tentando agradar ao público mais ancião. Os locutores divulgam recados e fazem homenagens tanto na variedade padrão (alemã ou italiana, neste caso) quanto na variedade de imigração (*Deitsch, Deutsch* ou *talian,* mas nenhuma em polonês). Tais programas de rádio têm um lado bom, pois conseguem motivar os mais velhos a preservarem suas variedades e fazer com que relembrem e retomem a língua de imigração[5]. No entanto, o lado não tão bom é que, devido à programação com músicas mais antigas, o tipo e a forma como as notícias são veiculadas, inclusive, em alguns casos, satirizando a variedade, não cativam o público mais jovem, afastando-os cada vez mais da vontade de aprender uma variedade de imigração. Seria interessante se o locutor chamasse para o aprendizado da variedade com uma programação diferenciada focada

5 Um exemplo de rádio online podemos encontrar em Rádio Oeste FM 94.5 com o programa Música e Cultura Alemã.

também no público jovem, sem menosprezar o público mais velho. Nesse caso, no entanto, esbarramos no não domínio da variedade por parte das gerações mais novas.

Atualmente, além das emissoras de rádio, o que tira muito mais o foco das variedades de imigração são as mídias em massa, ou seja, a TV, a internet, as TVs por assinatura e mais recentemente, os celulares e os aplicativos de mensagens. É muito difícil alguém ter acesso a assuntos diversos na variedade de imigração e quando se tem, resume-se somente a informações pouco significativas que justifiquem o uso da língua de imigração.

Além da evolução dos meios de comunicação, também precisamos pensar na mobilidade da região, que igualmente sofreu uma evolução gigantesca. Não é difícil pensarmos a evolução vivida desde 1917, (Radin, Corazza, 2018), quando a região Oeste de Santa Catarina ainda estava coberta por densas matas e era habitada apenas por indígenas e caboclos, enquanto atualmente, há aeroportos, muitas rodovias asfaltadas, ferrovia e uma grande concentração populacional. Se em 1917 os meios de comunicação eram feitos a cavalo e pelo rio Uruguai, atingindo distâncias muito pequenas, hoje, com os meios de transportes existentes, podemos, em apenas um dia, nos locomover vários quilômetros e retornar no mesmo dia. Ou simplesmente, falar com várias pessoas ao mesmo tempo do mundo inteiro sem nos ausentar do domicílio a partir de web conferências, pela internet ou de sofisticados aparelhos telefônicos.

Visualizando essa situação, fica fácil entender o porquê da manutenção das variedades minoritárias, ou seja, a pessoa nascia num meio bi-plurilíngue, todos falavam a mesma variedade de imigração, os casamentos eram realizados entre descendentes da mesma etnia, o trabalho era basicamente na lavoura, a necessidade de se comunicar em português era restrito a algumas poucas vezes por semana ou mês, tudo isso corroborou com a manutenção das línguas minoritárias. Já nos dias atuais, os centros urbanos são maiores, o que gera uma mobilidade maior, uma vez que a oferta de trabalho se amplia e o trabalhador se locomove diariamente de uma cidade para a outra, criando novas redes de contato.

Atualmente, desde o trabalho até os dias de descanso, as pessoas saem do seu convívio habitual e vão conhecer novas cidades, entram em contato com novos falares. O que antigamente era feito a pé ou a cavalo, hoje é feito de carro, transporte público ou até de avião, sem contar com as facilidades da vida online. Tudo isso colabora para a substituição das variedades de imigração, pois o que antes era local, hoje se tornou global. Vivemos num tempo em que tudo precisa ser grande, rápido e, principalmente, estar em alta, na moda, na rede, então a variedade de imigração se torna cada vez mais obsoleta, "coisa de velho" e das

poucas vezes que ela aparece na rede, geralmente, ela é utilizada como forma de deboche e de desprestígio, ridicularizando e satirizando seus falantes, os atuais memes linguísticos, ou seja, temos um caso típico do preconceito da língua da sociedade sobre a língua da comunidade, Mæhlum (2010), (*Sprache der Gesellschaft versus Sprache der Gemeinde*). Kloss (1967) já, naquela época, chamava a atenção para esse fator e, por mais incrível que pareça, ele se mantém atual.

O próximo fator que gostaríamos de trazer para a discussão, é a escola e o ensino de línguas de imigração padrão como forma de manutenção da variedade de imigração. Um exemplo seria ensinar alemão padrão na escola com o intuito de manter vivas as distintas variedades de alemão faladas por descendentes de alemães no Brasil. No momento em que passamos a ensinar a variedade padrão na escola, passamos a ter uma segunda língua estrangeira, ou seja, ela não é a variedade de imigração que é falada na comunidade e pode, por isso, contribuir ainda mais para o não aprendizado da variedade minoritária e, consequentemente, colaborar ainda mais para atribuir um baixo prestígio às variedades de imigração. Exemplos que apontam para a evolução linguística da variedade padrão e da variedade de imigração, ambas em direções naturais da língua em seu habitat, são encontradas tanto no léxico, na sintaxe e na fonologia das variedades. Tomamos alguns exemplos para ilustrar: *Luftschiff x Flugzeug* (avião), *Jetzt scheegts x Jetzt reicht es* (agora chega); *mied x müde* (cansado), *wenn die Parende moje komme, machen mea immer Schurraske* X *Wenn die Verwandte uns besuchen, machen wir immer einen Grill (Spießbraten).* Percebemos que o *Deitsch/Deutsch* manteve alguns vocábulos do tempo da imigração, enquanto na variedade padrão houve mudança. Também podemos perceber que, na falta de lexias na variedade padrão, os informantes tomam o que necessitam do português, muitas vezes, também já incorporados à variedade de imigração, como *Scheegt* > chega e *Parende* > parentes. Relatos coletados apontam para um conflito, quando falantes de variedades de imigração entram em contato com a variedade padrão

> "*Mea spreche jo anneschter, mea soon Luftschiff awa es is jo Flugzeug, mea soon Begamotten fo Mandarinen, Ranje fo Apfelsinen, das gibt jo viele Wörter wo mea aneschter soon wie die Deutsche, vieles verstehen mea nét was die alemonge sprechen. Óch wenn die Kinner von die Schuhl hemm komme dann wolle'se unser Sprooch nét mehr spreche, die wolle chique sinn unn Hochdaitsch spreche*" (CaGII F ALCF SC06)[6]

6 "Tradução: Nós falamos diferente, nós falamos navio do ar (zeppelin) mas é avião, Nós falamos bergamotas para Mandarina, nós dizemos laranjas e eles *Apfelsine*, isso têm muitas palavras que nós falamos diferente dos alemães, muito nós não entendemos do que os alemães falam. Também quando as crianças voltam da escola eles não

> En questo bairo genè tre quatri che parla talian e solo, o resto parla […] è taliani i parla brasileri. Mi digo cusita, nostro grupo italiani, che cantemo taliano e parli tute brasileri altri, […] è che pega il jeito di brasileri […] pessoas di mai idade che parla, ah gente nova no se vê nien su […][7] (CbGII F ALCF SC09)

A partir dos comentários, é possível ter uma noção de que introduzir a variedade padrão não é a melhor política para a manutenção da variedade. Como as variedades de imigração são ágrafas, o entendimento das secretarias de educação dos municípios que optaram pelo ensino da variedade padrão é de que essa irá colaborar para a manutenção, mas o que de fato acontece é, como já mencionado anteriormente, que a variedade padrão torna-se mais uma língua estrangeira.

Outro fator que, por nossa pesquisa e inferência, pode fomentar a manutenção e uso de uma língua de imigração, é a co-oficialização de uma língua a nível municipal, juntamente com o incentivo por meio de eventos que promovam e incentivem a população a falar a variedade, como por exemplo a *Deutsche Woche* (Semana Alemã) no município de São João do Oeste, que inclusive passou a ser conhecida como a capital alemã do oeste. Também Nova Erechim, como mencionado anteriormente, tem o *talian* como língua co-oficial desde 2015, que pode ser um fator que impulsiona o uso da língua de imigração dos domínios social e educacional.

Outro fator importante que, por um lado, colaborou com a manutenção da variedade alemã é a religião. Da mesma forma como ocorreu na Austrália, segundo Clyne (2003), as missas e cultos eram ministrados em língua alemã, assim como as escolas e as aulas eram, até a sua proibição em 1936 (no Brasil), em língua alemã, diferente das comunidades de origem italiana, onde as missas eram rezadas em latim e depois em português. No entanto, o simples fato de se encontrarem no final da celebração religiosa e se comunicarem em sua variedade contribuiu para a manutenção da variedade. A religião, ou a igreja em si, consegue reunir indivíduos, muitas vezes, do mesmo grupo étnico, com uma certa regularidade de encontros, permitindo o contato e a troca de experiências vividas que são repassadas na sua variedade familiar.

---

querem mais falar nossa variedade, eles querem ser chiques e falar o alemão padrão. (CaGII F ALCF SC06)

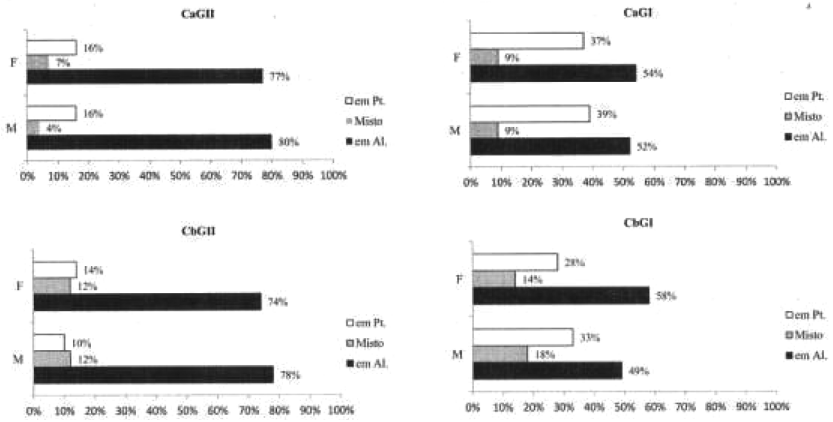
7 Tradução: Neste bairro têm três, quatro que falam talian e só, o resto fala […] são italianos e falam brasileiro. Eu digo assim, nosso grupo de italianos, em que cantamos em taliano, falam todos em brasileiro, os outros […] é que eles pegam o jeito dos brasileiros […] pessoas de mais idade que falam, ah gente nova não se vê ninguém […]

Pensando na dimensão diarreligiosa, para Dreher (2004), ela foi, de fato, importante para a manutenção das variedades do alemão no século XIX até a última década do século XX, pois as comunidades eram mais isoladas, cujo convívio não só era fomentado pelos padres e pastores, como também era uma forma de resistência e de sobrevivência. No entanto, a partir do século XIX, com a evolução das pequenas comunidades em centros urbanos maiores e emancipados, o surgimento de novas ordens religiosas, principalmente as de congregações evangélicas e a crescente concorrência para angariar cada vez mais fiéis, as variedades linguísticas com o menor número de falantes deixaram de ser algo a ser observado pelas religiões. Um fato que contribuiu para este feito foi a falta de pastores e padres fluentes e, além disso, numa comunidade, cuja minoria dos falantes é de línguas alóctones ou de imigração, é lógico que a língua utilizada na igreja seja a língua que todos dominam, evitando assim, a substituição pelo português.

Considerando os grupos de falantes das variedades do alemão, destacamos Wehrmann (2016), que aponta, dentre outras dimensões, para a relação da confissão religiosa na manutenção ou substituição do *Deitsch/Deutsch* a partir do uso dos termos de parentesco, em Tunápolis e Cunha Porã como podemos ver nos Gráficos 5 e 6. Os dados apontam para um domínio acima de 70 % por parte dos informantes mais velhos no município de Tunápolis, cujos informantes são de credo católico. Em comparação com os mais jovens, esse domínio cai para um pouco mais de 50 %.

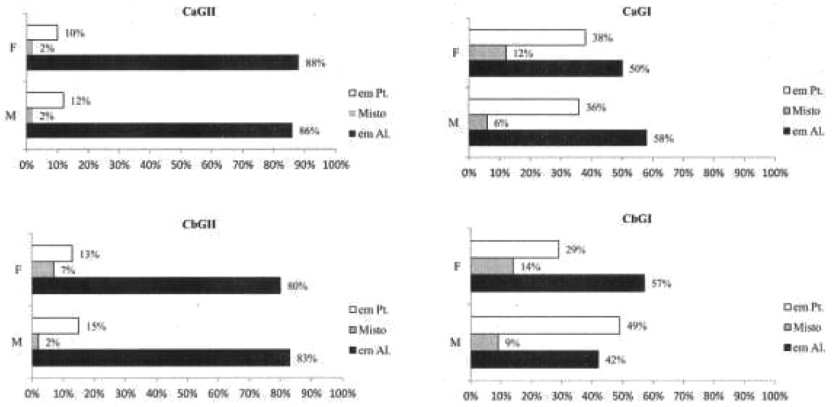
Gráfico 5. Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. dos informantes bilíngues de Tunápolis

Fonte: Wehrmann (2016, p. 111)



No município de Cunha Porã, os informantes mais velhos mantêm o uso de 80 % dos termos de parentesco na variedade alemã, enquanto entre os mais jovens esse percentual cai para abaixo dos 50 % entre os informantes masculinos da classe baixa e se mantêm acima dos 50 % chegando próximo dos 60 % entre os informantes da classe alta. Claro que não podemos olhar unicamente para os dados da dimensão diarreligiosa, mas sim para todo esse complexo linguístico e extralinguístico em que encontramos nossos informantes.

Gráfico 6. Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. dos informantes bilíngues de Cunha Porã
Fonte: Wehrmann (2016, p. 111)



Clyne (2003) apresenta o fator religioso como fator de homogeneização e manutenção da variedade alemã da Austrália. Relacionando tal fato com os nossos dados do Oeste Catarinense, podemos salientar que também aqui a religião teve sua contribuição para com a manutenção e substituição das variedades. Tomando em consideração os municípios de colonização alemã, os pastores e padres até o final da Segunda Guerra Mundial, segundo Rambo (2002), vinham majoritariamente da Alemanha e exerciam, em muitos dos casos, a função de pároco e de professor. Já os padres destinados para os municípios de colonização italiana não necessariamente eram da Itália. Porém hoje, são poucos os pastores e padres que ainda rezam ou celebram seus cultos e missas em uma variedade que não seja a portuguesa. Com isso, colaboram com a substituição da variedade minoritária pela língua dominante e oficial do país.

Relacionamos nossos dados do Oeste Catarinense com os fatores já relacionados por Kloss (1967) e o autor procurou categorizar fatores extralinguísticos que são favoráveis e desfavoráveis para a manutenção ou substituição de uma língua. O autor destaca que o fator religioso, assim como o nível de educação dos imigrantes, a época de imigração, o número de falantes, e o distanciamento dos grupos dominantes, ilhas linguísticas, escolas de grupos minoritários, esforços para a manutenção de línguas minoritárias e monolinguismo na língua minoritária. Quando Kloss (1967) escreve que a língua era fator de manutenção, com certeza era em uma comunidade isolada, cuja maioria dos falantes era dominante de uma variedade alóctone, o que atualmente, num mundo globalizado, mais moderno e conectado às redes multimídias, é quase impossível ser encontrada sem contato linguístico com as variedades majoritárias e dominantes. Mesmo em se tratando de imigrações recentes, a língua dominante sempre será a língua oficial e a dominada, a língua de imigração.

Já no caso do portunhol, falado na fronteira do Brasil e Argentina, é claramente mantido, conforme anotações em caderno de campo por Kusy (2019) no *domain* social (Grosjean, 1997, 2007) porque é uma língua importante para o comércio. Se compararmos com o polonês local, *talian, Deitsch/Deusch*, o destaque está no *domain* familiar, especialmente no que se refere à manutenção e uso da língua. Por fim, mesmo com as diferenças, podemos dizer que, conforme nossos registros *in loco,* a partir da conversa livre com os informantes, as línguas em contato com português mencionadas nesse parágrafo, são línguas maternas para muitos indivíduos que residem nos 10 pontos de pesquisa que destacamos nesse capítulo de livro.

4. Considerações finais

Nossos dados apontam que, os fatores mais comuns de manutenção linguística ainda são ou podem ser: a) família com atitudes positivas perante a sua língua imigração (línguas de imigração), b) a confissão religiosa (língua de imigração Deitsch/Deutsch) e c) comércio (portunhol na fronteira). Já no que se refere à perda e substituição linguística observamos: a) urbanização e consequentemente a criação de cargos que exigem mão de obra qualificada vinda de fora do município, b) o preconceito linguístico (especialmente da geração mais nova); c) a mobilidade dos informantes, d) a escola, e) os casamentos interétnicos, f) uso das mídias em massa e g) a fala na igreja.

A diversidade linguística vem desafiando e estimulando os pesquisadores de línguas em contato, pois complexos sistemas linguísticos estão em contato.

Na situação de contato *talian*-português, percebemos que nos pontos Chapecó e Coronel Freitas, predomina a substituição do *talian* para o português. Já, em se tratando dos pontos Mondaí, Cunha Porã, Saudades, Tunápolis, São Carlos e São João do Oeste, percebemos que predomina a manutenção de *Deitsch/Deutsch*. Por fim, destacamos que no ponto de Nova Erechim, somente a CbGII pratica o polonês local em seu dia a dia, chegando a uma manutenção de 90 % na língua minoritária e de herança dos falantes entrevistados.

Registramos que há diferentes realidades vividas por ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros e polono-brasileiros e que o fator determinante para a manutenção do *talian*, do *Deitsch/Deutsch* e do polonês local tem relação com a geração que usa a língua, mas também com as situações específicas do cotidiano em que se faz necessário usar a língua de imigração como: conversa com vizinhos no interior, na igreja e na família, especialmente com avós. Fica evidente que quanto mais distantes do *domain* familiar, o português passa a ocupar o espaço.

Na fronteira do Brasil com a Argentina, em Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen, o papel das línguas tem um caráter econômico, de comércio, de uso do *domain* social. Nesse caso específico, de línguas em contato na fronteira, destacamos que as atitudes dos falantes em relação às línguas que usam, no lado brasileiro são diferentes das atitudes dos informantes do lado argentino, ou seja, especialmente do lado argentino, do comércio, é feito o uso do portunhol.

Por fim, é no *domain* educacional que há uma motivação e estímulo para o português, no Brasil e do espanhol, no caso da Argentina, ou seja, um monolinguismo educacional que, na grande maioria dos casos, ainda impede o uso de outras línguas em sala de aula, a não ser que sejam as línguas oficiais dos dois países. Compreendemos que a educação para o plurilinguismo ou plurilinguística (Broch, 2014, 2019; Horst e Krug, 2020; Horst, Frizzo, Fornara, Krug, no prelo) pode ser uma forma para tornar o domínio educacional um espaço de motivação, incentivo, uso e valorização de toda e qualquer língua, inclusive, somente de base oral.

Referências bibliográficas:

Bernieri, Simone Raquel. Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e Italino em Coronel Freitas/SC. Orientador: Cristiane Horst. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul Chapecó SC. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1765/1/BERNIERI.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2022

Kuchenbecker, I. Oficina PLURES: valorizando o plurilinguismo nos Anos Iniciais. Cadernos do Aplicação. PortoAlegre RS, ago.-dez. 2019 v. 32 n. 2 p. 125–131. Disónível em: https://seer.ufrgs.br//CadernosdoAplicacao/article/view/98962/58497. Acesso em 10 de novembro de 2022

Broch, I. K. Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares. 2014. 267 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2014. Disponível em: lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102190/000930127.pdf Acesso em: 15 de dezembro de 2022

Dreher, M. N. . Diferenciais e compromissos da educação confessional luterana no contexto brasileiro. Lições Revista de Ensino e Pesquisa, São Leopoldo, v. XIX, n.17, p. 10–21, 2004

Fishman, Joshua A. Bilingualism withhand without diglossia; diglossia with and without bilingualism. In: Journal of Social Issues, v. 23, n.2, 1967. p. 29–38. Language maintanance, language shift and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (eds) The handbook of bilingualism. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 406–436.

Fornara, Ana E. Aspectos do bilinguismo deitsch-Português em Saudades-SC e Talian-Português em Nova Erechim-SC. Orientadora Cristiane Horst, 2019. 147 f. Universidade Federal da Fronteira Sul Chapecó SC. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3253/1/FORNARA.pdf. Acesso em 20 de nov. 2022.

Gertz, René E. Germanismo e germanidade: imaginário e realidade. In: Luchese, Terciane Ângela; Malikoski, Adriano (orgs.). Italianidades, polonidades e germanidades. Caxias do Sul: EDUCS, 2021, p. 351–386.

Grosjean, F. The bilingual individual. Interpreting 2: 1–2. John Benjamins Publishing Company, 1997.

Grosjean, F. Die bikulturelle Person: eine erster Überblick. Verein zur Untersctützung der Gebärdensorache, Zurick, 2007.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó. Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch. Papia (Brasília), v. 22 (2), p. 367–383, 2012.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó; Bernieri, S. R. . Fatores (in)conscientes que influenciam uma ítalo-brasileira usar progressivamente o português em detrimento da variedade italiana. Revista Caderno de Letras, v. n. 35, p. 195–208, 2019.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó; Fornara, A. E. . Estratégias de manutenção e revitalização linguística no Oeste Catarinense;. ORGANON, v. 32,

p. 1–16, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72292. Acesso em: 20 nov. 2022.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. Linguagem & Ensino (UCPel), v. 23, p. 1274–1296, 2020.

Horst, C.; Frizzo, Celina E.; Fornara, Ana E.; Krug, Marcelo J. (no prelo): Por uma educação plurilinguística- Reflexões sobre trabalho om diversidade linguística na escola: um olhar para a BNCC. (no prelo)

Horst, Cristiane. "Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa". A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil. Westenseeverlag: Kiel, 2011.

Horst, Cristiane; Fornara, Ana Elizabeht. Relatório de pesquisa do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: cartografia, UFFS, 2015.

IBGE: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/chapeco.html (acesso em 06/08/2021)

Kaufmann, Angélica. Manutenção do Deitsch e Deutsch em contato com o português em Mondaí/SC e Saudades/SC. Orientadora: Cristiane Horst, 2019. 117 f. Universidade Federal da Fronteira Sul Chapecó SC. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3316/1/KAUFMANN.pdf Acesso em: 15 de dezembro de 2022

Kaufmann, Angelica; Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó. Manutenção do *Deitsch* e *Deutsch* na mesorregião do Oeste Catarinense. In: Porto Feliz – Mondaí. O centenário da colonização 1922 – 2022.

Kloss, Heins. Abstand languages and Ausbau languages. Anthropological Linguistics Journal. Nova York, Vol. 9., n. 7., pp. 29–41. 1967.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó. Identidade e Comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. NONADA, v. n. 24, p. 173–187, 2015.

Horst, Cristiane; Krug, Marcelo Jacó; Wepik, F. F. . Code-Switching na Fala de Polono-Brasileiros de Áurea/RS. Domínios de Lingu@Gem, v. 10, p. 1404–1423, 2016.

Krug, Marcelo J. Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

Krug, Marcelo Jacó. Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF). Direitos reservados: FAPERGS/UFFS, 2013.

Kusy, Adriane. O contato linguístico português e espanhol na fronteira Brasil-Argentina: crenças e atitudes linguísticas. Orientador: Marcelo Jacó Krug. 2019. 133f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Fronteira Sul Chapecó SC. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3252/1/KUSY.pdf. Acesso em 20 de nov. 2022

Mackey, William F. The description of Bilingualism. In: Fishman, Joshua A. (ed.) Reading in the sociology of language. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554–584.

Maehlum, B. Language and social spaces. In: Auer P, Schmidt J. Language and Space An International Handbook of Linguistic Variation. Theoroe and Method. Berlin, De Gruyter. 2010.

Matozo, Drieli L. Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó – SC. Orientador Marcelo Jaco Krug. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Fronteira Sul Chapecó SC. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1926. Acesso em 20 de nov. 2022.

Margotti, Felício Wessling. Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. 2004. 332p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

Radin, J.C. e Corazza, G. Colonização. In: Dicionário histórico-social do Oeste catarinense [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 35–40. ISBN: 978-85-64905-65-8. https://doi.org/10.7476/9788564905658.0008.

Radin, José Carlos. Italianos e Ítalo-Brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense. Joaçaba: UNOESC, 2001.

Rambo, A. B. . A igreja dos imigrantes. In: Martin Norberto Dreher. (Org.). 500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional. 1a ed.Porto Alegre: Edições EST, 2002, v. 1, p. 57–79.

Romaine, Suzanne. Bilingualism. 2. ed. oxford: Brazil Blackwell, 1995 [1989]

Thun, Harald. Movilidad Demográfica y Dimension Topodinámica. Los montevideanos em Riveira. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.) Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten dês Symposiums zur Empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl. 1996.

Thun, Harald. La Geolingüística como Lingüística Variacional General (com ejemplos del Atlas Diatópico y Diastrático de Uruguay) In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Polermo: 1995). Atti…

A cura di Giovanni Ruffino. Tübisgen: Niemeyer, 1998, p. 701–729, 787–789. V. 5.

Thun, Harald. A Dialetologia Pluridimensional no Rio da Prata. In: Zilles, Ana Maria Stahl (org). Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Thun, Harald. Pluridimensional Cartograpy. In: Lameli, Alfred; Kehrein, Roland & Rabanus, Christian (eds). Language Mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010, p. 506– 523.

Tomio, F. R. de L.. A criação de municípios após a Constituição de 1988. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 17, N. 48, 2002.

Wehrmann, Clari. A situação do alemão em Tunapolis e Cunha Porã, Santa Catarina: DIMENSÃO DIARRELIGIOSA. 2016. 161 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísicos)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Chapecó-SC, 2016.

Wepik, Fernanda. Crenças e Atitudes Linguísticas de Polono-Brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: O Uso dos Termos de Parentesco. 2017. 144fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Chapecó-SC, 2017.

Wolschick, Isaura. Aspectos do bilinuismo alemão-português nas comunidades de Mondaí e São João do Oeste -SC. 2016. 133fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) -Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

Jussara Maria Habel

O contínuo standard-substandard do alemão falado em Nova Petrópolis – RS

Abstract: This paper represents a section of the doctoral dissertation entitled "The Standard-Substandard continuum of German in the contact between Hunsriqueans, Pomeranians, and Bohemians in Nova Petrópolis – RS" (Habel 2022), which was supervised by Professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen. Its main purpose is to present the variety of German spoken by descendants of Hunsriqueans, Pomeranians, and Bohemians and to reflect on the process resulting from linguistic contacts. These contacts began in 1829 with the colonization of Pinhal Alto by the Hunsriqueans. Conversely, the Pomeranians were sent to the Vale do Rio Caí from 1858, specifically to Linha Temerária. Then, around 1867, families from northern Bohemia acquired land to colonize the towns of Linha Imperial and Linha Brasil. Social and linguistic contact between the descendants and speakers of different varieties of German resulted in a common language variety. It can be concluded that this spoken variety currently lies on the German Standard-Substandard continuum, including the influences of local Portuguese in the speech repertoire of these speakers.

Keywords: German immigration. German language. Linguistic contact. Standard-Substandard continuum.

Introdução

O presente artigo tem como principal foco apresentar um recorte da tese de doutorado defendida em fevereiro de 2022 no Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo é apresentar a variedade do alemão falado por descendentes de imigrantes hunsriqueanos, pomeranos e boêmios que estão em contato social e linguístico em diferentes localidades de Nova Petrópolis-RS.

A tese de doutorado tentou preencher lacunas que existiam (e ainda existem) em relação à(s) língua(s) de imigração alemã falada(s) no RS, em especial, na Serra Gaúcha, e foi orientada pelo homenageado desse volume, professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen. Inicialmente, o projeto da tese havia sido planejado para abordar somente o alemão falado pelos descendentes de imigrantes boêmios, no entanto, logo percebeu-se a necessidade de ampliar o olhar para os grupos em contato, apesar de eles continuarem, atualmente, em suas

territorialidades e serem reconhecidos localmente por hunsriqueanos do *Tannenwald* (Pinhal Alto), ou ainda, falantes de *Hunsrückisch* (Altenhofen, 1996) e pomeranos das localidades de Linha Temerária e São José (Schmitz, 1975), assim desde a colonização de Nova Petrópolis.

Por um lado, os hunsriqueanos, provenientes de São Leopoldo/RS e Dois Irmãos/RS, colonizaram Pinhal Alto a partir de 1829. Por outro lado, os pomeranos vindos da antiga Pomerânia, por volta de 1858, foram assentados em terras próximas ao Rio Caí, mais especificamente na Linha Temerária. Na sequência, em 1867, tem-se o registro da vinda de famílias do norte da Boêmia que adquiriram terras em Linha Imperial e Linha Brasil (Habel, 2022).

Esses imigrantes de origem alemã que migraram de diferentes regiões da matriz de origem, na Europa, a partir do século XIX, vieram em busca de melhores condições de vida, trazendo a cultura, a religião, o conhecimento específico em diferentes setores[161] e a língua que moldou amplas regiões colonizadas pelo Brasil. Além disso, os imigrantes hunsriqueanos trouxeram características dialetais do médio-alemão do oeste (*Westmitteldeutsch*), os pomeranos, do baixo-alemão (*Niederdeutsch*) e os boêmios, do médio-alemão do leste (*Ostmitteldeutsch*). Assim, somente esses três grupos pesquisados já representam diferentes áreas dialetais provenientes de sua matriz de origem, o que pode ter representado um grande desafio para a comunicação, já que também há registros de outros imigrantes em Nova Petrópolis, tais como, saxões, holandeses, dinamarqueses, franceses e italianos (Schmitz, 1975, p. 52).

Como as variedades linguísticas que se encontravam nesse espaço não eram de fácil intercompreensão, os falantes de diferentes variedades do alemão, conforme registros escritos, tentaram se comunicar em *Hochdeutsch*, ou seja, o alemão utilizado para a escrita e a leitura (Habel, 2022, p. 37). Com o passar do tempo, o português local também foi ganhando cada vez mais espaço nas instituições, em especial, nas escolas e nas igrejas. Toda essa constelação de variedades linguísticas foi sendo remodelada por meio do uso das línguas pelos grupos de falantes ao longo das gerações e, provavelmente, formou uma variedade intermediária (*intermediate variety*) em que algumas características, em especial as fonéticas, flutuam no eixo do contínuo *Standard-Substandard*.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente apresentam-se as principais terminologias que fundamentam os resultados apresentados nesse texto, o método utilizado na pesquisa e, por fim, a análise de dados linguísticos transcritos das entrevistas com os falantes de alemão de cada grupo em foco (hunsriqueanos, pomeranos e boêmios).

Do contínuo *Standard-Substandard à intermediate variety*

O início da colonização foi possível graças a interação e entendimento entre os diferentes grupos de imigrantes. Cada qual munido com sua variedade linguística regional, ou seja, com a língua falada (*Substandard*) que migrou da matriz de origem, e com sua variedade mais *Standard* que era utilizada para a comunicação escrita (jornais e cartas em alemão). Além da interação entre dialeto e alemão padrão (*Standard*), também ocorreu o contato linguístico com a língua portuguesa local, a qual era utilizada, em especial, no registro de documentos escritos e em repartições político-administrativas, ou seja, a língua padrão com seu *status* de língua oficial do Brasil. Com o passar dos anos, esses contatos resultaram em processos de *code switching*, ou seja, troca de códigos linguísticos. Coetsem (1992) define *code switching* em seu texto como a troca de uma língua para outra em um determinado contexto de fala pelo mesmo falante. Esse uso alternado dos diferentes códigos linguísticos pode resultar na aquisição de uma nova variedade linguística com as gerações subsequentes.

Coetsem (1992, p. 18) utilizou o termo *intermediate variety* (variedade intermediária) para definir o processo de aquisição linguística em contextos de fala bilíngue. Logo, ele define *intermediate variety* como um resultado do contato linguístico entre uma variedade dialetal (dialeto) e uma variedade padrão (língua). Segundo o autor, a interação entre falantes do dialeto e da língua mais padronizada deve ser tratada como um caso particular de contato linguístico que implica em competição e mudança linguística. Nesse sentido, Coetsem (1992, p. 20) explica que "o falante produz uma variedade que não é nem o dialeto nem o padrão normativo", ou seja, um produto resultante dos dois.

Em pesquisas realizadas na área de dialetologia alemã, foram encontrados termos como *Neuer Substandard* (Bellmann, 1983), ou seja, novo-substandard, e norma de oralização, conforme Schmidt (2005), *Oralisierungsnorm*. Nesse sentido, Altenhofen (2019, p. 538) argumenta que a norma de oralização é semelhante à língua comum e a língua de mediação (*Mittelfeldsprache*), pois desempenha um papel específico nas práticas comunicativas locais. No entanto, na forma falada, o mesmo autor (2019, p. 533) defende que os falantes, muitas vezes, atingem apenas parcialmente o que percebem como variantes padrão.

Assim, Bellmann (1983, p. 117) utiliza o termo *Substandard* para caracterizar todos os níveis abaixo do padrão, incluindo não apenas dialetos de base, mas também variedades intermediárias do *continuum*, como a linguagem coloquial (*Umgangssprache*). O autor pesquisou as estruturas presentes entre o *continuum* variacional da língua falada padrão (*Standardsprechsprache*) e

dos dialetos de base (*Basisdialekte*), que ele nomeou de "novo *Substandard*". Em suas pesquisas relacionadas ao alemão da Renânia, Bellmann descreveu os dialetos de base como uma reorganização com base nos dialetos regionais e na língua falada padrão (*Standardsprechsprache*).

Bellmann (1983, p. 123) baseou seu modelo no conceito de *continuum* em função do amplo espectro de variantes do alemão falado que estavam ora próximas do *Standard*, ora próximas do *Substandard*. Afim de esquematizar a posição das variedades no *continuum Standard-substandard*, Lenz (2005, p. 231) esboçou o seguinte esquema baseado em Bellmann (1983).

Quadro 1 – O contínuo *standard-substandard*
Fonte: Bellmann (1983 *apud* Lenz 2005, p. 231).



Segundo Lenz (2010, p. 302), existe uma grande variedade de conceitos na literatura para distinguir variedades intermediárias de dialeto e de variedade *Standard*. Ela também aponta que há uma dificuldade para delimitar onde termina um dialeto e onde se inicia uma variedade intermediária. No entanto, a pesquisadora afirma que uma possível solução para o problema é adotar o modelo de *continuum* linguístico (*sprachliches Kontinuum*), utilizado também por Bellmann (1983).

Segundo Lenz (2010, p. 307), a presença de variedades intermediárias pressupõe a existência de variedades dialetais e variedades padrão. Diante dessa constelação de variedades linguísticas, pode ocorrer uma reorganização, ou seja, a

variedade intermediária pode competir com um dialeto ou com a variedade padrão. De acordo com Lenz (2010), mudanças na estrutura do dialeto ou em atitudes dos falantes, por exemplo, podem desempenhar um papel importante na substituição de dialetos mais antigos por uma variedade intermediária.

Método da pesquisa

O método esteve voltado para a pesquisa de campo e observação participante nas comunidades pesquisadas. No entanto, para atingir os objetivos da tese (ver Habel, 2022), foram realizadas entrevistas sociolinguísticas semi-estruturadas com falantes da geração mais velha (GII: acima de 50 anos) e da geração mais jovem (GI: entre 18 e 49 anos) que pertenciam a uma das três territorialidades (Pinhal Alto, Linha Temerária e Linha Imperial) ou se autodeclaravam descendentes de hunsriqueanos ou pomeranos ou boêmios. Selecionou-se também homens e mulheres (m: masculino e f: feminino) com e sem ensino superior com a finalidade de coletar informações mais representativas e diversificadas. Essa técnica é conhecida por "pluralidade de informantes" (Thun, 1998, p. 706) na área da Dialetologia. Sendo assim, reunia-se um homem e uma mulher com idade e escolaridade similar e que pertencessem ao mesmo grupo linguístico para realizar as etapas da coleta, em especial da conversa livre (menos monitorada pelo falante), introduzidas na variedade *Hunsrückisch* pela pesquisadora.

A pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos teóricos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998) que procura contrastar diferentes dimensões e parâmetros, o que permite uma análise de dados mais abrangente. Nesse sentido, os exemplos da variação linguística mais notórios podem ocorrer com a comparação entre informantes mais escolarizados *versus* menos escolarizados e informantes jovens *versus* mais velhos.

Por um lado, para atingir os objetivos da pesquisa, elaborou-se um questionário sociológico que foi aplicado em formato on-line, distribuído via e-mail e *WhatsApp*. Por outro lado, também foi elaborado um questionário linguístico para aplicar em campo. As entrevistas no formato presencial também resultaram em conversas livres, o que chamamos de etnotextos. O formato on-line atingiu 34 participantes que responderam ao questionário e o formato presencial resultou em mais 13 entrevistados.

As entrevistas e conversas com os falantes foram gravadas em formato de áudio, transcritas em dialeto e traduzidas para o português pela entrevistadora da pesquisa. Na medida do possível, utilizou-se das regras do modelo ESCRITHU[162] para reproduzir as falas dos falantes de alemão em formato escrito. Com o volume de dados, adequados para uma tese, foi realizada a análise quantitativa

e qualitativa. Tendo em vista o curto espaço no presente artigo, a análise focará em dados de fala que resultarão em uma breve análise qualitativa.

Amostra de resultados e análise de etnotextos

Para atingir o objetivo principal do presente artigo, selecionou-se excertos de fala da variedade do alemão falado pelos grupos descendentes de hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis-RS. A ordem de apresentação e análise dos textos orais segue a lógica do grupo que iniciou a colonização de terras em Nova Petrópolis. Conforme já mencionado na introdução, os hunsriqueanos ocuparam a região a partir de 1829, os pomeranos, a partir de 1858 e os boêmios, a partir de 1867. Por um lado, essa linha do tempo pode ter influenciado os hunsriqueanos quanto ao contato linguístico mais precoce com o português local. Por outro lado, os imigrantes boêmios podem ter tido certa vantagem com o uso do alemão *Standard* ao lado do dialeto que trouxeram da matriz de origem. Nesse sentido, veremos os principais resultados dos atuais usos linguísticos de cada grupo abaixo.

Variedade de fala dos hunsriqueanos

No quadro 01, selecionou-se uma informante jovem (GI) do grupo de descendentes hunsriqueanos (Hrs) que relata sobre a importância de falar a língua local e o que essa língua representa na vida dela, na família e em toda comunidade. Na fala dela, pode-se perceber o uso de marcas bem características da variedade mais *Substandard*, ou seja, mais dialetal, como na variável /iu/ pronunciada como [aˈɪ] em *Deitsch* se comparada com a forma mais *Standard* [ɔˈɪ] em *Deutsch*. O uso da variante [oː] em *Sproch* 'língua' e da variante [ɔ] em *honn* 'ter' confirmam também uma tendência mais dialetal na realização das vogais do *Mittelhochdeutsch* /â/ e /a/. Outra característica típica da fala alemã, considerada mais dialetal, é o uso da variante [v] que ocorre em *Lewe* 'vida'. Ainda na parte inicial da fala, a informante apresenta lusitanismos em seu repertório, tais como, *representiert*, *Vovo* e *important*. Segundo Coetsem (1992), pelo fato de uma língua ser um sistema aberto, ela está automaticamente sujeita a mudanças. Logo, a linguagem passa a adotar termos novos ou desisti do léxico que já não é mais tão funcional através das escolhas dos próprios falantes para satisfazerem suas necessidades comunicativas.

Quadro 2 – Primeiro excerto da fala do grupo de hunsriqueanos

Entrevistada Hrs-GI-f	**Tradução nossa para o português**
1. *Die deitsch Sproch representiert viel in mein Lewe, wall eb'ich Brasilionisch gelennt honn, in die Schul, hot mei Vovo unn meine Eltre mich Deutsch gelennt, unn wall'se mich gelennt honn, kann ich heit spreche unn anre Leit lenne.*	1. A língua alemã representa muito na minha vida porque antes de aprender português brasileiro na escola, minha avó e meus pais me ensinaram alemão e, por terem me ensinado, hoje posso falar e ensinar outras pessoas.
2. *Die deutsch Sproch is een important Stick von unser Geschicht unn deff net vergess werre.*	2. A língua alemã é uma parte importante da nossa história e não deve ser esquecida.
3. *Is ooch important in die Gemeind, wall die Leit jede Tooch spreche unn sich gut verstehn, wenn'se schaffe gehn, wenn'se kechle gehn, wenn'se Fussball spiele gehn unn wenn'se dehemm sinn.*	3. Também é importante na comunidade porque as pessoas falam todo dia e se entendem bem quando vão trabalhar, quando jogam bocha, quando jogam futebol e quando estão em casa.

Fonte: Habel (2022, p. 174)

A variável Mhd. /iu/ é bastante recorrente na interação entre falantes que se autodefinem como descendentes de hunsriqueanos, o que justifica o uso repetido das marcas dialetais [aɪ] em *heit* 'hoje' e *Leit* 'pessoas' [aɪ], por exemplo. Na sequência, a variável Mhd. /ou/ também ocorreu em sua forma mais dialetal com a variante [ɔ] em *ooch* 'também' (Hdt: auch). Além desses exemplos, a variável Mhd. /a/ foi produzida com a variante [ɔ] em *Tooch* 'dia' (Hdt: Tag). Por fim, para o advérbio *zuhause* 'em casa', a informante aplica o correlato *dehemm* 'em casa' (Hdt: *daheim*), caracterizado como marca mais dialetal, constando até mesmo nos registros do Dicionário Pons[163] como termo de uso regional na Áustria e Suíça.

O quadro 02 apresenta o relato de uma informante da geração mais velha (GII). Embora tenha-se a espectativa de que ela tivesse uma desenvoltura maior com a língua local, em comparação com a informante do quadro anterior que era mais jovem, ocorre o contrário. Ela inicia a fala dela com uma pergunta para confirmar a mensagem da entrevistadora e, na sequência, explica que atualmente sabe se comunicar pouco em alemão. A principal causa para perda de fluência no alemão, segundo ela, seria a falta de prática em função do casamento com um "brasileiro", ou seja, um monolíngue. Sendo assim, a família optou apenas pela língua portuguesa como fonte de interação no ambiente familiar.

Quadro 3 – Segundo excerto da fala do grupo de hunsriqueanos

Entrevistada Hrs-GII-f	**Tradução nossa para o português**
1. *Wie ich klein war?* 2. *[…] ich honn blos Deitsch gesproch unn heit wees ich wenig.* 3. *Ich bin veheirat mit een Brasilianer unn dann spreche'ma blos Bresilianisch dehemm unn mein Kinner auch.*	1. Quando eu era pequena? 2. […] eu apenas falava alemão e hoje eu sei pouco. 3. Eu sou casada com um "brasileiro" e então falamos apenas português brasileiro em casa e meus filhos também.

Fonte: Habel (2022, p. 176)

Essa entrevistada apresenta mais variação entre variantes *Standard* e *Substandard*, uma mistura tipicamente local, provavelmente resultante do contato linguístico intervarietal. As marcas mais próximas do *Standard* aparecem no uso da variante [a'ɪ] em *klein* 'pequeno', da variante [aː] em *war* 'era' e da variante [a'ʊ] em *auch* 'também'. A ocorrência de características mais dialetais surgiu em *honn* [ɔ] 'ter', *Deitsch* [a'ɪ] 'alemão', *heit* [a'ɪ] 'hoje', *wees* [eː] '(eu) sei', *een* [eː] 'um'. Essa alternância entre variantes *Standard* e *Substandard* também é esperada nos demais grupos em função do contato linguístico local.

Variedade de fala dos pomeranos

As famílias de pomeranos que foram destinadas a colonizar a região próxima ao Rio Caí, por volta de 1858, não conseguiram formar uma comunidade significativamente grande porque foram enviadas para colonizar terras devolutas (Schmitz, 1975). Certamente a formação de casamentos entre famílias pomeranas não era mais possível com o avanço do tempo, implicando em casamentos mistos entre pomeranos e hunsriqueanos ou italianos ou monolíngues do português local. A dificuldade para interagir entre seus membros da comunidade já iniciava na escola primária. Quando os professores eram fluentes em alemão local, em sua maioria, era a variedade *Deitsch* que eles tinham. Com essa variedade era possível entender um falante de uma variedade mais *Standard*, por exemplo, mas dificilmente a variedade falada pelos pomeranos por ser muito distante da área dialetal do *Mitteldeutsch* (médio-alemão), de onde vieram os hunsriqueanos e boêmios. A matriz de origem dos pomeranos situa-se na área do *Niederdeutsch* (baixo-alemão).

No quadro 03, selecionou-se um recorte de fala do falante mais velho da comunidade de descendentes do pomerano em Nova Petrópolis. Ele era um dos

falantes mais ativos linguisticamente na interação familiar e comunitária. Com o falecimento desse entrevistado, restam, atualmente, menos de cinco falantes isolados dessa variedade e que já não se consideram tão fluentes na língua em função da falta de integrantes para interagir diariamente.

A variedade do pomerana continua perdendo espaço para a variedade *Deitsch*, variedade local também denominada como *Hunsrückisch*, e para a variedade do português local. Assim, a variedade pomerana já não é considerada a língua de comunicação principal da família, em partes, também por causa dos casamentos mistos em que a geração jovem (GI) utiliza o *Deitsch* e o português para se comunicar diariamente. Abaixo, no trecho 1 do excerto dessa entrevista, o entrevistado contrasta as duas variedades em contato, o pomerano com suas características do baixo- alemão, e o alemão local, com suas características do médio-alemão.

Quadro 4 – Primeiro excerto da fala do grupo pomerano

Entrevistado Po-GII-m	**Tradução nossa para o português**
1. *Wenn muss senn, ik spreak alles. Alls ik anfong'in Schaulk goh, Schaullehrer, der Kinn nich Dietsch. Ik hab alles pommersch sproke mit mansch Lehrer, weere ik geweent, unn, „jah, Junge, du musscht annerscht spreche, ich verstehn nixs".* 2. *Ich war so versrrock unn doh musscht'ich alles Deitsch mit dem spreche. Der hat nixs verstann.*	1. Se for necessário, eu falo tudo. Quando comecei a frequentar a escola, o professor não sabia falar em pomerano (Dietsch). Eu falava tudo em pomerano com meu professor, eu era acostumado, e de repente "então jovem, tu precisas falar diferente, eu não entendo nada". 2. Eu me assustei e então tive que falar tudo em alemão (Deitsch) com ele. Ele não entendia nada (de pomerano).

Fonte: Habel (2022, p. 179)

É importante lembrar que, nesse caso, o entrevistado falava as variedades *Hochdeutsch* e pomerano, herdados da família, e a variedade *Deitsch* que aprendeu com a mãe em função de um casamento misto (pomerano e hunsriqueana). Em função disso, ele manifesta marcas linguísticas que são típicas do *Deitsch*, como nos exemplos de uso da fricativa alveolar [ʃ] em *musscht* 'precisei' e *annerscht* 'diferente', no quadro 03. Na sequência, o trecho 2 da entrevista, do mesmo quadro, traz a variante [aː] em *war* (pretérito do verbo ser) e [a] em *hat* (verbo auxiliar ter), considerada mais *Standard*. A diferença entre *Dietsch* (pomerano) e *Deitsch* (alemão) pode ser entendida através do contexto. No entanto, as duas formas evocam marcas mais dialetais.

No recorte do próximo entrevistado, quadro 04, percebe-se que os falantes de pomerano tiveram que se adaptar ao repertório linguístico das comunidades vizinhas, pois ele afirma que já não possui tanta fluência linguística hoje em dia. Essa perda na fluência da variedade pomerana se deu de forma natural, através da interação em festas típicas de outras comunidades, encontros comunitários, casamentos mistos e demais interesses culturais, econômicos e políticos. Na interação dos descendentes de boêmios, a vogal [aː] possui um papel de destaque como característica própria. A fala dos descendentes hunsriqueanos se caracteriza através do uso da vogal [ɔː] e o pomerano parece ter a vogal [ɛ] breve ou longa, como em *hees* (verbo auxiliar *haben*) a assumir esse papel, conforme o trecho 1, do recorte em que o entrevistado realiza uma pergunta para a pesquisadora em língua pomerana local.

Quadro 5 – Segundo excerto da fala do grupo pomerano

Entrevistado Po-GII-m	**Tradução nossa para o português**
1. *Hees noh verstoa? Nur voran, immer vorweets, vorweets, dann waas immer noch richtig werre.* 2. *[…] Das war aach alles mit dick Holz wie driwwe.* 3. *Schood,* olha, realmente*, ich kann ooch niemme viel (Pommersch).* 4. *[…] Das war Deitsch. Die Alte hier hann aach angefang mehr Deitsch unn doh is das mehr vergang. Dem Vater sein Eltre unn die Mutter sein hann aach Pommersch gesproch.*	1. Você entendeu? Só pra frente, sempre em frente, em frente, então sempre acertará. 2. […] Isso também era tudo com madeira grossa como lá. 3. Pena, olha, realmente, eu também não sei mais tanto em pomerano. 4. […] Isso era alemão (*Deitsch*). Os pais (*die Alte*) aqui também começaram com mais alemão (*Deitsch*) então isso foi desaparecendo. Os pais do meu pai e da minha mãe também falavam pomerano.

Fonte: Habel (2022, p. 182)

Mesmo que a geração mais velha (GII) não tenha tido ensino de alemão na escola, em função da introdução do português a partir da Campanha da Nacionalização (1937–1945), ela conseguiu manter um conhecimento básico do *Hochdeutsch* herdado através do canto em corais e da leitura. O recorte *Nur voran, immer vorweets*, do trecho 1, quadro 04, apresenta uma sequência de formulações do *Hochdeutsch* em estilo de citação. Na sequência, no trecho 2 da fala, observa-se o uso da vogal [aː] longa em *war* 'era' e *aach* 'também', o que remete a marcas mais *Standard*. Em contrapartida, a fala segue com a marcação

mais *Substandard* com a consoante /b/ que passa a ser produzida com [v] em *driwwe* 'lá' (Hdt: *drüben*).

Na parte 3 desse excerto, o entrevistado utiliza a interjeição *schood* 'pena' (Hdt: *schade*) mais dialetal, assim como os falantes de *Hunsrückisch* costumam pronunciar, com a vogal média aberta e longa [ɔː]. Ele lamenta o fato de ter perdido a fluência para se comunicar em pomerano. Na sequência, ele acaba alternando a fala para o português e volta para a variedade dialetal em que ocorre a marcação de mais uma marca [ɔː] em *ooch* 'também' (Hdt: *auch*).

Observou-se que na geração mais velha o *code-switching* não ocorre na fala dos descendentes do pomerano com tanta frequência. Essa geração de falantes ainda possui um repertório linguístico mais variado para se comunicar em alemão. Apesar de ainda terem um conhecimento mais passivo do pomerano e do *Hochdeutsch*, possuem um conhecimento ativo na variedade alemã mais recorrente na comunidade local, o *Hunsrückisch*.

O entrevistado afirma que sua família substituiu a variedade pomerana pela variedade falada pelos hunsriqueanos (Deitsch). Ao voltar suas lembranças ao passado, ele evoca marcas de uma variedade mais *Standard*, como na expressão *hann aach angefang* 'também começaram', em que ocorre o uso da vogal baixa breve [a] longa [aː]. Vale reforçar que essas características linguísticas atingem palavras gramaticais de uso frequente na interação, o que, provavelmente, favorece seu uso mais padronizado.

Variedade de fala dos boêmios

Para analisar a variedade falada atualmente pelos descendentes de boêmios, selecionou-se parte da entrevista realizada com uma jovem do sexo feminino, conforme segue abaixo, no quadro 05. A entrevistada afirma que ainda aprende alemão com a mãe e com a avó materna, especificamente o alemão local, a variedade de tipo *Deitsch* que é mais recorrente na região. Esse contexto particular da informante revela o seu histórico familiar em que ouve um casamento misto entre os pais. Ela mesma explica que o pai possui descendência italiana e a mãe, descendência alemã. Nesse contexto de contato linguístico entre variedades linguísticas muito diferentes, como por exemplo, alemão *versus* italiano, ou ainda, português *versus* alemão, a família opta pela escolha da língua que consideram mais necessária para a comunicação local dentro e fora de casa. Sendo assim, geralmente a variedade do português local leva vantagem por ter assumido o papel de língua oficial em setores educacionais, administrativos e sociais.

A entrevistada percebeu o valor da língua alemã e a necessidade em se comunicar melhor nessa variedade em função do trabalho que exerce no comércio

local. No entanto, o local do trabalho tem tido um papel fundamental para resgatar a língua alemã já que alguns clientes e associados preferem uma interação em alemão local. Para auxiliar nesse resgate da variedade alemã, ela recorre aos conhecimentos ativos da avó e da mãe, as quais são a principal referência para (re)ativar a variedade do tipo *Deitsch*. Em função do diálogo dos pais ter ocorrido predominantemente em português com essa entrevistada, ela afirma que, mesmo assim, entende a língua alemã, porém possui dificuldades para se expressar. Nesse caso, entende-se que a informante possui um conhecimento mais passivo do que ativo, ou seja, ela entende mais e melhor do que consegue falar ativamente na hora da interação.

Quadro 6 – Primeiro excerto da fala do grupo de boêmios

Entrevistada Bo-GI-f	**Tradução nossa para o português**
1. *Ich lerne (Deitsch) mit meine Mutter unn meine Grossmutter unn school. Ehm, ich mache, eu fiz o Fremdsprache na escola.* 2. *[…] Mein Vater kann italienisch unn meine Mutter kann Deitsch.* 3. *Viele Associados hier spreche Deitsch. Ich vertehn, aber spreche net so gut.*	1. Eu aprendo (Deitsch) com minha mãe e minha avó e na escola. Ehm, eu faço, eu fiz língua estrangeira na escola. 2. […] Meu pai fala italiano e minha mãe fala alemão. 3. Muitos associados aqui falam alemão. Eu entendo, mas não falo tão bem.

Fonte: Habel (2022, p. 168)

O primeiro excerto falado pela participante, no quadro 05, demonstra um caso de interferência do inglês da escola, como em *school* 'escola', termo, sobretudo, bastante semelhante ao alemão *Schul* (Hdt.: *Schule*). Além do mais, ela possui um repertório linguístico com marcas do tipo *Deitsch*, ou seja, características mais dialetais.

Ela opta pela forma mais *Standard* em *aber* 'mas', usando a variável /b/ e não a variável /v/, que muito possivelmente se deve à influência do ensino da língua alemã nas escolas, ou seja, da *Fremdsprache*, como ela afirma. De modo geral, a informante realiza *code-switching* que ocorre de forma natural e sem constrangimentos porque ela continua desenvolvendo o seu texto oral através de diferentes elementos linguísticos que compõem todo o seu repertório.

O último etnotexto selecionado, no quadro 06, também é de um informante jovem (GI), do sexo masculino (m) e autodeclarado descendente de boêmios (Bo). Ao contrário do quadro anterior, este já apresentou mais características *Standard* e menos *code-switching* com o português local. Nesse recorte da fala,

o participante da pesquisa relata sobre o seu aprendizado da língua alemã local. Aos cuidados da avó, ele interagiu desde cedo em alemão com ela e isso resultou em uma boa fluência e facilidade ao desenvolver diferentes temáticas durante toda a entrevista. O português local ele adquiriu a partir dos seis anos na escola.

Quadro 7 – Segundo excerto da fala do grupo de boêmios

Entrevistado Bo-GI-m	**Tradução nossa para o português**
1. *Bis sechs Jahre kunnt'ich nicht Portugiesisch spreche, nur Deutsch mit mein Grossmutter.*	1. Até os seis anos eu não sabia falar nada de português, somente alemão com minha avó.
2. *Die hat mich von klein aus aufgepasst unn von da an bin ich in die Schul unn do hab ich Portugiesisch ein bissche gelennt.*	2. Ela me cuidou desde pequeno e dali em diante fui pra escola e aprendi um pouco de português.
3. *Ich tun genn Deutsch spreche zu Hause auch immer Deutsch spreche mit mein Grossoma, die wohnt noch mit uns unn mia spreche ganz offt.*	3. Eu gosto de falar alemão, em casa também falo sempre em alemão com minha avó, ela mora com a gente e nós falamos com bastante frequência.
4. *[…] die mehrschte Person wo hier bei mich hinnkomme sinn meh eltre Leit unn die mehrschte spreche noch Deutsch unn das erschte was sie fragen is "derf ich Deutsch spreche mit dich?" Mit die mehrschte Sócios tun ich Deutsch spreche. […]*	4. […] a maioria das pessoas que vem aqui são pessoas mais velhas e a maioria ainda fala alemão e a primeira coisa que perguntam é "posso falar em alemão contigo?" Com a maioria dos sócios eu falo em alemão. […]

Fonte: Habel (2022, p. 169)

No trecho 1 do excerto, no quadro 06, observa-se que o entrevistado utiliza a marca mais *Standard* na escolha da vogal longa [aː] em *Jahre* 'anos', o que se repete no trecho 2 em *da an* em vez de *do on* 'daqui em diante'. O início da frase, do trecho 2, apresenta o verbo auxiliar *hat* (Hdt: *haben*), igualmente com a vogal [a] breve e considerada mais *Standard*. A ocorrência de [aˈɪ] em *klein* 'pequeno' e *ein* 'um' reforçam a aproximação de uma variedade muito próxima do *Standard*, na comparação das marcas linguísticas das variáveis analisadas.

Com relação à variável /iu/, o entrevistado alterna entre o *Standard* e o *Substandard*. Primeiramente, ele utiliza a forma *Standard* em *Deutsch* [ɔˈɪ] 'alemão' e, na sequência, a forma mais dialetal em *Leit* [aˈɪ] 'pessoas'. Assim como também utiliza a marcação *Standard* em [aˈʊ] *aufgepasst* 'cuidou' ao invés da forma mais dialetal *uffgepasst*. Por fim, no trecho 4, percebe-se que a consoante fricativa alveolar [ʃ] é repetida de forma constante, como marca mais dialetal, como no caso de *mehrschte* 'maioria' e *erschte* 'primeiro'.

As variantes do português local são raras no texto dele e o uso de variantes do *Hochdeutsch* já são bem mais frequentes, como, por exemplo, em *Portugiesisch* 'português' e *zu Hause* ' em casa'. De uma forma semelhante, tanto o português como o alemão padrão acabam aparecendo no repertório linguístico dos falantes locais que convivem nesse contato diário entre as diferentes variedades linguísticas de Nova Petrópolis.

Considerações finais

O presente artigo apresentou, de forma breve, a variação linguística do alemão falado por descendentes hunsriqueanos (Hrs), pomeranos (Po) e boêmios (Bo) em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Atualmente esses falantes também possuem em seu repertório linguístico o português local, que surge de forma natural como *Code-switching* (alternância de códigos linguísticos), um "processo comum entre adultos e crianças proficientes e com domínio em duas línguas" conforme King e Mackey (2007, p. 194).

Os dados confirmaram que o dialeto de base emigrado do norte da Boêmia, por exemplo, não "sobreviveu" e foi substituído pelo uso da variedade próxima do alemão *Standard*, muito possivelmente, pela semelhança com o *Hunsrückisch*, o que certamente facilitou a intercompreensão entre os descendentes de boêmios e hunsriqueanos. Consequentemente, os pomeranos também não conseguiram preservar sua variedade de origem porque logo se integraram e se adaptaram à situação linguística de seu entorno. Alguns resquícios dialetais ainda podem ser reconhecidos na fala dos entrevistados na forma de conhecimento passivo, como foi visto na entevista com duas famílias de descendentes do pomerano. Nesse caso, especialmente na GII, ocorreu a substituição das variedades de origem em prol do *Hunsrückisch*, variedade do alemão mais representativa na região.

Por um lado, a GI que ainda reside nas territorialidades do pomerano e do boêmio está cada vez mais voltada para o uso do português local. Por outro lado, as diferentes gerações do *Hunsrückisch* parecem ter incorporado marcas mais *Standard* dos descendentes de boêmios, como a variante [aː] em *kaafe* 'comprar' (Hdt: *kaufen*), por exemplo.

Os casamentos entre bilíngues e monolíngues, em sua maioria relatados durante a pesquisa, podem ter gerado novas gerações monolíngues que se comunicam, por exemplo, apenas em português ou que possuem um conhecimento mais passivo na língua alemã, ou seja, o informante entende a língua mas não a utiliza ativamente no dia a dia. Nesse mesmo viés, o pomerano se

tornou uma variedade falada em encontros de amigos pelos poucos integrantes ainda vivos na comunidade.

Para o grupo mais afastado do centro urbano, por exemplo, os descendentes do *Hunsrückisch*, da comunidade de Pinhal Alto, é mais comum utilizarem marcas dialetais e praticamente se isentarem de marcas mais próximas do *Standard*. Quando há marcas mais padronizadas, isso geralmente é justificado pela GI como marcas adquiridas através do ensino de alemão padrão. Mesmo assim, a população de Pinhal Alto segue um padrão de fala próprio que eles mesmos consideram como *Hunsrückisch* que sobreviveu às influências dos outros grupos e ainda é mais preservado entre o grupo de jovens. Em síntese, a análise dos etnotextos selecionados comprova, sobretudo, que ainda há jovens que são fluentes na variedade de fala do alemão local.

Referências

Altenhofen, Cléo Vilson. Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

Altenhofen, Cléo V.; Frey, Jaqueline; Käfer, Maria Lidiani; Klassmann, Mário; Neumann, Gerson R.; Spinassé, Karen Pupp. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. In: Revista Contingentia (http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3867/2166), v. 2 (nov.), p. 73–87, 2007.

Bellmann, Günter. Probleme des Substandards im Deutschen. In: Mattheier, K. Aspekte der Dialekttheorie. Tübingen: Niemeyer. (Reihe Germanistische Linguistik; 46), 1983, p. 105–130.

Coetsem, Frans. The interaction between dialect and standard language, and the question of language internationalization. Viewed from the standpoint of the Germanic languages. In: J. Leuvensteijn & J. Berns (Org.). Dialect and Standard Language in the English, Dutch, German and Norwegian Language Areas. Amsterdam: North-Holland, 1992, p. 15–70.

Habel, Jussara Maria. O contínuo Standard-Substandard do alemão no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis – RS. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS, 2022. 197 p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/238251>. Acesso em 09.08.2022.

King, Kendall; Mackey, Alison. What if my child mixes and switches languages? In: The bilingual edge. New York, NY. Harper Collins, 2007.

Lenz, Alexandra. Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten. In: Eggers, E.; Schmidt, J.; Stellmacher, D. (Org.).

Moderne Dialekte – Neue Dialektologie. Stuttgart: Franz Steiner, 2005, p. 229–252.

Lenz, Alexandra. Emergence of varieties through restructuring and reevaluation. In: Auer, Peter; Schmidt, Jürgen E. Language and space: theories and methods. An International Handbook of Linguistic Variation. Berlin/ New York: De Gruyter Mouton, 2010.

Schmitz, Arsênio José. Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudo sobre a imigração e a aculturação. Roma: Gregoriana, 1975.

Thun, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: Ruffino, G. (Org.). International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer, v. 5, 1998, p. 701–729.

Göz Kaufmann (Freiburg, Deutschland)

Nachnamen erzählen Geschichte, Vornamen die Gegenwart: Analysen zur onymischen Identität deutschsprachiger Brasilianer/innen[1]

Abstract: This contribution describes the naming practices among the descendants of (Low) German-speaking immigrants in three speech communities in Southern Brazil. Despite some changes in spelling and pronunciation, the descendants' last names still bear witness to their ancestors' home country, and even to their ancestors' home region. In this respect, the German Surname Atlas Project and a historic database of the Society for Computergenealogy were of great assistance. The descendants' first names have changed more substantially. First, they were also adapted to Portuguese with regard to spelling and pronunciation; after this, however, many of the German first names were simply replaced by Brazilian first names. These changes reflect the facts that the three speech communities arrived in Brazil a long time ago and, perhaps even more importantly, that they experienced a great deal of political pressure during the nationalistic period of the so-called *Estado Novo*. The empirical base of this paper is, on the one hand, the writing of names and epitaphs on tombstones. On the other hand, the translations of first names in some Portuguese stimulus sentences will be investigated. A total of 184 informants from Rio Grande do Sul were asked to translate these sentences from Portuguese into their respective (Low) German variety. The different forms of the translated names (and the rather frequent use of accompanying articles) are discussed, among other things, by means of binary logistic regression analyses. This discussion clearly shows that both societal (time of arrival of the speech community) and individual factors (age and gender) play a decisive role with regard to the preference of either more German or more Portuguese first names.

1. Einleitende Bemerkungen

Der Nachname Altenhofen ist leider nicht in aller Munde. Er kommt zum Beispiel nicht im *Lexikon der Familiennamen* des Duden (2008) vor. Allerdings findet er sich im *Digitalen Familiennamenwörterbuch Deutschlands* (vgl. Nübling & Janich; ab jetzt abgekürzt DFD; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022),

1 Für wichtige Hinweise bedanke ich mich bei Natalia Boltz, Natália Rutz, Luís Centeno do Amaral, Martin Pfeiffer und Tobias Streck.

wenn auch nur relativ schwach belegt. Dieses Wörterbuch basiert auf der Telekom-Datenbank (Stand 2005) und ermittelt sowohl die Namenshäufigkeit als auch den Rang unter allen erfassten Nachnamen. Altenhofen kommt 227-mal vor und belegt Rang 16574. Zu seiner Etymologie erfahren wir im DFD Folgendes (gleicher Nachweis wie bei Abbildung 1):

> Benennung nach Herkunft zum Siedlungsnamen Altenhofen (Landkreis Neuwied, Rheinland-Pfalz, Landkreis Roth und Landkreis Straubing-Bogen, Bayern, in der Gemeinde Arlon, Region Wallonien, Belgien, in der Gemeinde Arel, Luxemburg, und mehrfach in Österreich). Aufgrund der Verbreitung des Familiennamens kommen hauptsächlich die Siedlungen in Rheinland-Pfalz und Belgien in Frage.

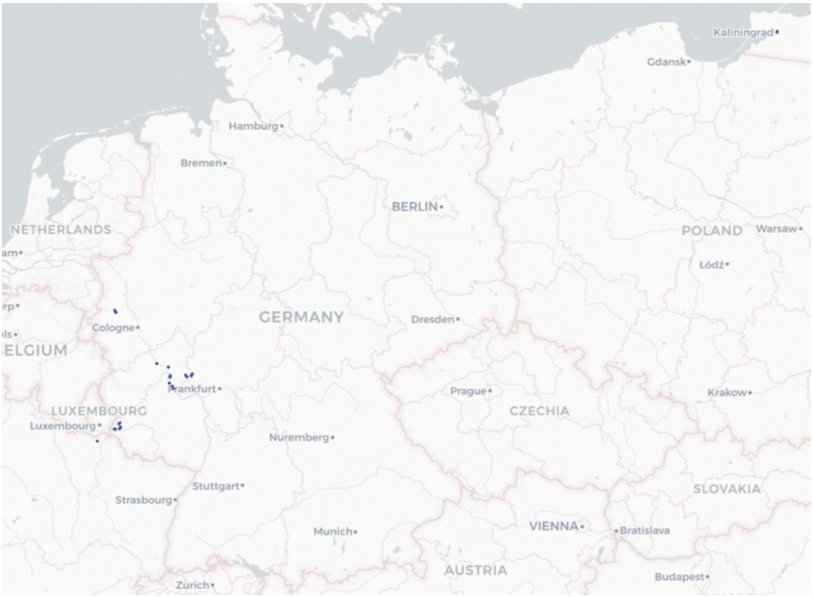
Dass sich dieser Nachname in Deutschland tatsächlich in Rheinland-Pfalz etablieren konnte, nicht aber in Bayern, demonstriert die DFD-Verteilungskarte in Abbildung 1:

Abbildung 1: Aktuelle Verteilung des Nachnamens Altenhofen (vgl. http://www.namenforschung.net/id/name/16649/1; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



Für die Zeit um 1890, also wesentlich früher und damit zeitlich näher zur Auswanderung der meisten Deutschsprachigen nach Brasilien, bietet der *Verein für Computergenealogie e. V.* die auf den Verlustlisten des Ersten Weltkriegs beruhende räumliche Verteilung von etwa 8,5 Millionen Nachnamen (vgl. https://wiki-de.genealogy.net/Verlustlisten_Erster_Weltkrieg/Projekt; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022). Aufgrund des großen Umfangs sollte Abbildung 2 also einen validen diachronen Vergleich ermöglichen.

Abbildung 2: Verteilung des Nachnamens Altenhofen um 1890 (vgl. https://nvk.genealogy.net/map/1890:Altenhofen; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



Die starke Übereinstimmung der beiden Abbildungen zeigt, dass die Verteilung des Nachnamens Altenhofen im deutschsprachigen Teil Europas zeitfest ist. Dass Altenhofen auch in Brasilien vorkommt, ist uns natürlich bekannt, allein seine problemlose Kombination mit in Brasilien gängigen Vornamen könnte einen Deutschsprachigen aus Europa ein wenig befremden. *Das große Vornamenlexikon* des Duden (2014, S. 108) beschreibt Cleo als weiblichen Vornamen

griechischen Ursprungs; die Verbindung zu Cleopatra ist offensichtlich. Die Schreibvariante Vilson sucht man dort vergebens, jedoch lässt sich die englische Orginalschreibung Wilson finden. Hierzu heißt es auf Seite 422: „Wilson [wɪlsn]: in den 1990er Jahren entlehnter männl. Vorn., ursprünglich ein englischer Familienname (‹‹Sohn des Will››).“ Wenn man nun das Genus von Cleo verändert, einen Akzent hinzufügt und den Anfangskonsonanten von Wilson deutsch ausspricht, also als Frikativ, und dementsprechend schreibt, kommen wir zu Cléo Vilson Altenhofen, ganz offensichtlich der Spross einer Familie aus der Neuwieder Gegend, die sich seit langer Zeit in Brasilien aufhält.

2. Nachnamen

Nehmen wir nun den Nachnamen *Großklags* in den Blick. Hierzu finden wir im DFD (gleicher Nachweis wie bei Abbildung 3) folgende etymologische Erklärung: „Benennung nach Rufname, siehe Großklaus 1. Es liegt eine Lautvariante im Zweitglied vor (ausführlich dazu siehe Dräger 2013, Seite 98-99). Es handelt sich um eine verhochdeutschte Form, siehe Grothklags.“ Der Name ist deutlich seltener als Altenhofen; er taucht nur 32-mal auf und belegt Rang 92048. Seine aktuelle räumliche Verteilung zeigt Abbildung 3:

Abbildung 3: Aktuelle Verteilung des Nachnamens Grossklags (vgl. http://www.namenforschung.net/id/name/92325/1; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



Von der Tatsache, dass die verhochdeutschte Form Grossklags tatsächlich auf einer niederdeutschen Basis Grothklags aufbaut, könnte seine seltene Präsenz im mittel- und oberdeutschen Raum zeugen. Für die historische Einordnung ist nun Drägers (2013, S. 99) Herleitung des <g> im zweiten Namensteil wichtig, die Frage also, wie aus Claus, der Kurzform von Nikolaus, Klags wurde. Dräger nimmt wegen des im Niederdeutschen weitgehend fehlenden Hiatus *au* einen Wandel von Claus zu Clawes an, gefolgt von einer Fortisierung von Clawes zu Clages. Ob das <g> dabei zuerst als Frikativ [x] und erst dann als Plosiv [g] ausgesprochen wurde, bedürfte noch einer genaueren Untersuchung. Auf jeden Fall passt dieser Prozess zu sprachlichen Erscheinungen im Hinterpommerschen Europas und im Pomerano Brasiliens. Dort finden wir ähnliche Fortisierungen, sowohl von [j] zu [ç] (z. B. in *köich* 'Kühe' [kø̯ɪç]) als auch von [w] zu [x] (z. B. in *fruuges* 'Frauen' [fru:xes]; vgl. Kaufmann &

Duran, 2022, S. 269–277). Die wohl tatsächlich gegebene räumliche Koinzidenz der beiden Prozesse in Europa zeigt sich in Abbildung 4:

Abbildung 4: Verteilung des Nachnamens Grossklags um 1890 (vgl. https://nvk.genealogy.net/map/1890:Großklags; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



In den Verlustlisten des ersten Weltkriegs taucht der Nachname Grossklags fast ausschließlich in Hinterpommern auf.[2] Die weit stärkere Verteilung des Namens in Abbildung 3 dürfte daher der Vertreibung der Hinterpommer/inne/n als Folge des Zweiten Weltkriegs geschuldet sein. Wegen seiner Herkunft verwundert es nicht, dass die Schreibvariante Grossklags ein recht typischer Nachname der Pommer/inne/n in Rio Grande do Sul ist (vgl. Abbildung 7). Wie schon eine flüchtige Suche im Internet beweist, wird Grossklags wie Altenhofen häufig mit brasilianischen Vornamen kombiniert.

2 Interessanterweise ist die niederdeutsche Form Grothklags 1890 noch weit seltener; sie taucht exklusiv an einem hinterpommerschen Ort auf. Über die Frage, warum sich die hochdeutsche Form im ostniederdeutschen Raum durchgesetzt hat, soll hier nicht spekuliert werden.

Eine letzte Migrationspopulation in Rio Grande do Sul, deren Namen wir analysieren wollen, sind die Mennonit/inn/en aus Colônia Nova, einer Ortschaft nahe der uruguayischen Grenze (etwa 50 km südlich von Bagé). Hier wählen wir den Nachnamen Dyck. Das DFD schreibt: „Benennung nach Wohnstätte, siehe Dieck 1. Es liegt eine Laut- oder Schreibvariante vor." Als Sprachvorkommen wird deutsch und niederländisch angegeben; eine Tatsache, die gut zu der ursprünglich friesisch-flämischen Herkunft der heute plautdietsch-sprachigen Mennonit/inn/en passt. Dyck ist deutlich häufiger als Altenhofen und Grossklags; er kommt 1009-mal vor und belegt Rang 3321. Seine aktuelle Verteilung zeigt Abbildung 5:

Abbildung 5: Aktuelle Verteilung des Nachnamens Dyck (vgl. http://www.namenforschung.net/id/name/3321/1; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



An dieser Verteilung ist besonders die Ballung zwischen Münster und Hannover überraschend, zumindest so lange man nicht erkannt hat, dass es sich um

die Region Bielefeld/Detmold handelt, die Ende des 20. Jahrhunderts für viele mennonitische Einwander/innen aus der (ehemaligen) Sowjetunion zur Heimat wurde. Eine zweite Konzentration findet sich zwischen Köln und Frankfurt; es handelt sich um Neuwied, ein weiteres Zentrum der russland-mennonitischen Migration.[3] Die sonst relativ gleichmäßige Verteilung des Nachnamens Dyck ist wohl wieder der Vertreibung dieser Namensträger/innen nach dem Zweiten Weltkrieg geschuldet, denn viele von ihnen kamen aus Westpreußen, wie Abbildung 6 zeigt:

Abbildung 6: Verteilung des Nachnamens Dyck um 1890 (vgl. https://nvk.genealogy.net/map/1890:Dyck; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



3 Wenn wir uns nun erinnern, dass die Ortschaft Altenhofen genau in diesem Landkreis liegt (etwa 30 km nördlich der Stadt Neuwied), und sehen, dass die Evangelische Mennonitengemeinde in Neuwied in der Pommernstraße 9 ansässig ist, so freut es einen umso mehr, dass die Hunsrücker/innen, Pommer/inne/n und Mennonit/inn/en auch in Rio Grande do Sul in relativer geographischer Nähe leben. Was für Neuwied gilt, gilt eben auch für Brasilien – oder umgekehrt.

Aufgrund der auch niederländischen Herkunft des Namens ist die Ballung im deutsch-niederländischen Grenzgebiet wenig überraschend. Die größte Konzentration findet sich allerdings weit entfernt von dieser Grenze, nämlich (süd)östlich von Danzig, also genau im Siedlungsraum der im 16. Jahrhundert aus Nordwesteuropa in den Raum Danzig ausgewanderten Mennonit/inn/en (vgl. die Karte der mennonitischen Siedlungsgebiete in Siemens, 2012, S. 52).[4] Die letzte Konzentration des Namens Dyck nordwestlich von Dresden erschließt sich uns auf Anhieb nicht, insbesondere weil sie heute nicht mehr existiert (vgl. Abbildung 5).[5]

Im brasilianischen Kontext fällt nun auf, dass anders als bei Altenhofen und Grossklags der Nachname Dyck eher selten mit brasilianischen Vornamen kombiniert wird. Dies zeigt wiederum eine kurze Suche im Internet. Grund hierfür dürfte hauptsächlich die Tatsache sein, dass die Vorfahren der Mennonit/inn/en erst in den 1930er Jahren nach Brasilien kamen, während die Vorfahren der Hunsrücker/innen und Pommer/inne/n bereits Anfang/Mitte des 19. Jahrhunderts einwanderten. Dass dieser zeitliche Unterschied nicht nur die Kombination von eher deutschen Vornamen mit dem mennonitischen Nachnamen Dyck und von eher portugiesischen Vornamen mit den nichtmennonitischen Nachnamen Altenhofen und Grossklags beeinflusst, soll dieser Beitrag zeigen.

---

4 Nun könnte man einwenden, dass die Mennonit/inn/en Pazifist/inn/en sind und also nicht in Verlustlisten eines Weltkriegs zu finden sein sollten. Allerdings darf man nicht vergessen, dass die ideologisch besonders unnachgiebigen Mennonit/inn/en um die Wende vom 18. zum 19. Jahrhundert nach Neurussland (die heutige und hoffentlich auch zukünftige Ukraine!) auswanderten (die Vorfahren der nun in Bielefeld/Detmold und in Neuwied lebenden Dycks), während die verbliebenen Wiedertäufer/innen sich mit der preußischen Regierung arrangieren mussten. Preußen war dabei sicherlich kein Paradies für Pazifist/inn/en.

5 Die Namenskonzentration könnte allerdings eine Folge der ursprünglich saisonalen Sachsengängerei im 19. Jahrhundert sein. Leidig (1892, S. 457) schreibt hierzu: „Der Landwirtschaft dieser beiden Provinzen [„Osten sowie in Hannover und Schleswig = Holstein"; G.K.] ist es bisher gelungen, die fehlenden Arbeitskräfte durch den Zuzug von Arbeitern aus den östlichen Provinzen zu ersetzen, gerade dadurch ist aber die Lage der Landwirtschaft des Ostens noch bedeutend erschwert worden. Denn neben der überseeischen Auswanderung geht hier eine umfangreiche Wanderung der Arbeiter nach den Industriegegenden und den in hoher Kultur stehenden landwirtschaftlichen Gebieten Niederschlesiens, Sachsens und der westlichen Provinzen."

3. Vornamen

Zwischen 1999 und 2002 habe ich eine auf Übersetzungen basierende Studie zur Verbsyntax des Plautdietschen in Nord- und Südamerika durchgeführt (vgl. Kaufmann, 2018). In Rio Grande do Sul habe ich dabei 56 Informant/inn/en aus Colônia Nova gebeten, 46 Stimulussätze zu übersetzen. Im Jahr 2002 habe ich zusätzlich 24 Hunsrücker/innen aus Brochier, etwa 100 km nordwestlich von Porto Alegre, interviewt. Zwischen 2017 und 2019 kamen dann noch 104 Pommer/inne/n aus Rio Grande do Sul hinzu (und weitere 146 pommersche Gewährspersonen aus Espírito Santo und Rondônia), die neben den ursprünglichen 46 Sätzen noch fünfzehn weitere Sätze übersetzten. Mithin kann ich für Rio Grande do Sul das sprachliche Verhalten von 184 Personen vergleichen, deren wichtigste soziolinguistische Charakteristika in Tabelle 1 zusammengefasst sind:

Tabelle 1: Soziolinguistische Charakteristika von 184 Informant/inn/en aus Rio Grande do Sul

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/innen**	**Pommer/inne/n**
n	56 (42)	24	104
Frauen	29 (51,8 %)	12 (50 %)	54 (51,9 %)
ns			
Alter	36,4	32,9	38,1
ns			
Jahre in Schule (+ Univ.)	13,1	8,8	9,7
$F(2,167)= 10,8; p<0.001^{***}$			
Kompetenz Dialekt	12,2	11,7	11,4
ns			
Kompetenz Portugiesisch	10,7	10,9	10,9
ns			
Kompetenz Std.-Deutsch	7,5	3,8	2,3
$F(2,167)= 69,2; p<0.001^{***}$			

Bezüglich des Geschlechts und des Alters der Gewährspersonen gibt es keinerlei signifikante Unterschiede. Gleiches gilt für die Dialektkompetenz und die Kompetenz im Portugiesischen (diese Daten liegen nur für 42 der

56 Mennonit/inn/en vor[6]). Die Mennonit/inn/en haben aber signifikant mehr Zeit in der Schule (bzw. Universität) verbracht.[7] Außerdem besitzen sie signifikant bessere Standarddeutschkenntnisse, was mit der Tatsache zusammenhängt, dass es in Colônia Nova bis vor einigen Jahren eine Gemeindeschule gab, in der Standarddeutsch nicht nur eine zu erlernende Fremdsprache war, sondern zumindest teilweise auch die Unterrichtssprache darstellte. Insbesondere bei den älteren mennonitischen Gewährspersonen überdacht deshalb das Standarddeutsche das Plautdietsche noch. Dies stellt sich zum Beispiel bei den Hunsrücker/inne/n anders dar. Altenhofen (2016, S. 126) schreibt diesbezüglich:

> Auf der anderen Seite stellt sich das Hunsrückische als stark lusitanisierte »brasilianische« Varietät dar, die sich zunehmend von der hochdeutschen Überdachungsnorm entfernt hat. Unter Einfluss der Schule hat allgemein im Untersuchungsgebiet das Portugiesische die Rolle der Schriftsprache übernommen.

Da das Alter der Informant/inn/en keine signifikanten Unterschiede aufweist, kann – trotz der Tatsache, dass die Pommerndaten etwa fünfzehn Jahre später erhoben wurden – schon der Vergleich ihrer Vornamen erste Hinweise auf unterschiedliche Assimilationsgrade geben. Schließlich sind Vornamen im Unterschied zu Nachnamen zwar nicht vollständig, aber doch deutlich stärker von den Wünschen und Einstellungen der Eltern abhängig (vgl. allerdings Nübling *et al*., 2012, S. 112–116 zu (teilweise bindenden) Konventionen bei der Vornamensgebung). Nübling *et al*. (2012, S. 109) schreiben:

> Der RufN [Rufname; G.K.] ist der individuellste Name […]. Wie kaum ein Namentyp unterliegt er dem direkten Zugriff des Menschen: Eltern dürfen ihren Kindern diesen lebenslang anhaftenden Namen aussuchen. Seine Bedeutung für die Identität des Kindes kann kaum überschätzt werden.

Bei den mennonitischen Informant/inn/en finden wir tatsächlich noch viele Namen, die zumindest bis vor einigen Jahrzehnten auch in Deutschland verbreitet waren. Nennen möchte ich hier Gerda, Hannelore, Valtraud (in dieser Schreibung vergleichbar mit dem in Abschnitt 1 besprochenen Vilson),

---

6 Die Kompetenzen wurden von den Gewährspersonen selbst eingeschätzt und variieren zwischen null (keinerlei Kenntnis) und 14 Punkten (absolut muttersprachliche Kenntnis; vgl. Kaufmann, 1997, S. 135–137 für die angewandte Methode).

7 Ein Asterisk * bedeutet, dass die Wahrscheinlichkeit für einen Fehler erster Art zwischen 1 % und 5 % liegt ($0{,}01 \leq p < 0{,}05$), zwei Asteriske **, dass sie kleiner als 1 % ist ($0{,}001 \leq p < 0{,}01$), drei Asteriske ***, dass sie nahe bei 0 % liegt ($p < 0{,}001$). Ein Asterisk in Klammern $^{(*)}$ gibt eine statistische Tendenz an ($0{,}05 \leq p < 0{,}1$).

Matilde, Ingrid, Heinrich, Rudolf, Rolf, Hugo, Helmut oder Gerhard. Solche Namen kommen bei den Hunsrücker/inne/n und Pommer/inne/n nur selten vor. In der pommerschen Sprachgemeinschaft finden sich noch Doris, Sigmar, Rudi, Gertrudis, Erdminda (vielleicht verbunden mit maskulinem Erdmar) und Hildomar (Hildmar), wobei die letzten drei Namen schon portugiesischen bzw. lateinischen Einfluss aufweisen. Bei den Hunsrücker/inne/n gibt es noch Annelise und Claus. Diese Vornamen sind aber Ausnahmen. Im Normalfall verwenden beide Gruppen typische brasilianische Vornamen wie Fernanda, Valéria, Daiane, Eliane, Luciana, Ilaine, Nílson, Anderson, Mílton, Sérgio, éderson und Romário. Bei den Mennonit/inn/en kommen solche Namen fast ausschließlich bei den jüngeren Gewährspersonen vor (vgl. hierzu auch Kaufmann 2004: S. 258 – FN 4 und S. 262 – FN 7).

Um eine statistische Analyse des onymischen Assimilationsverhaltens der drei Migrationsgruppen durchzuführen, können wir auf die Übersetzungen von vier der 46 Stimulussätze zurückgreifen:

(1) Stimulus <2> O João não acha que tu conheces bem os teus amigos.
Johann glaubt nicht, dass du deine Freunde gut kennst.
(2) Stimulus <5> O Enrique não sabe que ele pode sair do país.
Heinrich weiß nicht, dass er das Land verlassen kann.
(3) Stimulus <7> O Pedro está convencido que ele entendeu o livro.
Peter is (davon) überzeugt, dass er das Buch verstanden hat.
(4) Stimulus <9> Elisabete insiste que tu deves ter visto o caminhão.
Elisabeth beharrt darauf, dass du den Lastwagen gesehen haben musst.

Tabelle 2 zeigt die Verteilung der Übersetzungen von João in Stimulussatz <2>. Die Zeilen über der statistischen Angabe beinhalten die deutschen Namensvarianten, die Zeilen darunter die portugiesischen:

Tabelle 2: Übersetzungsvarianten für João in Stimulussatz <2>

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/innen**	**Pommer/inne/n**	**insgesamt**
n	56	24	97	177
Hans	35 (62,5 %)	0	0	35 (19,8 %)
Johann	6 (10,7 %)	7 (29,2 %)	0	13 (7,3 %)
$\chi^2(2, n = 177) = 96{,}3$; $p<0{,}001$*** / Cramer-V: 0,74 / 0 Zellen mit weniger als 5 erwarteten Token				
João	15 (26,8 %)	17 (70,8 %)	97 (100 %)	129 (72,9 %)

Bei den Pommer/inne/n kommt nur der portugiesische Vorname JOÃO vor, wobei wir aus Platzgründen nicht auf durchaus vorhandene Aussprachevarianten eingehen können (vgl. Altenhofen, 1996, S. 200–202 für die Aussprache des dem Graphem <ão> entsprechenden Nasalvokals im Hunsrückischen). Auch die Hunsrücker/innen zeigen eine starke Dominanz der portugiesischen Form, während bei den Mennonit/inn/en die deutschen Formen *Hans* und *Johann* überwiegen, wohl wieder eine Folge der kürzeren Aufenthaltsdauer in Brasilien und der teilweise noch existierenden Überdachung durch das Standarddeutsche. Interessant ist dabei die Präferenz von HANS bei den Mennonit/inn/en, während die Hunsrücker/innen JOÃO deutsch nur mit JOHANN übersetzen. Bei PEDRO in Stimulussatz <7> verwenden die Pommer/inne/n die portugiesische Namensvariante wieder durchgehend, während die beiden anderen Gruppen die deutsche Form PETER klar bevorzugen. Die Hunsrücker/innen tun dies hier allerdings leicht stärker, wobei sie keinerlei rhotischen Formen wie PERER verwenden (vgl. für diese Form Altenhofen, 1996, S. 131).

Tabelle 3: Übersetzungsvarianten für PEDRO in Stimulussatz <7>

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/innen**	**Pommer/inne/n**	**insgesamt**
n	56	24	99	179
Peter	47 (83,9 %)	22 (91,7 %)	0	69 (38,5 %)
$\chi^2(2, n = 179) = 139{,}4$; $p < 0{,}001$*** / Cramer-V: 0,88 / 0 Zellen mit weniger als 5 erwarteten Token				
Pedro	9 (16,1 %)	2 (8,3 %)	99 (100 %)	110 (61,5 %)

Für ENRIQUE in Stimulussatz <5> gibt es eine größere Variation, wobei wieder auffällt, dass Mennonit/inn/en und Hunsrücker/innen bezüglich der Formen HEIN und HEINER unterschiedliche Präferenzen aufweisen. Die Zeilen *Sonstige* fassen Fehlübersetzungen oder unklare Übersetzungen zusammen. Diese werden für die weiteren Analysen ausgeschlossen. Hier gilt wieder, dass die Pommer/inne/n die meisten portugiesischen Vornamen produzieren, gefolgt von den Hunsrücker/inne/n und den hier wieder am wenigsten assimilierten Mennonit/inn/en.

Tabelle 4: Übersetzungsvarianten für ENRIQUE in Stimulussatz <5>

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/ innen**	**Pommer/inne/n**	**insgesamt**
n	55	24	102	181
Heinrich	13 (23,6 %)	9 (37,5 %)	24 (23,5 %)	46 (25,4 %)
Hein	22 (40 %)	0	0	22 (12,2 %)
Heiner	0	3 (12,5 %)	0	3 (1,7 %)
Sonstige	0	0	5 (4,9 %)	5 (2,8 %)
$\chi^2(2, n = 171) = 20{,}8$; $p < 0{,}001$*** / Cramer-V: 0,35 / 0 Zellen mit weniger als 5 erwarteten Token				
Enrique	20 (36,4 %)	10 (41,7 %)	66 (64,7 %)	96 (53 %)
Henrique	0	2 (8,3 %)	2 (2 %)	4 (2,2 %)
Sonstige	0	0	5 (4,9 %)	5 (2,8 %)

Interessanterweise gibt es dabei, wie in (5), Fälle von Reparaturen:

Stimulus <5> O Enrique não sabe que ele pode sair do país.
Heinrich weiß nicht, dass er das Land verlassen kann.

(5) Hei- Enrique weet nie wat hei ut de Pais rüt mut maake
Hei- Enrique weiß nicht dass er aus dem Land raus muss machen
Pommerin 114 (52 Jahre)

Neben der Verwendung der Relativpartikel *wat* als Komplementierer ist hier besonders die portugiesische Reparatur ENRIQUE des deutsch begonnenen Namens HEI- (wohl HEINRICH) interessant. Die Richtung der Reparatur passt zur Dominanz portugiesischer Formen bei den Pommer/inne/n. Bei ELISABETE in Stimulussatz <9> wurde bezüglich der nicht palatalisierten und auf Plosiv endenden Formen folgende Regel angewandt. Lag die Hauptbetonung (eher) auf der zweiten Silbe, also eLIsabeth (in Tabelle 5 *Elisabeth*), wurde die Form als deutsch gewertet, lag sie deutlich auf der vierten Silbe, also elisaBET (in Tabelle 5 *Elisabet*), wurde sie als Portugiesisch gewertet:

Tabelle 5: Übersetzungsvarianten für ELISABETE in Stimulussatz <9>

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/innen**	**Pommer/inne/n**	**insgesamt**
n	56	24	96	176
Elisabeth	41 (73,2 %)	14 (58,3 %)	8 (8,3 %)	63 (35,8 %)
Lisbeth	1 (1,8 %)	3 (12,5 %)	1 (1 %)	5 (2,8 %)
Lisabeth	1 (1,8 %)	3 (12,5 %)	0	4 (2,3 %)
Sonstige	0	1 (4,2 %)	0	1 (0,6 %)
$\chi^2(2, n =173)= 87{,}7; p<0{,}001$*** / Cramer-V: 0,71 / 0 Zellen mit weniger als 5 erwarteten Token				
Elisabetsche	1 (1,8 %)	0	61 (63,5 %)	62 (35,2 %)
Elisabet	8 (14,3 %)	3 (12,5 %)	12 (12,5 %)	23 (23,1 %)
Elisabete	4 (7,1 %)	0	11 (11,5 %)	15 (8,5 %)
Elisabetsch	0	0	1 (1 %)	1 (0,6 %)
Sonstige	0	0	2 (2 %)	2 (1,1 %)

Die Pommer/inne/n weisen erneut den höchsten Anteil portugiesischer Namensvarianten auf. In diesem Fall sind es die Hunsrücker/innen, die am wenigsten assimiliert erscheinen. Da Kaufmann (2017, S. 274 – Fußnote 23) gezeigt hat, dass die prestigereichere palatalisierte Aussprache bei den Lehnwörtern *sorvete* ('Eis') und *acidente* ('Unfall') von pommerschen Frauen bevorzugt wird, soll nun noch analysiert werden, ob dies auch für die palatalisierten portugiesischen Namensformen ELISABETSCH(E) gilt.[8]

8 Dass bei den Hunsrücker/inne/n und Mennonit/inn/en bei ELISABETE fast nicht palatalisiert wird, mag an der Lokalisierung ihrer Siedlungsgebiete liegen. In den Daten des *ALERS* zeigt sich, dass in Canguçu (Erhebungspunkt 833) und São Lourenço do Sul (Erhebungspunkt 834), den beiden größeren Orten des pommerschen Gebiets, sowohl bei *mentira* ('Lüge') als auch bei *tio* ('Onkel') palatalisiert wird (vgl. KOCH *et al.*, 2011, S. 191). Allerdings gilt dies auch für den Erhebungsort in der Nähe von Colônia Nova (Bagé – 762) und für die Erhebungsorte in der Nähe von Brochier (Montenegro – 773 und Lajeado – 762). Nördlich von Brochier schließt sich aber ein größeres Gebiet an, in dem nicht palatalisiert wird, und Bagé ist von Colônia Nova relativ weit entfernt. Canguçu und São Lourenço do Sul stellen dagegen praktisch einen Teil des pommerschen Siedlungsgebiets dar.

Tabelle 6: Portugiesische Übersetzungsvarianten der Pommer/inne/n für ELISABETE in Stimulussatz <9>

	Männer	**Frauen**
n	40	45
Elisabet Alter	9 (22,5 %) 39,7	3 (6,7 %) 66,7
Elisabete Alter	10 (25 %) 38,5	1 (2,2 %) 52
χ^2(1, n =85)= 16; p<0,001*** / Phi: -0,43 / 0 Zellen mit weniger als 5 erwarteten Token		
Elisabetsch Alter	1 (2,5 %) 28	0
Elisabetsche Alter	20 (50 %) 32,3	41 (91,1 %) 36,2

Neben dem erwarteten Geschlechterunterschied – die Frauen verwenden die palatalisierten Formen ELISABETSCH(E) signifikant häufiger (91,1 % vs. 52,5 %) – zeigt sich auch ein Altersunterschied. Für alle Pommer/inne/n beträgt das Alter für die nicht palatalisierten Formen ELISABET(E) im Durchschnitt 43,2 Jahre, für die palatalisierten Formen nur 34,8 Jahre (F(1,83)= 5,1; p =0,026*). Dabei ist der Altersunterschied bei den Frauen noch weitaus stärker ausgeprägt als bei den Männern (vgl. die Altersangaben für jede Zelle unter den jeweiligen Häufigkeitsangaben). Es sind also die jungen Frauen, die die im Portugiesischen prestigereiche Palatalisierung am stärksten auf das Pommersche übertragen. Aufschlussreich sind auch hier Reparaturen wie in (6a+b):

Stimulus <9> Elisabete insiste que tu deves ter visto o caminhão.
Elisabeth beharrt darauf, dass du den Lastwagen gesehen haben musst.

(6) a. Elisabet- Elisabetsche sägt dü häst dere Caminhão sehe
Elisabeth- Elisabeth sagt du hast diesen Lastwagen gesehen
Pommerin 128 (55 Jahre)

b. Elisabet:sche- [0,6] Elisabeth m- meint ik hab dem [1,7] Caminhão
Elisabeth- [0,6] Elisabeth m- meint ich habe den [1,7] Lastwagen
wirklich gesehne
wirklich gesehen
Mennonitin 11 (39 Jahre)

Die Namensvorgabe ist in beiden Fällen palatalisiert, entspricht also der portugiesischen Prestigeform ELISABETSCHE. Die pommersche Informantin produziert erst die nicht palatalisierte, aber auf der vierten Silbe betonte Form

Elisabet, verbessert sich dann aber und produziert in einem zweiten Anlauf Elisabetsche. Sie folgt damit der unmarkierten Aussprache der pommerschen Frauen. Genau das gleiche tut die mennonitische Informantin; hier bewirkt die Markiertheit aber die umgekehrte Reihenfolge. Die Informantin beginnt mit der palatalisierten Form, bevorzugt dann aber die auf der zweiten Silbe betonte und von den Mennonit/inn/en insgesamt bevorzugte deutsche Form Elisabeth. Interessant sind an diesem Beispiel die stark gedehnte Verschlussphase des Plosivs (durch Doppelpunkt markiert) und die auffälligen Pausen vor Elisabeth und *Caminhão*; Phänomene, die bei Hunsrücker/innen und Pommer/inne/n weit seltener vorkommen (vgl. Kaufmann, 2017). Sie bezeugen die Existenz zweier stärker getrennter mentaler Lexika bei den Mennonit/inn/en. Nach dem Hören einer portugiesischen Wortform scheint die fehlende Konvergenz dieser Lexika den lexikalischen Zugriff auf die deutsche Wortform und deren Abruf zu erschweren (vgl. Kaufmann, 2017, S. 303–304).

Zum Schluss dieses Abschnitts wollen wir noch eine binär logistische Regressionsanalyse durchführen, um den Einfluss von verschiedenen unabhängigen Variablen gleichzeitig evaluieren zu können. Folgende Variablen werden dabei verwendet:

Nominale Variablen
Gruppe (3 Varianten; Kontrastvariante *Mennonit/inn/en*): Mennonit/inn/en; Pommer/inne/n; Hunsrücker/innen
Name (4 Varianten; Kontrastvariante *Pedro*): Pedro; Elisabete; João; Enrique
Geschlecht (2 Varianten; Kontrastvariante *Männer*): Männer; Frauen
Metrische Variable
Alter

Das Modell analysiert 700 Token (440 portugiesische Namensformen). Nicht ins Modell aufgenommen wurden die drei Sprachkompetenzen und die Länge der Ausbildungszeit. Integriert man diese Variablen, werden sie nicht ausgewählt. Tabelle 7 fasst die Ergebnisse zusammen:

Tabelle 7: Ergebnis der binär logistischen Regressionsanalyse zur Sprache des Vornamens (Methode: vorwärts bedingt)

Gruppe	Alter	Name	Geschlecht
Wald: 212,5***	Wald: 22,7***	Wald: 17,8***	Wald: 8,9**
Pommer/inne/n (46,6***)		João (2,6**)	Frauen (1,9**)
Mennonit/inn/en Hunsrücker/innen		**Pedro** Elisabete Enrique	**Männer**
	Alter (0,97***)		

Die ausgewählten Prädiktoren sind gemäß ihrer schrittweisen Selektion von links nach rechts angeordnet (vgl. die abfallenden Wald-Werte[9]). Die Kontrastvarianten der nominalen Variablen finden sich fettgedruckt in der grau unterlegten Zeile. Die nicht fett gedruckten Varianten in dieser Zeile zeigen kein signifikant unterschiedliches Verhalten. Über dieser Zeile stehen die Varianten, bei denen die Wahrscheinlichkeit für eine portugiesische Namensform signifikant höher ist; darunter Varianten, bei denen diese Wahrscheinlichkeit signifikant niedriger ist. Die metrische Variable *Alter* hat natürlich keine Kontrastvariante. Da sie in diesem Modell die Wahrscheinlichkeit senkt, befindet sie sich fettgedruckt unterhalb der grau unterlegten Zeile. Bei den signifikant abweichenden Varianten wird jeweils der Wert des Regressionskoeffizienten B und das Signifikanzniveau angegeben.

9 Der Wald-Test überprüft, ob der Einfluss einer unabhängigen Variable auf die abhängige Variable signifikant ist. Die Höhe des Wald-Werts kann innerhalb eines Modells (also z.B. in Tabelle 7) verglichen werden. Zwischen verschiedenen Modellen sollten die Werte nicht verglichen werden. Der weiter unten genannte Regressionskoeffizient B gibt die durchschnittliche Zunahme/Abnahme der Wahrscheinlichkeit der Zielvarianten der abhängigen Variable an (in Tabelle 7 also eine portugiesische Namensform), wenn die unabhängige Variable um eine Einheit ansteigt. Bei der nominalen Variable *Geschlecht* wäre dies der Vergleich zwischen Frauen und der Kontrastvariante *Männer*, bei der metrischen Variable *Alter* wäre es die Zunahme/Abnahme pro zusätzlichem Lebensjahr.

Das Modell selegiert alle unabhängigen Variablen. Insgesamt ist die „erklärte Varianz“[10] mit 56,2 % hoch (Nagelkerkes R-Quadrat: 0,562; Cox & Snell R-Quadrat: 0,412). Die Variable *Gruppe* ist der mit Abstand wichtigste Prädiktor. Die Wahrscheinlichkeit für eine portugiesische Namensform ist bei den Pommer/inne/n um einen hohen Faktor von 46,6 höher als bei den Mennonit/inn/en. Dieser Unterschied könnte allerdings leicht aufgebläht sein, da, wie bereits erwähnt, die pommerschen Daten etwa fünfzehn Jahre später erhoben wurden, ein Zeitraum, der die onymische Assimilation noch einmal verstärkt haben dürfte. Die Hunsrücker/innen zeigen im Vergleich zu den Mennonit/inn/en kein unterschiedliches Verhalten. Diese Ergebnisse, die die Resultate der Tabellen 2 bis 5 reflektieren, stehen teilweise in Kontrast zum Anteil der Entlehnungen bei Appellativa. Hier findet Kaufmann (2017) am wenigsten Lehnwörter bei den Mennonit/inn/en, aber kaum einen Unterschied zwischen Pommer/inne/n und Hunsrücker/inne/n. In Bezug auf Entlehnungen verhalten sich Eigennamen also anders als Appellativa.

Interessanterweise gibt es auch bei den Namen einen signifikanten Unterschied. Während Elisabete und Enrique keinen Unterschied zur Kontrastvariante Pedro zeigen, weist João mehr portugiesische Formen auf (ein fördernder Faktor von 2,6). Ein Grund hierfür könnte die große Unähnlichkeit zwischen deutscher und portugiesischer Namensform bei João sein. Für diesen Namen könnte der lexikalische Zugriff auf die phonologisch weiter entfernten deutschen Formen Johann/Hans aufwändiger sein als bei Enrique/Heinrich und insbesondere als bei Pedro/Peter und Elisabeth/Elisabetsche.

Die Wirkweise der beiden individuellen Prädiktoren entspricht unseren Erwartungen. Ein 30-jähriger Informant hat eine um einen Faktor 1,4 höhere Wahrscheinlichkeit, eine portugiesische Wortform zu verwenden, als ein 40-jähriger Informant ((1:0,97)[10]). Daneben erhöhen Frauen diese Wahrscheinlichkeit um einen Faktor 1,9, ein nicht unerwartetes Resultat im Lichte der sattsam bekannten (sprachlichen) Prestige-Orientierung von Frauen. Allerdings widerspricht dieser Unterschied den Ergebnissen von Kaufmann (2017) insofern, als dass dort zwar die Aussprache der Lehnwörter, nicht aber ihre Häufigkeit vom Geschlecht abhing. Hier sind nun beide Phänomene abhängig vom Geschlecht (vgl. Tabellen 6 und 7).

10 Da es sich beim Nagelkerkes R-Quadrat und beim Cox & Snell R-Quadrat um sogenannte Pseudo-R-Quadrate handelt, ist bei der Interpretation besondere Vorsicht geboten. Aus diesem Grund setzen wir die „erklärte Varianz“ in Anführungsstriche.

4. Artikelgebrauch bei Vornamen

Der aufmerksame Leser hat bei den vier untersuchten Stimulussätzen natürlich bemerkt, dass die drei männlichen Namen einen Artikel aufweisen, während der weibliche Name artikellos verwendet wird. Die exakte Form der Stimulussätze stützt sich dabei auf muttersprachlichen Urteilen, denn gerade die Verwendung von Artikeln vor Namen ist im brasilianischen Portugiesisch fakultativ (vgl. z. B. Silva, 1998). Auf jeden Fall ermöglicht der Unterschied in den Stimulussätzen nun einen Einblick in das diesbezügliche Verhalten der Gewährspersonen. Wir wollen im Weiteren nicht auf die morphosyntaktischen und pragmatischen Faktoren eingehen, die die Artikelsetzung beeinflussen (vgl. fürs Deutsche Nübling *et al*., 2012, S. 122–126 und Werth, 2020; fürs Portugiesische z. B. Silva, 1998). Um Definitheit allein geht es auf alle Fälle nicht, da Eigennamen *per se* definit sind. Tabelle 8 referiert den Artikelgebrauch bei den drei männlichen Vornamen João, Enrique und Pedro, also die Frage, ob die Informant/inn/en Pedro, de(r) Pedro oder o Pedro in ihren (nieder)deutschen Übersetzungen verwenden.

Tabelle 8: Artikelgebrauch bei den männlichen Vornamen der Stimulussätze <2>, <5> und <7>

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/innen**	**Pommer/inne/n**	**insgesamt**
n	167	72	300	539
ohne Artikel	125 (74,9 %)	6 (8,3 %)	280 (93,3 %)	411 (76,3 %)
$\chi^2(2, n =539)= 231,9; p<0,001^{***}$ / Cramer-V: 0,66 / 0 Zellen mit weniger als 5 erwarteten Token				
mit Artikel	42 (25,1 %)	66 (91,7 %)	20 (6,7 %)	128 (23,7 %)
davon portugiesisch	0	2 (2,8 %)	12 (4 %)	14 (2,6 %)

Dass das Hunsrückische im Vergleich zu den niederdeutschen Varietäten Pomerano und Plautdietsch mit Abstand die meisten Artikel verwendet, überrascht aufgrund seiner westmitteldeutschen Herkunft nicht. Nübling *et al*. (2012, S. 122; vgl. auch Werth, 2020, S. 3) schreiben hierzu:

> Im gesamten **Süden** (einschließlich der **Schweiz**, **Österreichs**, **Luxemburgs**) ist der Artikelgebrauch in der Umgangssprache (und erst recht in den Dialekten) in jedem Kontext unmarkiert, ja obligatorisch […]. In der **Mittelzone** hängt die Artikelverwendung stark vom Kontext ab, und im **Norden** Dtlds. schüttelt man sich, wenn man so etwas hört [Hervorhebungen im Original; G.K.].

Ob es beim Hunsrückischen auch kontextuelle Unterschiede gibt, kann mit diesem Datenset nicht beantwortet werden, da alle Namen als Subjekte fungieren. Bemerkenswert ist aber, dass das Pomerano weit weniger Artikel aufweist als das Plautdietsche, obwohl die Pommer/inne/n den niedrigsten Kompetenzwert beim Standarddeutschen aufweisen (vgl. Tabelle 1). Die relativ gute Beherrschung dieser Prestigevarietät durch die Mennonit/inn/en scheint also den Artikelgebrauch im Plautdietschen nur wenig zu beeinflussen. Ein direkter portugiesischer Einfluss ist allerdings auch unwahrscheinlich, zum einen, weil die drei Sprechergruppen sich in ihrer diesbezüglichen Kompetenz nicht unterscheiden, zum anderen, weil ja gerade die Mennonit/inn/en sowohl bei den Vornamen (vgl. Tabellen 2-5 und 7) als auch bei den Appellativa (vgl. Kaufmann, 2017) nur schwach vom Portugiesischen beeinflusst sind. Auffällig an Tabelle 8 ist daneben wieder, dass es die Pommer/inne/n sind, die den stärksten Einfluss des Portugiesischen aufweisen. Sie verwenden nicht nur die meisten portugiesischen Namensformen, sondern auch zwölfmal einen portugiesischen Artikel, also in mehr als der Hälfte ihrer zwanzig Token mit einem Artikel vor dem Vornamen. Interessant ist nun der Vergleich zu Stimulussatz <9> mit dem artikellosen Subjekt Elisabete.

Tabelle 9: Artikelgebrauch beim weiblichen Vornamen Elisabete in Stimulussatz <9>

	Mennonit/inn/en	**Hunsrücker/innen**	**Pommer/inne/n**	**insgesamt**
n	56	24	104	184
ohne Artikel	56 (100 %)	14 (58,3 %)	103 (99 %)	173 (94 %)
$\chi^2(2, n = 184) = 62{,}6$; $p < 0{,}001$*** / Cramer-V: 0,58 / 2 Zellen (33,3 %) mit weniger als 5 erwarteten Token				
mit Artikel	0	10 (41,7 %)	1 (1 %)	11 (6 %)

Der Artikelgebrauch insgesamt fällt von 23,7 % in Tabelle 8 auf 6 % in Tabelle 9. Mennonit/inn/en und Pommer/inne/n gebrauchen praktisch keine Artikel mehr. Insofern ist ein Priming-Effekt durch das Vorlesen des portugiesischen Stimulussatzes wahrscheinlich. Allerdings bleibt unklar, wieso dieser Effekt bei Artikelpräsenz im Plautdietschen stärker ausfallen sollte als im Pommerschen (vgl. Tabelle 8). Und bei der praktischen Ausnahmslosigkeit des Artikelgebrauchs im Hunsrückischen in Tabelle 8 erstaunt es schon, dass bei Elisabete nun nicht einmal die Hälfte der Informant/inn/en den Artikel setzt. Auch hier gibt es wieder interessante Reparaturen:

Stimulus <9> Elisabete insiste que tu deves ter visto o caminhão.
Elisabeth beharrt darauf, dass du den Lastwagen gesehen haben musst.

(7) Elis- [1.2] die Elisabeth sagt [0.6] daf du könntsch de Caminhão
Elis- [1.2] die Elisabeth sagt [0.6] dass du könntest den Lastwagen
gesihn han
gesehen haben

Hunsrücker 22 (15 Jahre)

Neben der auffälligen Aussprache des finalen Frikativs in *daf* ([f] statt zu erwartendem [s]), repariert der hunsrückische Informant seinen artikellosen Beginn, obwohl er einen artikellosen Stimulussatz gehört hat. Die Artikelsetzung scheint für ihn also notwendig zu sein. Tabelle 10 präsentiert jetzt die Ergebnisse einer binär logistischen Regressionsanalyse zum Artikelgebrauch. Es werden dieselben unabhängigen Variablen verwendet wie in Tabelle 7, also Gruppe, Name, Alter und Geschlecht. Hinzu kommt noch die sprachliche Form des jeweiligen Vornamens als entweder deutsch oder portugiesisch (mit der Kontrastvariante *deutsch*). Die wenigen Token mit portugiesischen Artikeln wurden ausgeschlossen, da ihr Verhalten anderen Prinzipien folgt[11] und die Verteilung markiert ist (kein relevantes Token bei Elisabete und keines im Plautdietschen). Die unabhängigen Variablen der Sprachkompetenzen und der Ausbildungszeit verändern das Modell wieder nicht. Sie werden daher wieder nicht verwendet. Insgesamt können also 688 Token untersucht werden (124 mit Artikel).

Tabelle 10: Ergebnis der ersten binär logistischen Regressionsanalyse zum Artikelgebrauch (Methode: vorwärts bedingt)

Gruppe	**Name**	**Sprache des Vornamens**
Wald: 113,5***	Wald: 36***	Wald: 10,8**
Hunsrücker/innen (48,7***)	Enrique (2,1(*))	
Mennonit/inn/en	**Pedro** João	**deutsch**
Pommer/inne/n (0,19***)	Elisabete (0,07***)	portugiesisch (0,29**)

11 Nicht unerwartet ist dabei, dass von den insgesamt vierzehn portugiesischen Artikeln (alle maskulin *o* 'der'; vgl. Tabelle 8) zwölf vor portugiesischen Namensformen stehen (85,7 %), während 86 von 125 deutschen Artikeln vor deutschen Namensformen stehen (68,8 %). Da die Mehrheit der Token insgesamt eine portugiesische Namensform aufweist (447 von 713; 62,7 %), ist wohl auch die Kombination von deutschem Artikel und deutschem Vornamen sprachgesteuert.

Das Modell selegiert drei der fünf unabhängigen Variablen. Insgesamt ist die „erklärte Varianz" des Modells mit 61,2 % wieder hoch (Nagelkerkes R-Quadrat: 0,612; Cox & Snell R-Quadrat: 0,374). Obwohl die Sprache des Vornamens, der dritte selegierte Prädiktor, am schwächsten ist (vgl. den relativ niedrigen Wald-Wert), ist seine Selektion von einiger Bedeutung. Handelt es sich um eine portugiesische Namensform, ist die Wahrscheinlichkeit für einen (nieder)deutschen Artikel um den Faktor 3,4 geringer (1:0,29). Diese Artikel passen also offensichtlich nicht zu portugiesischen Namensformen (vgl. auch Fußnote 11). Einerseits könnte dies gegen einen wirklich integrierten Status dieser Formen in den (nieder)deutschen Varietäten sprechen. Andererseits könnte es aber auch bedeuten, dass die häufige Setzung des Artikels im Portugiesischen nicht automatisch dazu führt, dass die portugiesische Namensform auch die Artikelsetzung in diesen Varietäten fördern würde, weder für die (nieder)deutschen noch für die seltenen, hier nicht analysierten portugiesischen Artikelformen. Die Selektion und die Wirkrichtung des stärksten Prädiktors *Gruppe* entspricht den Verteilungen der Tabellen 8 und 9. Dabei sind die Faktoren mit einem positiven Wert von 48,7 für die Hunsrücker/innen und einem negativen Wert von 5,3 (1:0,19) für die Pommer/inne/n (sehr) ausgeprägt.

Aufgrund der Ergebnisse der Tabellen 8 und 9 ist es auch wenig erstaunlich, dass die männlichen Vornamen sich deutlich anders verhalten als der weibliche Vorname, der keinen Artikel in der Stimulusversion aufweist. Im Vergleich zur Kontrastvariante Pedro ist die Wahrscheinlichkeit für einen Artikel bei Elisabete um den Faktor 14,3 niedriger (1:0,07). Ein wenig überraschend ist aber, dass Enrique diese Wahrscheinlichkeit um einen Faktor 2,1 erhöht. Obwohl dieser Unterschied nur auf einer statistischen Tendenz von $p = 0{,}068^{(*)}$ beruht, lohnt ein Erklärungsversuch. Neben möglichem Priming durch die Stimulussätze könnte die Gesamtverteilung auch dadurch erklärt werden, dass die vorhandene Variation dem Versuch geschuldet ist, einen Hiatus zu vermeiden. Der dem Namen vorangestellte feminine Artikel *die* endet immer auf Vokal und bei Elisabete gibt es fast nur Token, die zumindest in der Orthographie mit Vokal beginnen (vgl. Tabelle 6).[12] Was allerdings gegen die Hiatus-Annahme spricht, ist die Tatsache, dass zumindest die portugiesische Namensvariante Enrique graphematisch auch mit Vokal beginnt, wobei gerade dieser Name die meisten Artikel, also zumeist abgeschwächtes und auf Vokal endendes *de*, aufweist.

Daneben könnte man vermuten, dass die auf einer früheren Silbe betonten deutschen Namensvarianten *HEINrich*, *eLIsabeth* und *HANS* im Vergleich zu den auf einer späteren Silbe betonten portugiesischen Namensvarianten

12 Bezüglich des im Standarddeutschen vorkommenden Glottisverschlusses zeigt sich

enRIque, *elisaBEt(sch(e))* und *joÃO* einen vorangesetzten unbetonten Artikel eher dulden, da dadurch keine allzu große Häufung unbetonter Silben entsteht.[13] Obwohl dadurch die seltenere Artikelsetzung bei den immer anfangsbetonten Varianten von Pedro im Gegensatz zu den nicht immer anfangsbetonten Varianten von Enrique nicht erklärt wird, wäre dies für die anderen Namen eine mögliche Erklärung. In einem zweiten Regressionsmodell haben wir deshalb die Betonung als metrische Variable eingeführt (mit 1 für z. B. PEter bis 4 für z. B. elisaBEtsche). Da die Variable *Name* stark mit der Betonung korreliert, muss sie in diesem Modell ausgeschlossen werden. Gleiches gilt für die Variable *Sprache des Vornamens*. Es verbleiben also die Variablen *Ort*, *Geschlecht*, *Alter* und *Betonung*. Das Modell umfasst wieder 688 Token (124 mit Artikel; keine portugiesischen Artikel) und selegiert drei der vier Variablen.

Tabelle 11: Ergebnis der zweiten binär logistischen Regressionsanalyse zum Artikelgebrauch (Methode: vorwärts bedingt)

Gruppe	**Betonung**	**Geschlecht**
Wald: 136,6***	Wald: 21,1***	Wald: 3,9*
Hunsrücker/innen (26,4***)		
Mennonit/inn/en		**Männer**
Pommer/inne/n (0,14***)	**Betonung** (0,29***)	Frauen (0,57*)

Insgesamt ist die Erklärungskraft des Modells mit 57,3 % „erklärter Varianz“ wieder hoch (Nagelkerkes R-Quadrat: 0,573; Cox & Snell R-Quadrat: 0,35). Den größten Einfluss hat wieder die Gruppe. Die Werte unterscheiden sich absolut von Tabelle 10, aber die Relationen sind vergleichbar. Die Variable *Betonung*

hierbei für das Pomerano, dass dieser im unbesetzten Silbenanlaut eher selten vorkommt (vgl. Kaufmann & Duran, 2022; Postma, 2019, S. 34 sieht das allerdings anders). Fürs Plautdietsche der europäischen Mennonit/inn/en geht Siemens (2012, S. 73, 91 und 125) von einer dem Standarddeutschen vergleichbaren Präsenz aus. Bei Altenhofen (1996) konnte ich leider nichts zum Glottisverschluss im Hunsrückischen finden.

13 Callou und Silva (1997) nehmen fürs Portugiesische gleichfalls an, dass der Rhythmus der Silbenabfolge einen Einfluss bei der Artikelsetzung hat.

wird selegiert. Rutscht die Betonung um eine Silbe nach hinten, verringert sich die Wahrscheinlichkeit der Artikelsetzung um einen Faktor 3,4 (1:0,29). Wird statt der ersten die vierte Silbe betont, ist dieser Faktor mit 41 erstaunlich hoch ($(1:0,29)^3$). Ob es aber tatsächlich die Betonung ist, die die Artikelsetzung so maßgeblich beeinflusst, muss noch näher untersucht werden. Zum einen gehören die Varianten, in denen die vierte Silbe betont wird, allesamt zu dem weiblichen Namen Elisabete, der ohne Artikel vorgelesen wurde, zum anderen gibt es eben auch die klare Betonungsabhängigkeit von der Sprache des Vornamens. Wir belassen es deshalb bei diesen vorläufigen Überlegungen.

Interessant in Tabelle 11 ist natürlich auch, dass nun das Geschlecht ausgewählt wird (im Modell von Tabelle 10 wurde Geschlecht nicht ausgewählt, zeigte aber eine statistische Tendenz von $p = 0,072^{(*)}$). Zwar ist der Wald-Wert deutlich geringer als bei den beiden anderen Prädiktoren, aber bei Frauen sinkt die Wahrscheinlichkeit für den Artikelgebrauch um einen Faktor von 1,8 (1:0,57). Ob dies bedeutet, dass der Artikelgebrauch in den (nieder)deutschen Varietäten wie im Standarddeutschen kein oder wenig Prestige besitzt, müsste noch näher untersucht werden.

5. Abschließende Bemerkungen

Auch wenn die Gründe für die Artikelsetzung bei Vornamen nicht letztgültig geklärt werden konnten, sollte klar geworden sein, wie interessant dieses morphosyntaktische Phänomen ist.[14] Daneben dürfte deutlich geworden sein, dass es sich lohnt, die Herkunft und die genaue Form von Vor- und Nachnamen in Migrationspopulationen in den Fokus zu nehmen. Der relativ niedrige Grad der onymischen Assimilation bei den Mennonit/inn/en ist dabei zum einen Folge ihrer kürzeren Aufenthaltsdauer in Brasilien; zum anderen tragen sicherlich ihre weit höheren Standarddeutschkenntnisse zur geringeren Entlehnungstendenz bei (vgl. Tabelle 1 und Kaufmann, 2017). Schließlich sollte man den Einfluss der besonders starken religiösen Bindung von Wiedertäufer-Gruppen nicht unterschätzen, denn diese Bindung schränkt häufig den interkulturellen und damit portugiesischen Kontakt mit der Mehrheitsgruppe ein.

14 Morphosyntaktisch interessant ist auch die im Pomerano teilweise noch auftretende Flexion bei Vornamen und Familienbezeichnungen (vgl. hierzu auch Ackermann, 2020). So findet man die Endung *-n* noch in obliquen Kasus, also zum Beispiel Marien (mit Diphthong) statt Marie oder Papen statt Pape ('Papa'). Während pai ('Papa') von allen Gruppen übersetzt wurde, kommt Maria leider nur in einem der fünfzehn Sätze vor, die ausschließlich bei den Pommer/inne/n zur Anwendung kamen.

Dass die Pommer/inn/en nicht nur deutlich mehr portugiesische Vornamensformen verwenden als die Mennonit/inn/en, sondern auch als die Hunsrücker/innen, hat wohl damit zu tun, dass die Hunsrücker Sprachgemeinschaft deutlich größer ist als die pommersche, zumindest in Rio Grande do Sul. Diese Größe mag einen besseren „Schutz" vor allochthonem Einfluss geboten haben.

Natürlich haben sich auch die Nachnamen verändert, nicht nur in der Orthographie (z. B. fehlender Umlaut und fehlendes Dauer-anzeigendes <h> bei KOELER statt KÖHLER), sondern auch in der Aussprache. So findet man bei dem pommerschen Nachnamen HARTUNG neben der ursprünglichen Aussprache [ˈhartʊŋ] auch Aussprachen wie [arˈtʊŋgə] oder [arˈtʊnʒə]. Bei den Vornamen laufen die Assimilationsprozesse allerdings deutlich schneller ab, und dies entspricht auch den Erkenntnissen aus Horst (2011). Auf die Vornamen wirkt das Portugiesische besonders stark; ein Einfluss, den Altenhofen (1996, S. 73) folgendermaßen erklärt:

> Was dem Assimilierungsdruck der Nationalisierungsgesetze nicht gelungen war, erreichen in der nachfolgenden Phase des Sprachkontaktes zwischen dem Ptg. [Portugiesischen; G.K.] und dem Hrs. [Hunsrückischen; G.K.] die sozialen Veränderungen […]. Immer enger werdende Beziehungen zu den großen Handelszentren erfordern genaue Kenntnisse des Ptg.

Schaut man sich einige Grabinschriften an, dann zeigt sich allerdings, dass es nicht ganz so einfach ist, den genauen Verlauf der onymischen Assimilation nachzuvollziehen. Die grundsätzliche Tendenz einer immer stärkeren Lusitanisierung bei Vornamen ist natürlich klar, aber dies gilt nicht für jeden einzelnen Fall, wie Abbildung 7 zeigt (vgl. auch die Analyse von Grabsteinen in Horst 2011: 121–137):

Abbildung 7: Drei pommersche Grabinschriften aus São Lourenço do Sul (Fotos von Aaron Schmidt-Riese)



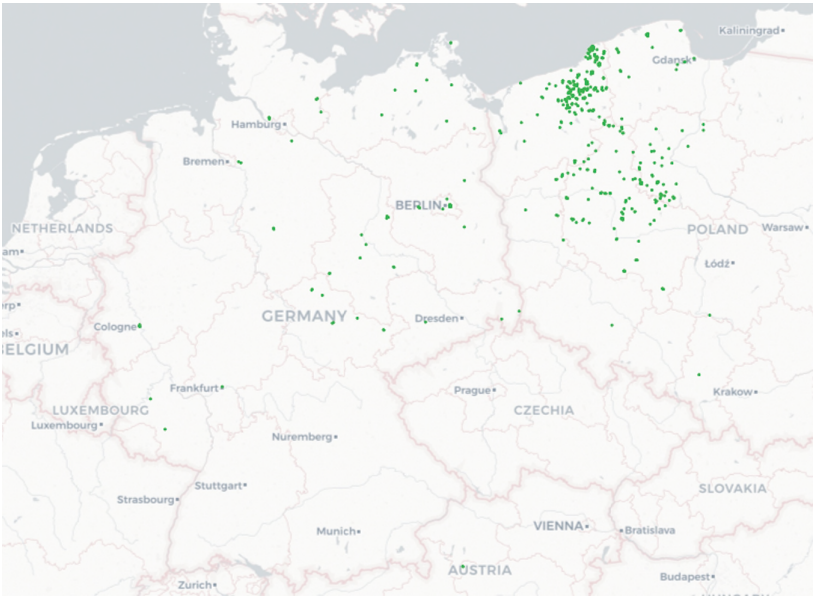
Wilhelmina Johanne Frederike Holz,[15] geb. Lindemann ist 1842 noch in Wartekow[16] in Hinterpommern geboren (heute polnisch Wartkowo). Obwohl ihre Vornamen (insbesondere in dieser Häufung) heute in Deutschland nicht mehr gebräuchlich sind, würde an ihrem Grabstein in Deutschland wohl nur die Angabe des Geburtsortes und der Geburtsregion verwundern. Bei der jüngsten Inschrift ganz rechts (Geburts- und Sterbedatum 1957) wäre das anders, denn es findet sich schon ein interlinguales Allonym, nämlich Werno (man findet auf Grabsteinen häufig auch Vornamen wie Ervino oder sogar Edelberto). Werno zeigt zwar immer noch deutlich seine deutsche Herkunft (anders als bei den Namen der meisten Informant/inn/en der Übersetzungsstudie), aber die vokalische Endung ist klares Zeugnis portugiesischen Einflusses. Wie beim Grabstein ganz links ist das Epitaph auch hier auf Deutsch verfasst und das, obwohl die von Altenhofen angesprochenen Nationalisierungsgesetze des *Estado Novo* (1937–1945) durchaus noch nicht in einer fernen Vergangenheit liegen. Ganz anders sieht das für den mittleren Grabstein aus. Zwar ist João Jeske Filho früher gestorben als die beiden anderen, allerdings starb er wie Werno Grossklags sehr jung. Sein Geburtsdatum liegt daher zwischen den Geburtsdaten der beiden anderen. Obwohl er also 32 Jahre früher geboren wurde als Werno, beweist seine Grabinschrift ein weit höheres Maß an Assimilation. Der Vorname ist João, und der Namenszusatz Filho ('Sohn') ist im Deutschen völlig ungebräuchlich. Auch das Epitaph ist auf Portugiesisch verfasst, und das, obwohl sowohl sein Geburts- als auch sein Sterbedatum weit vor den angesprochenen Nationalisierungsgesetzen liegen. Ein staatlicher Druck hin zu portugiesischen Namen dürfte zu dieser Zeit wohl noch nicht bestanden

15 Holz statt niederdeutsch zu erwartendem Holt kommt wie Grossklags statt Grothklags auch historisch sehr häufig in Norddeutschland vor, insbesondere in Hinterpommern (vgl. https://nvk.genealogy.net/map/1890:Holz; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022). Der Ehemann von W. J. F. Holz war also mit großer Sicherheit Pommer.

16 Schon die Endung *-ow* zeigt hier, wie auch bei dem häufigen Nachnamen Thurow, slawischen Einfluss. Dies gilt auch für die vielleicht wichtigste Stadt in Hinterpommern, für Kolberg, das etwa 25 km nördlich von Wartekow liegt. Der im deutschen Namen enthaltene Berg ist wohl Folge einer volksetymologisch bedingten Metathese, denn Berge gibt es an der Ostseeküste eher selten. Auf jeden Fall ist der polnische Name Kołobrzeg etymologisch passender, basiert er doch auf altem *kolo brzegu* 'am Ufer' (heute *na brzegu*, das <rz> markiert die palatalisierte Form von /r/, vgl. Rzym 'Rom'). Der slawische Ursprung gilt bekanntermaßen auch für die Bezeichnung Pommern selbst (*po morze* 'am Meer gelegen'). Viele der Namen, die die Hinterpommer/inne/n mit nach Brasilien brachten, waren also schon allonymisch.

haben.[17] JoãOs Nachname Jeske zeigt allerdings einmal mehr, woher seine Vorfahren kamen; er findet sich wieder besonders häufig in Hinterpommern, wie Abbildung 8 zeigt.

Abbildung 8: Verteilung des Nachnamens Jeske um 1890 (vgl. https://nvk.genealogy.net/map/1890:Jeske; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022)



17 Obwohl es zu dieser Zeit eher unwahrscheinlich ist, kann man auch nicht ausschließen, dass die Mutter des Kindes Brasilianerin war. Daneben können wir die Frage, ob die Grabinschriften zeitlich immer mit dem Todesdatum übereinstimmen, nicht beantworten. Schließlich könnten die Familien auch die standesamtlich registrierten Namen verwendet haben, die oft portugiesisch waren, obwohl sie im Familien- und Freundeskreis vielleicht nicht benutzt wurden (vgl. hierzu auch Horst 2011: 121). So erklärt das Archiv von São Paulo (vgl. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/presenca_detalhada.php; zuletzt aufgerufen am 04.03.2022): „*O aportuguesamento de nomes de imigrantes era outra coisa comum, especialmente com o passar do tempo, com o nascimento de filhos brasileiros e com a naturalização. Nomes como Johann viram João, Giuseppe passa a ser José, Jakob vira Jacó […]*“ [Die Verportugiesierung der Namen der Immigrant/inn/en war eine andere allgemeine

Vergessen sollte man beim Nachnamen Jeske jedoch nicht, dass auch er vom Slawischen abgeleitet wurde (vgl. Duden, 2008, S. 320), entweder von Jaruslaw (Zusammensetzung aus *kühn/stark* und *Ruhm/Ehre*; vgl. Duden, 2014, S. 225) oder von Jaśko oder Jasiek, polnische (Diminutiv-)Formen des Namens Johannes. Sollte letzteres zutreffen, hätten Vor- und Nachname von João Jeske Filho etymologisch dieselbe Wurzel. In jedem Fall gilt, dass die Nachnamen von Menschen mit Migrationshintergrund uns etwas über ihre Geschichte erzählen. Ihre Vornamen aber künden von den *acts of identity* ihrer Eltern; sie erzählen also etwas über die Gegenwart ihrer Träger/innen.

Verwendete Literatur

Ackermann, T. (2020). Poly-, Mono-, Deflexion: Eine diachrone Korpusstudie zum Abbau des onymischen Objektmarkers *-(e)n*. In L. Kempf, D. Nübling & M. Schmuck (Hrsg.), *Linguistik der Namen* (S. 43–79). Berlin/Boston: de Gruyter.

Altenhofen, C. V. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner.

Altenhofen, C. V. (2016). Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: A. N. Lenz (Hrsg.), *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung* (103–129). Göttingen: V & R unipress.

Arquivo Público do Estado de São Paulo. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/

Callou, D. & Silva, G. M. de O. (1997). O uso do artigo definido em contextos específicos. In D. da Hora (Hrsg.), *Diversidade Lingüística no Brasil* (11–26). João Pessoa: Idéia.

Dräger, K. (2013). *Familiennamen aus dem Rufnamen Nikolaus in Deutschland*. Regensburg: edition vulpes.

Duden (2008). *Lexikon der Familiennamen: Herkunft und Bedeutung von 20000 Nachnamen*. Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich: Dudenverlag.

Vorgehensweise, besonders nach einiger Zeit, wenn brasilianische Nachkommen geboren wurden oder bei der Einbürgerung. Ein Name wie Johannes wurde zu João, Giuseppe verwandelte sich in José, Jakob wurde zu Jacó […]; Übersetzung G.K.]. Auf keinen Fall sollte man jedoch vergessen, dass es in den 1920er Jahren, in denen João Jeske Filho starb, noch sehr viele durchgehend deutsche Grabinschriften gab.

Duden (2014). *Das große Vornamenlexikon*. Berlin/Mannheim/Zürich: Dudenverlag.

Horst, C. (2011). „Quando o Heinrich casa com Iracema, a Urmuter vira Bisa“: A Dinâmica dos Nomes Próprios de Pessoas e Comuns de Parentesco em uma Comunidade de Contato Alemão-Português do Sul do Brasil. Kiel: Westensee.

Kaufmann, G. (1997). *Varietätendynamik in Sprachkontaktsituationen: Attitüden und Sprachverhalten rußlanddeutscher Mennoniten in Mexiko und den USA*. Frankfurt am Main: Lang.

Kaufmann, G. (2004). Eine Gruppe – Zwei Geschichten – Drei Sprachen: Rußlanddeutsche Mennoniten in Brasilien und Paraguay. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, 71(3). 257–306.

Kaufmann, G. (2017). „Sorvete und Tema is nich Dütsch“: Zur lexikalischen Integration von Entlehnungen in drei deutschen Varietäten Südbrasiliens. In N. Eller-Wildfeuer, P. Maitz & A. Wildfeuer (Hrsg.), *Sprachkontaktforschung – explanativ* (ZDL-Themenheft) (S. 260–307). Stuttgart: Steiner.

Kaufmann, G. (2018). Mennonitenplautdietsch in Nord- und Südamerika (MEND). In IDS (Hrsg.), *Archiv für Gesprochenes Deutsch*. http://agd.ids-mannheim.de/MEND_extern.shtml

Kaufmann, G. & Duran, D. (2022). Of *snoidels* and *hofdüütsch*: Some (Standard German) keys to the phonetic variation in Pomerano. In B. Ganswindt, Y. Hettler & I. Schröder (Hrsg.), *Niederdeutsche Dialektologie* (ZDL-Themenheft; Band 89/2-3) (S. 231–282). Stuttgart: Steiner. doi.org/10.25162/zdl-2022-0008

Koch, W., Altenhofen C. V., Klassmann, M. S. (Hrsg.) (2011). *ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil): Cartas Fonéticas e Morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Florianópolis: Editora da UFSC.

Leidig, E. (1892). Die preußische Auswanderungspolitik. In: E. von Philippovich (Hrsg.), Auswanderung und Auswanderungspolitik in Deutschland (S. 433–479). Leipzig: Duncker & Humblot.

Nübling, D., Fahlbusch, F. & Heuser, R. (2012). *Namen: Eine Einführung in die Onomastik*. Tübingen: Narr.

Nübling, D. & Janich, N. *Digitales Familiennamenwörterbuch Deutschlands (DFD)*. https://www.namenforschung.net/dfd/woerterbuch/liste/

Postma, G. (2019). *A Contrastive Grammar of Brazilian Pomeranian*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.

Siemens, H. (2012). *Plautdietsch: Grammatik, Geschichte, Perspektiven*. Bonn: Tweeback.

Silva, G. M. de O. (1998). Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In G. M. de O. Silva & M. M. P. Scherre (Hrsg.), *Padrões Sociolingüísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro* (S. 120–145). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Verein für Computergenealogie e. V. *GenWiki*. http://wiki-de.genealogy.net/Hauptseite

Werth, A. (2020). *Morphosyntax und Pragmatik in Konkurrenz: Der Definitartikel bei Personennamen in den regionalen und historischen Varietäten des Deutschen*. Berlin/Boston: de Gruyter.

Joachim Steffen

Zwischen Stolz und Vorurteil. Frühe Beobachtungen und Einstellungen zu Sprachkontakt und Sprachmischung in Südbrasilien nach Dokumenten im Schuchardt-Nachlass

Abstract: The article examines two language samples of the German-Brazilian language mixture from the late 19th century, which are stored in the Schuchardt Archive in Graz, written by A. Friedrichsen and W. Breitenbach. The argument put forth is that although the texts, which are quoted verbatim in the article, may initially seem to contain purist language criticism, the authors actually display at least an ambivalent attitude towards language contact phenomena and the adoption of Brazilian words into German. The way these texts are presented suggests that Friedrichsen's and Breitenbach's motives likely leaned more towards entertaining the readership in southern Brazil through linguistic playfulness rather than advocating for the strict preservation of the German language in a supposedly pure form. Additionally, the article delves into a letter kept in the Schuchardt Archive from Carlos von Koseritz to Hugo Schuchardt and places all these sources in the context of the emerging German-Brazilian identity.

Keywords: Mixed language in South Brazil, loan word integration, language attitudes, German-Portuguese language contact

1. Einleitung

Cléo Altenhofen beginnt seinen Überblick über die bisherige Forschung in der zum Klassiker gewordenen Dissertationsschrift über das Hunsrückisch in Rio Grande do Sul (Hrs.) mit einem Kapitel zur „Erforschung der Sprachmischung" (Altenhofen 1996: 31–38). Darin wird diese erste Phase der Erforschung des Hrs. als häufig von einer „puristischen Betrachtungsweise" geprägt charakterisiert, „die den Einfluß fremdsprachlicher Elemente verurteilt" (Altenhofen 1996: 32). Zitiert werden dabei als frühe Zeugnisse Einschätzungen, die die Phänomene der Sprachmischung als „geistiges Armutszeugnis" (Friedrichsen 1878 apud Fausel 1959: 19), „blinden und unverständigen Zufall" (Lacmann 1905: 275)" und „unerwünscht" (Leu 1938: 416) charakterisieren (zitiert nach Altenhofen 1996: 32). Aber auch die Nachfolgegeneration von Forschern, darunter Bossmann (1953), Fausel (1959) und Oberacker Jr. (1957) knüpfen an die

Vorbehalte gegenüber den Sprachmischungsphänomenen an, wie Altenhofen in der Folge ausführt, nicht ohne hinzuzusetzen:

> Wertungen wie „Denkfaulheit", „geistige Schlappheit", „pobreza vocabular" (=lexikalische Armut), „ignorância ou relaxamento" (=‚Unwissenheit oder Nachlässigkeit') fußen auf einem einseitigen Sprachbegriff, der das kommunikative Funktionieren der Sprache in der Gesellschaft nicht berücksichtigt. (Altenhofen 1996: 33)

Dabei ist etwa bei Fausel durchaus eine ambivalente Haltung festzustellen. Der Autor widmet der Beschreibung der „deutschbrasilianischen Sprachmischung" ja immerhin ein ganzes Buch, und er sieht in der kontaktbedingten Mischung „etwas durchaus Natürliches und für jede Sprache in solcher Grenzlage Notwendiges" (Fausel 1959: 60). Diese Mischung sei aber nur in maßvollem Umfang annehmbar und der „Sprachkraft" zuträglich. Der Autor unterscheidet dabei zwischen „Mischung" und „Mischmasch", wobei erstere anscheinend die sinnvolle Ergänzung der aktiv verwendeten Muttersprache durch Lehnwörter bezeichnen soll, während mit letzterer die oben genannte „geistige Schlappheit" und „Denkfaulheit" gemeint ist (Fausel 1959: 60–61).

Wie der vorliegende Artikel zeigen will, ist eine solche ambivalente Haltung wie bei Fausel bereits in den frühesten Urteilen über die Sprachmischung in Südbrasilien zu finden. Denn auch wenn auf den ersten Blick bestätigt werden wird, dass die Verfasser sich deutlich ablehnend dagegen aussprachen, lässt sich zum anderen eine gewisse Faszination für ebenjene Mischphänomene erkennen, die diese negative Bewertung zu relativieren scheint.

2. Deutsch-brasilianischer Sprachkontakt im Schuchardt-Nachlass

Im umfangreichen Nachlass des Romanisten und Kreolisten Hugo Schuchardt (1842–1927) findet man insgesamt vergleichsweise wenig zum Thema der deutsch-brasilianischen Sprachmischung. Schuchardt selbst scheint sich nicht weiter damit befasst zu haben, aber zumindest ging sein Interesse so weit, dass er sich Sprachproben und Einschätzungen zu Mischvarietäten in Südbrasilien hat schicken lassen. Sie sind unter der Signatur 10.14[1] aufbewahrt und bestehen aus zwei Sprachproben sowie einem Brief, die im Folgenden besprochen werden.

1 Ich danke an dieser Stelle Miguel Gutiérrez Maté für den Hinweis auf diese Sprachproben.

2.1 Sprachproben

Bei den Sprachproben handelt es sich um zwei gedruckte Texte, einen von A. Friedrichsen (1878) sowie einen von W. Breitenbach (1889). Wie wir sehen werden, zeigen beide Autoren Übereinstimmungen sowohl in der Darstellung der Sprachmischung als auch in Bezug auf deren Beurteilung.

2.1.1 Ad. Friedrichsen „Wie der Deutsche in Süd-Brasilien spricht"

Der erste Text trägt den Titel „Wie der Deutsche in Süd-Brasilien spricht" und entstammt der Feder Ad. Friedrichsens. Er wurde 1878 im Koseritz-Kalender abgedruckt. Der Text war auch Fausel bekannt und wird von ihm als der erste Bericht bezeichnet, „der die Sprachenfrage nicht nur beiläufig erwähnt, sondern sich zum Thema gesetzt hat" (Fausel 1959: 17). Darin wird zunächst erwähnt, dass zahlreiche Wörter in der brasilianischen Sprache gebraucht werden müssten, „weil in Deutschland die dadurch bezeichneten Dinge nicht vorkommen; dies gilt namentlich von Thier- und Pflanzennamen" (Friedrichsen 1878, 74). Danach besteht der Text jedoch fast ausschließlich aus einer Illustration der (angeblichen) Sprachmischgewohnheiten, die sozusagen als abschreckendes Beispiel zitiert werden:

> Zunächst ein Beispiel der Sprachcorruption aus der Stadt.
> Der Kascheer (caixeiro, Handlungsdiener) in einer Fazendenloje (fazendas, Schnittwaaren, Manufacturen), geht mit der Charute im Munde aus, beauftragt, Ausstände zu cobrieren (cobrar, einkassiren), über die empfangenen Summen Quittungen zu passiren (passar, ausstellen) und mit den einkassirten Beträgen nach der Alfandega (Zollamt) zu gehen, um dort einige Waaren zu „dispachiren". Da ihm die Charute ausgegangen ist, geht er in eine „Venda", um sich Fosforos (Reibhölzer, meistens ohne Phosphor) zu kaufen. Der Vendist hat kein Trock (troco, Kleingeld zum Wechseln), er kauft daher noch etwas Fum (fumo, präparirter Tabak) und Palje (palha, Maisstroh) zu Cigarren, um den Balastrack (a ballastraca, weiblich) oder den „Bolivianer" auszugeben. Schließlich nimmt er noch, da die Rechnung sich noch nicht ganz ausgleicht, für ein paar „Ventin" Doß (doce, süßes Gebäck) für das Kind seines Principals mit. Bei der Rückkehr ins Geschäft übergibt er zuerst das „recibo" von der Alfandega und fragt dann einen eintretenden deutschen Käufer nach dessen Wünschen. Derselbe verlangt Casimir (Tuch), Bajett (baeta, baetilha, Flanell) zum Futter für einen Pontsch (poncho), Meskle (mescla, Baumwollenzeug), und chita (Kattun, Ziß). Der Käufer fragt: wieviel kostet „die Kowe" (o covado, männlich, die Elle), findet den geforderten Preis natürlich zu hoch, erhält aber zur Antwort, billiger kann die Waare nicht verkauft werden, schon der geforderte Preis „läßt" (deixa) sehr wenig Nutzen, noch billiger zu verkaufen „macht keine Rechnung" (não faz conta [das wörtlich aus dem Brasilianischen übersetzte „lassen" und „Rechnung machen" wird man in diesem Sinne in Deutschland nirgends hören]).

Der obige Abschnitt ist auch bei Fausel vollständig zitiert. Der folgende jedoch wird bei ihm ausgelassen:

> Jetzt in die Colonie.
>
> Ein Colonist fährt in seinem Wagen mit Tolde (tolda, Verdeck) aus und hat die Parelje (parelha, zwei in Fabe und Größe einander ähnliche Zugthiere) Bais (baio, isabellfarbenes Pferd), die er von einem Tropeiro (Thiertreiber) von der Serra (das nördliche Hochplateau) gegen einen tupiano (Schecken) und einen zebruno (Falben) gehandelt hat (handeln gleich tauschen) angespannt. Er will einen Bekannten, seinen Compadre (Gevatter) besuchen, findet die Porteira (Eingangsthor) an der Pikade (Waldstraße) verschlossen, öffnet sie, trifft nur die Frau im Hause und erhält auf seine Frage nach dem Manne die Auskunft, derselbe sei zuerst in die Rosse (roça, urbar gemachtes Waldland) gegangen, um einige Miljekolben (milho, Mais) für die Mula (Maulthier), die im Portreiro (eingezäunter Weideplatz) gehe, sowie einige Bobres (abóbora, Kürbis) für die Schweine zu holen, die im Corral (kleine Hürde) liegen; er werde leicht zu finden sein jenseits der Sange (sanga, wasserhaltiger natürlicher Graben), bei deren Ueberschreiten man aber vorsichtig sein müsse, weil man an der lehmigen Baranke (Uferböschung) leicht ausgleite. Da er in der Rosse Niemanden findet, geht er dem Gebell eines Hundes nach auf den Wald zu, und nachdem er mit dem Fakong (facão, hirschfängerartiges Messer) einige Zipos (cipó, Liane) und Taquaras (Bambus) abgehauen, trifft er seinen Compadre, der soeben den Tatu (Gürtelthier), den der Hund durch sein Bellen angemeldet hatte, ausgegraben und mit dem Fuchs (fouxe, ein hier gebräuchliches langstieliges Sichelmesser) erschlagen hat. Nach den üblichen Begrüßungen und Unterhaltungen wird verabredet, daß der Compadre mit zum Stadtplatz will, in dessen Nähe heute Carreira (Wettrennen) sein soll; um aber das Angenehme mit dem Nützlichen zu verbinden, will er einen Sack Farin (farinha, Mehl von Mandioka) nach der Venda mitnehmen und deshalb die Mula einfangen. Diese hat in der Regel keine große Neigung zum Arbeiten und läßt sich daher manchmal schwer einfangen. Es wird daher zuvörderst ein Bornal (Futtersack) mit etwas Milje genommen, mit dessen Hilfe die Mula gefangen und ihr der Lasso (Lederstrick) um den Hals gebunden. Mula will aber gutwillig nicht mitgehen, und um sie vorwärts zu bringen, muß der Eine sie puschen (puxar, ziehen), während der Andere sie tockt (tocar, durch Schlagen treiben). Auf diese Weise wird das Thier ans Haus geschafft, ihm die Cangalje (cangalho, Joch) aufgelegt und die Ladung befestigt. Inzwischen ist das Pferd geholt, der kleine Bube schlebt die Caronje (caronna, große lederne Schabracke) heran und bittet den Papa so lange mitreiten zu dürfen, bis dieser ihm erlaubt, auf Garupe (garupa, Kreuz des Pferdes) mitzukommen. Beim Abschied sagt man der Frau deloge oder adeloge (até logo, bis nachher) und fort geht's. Auf dem Stadtplatz wird natürlich zuerst in der Vende eingekehrt, für einen Patack (a pataca, 320 Rs.) und hinaus geht's nach der Carreira. Obgleich die Theilnehmer fast alle Söhne von Deutschen sind und allgemein deutsch gesprochen wird, so wimmelt doch die Sprache von brasilianischen Wörtern, je mit deutschen Endungen versehen. Hier hört man den Einen prosen (prosar, prahlen), er können mit seinem zebruno (hirschfarbiges Pferd) einem Anderen mit seinem saino (Brauner) auf 3 Quadras 2 Pferdelängen Lusch (luxo. Vorsprung)

geben; dort streiten sich zwei Andere, wie oft verlorene Partide (partida perdida, Anspringen ohne Laufenlassen) gemacht werden dürfe; wieder Andere unterhalten sich darüber, wer in der Gegend der beste Corredor (Wettrennenmeister) sei. Sobald beide Reiter – es rennen stets nur zwei – die Pferde laufen lassen und einer die Peitsche gebraucht, so gilt kein Umkehren mehr. Relje (relho, Peitsche mit schwerem Stock und langem geflochtenen Lederriemen) darf in der Regel nicht gebraucht werden. Auf beide Pferde sind manchmal bedeutende „Wettungen" (der allgemein übliche Ausdruck statt Wette) abgeschlossen.

Weitaus größer noch ist die Sprachenvermischung bei denjenigen Deutschen, die draußen in der „Campanje", d. h. dem westlichen Theile der Provinz leben und viele Reisen zu machen haben. Zunächst die nothwendige Reiseausrüstung besteht außer den bereits erwähnten Bestandtheilen des Sattelzeuges und dem Poncho u. A. noch aus einer Manea (Spannriemen, dem dem Pfeder um die Vorderfüße befestigt wird), eine Chaleira (Theekessel), der Cuia (kleiner ausgehöhlter Kürbis, in dem der Mate [Paraguaythee] präpariert wird) nebst dazu gehöriger bomba (Saugrohr), damit man stets den unentbehrlichen Mate herstellen kann, denn man weiß nicht, ob man auf der Reise von vielen Leguas (brasilianische Meile) jeden Tag Gelegenheit findet, in einer Chacara (Landhaus) oder einer Stanz (estancia, größeres Gut) bleiben zu können, ob man nicht vielmehr oftmals an irgend welchem Capong (Gebüsch), Sestiada (Mittagsruhe) machen, auch wohl posen (posar, übernachten) muß. Es ist daher auch rathsam, sich mit etwas Charke (charque, gedörrtes Fleisch) zu versehen. Da eine große Reise für einen Einzelnen zu ungemüthlich und beschwerlich ist, so wird in der Regel ein Gesellschafter gesucht; auch ein Peong (peão, Knecht) fehlt selten, der die mit den Kanastern (canastra, eigentlich Korb, aber auch für eine Art Koffer gebraucht) beladenen Thiere treibt, auch wohl die Malas (mala, Quersack) auf dem Sattel hat. Die Hauptstraße im Kamp (campo, Weideland im Gegensatz zum Wald) führt meistens über die Höhe der coxilhas (Hügel des wellenförmigen Terrains), doch kann Jemand, der genügend vaqueano (orts- und wegekundig) ist, oftmals durch Benutzung von Talhen (atalho, Richtpfad) die Reise erheblich abkürzen. Fast auf jeder Reise hat man Rios (rio, Fluß; auffallenderweise hört man fast immer „die Rio", ja sogar „die Bach" sprechen) zu passiren, die man entweder, wo ein Paß (passo, Furth) ist, durchreitet, oder wo die Rio „zum schwimmen" ist, im Kanoe (canoa, Boot aus einem Baumstamm) passirt, wobei in der Regel die Pferde á reboque (eigentlich im Schlepptau, in diesem Sinne am Zügel) neben dem Kanoe geführt durchschwimmen. An derartigen Pässen findet man regelmäßig canoas, die von einem passageiro (Ueberfahrer) gehalten werden; auf großen Flüssen gibt es auch wohl Barken (barca, Fähre). Außer den Rios hat aber der Reisende namentlich in der regnigten Jahreszeit häufig Banjaden (banhada, sumpfige Stellen mit stehendem Wasser), Lagoas (Teiche) und Atoleiros (Schlaglöcher) zu passiren, die besonders lästig sind, wenn der Boden aus zähem Barro (Lehm) besteht.

Daß viele Pflanzen, hauptsächlich Bäume, welche madeira de lei (Nutzholz) liefern, mit dem freilich oft verstümmelten brasilianischen Namen bezeichnet werden und ebenso viele Thiere, Säugethiere, Vögel, Fische wie Reptilien, das liegt in vielen Fällen

> in der Natur der Sache, weil die betreffenden Arten in Deutschland nicht vorkommen und also der deutschen Sprache Namen für dieselben fehlen, es ist aber doch eigentlich kein Grund vorhanden, z. B. tatu statt Gürtelthier, lagarto statt Eidechse, queroquero statt Kibitz, jacaré statt Kaiman oder Krokodil, capivari statt Wasserschwein zu sagen u. dergl.m.
>
> Schließlich noch ein paar Beispiele. Die hier zu Lande überreichlich sogar am hellen Tage abgebrannten Raketen werden allgemein foguetes genannt; wie man ein mehrstockiges Haus regelmäßig sobrado nennen hört (meistens sogar „die Sobrade"), so auch eine schlechte Hütte rancho. Statt Arzneimittel remedio zu sagen, ist nicht minder allgemein üblich. Ebenso wird requerimento (Gesuch, Eingabe an eine Behörde) freilich fast immer verdreht, Reglement, Regiment u. dergl. m. gebraucht. Kurz in fast allen Lebenseinstellungen, bei dem Handeltreibenen, der Waaren, Maße und Gewichte zu nennen hat, bei dem Handwerker in Bezug auf Material und Werkzeuge, bei dem Colonisten in überwiegend deutschredenden Districten, in den Städten wie auf dem flachen Lande, wo die Deutschen mehr zerstreut unter Brasilianern leben, überall begegnen wir einer mehr oder weniger mit brasilianischen Brocken zersetzten Sprache. Bei der Mehrzahl geschieht dieses Einmischen unwillkürlich und unbemerkt, geradezu komisch und karrikirt erscheint es aber, wenn, wie wir es kürzlich gehört haben, ein Colonist, der vor längeren Jahren als schon erwachsener Mensch eingewandert, sich Etwas darauf einbildet, brasilianisch sprechen zu können, von einem Pferde spricht, das er emprestado (geliehen) gehabt habe und das er dem Eigenthümer entregaren (entregar, abliefern) wolle, oder wenn derselbe fragt, ob eine beschädigt gewesene Sache schon comport (compôr, ausbessern) sei.
>
> Unseres Erachtens ist es nicht nur nützlich, sondern geboten, daß wer in ein fremdes Land einwandert, sich nach Kräften die Sprache desselben aneigne, allein Jeder, der seine Muttersprache spricht, sollte sich befleißigen, diese rein und frei von oben geschilderten Beimischungen zu sprechen. Ein derartiges Durcheinandermengen ist immer ein geistiges Armuthszeugniß.
>
> (Friedrichsen 1878, 74–80)

Angesichts der offensichtlich absichtlich gedrängten und somit nicht authentischen Weise der Darstellung der Entlehnungen scheint es nicht zu lohnen, alle Formen im Einzelnen zu kommentieren.[2] Man kann immerhin zusammenfassend feststellen, dass es sich in der überwiegenden Mehrheit der Fälle um Inhaltswörter handelt, von denen wiederum die Mehrheit Nomen sind. Viele fallen in die Kategorie kultureller Entlehnungen, d.h. es handelt sich um Wörter, die sich auf konkrete, sichtbare Objekte der südamerikanischen Lebenswelt beziehen, mit denen die Neuankömmlinge in Kontakt kamen. Das

2 Fausel selbst nennt den Teil der Sprachprobe, den er zitiert, „einigermaßen gekünstelt" (Fausel 1959: 18).

Übergewicht dieser Wortklasse kann als typisch für Kontaktsituationen angesehen werden. Nomen lassen sich auch aus dem Grunde leichter entlehnen, da sie weniger morphologische Markierungen tragen (Campbell 1995: 135). Es fällt auf, dass die meisten der entlehnten Nomen phonetisch assimiliert werden (z.B. *Doß*, *Baranke*, *Bobres*, *Cangalje*, *Fuchs* (!), *Garupe*, *Fakong*, *Peong*, *Relje*, etc.). Wenngleich Nomen überwiegen, wird auch eine kleine Anzahl Verben aufgeführt: *cobriren*, *passiren*, *despaschiren*, *puschen*, *tocken*, *prosen, posen*[3]. Dass Verben insgesamt seltener entlehnt werden, entspricht allgemeinen Tendenzen im Sprachkontakt, denn Verben haben eine geringere Gesamthäufigkeit sowie geringere Frequenz. Außerdem sind Wörter, die sich auf konkrete Objekte beziehen, pragmatisch bedeutsamer und salienter als Verben (Wohlgemuth 2009: 248). In der Hälfte der Beispiele wird das Verb über ein *-iren*-Suffix integriert, in der anderen Hälfte mithilfe von weniger auffälligem *-en*.

Sowohl die Assimilationen der Nomen als auch der Verben weist darauf hin, dass sich die Einwanderer die Entlehnungen zueigen gemacht haben. Mit anderen Worten sind die Wörter Teil der spezifischen Kolonistenkultur, die sich sowohl von der deutschen Herkunftskultur als auch von der brasilianischen Mehrheitsgesellschaft sprachlich unterscheidet – und dies vermutlich einigermaßen bewusst, wenn man Carlos von Koseritz' Urteil über die Mentalität der deutschen Einwanderer in Südbrasilien folgt, der anlässlich eines Besuchs bei der Einwanderer-Community in Rio de Janeiro vergleichend feststellt:

> Rio, 10. Juni 1883 Heute ist es gerade zwei Monate her, dass ich auf dem "Rio de Janeiro" die Barre der Provinz passierte und das letzte Stückchen riograndenser Erde am Horizont verschwinden sah. Zwei Monate erst und schon verzehrt mich die Sehnsucht nach der Provinz und ich wünsche so schnell als möglich zurückzukehren. Es ist ja schön hier und ich habe mich wahrlich nicht zu beklagen über den mir gewordenen Empfang, aber – Rio Grande ist Rio Grande, und n u r dort fühle ich mich wohl in Brasilien. Ich weiß selbst nicht einmal, ob ich mich heute (abgesehen von der Sehnsucht nach Mutter und Geschwistern) drüben, im alten Vaterlande wohlfühlen könnte, ja ich bezweifle es sogar, denn – Rio Grande ist Rio Grande, und dort ist das ganze Feld meiner Thätigkeit, dort habe ich ein Menschenleben hindurch gelebt und gewirkt und dorthin zieht es mich mit aller Kraft der Sehnsucht.
> Dass ich mich in die hiesigen Verhältnisse nicht hineinfinde, ist natürlich, denn dieselben sind eben grundverschieden von den unseren. Im eigentlichen Sinne des Wortes gibt es hier kein Deutschthum, sondern ein D e u t s c h l ä n d e r t h u m, wie man bei uns auf den Colonien sagen würde. Die Deutschen von Rio sind eben nur Fremde; […]

3 Auf die Formen *emprestado*, *entregaren* und *comport* wird weiter unten gesondert eingegangen, weil sie einem einzelnen Sprecher zugeschrieben werden.

> Es besteht eben keine Spur von Zusammenhang zwischen den beiden Gruppen. Die hiesigen Deutschen betrachten Brasilien meistentheils als Uebergangsstation; der Schwerpunkt ihrer Interessen liegt in Deutschland; sie lassen sich matrikuliren und vertrauen hinsichtlich des nöthigen Schutzes auf die deutsche Macht. Wir dort sind ein Colonistenvolk, welches im Lande bleibt, Grundbesitz erwirbt und Familien gründet, der Schwerpunkt unserer Interessen liegt hier in Brasilien […] (Koseritz 1885: 137. 138, Hervorhebung im Original)

Dass nicht alle Lehnwörter Assimilierungsmarkierungen aufweisen (*Cuia*, *Portreiro*, *Serra*, *Tropeiro*, *tupiano*, *zebruno*, etc.) – hier bleiben die Diphtonge und Auslautvokale voll erhalten – weist darauf hin, dass es nicht ausschließlich an Aussprachegewohnheiten bzw. artikulatorischem Unvermögen liegt, dass die meisten Lehnwörter phonetisch (bzw. hier sekundär graphisch) angepasst werden. Vielmehr sprechen die spezifischen Formen der Integration mit typischem Auslaut-schwa (*Relje*) oder alternativ Apokope des Auslautvokals (*Doß*) sowie andere Merkmale wie Entnasalisierung (*Fakong*) dafür, dass sie Teil der doppelten Abgrenzung sind, mit der einerseits eine sprachliche Andersartigkeit zur neuen Umgebung besteht, andererseits aber auch eine Verschiedenheit gegenüber dem Herkunftsland, sowohl in kultureller wie in sprachlicher Hinsicht (vgl. Altenhofen 1996: 71; Steffen & Altenhofen 2014: 37, 38). Für die Sicht einer kreativen deutschbrasilianischen Tendenz sprechen auch die nach deutschem Muster gebildeten Determinativkomposita *Fazendenloje* und *Miljekolben*, ersteres mit zwei portugiesischen Elementen, allerdings mit der Reihenfolge Determinans – Determinatum (statt *loja de fazenda*), im zweiten Fall mit einer Hybridbildung aus portugiesischem und deutschem Element. Neben Verben und Nomen werden noch zwei weitere Kategorien in den Beispielen genannt, zum einen die satzwertige Konstruktion *deloge/adeloge* und zwei Entlehnungen, die man als Calques oder Lehnprägungen klassifizieren kann (etw. *läßt wenig Nutzen*, etw. *macht keine Rechnung*).

Angesichts der Konstruiertheit der Sprachprobe soll es im Folgenden nicht weiter um die Details der Entlehnungsmechanismen oder eine quantitative Analyse gehen, sondern darum, was die Darstellungen über die Attitüden des Autors gegenüber der Sprachmischung aussagen. Obgleich Ad. Friedrichsen zunächst durchaus zugesteht, dass es sinnvolle bzw. zulässige Übernahmen geben kann, wofür er als Beispiel die Tier- und Pflanzennamen angibt (s.o.), bleibt offen, welchen Status er den jeweiligen lexikalischen Entlehnungen aus seiner Sprachprobe beimisst. Allerdings lässt sich feststellen, dass fast alle davon in die Kategorie fallen würden, die als *cultural loans* (Myers-Scotton 1993: 163) Lücken im eigenen Wortschatz füllen, wie zum Beispiel *Cuia*, *bomba*, *Pontsch, Fum* oder *Tropeiro* sowie (z.T. unikale) Landschaftsbezeichnungen wie *Serra*,

*coxilha*s etc. Diese dürften nach den selbstgesetzten Kriterien Friedrichsens eigentlich untadelig sein. Ironischerweise sind es in der gelieferten Sprachprobe gerade die Pflanzen- und Tierbezeichnungen wie *Zipos*, *Taquaras*, *Tatu*, die eigentlich als Sonderkategorie derjenigen Wörter genannt werden, die für Entlehnungen infrage kommen, die aber letztlich die einzigen Fälle bleiben, in denen Friedrichsen explizit erklärt, warum die Lusismen zu vermeiden seien, nämlich da es *Gürtelthier* etc. im deutschen Wortschatz gebe. In der großen Mehrzahl der weiteren Fälle ist die Angelegenheit denn auch anscheinend diffiziler, weshalb der Autor möglichweise eine explizite Empfehlung unterlässt. Stattdessen handelt es sich bei vielen der aufgeführten Beispiele um Wörter, für die die Übersetzungen, die Friedrichsen liefert, allenfalls wörterbuchartige Erklärungen oder Fachwortschatz darstellen, welcher für die Siedler erst in Südbrasilien Bedeutung erlangte. Als besonders illustratives Beispiel soll dies an *Garupe (garupa, Kreuz des Pferdes)* verdeutlicht werden. Die Einwanderer kamen zumeist aus einfachen Verhältnissen in Deutschland. In Europa ein Pferd zu haben, war ausschließlich höheren Gesellschaftsschichten vorbehalten, während es in Brasilien als Fortbewegungsmittel zur Standardausstattung eines Haushalts gehörte. Auf dem Kreuz des Pferdes wurden Waren transportiert, wodurch dessen Bezeichnung Teil des Alltagswortschatzes wurde, und zwar mit dem brasilianischen Wort. Die deutsche Bezeichnung *Kruppe* (< frz. *croupe*) ist hingegen ein Fachwort, das anscheinend Friedrichsen selbst nicht geläufig war oder das er als solches nicht für geeignet hielt, um dem Leser deutlich zu machen, um was es sich handelt. Analoges gilt auch bei anderen Wörtern, die zum Alltagswortschatz in Brasilien wurden (*Mala*, *Baranka*, *Farin*, *Milhe*, *Mule*, *zebruno*, etc.), während sie in Deutschland zum Fachwortschatz gezählt hätten. Ähnlich verhält es sich bei den Lexemen, die zum Kontext von staatlichen Behörden oder gesellschaftlichen Institutionen gehören (*Alfandega*, *Corredor*, etc.). Friedrichsen macht keine Unterscheidung zwischen Codeswitching und Entlehnung, wobei man sicher auch in der südbrasilianischen Situation des XIX. Jahrhunderts von einem Kontinuum zwischen okkasioneller Verwendung bei Zweisprachigen und regulärer Verwendung auch bei (mehr oder weniger) monolingualen Deutschsprechern ausgehen kann (cf. Matras 2009: 110–114).

Entlehnungen, die den Kernwortschatz betreffen, sind trotz der vielen und in vermeintlich empörtem Ton vorgetragenen Beispiele, selten. Die klarsten Fälle sind vermutlich *Compadre* und das verb *puschen*. Im ersteren Fall hängt die Relexifizierung von *Gevatter* vermutlich damit zusammen, dass die

Semantik von port. *compadre* weiter ist, da sie neben dem eigentlichen 'Patenonkel' auch eine Bezeichnung für 'Freund' ist. Durch diese größere Extension ist der Gebrauch auch häufiger und als Ausdruck der Solidarität alltäglich.[4] Bei *puschen* (port. *puxar*) ist die Erklärung auf den ersten Blick schwieriger. Naheliegend ist, dass die damit bezeichnete Handlung oft gemeinschaftlich mit anderen, z.T. lusophonen Arbeitern vollzogen wird und das zugehörige Kommando („Puxa!") zur synchronisierten Kraftaufwendung zur mentalen Verdrängung des deutschen Ausdrucks geführt hat.[5] Wir sehen also, dass die Sprachprobe bei näherer Betrachtung nur wenig konkrete Ansatzpunkte zur Sprachkritik bietet, und zwar nicht nur, wenn man gegenwärtige eher zur Deskriptivität neigende Maßstäbe ansetzt, sondern auch aus der impliziten Sichtweise des zeitgenössischen Autors, der ja lexikalische Lücken im deutschen Wortschatz durchaus als legitime Entlehnungskandidaten ansieht (wie später auch Bossmann, Fausel und Oberacker Jr.). Es ist kaum Kernwortschatz betroffen, und die Beispiele zeichnen sich durch Kreativität und aktive Integration aus statt ein „geistiges Armuthszeugnis" darzustellen.[6] Nun ist es allerdings gar nicht die Absicht des vorliegenden Artikels, Friedrichsen nachzuweisen, dass er eine falsche oder zu restriktive Haltung gegenüber Entlehnungen vertreten habe, da dies wohlfeile Kritik am Sprachkritiker Friedrichsen wäre, der natürlich auch Kind seiner Zeit war. Vielmehr scheint einiges dafür zu sprechen, dass der Autor selbst weniger borniert war, als die die Sprachprobe einrahmenden Aussagen zur Reinheit und geistigen Armut, die sich in den „oben geschilderten Beimischungen" manifestieren würden, auf den ersten Blick vermuten lassen. Zwar verweist auch die Aussage bezüglich der Lehnübertragungen, dass man diese „in diesem Sinne in Deutschland nirgends hören" würde, auf den deutschen Standard als Normorientierung, jedoch gibt es Anlass zur Vermutung, dass die Intention des Texts zumindest teilweise eine andere ist. Denn Umfang und Art der Darstellung weist darauf hin, dass Friedrichsen (wie später Fausel)

4 Zugleich war es unter den Einwanderern in Südbrasilien zu der Zeit üblich, zahlreiche Kinder zu haben, weshalb es über den *Compadrazgo* weitläufige Verwandtschaftsverhältnisse mit unscharfen Grenzen gab.

5 Das in der Sprachprobe im gleichen Atemzug genannte *tocken* (port. *tocar*) erklärt sich hingegen durch seine semantische Spezifizität, was auch durch Friedrichsens eigene Erklärung (*durch Schlagen treiben*) belegt wird.

6 Eine Ausnahme stellt allenfalls der im letzten Abschnitt genannte Colonist dar, dessen Ausdrücke *emprestado*, *entregaren* und *comport* dem Autor ein besonders abfälliges Urteil wert sind, mutmaßlich weil es sich hierbei um Luxusentlehnungen handelt, die Friedrichsen als unnötig ansieht.

selbst fasziniert von der Dynamik der Sprachkontaktsituation und der daraus resultierenden Mischung war. Warum sonst hätte er sich die Mühe gemacht, einen Text zu konstruieren, in dem so gedrängt die Kreativität und die Eigenständigkeit der südbrasilanischen Mischsprachvarietät zum Ausdruck kommt? Die Kritik daran kann fast als Zugeständnis an den Zeitgeist verstanden werden, wenn man die quantitativen Verhältnisse des Texts berücksichtigt. Neben der eigenen Faszination ist als weitere Motivation für die Erstellung der Sprachprobe wahrscheinlich, dass Friedrichsen an dem Prestige partizipieren wollte, welches die Kenntnis und der Gebrauch des Portugiesischen offensichtlich verliehen – dies spricht der Autor ja auch selbst explizit im letzten Abschnitt an, in welchem er den in Deutschland geborenen Einwanderer kritisiert. Als dritten Faktor muss die intendierte Leserschaft des Koseritz-Kalenders (Herausgabe zwischen 1874 und 1890) erwogen werden, die immerhin aus Lesern aus Rio Grande do Sul bestand. Diesen waren also die referierten Ausdrücke wohlbekannt, und man kann sich das Vergnügen vorstellen, das die unübersehbar übertriebene Charakterisierung der Sprechgewohnheiten erzeugt haben mag. Eine Interpretation des Texts als Anleitung oder Anregung zur Verwendung der deutschen Ausdrücke in Klammern scheint hingegen wenig überzeugend, da diese -wie oben ausgeführt- oftmals den semantischen Kern nicht treffen, sich extensional unterscheiden oder sogar wörterbuchtypische Paraphrasierungen darstellen. Einiges spricht also dafür, dass der Text der Unterhaltung sowie möglicherweise als Ausdruck der Koketterie des Autors diente, der sich seinerseits der Kreativität der Sprachmischung als Chronist und Schöpfer hingibt, dabei aber zumindest vordergründig eine gewisse Distanz zu wahren sucht.

2.1.2 W. Breitenbach „Die deutsche Sprache in Süd-Brasilien"

Die zweite Sprachprobe wurde von Dr. Wilhelm Breitenbach verfasst und erschien 1889 in der *Beilage zur Bohemia Nr. 25* (1889):

> Zunächst ein Beispiel aus der Stadt:
>
> Ein Kaschero (caixeiro, Ladendiener) einer Fazendenloje (loja, Laden, fazendas, Schnittwaaren), wird in Stadt geschickt, um einige ausstehende Rechnungen zu cobriren (cobrar, einkassiren) und sodann auf der Alfandega (Zollamt) angekommene Waaren zu „dispachiren". Unterwegs trifft er seinen Compadre (Gevatter), mit dem er in eine Vende (venda, kleiner Laden, gewöhnlich mit einer kleinen Bierstube verbunden) tritt, um eine Garaffa (garaffa, Flasche) Bier zu trinken. Der Compadre bietet ihm eine Charute (charuto, Cigarre) an, die er auch annimmt und mit Hilfe von Fosforos (Streichhölzer), die er sich von dem Vendist (Ladenbesitzer) geben läßt, anzündet. Zur Bezahlung des Bieres gibt der Kaschero dem Vendisten einen Zwei-Milreisschein. Da der Vendist aber gerade kein Trock (troco, Kleingeld) hat, so kauft sich der Kaschero

> Fum (fumo, Tabak) und Palje (palha, Maisstrohblättchen) zu Cigarros (Cigaretten). Mit einem Ateloge (até logo, bis nachher, der gewöhnliche Abschiedsgruß) trennen sich die Freunde. Nach dem unser Kaschero auf der Alfandega und der Thesouraria seine Geschäfte besorgt hat, benutzt er die ihm noch verbleibende Zeit zu einem Spaziergang an der Docca (Hafendamm) und auf dem Merkado (Markt). Dann begibt er sich nach Hause, gibt seine Recibos (Quittungen) von der Alfandega und das eincobrirte Geld ab und schenkt dem Söhnchen seines Principals etwas Doß (doces, Süßigkeiten) und einige Laranschas (Orangen), die er für einige Ventins (vintem, kleine Kupfermünze) von einer Negerfrau auf der Straße gekauft hat.
> Folgendes möge als Sprachprobe aus einer Colonie dienen, in der das brasilianische Element ziemlich stark zur Geltung kommt:
>
> Ein Colonist fährt in seinem mit einer Tolde (tolda, Verdeck) versehenen Wagen aus, der mit einem Tupiano (Schecken) und einen Zebruno (Falben) bespannt ist, welche er von einem Tropeiro (Thierhändler) von der Serra (dem Hochlande) gekauft hat. Er will seinen Compadre (Gevatter) besuchen, findet die Porteira (Eingangsthor) zur Pikade (Waldstraße) verschlossen, öffnet sie und erfährt von der ihm entgegenkommenden Frau seines Compadre, der Mann sei in die Roße (roça, urbar gemachtes Waldland) gegangen, um einige Miljekolben (milho, Mais) für die Mule (Maulthier) und einige Bobres (abóbora, Kürbis) für die Schweine zu holen, welche im Portreiro (eingezäunter Weideplatz) seien. Wenn er den Compadre aufsuchen wolle, so würde er ihn leicht finden jenseits der Sange (sanga, wasserhaltiger, natürlicher Graben), die aber steile Barankas (Böschungen) habe, so daß man beim Überschreiten derselben vorsichtig sein müsse. Da unser Freund seinen Compadre in der Roße nicht findet, so geht er in den nahen Wald, aus dem Hundegebell ihm entgegenschallt. Mit seinem Fakong (facão, Waldmesser) schlägt er einige Taquaras (Bambus) und Zipos (cipó, Lianen) nieder, um sich Weg zu bahnen. Bald trifft er denn auch seinen Compadre, der soeben ein Tatu (Gürtelthier) ausgegraben und mit seinem Fuchs (fouxe, langstieliges Sichelmesser) erschlagen hat. Nach den üblichen Begrüßungen begeben sich beide in's Haus und beschließen, sich am Nachmittag die Carreira (Wettrennen) anzusehen. Gleichzeitig will der Compadre einige Säcke Farin (farinha, Mandioccamehl) mitnehmen, um sie dem Vendisten (Besitzer einer Venda, eines Kramladens) zu verkaufen. Zu diesem Behuf muß eine Mule eingefangen werden, was aber nicht ganz leicht ist. Die Mule ist nämlich sehr störrisch und muß gepußt (puxas [sic!], ziehen) und getockt (tocar, durch Schlagen antreiben) werden.
>
> Beim Hause angelangt, wird dem Thiere die Cangalje (cangalho, Joch) aufgelegt und die Ladung befestigt. Dann geht's fort.

Da sie im Vergleich zu Friedrichsens Text kaum Neues enthält, soll eine knappe Einordnung genügen. Es fällt zunächst auf, dass Breitenbach die gleiche Struktureinteilung wählt wie Friedrichsen, nämlich eine Unterteilung in Stadt und Land, wobei die *Campanje*, also die weiter im Inland gelegenen ländlichen Gebiete, fehlt. Allerdings ist ohnehin kein markanter Unterschied festzustellen, was die Art und Weise sowie die Häufigkeit der Lehnwortintegration in

den verschiedenen Gebieten (Stadt, Land) anbetrifft. Lediglich die Wortfelder sind thematisch jeweils an die Lebenssituation angepasst. Aber da die Intention ohnehin offensichtlich darin bestand, so viele Lusismen wie möglich in die Situations- und Handlungsbeschreibung unterzubringen wie möglich, lässt sich eine tatsächliche diatopische Differenzierung nicht aus den Sprachproben ableiten.

Die Sprachprobe von Breitenbach muss an dieser Stelle nicht wie oben analysiert werden, da sie sich, wie gesagt, bis auf Details derjenigen von Friedrichsen, die 11 Jahre vorher veröffentlicht wurde, ähnelt. Dies erhärtet die Vermutung, dass die Sprachkritik nicht eigentlich im Vordergrund steht, sondern dass der Text Ausdruck einer -möglicherweise zu dem Zeitpunkt bereits zum beliebten Klischee gewordenen- sprachspielerischen Unterhaltung ist, die eher belustigen soll als Empörung hervorrufen. Dennoch unterlässt es auch Breitenbach nicht, diesen stereotypisierten Text mit einer Mahnung zu versehen, mit der er der verbreiteten Auffassung entegegentreten will, dass sich die deutsche Sprache in Südbrasilien „rein und unverfälscht" erhalten habe. Denn obgleich von vielen Beobachtern „das treue Festhalten an der deutschen Muttersprache rühmend hervorgehoben" werde, würde „eine ganze Anzahl portugiesischer Wörter und Ausdrücke, für die sehr gute deutsche vorhanden sind, und für deren Gebrauch absolut keine Nothwendigkeit erkennbar ist", verwendet. Ebenso wie Friedrichsen erkennt aber auch Breitenbach an, dass es „selbstverständlich und nothwendig" sei, „daß bei dem zum Theil innigen Zusammenleben der Deutschen und Brasilianer einzelne Wörter und Ausdrücke aus dem Portugiesischen in das Deutsche herübergenommen werden". Es stimmen also nicht nur die Sprachproben von Friedrichsen (1878) und Breitenbach (1889) weitgehend überein, sondern auch die Einstellungen zur Sprachreinhaltung ähneln einander weitgehend.

2.2 Korrespondenz

Außer den beiden genannten Sprachproben gibt es im Schuchardt-Nachlass noch einen Brief, in dem der bekannte Publizist Carlos v. Koseritz (s. o. Koseritz-Kalender) offensichtlich auf eine Anfrage seitens Schuchardts hinsichtlich Entlehnungen aus dem Deutschen ins Portugiesische antwortet:

> Po. Alegre 6.er Febr. 1886
>
> Geehrter Herr Professor!
>
> Vielfache Beschäftigungen erlauben mir erst heute auf Ihr Schreiben vom 23.ten Sept. zu antworten. Über den von Ihnen behandelten Gegenstand gibt es nur diese eine kleine Arbeit, die ich Ihnen einlege und die wohl s. Z. Sellin zur Grundlage gedient hat.

> Über deutsche, ins Portugiesische übergegangene Worte und Wendungen gibt es absolut nichts und auch sehr wenig Stoff dazu, da die Brasilianer kein Deutsch lernen und mithin auch keine deutschen Worte in ihre Sprache übersetzen können. Ich habe lange gesucht und nur zwei Wörter gefunden die heute im hiesigen Portugiesisch eingebürgert sind und zwar kommen beide aus der Küche: Kuchen – cuca und Pfannkuchen – pannicuca –. Hier hat sich eine Corruption des deutschen Namens eingebürgert, weil die Speise dem hiesigen Kochbuche fremd war. In der Umgebung der Colonien radebrecht hier und da wol ein Brasilianer[7] verständliches Deutsch, vermischt auch sein Portugiesisch mit deutschen korrumpirten Brocken, aber nur in der Unterhaltung mit Deutschen, eingebürgert hat sich sonst kein deutsches Wort im Portugiesischen. Eine oder die andere Redewendung hat Bekanntschaft erlangt, dadurch daß ich und andere sie in der Presse verwendet haben, doch sind es nicht viele, da das Portugiesische selbst außerordentlich reich an Metaphern ist. Zu diesen Wendungen gehören: Hir em cima da colha, auf den Leim gehen; não caio n'esta, ich falle nicht darauf hinein, doch auch das ist nicht charakteristisch und ich glaube wirklich daß Sie nach dieser Richtung hin nichts erreichen werden. Zwischen germanischen und romanischen Sprachen ist ja die Vermischung weit schwieriger als zwischen zwei verschiedenen Sprachen germanischen Stammes, wie Deutsch und Englisch.
>
> Es thut mir leid, geehrter Herr Professor, Ihnen nicht mehr bieten zu können.
>
> Es grüßt
>
> mit Hochachtung ergebenst
>
> C. v. Koseritz

Da Koseritz selbst die Frage nicht für ergiebig hält, soll sie an dieser Stelle auch nicht ausgeweitet werden. Festzuhalten ist, dass er *Cuca* und *Pannicuca* als Entlehnungen aus dem Deutschen im riograndenser Portugiesisch dokumentiert, des Weiteren die sprachsoziologische Beobachtung, dass die Brasilianer kein Deutsch lernen würden, was Koseritz jedoch selbst anschließend relativiert, indem er schreibt, dass in den Kolonien der ein oder andere Brasilianer Deutsch lerne. Dies stimmt mit einer (oben nicht zitierten) Beobachtung W. Breitenbachs überein, welcher schreibt: „Das Deutsche ist dort [in den Kolonien] so dominierend, daß selbst Neger, Mulatten, Brasilianer oder Italiener, welche daselbst geboren werden, Deutsch sprechen, die Ersteren oft nur Deutsch." (Breitenbach 1889: 1). Die Perspektive von Koseritz' ist also anscheinend bedauerlicherweise nur auf das Portugiesisch in der Stadt orientiert. Es wäre sicher interessant gewesen, mehr über die Details der Kontaktvarietäten

7 In der Transkription steht „Brasilianern", aber das Faksimile legt nahe, dass im Original „Brasilianer" steht.

in den Kolonien im ausgehenden XIX. Jahrhundert zu erfahren, auch wenn diese mit der Zeit verschwunden sind.

3. Schlussbetrachtungen

Das Ziel dieses Artikels war es einerseits, die frühen Sprachproben und Sprachkritiken von Ad. Friedrichsen und W. Breitenbach, die im Schuchardt-Archiv aufbewahrt sind, zu dokumentieren und einzuordnen. Es erscheint dabei wenig sinnvoll, deren Haltung aus der aktuellen Sicht als zu engstirnig oder puristisch zu verurteilen. Auch wenn es im Nachhinein schwer mit Sicherheit zu entscheiden ist, gibt es -wie gezeigt werden konnte- stattdessen sogar Anzeichen dafür, dass sie wohl aufgeschlossener waren, als es auf den ersten Blick den Anschein hat. Denn obgleich beide zwar zunächst nahelegen, dass sie sich als Sprachpuristen verstehen, die um die schleichende Brasilianisierung des Deutschen besorgt sind, ist ihre Auffassung von Reinheit der Sprache aber erstens nicht radikal exklusiv; sie halten gewisse Entlehnungen für selbstverständlich oder sogar notwendig, wenn es sich um Lücken im Wortschatz des Deutschen handelt. Sie sprechen sich allerdings gegen Entlehnungen aus Prestigegründen aus, wenn ein entsprechendes deutsches Wort existiert. Interessanter und aufschlussreich für die tatsächlichen Spracheinstellungen ist zweitens jedoch das offensichtliche Interesse oder sogar Faszination der Autoren für den Sprachkontakt und die Sprachmischung, die aus den langen „Sprachproben" spricht. Deren Analyse bietet denn auch nur begrenzte Ansatzpunkte für Kritik (auch im Sinne Friedrichsens und Breitenbachs eigener Konzeption), denn die Entlehnungen betreffen mehrheitlich Bereiche von *cultural loans*, die die spezifische Siedlergesellschaft charakterisieren. Die summarisch geäußerte Kritik an Sprachmischung könnte dem Zeitgeist geschuldet sein, wobei davon auszugehen ist, dass die Leserschaft diese vermutlich bewusst-attitüdinal teilte, andererseits als Mitglieder der in den Texten sprachlich charakterisierten Gemeinschaft aber Gefallen an der klischeehaft übertriebenen Darstellung fand. Die Idee, der Text sei eine Anleitung zur Verwendung der deutschen Alternativausdrücke in Klammern, überzeugt wenig. Es deutet vieles auf den Unterhaltungscharakter und eine ambivalente Haltung zwischen Stolz (auf die Kreativität der deutschbrasilianischen Sprachmischung und deren Beherrschung durch die Autoren) und Vorurteil (gegenüber der Nicht-Reinhaltung der Sprache) hin. Friedrichsen und Breitenbach agieren als interessierte Chronisten der Sprachmischung, wenn sie auch nach außen Distanz wahren.

Bibliographie

Carlos von Koseritz an Hugo Schuchardt (01–05757). Porto Alegre, 06. 02. 1886. Hrsg. von Frank-Rutger Hausmann (2021). In: Bernhard Hurch (Hrsg.): *Hugo Schuchardt Archiv*. Online unter https://gams.uni-graz.at/o:hsa.letter.8784, abgerufen am 15.07.2023. Handle: hdl.handle.net/11471/518.10.1.8784.

Altenhofen, Cléo V. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen* (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 21). Stuttgart: Steiner.

Bossmann, Reinhold (1953). Zur deutsch-brasilianischen Mischsprache. In: *Revista Letras*, Curitiba, Univ. do Paraná, Nr. 1, 96–115.

Breitenbach, Wilhelm (1889). Die deutsche Sprache in Süd-Brasilien. In: *Beilage zur Bohemia*, Nr. 25, 1–2.

Fausel, Erich (1959). *Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Erich Schmidt.

Friedrichsens, Ad. (1878). Wie der Deutsche in Süd-Brasilien spricht. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 74–80.

Lacmann, Wilhelm (1905). Die Sprache der Deutschen in Südbrasilien. In: *Zeitschrift des allgemeinen deutschen Sprachvereins* 9. Berlin, 273 – 276.

Matras, Yaron (2009). *Language Contact*. Cambridge: Cambridge University Press.

Myers-Scotton, Carol (1993). *Duelling Languages. Grammatical Structure in Code-switching*. Oxford: Oxford University Press.

Oberacker, Karl Heinrich Jr. (1957) *A Contribuicão Teuta à Formação da Nação Brasileira*, Rio de Janeiro: Presença Edições.

Steffen, Joachim & Altenhofen, Cléo V. (2014). „Spracharchipele des Deutschen in Amerika: Dynamik der Sprachvernetzung im mehrsprachigen Raum". In: *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik* 81(1), 34–60.

Wohlgemuth, Jan (2009). *A Typology of Verbal Borrowings* (Trends in Linguistics Studies and Monographs 211). Berlin | New York: Mouton De Gruyter.

Marcia Meurer

Variedades do português de migrantes sulistas em contato com variedades do nordeste do Brasil

Abstract: This paper deals with the intervarietal language contact of Portuguese (Altenhofen 2013) spoken by migrants from the south of the country in the town of Balsas, which is located in the south of Maranhão, in northeastern Brazil. The aim is to compare the regional marks in the migrants' use of the language with the variety of the matrix of origin in order to identify the factors that favor the maintenance, substitution, or alternation of linguistic variants, as well as the social meanings that underlie these uses. According to the diatopic-kinetic dimension of Pluridimensional and Relational Dialectology (Thun 1998), the variety of southern Brazilian Portuguese speakers with a topodynamic profile is in a phase of maintenance of the original marks at the phonetic-phonological level in the older speakers and change in progress with substitutions of linguistic variants in the younger speakers. The results suggest linguistic leveling through the use of non-regionally marked forms or the common language, especially the lexicon, as a way of attenuating the perception of their condition as southern migrants or outsiders.

Keywords: Pluridimensional dialectology. Intervarietal contact in Brazilian Portuguese. Southern migration in the Northeast.

1 Introdução

A partir dos anos 1970 do século passado, e em menor proporção antes dessa década, uma parte significativa da população da região Sul do Brasil sofre um processo de diáspora[1] para todas as regiões do país e até além-fronteiras.

De modo geral, as migrações no espaço geográfico brasileiro têm sido abordadas em uma perspectiva macrolinguística, a partir de resultados de atlas linguísticos (Altenhofen & Thun 2016) que mostram não apenas a relevância da

1 *Diáspora* no sentido de dispersão de um povo que migra para diferentes regiões em busca de uma nova vida (Houaiss, 2009). Nesse conceito polissêmico, engloba-se todo tipo de migração, voluntária ou não. No caso deste estudo com a migração sulista, o conceito parece mais adequado ao contexto sócio-histórico (Radin; Valentini; Zarth, 2016).

variação regional, como também evidenciam o perfil plurilíngue e multiétnico de seus falantes.

Dada a relevância do fator <mobilidade espacial> em pesquisas linguísticas, o presente estudo tem por tema a variação e mudança do *português de contato*[2] (Altenhofen 2008), falado por migrantes sulistas que migraram antes de 1986 do noroeste gaúcho para o sul do Maranhão. O campo de estudo é a localidade de Balsas, fundada por nordestinos criadores de gado em 1892 e emancipada em 1918, contava com uma população em torno de 20 mil habitantes quando do início da migração sulista nos anos 1970. Atualmente é uma cidade polo com mais de 100 mil habitantes (dados aproximados IBGE 2022) atraindo migrantes de todo o país.

Dessa forma, além da variedade nortista (nordestina) há outras variedades regionais provenientes de migrantes de outras regiões, e até mesmo de outras línguas. Portanto, o foco deste estudo recai sobre o contato intervarietal com grupo migrante sulista pioneiro, quando a localidade ainda era isolada por rodovias não pavimentadas (Transamazônica). Isso também não exclui variações dentro da variedade sulista da matriz de origem, como por exemplo, a variedade paulista e a variedade rio-grandense, no entanto, o português levado pelos migrantes sulistas ao nordeste do país guarda traços do português rio-grandense falado em áreas de presença de línguas de imigração. O que este estudo aborda é um tipo de contato intervarietal entre variedades de português brasileiro (PB) faladas originalmente pelo grupo migrante, sobretudo no noroeste do Rio Grande do Sul, e variedades faladas pela população local, estabelecida anteriormente no sul do Maranhão.

Constitui-se, assim, como objetivo deste estudo, comparar as variedades linguísticas em espaço/tempo real (variedade topostática de falantes da variedade regional da matriz de origem e/ou materna – análise sincrônica/diacrônica – à variedade topodinâmica de falantes migrantes em contato com a variedade regional no ponto de chegada), o que caracteriza a análise da dimensão diatópico-cinética, no estudo de variedades regionais do português brasileiro.

O presente artigo compõe-se de cinco partes; sendo a primeira a presente parte introdutória, na seção seguinte o referencial teórico e algumas pesquisas já publicadas, seguindo com as próximas partes sobre a metodologia de pesquisa utilizada neste estudo, e por fim, a apresentação da análise dos dados linguísticos e sociais com as considerações finais.

---

2 Altenhofen e Margotti (2011:297–298) definem o *português de contato* como a "variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área".

2 A Geolinguística Pluridimensional e Contatual: pressupostos teóricos

O presente estudo destaca fundamentalmente a topodinâmica da variação linguística, a partir da migração e do contato de uma variedade regional do português, no espaço e no tempo. A análise da topodinâmica de uma língua ocupa-se, segundo Thun (1996, 211), com falantes móveis, em seu percurso de uma matriz de origem para uma nova área, onde entram em contato com outras línguas e variedades.

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun 1998), também chamada no Brasil de 'dialetologia contemporânea', oferece um escopo teórico de conceitos e métodos de análise com especial enfoque na dimensão da diatopia-cinética, ou migrações. A variação estável ou a variação na mudança linguística em progresso de uma variedade que está fora da sua matriz de origem implica observar a fala do grupo topodinâmico ou migrante, e fazer a descrição comparando marcas linguísticas, como resultado da ação do tempo e do espaço, de variedades regionais em contato.

O critério pluridimensional possibilita fazer os mais variados tipos de recortes do objeto linguístico, do parâmetro espacial (diatópico), social, (diastrático) ao diacrônico (nano à macrocronologia), com todas as "fotos" possíveis em cada uma dessas dimensões, podendo gerar novos parâmetros e outras dimensões de análise, cf. Thun (2010a).

Quadro 1 – As variáveis pluridimensionais
Fonte: (Thun, 2010a, 514).

Dimension		Parameter
1	dialingual	Two or more languages, e.g., Spanish and Portuguese
2	diatopic	Topostatic (informants with stable residence in survey locations)
3	diatopic – kinetic	Contrast between topostatic and topodynamic informants, the latter having recently changed residence
4	diastratic	Sociocultural class, e.g., lower and upper class
5	diagenerational	Age groups, e.g., an older generation (60 years and over) and a younger generation (18–36 years old)
6	diasexual	Women – men
7	diaphasic	Style, e.g., "reading", "response" and "conversation"
8	diareferential	Difference between object language, form and metalanguage

Os critérios de ordenamento da pluridimensionalidade seguem os postulados resultantes da experiência de Thun (1996) com os migrantes montevideanos em Rivera, no norte do Uruguai. Lá, o pesquisador constatou a complexidade de variedades linguísticas e de línguas envolvidas, o que se poderia supor ser uma mistura de línguas e variedades de línguas, como pensou Rona (1965 apud Thun, 1996). Este *variety complex,* denominado por Thun, foi encontrado nas variedades fronteiriças entre o português uruguaio e o brasileiro, cujas marcas dialetais no primeiro ainda guardam resquícios de um português mais conservador (europeu) do que em relação ao segundo, que se apresenta como um português mais inovador (americano) pela influência do padrão da escola e da mídia brasileira (Thun, 2010b, 707).

Essa variabilidade linguística decorre porque o homem não é estático, mas móvel, assim como a língua é dinâmica. Thun (1996), ao perceber que a mobilidade é a principal característica do perfil dos informantes, sistematiza-os separando em dois grupos, *topodinâmicos* e *topostáticos*, o que proporciona um tratamento diferenciado dos dados linguísticos. De acordo com esses perfis, não é mais possível se tratar da coleta e análise de dados com critérios homogêneos. "*Basta para ser aceptado como informante topostático haber pasado por lo menos la mitad de su vida en el lugar respectivo y obligatoriamente los últimos cinco años. […] En cuanto al informante topodinâmico, flexibilizamos la movilidad casi diaria en favor de una movilidad relativa*" (Thun, 1996, 211).

De acordo com Figueiredo (2014), o escopo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* de Thun (1996, 1998) aplicado a contextos de migração interna no Brasil recebe o nome de *Geolinguística Pluridimensional e Contatual* (Altenhofen, 2013; Altenhofen & Thun, 2016), por tratar dos contatos linguísticos entre variedades regionais do português, conforme tipologia dos contatos postulado por Altenhofen (2008).

Em decorrência das migrações sulistas, estudos sobre os contatos linguísticos têm se desenvolvido no sul e centro-oeste do Brasil, principalmente na área denominada de Bacia do (rio da) Prata (Altenhofen, 2014). Aspectos do bilinguismo foram pesquisados por Barros (2014) no contexto linguístico de contato entre variedades do alemão e variedades do português com falantes topodinâmicos (migrantes rio-grandenses e paranaenses), que migraram a partir de 1956 da região Sul para o Centro-Oeste. Figueiredo (2014) pesquisou o contato entre variedades regionais do português, comparando as variedades faladas por migrantes teutos e ítalos gaúchos, naturais dos três estados sulistas, nas cidades mato-grossenses de Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso. Seu critério foi diferenciar uma variedade mais rio-grandense ou menos rio-grandense com base nos dados do Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul (ALERS). Os

resultados de seu estudo demonstraram que a variedade falada pelos migrantes pesquisados é a que tem menos marcas regionais, e, portanto, considerada mais prestigiada.

Nessa mesma direção, Philippsen (2013) descreveu a diversidade lexical em quatro localidades, Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia, no norte do estado do Mato Grosso. A pesquisadora constatou uma ampliação do repertório dos falantes e concluiu que perguntas/conceitos referentes a atividades, objetos ou ofícios rudimentares do início da colonização tinham baixa frequência nas possibilidades responsivas por não se fazerem mais presentes no atual contexto sociocultural e econômico das comunidades pesquisadas, tanto dos migrantes pioneiros quanto de seus filhos e netos. Na dimensão dialingual, apresentaram-se influências étnicas em falantes acima dos 50 anos, descendentes de italianos, alemães e japoneses, com mais itens relacionados à língua italiana.

Também o estudo de Santos-Ikeuchi (2014) contrastou dados coletados nas localidades de Andradina, Adamantina, Rancharia e Presidente Epitácio, região oeste paulista, com falantes filhos de migrantes nordestinos e os atlas linguísticos da região Nordeste, como o Atlas prévio dos falares baianos (APFB), Atlas linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas linguístico de Sergipe (ALS I e II). A análise dos resultados desse estudo demonstrou baixa "coincidência" de itens em 32 cartas do QSL, chegando-se à conclusão de que os filhos de migrantes conhecem pouco a cultura dos pais devido à falta de interesse, provavelmente, desencadeada pelo preconceito do uso da variedade do português nordestino em contato com a variedade paulista, com base em comentários dos próprios falantes. Embora não tenha feito um estudo etimológico do léxico coletado, e nem pesquisado a dimensão dialingual, a autora também constatou forte presença de itens lexicais do italiano na variedade paulista.

Semelhante a esse estudo, Marins (2019) delimitou a sua pesquisa em cinco localidades na região oeste do estado do Mato Grosso do Sul, em uma antiga colônia agrícola fundada em 1943, em Dourados. O estudo verificou a variedade linguística de nordestinos topodinâmicos e seus descendentes topostáticos na dimensão diatópico-cinética em contato com outras variedades presentes no Mato Grosso do Sul, principalmente, a variedade paulista. Os resultados mostraram que os migrantes nordestinos mantêm marcas mais nordestinas, principalmente, fonético-fonológicas como o abaixamento da vogal média anterior e morfossintáticas com o uso de vocativos e interjeições, retratando, mesmo depois de várias décadas, um repertório ligado à ruralidade e à religiosidade da matriz de origem, reforçados pelo contexto das variedades rurais sul mato-grossenses. Os falantes topostáticos (descendentes de nordestinos) apresentam

uma mescla entre as variedades regionais, aderindo a marcas da fala sul mato-grossense, principalmente no léxico.

Diferentemente das pesquisas anteriores, a pesquisa de Cuba (2015) selecionou onze localidades com uma rede de pontos no Mato Grosso, Rondônia, Goiás e Tocantins, abrangendo o traçado do *Território Incaracterístico* (Nascentes, 1953) para verificar as variedades migradas aí presentes. Na dimensão diatópico-cinética, as cartas demonstraram correlação entre a origem dos migrantes e as variedades faladas nessa área, renomeada pela autora de *Território Multivarietal*. Essa constatação está diretamente ligada à formação das localidades e ao povoamento que se estabeleceu pioneiramente, indicando que a variedade sulista (de falantes gaúchos, catarinenses e paranaenses) predomina na região norte mato-grossense, concentrada ao longo das grandes rodovias que cortam o centro-oeste. Nas margens desse território a oeste, no estado de Rondônia, aparece de forma predominante a variedade nortista ao lado da sulista em sua variedade paranaense, e a leste, no estado de Tocantins e Goiás, as variedades paulista e mineira.

De forma semelhante, Silva (2018) pesquisou doze localidades no estado de Tocantins e constatou uma grande diversidade quanto à matriz de origem dos falantes, incluindo sulistas, como no presente estudo no sul do Maranhão, além de nordestinos com destaque para o Maranhão, superando no quantitativo até os migrantes vindos do estado de Goiás, nos grupos pesquisados. Na dimensão diatópico-cinética, a autora selecionou falantes topostáticos com mais de dez anos de moradia na localidade e topodinâmicos com menos tempo de residência, e, ao contrário das pesquisas anteriores, não fez distinção entre migrantes de dentro ou de fora do estado de Tocantins. Nesse caso, também os tocantinenses, que tinham menos de dez anos de moradia na localidade, foram considerados topodinâmicos.

Os resultados da pesquisa, no estado do Tocantins, mostraram na dimensão diatópico-cinética a influência na realização das vogais médias pretônicas e do /R/ glotal da variedade dos migrantes nordestinos ao norte do estado, tendo percentuais de abaixamento das vogais médias maiores em relação aos apresentados nos atlas do Amazonas e do Pará, ALAM e ALISPA, respectivamente. Também apresentou variantes possivelmente migradas como a fricativa velar na região de divisa com Pará, e tepe e retroflexo mais ao sul do estado tocantinense, além da frequência de 70 % de apagamento do rótico na coda final, principalmente em verbos. A autora constatou ainda o papel das dimensões diageracional e diagenérica nos usos lexicais, diante do universo rural e urbano, com homens dominando um maior conhecimento do léxico rural em relação às mulheres, e ambos os sexos na faixa etária dos mais velhos têm esse

repertório linguístico em relação aos mais jovens, como também apontado nos resultados das pesquisas mencionadas de Philippsen (2013), Santos-Ikeuchi (2014) e Marins (2019).

Quanto à baixa influência da dimensão diatópico-cinética interpretada por Silva (2018), apesar dos resultados de sua pesquisa mostrarem variantes migradas para o estado do Tocantins, o critério de apenas uma década de moradia fixa para a escolha do falante topodinâmico não captou explicitamente a mobilidade regional desse novo estado, cujo histórico de povoamento parece ser mais abrangente na diacronia, daí a necessária interface com a história do lugar, segundo Altenhofen (2006). Cuba (2015) enfatiza a relevância do levantamento na dimensão diatópico-cinética e a possibilidade de se confrontar a norma local (dos colonizadores) com as variedades migradas, por manifestar as marcas de contraste mais claramente. A análise contrastiva das variedades de falantes topodinâmicos e topostáticos possibilita demonstrar as características da variedade-base do povoamento, que exerce um papel importante na formação de um padrão linguístico local, estabelecendo os status das variedades em contato, incluindo-se aí as variedades migradas. Ainda assim, de forma atenuada, foi possível verificar a norma falada no estado do Tocantins como um espaço de transição entre as variedades baiana, sulista, nordestina e amazônica.

3 A metodologia utilizada com a variedade migrante sulista no sul do Maranhão

Para verificar a variação e mudança de marcas regionais na variedade dos migrantes em contato intervarietal, a pergunta de pesquisa foi: em que medida a variedade sulista mantém marcas da matriz de origem, ou as substitui por outras variantes em contato? Pode-se constatar uma possível mudança linguística?

Neste estudo, foi utilizado o questionário elaborado pela Figueiredo (2014), que tem por base perguntas selecionadas do ALERS e do ALiB, assim como algumas perguntas de elaboração própria da autora, e foi aplicado no chamado *Território Incaracterístico* (Nascentes, 1953), norte do estado do Mato Grosso. Para efeitos de comparação ou análise contrastiva com a matriz de origem dos migrantes sulistas, utilizamos o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul*. O ALERS (2011a, 2011b) registrou, em levantamentos que podemos caracterizar como bidimensionais,[3] a fala de populações rurais dos três estados sulinos,

3 Levantando a fala de falantes monolíngues, em área monolíngue e bilíngue, e bilíngues em áreas de domínio da respectiva segunda língua. Tem-se, assim, ao lado da dimensão diatópica, a dimensão dialingual, mesmo que atrelada à caracterização de cada ponto ou área de pesquisa.

entre os anos de 1989 e 1993, com uma densa rede de pontos, sendo maior do que o próprio ALiB (2014a, 2014b). Por essa razão, é viável conceber, mesmo de forma hipotética, a descrição do ALERS como o registro mais próximo do que pode ter sido o "modo de falar português" dos migrantes saídos nesse período para o sul do Maranhão.

Em cada pergunta, foram feitos recortes das cartas do ALERS e inseridas as variantes do próprio atlas nos cinco pontos geográficos que são a matriz de origem dos migrantes, no noroeste gaúcho, microrregiões 328 e 329 (cf. carta II:58; carta 7, Altenhofen, 2013). Além disso, também foram observadas as variantes do entorno do noroeste do estado e ainda a variante mais frequente em todo o estado, sem deixar de observar a configuração linguística geral do atlas na região Sul como um todo. Para observar fala espontânea, insistência e sugerência nas perguntas do questionário, foram elaboradas planilhas com as respostas, onde também foram inseridas as variantes produzidas pelos falantes nortistas. Assim, foram analisadas as variantes dos falantes topodinâmicos atribuindo-se as categorias [+sulista] ou [+nortista], levando-se em consideração a comparação com a variedade sulista, com base nos falantes topostáticos do ALERS, e com a variedade nortista, com base na produção dos falantes topostáticos entrevistados neste estudo.

Nessa perspectiva, depreende-se o que pode ser considerada uma variante com marcas pertencentes à variedade sulista (delimitada no português de contato/região noroeste do RS) e portanto, uma variedade que não assimilou traços de outras variedades no ponto de destino, ou seja, mais conservadora, ou ainda se assimilou traços presentes na variedade coletada com os nortistas (nordestinos), e assim, ser considerada mais inovadora. De outro lado, é possível ainda verificar alguma marca também na variedade nortista como sendo uma inovação no contato com a variedade sulista.

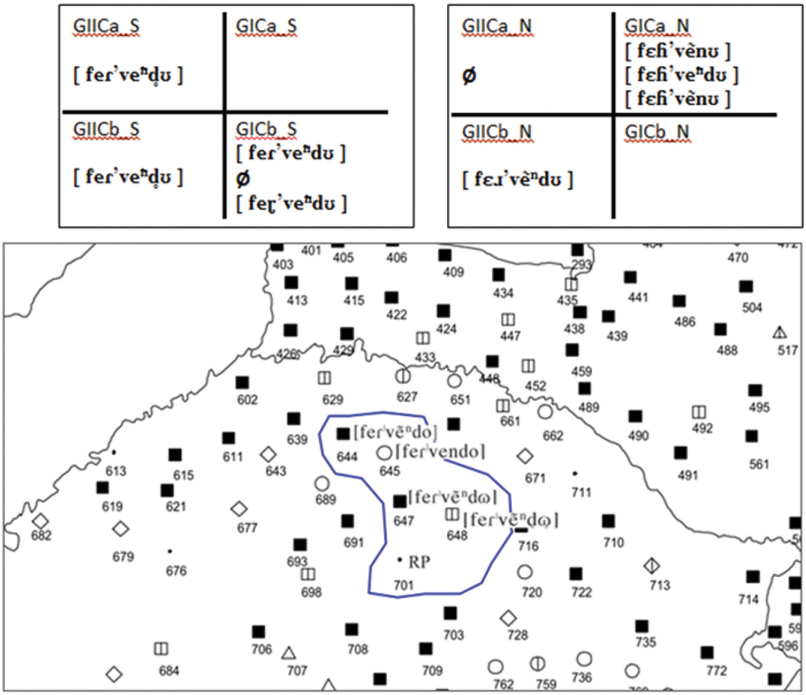
Na análise da dimensão diatópico-cinética, o ordenamento dos grupos de falantes topodinâmicos são os migrantes, GII e GI (mais velhos e mais jovens) e os falantes topostáticos que são os informantes do atlas linguístico. O critério do falante topodinâmico é que deveria ser nascido no Rio Grande do Sul e ter migrado adulto ou ainda adolescente no período inicial da corrente migratória (antes de 1986) para a região Nordeste. Foram, assim, entrevistados cinco casais, sendo dois de falantes sulistas, dois de falantes nortistas e um casal sulista e nortista. A variedade dos cinco falantes sulistas (GII e GI), considerados topodinâmicos (G_S), é analisada contrastivamente com os dados coletados pelo ALERS, observando-se a produção dos cinco falantes nortistas (G_N), conforme dados a seguir.

4 Resultados da análise na dimensão diatópico-cinética

Como critérios de análise nessa correlação entre a variedade falada no espaço e tempo do início da migração (dados do ALERS) e a variedade atual falada pelos migrantes no destino da mobilidade, a dimensão diatópico-cinética cumpre o papel de acompanhar a mudança linguística de falantes topodinâmicos ou migrantes em contato intervarietal.

A análise diatópico-cinética segue, assim, o seguinte esquema de análise que compara 1) as variantes registradas nos pontos de origem (pelo ALERS, v. recorte do mapa) e nas entrevistas de campo (esquemas em cruz, na parte superior); 2) as variantes dos migrantes da geração mais velha (GII) e mais jovem (GI), no esquema em cruz, à esquerda; e, por fim, 3) as realizações desses falantes topodinâmicos (G_S) (esquema em cruz, à esquerda) em relação aos topostáticos nortistas (G_N) (esquema em cruz, à direita).

Figura 1 – Variação da vogal média pretônica anterior /E/
Fonte: Recorte adaptado da carta 52 do ALERS – (fe)r(vendo) (2011a:251)



Como é possível observar na produção linguística dos falantes topodinâmicos (G_S) em seus sub-grupos CaGII_S (grupo socioculturalmente alto, mais velho) e CbGII_S (grupo socioculturalmente baixo, mais velho) e seus grupos correspondentes à geração mais jovem (CaGI e CbGI) no quadro à esquerda acima, não temos falantes no grupo CaGI_S (ou, grupo socioculturalmente alto, mais jovem). Embora o único falante CaGII tenha o ensino médio técnico profissionalizante (técnico agrícola) e pudesse ser considerado Cb (classe baixa), levou-se em consideração a ocupação e as atividades diárias no contato com a língua escrita (letramento). Conforme já se aludiu, nenhum dos sulistas topodinâmicos entrevistados possui o ensino superior[4] e, por isso, podem ser comparados aos sulistas topostáticos do ALERS.

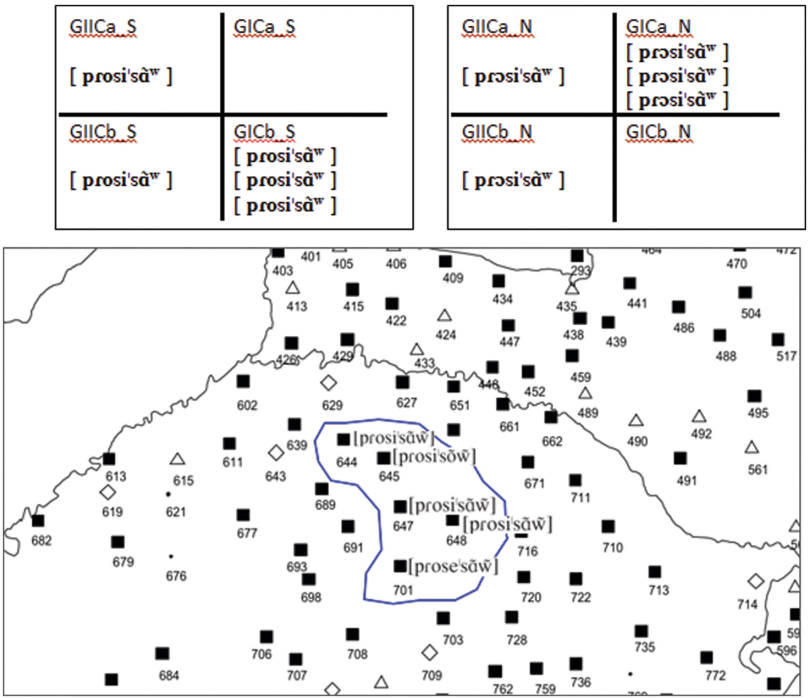
Observamos, então, a carta 52 do ALERS (acima) que cartografa a realização de <r> em <fervendo>. A partir da transcrição completa da palavra, pode-se constatar, contudo, que a vogal média pretônica anterior /E/ apresenta-se em sua variante vogal média alta [e] em todas as realizações dos falantes topostáticos do ALERS. O mesmo ocorre com as realizações dos falantes topodinâmicos no MA (esquema em cruz, à esquerda), o que demonstra estar havendo a manutenção da vogal média alta nessa posição na palavra <fervendo>, ainda que estejam em contato intervarietal com o grupo de fala da vogal média baixa [ɛ], de uso generalizado pelo grupo nortista (ver resultados obtidos, no esquema em cruz, à direita). Tem-se, com isso, um comportamento de resistência à influência da variante regional nortista, possivelmente amparado pela pronúncia da norma *standard* suprarregional, que prioriza o uso de [e] em posição pretônica.

Também o esquema de análise diatópico-cinética dá indícios de mudança linguística, ao menos em tempo aparente, no uso da vibrante em coda silábica. O tepe, de uso generalizado na matriz de origem do RS, começa a ser substituído, mesmo que parcialmente, pela vibrante retroflexa na fala dos mais jovens. É curioso notar que, entre os falantes nortistas, a ocorrência da aproximante tepe é registrada na entrevista GIICb_N, pois fazem uso, contrariamente, da fricativa glotal [H] sonora, nesse caso, como constatado nas demais respostas ao questionário.

4 Quando foram selecionados para a entrevista, levou-se em consideração apenas que fossem nascidos no RS e que fossem migrantes dos anos 1970 e 1980 (ou, antes de 1986, por causa da malha asfáltica), homens e mulheres. A escolaridade, a princípio, não foi observada, e coincidentemente o grupo topodinâmico tem o mesmo perfil dos entrevistados pelo ALERS.

O mesmo comportamento linguístico de manutenção da vogal média fechada [alta], em posição pretônica, ocorre relativo à vogal média pretônica posterior /O/, tomando por base sua ocorrência na palavra *procissão*, em que corrobora a manutenção ou resistência da variante [+sulista] no contato intervarietal com a variedade nortista.

Figura 2 – Variação da vogal média pretônica posterior /O/
Fonte: Recorte adaptado da carta 12 do ALERS – (pr)o(cissão) (2011a:149)

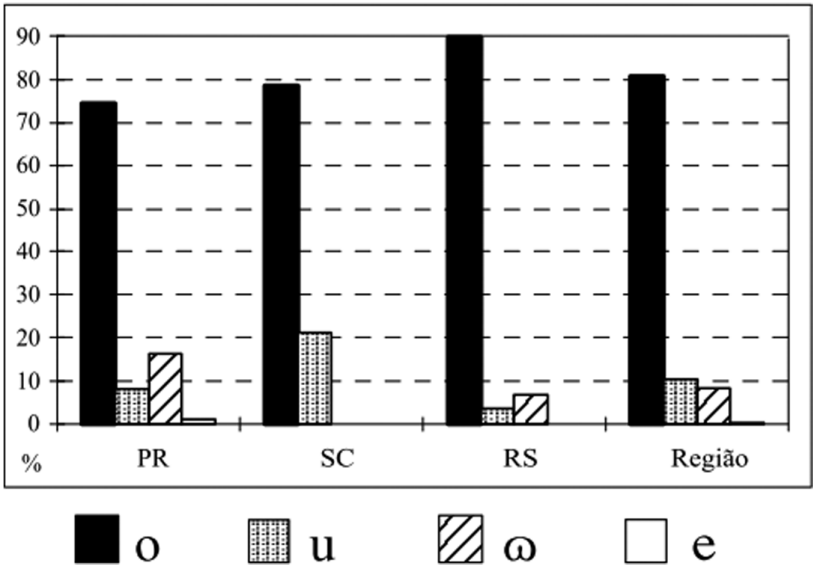


A partir da carta 12 do ALERS, é possível também observar uma ocorrência de realização do ditongo nasal *ão* como [õw)], no ponto 645, o que denota a presença de uma língua de imigração, no caso de uma variedade do italiano. O mesmo se pode dizer do abaixamento da vogal alta [i] para [e], no ponto

701, possivelmente influências do Talian *processione* ou *prossessión*[5] (vêneto rio-grandense), ou do espanhol fronteiriço *procesión*, ou ainda um resquício de homonímia do português arcaico (*processão*, derivação de processo do latim *processus*, avanço, marcha, progressão).[6]

O gráfico de frequência das 294 realizações da palavra *procissão*, na carta 12 do ALERS, reforça a ampla dominância da variante [o] não apenas na matriz de origem dos migrantes deste estudo, como também no conjunto da área do sul do Brasil. E não só isso, também atesta a ausência geral da sua realização como [O] aberto em posição pretônica, contrastando os resultados obtidos para a fala dos informantes nortistas do sul do Maranhão, onde, ao contrário, predomina em todos os grupos – GII e GI – a vogal média baixa ou aberta.

Gráfico 1 – Variação da vogal média pretônica /O/ na palavra <procissão>
Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 12 do ALERS – (pr)o(cissão) (2011a:149).



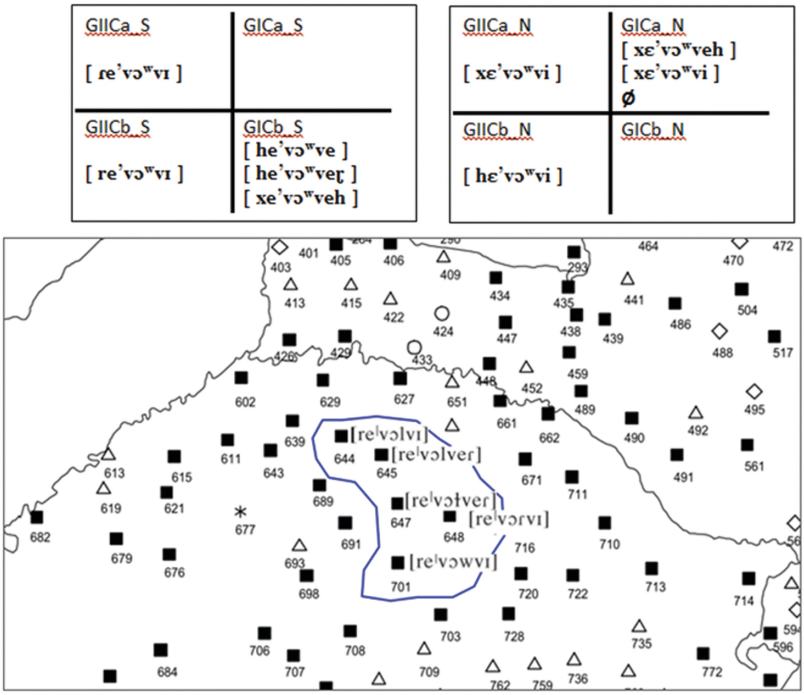
Não se trata, aqui, de entrar em minúcias na análise do que acontece na macroárea do ALERS, e sim destacar a predominância de [o] não só no recorte da matriz de origem no RS, como também na maior parte do espaço sulista.

5 Dicionário Vêneto Sul-riograndense-Português (Stawinsky, 1987:185).
6 Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online).

O que o espectro de variantes do gráfico mostra é uma tendência contrária no português do Sul não de abaixamento da vogal média para [O] e supostamente também [E], e sim de alçamento da pretônica para [u] ou [ω],[7] o que se diferencia contrastivamente da variedade nortista.

Vejamos o que ocorre com a vogal média pretônica também na realização da palavra <revólver>, em que o ALERS (carta 44 – R[evolver]) mapeia a variação no uso do /R/ em contexto inicial de sílaba.

Figura 3 – Variação de /R/ em *onset*
Fonte: Recorte adaptado do mapa 44 do ALERS (2011a:235)



O esquema acima, também de análise de /E/ pretônico na pronúncia da palavra *revólver* confirma novamente as tendências observadas, de manutenção da marca sulista e, consequentemente, de resistência ao abaixamento para

7 Lembrando que o símbolo ômega /ω/ do ALERS refere-se ao [ɒ] vogal alta posterior semiaberta do IPA-Kiel.

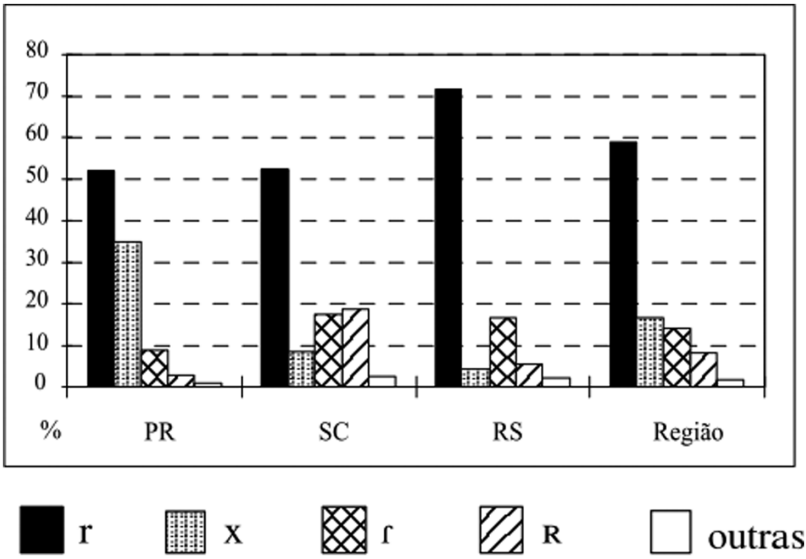
[E], dominante na variedade regional em contato, do português dos falantes do Norte (ver dados do esquema superior em cruz à direita).

Mais variação diatópico-cinética ocorre em relação à variável /R/ em *onset* ou início de sílaba. Na matriz de origem, no noroeste do RS e em seu entorno, predomina a vibrante múltipla [r] – sinalizada no ALERS com o símbolo ▪. No ponto de destino dos migrantes, em Balsas, no sul do Maranhão, parece estar em curso uma mudança em tempo aparente na direção da variante fricativa dominante na variedade do Norte – [x, h], que já é adotada pelos jovens GI, descendentes de migrantes sulistas. A GII mostra-se ainda resistente a essa mudança, mantendo a vibrante, seja o [r] múltiplo, seja o tepe que pode estar associado à influência de uma língua de imigração alemã ou italiana. Igualmente variável é a realização da lateral alveolar /l/ ou velarizada em coda silábica que, no Sul, nos dados do ALERS, aparece ainda majoritariamente preservada, com exceção dos pontos 648 e 701. No contato com a variedade do português regional do Norte, pelo contrário, há uma mudança generalizada, em todos os grupos, para a vocalização.

Como se vê, nas realizações dos falantes topodinâmicos no MA, não há, de modo geral, a mesma homogeneidade relativa observada nos pontos da matriz de origem rio-grandense. O contato intervarietal, ainda relativamente recente, encontra-se em processo de estabilização, ou seja, o nivelamento em torno de uma variedade mais ou menos estável e comum ainda não está concluído, porque a GII migrante ainda mantém seu padrão de fala da variedade materna, enquanto as GI que entraram em contato mais cedo com outra variedade regional estão definindo seu "modo de falar" no contato com a população original do Norte. Há, por exemplo, na fala dos sulistas GII, a realização da vibrante múltipla e do tepe ou r-fraco no lugar do r-forte ou em *onset* – que no mapa do ALERS aparece na área limítrofe com o símbolo Δ – e que é substituído pela fricativa, na geração jovem (GI).

O baixo uso da fricativa velar [x], especialmente no português rural de áreas do Rio Grande do Sul, para a variável /R/ em *onset* na palavra *revólver* é confirmado pelo gráfico de frequência que complementa a carta 44 do ALERS:

Gráfico 2 – Variação de /R/ em *onset* na palavra <revólver>
Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 44 do ALERS – R(evólver) (2011a:235)

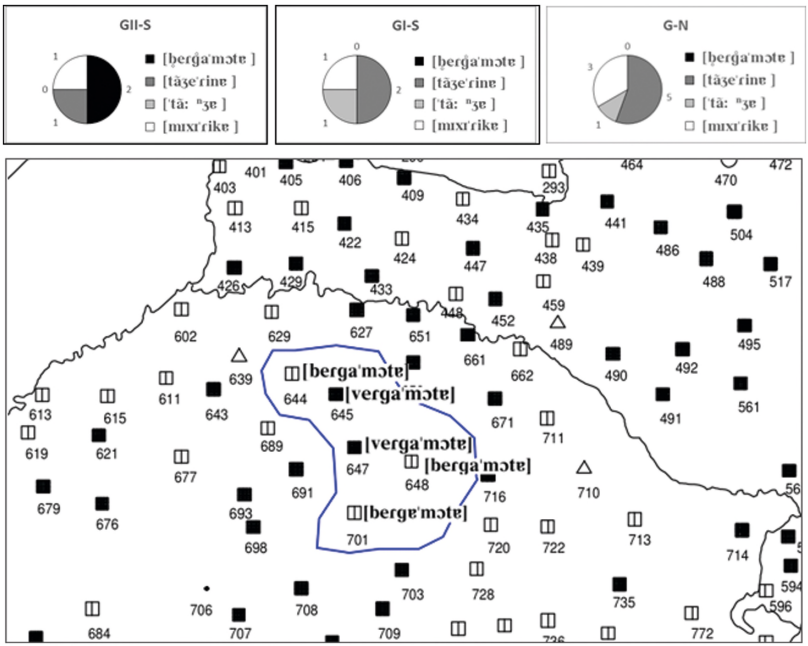


Como se pode observar no gráfico acima, a realização da fricativa [x] teve uma proeminência maior até do que o tepe na região Sul, ao lado da vibrante [r], por causa dos dados quantitativos da variedade paranaense, em sua variedade paulista (*norte paranaense,* cf. Koch, 2000). Em geral, a fricativa como r-forte é a variante prestigiada dos centros urbanos e de grupos étnicos não descendentes da imigração do século XIX (Curioletti & Sandri, 2019). A vibrante múltipla alternada com o tepe é considerada marca dos contatos de línguas de imigração alemã e italiana, principalmente (Altenhofen & Margotti, 2011; Steffen, 2013), mas não só, parece também ser uma extensão dos contatos linguísticos do passado com as variedades do espanhol até a antiga província de São Paulo (v. cap. 1, Meurer, 2022).

A análise de variáveis semântico-lexicais, na correlação entre a variedade migrada, no presente (>30 anos depois), e a variedade da matriz de origem, no momento da migração (saída) da região Sul, resultou, neste estudo, na seleção de cartas que visibilizam a distinção entre o português dos falantes topodinâmicos vindos do Sul e dos falantes topostáticos em contato no Norte. A primeira variável selecionada diz respeito à pergunta 126 do QSL do ALERS, "… as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam

um cheiro na mão? Como elas são?" As respostas espontâneas[8] dos falantes topodinâmicos (G_S) no MA em comparação com os falantes topostáticos da matriz de origem no RS (mapa ALERS), foram as seguintes:

Figura 4 – Variação de <bergamota>
Fonte: Recorte adaptado da carta 062 do ALERS – designações para bergamota (2011b:201)



A carta 062 do ALERS mostra o predomínio quase exclusivo da forma *bergamota* e sua variante fonética *vergamota*, na área de partida dos migrantes sulistas para o Norte. O contato com a variedade do português do Norte faz os falantes topodinâmicos, inclusive os mais velhos (da GII-S), emprestarem as variantes [+nortistas] *tangerina*, *tanja* e *mexerica*. A variante *bergamota*

8 Embora se tenha aplicada a técnica em três tempos postuladas pela Dialetologia Pluridimensional, *perguntar – insistir – sugerir*, foram consideradas apenas as respostas espontâneas e isso inclui mais de um lexema para o mesmo referente, ou referentes semelhantes produzidos pelo mesmo falante. Os dados obtidos na insistência e na sugerência são analisadas na dimensão diarreferencial.

mantém-se nesse grupo, porém chega a cair em desuso na fala dos mais jovens (GI-S). Na correlação dialingual/diavarietal, também chama a atenção que não se registra nenhuma ocorrência da variante sulista *bergamota* nas respostas do grupo nortista. O que isso significa? Ou melhor, o que a ausência de palavras que não pertencem e são mesmo desconhecidas revela de diferente da variação fonética sobre a dinâmica do contato intervarietal e inter-regional desses grupos de fala?

Compreende-se, assim, que o léxico está muito mais intimamente ligado ao novo meio e exige do migrante um esforço de integração maior. Esse esforço aumenta na geração jovem (GI_S) que, como se acentuou, chega a abandonar a variante de origem "dos pais". Pode ser, além disso, que uma variante do Sul, como no caso de *bergamota*, ausente no português do sul do Maranhão, seja tão saliente identitariamente que os falantes optam por evitá-la, para não comprometer a intercompreensão. Se entre os mais velhos ela ainda subsiste ou é conhecida, entre os jovens é abandonada e cai em desuso. Tem-se, dessa forma, um comportamento diferenciado no contato intervarietal, quando o que está em questão é o léxico, uma vez que também contrastam tradições e contextos culturais diferentes.

5 Considerações finais

As análises empreendidas aqui são relativas à dimensão diatópico-cinética, com produções linguísticas do grupo migrante em relação à variedade da matriz de origem, mas também aparece sutilmente a dimensão diageracional (GII e GI) e a dimensão dialingual/diavarietal (G_S e G_N). Sendo apenas um recorte da tese da autora, as análises são realizadas nessas dimensões separadamente com outras amostragens, além de acrescentar nas análises semântico-lexicais a análise lexicológica das respostas obtidas, apresentando também uma relevante variação semântica regional.

A análise na dimensão diatópico-cinética mostrou que os falantes topodinâmicos, migrantes sulistas que residem em Balsas, no sul do Maranhão, em contato intervarietal há mais de 30 anos, mantêm a variedade [+sulista] na geração mais idosa (GII) e apresenta variação com possível mudança em progresso na geração mais jovem (GI), nos níveis fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Há uma tendência de nivelamento desse grupo que migrou mais jovem, sendo os usos no nível fonético-fonológico de formas não marcadas regionalmente, ou a adoção de uma língua comum, talvez por influência da escola e da mídia, conforme os resultados das pesquisas de Thun (1998), com discreta mudança linguística no nível semântico-lexical para a variedade [+nortista].

É possível verificar ainda nesses resultados a diferenciação das variedades do português brasileiro meridional e setentrional, sul e norte, e a historicidade que permeia ambas as variedades regionais como resquícios de contatos linguísticos na aquisição da língua portuguesa como segunda língua.

Referências

ALERS = Altenhofen, C. V., Klassmann, M. S., & Koch, W. (Org.) (2011a). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: Cartas fonéticas e morfossintáticas. Vol. 1. 2 ed. impresso. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC.

ALERS = Altenhofen, C. V., Klassmann, M. S., & Koch, W. (Org.) (2011b). *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS): Cartas semântico-lexicais*. Vol. 2. 1 ed., impresso. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC.

ALiB = Cardoso, S. A. M. S. et al. (2014a). *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Volume 1. Londrina: Eduel, 212 p.

ALiB = Cardoso, S. A. M. S. et al. (2014b). *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Volume 2. Londrina: Eduel, 368 p.

Altenhofen, C. V. (2006). Interfaces entre dialetologia e história. In: Mota, J. / Cardoso, S. A. M. (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 159–185.

Altenhofen, C. V. (2008). Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: Elizaincín, A. & Espiga, J. (org.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 129–164.

Altenhofen, C. V. (2013). Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual. V. 6, n.12. Sinop, MT: *Revista de Letras Norteamentos*, jul./dez.2013, 31–52.

Altenhofen, C. V. (2014). O "território de uma língua": ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernandes, A. L. da R. N. et al. (org). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras*. Pelotas: Ed. da UFPel, 69–103.

Altenhofen, C. V. & Margotti, F. W. (2011). O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: Mello, H., Altenhofen, C. V., & Raso, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 289–316.

Cuba, M. A. (2015). *Atlas Linguístico do território incaracterístico – ALTIi*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná.

Curioletti, D. S. S. & S., Marcia M. (2019). A representação fonológica da vibrante no português brasileiro. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, no. 59, outubro de 2019, 149–168.

Figueiredo, C. R. de S. (2014). *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.

IBGE. *Balsas: Cidades e Estados: panorama*. Brasília, DF: Sítio do Governo Federal, 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama. Acesso em: maio 2023.

Marins, L. G. F. (2019). *O falar dos nordestinos em contato no sul do Mato Grosso do Sul: um estudo topodinâmico*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

Meurer, M. (2022). *O português de migrantes no nordeste do Brasil: variação e mudança de marcas regionais no contato intervarietal*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.

Nascentes, A. (1953). *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões.

Philippsen, N. I. (2013). *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*. (Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo.

Santos-Ikeuchi, A. C. (2014). *Atlas linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná.

Silva, Greize A. (2018). *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topostático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná.

Steffen, M. (2013). Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, 241–256, jan./jun. 2013.

Tavares de Barros, F. H. (2014). *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos – MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 108 p.

Thun, H. (1996). Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos em Rivera. In: Radtke, E. & Thun, H. (Orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 210–171.

Thun, H. (1998). La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.: 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer.

Thun, H. (2010a). Pluridimensional cartography. In: Lameli, Alfred, Kehrein, Roland, & Rabanus, Stefan (eds.). *Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter Mouton, 506–523 (HSK 30.2).

Thun, H. (2010b). Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, P. & Schmidt, E. (Orgs.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: de Gruyter Mouton, 706–723.

Ingrid Kuchenbecker e Katja Schnitzer

Visibilidade e acolhimento de línguas na escola: dois projetos parceiros – Brasil e Suíça

Abstract: This article presents two projects that share the same goals: developing actions to promote multilingualism in the school context in order to make learner´s languages visible, valued and used for language learning. The first project, called SAMS – Language Exhibition on Multilingualism in Switzerland – developed at the University of Applied Sciences Northwestern Switzerland, School of Education (PH FHNW), promotes the integration of languages: the language of instruction (German), foreign languages taught at school (English and French) and the languages of the learners. The second project, entitled PLURES – Multilingualism and School, is an extension project of the laboratory school called "Colégio de Aplicação" at the Federal University of Rio Grande do Sul (CAp-UFRGS) in Brazil, developed in the context of foreign language teaching. In the article, with regard to both projects, three questions frequently asked by teachers are addressed: 1) Why should we include other languages such as Arabic, Turkish or Guarani in the teaching of the official school language or in foreign language teaching if students are expected to learn the language in question? 2) Since we know that integrating languages is beneficial, how is this possible if the teacher does not know these language/s? and 3) We know that it is beneficial for learners if we include their family language/s, but what about learners who do not know these language/s?

Keywords: plurilingualism, school, teacher education

1 Introdução

Em tempos de super-diversidade (Vertovec 2006), as sociedades em todo o mundo são muito mais diversas em vários sentidos, como: culturas, línguas, crenças, valores e nacionalidades. Nessas sociedades contemporâneas, várias línguas ocupam o mesmo espaço. O plurilinguismo é comum, faz parte da vida das pessoas no mundo. No entanto, apesar de o plurilinguismo ser frequente, nem sempre ele é percebido como tal – ainda existe um pensamento de que o mais comum é o monolinguismo (Faria 2002). Esse mesmo pensamento também está presente nas práticas escolares (Hélot 2012), que permanecem tradicionalmente ligadas a uma ideologia de uniformidade linguística, comprometida com a formação de uma nação – uma língua.

A demanda por didáticas que incluam o plurilinguismo no ensino levou alguns pesquisadores a propor novas abordagens de visibilidade e abertura

às línguas, como *Language Awareness* (Hawkins 1984, 1999; James & Garrett 1998); *Awakening to Languages* (Candelier 2004); e *Didaktik der Sprachenvielfalt* (Oomen-Welke 2017). Segundo Hélot, para pensar ou repensar a diversidade linguística na escola, é preciso questionar, antes de tudo, o "[…] monolingual habitus, and to imagine that multilingual practices could become the norm in education as well" (Hélot 2012:214).

Nesse sentido, as autoras desse artigo, na condição de observação participante, têm vivenciado situações na prática cotidiana escolar, tanto na Suíça como no Brasil, nas quais professores e futuros professores trazem questões recorrentes, tais como: 1) por que incluir outras línguas, como o árabe, o turco ou o guarani, no ensino da língua oficial da escola ou no ensino de língua estrangeira, quando o que se espera é que o aluno aprenda a língua em questão?; 2) sabendo que a integração de línguas é benéfica, como isso é possível se o professor não conhece essas línguas?; e 3) se entende que a inclusão de uma língua que o aluno fala em casa é importante para ele, mas como seria para aqueles alunos que não falam essa língua?

Neste artigo, vamos apresentar dois projetos que, apesar de distantes geograficamente, apoiam-se e estão ligados pelo mesmo objetivo, o de desenvolver ações de fomento ao plurilinguismo em contextos escolares. O primeiro projeto, conhecido como SAMS[1] – *Sprachen-Ausstellung zur Mehrsprachigkeit in der Schweiz* – realizado na *Pädagogische Hochschule da Fachhochschule Nordwestschweiz* (PH FHNW), foi projetado para promover uma integração no ensino de línguas: a língua oficial da escola, que é o alemão, as línguas estrangeiras e as línguas dos alunos. O segundo, no Brasil, intitulado PLURES – Plurilinguismo e Escola[2], é um projeto de extensão do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp-UFRGS), que surge em virtude do contexto de ensino de línguas estrangeiras.

Inicialmente, vamos dar um breve panorama da situação do multilinguismo no contexto educacional de cada um dos países envolvidos, seguido da descrição de ações desenvolvidas em cada um dos projetos. Na sequência, pretendemos refletir sobre as três questões citadas por professores e finalizamos com algumas considerações sobre a importância de incluir o plurilinguismo na educação.

---

1 Coordenado por Katja Schnitzer e Françoise Hänggi, professoras de Língua Alemã e Língua Inglesa da PH FHNW.

2 Coordenado por Ingrid Kuchenbecker, professora de Língua Inglesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2 Multilinguismo no contexto educacional da Suíça

A Suíça sempre foi um país multilíngue. Hoje, ela tem quatro áreas linguísticas: Suíça de língua alemã, Suíça de língua italiana, Suíça de língua francesa e Suíça de língua romanche. O alemão, o francês e o italiano são idiomas nacionais oficiais desde 1848, o reto-românico desde 1938 (Lüdi 2013). Alguns dos 26 cantões são bilíngues ou trilíngues, e há também um grande número de dialetos em todas as quatro áreas linguísticas. Estes gozam de um alto status na Suíça de língua alemã em particular, o que leva a uma situação diglóssica: enquanto o dialeto é frequentemente falado na vida cotidiana, o alemão padrão é a língua da escrita e do mundo profissional (cf. por exemplo, Landert 2007). Além disso, como a Suíça é um importante país de imigração, em tempos de migração mundial e de movimentos de refugiados, várias línguas fazem parte de seu multilinguismo. Desde a segunda metade do século passado, esses têm sido, principalmente, idiomas europeus, tais como francês, italiano, inglês, português, albanês, espanhol, croata ou servo (BFS 2022:12). Durante alguns anos, dependendo dos respectivos eventos políticos mundiais, muitos outros idiomas como tâmil, árabe, tigrinya, farsi e somali foram acrescentados. Em 2019, cada terceira pessoa na população residente permanente, com 15 anos ou mais, tinha um histórico migratório, sendo cerca de 80 % nascidos no exterior e, portanto, imigrantes de primeira geração (Huter 2021).

O multilinguismo social da Suíça também se reflete em suas salas de aula. Especialmente nos aglomerados urbanos, muitas escolas têm se caracterizado pela diversidade cultural e linguística, por muitos anos. É o caso, por exemplo, da cidade da Basileia, localizada no noroeste da Suíça, cujo multilinguismo escolar é o foco do projeto SAMS. As escolas da Basileia são o lar de várias línguas de imigração, além da língua da escola, da língua de ensino alemão padrão, dos vários dialetos dos alunos e das línguas estrangeiras ensinadas na escola (inglês e francês). Se, por um lado, várias línguas são representadas em todas as turmas de alunos, algumas das quais são faladas por várias crianças, de outro, o alemão é uma língua que apenas alguns alunos têm como sua língua da família. O quadro é semelhante em outras escolas primárias da Basileia, embora as línguas possam variar. Atualmente, a proporção de alunos com uma ou mais primeiras línguas, além do alemão, no cantão da cidade, é de cerca de 50 % (EDBS 2020).

Conforme Apeltauer (2007), Sarter (1997), Schader (2000) e Schönpflug (1977), o multilinguismo individual tem muitas vantagens, é uma competência fundamental e, por isso, um objetivo educacional. Em todos os cantões, as

crianças já aprendem duas línguas estrangeiras, francês e inglês, na escola primária[3], a partir do terceiro e do quinto ano. O ensino de línguas estrangeiras na escola é muito valorizado. No sétimo ano, o italiano ou o latim é adicionado. Segundo o currículo da Suíça alemã, "Lehrplan 21", (EDBS 2016), o objetivo não é "o bilinguismo perfeito, mas o desenvolvimento do multilinguismo funcional […] para poder atuar com sucesso em diferentes situações linguísticas" (EDBS 2016b:8). Em suma, é enfatizado que os alunos devem "aproveitar o que já aprenderam" (EDBS 2016b:8) porque "a eficiência da aprendizagem de línguas […] é aumentada quando os alunos são habilitados a usar conscientemente o potencial de transferência entre línguas" (EDBS 2016b:8). Assim, o estabelecimento de conexões entre diferentes línguas é encorajado, tanto no ensino de línguas estrangeiras quanto no ensino do alemão como língua escolar, com referência explícita à importância de incluir as primeiras línguas dos aprendizes (EDBS 2016b). Além disso, é mencionado o valor das aulas extracurriculares de língua e cultura de casa "HSK"[4], "nas quais os alunos multilíngues devem expandir as competências em sua primeira língua e o conhecimento sobre sua cultura de origem" (EDBS 2016a:7).

No entanto, na prática escolar, o multilinguismo de crianças e jovens imigrantes ou filhos de imigrantes, muitas vezes, não é considerado como um recurso, porque o que é valorizado são as competências específicas da língua da escola. Competências essas que, em muitos casos, esse grupo de alunos ainda não possui, conforme o Education Report Switzerland (SKBF 2018). Consequentemente, esse plurilinguismo, relacionado às línguas de imigração, não é utilizado didaticamente porque, conforme Schnitzer (2020), lidar com o plurilinguismo em sala de aula é um desafio. Além disso, não são utilizados materiais desenvolvidos para a inclusão do multilinguismo, relacionado à imigração, para o ensino do alemão e de línguas estrangeiras. Observa-se que o "hábito monolíngue", mencionado por Gogolin (1994) e retomado por Hélot (2012), ainda é realidade.

Esse desafio de incluir o plurilinguismo também é perceptível na prática de formação de professores para o nível primário, na PH FHNW. As declarações dos estudantes/futuros professores mostram repetidamente que a diversidade

3 Na Suíça, a escola primária dura desde a primeira até a sexta série.

4 Unterricht in Heimatlicher Sprache und Kultur (HSK): Atualmente, no cantão Basel-Stadt, os cursos tradicionais HSK são oferecidos em 36 idiomas diferentes. Disponível em: https://www.edubs.ch/unterstuetzung/sprachen/hsk/Anmeldung. Acesso em: 15 set. 2022.

cultural e linguística de muitas classes escolares, nessa região, é mais frequentemente vista como um desafio do que como um recurso, especialmente no contexto das aulas de alemão. Isso também se aplica àqueles estudantes/futuros professores que vêm de famílias de imigrantes[5]. Para a integração das crianças de famílias imigrantes, esses futuros professores têm um papel muito importante mas, em muitos casos, conforme Hänggi & Schnitzer (2022), eles não estão conscientes de que podem fazer uso de suas habilidades linguísticas e experiências culturais para suas atividades profissionais.

Tendo em vista que o multilinguismo é considerado fundamentalmente como um recurso, no Lehrplan 21 (D-EDK 2016), o projeto SAMS foi lançado, em 2016, para dar aos futuros professores a oportunidade de se envolverem com o tema do multilinguismo tanto na teoria quanto na prática. Passamos agora a descrever brevemente o projeto SAMS e em seguida a apresentar uma ação desenvolvida em duas escolas primárias na Basileia, no ano letivo de 2019/20.

3 Promoção do multilinguismo com o projeto SAMS

O projeto SAMS é um instrumento para tratar o plurilinguismo de forma aplicada (teoria e prática). A implementação se dá por meio de várias atividades desenvolvidas em dias ou semanas de projetos[6], em escolas com grande diversidade de línguas. Os objetivos são: dar visibilidade às línguas faladas na escola, valorizá-las e utilizá-las na aprendizagem. Para atingir esses objetivos, o projeto conta com a cooperação de alguns professores que atuam no ensino HSK.

5 Segundo Burren et al. (2016), na PH FHNW, 20 % dos estudantes vêm de famílias de imigrantes.

6 Dias ou semanas de projeto são realizadas em muitas escolas primárias suíças no período antes das férias de verão. O objetivo é tratar o conteúdo temático de uma forma que seja o mais motivador possível e menos "escolar".

Figura 1 – Pôsteres magnéticos
Fonte: Schnitzer (2019)



Os conteúdos da exposição de línguas SAMS foram desenvolvidos no âmbito dos seminários para professores ligados ao projeto. O material está disponível no site do projeto, e também pode-se requerer o material físico. Assim, há possibilidade de escolha para cada escola organizar a sua semana de projeto. Os materiais disponíveis são os seguintes:

- Várias atividades (multilíngues) de acolhimento e encerramento, tais como um teatro de ação e uma caça ao catador, ao redor do mascote Sams[7];
- Nove pôsteres, disponíveis tanto como cartazes interativos magnéticos, em rolo (Figura 1), quanto em versões impressas. As versões impressas dos nove pôsteres estão disponíveis em três versões, para diferentes faixas etárias e existem não apenas em alemão, mas também nos outros idiomas suíços oficiais (francês, italiano e romanche), e no dialeto da Basileia, "Baseldüütsch".[8] Um dos cartazes também está disponível em 12 idiomas HSK (Figura 2);
- Projetos de arte para visualizar e apreciar a diversidade linguística presente na escola. Por exemplo, um banner com fotos em que todos os alunos apresentam sua língua favorita em uma fala no balão (Figura 3), inspirado no *Designing Language-Friendly Spaces* da Akademie Graz (2014);
- Workshops baseados nos cartazes (caixas de mídia com todos os materiais necessários, incluindo vídeo demonstrativo);
- Diferentes ferramentas para a reflexão linguística, focalizando as línguas dos alunos, nas turmas, na escola ou em casa;

7 Protagonista do livro infantil "Eine Woche voller Samstage" (Maar 1973).
8 O material está disponível no site do projeto https://www.mehrsprachen.ch/.

– Material aprofundado, com informações temáticas importantes sobre vários tópicos relacionados à linguagem, para professores que utilizam o material para planejar uma semana de projeto.

Figura 2 – Pôster "Meu – seu – nossos tesouros linguísticos", em grego, bósnio, albanês, chinês, português, vietnamita, coreano, búlgaro, espanhol e romanche
Fonte: www.mehrsprachen.ch

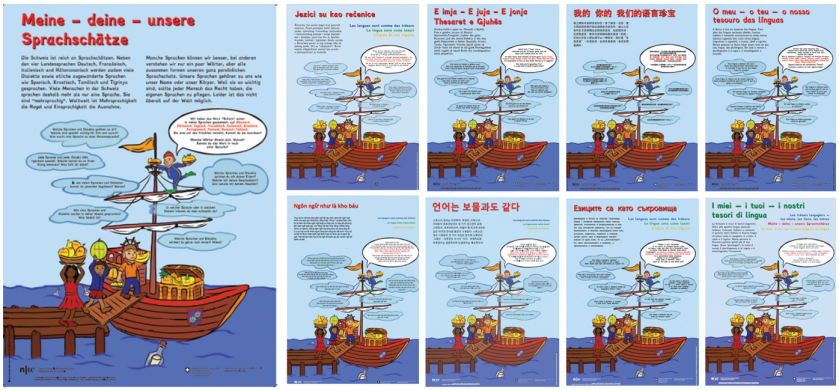


Figura 3 – As crianças e suas cores, palavras e línguas favoritas
Fonte: Schnitzer (2019)



Os materiais são continuamente avaliados e revisados, mediante seu uso nas escolas participantes, na região da Basileia. Em termos concretos, isso significa

que os estudantes/futuros professores desenvolvem os materiais utilizados no curso designado, com base na teoria, depois os utilizam em uma escola e, depois, refletem sobre o seu uso no seminário. Dessa forma, o acervo de material cresce de ano para ano.

4 Dias e semanas de projetos nas escolas primárias da Basileia com SAMS

Um dia SAMS, ou uma semana de projetos SAMS, começa com uma atividade conjunta com as turmas que participarão. Em seguida, os alunos retornam para as suas salas e continuam nas turmas individuais, com a implementação de oficinas, projetos de arte e atividades para a reflexão linguística. Por fim, há um evento de encerramento com todos os participantes. A seguir, vamos descrever um exemplo de uma semana de projetos, com duração de três dias, que foi realizado em duas turmas na Basileia, em maio de 2019.

As atividades foram organizadas em três partes: 1) Dia da Diversidade de Línguas; 2) Dia das Línguas Estrangeiras e; 3) Dia das Línguas Faladas na Família. O Dia da Diversidade de Línguas foi organizado pela professora da turma, o Dia das Línguas Estrangeiras foi preparado pelos futuros professores, e o Dia da Diversidade de Línguas, pela equipe do SAMS e por um grupo de professores da HSK[9]. No Dia da Diversidade de Línguas, o objetivo era valorizar as línguas das crianças, já que foi demonstrado repetidas vezes, na prática, que as crianças tendem a "esconder" suas línguas, em razão da importância do alemão como língua escolar e de ensino. A fim de torná-las úteis para os processos de aprendizagem, como exigido pelo Lehrplan 21 (D-EDK 2016), é importante acolhê-las o mais frequentemente possível, na sala de aula, e transmitir às crianças que elas podem se orgulhar das línguas faladas em suas casas.

Nas oficinas baseadas no pôster (Figura 2), as crianças escreveram as respostas às perguntas de reflexão que ele continha, por exemplo: "quais idiomas e dialetos pertencem a você? Quais são especialmente importantes para você e por quê? Uma delas é sua língua do coração?". As respostas escritas em folhas de papel, foram colocadas em uma garrafa e depois as crianças jogaram na água durante uma caminhada no rio Reno (como o faz também o mascote Sams no pôster). Em outras atividades, as crianças indicaram com seus corpos quantas línguas falam (Figura 4), depois, reuniram-se em pequenos grupos e ensinaram

9 Uma visão da semana do projeto de três dias se encontra disponível no link: https://tube.switch.ch/videos/c1cc2bf5. Acesso em: 15 set. 2022.

uns para os outros algo na sua língua, como contar até dez. Com base nessa atividade, os alunos descobriram algumas semelhanças e diferenças entre as línguas (Figura 5). Em outro exercício, com o pôster "As línguas também têm parentes" (Figura 6), as crianças localizaram a árvore de suas primeiras línguas, conforme as famílias linguísticas[10].

Figura 4 – "Quantos idiomas você fala?"
Fonte: Schnitzer (2019)



Figura 5 – Comparação de idiomas com números
Fonte: Schnitzer (2019)



10 Uma visão geral das oficinas atualmente disponíveis e alguns vídeos demonstrativos podem ser encontrados em www.mehrsprachen.ch.

Figura 6 – Localização das próprias línguas em uma árvore genealógica com famílias de idiomas, no pôster "As línguas também têm parentes"
Fonte: Schnitzer (2019)



No Dia das Línguas Estrangeiras, o foco foi nas duas línguas estrangeiras na escola, o francês e o inglês. O objetivo era possibilitar que as crianças experimentassem até que ponto seu repertório plurilíngue, ou as estratégias comunicativas aprendidas nas aulas, as ajudariam a lidar com situações comunicativas. A atividade proposta foi uma viagem fictícia para o Canadá, baseada na abordagem *Sprachendorf* (Adrighem et al.). Para tanto, foram preparadas quatro salas ambientes: uma escola bilíngue, uma família bilíngue (francês e inglês), um parque nacional e uma pousada administrada por um jogador de lacrosse. Na escola, eles ouviam histórias em inglês e francês; na família, comiam panquecas e aprendiam como se faz xarope de *maple*; no parque nacional, eles aprenderam sobre os cuidados que devem ter ao encontrar ursos e jogaram hóquei com o jogador de lacrosse. As crianças eram supervisionadas por estudantes da PH FHNW, que assumiam os papéis de professores, anfitriões, guardas-florestais ou fãs de lacrosse, e cujo papel incluía não entender alemão. Isso criou uma situação vantajosa para todos: as crianças puderam mergulhar no mundo linguístico canadense, em um ambiente quase autêntico, e os estudantes puderam tentar adaptar sua língua às necessidades dos novatos no aprendizado de línguas, como futuros professores de línguas estrangeiras. Para garantir

a comunicação, cada grupo de viagem também foi acompanhado por outros estudantes, que agiram como companheiros de viagem pessoais de língua alemã, ao passarem pelas diversas situações[11].

No Dia das Línguas da Família, assim como no Dia da Diversidade de Línguas, o foco foi nas línguas dos alunos. O objetivo foi reunir os professores do HSK e os professores regulares, que têm poucas oportunidades de se encontrar, por causa dos diferentes horários e locais de trabalho. Nesse dia, puderam se conhecer, a fim de lançar as bases para uma possível cooperação futura, conforme recomendado no currículo estrutural do HSK para *Basel-Stadt* e *Baselland* (EDBS 2020b), isto é, "conhecer-se, trocar conhecimentos e experiências ou discutir preocupações comuns, […], apoiar crianças individuais juntas, implementar projetos de aprendizagem multilíngue e intercultural ou informar e aconselhar os pais juntos" (EDBS 2020b:7). No total, quinze professores de HSK estavam envolvidos e contaram pela primeira vez às crianças a história "Sopa de Pedra" (Vaugelade 2001), na qual um lobo causa grande excitação na aldeia de animais quando sugere à galinha que cozinhem, juntos, uma sopa de pedras. A história foi então ensaiada como um evento de leitura multilíngue, baseado no teatro de leitura multilíngue (Massler et al. 2017). Para isso, as crianças foram divididas em pequenos grupos, designados a um professor de HSK ou a um ator animal da história, dependendo de seu interesse. Nos grupos, os papéis foram ensaiados nos diferentes idiomas (Figura 7), porque o foco era apreciar as línguas envolvidas. Os personagens, que eram animais, falavam línguas diferentes. As crianças puderam escolher o seu personagem e ensaiar suas falas com os professores HSK. O Dia das Línguas da Família terminou com a apresentação do teatro de leitura (Figura 8).

11 Uma visão de um dia de línguas estrangeiras é possível sob o seguinte link: https://tube.switch.ch/videos/e396b6e2. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 7 – Ensaiando os papéis com o professor de HSK
Fonte: Schnitzer (2019)



Figura 8 – Interpretação do teatro de leitura
Fonte: Schnitzer (2019)



5 O multilinguismo no contexto educacional brasileiro

O Brasil também sempre foi um país multilíngue. Conforme Altenhofen (2013), aproximadamente 330 línguas, sendo 274 línguas indígenas (IBGE 2010) e cerca de 56 línguas de imigração, são faladas no Brasil. No entanto, a ideia de que no país só se fala português ainda impera na sociedade, e a maioria das línguas indígenas e de imigração não são reconhecidas como integrantes da diversidade linguística do país. Nos últimos anos, muitas comunidades de falantes de línguas indígenas e de imigração têm se manifestado a favor de ações de incentivo do uso de suas línguas na sociedade em geral, e isso também se estende à escola.

No entanto, quando o assunto é a escola, percebe-se uma grande dificuldade de abrir espaço para as línguas faladas pelos alunos em casa, ou mesmo para trabalhar a diversidade linguística brasileira. Isso também se aplica no oferecimento de línguas estrangeiras, quando olhamos para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 13.415/2017), que estabelece

> No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa. [...] Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. [...] Fica revogada a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005 [Lei do Espanhol] (Brasil 2017:20–25).

Observa-se que a obrigatoriedade não se refere a uma língua estrangeira, mas sim, à língua inglesa. Trata-se de uma relação historicamente bastante conflitante que restringe a oferta de línguas no currículo a um programa fechado. A presença de outras línguas nos documentos oficiais é imprecisa e desequilibrada, já que estes tratam diferentemente a língua inglesa e outras línguas que podem ser ofertadas, como o espanhol, que foi rebaixado, com a revogação da Lei 11.161/2005 (Brasil 2005). Além disso, a oferta do ensino de línguas indígenas, ou de ações que fortaleçam essas línguas, restringe-se às escolas dentro de comunidades indígenas. As línguas brasileiras de imigração[12] e as línguas africanas nem são mencionadas nos documentos oficiais. Em suma, a educação linguística brasileira está tradicionalmente associada a uma ótica de cultura monolíngue centrada na língua única, o português, que é visto

12 No Brasil existem mais de 13 línguas cooficializadas em municípios brasileiros. Disponível em: http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/. Acesso em: 15 jun. 2022.

equivocadamente como autossuficiente e alheio ao multilinguismo local e internacional. Daí a pertinência de se promover o plurilinguismo no contexto escolar. Portanto, urge uma intervenção na cultura linguística[13], que é ainda fortemente monolíngue e politizada, a fim de se buscar o desenvolvimento de uma postura plural.

Nesse sentido, há a necessidade de ocupar os espaços já existentes no currículo, desde os anos iniciais até os anos finais da educação básica, para fomentar e valorizar o plurilinguismo. Desenvolver uma postura plural significa repotencializar a perspectiva do plurilinguismo e, independentemente do grau de proficiência nas diferentes línguas, promover o acesso à sua aprendizagem como uma situação usual e indispensável, e não uma exceção[14]. Para tanto, o projeto de extensão PLURES – Plurilinguismo e Escola – do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Cap – UFRGS), criado em 2018, trabalha o plurilinguismo do Brasil e do mundo por meio da produção e da aplicação de atividades teórico-práticas voltadas para a educação básica, com o objetivo de ampliar as perspectivas linguísticas dos alunos, transformando a sala de aula em um ambiente fértil para difundir a interculturalidade e a diversidade de línguas.

6 O projeto PLURES

O projeto de extensão PLURES foi pensado tomando-se por base os estudos realizados na tese "Ações de promoção da Pluralidade Linguística em contextos escolares" (Broch 2014) com o objetivo de dar visibilidade às línguas que não são ensinadas na escola, fomentar o plurilinguismo e despertar os alunos para as línguas locais e globais. Desses estudos, também surgiu a parceria com o Projeto SAMS, na Suíça. Inicialmente as ações do projeto PLURES se concentraram na criação de pôsteres e materiais para a utilização em oficinas a serem ministradas em escolas públicas. Os primeiros pôsteres (Figuras 9 e 10) foram elaborados com base no material da exposição SAMS, realizada na Suíça[15].

---

13 Por *cultura linguística*, entende-se, conforme Schiffman (2006: 112), "the sum totality of ideas, values, beliefs, attitudes, prejudices, myths, religious structures, and all the other cultural 'baggage' that speakers bring to their dealings with language from their culture".

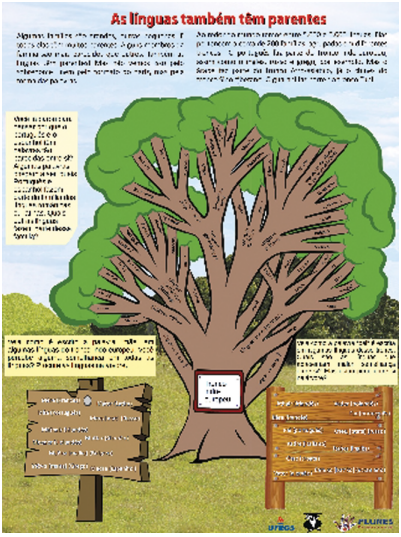
14 Isso vale, inclusive, para a linguística enquanto "plurilinguística" oposta à linguística de uma língua só, centrada em um falante ideal monolíngue (Romaine 1995).

15 Esse material foi elaborado pela equipe do projeto no ano de 2018, com o apoio de bolsistas PROREXT-UFRGS.

Figura 9 – Pôster 1, "As línguas e a escrita"
Fonte: Projeto Plures (2018)



Figura 10 – Pôster 2, "As línguas também têm parentes"
Fonte: Projeto Plures (2018)



Cada pôster tem um título e um texto introdutório, que tem o objetivo de trazer uma pequena motivação sobre o assunto. Também foram elaborados desafios linguísticos, que têm como objetivo ajudar os estudantes a compreender, de forma mais detalhada, as informações contidas no pôster e, posteriormente, levar a uma reflexão sobre as línguas de forma mais ampla. Nesse artigo, descreveremos o trabalho realizado com o primeiro pôster "As línguas e a escrita" (Figura 9).

O primeiro pôster apresenta a diversidade de línguas presentes no mundo, retratando uma praia no Rio de Janeiro, com o Pão de Açúcar ao fundo, ponto turístico da cidade. Nesse contexto brasileiro, é apresentada a diversidade de línguas nacionais e internacionais. Ao lado de cada gravura aparecem balões contendo palavras em línguas diferentes. Cada balão contém o nome da gravura, escrita em três línguas. Nessa atividade, foram incluídas algumas línguas brasileiras de imigração (hunsrückisch, talian, pomerano), muitas conhecidas como dialetos, línguas minoritárias e que nem sempre são reconhecidas. Também foram incluídas línguas autóctones (indígenas), como o guarani. O objetivo de inserir e misturar as línguas indígenas, de imigração e estrangeiras é dar visibilidade a todas, sem hierarquizá-las. A importância de cada uma é única e atribuída aos seus falantes. Dessa forma, o número de falantes da língua ou o prestígio de uma língua na sociedade não estão em questão nessa atividade. As comparações linguísticas, feitas pelos estudantes, apontando semelhanças e diferenças, ocorrem com base em suas vivências linguísticas. Trata-se de uma atividade que valoriza e empodera o repertório linguístico individual.

Esse pôster foi utilizado em uma das oficinas, ministrada por duas professoras de língua inglesa, para estudantes de EJA (Educação para Jovens e Adultos). Em um primeiro momento, os estudantes participaram de um jogo, contendo perguntas e três opções de resposta, sobre Plurilinguismo e Multilinguismo no Brasil e no mundo. Em seguida, as professoras introduziram uma conversa sobre as diferenças entre os conceitos de língua e escrita e uma breve exposição sobre a evolução da escrita. Na sequência, apresentaram seus diferentes sistemas e códigos. Após a apresentação, os alunos (jovens e adultos) receberam um desafio, que consistia em responder dez questões com base nas informações contidas no pôster 1 (Figura 9). Uma das questões dizia "qual o melhor amigo do homem em guarani?". Os estudantes, então, olhavam para o pôster e encontravam três palavras ao lado da imagem do cachorro, são elas: कुत्ता (hindi), pies (polonês), jaguar (guarani). A maioria dos alunos demonstrou familiaridade com a palavra "jaguar" e, ao mesmo tempo, ficaram surpresos por ser uma palavra em guarani.

Nesse desafio, os estudantes utilizaram seus conhecimentos de línguas faladas em casa, e de línguas estrangeiras, ensinadas na escola. A atividade valorizou o plurilinguismo individual, despertou o olhar para as semelhanças e diferenças entre as línguas e deu visibilidades às línguas locais e globais. Após o desafio linguístico, os estudantes receberam uma folha, contendo o nome de todas as línguas presentes no pôster 1. Eles puderam visualizá-las e se mostraram surpresos e interessados. Foi um momento de muita interação entre os colegas e as professoras, mediante comentários, perguntas e comparações entre as línguas. Surgiram muitas questões interessantes a respeito dos países/lugares em que essas línguas são faladas – muitos estudantes se interessaram em localizar os lugares no mapa. Outras questões trouxeram à tona momentos históricos, tais como: a) as línguas faladas no Brasil antes da chegada dos portugueses; b) as línguas que vieram com a chegada de imigrantes alemães e italianos ao Brasil; c) a chegada de refugiados haitianos e as suas línguas, aumentando a diversidade; entre outras.

Para concluir, eles completaram a folha, escrevendo o nome da gravura na sua língua e em alguma outra língua que eles conheciam. Por meio da observação participante, pode-se perceber que: a) a maioria dos alunos achava que todas as línguas eram escritas; b) a maioria dos alunos achou o desafio difícil em um primeiro momento, pois não conheciam as línguas, mas em um segundo momento perceberam que conseguiam realizá-lo; c) os alunos utilizaram seus conhecimentos prévios de mundo, de língua e de cultura; d) a maioria dos alunos utilizou as línguas inglesa e espanhola para fazer a atividade; e) um aluno disse que sabia todas as palavras da atividade em alemão, mas não sabia escrever porque, segundo ele, "o alemão que eu falo não é o certo, é errado".

Com base nas observações apresentadas, realizamos uma outra oficina, intitulada "As línguas cooficializadas no Brasil". A oficina foi ministrada por duas professoras e um estudante de graduação (Licenciatura em Alemão). O objetivo da oficina foi discutir as seguintes questões: a diferença entre monolíngue, bilíngue e plurilíngue; o que é uma língua oficial; língua majoritária *versus* língua minoritária; o que é cooficialização de uma língua e por que cooficializar uma língua. A oficina começou com a exibição de dois vídeos: o primeiro, "Retomada Guarani na Ponta do Arado"[16], e o segundo, "Viver no Brasil falando hunsrückisch"[17]. Após a exibição dos vídeos, os estudantes fizeram comentários

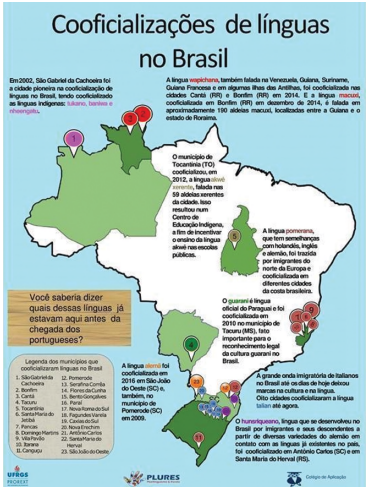
16 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DmM QyLJvM. Acesso em: 15 set. 2022.

17 Disponível em: https://drive.google.com/open?id=1NZShqEWgItv4wBJ2s4yD2HanK RvqrdxV. Acesso 15 set. 2022.

e perguntas. Novamente tivemos um momento muito interessante em que eles trouxeram suas vivências e contatos linguísticos. Observou-se que prevaleceu o senso comum de que línguas minoritárias não são reconhecidas como línguas, e que, em suas jornadas, esse repertório linguístico nunca havia sido validado. Isso também foi reforçado pelos estudantes que não eram de um contexto de fala minoritária. Percebe-se, portanto, que o preconceito linguístico está dentro e fora das comunidades de falas minoritárias. Nesse sentido, há a necessidade de desconstruir o preconceito sobre falar "certo" e "errado".

Na sequência, os estudantes foram convidados a se levantar e ir até o pôster "Cooficializações de Línguas no Brasil" (Figura 11) e desafiados a responder à pergunta: "Você saberia dizer qual(is) língua(s) já era(m) falada(s) no Brasil, antes da chegada dos portugueses?". Novamente, tivemos um momento muito intenso de trocas, aprendizagem e um olhar mais atento para o objeto língua, que muitas vezes passa despercebido. Essa atividade, baseada em uma abordagem plural (incluindo mais línguas), contribuiu para dar mais visibilidade à pluralidade linguística presente na sociedade, para dar voz e reconhecimento aos falantes de outras línguas presentes na sala de aula e para despertar a curiosidade e atitudes de abertura.

Figura 11 – Pôster 3 "Cooficializações de línguas no Brasil"
Fonte: Projeto Plures (2018)



Além das oficinas com os pôsteres, o projeto também elaborou várias atividades de sensibilização e conscientização linguística, baseadas na abordagem plural *awakening to languages* (Candelier 2008), que tem o objetivo de despertar os alunos para as línguas, e que as integra às atividades de ensino/aprendizagem que normalmente não se tem a intenção de ensinar na escola, como línguas de imigrantes (Hélot & Young 2006; Oomen-Welke 2010). Segundo Candelier (2008), a sensibilização à diversidade linguística e cultural favorece o desenvolvimento em três grandes dimensões: a) as representações e atitudes face às línguas; b) as capacidades de ordem metalinguística e metacognitiva; e c) o desenvolvimento de uma cultura linguística. Essas atividades foram utilizadas, principalmente, em oficinas com crianças dos anos iniciais. Algumas abordagens incluíram a contação de histórias, brincadeiras, diversidade na culinária, entre outras (Figuras 12 e 13).

Figura 12 – Títulos em italiano, alemão e francês
Fonte: compilação Broch (2022)



Figura 13 – Atividades desenvolvidas nas oficinas do PLURES
Fonte: compilação Broch (2022)



7 O projeto PLURES e a formação de professores

Em 2019, o projeto ampliou os seus objetivos, incluindo a formação de professores voltada para uma Educação para o Plurilinguismo. Organizamos o curso livre intitulado "Plurilinguismo na Educação: recurso ou desafio?"[18], destinado a professores e futuros professores, que abordou os conceitos básicos do plurilinguismo na educação, abordagens plurais e materiais para o ensino de línguas, além da importância de *language sensitive teaching*. O objetivo foi contribuir para a valorização, visualização e utilização do Plurilinguismo na educação.

Outra ação foi o I Ciclo de Palestras "Educação para o Plurilinguismo"[19], uma atividade promovida pelo Colegiado Setorial da Diversidade Linguística, como representação da sociedade civil no Sistema Estadual de Cultura (SEDAC – RS), em parceria com o projeto de extensão PLURES e com o programa de extensão

18 Curso livre na linha de pesquisa de Sociolinguística, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Ministrado por Katja Schnitzer da Pädagogische Hochschule FHNW, Basel, Suíça.Organização: Prof. Cléo Altenhofen e Profa. Ingrid Kuchenbecker. Financiamento: Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA – UFRGS PUCRS).

19 O ciclo foi composto por cinco palestras que estão disponíveis no Canal YouTube do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCkb_WWNJkZjdb3VGwPFR-zg. Acesso em: 15 set. 2022.

LEA, ambos da UFRGS. Seu objetivo foi contribuir com diferentes instâncias da sociedade e do Estado, para a reflexão sobre os fundamentos de uma educação para o plurilinguismo, com a finalidade de valorizar, compreender e visibilizar a diversidade linguística e cultural, em contextos de ensino/aprendizagem – já que se trata de uma questão especialmente significativa e presente em nosso estado, em áreas de fronteira, de imigração histórica, de populações indígenas e de comunidades quilombolas, bem como de linguagens não verbais, como a Libras (e sem mencionar a própria diversidade do português rio-grandense). Tivemos mais de trezentas pessoas inscritas no evento, o que demonstra que existe interesse e motivação na busca por mais conhecimento nesse campo. Mesmo que os documentos educacionais não garantam espaço para o plurilinguismo, as demandas surgem dentro das salas de aula e exigem um professor receptivo e dialógico, isto é, um professor de línguas, conforme defendido por Ofélia Garcia (2008).

8 Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar dois projetos educacionais que dão visibilidade e acolhem o plurilinguismo individual e da sociedade, por meio de abordagens plurais e didáticas. Com base na vivência nesses contextos de práticas plurilíngues, vamos trazer algumas reflexões, na tentativa de responder aos três questionamentos realizados, frequentemente, por professores e futuros professores, mencionados na introdução.

A primeira questão refere-se a "por que incluir outras línguas, como árabe, turco ou guarani, no ensino da língua oficial da escola ou no ensino de língua estrangeira, quando o que se espera é que o aluno aprenda a língua em questão?". Vivemos dentro de um mundo plurilíngue, rodeados de outras línguas. Entrar em contato com elas ajuda as crianças a encarar o plurilinguismo como algo natural. Isso só é possível se as línguas forem apresentadas para as crianças. Essa convivência transforma o desconhecido em conhecido – e o que se conhece normalmente não nos causa medo. Isso contribui para a formação de um cidadão global, que não discrimina línguas, culturas e povos, que respeita as diferenças culturais e que desenvolve uma atitude positiva. Essa abertura às línguas pode ser observada nos trabalhos de Broch (2012) e Decker & Schnitzer (2012).

No que se refere à segunda questão, "sabendo que a integração de línguas é benéfica, como isso é possível se o professor não conhece essas línguas?", pode-se dizer que não se trata de o professor conhecer todas as línguas que são trazidas para a sala de aula, ou que são faladas pelos alunos. No entanto,

espera-se que o professor tenha conhecimento de tipologias linguísticas, isto é, que o professor tenha informações sobre as diferenças e semelhanças entre as línguas ensinadas e não ensinadas na escola, mas que estão presentes na sala de aula. Isso pode ser visto de forma muito clara, por exemplo, quando um aluno falante da língua turca aprende alemão ou português. Como o turco é uma língua sem artigos e sem preposições, esse aluno pode ter mais dificuldade. Nesse caso, se o professor conhece essa diferença, fica mais fácil entender os desafios que os alunos podem enfrentar. Os estudos de Wildenauer-Józsa (2005) com adultos mostraram a importância da estratégia de comparação na aprendizagem de novas línguas. Por isso, acredita-se que a introdução dessa estratégia seja benéfica também na aprendizagem das crianças, desde cedo.

Por fim, a última questão: "se entende que a inclusão de uma língua que o aluno fala em casa é importante para ele, mas como seria para aqueles alunos que não falam essa língua?". Essa pergunta, além de incluir todos os pontos citados nas questões anteriores, traz um aspecto muito importante quando falamos de e sobre língua – a questão emocional. A língua aprendida em casa sempre será a primeira, ou uma das primeiras línguas adquiridas e, em muitos casos, também será a língua do coração, porque é com essa que falamos com as pessoas amadas da família e obtemos nossas memórias. Em outras palavras, ela faz parte da nossa identidade. Segundo Cummins, "if we ignore the languages of the kids, we ignore the kids themselves" (2001:14).

Ao trazer essas línguas para a sala de aula, cada uma das crianças que não as fala ("monolíngue" ou "plurilíngue") tem a oportunidade de olhar para a língua do outro. Esse movimento pode desencadear atividades de comparações linguísticas e ajuda a entender como a própria língua funciona. Toda questão linguística pode ser trabalhada de forma monolíngue ou de forma plurilíngue. Se pensarmos em um conteúdo do currículo, como o plural, podemos nos limitar a estudá-lo apenas na língua em questão, mas se integrarmos outras, presentes na sala de aula, teremos uma visão metalinguística e poderemos entender como as línguas funcionam. Por exemplo, se compararmos o português, o alemão e o chinês, as semelhanças e diferenças se tornam visíveis. O plural existe nas três línguas, mas o conceito é diferente: tanto em português quanto em alemão, o plural é realizado acrescentando-se um sufixo – com a diferença de que, no alemão, há muito mais terminações diferentes do que no português, que não podem ser derivadas de uma regra[20]. Em chinês, por outro lado, as palavras

20 Em português, isto é feito acrescentando um -s ou um -es (se uma palavra termina em -r, -z ou -s estressado), no alemão não tem uma regra.

são invariáveis, e é por isso que o plural é formado pela ordem das palavras, dobrando-as, por exemplo.

Portanto, a riqueza de uma didática do plurilinguismo não está apenas em envolver e acolher as línguas presentes na sala de aula, mas em estabelecer associações e comparações entre elas e desenvolver habilidades metalinguísticas que nos auxiliam a compreender o funcionamento da nossa primeira língua ou de nossas primeiras línguas. O segundo ponto de reflexão é que essa didática não pode apenas ser parte de um projeto, um momento, mas deve fazer parte da pedagogia como um todo, na escola. Por fim, observa-se a necessidade do envolvimento de toda a escola nessa prática plural, para que todos sejam beneficiados – alunos e professores de todas as áreas, pois a língua transborda qualquer conteúdo. Por isso, todo professor precisa lidar com o plurilinguismo e se engajar em abordagens plurais, assim como a gestão da escola precisa estar comprometida e apoiar esse trabalho. Os projetos mencionados são momentos importantes, que dão visibilidade ao plurilinguismo, mas o grande desafio é incluir essas práticas no fazer pedagógico do dia a dia na escola.

Referências

Adrighem, Irene et al. Taaldorp-Sprachenstadt. *Von der Idee zu den ersten Versuchen* (online), o.J. Disponível em: https://www.daf-netzwerk.org/download.php?id=675. Acesso em: 5 set. 2022.

Akademie Graz (2014). *Sprachenfreundliche Räume gestalten* (online). Disponível em: https://docplayer.org/23392606-Sprachenfreundliche-raeume-gestalten.html. Acesso em: 5 set. 2022.

Altenhofen, Cléo V. (2013). Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 93–116.

Apeltauer, Ernst (2007). *Grundlagen des Erst- und Fremdsprachenerwerbs*. Eine Einführung. München/Berlin: Langenscheidt.

BFS (Bundesamt für Statistik) (2022). *Sprachenlandschaft in der Schweiz* (online). Neuchâtel: BFS. Disponível em: www.statistik.ch. Acesso em: 8 set. 2022.

Brasil (2017). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. 13415/2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 15 set 2022.

Brasil (2005). *Lei n. 11.161, de 5 de agosto de 2005*. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Diário Oficial da União, Brasília, 5 ago. 2005. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11161.htm. Acesso em: 15 set 2022.

Broch, Ingrid Kuchenbecker (2014). *Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102190/000930127.pdf?sequence=1. Acesso em: 24 jun. 2022.

Broch, Ingrid K (2012). Pluralidade Linguística no Currículo Escolar. *Sociodialeto* (Online), v. 2, 1. Disponível em: https://www.academia.edu/36034484/Pluralidade_linguistica_no_curriculo_escolar. Acesso em: 28 ago. 2022.

Candelier, Michel (2008). Awakening to languages and Language policy. In: Cenoz, J. & Hornberger, N. *Encyclopedia of Language and Education*, 2nd edition, Vol 6. Knowledge about Language. Berlin: Springer.

Candelier, Michel (2004). Janua Linguarum – The gateway to languages. *The introduction of language awareness into the curriculum*: Awakening to languages. Council of Europe Publishing.

Cummins, Jim (2001). Bilingual Children's Mother Tongue: Why is it important for education? In: *Sprogforum* 19, 16–21. Disponível em: http://library.au.dk/fileadmin/www.bibliotek.au.dk/Campus_Emdrup/Sprogforum_arkiv/SPROGFORUM_NO._19_Det_Mangesprogede_Danmark.pdf. Acesso em: 5 set. 2022. Tradução em inglês disponível em: http://www.lavplu.eu/central/bibliografie/cummins_eng.pdf. Acesso em: 5 set. 2022..

Decker, Yvonne & Schnitzer, Katja (2012). FreiSprachen – Eine flächendeckende Erhebung der Sprachenvielfalt an Freiburger Grundschulen. In: Knapp, Werner & Ahrenholz, Bernt (eds.). Sprachstand erheben – Spracherwerb erforschen. Beiträge aus dem 6. Workshop Kinder mit Migrationshintergrund. Stuttgart: Fillibach bei Klett, 95–112.

EDBS (Erziehungsdepartement des Kantons Basel-Stadt) (2020a). *Zahlenspiegel Bildung 2019/20* (online). Disponível em: www.bildungsstatistik.bs.ch. Acesso em: 5 set. 2022.

EDBS (Erziehungsdepartement des Kantons Basel-Stadt) (2020b). *Ergänzungen der Kantone Basel-Stadt und Basel-Landschaft zum Rahmenlehrplan HSK* (online). Disponível em: https://www.edubs.ch/unterstuetzung/sprachen/hsk/Traegerschaften. Acesso em: 5 set. 2022.

EDBS (Erziehungsdepartement des Kantons Basel-Stadt) (2016a). Lehrplan für die Volksschule des Kantons Basel-Stadt. Fachbereichslehrplan Sprachen. *Bedeutung und Zielsetzungen* (online). Disponível em: www.lehrplan.ch. Acesso em: 5 set. 2022.

EDBS (Erziehungsdepartement des Kantons Basel-Stadt) (2016b). Lehrplan für die Volksschule des Kantons Basel-Stadt. *Fachbereichslehrplan Sprachen – Didaktische Hinweise* (online),. Disponível em: www.lehrplan.ch. Acesso em: 5 set. 2022.

EDBS (Erziehungsdepartement des Kantons Basel-Stadt) (2016c). Lehrplan für die Volksschule des Kantons Basel-Stadt. Fachbereichslehrplan Sprachen – Deutsch Kompetenzaufbau (online). Disponível em: www.lehrplan.ch. Acesso em: 5 set. 2022.

Faria, H. (2002). Ensino precoce de línguas estrangeiras. In: *Educação e Comunicação. Publicações do centro de estudos e de investigação*, nº 7, 10–18.

Gogolin, Ingrid (1994). *Der monolinguale Habitus der multilingualen Schule*. Münster: Waxman.

Hänggi, Françoise & Schnitzer, Katja (2022). Projektwochen zu Sprachenvielfalt in der Primarschule mit SAMS: Ein Praxisbeitrag. In: Krompák, Edina & Todisco, Vicenzo (eds.). *Sprache und Raum – Mehrsprachigkeit in der Bildungsforschung und in der Schule.* Bern: hep, 319–348.

Hawkins, Eric (1984). *Awareness of language: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hawkins, Eric (1999). Foreign language study and language awareness. *Language Awareness*, 8(3&4), 124–142.

Hélot, Christine (2012). Linguistic Diversity and Education. In: Martin-Jones, Marilyn; Blackedge, Adrian & Creese, Angela. *Routledge Handbook of Multilingualism*. New York/London: Taylor and Francis, 214–231.

Hélot, Christine & Young, Andréa (2006). Imagining multilingual education in France: A language and cultural awareness project at primary level. In: García, Ofelia et al. (eds.). *Imagining multilingual schools. Languages in education and glocalization*. Clevedon; Buffalo; Toronto: Multilingual Matters, 69–90.

Huter, L. (2021). *Migration und Migrationspolitik in der Schweiz.* (Bundeszentrale für politische Bildung, Hrsg.).

James, Carl & Garrett, Peter (1998). The scope of language awareness. In: James, Carl & Garrett, Peter (Eds). *Language Awareness in the Classroom*. 3ª ed. London/New York: Longman. 3–20.

Landert, Karin (2007). *Hochdeutsch im Kindergarten?* Eine empirische Studie zum frühen Hochdeutscherwerb in der Deutschschweiz. Bern: Lang, 37–51.

Lüdi, Georges (2013). Mehrsprachigkeit (online). In: *Historisches Lexikon der Schweiz (HLS).* Disponível em: https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/024596/2013-07-18/. Acesso em: 5 set. 2022.

Maar, Paul (1973). *Eine Woche voller Samstage*. Hamburg: Oetinger.

Massler, Ute et al. (2017). *Mehrsprachiges Lesetheater*: Handbuch zu Theorie und Praxis. Leverkusen/Opladen: Budrich.

Oomen-Welke, Ingelore (2017). Didaktik der Sprachenvielfalt. In: Oomen-Welke, Ingelore & Ahrenholz, Bernt (Eds.), *Deutsch als Zweitsprache*. 4 ed. Baltmannsweiler: Schneider, 617–632.

Oomen-Welke, Ingelore (2010). *Der Sprachenfächer*. Materialien für den interkulturellen Deutschunterricht in der Sekundarstufe I. Berlin: Cornelsen.

Romaine, Suzanne (1995). *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell.

Sarter, Heidemarie (1997). *Fremdsprachenarbeit in der Grundschule*: Neue Wege, neue Ziele. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

Schader, Basil (2000). *Sprachenvielfalt als Chance. Das Handbuch. Hintergründe und 101 praktische Vorschläge für den Unterricht in mehrsprachigen Klassen*. Troisdorf: Bildungsverlag EINS.

Schiffman, Harold (2006). Language policy and linguistic culture. In: Ricento, Thomas (ed.). *An introduction to language policy: theory and method*. Malden, MA, EUA: Blackwell, 111–125.

Schnitzer, Katja (2020). *Mehrsprachigkeit als Ressource*: Zur Praxis des Sprachunterrichts in der Sekundarstufe I. Münster: Waxmann, 2020.

Schönpflug, Ute (1977). *Psychologie des Erst- und Zweitspracherwerbs: Eine Einführung*. Stuttgart: Kohlhammer.

SKBF (Schweizerische Koordinationsstelle für Bildungsforschung) (2018). *Bildungsbericht Schweiz*. Aarau: Schweizerische Koordinationsstelle für Bildungsforschung.

Vaugelade, Anais (2001). *Steinsuppe*. Frankfurt: Moritz.

Vertovec, Steven (2006). Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 29 (6).

Wildenauer-Józsa, Doris (2005). *Sprachvergleich als Lernerstrategie*. Eine Interviewstudie mit erwachsenen Deutschlernern. Freiburg i. Br.: Fillibach.

Erineu Foerste e Gerda Margit Schütz-Foerste

Culturas, línguas e educação do campo: Diálogos sobre parcerias na formação de professores

Abstract: This chapter discusses issues related to languages and cultures in their interfaces with rural education, particularly teacher training. It aims to demonstrate how academic research accumulated in the State of Espírito Santo, based on master's and doctoral studies, contributes to problematize the monolingualism perpetuated by schools in social contexts predominantly characterized by linguistic diversity among the so-called Traditional Peoples and Communities. It is observed that the praxis of interculturality in indigenous, quilombola, and Pomeranian communities within their territories fosters processes of resistance. The collective construction of alternative education projects places emphasis on the pursuit of a different curriculum and thus questions the cultural imposition of the official curriculum. The awakening in favor of agroecology and the valorization of minority languages, therefore, facilitates the formation of agroecological individuals engaged in collective struggles for the promotion of life and "bien vivir" (good living).

Keywords: Cultures, languages and teacher education.

Madrugada camponesa
Madrugada camponesa
faz escuro ainda no chão
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.
Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar a solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia a dia
feita de canto e de pão.
Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.
Já se levantam prodígios,

chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.
Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.
Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.
Faz escuro mas eu canto
porque amanhã vai chegar.
(Thiago de Melo – 1926)
Fonte: http://leaoramos.blogspot.com/2007/05/para-thiago-de-mello-madrugada.html

Primeiras palavras

Falar de diversidade linguística hoje é deixar-se desafiar – com o povo organizado em suas bases[218] – por outras palavras e outros textos e contextos. Essa problemática mobilizou esforços que constituem um marco de pioneirismo nos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão do Professor Cleo Vílson Altenhofen, na área de letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao longo de mais de três décadas. Suas produções acadêmicas acumuladas até o presente momento no campo da linguística contribuem, por exemplo, para pensarmos a centralidade da questão dos contatos entre línguas no cenário brasileiro e na América Latina. Nesse processo consolidam-se parcerias e práticas colaborativas, sobretudo no que se refere ao mapeamento, registro e análise de línguas minorizadas, como, entre outras: Guarani, Hunsriqueano e o Pomerano. O engajamento dos trabalhos abarca cenários locais, regionais, nacionais e internacionais, ao mesmo tempo em que ajudam de maneira fundamental nos debates sobre promoção da diversidade cultural e o acesso de pessoas e coletivos excluídos da universidade. Trata-se de um movimento acadêmico e político que sempre nos anima para estudar na Universidade Federal do Espírito Santo as culturas, línguas em suas interfaces com a educação em diferentes territórios[219] do Estado do Espírito Santo.

Para Altenhofen (2013 e 2014) políticas linguísticas podem resgatar línguas minorizadas e ameaçadas em seus territórios. Há resistências culturais marcadas por lutas coletivas, que lançam desafios para os estudos sobre contatos entre

línguas e promoção da diversidade linguística (Savedra: 2010, 2012 e 2013), sobretudo por meio da educação pública laica de qualidade.

Em *Pedagogia do Oprimido*, ao trabalhar a dialética colonizador-colonizado, Paulo Freire denomina esse fenômeno como *praxis* popular-libertadora do diálogo (Freire, 1974), que mobiliza projetos de educação na produção de novas palavras e outros textos (Foerste, 1985). Para Carlos Rodrigues Brandão a linguagem e o diálogo freiriano têm contribuições fundamentais nos enfrentamentos do povo às injustiças e desigualdades sociais. O encorajamento do povo mobiliza processos coletivos de organização de base para "lutar com a palavra" (Brandão: 1985) e com isso produzir práticas de confronto, contra os poderes oligárquicos e o monolinguismo instituído. Construir uma universidade do diálogo em tempos de resistências implica lutar com articulação de base e organização coletiva. As palavras dos povos, suas culturas e línguas fundamentam movimentos de resistência, que emergem do trabalho agroecológico na terra e com a terra e de nós mesmos como sujeitos de linguagens. Para Petri da Silva (2022), de cenários como esses, aprendemos a nos cultivar como sujeitos agroecológicos.

> *Já é quase tempo de amor.*
> *Colho um sol que arde no chão,*
> *lavro a luz dentro da cana,*
> *minha alma no seu pendão.*
> *Madrugada camponesa* (Thiago de Melo)

Desse modo se fortalecem debates sobre contatos linguísticos e políticas públicas de promoção da diversidade linguística (Savedra, 2007; Steffen, 2013; Altenhofen e Thun, 2019; Born *et al.* 2016; Matras, 2009) para o enfrentamento do monolinguismo. Ocorre que a *cultura do silêncio ou silenciamento* na América Latina encontra suas raízes na colonização e conquistas europeias dos povos autóctones de diferentes etnias, com seus respectivos territórios e territorialidades (Santos, 2007; Almeida, 2010; Leroy, 2010). Conforme problematiza Mariani (2004), a colonização linguística reproduz o eurocentrismo e legitima a dominação sobre os chamados países periféricos. Esta prática cresceu e frutificou, tendo como alicerce "a *senhoria* da terra [e] o poder do *senhor*, que se estendia da terra às pessoas" (Martin-Barbero, 2014, p. 23). Numa sociedade com história fortemente marcada pela escravidão, como a brasileira, consagraram-se desse modo o poder do patrão e do padre, que têm o direito à palavra sobre o povo, que deve sempre silenciar e ouvir.

O Brasil não é um país monolíngue (Decreto Presidencial 7.387/2010). O Decreto do Marquês de Pombal de 1759 (Garcia, 2007), que proibiu o uso do

Nheengatu no território brasileiro[220], condenou à morte muitas línguas autóctones ao mesmo tempo em que reforçou a invisibilização dos falares africanos, aqui aportados por força da escravidão. Como a chegada dos imigrantes alemães e italianos no século XIX, em um território condenado ao controle cultural do colonizador, traz consigo a tarefa de produzir novas territorialidades linguísticas?

A virada do século XX para o século XXI no Brasil potencializa lutas coletivas por políticas públicas por direitos sociais coletivos, entre as quais destacamos aqui a valorização e fomento da diversidade e inclusão em seus territórios e territorialidades plurais. Debates sobre os contatos entre línguas no cenário das diversidades linguísticas (língua portuguesa, línguas autóctones, línguas africanas, línguas de imigração etc.) ganham impulso e lançam desafios, sobretudo para o campo da educação. Vale lembrar, então, nesse contexto, que o problema o apagamento das culturas e línguas de povos originários e a escravização dos negros, já referidos anteriormente, remete-nos aos primórdios de fundação do Brasil enquanto nação.[221] Essa temática, com o foco na interculturalidade, seja numa perspectiva histórica ou do nosso tempo, pode ser considerada emergente. Há importantes marcos a ser ressaltados, entre outros: aprovação de legislação própria como direito social coletivo, realização de inventários linguísticos, promoção de processos de cooficialização de línguas, produção de materiais educativos. Quando se pautam debates sobre as interfaces entre culturas, línguas e educação, os professores reivindicam formação inicial e continuada plurilíngue, ao mesmo tempo em que contribuem na construção de pressupostos teóricos e metodológicos, sobretudo, com pesquisas colaborativas entre a universidade e as escolas.

Partindo do exposto, o texto a seguir dialoga com pesquisas realizadas que tematizam questões sobre Povos e Comunidades Tradicionais, suas culturas e línguas. No seguimento das discussões, serão abordadas experiências de formação de professores, considerando os desafios colocados pela diversidade, sobretudo em contextos de educação do campo e suas resistências ao latifúndio e agronegócio. Observa-se que a produção material e simbólica das existências ligadas ao cultivo agroecológico da terra de coletivos como indígenas, quilombolas e pomeranos, entre outros, manifesta saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais.[222]

Universidade: sobre outras culturas e outras línguas

A organização popular pela conquista coletiva de direitos sociais, no período que se dá a partir do processo de abertura política no Brasil na primeira metade

da década de 1980, possibilita incremento de outras pesquisas. Focam-se questões da escolarização e em especial da educação popular nas comunidades locais, como será discutido a seguir:

Culturas, línguas e educação pomerana

As pesquisas de Adriana Vieira Guedes Hartwig (2011), Elizana Schaffel Bremenkamp (2014), Síntia Bausen Küster (2015), Jandira Marquardt Dettmann (2016 e 2020) e de Edineia Koeler (2016 e 2021), na Universidade Federal do Espírito Santo apontam de forma convergente para os riscos de morte da língua pomerana nas comunidades do Povo Tradicional Pomerano no Estado do Espírito Santo.

> *"Cresci falando o pomerano. Sou de um tempo em que que os filhos de pomeranos em Santa Maria de Jetibá – ES tinham vergonha de falar em público a nossa língua. A escola não aceitava que falássemos em pomerano. Lá fora, longe dos olhos da escola, nós falávamos nossa língua e nos sentíamos felizes!"* (Edineia Koeler).

> *"Eu fiz letras. Curioso que na universidade não se discutia naquela época que há línguas como o Pommerisch, o Hunsrükisch, o Lombardo e o Vêneto. Nós terminamos o curso sem discutir questões sobre línguas autóctones. No Estado do Espírito Santo as comunidades Guarani e Tupinikim são inquestionavelmente presentes. Também que se ignoravam os falares dos quilombolas. Aos poucos estamos mudando isso."* (Elizana Schaffel Brememkamp).

Culturas, línguas e educação indígena

Os estudos de Arlete Maria Pinheiro Schubert (2011 e 2021) e de Ozirlei Teresa Marcilino (2014) tematizam aspectos das culturas, línguas e educação dos Povos Indígenas Tupinikim e Guarani no Estado do Espírito Santo, com significativas análises sobre a organização de base dos indígenas nas aldeias do município de Aracruz em suas lutas por direitos sociais, territórios, bem como produção coletiva de uma escola diferenciada e alternativa.

> *"O Povo Tupinikim em suas lutas por território e territorialidades trabalha para garantir um projeto de educação diferenciado, que promova a cultura e língua tupiniquim. Observam-se algumas dificuldades marcantes e a formação de professores é um delas"* (Arlete Maria Pinheiro Schubert)

> *"A educação intercultural nas aldeias Guarani e Tupinikim em Aracruz – ES fortalece a língua e cultura Guarani no currículo bilíngue nas escolas. Os diálogos entre os dois povos contribuem também para o fortalecimento das lutas do Povo Tupinikim por uma escola que foque no currículo práticas bilíngues"* (Ozirlei Teresa Marcilino)

Culturas, línguas e educação quilombola

As comunidades quilombolas capixabas são estudadas nas pesquisas de Patrícia Gomes Andrade Rufino (2019) e Olindina Cirilo Serafim Nascimento (2020), que investigam comunidades em Cachoeiro do Itapemirim, São Mateus e Conceição da Barra, e suas práticas de resistência cultural, sobretudo no que refere à escolarização oficial.

> *"As culturas e línguas dos negros foram negadas por séculos no Brasil. Os Quilombolas organizam-se crescentemente para garantir uma escola que tenha como ponto de partida e de chegada as culturas e línguas das Comunidades Quilombolas"* (Patrícia Gomes Rufino Andrade)

> *"O território Sapê do Norte promove resistência cultural à escola burguesa. Na prática isso significa dizer que educação não é só escola. As culturas e saberes quilombolas potencializam diálogos que contribuem para fortalecer direitos sociais coletivos dos Quilombolas"* (Olindina Cirilo Serafim Nascimento)

As problemáticas analisadas nessa amostragem de pesquisas apontam que a universidade pode contribuir para a produção de conhecimento sobre culturas, línguas e educação de Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL: 2007), em cujo processo a formação inicial e continuada de professores indígenas, quilombolas e pomeranos constitui-se como uma conquista significativa dos profissionais da educação engajados em lutas coletivas de organização de base nas suas respectivas comunidades por uma educação diferenciada, com valorização das culturas e línguas até então minorizadas e desvalorizadas pelas políticas oficiais de educação. São culturas e línguas ameaçadas. Todavia, conforme problematiza Nascimento (2020), as racionalidades dos cursos de licenciatura reproduzem o cientificismo. Em nome da educação científica, muitas vezes alinhada a interesses neoliberais articulados internacionalmente pelos chamados parâmetros curriculares e programas oficiais de avaliação estandardizadas, negam-se as culturas e línguas dos povos e comunidades tradicionais.

Grupos de Pesquisas (CNPq) como "Culturas, Parcerias e Educação do Campo" e "Imagens, Tecnologias e Infâncias", o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação do Campo, das Cidades e Educação Social (NEPECES/UFES) e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFES) assumem protagonismos num movimento que luta pela entrada e permanência de outros coletivos no meio acadêmico, como os indígenas, quilombolas e pomeranos.

Destaca-se a relevância dos estudos sobre culturas-línguas-educação na sua interface com a educação do campo. Trata-se de compreender como as culturas e línguas de Povos e Comunidades Tradicionais tensionam a racionalidade burguesa e elitista da academia. O monolinguismo oficial no Brasil persistiu ao

longo dos tempos chegando aos nossos dias. Como lutas interculturais coletivas de base popular podem contribuir para a conquista de direitos sociais e de políticas de diversidades linguísticas? Como a universidade pode incluir em sua agenda essa reivindicação de base popular?

Sobre experiências de parceria na universidade com comunidades locais

> *Faz escuro (já nem tanto),*
> *vale a pena trabalhar* (Thiago de Melo)

Observam-se alguns marcos históricos para promover rupturas culturais. Em 1999 a Universidade Federal do Espírito Santo criou o Curso de Pedagogia da Terra em parceria com o Movimento Sem Terra (Foerste, 2004). No ano de 2001, em parceria com as Secretarias Municipais de Educação e a Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo (SEDU), implementou o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia de 1ª a 4ª Séries, na Modalidade Aberta e a Distância, em treze Centros Regionais de Educação Aberta e a Distância (Cread's), situados no interior do ES. Graduaram-se, graças a esse Projeto, 6.152 professores, dentre os quais, a maioria deles, com experiência em projetos de educação do campo de diferentes contextos sociais e culturais.

> *"A maioria dos professores que trabalhavam na educação do campo no interior do Espírito Santo até aquele momento eram leigos. Muitos até cursaram faculdades de final de semana pagas, por falta de políticas públicas de valorização do magistério. Acho que este curso a distância foi uma conquista bem significativa porque trabalhou em parceria com outros setores da gestão oficial nas secretarias estadual e municipais de educação. Mas o currículo elaborado e implementado pela universidade não considerou questões da educação do campo nem da diversidade cultural e linguística capixaba. Acho que tivemos pouco ou até nenhum espaço para incluir nossas demandas nesse processo de formação de professores"* (Charles Moreto)

Como mostram os estudos de Charles Moreto (2006), em 60 anos de história da única Universidade pública existente no ES, sem dúvida, essa se constituiu em uma ação institucional ousada, que possibilitou uma alternativa de interiorização e descentralização do processo de formação do magistério. Inegavelmente, esse curso de graduação representa algum avanço no processo de profissionalização do magistério das redes públicas, municipais e estadual, cujos impactos representam conquistas importantes nos contextos sociais regionais.

No entanto, análises deste projeto interinstitucional apontam fragilidades quanto ao atendimento às demandas específicas das escolas e comunidades do

campo, uma vez que, o currículo prescrito do curso não levou em consideração, satisfatoriamente, as discussões teórico-práticas acumuladas sobre os territórios e suas territorialidades, como as diversidades da história e das culturas dos povos campesinos, e que caberia à educação do campo aprofundar. Realizou-se uma formação generalista, não favorecendo ao professor dimensionar como era de se esperar através de investigações acadêmicas, a partir de seu contexto e trabalho, questões relacionadas ao modo de produção campesino, para implementação de propostas educativas assentadas em pressupostos de sustentabilidade na formação de sujeitos agroecológicos e plurilíngues. Como discutido em outros lugares (Foerste, 2002 e 2005; Foerste, 2020) as parcerias colaborativas, fertilizadas com os debates da indissociabilidade culturas-línguas-educação, contribuem para a construção coletiva de projetos interculturais de formação de sujeitos agroecológicos e plurilíngues.

Conforme Foerste e Schütz-Foerste (2020), a dimensão intercultural da práxis educativa escolar contribui para questionar racionalidades monológicas e ressignificar a imposição de conhecimentos às comunidades locais. Indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pomeranos, assentados de reforma agrária etc. produzem suas existências materiais e simbólicas numa relação dialógica e de sustentabilidade com a Terra. Tal processo inaugura uma alternativa de formação de sujeitos agroecológicos, cujo currículo parte dos conhecimentos das comunidades locais, problematizando a cultura livresca e burguesa reproduzida pela educação tradicional e cientifista, que reforça o monolinguismo.

Considerando o exposto, podemos citar uma experiência de formação de professores no Estado do Espírito Santo. No segundo semestre de 2005 a Secretaria Municipal de Educação de Laranja da Terra manifestou preocupação com tais fragilidades junto ao Centro de Educação/UFES. Assim se inicia um trabalho colaborativo entre universidade e comunidade local. Posteriormente as prefeituras dos municípios de Vila Pavão, Pancas e de Domingos Martins mostraram interesse em tomar parte de uma nova fase de parceria que frutificou desde então. Em 2008 houve adesão de Marechal Floriano e Santa Maria de Jetibá.

> *Breve há de ser (sinto no ar)*
> *tempo de trigo maduro.*
> *Vai ser tempo de ceifar* (Thiago de Melo)

Encaminhamentos decorrentes de trabalhos colaborativos da Universidade com estes órgãos da administração municipal, com participação da Secretaria Estadual de Educação e Movimentos Sociais (Movimento Sem Terra, quilombolas, indígenas, pomeranos entre outros), impulsionou realização de

diagnósticos e elaboração de projeto de formação continuada de professores do campo. Assim se produz "a várias mãos", conforme proposto por Brandão (2003), o Projeto "Formação Continuada de Professores do Campo: Interculturalidade e Campesinato em Processos Educativos". Tratava-se inicialmente de curso de extensão universitária.

> *A noite já foi mais noite,*
> *a manhã já vai chegar* (Thiago de Melo)

A formação inicial e continuada dos professores que atuam em comunidades campesinas ainda não atende satisfatoriamente às especificidades da educação do campo com abordagem plurilíngue. Partindo de perspectivas interinstitucionais das políticas afirmativas para a inclusão social de grupos étnicos minoritários, há que se investir na formação inicial e continuada de professores que atuam no campo, com aprofundamento de processos investigativos no tripé culturas-línguas-educação. A construção coletiva de uma educação de qualidade do campo apoia-se em pressupostos que requerem do professorado conhecimentos que favoreçam práticas colaborativas de pesquisas, com produção de dados e seu tratamento, para análises de dimensões das realidades locais com vistas à valorização das identidades, culturas e traços sociolinguísticos dos grupos étnicos com os quais interage. O professor da educação do campo é intelectual orgânico da cultura (Foerste E Schütz-Foerste, 2001), na medida em que é mediador na construção de textos e de leituras nas lutas coletivas por terra e por educação do campo laica de qualidade.

Ocorre que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB nº 9.394/1996 determina a obrigatoriedade da formação superior específica para atuar em magistério. Se por um lado o referido curso de Licenciatura Plena em Pedagogia possibilitou a uma expressiva quantidade de professores dos municípios capixabas formar-se na Universidade em nível de graduação, por força de lei; por outro, é preciso atender às demandas de formação dos profissionais do ensino em nível de pós-graduação, para atuar em contextos campesinos, que têm nas especificidades étnicas, culturais, linguísticas e socioeconômicas balizadores de uma proposta de educação intercultural de base popular-libertadora.

> *Não vale mais a canção*
> *feita de medo e arremedo*
> *para enganar a solidão.*
> *Agora vale a verdade*
> *cantada simples e sempre,*
> *agora vale a alegria*

que se constrói dia a dia
feita de canto e de pão (Thiago de Melo)

Forja-se, então, nessas necessidades, o *Curso de Especialização em Educação do Campo: Interculturalidade e Campesinato em Processos Educativos,* ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação/UFES no biênio 2009 e 2010, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD do Ministério da Educação, através do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, com financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Foram certificados 350 professores de 35 municípios do ES.

Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão (Thiago de Melo)

As pesquisas de Janinha Gerke (2014) sobre esta experiência de formação continuada de professores da educação do campo no Estado do Espírito Santo mostram que o trabalho coletivo da parceria entre universidade e professores da educação do campo favorece algumas condições para o diálogo entre as culturas institucionais (a universidade e as secretarias de educação). Ao mesmo tempo as demandas de pesquisa se ressignificam na medida em que a comunidade pronuncia suas palavras para a produção de uma outra história nas relações colaborativas que focalizam o processo de socialização profissional do magistério.

> *"As pesquisas colocaram relevo nas práticas colaborativas entre os professores da universidade e os professores da educação do campo. Na prática isso representa um avanço no trabalho interinstitucional, estimulando os professores da educação básica, mais precisamente aqueles que exercem o magistério em territórios e territorialidades campesinas ali onde vivem os indígenas, quilombolas e pomeranos e produzem suas materialidades existenciais. Os professores dialogam entre si e produzem uma praxis alternativa de educação que pode fecundar novos projetos educativos na universidade e nas comunidades locais"* (Janinha Gerke).

As possibilidades de colaboração são produzidas e potencializadas em colaboração no trabalho coletivo e em movimento, para garantir a manutenção de direitos sociais e a conquista de novos direitos sociais. Práticas sociais dessa natureza Fornet-Betancourt (2001) denomina de interculturalidade. A criação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFES em 2012, assim, conforme discutem Reinholz-Velten (2021), Sobrinho (2022) e Pompermeyer (2022), é uma conquista histórica dos sujeitos campesinos organizados a partir

de diálogos interculturais, cujos antecedentes remetem ao Curso de Pedagogia da Terra (FOERSTE, 2004). Posteriormente em 2014, ocorreu na UFES a criação do Curso de Licenciatura em Educação Indígena (Prolind). Estes cursos de graduação da área de educação favoreceram, portanto, o ingresso tardio de sujeitos até então excluídos do meio acadêmico no ES. A presença desses coletivos na universidade tensiona as racionalidades acadêmicas, que historicamente silenciaram as vozes e culturas dos Povos e Comunidades Tradicionais, sobretudo no que se refere aos campos de conhecimento da linguística e da educação.

A conquista dessas políticas públicas implica movimentos permanentes de atenção e vigilância dos Povos e Comunidades Tradicionais, para a garantia do direito a pronunciar a palavra e a produção de outros textos. Se já há produção acumulada de conhecimento a respeito desse processo histórico na universidade, todavia outros estudos são requeridos com objetivo de se aprofundar reflexões sobre diversidades linguísticas e formação de sujeitos agroecológicos para além, inclusive, dos cursos de formação inicial de professores. Trata-se de democratização do acesso à universidade.

Culturas, línguas e educação do campo: agroecologia e plurilinguismo como *poiesis*

> *Breve há de ser (sinto no ar)*
> *tempo de trigo maduro.*
> *Vai ser tempo de ceifar.*
> *Já se levantam prodígios,*
> *chuva azul no milharal* (Thiago de Melo)

A educação do campo intercultural e plurilíngue exige posturas de risco, de engajamento pela construção do novo, com rejeição de todas as formas de preconceito. Por isso não se pauta simplesmente na transmissão e assimilação de conhecimentos sistematizados. Problematiza a imposição de cânones, redimensionando-os a partir das culturas campesinas. Qual escola? Quais línguas? Quais palavras e textos? O trabalho do professor como intelectual da cultura (Gramsci, 1978) pode contribuir para fortalecer lutas pela humanização do campo e das cidades.

Tampouco a educação do campo fundamenta-se no espontaneísmo, segundo o qual o ato de ensinar e aprender é a *arte de tirar de dentro* da pessoa aquilo que já está latente em todos os seres humanos, dimensão valorizada pelos defensores da educação essencialista inspirada em Platão. Trabalha-se pela concepção dialética da histórica para superação do pensamento ingênuo

(Suchodolski: 1977), que reproduz pressupostos do criacionismo, por exemplo. Educação do campo é *praxis* do movimento da contradição, conforme a perspectiva filosófica de Gramsci (1978), em que se exercita a autocrítica, ao mesmo tempo em que se busca apurar, numa postura permanente de reflexão, o olhar para novas leituras, articuladoras de práticas de interpretação e transformação coletiva do mundo, este referido às culturas, territórios e territorialidades das lutas e das existências dos oprimidos.

> *Não vale mais a canção*
> *feita de medo e arremedo*
> *para enganar a solidão* (Thiago de Melo)

A educação do campo é uma construção coletiva como prática de diálogo libertador, em cujo processo educandos e professores constroem-se e são produzidos pelo movimento, como sujeitos históricos autônomos e capazes de ler o mundo, interpretando a realidade a partir de contradições das relações do homem com a natureza e dos seres humanos com outros seres humanos, na produção das condições materiais e simbólicas de existência de todas as pessoas, na busca incansável de um mundo mais digno e humanizado. A educação do campo não se encontra acabada, mas é reinventada a cada dia, visto que é precária e sempre incompleta para promover a formação de sujeitos agroecológicos e plurilíngues.

Essa relação do eu com o outro (seres humanos e natureza) está perpassada pela problematização das culturas, portanto, do projeto humano para o mundo e no mundo. Na ação revolucionária os sujeitos se reconhecem precários, admitindo que os resultados de nossas lutas precisam ser cultivados e reinventados sempre. Isso implica uma postura de reverência de cada pessoa frente à vida e à natureza, revoltando-se contra interesses predatórios e utilitaristas da natureza pelos quais se reforçam desigualdades sociais. Porém, requer postura de solidariedade como forma de luta engajada com aqueles que são humilhados e excluídos, desafiando a todos que exercem opressão sobre os outros a se libertarem de sua condição desumanizadora nessa relação com seus semelhantes (as pessoas e a natureza) e consigo mesmos (Freire: 1974). Essa *revolta solidária* impulsiona reflexões e atitudes de esperança e alegria, para a construção de novas alternativas sociais, alicerçadas no respeito à vida, no direito à liberdade, para além do progresso e desenvolvimento burguês.

Porque geram exclusão e dominação; porque produzem pobreza e agridem a natureza; porque asfixiam até à morte a esperança e a alegria no campo, latifúndio e agronegócio precisam ser combatidos e derrotados pela reforma agrária. Os paradigmas do progresso e do desenvolvimento capitalista produzem derrotas da vida. Como fazê-lo sem uma atitude de revolta? Progresso e

desenvolvimento burguês para que e para quem? A educação do campo combate distribuição desigual de terras e políticas de concentração de terras nas mãos de poucos; combate a organização capitalista do processo produtivo no campo; combate o progresso e desenvolvimento de morte do capitalismo. Antes a educação do campo cultiva a solidariedade; cultiva o trabalho coletivo; cultiva atitudes de reverência diante da natureza e da vida, superando a concepção ultilitarista de natureza, centrada no culto ao individualismo e lucro.

Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal (Thiago de Melo)

A sabedoria dos camponeses mostra a centralidade da Reforma Agrária e da educação do campo como alternativas para impulsionar lutas pelo resgate da dignidade dos trabalhadores do campo, incrementando a produção agroecológica camponesa. Isso significa formar uma nova cultura que destrua em suas raízes o latifúndio e o agronegócio, enfim a agricultura e a pecuária centrados no negócio e lucro e concentração de terras. Essa política de produção camponesa e de construção coletiva de comunidades e territórios sustentáveis deve ser colocada como eixo articulador da educação popular-libertadora plurilíngue do campo.

Assumindo uma postura crítica diante da abordagem capitalista do conhecimento, o currículo da educação do campo define como pressuposto a *experiência humana* para problematização dos saberes sistematizados; pela reflexão coletiva metódica, pautada na prática do diálogo libertador, conhecimentos científicos e populares são ressignificados e redimensionados, a partir das lutas dos oprimidos contra as desigualdades sociais (Freire, 1996). Assim se superaram dicotomias como homem-natureza e homem-objeto. Elas são produtos da fragmentação cartesiana das ciências modernas em disciplinas especializadas, que reproduzem o monolinguismo. A educação do campo tem uma perspectiva emancipatória, fundamentada em pressupostos da interculturalidade (Fornet-Betancourt, 2001), para resgatar a indissociabilidade entre homem-natureza e homem-objeto. A educação popular-libertadora do campo coloca-se a serviço da construção coletiva de um outro *ethos* científico e tecnológico, para além da racionalidade técnica.

Nesse sentido a educação do campo contrapõe-se à abordagem do *conhecimento como informação* (mercadoria que se adquire num balcão de negócios), quando o sujeito é reificado e reduzido a depositário de algo que está pronto

e acabado. A educação popular-libertadora não compreende a ação educativa como mera transmissão e assimilação de informações abordadas de maneira a-histórica tão valorizadas na prática bancária da escola tradicional. A ressignificação dos conhecimentos pressupõe interrogá-los de forma metódica e rigorosa, a partir da organização do mundo do trabalho e das práticas de solidariedade em comunidade, da prática dialógica permanente. Pela experiência dos sujeitos em seus territórios e territorialidades, os conceitos são submetidos ao crivo da crítica, sendo reconstruídos a partir da própria vida dos trabalhadores do campo, no seu modo de pensar e dizer a palavra-mundo. Ressignificados passam a se constituir como conhecimentos novos e necessários, fortalecendo alternativas de produção existencial camponesa.

Contrapondo-se à prática educativa como "pacote" ditado de fora para os movimentos sociais, a educação do campo desenvolve-se como *poíesis*[223]. A educação do campo é poesia porque brota do cultivo da terra. A educação como *poesia* caracteriza-se como "produzir" um novo texto e novas leituras, ao mesmo tempo em que é ato de poder e de trabalho com liberdade. A *poíesis* move o diálogo intercultural e plurilíngue, mobilizando as palavras e textos como a base de um novo tempo. Este é o tempo do *bien vivir*. É assim porque tem como fundamento e cerne o diálogo intercultural e o plurilinguismo. Construir algo como ato poético significa colocar a pessoa como sujeito que só habita de fato aquilo que constrói. Pela *poíesis* ressignificamos linguagens, criando novas simbologias para o que fazemos, dizemos e pensamos de nós mesmos, dos outros e do mundo. A educação como *poesia* é criação e não reprodução; e como ato criativo, transforma onde habitamos.

> *Já é quase tempo de amor.*
> *Colho um sol que arde no chão,*
> *lavro a luz dentro da cana,*
> *minha alma no seu pendão* (Thiago de Melo)

Discutir educação como produção de poesia nos remete a abordagens sobre a linguagem no processo educativo enquanto práxis de interculturalidade. Como temos possibilitado aos educandos que produzam falas a partir da vida do campo? As palavras campesinas encontram eco na universidade?

A história do Brasil (América Latina e países do terceiro mundo) é marcada pela negação das falas do povo brasileiro. As matrizes do ideário colonizador, do homem branco e católico da Europa produzem silenciamento e invisibilizam as culturas dos povos originários (Bosi, 1992; Martin-Barbero, 2014). Língua, religião, artes (literatura, música, artes plásticas etc.), culinária, arquitetura, o modo de vestir dos brasileiros estão fortemente influenciados na sua gênese

pelos dominadores. Europeus espanhóis e portugueses consideraram tais práticas culturais como *barbárie*.

Não podemos ignorar nossas lutas coletivas por educação popular-libertadora, que somos de partida no século XVI um povo colonizado, dominado pela cultura europeia (branca e católica/cristã), segundo a qual o processo civilizatório da metrópole (Portugal e Espanha) impunha como forma de cristianizar os novos territórios conquistados. O capítulo de nossa história, que trata dos escravizados negros trazidos para o Brasil, precisa ser analisado por todos nós, fortalecendo lutas solidárias por direitos sociais dos povos negros de nosso país. O que falar das consequências da escravidão na nossa economia e constituição social e cultural? Como tratamos as influências da tradição cultural e religiosa legada pelos negros africanos?

Hoje ao discutirmos alternativas para se ensinar língua portuguesa nas escolas, na perspectiva do currículo como *poíesis*, como nos posicionamos frente à história cultural do país e do continente latino-americano? Que concepção de cultura estamos enfatizando? Queremos reforçar uma identidade nacional, reproduzindo a língua do dominador/colonizador? Por que se ensina até hoje língua portuguesa nas escolas? Não fomos capazes, ao longo de cinco séculos, de produzir uma *língua brasileira*? O que falar então dos programas de televisão para crianças, os videogames, os filmes, as músicas, os livros infantis, as revistas em quadrinhos, enfim, a moda e alimentação? A serviço de que e de quem estão as políticas oficiais de currículo no campo e na cidade?

Este quadro deve ser mais discutido, quando nos engajamos em lutas coletivas por uma educação do campo agroecológica e plurilíngue. As culturas e línguas dos Povos e Comunidades Tradicionais nos desafiam a refletirmos sobre que projeto de sociedade a escola ajuda a produzir. O ensino de línguas tem uma contribuição importante nesse processo, na medida em que o plurilinguismo (Savedra, 2010, 2012 e 2013) é uma das dimensões articuladoras da formação de sujeitos agroecológicos, capazes de promover com autonomia o *bien vivir*.

Culturas, línguas e educação

O infográfico a seguir sintetiza uma alternativa de educação intercultural e plurilíngue pela formação do sujeito agroecológico.



Plurilinguismo

Poiesis/praxis/bien vivir

Interculturalidade
Interdisciplinaridade
Colaboração (trabalho coletivo)
Pesquisa/trabalho

Sujeito agroecológico

Fonte: Infográfico elaborados pelos autores.

As discussões que apontam para a importância de se considerar a formação do sujeito agroecológico no centro do processo de estudo da linguagem, com fundação na filosofia intercultural, podem potencializar aprofundamento de reflexões e debates a respeito de uma *concepção sócio-histórica de linguagem* (Bakhtin, 1990). Ela potencializa a produção coletiva da *praxis* do ensino de língua para além da imposição cultural do monolinguismo institucional. Há que se superar preconceitos linguísticos, que naturalizam a morte de línguas e a exclusão social. As variedades linguísticas desafiam-nos, portanto, a realizar estudos que ajudem a instituir o respeito e a valorização das diversidades sustentadas por políticas públicas. Cabe à escola formar indivíduos agroecológicos e plurilíngues, aptos para práticas culturais inclusivas e de diversidade. Posto isso, podemos então perguntar: Qual é o lugar da linguagem no currículo da educação do campo? Que projetos de leitura valorizamos na escola do campo, ali onde se encontram as Comunidades e os Povos Tradicionais?

Ao partirmos do pressuposto de que o sujeito aprende a língua interagindo no contexto social em que se encontra e de que, como mostrou Paulo Freire, a leitura da palavra escrita é antecedida pela leitura do mundo, é preciso explicitar que as práticas de leitura, de escrita e de análise linguístico-literária não constituem atividades estanques no trabalho com a língua no contexto escolar. Pelo contrário, definem-se como dimensões indissociáveis no trabalho cultural do professor e do aluno.

> *Madrugada camponesa.*
> *Faz escuro (já nem tanto),*
> *vale a pena trabalhar.*
> *Faz escuro mas eu canto*
> *porque amanhã vai chegar* (Thiago de Melo)

Essa concepção de linguagem desafia-nos a superarmos a fragmentação cultural e epistemológica no currículo. Na educação do campo compreende-se que a língua não é objeto de uma disciplina isolada. A linguagem não pode ser tratada apenas pelo professor especialista (formado em letras), responsável por esta área ou por uma das disciplinas da área (como ocorre nas escolas que priorizam a preparação para os exames estandardizados oficiais, segmentando arbitrariamente no currículo escolar a área de língua em conteúdos especializados que se agrupam em disciplinas fragmentadas e refratárias, a saber: Gramática, Redação e Literatura).

Em síntese, a concepção sócio-histórica do processo educacional está a exigir dos profissionais do ensino outra abordagem epistemológica, outras palavras e outros textos, fundadas na formação de sujeitos plurilíngues e agroecológicos. Isso implica diálogos interculturais (Fornet-Betancourt, 2001) na articulação de lutas coletivas por direitos sociais, entre eles, conforme Altenhofen (2013 e 2014), políticas públicas de diversidade linguística.

Como podemos ver nos estudos realizados sobre culturas, línguas e educação de Povos e Comunidades Tradicionais indígenas, quilombolas e pomeranos, a que nos referimos acima, a construção com organização popular coletiva de um projeto intercultural de educação apresenta basicamente as seguintes dimensões articuladas entre si: i) a superação da base disciplinar e monológica do conhecimento; ii) a abordagem interdisciplinar e plurilíngue da ciência; iii) a construção e sistematização de outro *ethos*. Há centralidade da vida e do diálogo entre as culturas dos Povos e Comunidades Tradicionais nesse processo, para a produção de outra hegemonia no sentido gramsciano (Gramsci, 1978). São a base para a formação de sujeitos agroecológicos. O foco objetivo desse processo está, por um lado, na fundamentação que fomenta um método

holístico na apropriação problematizadora das ciências, transformadas em conteúdo nos currículos escolares; por outro, forma indivíduos investigativos, capazes de lutar com a palavra (Brandão, 1985) e, como *praxis* de resistência cultural, produzir outros textos no diálogo com as ciências.

O professor como intelectual da cultura (Gramsci, 1978) potencializa pelo trabalho docente significativas transformações epistemológicas requeridas e ao mesmo tempo em que encoraja a pronúncia da palavra. Thiago de Melo, quando tematiza a dialética plantar e colher no poema *Madrugada Camponesa* e afirma: "Faz escuro mas eu canto, porque amanhã vai chegar", mobiliza-nos para a construção do novo. A educação do campo é uma esperança que se renova sempre, pois define-se como *praxis* popular-libertadora da *poiesis*, para promover a dialética entre os conhecimentos sistematizados e as culturas e línguas dos Povos e Comunidades Tradicionais, enquanto alternativa de resistência ao monolinguismo.

Referências Bibliográficas

Almeida, Alfredo Wagner Berno de (Org.). *Territórios quilombolas e conflitos***.** Manaus: UEA Edições, 2010.

Altenhofen, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas***.** Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93–116.

Altenhofen, Cléo V. O território de uma língua: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves; Mozzillo, Isabella; Schneider, Maria Nilse & Cortazzo, Uruguay (orgs.). (Org.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora da UFPel, 2014, v. 1, p. 69–103.

Altenhofen, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, Christine; Silva, Kleber Aparecido da; Tilio, Rogério; Rocha, Cláudia Hilsdorf (orgs.). (Org.). *Política e políticas linguísticas***.** Campinas: Pontes Editores; ALAB, 2013, v. 1, p. 93–116.

Altenhofen, Cléo V.; Thun, Harald. As migrações e os contatos lingüísticos na geografía lingüística do sul do Brasil e Bacia do Prata. *In*.: Aguilera,V.; Romano, V. (org.). *A geolinguística no Brasil;* caminos e perspectivas. Londrina: UEL, 2016.

Bakhtin, Mikahil. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.

Born, Joachim *et al*. *Sprachkontakte des Portugiesichen*. Frankfurt am Mein: Peter Lang GmbH Verlag, 2016.

Bosi, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Brandão, Carlos R. *A pergunta a várias mãos;* a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

Brandão, Carlos R. *Lutar com a palavra.* Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Brasil. *Decreto nº 6.040 – Povos e Comunidades Tradicionais.* Disponível: https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/94949/decreto-6040-07 Acesso em 13 mar. 2023.

Damatta, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.

Dettmann, J. M. *Práticas e saberes da professora pomerana:* um estudo sobre interculturalidade. Dissertação de Mestrado em Educação. PPGE – Centro de Educação – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

Dettmann, J. M. *Práxis docente pomerana:* cultura, língua e etnicidade. Vitória: PPGE/UFES, 2020.

Foerste, Erineu. *Para uma educação popular-libertadora: reflexões de um aprendiz*. São Leopoldo: UNISINOS, 1985 (monografia).

Foerste, Erineu. *Parceria na formação de professores:* do conceito à prática. Rio de Janiero: PUC-Rio, 2002 (tese de doutorado).

Foerste, Erineu. *Parceria na formação de professores.* São Paulo: Cortez, 2005.

Foerste, Erineu. *Pedagogia da terra:* uma avaliação da experiência da Universidade Federal do Espírito Santo (relatório final de pesquisa). Vitória/Brasília: UFES/PRONERA, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/erine/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/TUDO%2022/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20Pedagogia%20da%20Terra%20UFES%20-%202004.pdf Consulta em 02 de out. 2022.

Foerste, Erineu (Organizador). *Culturas, parcerias e educação do campo.* Curitiba: Appris, 2020.

Foerste, Erineu & Schütz-Foerste, Gerda Margit. Educação campo, culturas e parcerias na Universidade Federal do Espírito Santo: Uma avaliação. *In.*: Foerste, Erineu (Organizador). *Culturas, parcerias e educação do campo.* Curitiba: Appris, 2020, pp. 35 – 56.

Foerste, Erineu e Schütz-Foerste, Gerda M. Questões culturais na formação de professores. *Cadernos de Pesquisa em Educação,* Vitória, nº 14, pp. 38–87, 2001.

Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia. saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Fornet-Betancourt, Raul. *Transformación intercultural de la filosofia*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2001.

Garcia, Elisa Frühauf. *O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 33–48, 2007.

Gerke, Janinha. *Sentidos da formação docente para a profissionalização na voz do professor do campo*. Vitória: PPGE/UFES, 2014 (tese de doutorado).

Gramsci, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Hartuwig, Adriana Vieira Guedes. *Professores (as) Pomeranos (as): Um estudo de caso sobre o PROEPO desenvolvido em Santa Maria de Jetibá/ES*. Dissertação de Mestrado em Educação. PPGE – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Küster, Sintia Bausen. *Cultura e Língua Pomeranas: um estudo de caso em uma escola do ensino fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo – Brasil*. Dissertação de Mestrado em Educação. PPGE – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.

Koeler, Edineia. *Uma professora pomerana e sua comunidade*. Vitória: PPGE/UFES, 2016.

Koeler, Edineia. *Povo Tradicional Pomerano: culturas, memórias e educação*. Vitória: PPGE/UFES e Frankfurt Oder: Europa-Universität Viadrina (tese de doutorado), 2021.

Leroy, Jean Pierre. *Territórios do futuro; educação, meio ambiente e ação coletiva*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

Marcilino, Ozirlei Teresa. *Educação escolar tupinikim e guarani: experiências de interculturalidade em aldeias de Aracruz, no estado do Espírito Santo*. Vitória: PPGE/UFES, 2014 (tese de doutorado).

Martín-Barbero, Jesús. *A comunicação na educação***.** São Paulo: Contexto, 2014.

Marx, Karl & Engels, Friedrich. *A ideologia alemã; crítica à novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846),* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Moreto, Charles. *Formação de educadores de séries iniciais do ensino fundamental na modalidade de educação aberta e a distância: um estudo sobre parceria entre professores de escola básica e professores da universidade*. Vitória: PPGE/UFES, 2006 (dissertação de mestrado).

Mariani, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

Martins, Joel. *Um enfoque fenominológico do currículo: educação como poiésis*. São Paulo: Cortez, 1992.

Matras, Yaron. *Languagage contact*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Petri Da Silva, Mariana. *"Uma semente dentro da gente": relação escola-família-comunidade na formação do sujeito agroecológico.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2022 (tese de doutorado).

Pompermeyer, Soraya Ferreira. *Leitura literária e educação do campo na formação inicial de professores.* Vitória: PPGE/UFES, 2022 (tese de doutorado).

Reinholz-Velten, Alessandra. *Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Espírito Santo: diálogos interculturais com Povos e Comunidades Tradicionais*. Vitória: PPGE/UFES, 2021 (dissertação de mestrado).

Rufino, Patrícia Gomes Andrade. *A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola*. Curitiba: Appris, 2019.

Santos, Mílton. O dinheiro e o território. *In*.: Santos, Mílton *et al. Território, territórios; ensaios sobre ordenamento territorial. Rio de Janeiro*: Lamparina, 2007.

Savedra, Mônica Maria G. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual In: Savedra, M.M.G. & Salgado, A.C.P (orgs.) *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, pp. 121–140.

Savedra, Mônica Maria G. (2010): Estudos e pesquisas em sociolinguistica no contexto plurilíngue do Brasil. *Revista da ANPOLL* (Impresso), nº 29, Florianópolis, 2010, pp. 219–234.

Savedra, Mônica Maria G., Höhmann, B. Das plurizentrische Deutsch in Brasilien und die regionale Kooffizialisierung eines ostniederdeutschen Dialekts. In: Schneider-Wiejowski, Karina / Kellermeier-Rehbein, Birte / Haselhuber, Jakob (ed.) *Vielfalt, Variation und Stellung der deutschen Sprache*. Berlin: De Gruyter, 2013, 411–426.

Savedra, Mônica Maria G.; Damke, Ciro. Língua, Cultura e construção da identidade teuto-brasileira/brasileira-alemã no sul do Brasil. *Revista do GELNE (UFC)* nº 14, 2012, pp. 387–410.

Schaffel, Elizana Bremenkamp. *Análise Sociolinguística da Manutenção da Língua Pomerana em Santa Maria de Jetibá.* Dissertação de Mestrado em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

Schubert, Arlete Maria Pinheiro. *"Ruínas de saberes e lugares conhecidos": educação e narrativas de (re)existência Tupinikim nas lutas por territorialidade (2004–2005).* Vitória: PPGE/UFES, 2011 (dissertação de mestrado).

Schubert, Arlete Maria Pinheiro. *Lutas territoriais indígenas: memórias, culturas e educação do povo tupiniquim.* Vitória: PPGE/UFES, 2021 (tese de doutorado).

Serafim, Olindina Cirilo Nascimento. *O caminho do quilombo: histórias não contadas na educação escolar quilombola*. Curitiba: Appris, 2020.

Sobrinho, Eliana de Deus. *Licenciatura em educação do campo na universidade federal do espírito santo: um estudo de caso com estudantes egressas e egressos.* Vitória: PPGE/UFES, 2022 (dissertação de mestrado).

Steffen, Joachim. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no Sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. *Revista de Letras Norteamentos.* Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, 2013, p. 73–89.

Suchodolski, Bogdan. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas:* a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. Lisboa: Livros Horizontes, 1977.

Bernardo Kolling Limberger

Dialetologia e Psicolinguística em diálogo: estudos sobre processamento do Hunsrückisch e bilinguismo

Abstract: Psycholinguistics aims to investigate language processing. Researchers in this subfield of linguistics rely on other research areas and subfields. The purpose of this chapter is to discuss the possibilities of interactions between psycholinguistics and dialectology, with a focus on Hunsrückisch and bilingual processing. We present psycholinguistic studies that exemplify this interface and are based on dialectological research, especially from the ALMA-H project, coordinated by Professor Cléo Altenhofen. This interface seeks to identify the effects of bilingualism on cognition and reading processing among bilingual and multilingual Hunsrückisch speakers. It also reveals relationships between language and cognition, as well as crosslinguistic influences. We hope that the dialogue between these two subfields of linguistics can provide a valuable contribution to our understanding of language itself, bilingualism, and their implications for language teaching and the preservation of minority languages.

Keywords: Psycholinguistics, Hunsrückisch, Bilingualism.

Introdução

O meu diálogo com o professor Cléo Altenhofen começou quando eu era estudante iniciante do curso de Letras Português e Alemão na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Foi um diálogo silencioso por minha parte, porque o renomado professor ainda não me conhecia, mas eu já pude desfrutar dos seus ensinamentos. Graças ao professor Cléo, descobri que a língua da minha família tinha um nome especial: Hunsrückisch. Na sua palestra, também descobri que o "dialeto", *unser Deitsch*, falado todos os dias na minha cidade de origem, era uma língua, ou seja, não era inferior ao *Hochdeutsch*, apenas diferente. Esse empoderamento me motivou a querer saber cada vez mais sobre essa e outras línguas minoritárias. Transmiti essas valiosas informações para a minha família, e esse momento determinou os caminhos que trilhei.

Durante a graduação, participei de um projeto de pesquisa sociolinguística sobre interações bilíngues (Hunsrückisch-português) entre mães e seus filhos pequenos residentes em Santa Maria do Herval no Rio Grande do Sul (Limberger, 2008). No mestrado e no doutorado, o destino acadêmico me conduziu à

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, considerando a minha curiosidade pelo processamento das línguas minoritárias e adicionais. Devido a esse interesse particular, apropriei-me de métodos e teorias da Psicolinguística, investigando os efeitos do bilinguismo na cognição (Limberger, 2014) e o processamento da leitura pelos bilíngues e multilíngues[1] falantes de Hunsrückisch (Limberger, 2018).

Desde a minha pós-graduação, a subárea da Linguística na qual se concentram as minhas pesquisas é a Psicolinguística, caracterizada, basicamente, pela investigação do processamento da linguagem. Trata-se de uma área versátil; podemos nos utilizar dos pressupostos e métodos psicolinguísticos para examinar diversos fenômenos linguísticos. As pesquisas investigam os processos mentais envolvidos na compreensão, na percepção, na produção e na aquisição de línguas.

Estudos psicolinguísticos têm gerado conhecimento que pode impactar diferentes campos da sociedade, como a educação e a saúde (Corrêa, 2020). A Psicolinguística, em constante ascensão e atualização, é diversificada devido à amplitude de interesses de pesquisa, relações, métodos e contribuições. Apesar disso, a área ainda é jovem, pela gama de perguntas em aberto sobre os processos cognitivos. Algumas dessas questões têm relação com as línguas minoritárias. Este artigo se concentra na língua minoritária Hunsrückisch (Altenhofen, 1996), considerando o falante como bilíngue ou multilíngue. Na pesquisa psicolinguística sobre Hunsrückisch e bilinguismo/multilinguismo, estabelecemos, portanto, um diálogo estreito com a Dialetologia.

Neste texto, apresento as bases dialetológicas que utilizo nos estudos psicolinguísticos, baseadas essencialmente nos trabalhos do professor Cléo e de integrantes do projeto ALMA-H[2]. Em seguida, apresento os estudos

1 Diferenciamos os falantes com relação ao número de línguas e os processos envolvidos: os bilíngues usam duas línguas no seu cotidiano; os multilíngues usam três ou mais línguas. Na linha de investigação sobre o multilinguismo, denominada internacionalmente de *Third Language Acquisition and Multilingualism*, é considerado todo o repertório linguístico do falante, e os fatores envolvidos na aquisição/aprendizagem de línguas (Bhatia & Ritchie, 2013). Essa distinção reflete os diferentes efeitos no processamento e na aprendizagem que o multilinguismo, em comparação ao bilinguismo, pode provocar. Na Psicolinguística, portanto, *multilinguismo* se refere ao falante; na Sociolinguística, o termo análogo seria *plurilinguismo* (Altenhofen, 2013).

2 Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - Hunsrückisch. Disponível em: https://www.ufrgs.br/projalma/macroprojeto-alma-h/. Acesso em: 17 dez. 2022.

psicolinguísticos que dialogam com a ciência do Hunsrückisch. Por fim, discuto potencialidades do diálogo entre essas duas áreas da Linguística.

Bases dialetológicas para a pesquisa psicolinguística

As definições e as descrições da língua Hunsrückisch (Altenhofen, 1996) são as bases para a pesquisa psicolinguística que investiga o processamento dessa língua e o bilinguismo/multilinguismo. Hunsrückisch é uma variedade suprarregional do alemão falado principalmente no sul do Brasil (Altenhofen, 1996), mas também em outras regiões do Brasil, no Paraguai e na Argentina (Altenhofen, 2013). Essa língua se fundamenta, segundo Altenhofen (1996), num contínuo dialetal formado essencialmente pelos dialetos trazidos pelos imigrantes alemães, principalmente a partir de 1824, cuja grande parte era oriunda da região do Hunsrück. As variedades que possuíam mais falantes na época da imigração, de acordo com Altenhofen (1996), eram o francônio-moselano (*Moselfränkisch)*, o francônio-renânio (*Rheinfränkisch*) e o palatinado (*Pfälzisch)*, que entraram em contato, no contexto brasileiro, com elementos do português, bem como com outras variedades de alemão. O Hunsrückisch assumiu o papel de variedade comum entre as comunidades. Essa integração pode ter sido um dos motivos para a sua manutenção e difusão.

Os falantes de Hunsrückisch não dispõem de uma região específica de uso da língua, mas sim de colônias espalhadas. No Rio Grande do Sul, os descendentes de alemães fundaram outras colônias, as denominadas Colônias Novas (Verband Deutscher Vereine, 1999), como, por exemplo, Panambi, Selbach, Cerro Largo, entre outras. O termo 'ilha' sugere isolamento, e as comunidades têm a característica de um arquipélago, ou seja, uma gama de ilhas relacionadas, muitas delas contínuas (ilhas grandes), entre as quais ocorre comunicação (Steffen & Altenhofen, 2014).

Essas diferentes comunidades compõem duas principais variedades do Hunsrückisch – o tipo *Deitsch* e o tipo *Deutsch* (Altenhofen, 2010). A oposição *Deitsch*/*Deutsch* é baseada na denominação dos falantes de ambas as variedades. O tipo *Deutsch* [+ alto alemão] é uma variedade mais próxima ao alemão *standard*, em comparação ao tipo *Deitsch* [+ dialetal]. Os primeiros imigrantes trouxeram uma variedade linguística com graus de dialetalidade mais altos. Por outro lado, os imigrantes mais tardios, vindos na segunda metade do século XIX (Machado, 2016) trouxeram uma variedade mais próxima ao alemão *standard*. O repertório linguístico dos falantes de Hunsrückisch é variável e não padronizado. A territorialidade e a variação evidenciadas pelos estudos dialetológicos alertam para o controle na seleção dos participantes e dos estímulos em

experimentos psicolinguísticos. Os estudos que investigam o processamento da língua minoritária precisam selecionar somente participantes falantes de uma variedade, para que esse fator não seja uma variável de confusão nas análises dos resultados.

Outro fator que é inerente à descrição da língua é o seu (ainda) menor prestígio em comparação às línguas majoritárias e hegemônicas. Altenhofen (2004) afirma que a condição de "dialeto", situado abaixo de uma norma *standard*, muitas vezes atribuída ao Hunsrückisch, deu margem a uma gama de valorações depreciativas. Como complementa o professor Cléo, rótulos como incapacidade de assimilação, desconhecimento da escrita e pouco conhecimento do português acentuaram a valoração negativa da língua minoritária. Apesar das crenças negativas ainda estarem presentes, percebo também durante coleta de dados, mudanças de atitude. Em algumas comunidades, o domínio da língua minoritária é convertido em marca distintiva de um prestígio local (Altenhofen, 2004) e de afetividade, vinculada à aquisição precoce da língua.

Também são relevantes para os estudos psicolinguísticos o uso predominantemente oral e as habilidades de escrita. Sabe-se que a língua Hunsrückisch não possui sistema de escrita padronizado (Altenhofen et al., 2007). Em princípio, se o falante almeja escrever na sua língua materna, ele depende das regras de escrita do alemão *standard,* do português ou mistas. Apesar da aparente inexistência de textos escritos em Hunsrückisch, Altenhofen et al. (2007, p. 74) identificaram um conjunto de textos que permitem falar de uma "pequena tradição escrita nessa variedade", como, por exemplo, textos humorísticos, que afloram a expressão da identidade e da cultura local. Os autores citam iniciativas de escrita em Hunsrückisch, que respaldam a sua proposta de regras de escrita (Altenhofen et al., 2007). Além disso, por meio de sobrenomes e topônimos em alemão e, em alguns casos, textos religiosos, os falantes mantêm o contato com a escrita.

Atualmente, é possível observar que os falantes querem registrar a língua, produzindo dicionários, livros, letras de música, encartes, postagens nas redes sociais, contos e poemas (Altenhofen et al., 2018). O uso das redes sociais democratizou as possibilidades de publicação. Caso o falante esteja instrumentalizado para o registro do Hunsrückisch, ele pode ter mais oportunidades de uso da língua, não se limitando à oralidade.

Para instrumentalizar os falantes a escreverem na sua língua materna, alguns grupos de pesquisa criaram normas de escrita. Conheço duas propostas de escrita consolidadas: do ESCRITHU, Grupo de Estudos da Escrita do Hunsrückisch (Altenhofen et al., 2007) e as iniciativas de sistematização de escrita do grupo Hunsrik (Wiesemann, 2008). As convenções do grupo ESCRITHU

priorizam a etimologia, seguindo as regras de escrita da língua alemã *standard* (por exemplo, *Sprooch* 'língua', *schreiwe* 'escrever' e *kemme* 'pentear'). Por outro lado, as regras do grupo de Wiesemann (2008) foram formuladas com base em convenções próprias (por exemplo, *xprooch* 'língua', *xraywe* 'escrever' e *khäme* 'pentear').

Nem todos os falantes possuem acesso às regras de escrita e não necessitam usar a língua na escrita. Por isso, a aparente ausência de um léxico ortográfico contrapõe o tema das pesquisas psicolinguísticas sobre o processamento da leitura. Esse contrassenso pode fornecer resultados interessantes, que mostram a influência do conhecimento de uma língua que, comumente, não é usada na modalidade escrita no processamento da leitura.

As descrições do Hunsrückisch também são úteis para a pesquisa psicolinguística. Elas são essenciais para a seleção de estímulos e para a compreensão dos experimentos e dos resultados. Os estímulos precisam ser precisos e sociolinguisticamente adequados. Utilizamos diferentes estudos que descrevem a variedade *Deitsch* da língua Hunsrückisch (Altenhofen & Morello, 2018; Altenhofen, 1996, 2010; Altenhofen et al., 2007; Anschau, 2010; Gewehr-Borella, 2014; Machado, 2016; Sambaquy-Wallner, 1998; Schaumloeffel, 2003; Tornquist, 1997; Wiesemann, 2008).

De modo geral, nos estudos psicolinguísticos que conduzi, foi necessário comparar o Hunsrückisch com a língua *standard* da Alemanha. No nível léxico-semântico, há diversos cognatos entre ambas as línguas. Privilegiamos a relação sincrônica entre as palavras, uma vez que, para que cognatos sejam reconhecidos como tal, é necessário que as semelhanças sejam passíveis de descrição e de categorização (usando escalas como a Levenshtein e a Van Orden). Além dos cognatos, outro aspecto chama bastante atenção é a presença de vários empréstimos do português e neologismos, como, por exemplo, *Milje* 'milho' e *Teekui* 'cuia de chimarrão'. Altenhofen (2010) também menciona os relictos da região de origem, como *Fixfeier* 'fósforo', mantidos mesmo com o afastamento do país de origem. Essa variante também sofreu mudança linguística em algumas comunidades, sendo usada a palavra *Fosfeier*, que tem influência do português. Por fim, a morfossintaxe da língua Hunsrückisch mostra-se semelhante à morfossintaxe do alemão *standard* com relação à posição do verbo principal na sentença, estrutura investigada no meu estudo sobre processamento (Limberger, 2018). Devido ao grande número de formas verbais analíticas, uma estrutura bastante recorrente em ambas as línguas em análise é a chamada *Satzklammer* (Duden, 2005). Uma diferença importante para o estudo psicolinguístico é a presença de *Satzklammer* até mesmo no tempo presente em Hunsrückisch (Tornquist, 1997), pois os falantes usam perífrases com o verbo auxiliar *tun*.

Essa diferença pode explicar o desempenho dos falantes de Hunsrückisch no processamento de sentenças.

Dialetologia e Psicolinguística em diálogo

Os estudos psicolinguísticos sobre o processamento do Hunsrückisch e sobre bilinguismo/multilinguismo têm investigado dois temas: os efeitos do bilinguismo na cognição (Billig, 2009; Kramer & Mota, 2015; Limberger, 2014) e o processamento da leitura por falantes de Hunsrückisch (Limberger, 2018).

A minha pesquisa de mestrado (Limberger, 2014) investigou as funções executivas, um construto cognitivo que se refere às habilidades envolvidas no planejamento, na iniciação, no seguimento e no monitoramento de comportamentos complexos, muito necessárias no cotidiano. O objetivo geral do estudo foi investigar o desempenho de participantes multilíngues falantes Hunsrückisch, alemão *standard* e português em comparação a bilíngues (português-Hunsrückisch) e monolíngues, em dois experimentos de funções executivas.

Tínhamos a hipótese de que o uso de duas ou mais línguas "possa exercitar" esse construto cognitivo (Bialystok et al., 2009). O recrutamento das funções executivas é necessário porque temos apenas um sistema linguístico no nosso cérebro com duas ou mais línguas que interagem entre si, ativando-se conjuntamente e influenciando-se mutuamente. As funções executivas são um construto cognitivo que bloqueia a influência linguística quando a tarefa requer que somente uma língua seja usada. No estudo, houve diferenças significativas entre o desempenho dos multilíngues e dos monolíngues nos tempos de resposta de todas as condições experimentais da tarefa não verbal. Os falantes multilíngues foram significativamente mais rápidos do que os falantes monolíngues para responderem a todos os tipos de estímulos. Esse efeito multilíngue pode ser explicado pela maior necessidade de controlar a influência das línguas no multilinguismo, porque as demandas impostas pelo número de línguas e pelos fatores de uso (inclusive na escrita de alemão *standard)* são maiores nessa configuração linguística, o que impactaria positivamente as funções executivas. No entanto, essa "vantagem" é controversa e nem sempre é encontrada nos estudos (Billig, 2009; Kramer & Mota, 2015). Não é possível, portanto, generalizar esse efeito para todos os tipos de bilinguismo, porque muitos fatores de todos os tipos podem influenciar a experiência bilíngue (Bialystok et al., 2009).

A outra linha de investigação psicolinguística envolve a leitura. O objetivo de Limberger (2018) foi investigar o processamento da leitura multilíngue e as suas bases neurais em falantes de Hunsrückisch e alemão *standard* em comparação a não falantes da língua minoritária. Foi investigada a leitura de palavras

e de sentenças. Por meio de uma tarefa de decisão lexical, verificamos o papel do conhecimento de Hunsrückisch na leitura de palavras em alemão *standard* e português, assim como a própria leitura em Hunsrückisch, seguindo as convenções desenvolvidas pelo grupo ESCRITHU (Altenhofen et al., 2007). O experimento foi aplicado em nível comportamental, no qual foram mensuradas a precisão e a velocidade de leitura. Além disso, a um subgrupo de participantes, com alto nível de proficiência em alemão *standard*, o experimento foi aplicado durante um exame de ressonância magnética funcional, para serem verificadas as respostas neurobiológicas da leitura de palavras nas três línguas. Este estudo situa-se, portanto, na interface com a Neurociência Cognitiva.

Os resultados dos testes comportamentais mostraram efeitos de interação entre as línguas no léxico mental, evidenciando que a língua minoritária oferece um suporte no processamento de palavras cognatas. Trata-se do efeito cognato, resultante do compartilhamento de representações semântico-lexicais entre as duas línguas. Além disso, o estudo evidenciou que os falantes conseguiram ler palavras escritas na sua língua materna, e o desempenho ao longo das repetições da palavra foi otimizado pelos multilíngues, que dominam as regras de escrita do alemão *standard*. Os bilíngues também conseguiram aprender a ler as palavras durante o experimento, ou seja, de forma rápida. O estudo pode contribuir, portanto, para mostrar que as representações ortográficas do Hunsrückisch podem ser adquiridas rapidamente pelos seus falantes e que o conhecimento ortográfico realmente não é nulo (Altenhofen et al., 2007). É necessário mais tempo para ler a língua minoritária, assim como para ler a língua estrangeira, mas a construção do léxico ortográfico não é cognitivamente muito onerosa.

Dessa forma, a pesquisa pode encorajar a aprendizagem das regras ortográficas propostas por Altenhofen et al. (2007), o que pode favorecer a manutenção da língua. Isso corrobora o que escrevem o professor Cléo e seus coautores no livro "Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch": "*dass ma dorich das Schreiwe unn Lese die Sproch om Lewe halle kann, das zeiche all die grosse Sproche in der Welt*"[3] (Altenhofen et al., 2018).

O exame de neuroimagem mostrou uma rede de ativação compartilhada entre as línguas. No entanto, a leitura de palavras em Hunsrückisch demandou ativação de mais recursos neurais do que a leitura de palavras em alemão *standard*, que se aproximou do desempenho da leitura em português. Esse resultado está de acordo com o maior tempo necessário para ler a língua minoritária.

3 Tradução dos autores: "Que a escrita e leitura de uma língua ajuda a mantê-la viva, o provam as grandes línguas do mundo."

Do experimento de processamento de sentenças em alemão *standard*, participaram dois grupos: um composto por falantes de Hunsrückisch, o outro por não falantes de qualquer língua minoritária de origem alemã. Todos os participantes estudaram alemão como língua estrangeira. Os resultados mostram um efeito do compartilhamento de representações léxico-semânticas (da mesma forma que na tarefa de leitura de palavras), pois houve um efeito do verbo cognato nas sentenças escritas em *Perfekt*, ou seja, escritas com *Satzklammer*. Os falantes de Hunsrückisch foram mais rápidos na leitura de sentenças com verbos cognatos no tempo verbal *Perfekt* em comparação a sentenças com verbos não cognatos.

Todos os estudos psicolinguísticos reportados nesta seção necessitam das bases dialetológicas para serem realizados. É imprescindível descrever com precisão os grupos de participantes das pesquisas da linha de bilinguismo e cognição, inclusive com relação ao uso das línguas.. Em contextos de intenso *code-switching*, como é, frequentemente, o uso das línguas nas comunidades, é possível que não seja tão necessário que os falantes controlem o uso das suas línguas. Por isso, os efeitos do bilinguismo na cognição nem sempre são encontrados nesses contextos (Abutalebi et al., 2013). A Sociolinguística e a Dialetologia nos amparam inclusive na explicação dos resultados. Nos experimentos sobre o processamento do Hunsrückisch, os estudos dialetológicos também nos fornecem a base para a descrição dos participantes e para a seleção dos estímulos. Sem amparo desses estudos, seria impossível selecionar estímulos sociolinguisticamente adequados e caracterizar adequadamente os participantes.

Potencialidades do diálogo entre Dialetologia e Psicolinguística

Estudos sobre processamento de línguas minoritárias são uma lacuna na Psicolinguística a nível mundial. As investigações brasileiras podem contribuir para preencher essa lacuna e mostrar as particularidades do bilinguismo/multilinguismo desses falantes. Há a necessidade de investigar habilidades linguísticas e cognitivas, como consciência metalinguística em geral, vocabulário, compreensão oral e leitora, intercompreensão, processamento de estruturas específicas da língua minoritária, mecanismos cognitivo-linguísticos do *code-switching* e outras capacidades cognitivas. É preciso, também, aplicar diferentes instrumentos para a avaliação do mesmo fenômeno, para que o pesquisador tenha evidências mais robustas. A Psicolinguística, além disso, por meio das suas testagens e métodos específicos, pode contribuir para a avaliação de materiais didáticos para ensino da língua minoritária. Tanto para a pesquisa quanto para o ensino, é necessário desenvolver tarefas específicas para as comunidades.

Especificamente sobre a escrita da língua minoritária, os estudos psicolinguísticos podem mostrar como ocorre a leitura de diferentes ortografias. Dessa forma, os próprios falantes podem avaliar o reconhecimento de cada sistema de escrita, elegendo o mais adequado, para instrução e adoção. Ainda, pode-se investigar a relação da estigmatização sentida pelos falantes de Hunsrückisch e o desempenho linguístico-cognitivo no processamento da oralidade e na escrita. Outra hipótese a ser testada de forma mais aprofundada nas pesquisas é a influência do Hunsrückisch no processamento da leitura em português. Experimentos com estímulos no nível da sentença e do texto podem mostrar que a língua minoritária pode desempenhar um papel inclusive no processamento da língua dominante e nas outras línguas que compõem o repertório linguístico.

Almejamos que os estudos psicolinguísticos sobre Hunsrückisch e bilinguismo/multilinguismo possam ter implicações para o ensino de Hunsrückisch e alemão como língua estrangeira (*Deutsch als Fremdsprache*) nas comunidades. As representações semânticas e fonológicas compartilhadas (cognatos) e estruturas sintáticas coexistentes, que acarretam efeitos de facilitação no processamento, podem ser aproveitadas na sala de aula para potencializar a aprendizagem. Ademais, o domínio das regras de escrita do alemão *standard* poderia ser precedido pela aprendizagem da escrita do Hunsrückisch, pois as regras coincidem e podem trazer benefícios e influências bidirecionais.

É imprescindível que os falantes tenham oportunidade de participar de atividades de conscientização linguística (Altenhofen & Broch, 2011; García, 2008), conceito que aprendi graças às aulas do professor Cléo. Dessa forma, respeitando a língua que o aluno traz de casa, a aprendizagem da língua tipologicamente semelhante pode ser potencializada (Hufeisen & Marx, 2014; Messa, 2009; Spinassé, 2005; Steffen, 2008). Os falantes precisam ter consciência dessas informações e do conhecimento precioso que possuem nas suas mentes:

> En Sproch bedeit vill meh wie nure en List Wetter ore Grammatik. Es is ooch en Zeiche fo Identitet, unn hinner jedem Wott vesteckt sich en ganz Geschicht unn hauptsechlich Mensche mit eichnem Denke unn Wille, unn en ganz persenliche Oot, die Welt se beobachte. (Altenhofen & Frey, 2006, 41)[4]

Todas as línguas são, portanto, preciosas, e os falantes precisam estar cientes disso. Os resultados da pesquisa sobre a língua minoritária precisam ser disseminados nas mídias sociais e em jornais que circulam nas comunidades e,

4 Tradução dos autores: "Uma língua significa muito mais do que uma lista de palavras ou regras gramaticais. É também um sinal de identidade, e atrás de cada palavra esconde-se uma história inteira e, principalmente, seres humanos com pensamentos e vontades próprios e uma maneira toda pessoal de observar o mundo."

ainda, em oficinas e palestras. São esforços conjuntos que requerem muito trabalho, mas são necessários para a promoção e a manutenção de qualquer língua minoritária.

Considerações finais

Podemos dizer que o tímido diálogo iniciado lá em 2005 rende frutos. A generosidade do professor Cléo em compartilhar suas habilidades e seus conhecimentos em prol da língua Hunsrückisch e de outras línguas minoritárias possibilita a expansão das pesquisas. Este capítulo pretendeu mostrar que o legado do professor tem implicações para além da sua área de atuação na pesquisa (Sociolinguística e Dialetologia).

Estudos psicolinguísticos e neurocientíficos sobre línguas minoritárias podem oferecer uma contribuição para o entendimento do multilinguismo em suas diversas configurações e mostrar facetas da interação entre oralidade e escrita no desempenho linguístico. Espera-se que a interface entre Dialetologia e Psicolinguística consiga fornecer uma contribuição relevante para o ensino de línguas minoritárias e adicionais bem como para a manutenção das línguas minoritárias.

Referências

Abutalebi, J., Della Rosa, P. A., Ding, G., Weekes, B., Costa, A., & Green, D. W. (2013). Language proficiency modulates the engagement of cognitive control areas in multilinguals. *Cortex*, *49*(3), 905–911. https://doi.org/10.1016/j.cortex.2012.08.018

Altenhofen, C. V., & Frey, J. (2006). Das bresilionische Deitsch unn die deitsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red fo die Sprocherechte. *Revista Contingentia*, *1*(51), 39–50.

Altenhofen, C. V., & Morello, R. (2018). *Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil*. Editora Garapuru.

Altenhofen, C. V., & Broch, I. K. (2011). Fundamentos para uma "pedagogia do plurilinguismo" baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). In L. E. Behares (Ed.), *V Encuentro Internacional de investigadores de políticas lingüísticas* (pp. 15–24). Universidad de la República Uruguay.

Altenhofen, C. V., Frey, J., Käfer, M. L., Klassmann, M. S., Neumann, G. R., & Spinassé, K. P. (2007). Fundamentos para a escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. *Revista Contingentia*, *2*(1), 73–87.

Altenhofen, C. V., Prediger, A., & Habel, J. M. (2018). A escrita do Hunsrückisch. In C. V. Altenhofen, G. R. Neumann, J. M. Habel, & A. Prediger (Eds.), *Hunsrückisch em prosa & verso* (pp. 23–34). Editora do Instituto de Letras – UFRGS.

Altenhofen, C. V. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Steiner.

Altenhofen, C. V. (2004). Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguistica Iberoamericana*, *2*(1), 83–93.

Altenhofen, C. V. (2010). Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien. In F. Boller (Ed.), *Festschrift für Harald Thun zum 60. Geburtstag* (pp. 1–26). Westensee-Verlag.

Altenhofen, C. V. (2013). Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista Norte@mentos*, *6*(12), 31–52.

Anschau, F. (2010). *Bases Teórico-metodológicas para a elaboração de um Dicionário do Hunsrückisch falado no Brasil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.

Bathia, T. K.; Ritchie, W. C. (2013). *The Handbook of Bilingualism and Multilingualism*. 2. ed. Blackwell Publishing Ltd.

Bialystok, E., Craik, F. I. M., Green, D. W., & Gollan, T. H. (2009). Bilingual Minds. *Psychological Science in the Public Interest*, *10*(3), 89–129. https://doi.org/10.1177/1529100610387084

Billig, J. (2009). Bilinguismo e envelhecimento: efeitos no controle cognitivo [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.

Corrêa, L. S. (2020, 5 de dezembro). *Como a pesquisa psicolinguística pode contribuir para os campos da saúde e da educação?* https://www.youtube.com/watch?v=9U1uFwhTmSE&t=369s. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

Duden. (2005). *Die Grammatik: Unentbehrlich für richtiges Deutsch*. Dudenverlag.

García, O. (2008). Multilingual language awareness and teacher education. In N. H. Hornberger (Ed.), *Encyclopedia of language and education* (pp. 2130–2145). Springer US. https://doi.org/10.1007/978-0-387-30424-3_163

Gewehr-Borella, S. (2014). '*Tu dampém fala assim?*' *Macroanálises pluridimensionais da variação da sonorização e dessonorização das oclusivas do*

português de falantes bilíngues hunsriqueano [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.

Hufeisen, B., & Marx, N. (2014). *EuroComGerm – Die sieben Siebe: Germanische Sprachen lesen lernen*. Shaker.

Kramer, R., & Mota, M. B. (2015). Effects of bilingualism on inhibitory control and working memory: a study with early and late bilinguals. *Gragoatá*, *38*, 309–331.

Limberger, B. K. (2008). *A co-construção de narrativas entre mães e filhos falantes de alemão numa comunidade teuto-brasileira* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. São Leopoldo.

Limberger, B. K. (2014). *O desempenho de bilíngues e multilíngues em tarefas de controle inibitório e compreensão auditiva* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.

Limberger, B. K. (2018). *Processamento da leitura e suas bases neurais: um estudo sobre o hunsriqueano* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.

Machado, L. L. (2016). *Standard e substandard em contato com o português: variaçãoo na competencia de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.

Messa, R. M. (2009). *O papel do dialeto no aprendizado do alemão padrão* [Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. São Leopoldo.

Sambaquy-Wallner, V. (1998). *A língua alemã em São José do Hortêncio – RS*. EDUCS.

Schaumloeffel, M. A. (2003). *Estudo da Interferência do Português da Variedade Dialetal Hunsrü̈ck Falada em Boa Vista do Herval* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Curitiba.

Spinassé, K. P. (2005). *Deutsch als Fremdsprache in Brasilien: Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen*. Peter Lang.

Steffen, J., & Altenhofen, C. V. (2014). Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. *Zeitschrift Für Dialektologie Und Linguistik*, *81*(1), 34–60.

Steffen, J. (2008). A vantagem de falar dialeto: aproveitar as variedades não-padrão para a construção de comunidades multilíngües. *Revista Contingentia*, *3*(2), 67–76.

Tornquist, I. M. (1997). *"Das hon ich von meiner Mama": zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul*. Department of German, Umeå University.

Verband Deutscher Vereine. (1999). *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*. Editora Unisinos.

Wiesemann, U. (2008). Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul. *Associação Internacional de Lingüística–SIL*.

Ingrid Finger

Bilinguismo e Plurilinguismo: Conversas entre a Psicolinguística e a Sociolinguística

Abstract: Current approaches in the area of Psycholinguistics of Bilingualism have provided a refinement of our understanding of the relationship between bilingualism and cognition through the identification of a wealth of factors that characterize the diversity of the bilingual experience and that modulate this relationship, determining how the brain and cognition are affected by the individual's linguistic experience. The present chapter aims to discuss the role of the interactional context in the linguistic performance in bilinguals, recognizing the role of culture and context as constituents of human experience associated with linguistic, cognitive and neural mechanisms underlying language use. In order to do that, I present a review of some current studies conducted at the interface between the Psycholinguistics of Bilingualism and Sociolinguistics which emphasize the importance of including, in research that focuses on the investigation of linguistic and cognitive processing in bilinguals and plurilinguals, a greater consideration of the sociolinguistic and sociocultural contexts that permeate the use of language, accounting for the enormous richness that characterizes the bilingual experience.

Keywords: Psycholinguistics of Bilingualism, Sociolinguistics, bilingual experience.

Meu contato profissional mais intenso com o Professor Cléo V. Altenhofen, por quem nutro grande admiração pessoal e o mais profundo respeito acadêmico, se deu em 2009, quando ministramos uma disciplina juntos no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Na época, plantamos uma semente de colaboração que, devido às intensas demandas de trabalho que ambos temos tido desde então, ainda não floresceu, embora a intenção de desenvolvermos pesquisas que abordem os aspectos psicolinguísticos e sociolinguísticos do bilinguismo e do plurilinguismo seja manifesta em praticamente todos os encontros que temos tido nos corredores da Universidade nos últimos 13 anos.

A disciplina que ministramos em conjunto, intitulada **Seminário de Aquisição da Linguagem: interrelações entre cognição e contexto sociocultural** teve como objetivo introduzir, revisar e discutir questões centrais da aquisição de línguas no que se refere às interrelações entre aspectos cognitivos e sociais e ao papel da cultura e do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo, analisando as implicações desses conhecimentos para a educação, o ensino de L1 e L2, a socialização e a política linguística, tendo por base diferentes estudos de aquisição e ensino bilíngue no contexto brasileiro. Nos encontros, que foram de uma

riqueza incomparável, realizamos discussões bastante profícuas e avançadas, que focaram nas interrelações entre os aspectos cognitivos e sociais que permeiam a aquisição e uso da linguagem em indivíduos bilíngues e plurilíngues, a partir de estudos com viés cognitivo e sociolinguístico.

No presente capítulo, retomo um pouco a conversa iniciada em 2009, apresentando uma reflexão, a partir da área em que eu atuo, a Psicolinguística do Bilinguismo, sobre a importância de aprimorarmos as oportunidades de colaboração na pesquisa em bilinguismo e plurilinguismo realizada no âmbito da UFRGS, com a intenção de fazer um convite para dar continuidade àquela parceria iniciada há tanto tempo atrás. Trago aqui a contribuição de uma série de estudos atuais que investigam vários temas relacionados a bilinguismo e cognição e que, cada vez mais intensamente, tem chamado a atenção para a necessidade de que as pesquisas na área considerem a inegável diversidade das experiências sociolinguísticas e socioculturais no processamento linguístico e cognitivo em indivíduos que dominam duas ou mais línguas. Espero, com isso, contribuir para que possamos avançar de forma conjunta, a partir da consideração de que o bilinguismo e o plurilinguismo são experiências complexas e diversificadas e que uma maior compreensão dessa complexidade somente é possível a partir da realização de estudos interdisciplinares, nos quais seja fomentado o diálogo entre as várias áreas da Linguística e os diferentes campos do conhecimento.

Este capítulo está organizado em três seções. Na primeira, apresento uma caracterização do escopo das pesquisas realizadas na Psicolinguística do Bilinguismo. A seguir, discuto brevemente os principais achados advindos das pesquisas nessa área sobre os efeitos da experiência bilíngue na linguagem e na cognição. Por fim, apresento uma revisão de alguns estudos atuais que se localizam na interface entre a Psicolinguística do Bilinguismo e a Sociolinguística e que enfatizam a importância de se incluir, nas pesquisas que focam na investigação do processamento linguístico e cognitivo em bilíngues e plurilíngues, uma maior consideração dos contextos sociolinguísticos e socioculturais que permeiam o uso da linguagem, dando conta da enorme riqueza que caracteriza a experiência bilíngue.

O que é a Psicolinguística do Bilinguismo?

Para compreendermos a Psicolinguística do Bilinguismo, torna-se essencial antes compreendermos do que trata a pesquisa em Psicolinguística, uma subárea da Linguística que é muitas vezes também chamada de Psicologia da Linguagem. A Psicolinguística tem como foco investigar os fatores

psicológicos e neurobiológicos que subjazem nossa capacidade de adquirir, compreender e usar a linguagem em variados contextos comunicativos. Nesse sentido, a Psicolinguística se ocupa da relação entre a linguagem e a mente humana, investigando de que forma palavras, expressões, frases e discurso são representados em nossa mente e são processados através de mecanismos cognitivos em nosso cérebro, tanto na compreensão quanto na produção da linguagem.

Em suma, a Psicolinguística é uma área de pesquisa que busca essencialmente respostas para a seguinte pergunta: *Quais processos linguísticos e cognitivos estão envolvidos no uso da linguagem?* Ou seja, os psicolinguistas buscam descobrir como somos capazes de fazer tudo o que fazemos com a linguagem, o que está por trás de compreender e falar tanto a língua oral quanto a língua escrita. Para isso, elaboram perguntas de pesquisa como, por exemplo: De que forma as ondas sonoras de uma palavra são percebidas pelos nosso ouvido em menos de meio segundo e reconhecidas por nós como uma unidade de significado, a partir da qual somos capazes de interpretar a mensagem que o falante teve a intenção de transmitir? O que torna os indivíduos, ao falar ou escrever, capazes de encontrar, dentre um enorme repertório lexical, as palavras que querem usar de forma a organizá-las em frases que façam sentido e que possibilitem que o ouvinte ou leitor compreenda a sua intenção comunicativa em variados contextos?

Quando perguntas como essas se referem a indivíduos bilíngues ou multilíngues, capazes de usar mais de uma língua em seu dia a dia, obviamente elas adquirem um maior nível de complexidade. Esse é justamente o escopo da Psicolinguística do Bilinguismo, uma área de pesquisa bastante recente (Grosjean; Li, 2014; Finger, 2015), mas que tem trazido contribuições importantes para nossa compreensão sobre como a linguagem é processada em nossa mente e de que forma mecanismos cognitivos como atenção, funções executivas e memória de trabalho, por exemplo, regulam o funcionamento da linguagem humana.

É importante ressaltar que tanto a Psicolinguística quanto a Psicolinguística do Bilinguismo fazem uso de métodos experimentais rigorosos, advindos da Psicologia Cognitiva, e empregam procedimentos de observação de situações de uso da linguagem e de pesquisa realizada em laboratórios, muitas vezes com o auxílio de softwares e aparelhos de neuroimagem. Dessa forma, procura-se analisar os diferentes aspectos que compõem essa incrível capacidade humana de uso rápido, eficaz e altamente qualificado da língua materna ou, no caso bilíngues e plurilíngues, de mais de uma língua. Alguns desses achados serão brevemente apresentados a seguir.

O que se sabe hoje sobre a mente bilíngue: os efeitos da experiência bilíngue na linguagem e na cognição

Um dos achados mais importantes da pesquisa em Psicolinguística do Bilinguismo nas últimas décadas é de que a experiência de uso intenso de duas ou mais línguas traz **mudanças neurobiológicas** importantes e afeta **domínios linguísticos** (de representação e uso da linguagem) bem como **domínios cognitivos não linguísticos** (relacionados à cognição geral). Os efeitos da experiência de uso de mais de uma língua na mente em ambos em domínios linguísticos e cognitivos serão abordados a seguir.

No que se refere a **domínios linguísticos**, um grande número de estudos tem consistentemente demonstrado que o processamento da linguagem em bilíngues é fundamentalmente não seletivo, o que significa dizer que os falantes não colocam uma língua de lado ao utilizarem a outra, pois há ativação simultânea das representações mentais das duas línguas do indivíduo. Nesse sentido, as duas línguas do bilíngue – ou as muitas línguas, no caso de indivíduos plurilíngues – estão em constante interação, mesmo em contextos comunicativos em que há demanda de uso de apenas uma língua. Por estarem sempre ativadas e em interação, as duas línguas do bilíngue estão constantemente interferindo uma na outra, tanto na compreensão quanto na produção da linguagem. Esse processo, denominado de coativação linguística (Francis, 1999; Colomé, 2001; Marian; Spivey, 2003; Wu; Thierry, 2010; Kroll et al., 2014), evidencia que a interferência entre as línguas do bilíngue é bidirecional, ou seja, tanto a língua materna (L1) interfere no processamento da segunda língua (L2) como o conhecimento de uma L2 (Pereyron; Alves, 2019; DeGroot, 2020), ou apenas a experiência de residir em um contexto de multilinguismo (Bice; Kroll, 2019) afeta o processamento da L1. Os efeitos bidirecionais da interferência entre as línguas do bilíngue têm sido constatados em vários domínios linguísticos como, por exemplo, na percepção e produção de sons da fala (ver, por exemplo, Alves, Luchini e Schereschewsky, 2019), nas redes semânticas e no léxico (Ameel; Malt; Storms; van Assche, 2009), e no processamento sintático e morfossintático (Fernández, 2003; Dussias; Sagarra, 2007; Dussiaset al., 2019).

O fato de as duas línguas do bilíngue estarem em constante interação e mesmo contextos comunicativos unilíngues não evitarem ativação e influência de uma língua na outra em situações de compreensão e produção traz consequências importantes para o processamento da linguagem em indivíduos bilíngues e plurilíngues. Quando os bilíngues fazem uso de estratégias de *code-switching* (Muysken, 1995), por exemplo, nas quais há a inserção de palavras ou expressões de uma língua na outra ou, até mesmo, quando o indivíduo intercala

frases completas em suas duas línguas em contextos comunicativos que permitem esse tipo específico de uso da linguagem, vemos claramente essa ativação simultânea das línguas do bilíngue. Nesse sentido, uma característica importante do emprego de estratégias de c*ode-switching* é justamente o fato de que esse processo envolve algum nível de controle cognitivo; mesmo que o falante não esteja completamente consciente da escolha linguística que está fazendo, em alguma medida, expressa controle sobre sua produção, pois estratégias de *code-switching* somente são empregadas em contextos em que a interação comunicativa permite que elas aconteçam. Além disso, é importante ressaltar também que o *code-switching* não se restringe a aprendizes iniciantes de uma segunda língua, sendo uma estratégia empregada de forma muito natural por falantes altamente proficientes e de todas as idades.

Uma outra manifestação da coativação linguística que caracteriza o domínio da linguagem em bilíngues são os processos de transferência ou interferência interlinguística que, ao contrário do *code-switching*, revelam-se como processos inconscientes no uso da linguagem por parte desses indivíduos. Nas pesquisas em Aquisição de Segunda Língua, evidências de que o conhecimento que os indivíduos possuem de uma língua afeta o desenvolvimento da outra têm sido apontadas há décadas (Gass; Selinkerr, 1983), sendo que os estudos pioneiros sobre transferência interlinguística foram desenvolvidos no escopo da Análise Contrastiva (Lado, 1957, 1964), a partir da teoria behaviorista de aprendizagem, ressaltando a preocupação com as situações de "interferência" negativa da L1 na produção oral em L2 no caso de adultos aprendizes iniciantes de uma L2. Atualmente, entretanto, além de reconhecer que não se trata de um fenômeno característico somente da produção oral, as pesquisas sobre a transferência ou interferência interlinguística passaram não somente a reconhecer que ela é bidirecional, ou seja, pode ocorrer tanto da L1 para a L2 quanto da L2 para a L1, mas também que manifestações de interferência interlinguística constituem parte natural do processo de desenvolvimento linguístico de qualquer aprendiz de uma segunda língua.

As pesquisas que investigam a possibilidade de a experiência bilíngue modificar a cognição geral e a estrutura do cérebro começaram a ser investigados há mais de duas décadas, a partir das pesquisas conduzidas pela canadense Ellen Bialystok (Bialystok; Majumder, 1998; Bialystok, 1999; 2006; Bialystok; Martin, 2004; Bialystok; Shapero, 2005; Bialystok et al., 2004; 2005; Martin-Rhee; Bialystok, 2008) e têm crescido de forma exponencial nos últimos anos. O debate central na literatura diz respeito à investigação de se a experiência de lidar cotidianamente com duas línguas estaria, de alguma forma, associada ao melhor desempenho do indivíduo em tarefas cognitivas não verbais que medem

o que passou a ser conhecido na literatura como 'funções executivas' (FEs), um conjunto de processos mentais de alta ordem que regem nossa capacidade de, entre outras coisas, prestar atenção e planejar nossas ações e que envolveriam, entre outros, o controle inibitório, a flexibilidade cognitiva e a memória de trabalho (Diamond, 2013).

Um grande número de artigos apresenta revisões detalhadas desses estudos (Antoniou, 2019; Bialystok, 2017), alguns apresentando meta-análises que corroboram a existência de efeitos positivos (Adesope et al., 2010; Grundy, 2020; Grundy; Timmer, 2017) bem como de efeitos nulos da experiência bilíngue na cognição (Lehtonen et al., 2018), através da comparação de desempenho entre monolíngues e bilíngues em tarefas que avaliam principalmente controle inibitório, flexibilidade cognitiva e memória de trabalho.

Mas, afinal, qual a razão de se esperar que os bilíngues apresentem vantagens cognitivas, demonstrando melhor desempenho em tarefas cognitivas que avaliam componentes das funções executivas, em comparação a indivíduos monolíngues? Tal expectativa baseia-se no raciocínio apresentado a seguir.

A partir da constatação de que ambas as línguas do bilíngue estão sempre ativadas, como vimos acima, passou-se a observar que estratégias como *code-switching* são gerenciadas por um mecanismo de controle cognitivo bastante sofisticado, que parece regular o emprego das duas línguas a partir das demandas do contexto interacional, mantendo a estrutura na língua base sempre gramatical. Nessa perspectiva, assume-se que os componentes centrais das funções executivas, especialmente o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva, parecem ser responsáveis pela regulação feita pelo indivíduo sobre qual a língua a ser usada em cada contexto específico, alternando o uso de línguas, excluindo a língua não alvo e permitindo intrusões controladas sempre que a interação entre os indivíduos possibilitar (Martin-Rhee; Bialystok, 2008; Misra et al., 2012).

A suposição que está por trás da chamada 'hipótese da vantagem bilíngue', portanto, é a de que os indivíduos que regularmente fazem uso de mais de uma língua no seu dia a dia, uma capacidade relacionada ao processamento linguístico, experienciam décadas de prática de emprego de controle cognitivo ao regularem esse processamento linguístico. Ou seja, em indivíduos bilíngues, um processamento de natureza linguística seria realizado por redes neurais de natureza cognitiva mais geral, e essa prática cotidiana reforçaria essas mesmas redes neurais de forma única em bilíngues[228]. Mais recentemente, alguns pesquisadores têm argumentado a favor da consideração da atenção como um mecanismo cognitivo central que subjaz o processamento de todos os componentes das funções executivas. Nessa perspectiva, as diferenças atestadas entre

monolíngues e bilíngues refletem diferenças na eficácia e no emprego do controle atencional entre esses grupos. Bialystok; Craik, (2022).

Além de trazer vantagens cognitivas, a experiência de uso de múltiplas línguas tem sido investigada, através de estudos de neuroimagem, como um fator importante de estilo de vida saudável que pode contribuir de forma significativa para a preservação da saúde cerebral em idosos e pode servir como uma espécie de reserva cognitiva. O conceito de 'reserva cognitiva' (*cognitive reserve*) foi criado por Stern (2009), e está associado à capacidade de o indivíduo manter preservadas suas funções cognitivas apesar da existência de lesões importantes nas redes neurais que normalmente comprometeriam seu funcionamento (neuropatologia). Assim como exercício físico, alimentação saudável, ocupação profissional estimulante e rica interação social, consideradas fundamentais para a preservação da saúde física e mental em idosos, a experiência de uso intenso de mais de uma língua também tem sido investigada como um fator de manutenção da saúde e, portanto, de reserva cognitiva no envelhecimento (ver Gallo et al., 2022, para uma revisão recente).

Um grande número de estudos tem, inclusive, sugerido que o bilinguismo atua como um fator importante de retardo de até 5 anos nos primeiros sintomas de demências, como o Declínio Cognitivo Leve e a Doença de Alzheimer, que impactam de forma significativa as redes neurais, a cognição e a linguagem. Tais estudos sugerem que o bilinguismo atuaria como uma espécie de mecanismo compensatório que combateria a deterioração cognitiva (Bialystok; Craik; Freedman, 2007; Bak et al., 2014; Méndez; Chávez; Akhlaghipour, 2019; Berkes et al. 2021; Bialystok, 2021).

Um importante estudo que contribuiu para esse debate foi o de Alladi et al. (2013) com 648 participantes na Índia, no qual os autores relatam um atraso de 4–5 anos nos sintomas de demência em bilíngues em comparação com monolíngues. Um dos aspectos que merecem destaque nessa pesquisa é justamente o nível educacional dos participantes, um aspecto que muitas vezes não é levado em consideração nos estudos realizados nos Estados Unidos e Canadá. Na análise separando os participantes analfabetos dos que tinham níveis de escolaridade mais altos, os autores observaram um retardo ainda maior no aparecimento dos primeiros sintomas de demência (6 anos) em bilíngues, sugerindo que os efeitos benéficos da experiência de uso de mais de uma língua como um fator de reserva cognitiva podem ser ainda mais impactantes em indivíduos que possuem baixos níveis de escolaridade. Segundo Liu e Wu (2021), de certa forma, o bilinguismo pode ser considerado como uma intervenção farmacológica que não possui contraindicações, embora ainda sejam necessários estudos

mais avançados para mensurarmos os melhores parâmetros do bilinguismo que, de fato, impactam na reserva cognitiva.

Uma implicação importante desse paradigma de investigação é a de que o tipo de experiência bilíngue que é vivenciado pelo indivíduo – e que obviamente varia enormemente de pessoa para pessoa – vai determinar de forma única sua capacidade cognitiva. Vários estudos têm dado suporte a esse tipo de discussão, que será abordada em maior detalhe na próxima seção.

Revisão dos estudos atuais que se localizam na interface entre a Psicolinguística do Bilinguismo e a Sociolinguística: considerando a diversidade da experiência bilíngue

Em um artigo publicado em 2021, a pesquisadora Ellen Bialystok, um dos maiores nomes da pesquisa em bilinguismo e cognição, defendeu a ideia de que o debate sobre uma possível vantagem cognitiva dos bilíngues se baseia em uma visão reducionista e simplista tanto da definição de bilinguismo como da natureza das habilidades cognitivas que se modificam a partir da experiência bilíngue. Segundo ela, o bilinguismo pode ser visto como uma "fatia de queijo suíço" que, em conjunto com outras fatias no pacote (ou seja, outras características individuais, como *status* socioeconômico ou escolaridade, por exemplo) impactam a cognição humana. Da mesma forma, "o bilinguismo pode ser considerado um próprio pacote de queijo suíço, com as diferentes manifestações da experiência bilíngue trazendo buracos em diferentes lugares que, juntos, definem a experiência bilíngue" (p.2).

De fato, um crescente número de pesquisas desenvolvidas no exterior, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, tem enfatizado o impacto do contexto de uso no processamento linguístico em bilíngues. Beatty-Martínez, ValdésKroff e Dussias (2018), por exemplo, apresentam uma proposta de investigação do fenômeno de *code-switching* que integra pesquisas experimentais e de *corpus* com vistas a melhor examinar a complexa relação entre forma linguística e uso, variação e processamento considerando as muitas formas através das quais a experiência bilíngue pode influenciar o processamento linguístico.

Beatty-Martínez et al. (2020), por sua vez, investigam as consequências trazidas por diferentes contextos de uso de língua nos recursos cognitivos que subjazem o processamento linguístico, em especial o controle cognitivo. Na pesquisa, foram testados três grupos de bilíngues adultos altamente proficientes em espanhol e inglês, que diferiam somente em relação aos contextos de uso diário de suas línguas. No que os autores chamaram de contexto separado

(*separated context*), foram incluídos participantes inseridos em um contexto em que o espanhol é a língua predominante, que moravam na Espanha e relataram usar inglês em contextos muito específicos, como no trabalho ou na Universidade, raramente fazendo uso simultâneo de duas línguas em um mesmo contexto. Por outro lado, os participantes incluídos no grupo denominado contexto integrado (*integrated context*), residiam em Porto Rico, um contexto em que o espanhol é a língua predominante na comunidade, mas no qual se usa inglês com muita frequência e onde *code-switching* é empregado com regularidade. Por fim, no que os autores chamaram de contexto variado (*varied context*), foram incluídos indivíduos que nasceram e foram criados em ambientes nos quais espanhol é a língua dominante, mas que se mudaram para os Estados Unidos durante a infância ou adolescência e que, na época do estudo, declararam possuir uso restrito do espanhol (por estarem longe da família) e praticamente não fazer uso de *codes-witching*. Os participantes realizaram duas tarefas de produção de vocabulário e uma tarefa não linguística que avalia controle cognitivo, a AX-CPT. Os resultados apontaram que o acesso lexical em cada uma das línguas e a forma como esse acesso envolveu recursos cognitivos dependeu das práticas de uso da linguagem e demandas particulares dos contextos de uso de língua nos quais os participantes da pesquisa estavam inseridos. Na verdade, o maior índice de acerto na tarefa de nomeação de figuras foi modulado pelo controle inibitório somente para os participantes que residiam nos Estados Unidos. Os autores chamam a atenção para o fato de que essa diferença entre grupos revela a importância de se considerar o contexto particular de uso de linguagem nos quais os participantes estão inseridos, a fim de se identificar a complexidade envolvida no uso da linguagem em bilíngues. Eles salientam ainda que, em muitos estudos, a tendência seria considerar todos os falantes de espanhol investigados por eles como fazendo parte de um único grupo de participantes bilíngues, falantes de espanhol-inglês, e que isso poderia levar a "uma falha na caracterização da complexidade associada com o contexto de uso de língua" (Beatty-Martínez et al., 2020, p. 15). Além disso, os resultados obtidos pelos autores chamam a atenção para o fato de que bilíngues altamente proficientes de uma mesma língua não necessariamente empregam seus recursos cognitivos de modo semelhante, o que reforça a necessidade de avançarmos na caracterização da enorme diversidade de contexto de aquisição e uso da linguagem em pesquisas com participantes bilíngues (Kroll et al., 2018; Wigdorowitz et al., 2020; Luk; Grundy, 2022).

Uma outra constatação relevante é que fica claro também que os bilingues não empregam um único padrão de uso de seus recursos cognitivos e que, para que as consequências cognitivas da experiência bilíngue possam ser mais bem

identificadas e compreendidas, torna-se essencial buscar formas mais precisas de caracterizar a complexidade associada aos diversos contextos socioculturais e sociolinguísticos que envolvem o uso da linguagem em contextos multilíngues.

Outro aspecto importante a ser investigado refere-se ao papel de contextos passivos de exposição a outras línguas na construção do repertório linguístico dos falantes, até mesmo em sua língua materna. Por exemplo, em um estudo desenvolvido nos Estados Unidos por Bice e Kroll (2019), as autoras constataram que participantes falantes monolíngues de inglês imersos em um contexto rico de multilinguismo (sul da Califórnia, onde a população de imigrantes de origem hispânica e asiática é enorme e várias línguas são faladas) demonstraram maior predisposição a aprender uma outra língua em comparação a monolíngues de inglês que residiam no interior da Pensilvânia, um contexto de menor diversidade linguística e cultural.

Mais recentemente, Gullifer e colegas propuseram o construto "entropia linguística" (*language entropy*) como uma medida do nível de complexidade dos variados contextos sociais nos quais cada uma das línguas do bilíngue são usadas (Gullifer et al., 2018; Gullifer; Titone, 2020; 2021). Nessa perspectiva, quaisquer possíveis consequências cognitivas que possam advir da experiência bilíngue serão determinadas pela forma através da qual as duas línguas são usadas cotidianamente pelos falantes. O que tais estudos têm sido capazes de demonstram, inclusive, é que níveis mais altos de entropia estão associados com desempenhos mais eficazes em tarefas que avaliam funções executivas. Da mesma forma, outros fatores relacionados ao uso da língua têm sido descritos como determinantes para a relação entre uso da língua e desempenho cognitivo, como a adoção de estratégias de *code-switching*, através da comparação entre *language switchers* e *non-switchers* (Prior & Gollan, 2011, 2013).

Em todos esses estudos, o que fica claro é que os contextos sociolinguísticos e socioculturais que permeiam a aquisição e o uso das línguas do bilíngue determinam a estrutura e o funcionamento cognitivo desses indivíduos e que o bilinguismo não pode ser visto como uma experiência dicotômica ou binária. Ao contrário, mais do que nunca se torna necessário considerar o bilinguismo como um contínuo dinâmico, que é construído e mantido a partir das condições de uso das línguas que compõem o repertório do indivíduo (DeLuca et al., 2019; DeLuca et al., 2020) e ir além da classificação dos participantes de pesquisas em grupos de monolíngues *vs*. bilíngues, a partir de critérios simplificados e com base em respostas a uma simples questão sobre quantas línguas a pessoa é capaz de usar. Enfoques mais atuais têm proporcionado um refinamento

da nossa compreensão sobre a relação entre bilinguismo e cognição através da identificação de uma riqueza de fatores que caracterizam a diversidade da experiência bilíngue e que podem modular essa relação, determinando de que forma o cérebro e a cognição são afetados pela experiência bilíngue. Reforçando esse argumento, Pliatsikas e colegas (2020) defendem que uma melhor caracterização das mudanças na estrutura e funcionamento do cérebro relacionados ao bilinguismo estão intrinsecamente relacionadas às especificidades das experiências individuais dos bilíngues, que não podem ser detectadas através de simples e tradicionais comparações entre monolíngues e bilíngues. Para os autores, está mais do que na hora de levarmos em consideração a quantidade e a qualidade do uso da linguagem se quisermos compreender as adaptações cognitivas e neurais resultantes do bilinguismo.

Considerações finais

Os estudos discutidos acima chamam a atenção para a dificuldade e importância de encontrarmos, nas pesquisas sobre bilinguismo e cognição desenvolvidas a partir da Psicolinguística do Bilinguismo, formas mais eficazes e abrangentes de caracterizar e descrever os diversos tipos de experiência bilíngue. Como visto anteriormente, por envolverem situações de vida multidimensionais e complexas, o bilinguismo e o plurilinguismo não podem ser avaliados através de classificações simplistas e dicotômicas, que comparam monolíngues e bilíngues e que falhem em considerar a variabilidade dos contextos sociais que determinam o comportamento linguístico dos indivíduos e que se modificam no decorrer das circunstâncias da vida. Nesse sentido, ressalto a importante contribuição que o arcabouço teórico e metodológico acumulado pela pesquisa sociolinguística pode vir a dar para o avanço nas pesquisas cognitivas sobre o bilinguismo e o plurilinguismo.

No caso dos estudos conduzidos no âmbito da UFRGS, mais especificamente, registro aqui um convite para que possamos atuar de forma cada vez mais colaborativa na construção de desenhos de pesquisa em bilinguismo e plurilinguismo que investiguem como se dá o processamento linguístico e cognitivo em indivíduos que dominam duas ou mais línguas, considerando a inegável variabilidade e diversidade das experiências sociolinguísticas e socioculturais a que são expostos os participantes de nossos estudos. Dessa forma, poderemos contribuir para uma maior compreensão científica e socialmente informada da experiência plurilíngue, avançando o debate científico de forma a ampliar o escopo de ciências específicas e transcender os espaços estritamente disciplinares.

Referências

Adesope, O. O.; Lavin, T.; Thompson, T.; Ungerleider, C. A systematic review and meta-analysis of the cognitive correlates of bilingualism. *Review of Educational Research,* v.80, p. 207–245, 2010.

Alladi, S.; Bak, T. H.; Duggirala, V.; Surampudi, B.; Shalaja, M.; Shukla, A. K.; Kaul, S. Bilingualism delays age at onset of dementia, independent of education and immigration status. *Neurology*, v.81, n.22, p. 1938–1944, 2013.

Alves, U. K.; Luchini, P. L.; Schereschewsky, L. C. L2 development and L1 attrition in an L1-dominant environment: analysing voice onset time in L1 Spanish and L2 English. *Estudos da Língua(gem),* v.17, n.2, p. 159–182, 2019.

Ameel, E.; Malt, B. C.; Storms, G.; Van Assche, F. Semantic convergence in the bilingual lexicon. *Journal of Memory and Language,* v.60, n.2, p. 270–290, 2009.

Antoniou, M. The advantages of bilingualism debate. *Annual Review of Linguistics,* v.5, p. 1–21, 2019.

Bak, T. H.; Nissan, J. J.; Allerhand, M. M.; Deary, I. J. Does bilingualism influence cognitive aging? *Annals of Neurology*, v.75, n.6, p. 959–963, 2014.

Beatty-Martínez, A. L.; Navarro-Torres, C. A.; Dussias, P. E.; Bajo, M. T.; Guzzardo Tamargo, R. E.; Kroll, J. F. Interactional context mediates the consequences of bilingualism for language and cognition. *Journal of experimental psychology. Learning, Memory, and Cognition*, v.46, n.6, p. 1022–1047, 2020.

Beatty-Martínez, A.L.; Kroff, J.R.V.; Dussias, P.E. From the field to the lab: A converging methods approach to the study of codeswitching. *Languages*, v.3, n.19, 2018;

Berkes, M.; Calvo, N.; Anderson, J. A. E.; Bialystok, E. Poorer clinical outcomes for older adult monolinguals when matched to bilinguals on brain health. *Brain Structure and Function,* v.226, p. 415–424, 2021.

Bialystok, E. Bilingualism: Pathway to Cognitive Reserve. *Trends in Cognitive Sciences*, v.25, p. 355–364, 2021.

Bialystok, E. Cognitive complexity and attentional control in the bilingual mind. *Child Development,* v.70, n.3, p. 636–644, 1999.

Bialystok, E. Effect of bilingualism and computer video game experience on the Simon task. *Canadian Journal of Experimental Psychology,* v.60, n.1, p. 68–79, 2006.

Bialystok, E. The bilingual adaptation: How minds accommodate experience. *Psychological Bulletin*, v.143, n.3, p. 233–262, 2017.

Bialystok, E. The signal and the noise. *Linguistic Approaches to Bilingualism,* v.6, n.5, p. 517–534, 2016.

Bialystok, E.; Craik, F. I. M.; Klein, R.; Viswanathan, M. Bilingualism, aging, and cognitive control: Evidence from the Simon task. *Psychology and Aging*, v.19, n.2, p. 290–303, 2004.

Bialystok, E.; Craik, F. I.; Freedman, M. Bilingualism as a protection against the onset of symptoms of dementia. *Neuropsychologia*, v.45, n.2, p. 459–464, 2007.

Bialystok, E.; Craik, F.I.M. How does bilingualism modify cognitive function? Attention to the mechanism. *Psychonomic Bulletin &* Review, v.29, p. 1246–1269, 2022.

Bialystok, E.; Majumder, S. The relationship between bilingualism and the development of cognitive processes in problem solving. *Applied Psycholinguistics*, v.19, n.1, p. 69–85, 1998.

Bialystok, E.; Martin, M. M. Attention and inhibition in bilingual children: evidence from the dimensional change card sort task. *Developmental Science*, v.7, n.3, p. 325–339, 2004.

Bialystok, E.; Martin, M. M.; Viswanathan, M. Bilingualism across the lifespan: The rise and fall of inhibitory control. *International Journal of Bilingualism*, v.9, p. 103–119, 2005.

Bialystok, E.; Shapero, D. Ambiguous benefits: the effect of bilingualism on reversing ambiguous figures. *Developmental Science*, v.8, n.6, p. 595–604, 2005.

Bialystok, E.; Shorbagi, S. H. Subtle increments in socioeconomic status and bilingualism jointly affect children's verbal and nonverbal performance. *Journal of Cognition and Development*, v.22, n.3, p. 467–490, 2021.

Bice, K.; Kroll, J. F. English only? Monolinguals in linguistically diverse contexts have an edge in language learning. *Brain and Language*, v.196, n.104644, 2019.

Colomé, A. Lexical activation in bilinguals' speech production: Language-specific or language-independent? *Journal of Memory and Language*, v. 45, n. 4, p. 721–736, 2001.

De Groot, A. M. B. Bilingualism and Cognition. In: Chappelle, C.A. (Ed.) *The Concise Encyclopedia of Applied Linguistics*. John Wiley & Sons, Inc., 2020.

De Luca, V.; Rothman, J.; Bialystok, E.; Pliatsikas, C. Duration and extent of bilingual experience modulate neurocognitive outcomes. *NeuroImage*, v.204, art.116222, 2020.

De Luca, V.; Rothman, J.; Pliatsikas, C. Redefining bilingualism as a spectrum of experiences that differentially affects brain structure and function. Proceedings of the National Academy of Sciences, v.116, n. 15, p., 7565–7574, 2019.

Diamons, A. Executive functions. *Annual Review of Psychology*, v.64, p. 135–168, 2013.

Dussias, P. E.; Kroff, J. R. V.; Johns, M.; Villegas, Á. How bilingualism affects syntactic processing in the native language: Evidence from eye movements. In: Schmid, M.S.; Köpke, B. (eds.) *The Oxford Handbook of Language Attrition*, p. 98–107, 2019.

Dussias, P.E.; Sagarra, N. The effect of exposure on syntactic parsing in Spanish–English bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.10, n.1, p. 101–116, 2007.

Fernández, E.M. Bilingual sentence processing: relative clause attachment in English and Spanish. *Language Acquisition & Language Disorders*. Vol. 29. Queens College – CUNY, 2003.

Finger, I. Psicolinguística do bilinguismo. In: Rebello, L.S.; Flores, V.N. (Orgs.) *Caminho das Letras*: Uma experiência de integração. 1° edição, Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2015, v. 1, p. 47–60.

Francis, W. S. Cognitive integration of language and memory in bilinguals: Semantic representation. *Psychological Bulletin*, v.125, n.2, p. 193–222, 1999.

Gallo, F., De Luca, V.; Prystauka, Y.; Voits, T.; Rothman, J.; Abutalebi, J. Bilingualism and aging: Implications for (delaying) neurocognitive decline. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 16, art.81910, 2022.

Gass, S.; Selinker, L. *Language transfer in language learning*: Issues in second language research. Rowley, MA: Newbury House Publishers, 1983.

Grosjean, François; LI, Ping. *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Wiley-Blackwell, 2013.

Grundy, J. G. The effects of bilingualism on executive functions: an updated quantitative analysis. *Journal of Cultural Cognitive Science*, 2020.

Grundy, J. G.; Timmer, K. Bilingualism and working memory capacity: A comprehensive meta-analysis. *Second Language Research*, v.33, n.3, p. 325–340, 2017.

Gullifer, J. W.; Chai, X. J.; Whitford, V.; Pivneva, I.; Baum, S.; Klein, D.; Titone, D. Bilingual experience and resting-state brain connectivity: Impacts of L2 age of acquisition and social diversity of language use on control networks. *Neuropsychologia*, v.117, p. 123–134, 2018.

Gullifer, J. W.; Kousaie, S.; Gilbert, A. C.; Grant, A.; Giroud, N.; Coulter, K.; Klein, D.; Baum, S.; Philips, N.; Titone, D. Bilingual language experience as a multidimensional spectrum: Associations with objective and subjective language proficiency. *Applied Psycholinguistics,* v.42, n. 2, p. 1–34, 2021.

Gullifer, J. W.; Titone, D. Characterizing the social diversity of bilingualism using language entropy. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.23, n. 2, p. 283–294, 2020.

Kroll, J. F.; Bialystok, E. Understanding the consequences of bilingualism for language processing and cognition. *Journal of Cognitive Psychology*, v.25, n.5, p. 497–514, 2013.

Kroll, J. F.; Bobb, S. C.; Hoshino, N. Two languages in mind: Bilingualism as a tool to investigate language, cognition, and the brain. *Current Directions in Psychological Science*, v.23, p. 159–163, 2014.

Kroll, J.F.; Dussias, P.G.; Baj, M.T. Language Use Across International Contexts: Shaping the Minds of L2 Speakers *Annual Review of Applied Linguistics*. 38: 60–79, 2018.

Lado, R. *Language teaching*: A scientific approach. New York: McGraw-Hill, 1964.

Lado, R. *Linguistics across cultures*: Applied linguistics for language teachers. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.

Lehtonen, M.; Soveri, A.; Laine, A.; Jarvenpaa, J.; De Bruin, A.; Antfolk, J. Is bilingualism associated with enhanced executive functioning in adults? A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, v.144, p. 394–425, 2018.

Liu, H.; Wu, L. Lifelong Bilingualism Functions as an Alternative Intervention for Cognitive Reserve Against Alzheimer's Disease. *Frontiers in Psychiatry*, v.12, art.696015, 2021.

Luk, G.; Grundy, J.G. The Importance of Recognizing Social Contexts in Research on Bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition* p. 1–3, 2022.

Marian, V.; Spivey, M. Competing activation in bilingual language processing: Within- and between-language competition. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.6, n.2, p. 97–115, 2003.

Martin-Rhee, M. M.; Bialystok, E. The development of two types of inhibitory control in monolingual and bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.11, n.1, p. 81–93, 2008.

Méndez, M. F.; Chávez, D.; Akhlaghipour, G. Bilingualism delays expression of Alzheimer's clinical syndrome. *Dementia and Geriatric Cognitive Disorders*, v.48, n.5–6, p. 281–289, 2019.

Misra, M.; Guo, T.; Bobb, S. C.; Kroll, J. F. When bilinguals choose a single word to speak: Electrophysiological evidence for inhibition of the native language. *Journal of Memory and Language*, v.67, n.1, 2012.

Muyken, P. Code-switching and grammatical theory. In: Milroy, L.; Muysken, P. (Eds.). *One Speaker, Two Languages: Cross-disciplinary Perspectives on Code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 177–198, 1995.

Paap, K. R.; Greenberg, Z. I. There is no coherent evidence for a bilingual advantage in executive processing. *Cognitive Psychology*, v.66, p. 232–258, 2013.

Pereyron, L.; Alves, U.K. Descrição acústica das vogais tônicas do espanhol rioplatense e de uma variedade do português do sul do brasil de monolíngues e bilíngues: uma discussão dinâmica sobre desenvolvimento linguístico. *Lingüística*, Montevideo, v.35, n.1, p. 103–127, 2019.

Pliatsikas, C.; De Luca, V.; Voits, T. The many shades of bilingualism: language experiences modulate adaptations in brain structure. *Language Learning*, v.70, n.52, p. 133–149, 2020.

Prior, A.; Gollan, T. Good Language-Switchers are Good Task-Switchers: Evidence from Spanish–English and Mandarin–English Bilinguals. *Journal of the International Neuropsychological Society*, v.17, p. 682–691, 2011.

Prior, A.; Gollan, T. The elusive link between language control and executive control: A case of limited transfer. *Journal of Cognitive Psychology*, v.25, n.5, p. 622–645, 2013.

Stern, Y. Cognitive reserve. *Neuropsychologia*, v.47, n.10, p. 2015–2028, 2009.

Von Bastian, C. C.; Souza, A. S.; Gade, M. No evidence for bilingual cognitive advantages: A test of four hypotheses. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.145, n.2, p. 246–258, 2016.

Wigdorowitz, M.; Pérez, A. I.; Tsimpli, I. M. A holistic measure of contextual and individual linguistic diversity. *International Journal of Multilingualism*, p. 1–19, 2020.

Wigdorowitz, M.; Pérez, A. I.; Tsimpli, I. M. Sociolinguistic context matters: Exploring differences in contextual linguistic diversity in South Africa and England, *International Multilingual Research Journal,* 2022.

Wu, Y. J.; Thierry, G. Chinese-English bilinguals reading English hear Chinese. *Journal of Neuroscience*, v.30, n.22, p. 7646–7651, 2010.

Sofia Froehlich Kohl

Füll Glick fa di kanze Muddache: uma breve análise das crônicas em português e em *Hunsrückisch*[1] do livro *Crônicas da Pronila*, de Pronila Krug

Abstract: The promotion of the Hunsriquean language, an immigrant language spread mainly in the southern region of Brazil, through stories and reflections on the past and present of the community of Ivoti (RS), is one of the main goals of the bilingual book (Hunsriquean and Portuguese) Crônicas da Pronila/ Pronila's Chronicles, published in 2018 by Pronila Krug. The analysis of the publication presented in this paper shares with Pronila's book the intention to preserve the linguistic and cultural heritage of the Hunsriquean and other minority language communities through scholarly discussions of dialectal literature. Throughout the text, Pronila's motivations for compiling her chronicles, originally published in a local newspaper, and for translating and presenting parallel versions in Hunsriquean and Portuguese are explained, with the goal of reaching out to the Hunsriquean community with their stories. The organization of the book, the writing of the chronicles in Hunsriquean, and the strategies used by Pronila in the translation process are the focus of the analysis, which seeks above all to understand the methods and appreciate the motivation of the author, making no value judgments about the content of the texts, but rather appreciating the creative endeavor.

Keywords: Pronila's Chronicles, Hunsriquean language, dialectal literature.

1 Introdução

A língua de imigração alemã *Hunsrückisch* é descrita por Altenhofen (1996) como uma coiné de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão, aportada no Brasil no início do século XIX, na bagagem dos imigrantes alemães, estabelecidos, sobretudo, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo (ibid., 1996). No Rio Grande do Sul, a primeira colônia fundada por esses imigrantes foi São Leopoldo, que abarcava de sul a norte o que hoje são as

1 Apesar da existência de uma tradução do termo para português ("hunsriqueano"), prioriza-se a utilização de '*Hunsrückisch*' no decorrer do texto.

cidades de Esteio e Caxias do Sul e de leste a oeste, de Taquara até São Sebastião do Caí (São Leopoldo 2020). O mapa abaixo, extraído da mapoteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ilustra a divisão dos lotes dessa colônia.

Mapa 1 – Divisão em lotes da Colônia de São Leopoldo.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (s.d.).



Nesse mapa, destaca-se em particular a divisão 'Linha 48', em que se encontrava o município de Bom Jardim, hoje Ivoti. É lá onde mora Pronila Krug,

autora do livro *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken*[2]. A publicação, com valor não restrito à relevância cultural dos diversos temas que aborda (relações familiares, acontecimentos cotidianos, anedotas culturais…), também é interessante em sua materialidade, já que se trata de uma obra bilíngue, em *Hunsrückisch* e português, com 51 crônicas. Os textos abordam os mais diversos temas, incluindo reflexões sobre a língua *Hunsrückisch* (que Pronila chama ora de *Hunsrik,* ora de *Taitsch*[3]) e os costumes locais, sobre festas religiosas e sobre a família, além de trazerem as opiniões pessoais da autora sobre vários assuntos (num espectro que contempla desde a indignação pelo jeito que os transeuntes ocupam as calçadas até parecer sobre jogos de futebol).

Tanto a versão em *Hunsrückisch* quanto a em português, apresentadas lado a lado no livro, são da autoria de Pronila. Quando questionada sobre a motivação de publicar as histórias nas duas línguas, ela justifica em entrevista, que primeiro escreveu os textos em *Hunsrückisch*, que eram semanalmente publicados em um jornal local. Uma leitora desse jornal (em grande parte escrito em português) entrou em contato com Pronila para pedir pela tradução dos textos, já que ela não tinha familiaridade com o *Hunsrückisch*, mas estava curiosa para saber do que se tratavam as crônicas. Pronila conta que, então, lhe ocorreu a ideia de compilar os textos, traduzi-los e montar um livro, que foi publicado em 2018 pela Z Multi Editora.

Com vistas a refletir sobre o processo tradutório, motivado pela intenção de ser entendida pela leitora do jornal, recorre-se como plano de fundo à Teoria Funcionalista de Nord, Reiß e Vermeer, que parece oferecer alguns dos recursos necessários para se entender o percurso de tradução, se considerado que a prática tradutória voltada ao leitor do texto traduzido se encaixa nas diretrizes de tradução do Funcionalismo. Sobre isso, Polchlopek, Zilpser e Costa (2012:23) afirmam que "ser funcional significa responder (de alguma maneira) às necessidades […] de outra pessoa ou situação", o que parece ir ao encontro de produzir uma tradução para ser entendida também por quem não lê em *Hunsrückisch*.

O objetivo desta análise é observar como Pronila, uma tradutora não profissional, realizou a tradução de textos tão singulares, escritos em sua língua materna e, em primeiro lugar, para os conterrâneos de Ivoti, que dividem com ela não só a cidade e a língua, mas em grande parte também as memórias e os

---

2 Em 2021, Pronila lançou seu segundo livro, o Crônicas da Pronila */Pronila Chroniken* Volume 2.

3 Sobre isso, v. Habel, Jussara. *Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração.* In: Revista Entrepalavras, 2017.

costumes. Considerado o caráter de língua da família que caracteriza o *Hunsrückisch* (Spinassé 2008), procura-se entender os mecanismos que Pronila utilizou para trazer suas histórias para o português, de forma a se fazer entender sem "trair" a âncora cultural de suas narrativas.

Ainda que as opiniões que Pronila expressa em algumas dessas crônicas sejam contestáveis, sua iniciativa de produzir literatura em uma língua minoritária não deixa de ser meritosa. Portanto, não é de interesse desta análise escrutinar o conteúdo das crônicas, mas antes valorizar e promover esforços para a produção de literatura dialetal por meio da sua tematização em estudos acadêmicos.

2 Temática das crônicas e materialidade do livro

As 51 crônicas que ocupam 101 páginas do primeiro volume das Crônicas da Pronila passeiam pelos mais variados assuntos, às vezes de forma mais narrativa, contando causos de quando Pronila era criança, às vezes de forma quase somente opinativa, fazendo referência a episódios da cultura geral, como a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014. O livro é iniciado por duas crônicas relacionadas à família de Pronila; na sequência, é dividido por temas que são explicitados no rodapé de cada um dos textos: primeiro "Datas especiais", que contempla, entre outras, as festividades da Páscoa, do Carnaval e do São João; em seguida, vêm as crônicas da seção "É bem típico", com histórias sobre rabanadas, lagartos e sapatos, em grande parte anedóticas; na sequência, o conjunto de texto sob o rótulo de "Pronto, falei!" expõe as opiniões da autora sobre assuntos do cotidiano, como dinheiro, maternidade e religiosidade; a última seção é intitulada "Pensando bem…" traz crônicas de temática híbridas, que misturam narração com alguma interlocução com o leitor — de forma geral, são temas que se relacionam com o cotidiano e as experiências da comunidade com a qual ela dialoga.

Em relação à materialidade do livro, a capa evidentemente chama a atenção: dividida verticalmente ao meio, traz metade da bandeira do Brasil do lado esquerdo e metade da bandeira da Alemanha no lado direito e cada uma das bandeiras ainda é ornada por um balãozinho de diálogo, em que se lê "Você fala o dialeto Hunsrik?" e "Sprechst du Hunsrik?", respectivamente. Bem no centro, parcialmente completando o círculo azul celeste, está uma caricatura do rosto de Pronila. Também dentro do livro, no rodapé de todas as páginas, estão as duas bandeiras, colocadas de acordo com a língua em que o texto (crônica ou tradução) foi escrito. É interessante notar a vinculação que se pretende do dialeto com o país que hoje abriga a região de onde a língua foi trazida, no caso

a Alemanha, mesmo que o *Hunsrückisch* seja uma língua do Brasil, como esclarecido no Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI). Pronila inclusive reflete sobre a origem da língua e sobre sua prática de escrita (108–109):

> Jede Keechend hat ehn anna Ausschprooch, ach in jede Picood gebs unnachit. Do bai uns is noch Portugiisisch debai, dan schraib mo, un lees mo, un wi ausspreche?
>
> Não é fácil escrever em Hunsrück. Cada região tem outra pronúncia, até em diferentes Picadas existem diferenças. E aqui em Ivoti ainda tem as influências do português. Como, então, escrevê-lo? Como pronunciá-lo?

Nota-se que Pronila é consciente das diferenças linguísticas dos dialetos que se aglutinam sob a denominação de *Hunsrückisch*, perceptíveis mesmo em áreas próximas, o que a leva a refletir sobre como escrever para ser entendida. Contudo, essa reflexão só aparece em uma das últimas crônicas do livro e também não tem espaço no texto de apresentação, em que Pronila se concentra em enfatizar que o objetivo do seu livro é se empenhar na preservação do patrimônio cultural (…*unsa Hunsrikschprooch woh so raich is un is unsa Kultuaerb*:10), rememorar histórias e, com isso, trazer alegria aos leitores.

3 Análise dos aspectos linguísticos: ortografia do *Hunsrückisch*

Apesar de existirem propostas de ortografia[4] para o *Hunsrückisch*, não há oficialmente de um padrão ortográfico estabelecido (Schaumloeffel 2018), como inclusive é comentado no texto introdutório do próprio livro de crônicas da Pronila (Von Mühlen 2018:8). De acordo com Pronila, em entrevista com a autora, para a redação de seus textos, ela se valeu de conhecimentos prévios da ortografia da variedade padrão do alemão e, quando tinha dúvidas, consultava livros de literatura escritos em outros dialetos de origem germânica.

Nos textos, percebe-se um padrão de escrita em grande medida próximo às regras fonéticas, respeitando, por exemplo, dessonorizações, apócopes e outros processos fonológicos próprios do *Hunsrückisch*.[5] É possível imaginar que esse traço característico da escrita da Pronila também seja um facilitador para a compreensão de seus textos, ainda que o leitor nunca tenha entrado em contato

4 Confira *Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil* (Altenhofen et al. 2007) e *Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul* (Wiesemann 2008).

5 Sobre isso, v. Altenhofen e Morello (org.). Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil, 57 e seguintes. Editora Garapuvu. Florianópolis, 2018.

com algum registro escrito da língua. Algumas palavras extraídas dos textos que exemplificam a ortografia utilizada pela autora são apresentadas abaixo.

Tabela 1 — Exemplos de processos fonológicos no Hunsrückisch.

Hunsrückisch	**alemão padrão**	**português**
Schuul*l* (p.26)	Schu*le*	escola
Far*w*e (p.30)	Far*b*e	cor
Zhai*d*e (p.60)	Zei*t*en	épocas
Elt*r*e (p.82)	Elt*er*n	pais
W*r*glichkeit (p.110)	W*ir*klichkeit	realidade

Fonte: elaborado pela autora (2023).

É possível que a opção por um registro mais fonético tenha sido inconsciente, afinal, ainda que não haja um padrão de escrita amplamente difundido, a autora poderia ter se pautado exclusivamente pelo registro do alemão padrão ou seguido as regras de algum outro dialeto das publicações que ela consultou — o que não foi o caso. Ainda que o registro escrito de que Pronila se utiliza na redação de suas crônicas seja uma invenção quase autônoma, o certo é que aquelas e aqueles que se propõe à leitura em *Hunsrückisch* compartilham com Pronila mais do que conhecimentos linguísticos, ainda experiências de vida semelhantes, com carga cultural semelhante, o que sem dúvidas facilita (ou mesmo, torna em primeiro lugar possível) a comunicação, sem depender de que a pessoa que se disponha a ler o texto já tenha se deparado com alguma forma escrita do *Hunsrückisch* em um momento anterior. Prova de que essa comunicação aconteceu, ainda que talvez ela seja desafiadora ao leitor nas primeiras linhas, é Pronila ter escrito essas crônicas inicialmente para jornais locais e ser a tal ponto reconhecida pela comunidade por essas publicações, que teve a possibilidade de publicar um livro, compilando-as.

A inexistência de uma regra ortográfica e o caráter segmentário dos textos, escritos e publicados em um primeiro momento separadamente, possivelmente implicou a inconsistência ortográfica que se manifesta ao longo do livro; como as crônicas foram escritas individualmente para uma coluna semanal, não parece estranho que Pronila optasse por jeitos diferentes de escrever a mesma palavra, já que às vezes talvez recorresse apenas a sua memória para decidir — além de provavelmente não contar com nenhuma revisão ortográfica da crônica antes da publicação. Alguns exemplos dessa divergência ortográfica são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 2 — Exemplos de diversidades ortográficas.

Hunsrückisch	**alemão padrão**	**português**
Tohch (p.16), Tooch (p.48) Thooch (p.92)	*Tag*	dia
Ohia (p.16), Oija (p,36)	*Eier*	ovos
Schuull (p.26), Schuul (p.30)	*Schule*	escola
Lererin (p.18), Lehrerin (p.26) / Lehre (p.26), Leerer (p.42)	*Lehrerin/ Lehrer*	professora / professor
Kop (p.108), Kopp (p.110),	*Kopf*	cabeça

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Apesar de as divergências ortográficas não serem exatamente raras nos textos, elas se resumem basicamente à duplicação de consoantes ou inserção de *h* mudo — em resumo, nada que realmente afete a pronúncia. Do ponto de vista da forma das palavras, ainda que sua ortografia se diferencie em alguns casos, ela parece não deixar de ser reconhecida e não afetaria, portanto, a compreensão do texto.

4 Análise da tradução das crônicas

Ainda que hoje em dia nas práticas editoriais autotraduções talvez sejam menos usuais, o caso das crônicas da Pronila não parece ser algo historicamente fora do ordinário. Como afirmam Hokenson & Munson (2007:1), a prática autotradutória era comum no mundo translingual dos anos iniciais da Europa moderna, quando o bilinguismo era a norma e escritores traduziam crescentemente entre o latim e as línguas vernaculares[6]. O bilinguismo também é a norma para muitos dos moradores de Ivoti como Pronila, que cresceram falando *Hunsrückisch*, e aprendiam a ler e escrever em português quando chegavam à escola.

6 *Self-translation was a common practice in the ambient transligual world of the early modern Europe, when bilinguism was the norm, and writers increasingly translated between Latin and vernaculars* (Hokenson & Munson 2007:1). Minha tradução.

Para quem como Pronila é bilíngue em português e em *Hunsrückisch*, é flagrante que os textos nem sempre tratam estritamente das mesmas coisas e tampouco as abordam sempre da mesma maneira. Não raro também são suprimidas (ou largamente acrescentadas) algumas palavras ou trechos que à primeira vista parecem ser relevantes para o andamento das histórias. Essas observações convidam à reflexão em busca de possíveis justificativas para as escolhas tradutórias da autora. A seguir, sugerem-se algumas:

a. o texto em português talvez não seja necessariamente um produto de tradução, mas antes uma completa reescrita, um novo texto com vistas a se contar a mesma história, acarretando por vezes em encurtamento ou em alongamento dos textos – sobre isso, pode-se pensar nas 12 tendências deformadoras elencadas por Berman (2007), entre as quais o alongamento, tendência da maioria dos textos traduzidos, e a clarificação. A clarificação, como explica Berman, geralmente acarreta o alongamento, já que se costumam utilizar mais palavras quando parece necessária uma explicitação. No livro de Pronila, porém, parece haver exemplos de traduções clarificadoras que não são necessariamente alongadoras, já que se utilizam da estratégia de cortar trechos que talvez possam ser mais complicados ou causar estranhamento. Um exemplo desse processo de clarificar sem alongar talvez seja as crônicas *Unsa Alde / Nosso idoso* (104–105), cujas versões em Hunsrückisch e em português apresentam extensões bastante diferentes: enquanto o texto em *Hunsrückisch* ocupa 20 linhas, a tradução em português se resume a 12, o que visualmente já aponta com alguma certeza de que o texto em português se esquiva de alguns pontos abordados em *Hunsrückisch*;

b. a crônica em português seja resultado de uma tradução funcionalista, que considera o grau de intimidade da leitora em relação ao contexto da crônica e o papel da leitora nesse contexto — nesse caso, o contexto seria, por exemplo, como são entendidas as figuras paterna e materna na comunidade de Pronila ou ainda, o uso de determinada língua (o *Hunsrückisch)* na comunicação com o pai, interlocutor principal do texto, o que leva Pronila a mudar a maneira de se referir ao pai (da 2ª para a 3ª pessoa do singular) e suprimir o vocativo quando a língua do texto passa a ser o português (como no caso da crônica *Main Fraind, main Papa*, na l. 6, vocativo *'Papa*');

c. algum grau de autocensura, ao evitar dizer certas coisas em uma língua majoritária, que extrapola em muito os limites da comunidade local – como é o caso dos exemplos que a autora traz na versão em *Hunsrückisch* de *Unsa Alde / Nosso idoso*, ao dizer que os idosos reclamam sem motivo de certas

coisas porque já não estão mais mentalmente sãos, ou que os jovens riem dos idosos porque esses não sabem usar o celular.

d. diferentes escolhas estéticas atreladas a cada uma das línguas ou ao caráter diacrônico da relação entre a escrita da crônica e sua tradução – a percepção da autora do que se diz de certa maneira em uma língua, mas de maneira diferente em outra, ou uma percepção que se modificou na passagem do tempo entre a escrita e a tradução dos textos, como por exemplo na crônica *Unsa Alde / Nosso idoso*, l. 6: *Ach! Di sin ach jun 80 Joha ald* e em português (l.5): *Ah! Não é isso. Acontece que estão com a idade bem avançada e nem percebemos*. Também nesse caso se pode pensar nas tendências deformadoras, especificamente na do *empobrecimento qualitativo*, que se refere à substituição de palavras e expressões por outras "que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante" (Berman 2007:53), o que de fato é perceptível ao compararmos a riqueza das palavras do texto em *Hunsrückisch* com a simplicidade das construções em português.

Independente das razões que embasaram consciente ou inconscientemente as escolhas tradutórias de Pronila, é possível observar que a qualidade estética das traduções se mostra consideravelmente aquém da qualidade dos textos em *Hunsrückisch,* em grande parte talvez porque o humor das anedotas está intimamente ligado ao uso dessa língua e não parece encontrar a mesma ressonância em português. De qualquer forma, não deixa de ser em certa medida louvável a intenção de tentar aproximar aqueles que não dominam o *Hunsrückisch* da cultura local da cidade em que moram através de uma publicação bilíngue com textos e traduções justapostos, no limite inclusive a ponto de despertar interesse também pela língua local.

5 Considerações finais

Essa análise se debruçou brevemente sobre o livro Crônicas da Pronila /*Pronila Chroniken* com a intenção de observar os textos e o processo de tradução a que foram submetidos. Percebeu-se em meio à análise, entre outros aspectos, que as crônicas em *Hunsrückisch* apresentam inconsistências ortográficas, que certamente são justificadas pela inexistência de uma ortografia do *Hunsrückisch*, o que exige da autora que ela desenvolva suas próprias diretrizes ortográficas.

Em relação às estratégias de tradução, considerou-se que a autora — ainda que inconscientemente — partiu de uma lógica funcionalista, procurando com suas traduções antes esclarecer o conteúdo das suas crônicas em *Hunsrückisch* do que provocar na leitura dos textos em português a mesma comoção que sua

literatura dialetal procura promover. Talvez em certa medida Pronila sequer tenha encarado suas traduções para o português como alguma obra de fruição estética, já que não é estranho pensar que uma parte considerável do valor da sua literatura possa ser creditado ao próprio fato de ela ser dialetal. Com essas considerações em vista, tratou-se de mudanças e supressões no texto traduzido com a disposição de compreender suas motivações, abstendo-se de julgamentos de valor em relação ao conteúdo veiculado pelas crônicas.

De maneira geral, ainda que haja aspectos a serem debatidos (a ortografia, o método tradutório e, em certa medida, até a abordagem de alguns dos assuntos das crônicas) é inegável que se reconheça a coragem de Pronila ao contar histórias, que são às vezes até mesmo de cunho pessoal, utilizando-se de uma língua restritamente difundida e sem o amparo de regras ortográficas estabelecidas, crente assim mesmo de que será compreendida por seus interlocutores. O valor das Crônicas da Pronila consiste, sobretudo, no registro tanto das práticas culturais, das crenças e dos costumes, como das práticas linguísticas intimamente ligadas a elas.

Agradeço à Pronila por ter concordado em conversar comigo sobre suas crônicas.

Referências

Altenhofen, Cléo Vilson (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Tese de doutorado. Kiel.

Altenhofen, Cléo Vilson et al. (2007). Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. *Revista Contingentia*. Disponível em: https://bit.ly/3UbmIpG. Acesso em: 02 maio 2020.

Berman, Antoine (2007). *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Rio de Janeiro: 2007. (La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain [Francês e grego]). Tradução de: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan & Andréia Guerini.

Hokenson, Jan Walsh & Munson, Marcella (2007). *The Bilingual Text: History and Theory of Literary Self-Translation*. St. Jerome Publishing. Disponível em: https://bit.ly/3zCchln. Acesso em: 06 abr 2023.

Instituto Histórico do Rio Grande do Sul. *Capítulo VI Plantas Coloniais*. Disponível em: https://bit.ly/3zzWO5l. Acesso em 01 maio 2020.

Krug, Pronila (2018). Main Fraind, main Papa. In: *Crônicas da Pronila / Pronila Chroniken*, 12–13. Editora ZMulti. Estância Velha.

Krug, Pronila (2018). Main Mudda. In: *Crônicas da Pronila / Pronila Chroniken*, 14–15. Editora ZMulti. Estância Velha.

Krug, Pronila (2018). Unsa Alde. In: *Crônicas da Pronila / Pronila Chroniken*, 104–105. Editora ZMulti. Estância Velha.

Polchlopek, Silvana, Zilpser, Meta Elizabeth, & Costa, Maria José. Tradução como ação comunicativa: A pespectiva do funcionalismo nos estudos da tradução. *Tradução e comunicação*. Disponível em: https://bit.ly/413QDCr. Acesso em: 06 abr 2023.

São Leopoldo. *Histórico*. Disponível em: https://bit.ly/3geOZqf. Acesso em: 13 maio 2020.

Schaumloeffel, Marco Aurelio (2018). *Questionamentos e discussões essenciais acerca de um possível sistema de escrita para o hunsrückisch brasileiro*. Disponível em: https://bit.ly/3zCdV6x. Acesso em 02 maio 2020.

Spinassé, Karen Pupp (2008). O Hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Espaço Plural*, nº 19, 2º semestre de 2008. Disponível em: https://bit.ly/3zyQYBg.

Von Mühlen, Fernanda (2018). Refletindo sobre a prática do dialeto... In: *Crônicas da Pronila / Pronila Chroniken*. ZMulti Editora. Estância Velha.

Wiesemann, Ursula (2008). Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul. *SIL International Publications*. Disponível em: https://bit.ly/3zCN5LI.

Karen Pupp Spinassé e Gerson Roberto Neumann

Wir kochen mal Schmier! / Vamos fazer schmier! Discussão em torno do Hunsrückisch na literatura em língua alemã no Brasil

Abstract: Based on a discussion of the concept of Hunsrückisch, which is still the mother tongue of many Brazilians today, the aim of this chapter is to approach and highlight the relevance of plurilingual practice in Brazil. Despite being a language spoken by many descendants of German immigrants in Brazil, writing in Hunsrückisch is rarely present in this scenario. After presenting prominent references in the written tradition of Hunsrückisch in Brazil, we would like to mention a poem by Karl Hermann, published in 1925 in the Kalender für die Deutschen in Brasilien, on pages 99–100. The title of the poem is *Die Schmier. Ein riograndenser Straßenbild in Versen* and recounts the journey of the couple Adomar and Loni, from Gravataí, in Rio Grande do Sul, to the urban center with the aim of selling the Schmier they produce, also taking advantage of the trip to go shopping. The poem is a perfect example of what we are proposing, as it presents in written form the speech of Hunsrückisch speakers in Brazil.

Keywords: Hunsrückisch, immigration, Schmier, written dialectal variety, language

Apresentação

Ao celebrarmos a pesquisa em torno da produção em Hunsrückisch no Brasil, pesquisa que obrigatoriamente deve trazer a referência do colega pesquisador Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen, queremos trazer a público um importante poema que há tempo está guardado e esperando uma oportunidade para ser apresentado e discutido. Cremos que a situação é oportuna, visto que o poema que se pretende apresentar aqui traz muitas referências do encontro da língua de imigração alemã com a língua portuguesa. Trata-se do poema *Die Schmier. Ein riograndenser Straßenbild in Versen* [O schmier. Uma cena riograndense de rua em versos], de Karl Hermann.

Antes de apresentarmos o poema e de realizarmos a análise dos versos, queremos refletir sobre o Hunsrückisch e a tradição escrita do mesmo.

O Hunsrückisch[1]

Por Hunsrückisch entende-se, citando Cléo V. Altenhofen, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e referência quando tratamos do conceito em questão:

> uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato.[2]

Hoje a língua materna de muitos brasileiros ainda é a variante dialetal Hunsrückisch. Como podemos interpretar isso? O que significa ter como língua materna no Brasil uma língua que é uma variante do alemão?

A escrita em Hunsrückisch, apesar de um número considerável de falantes no Brasil, é pouco presente nesse cenário. O nosso objetivo com o presente texto é apresentar o poema já mencionado acima por ser praticamente desconhecido e registrar a sua publicação um dos mais importantes veículos de comunicação da época na comunidade de língua alemã no Brasil, o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, editado por Wilhelm Rotermund.

A produção oral – e seus aspectos linguísticos em si – do grupo falante de Hunsrückisch no Brasil, originário da região que compreende o oeste da atual Alemanha e presente no nosso contexto a partir do intenso fluxo imigratório ocorrido a partir da segunda década do século XIX, tem sido a ênfase das pesquisas do professor Cléo V. Altenhofen, acima mencionado, e uma equipe de professores, estudantes e pesquisadores.

A produção oral de qualquer grupo está intimamente ligada à sua forma de expressão oral, e desta forma a identificação identitária caracteriza o sentimento de pertencimento, de ligação a determinado grupo em detrimento do sentimento de ser diferente, mesmo dentro de um mesmo país. No caso específico

---

1 A base do texto sobre o conceito em questão, o Hunsrückisch, já foi tratado em um texto publicado no livro *Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch*. 1. ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras - UFRGS, 2018. v. 1, organizado por Gerson Roberto Neumann; Cléo Vilson Altenhofen; Jussara Maria Habel; Angélica Prediger.

2 Altenhofen, Cléo Vilson. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner. XVIII, 444 p. com 12 ilustrações e 77 mapas, além de um resumo em português. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

do Hunsrückisch, estamos tratando de uma variante dialetal ainda bastante praticada no Brasil, apesar de a imigração alemã para o Brasil ter iniciado há praticamente dois séculos (1824).[3] Também por isso, por essa prática linguística ainda se manter presente em comunidades de falantes dessa variante, julga-se fundamental ouvi-la e estudá-la de forma mais sistemática.

No livro *O rebento do carvalho. Contos dialetais – vol 1*, do Padre Balduino Rambo, traduzido pelo seu irmão Prof. Dr. Arthur B. Rambo e publicado em edição bilíngue pela Ed. Unisinos, lê-se o que Balduíno escreveu no seu diário, no dia 29/06/1949, sobre a importância do Hunsrückisch para ele. A citação a seguir é retirada da dissertação de mestrado de Isabel C. Arendt na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – *Representação do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo, S.J.*, na qual estudou as cartas de fundo ficcional em dialeto dirigidas ao público leitor, geralmente das comunidades coloniais:

> Como sempre prende-me o teor épico da minha língua materna. É apenas nos dialetos que ainda vive toda a força criadora e inteiriça da épica, sendo que deles brota a árvore da língua artística, (árvore) que se cobre mais e mais de torpor, quanto mais, ao crescer para o alto, ela se insere no mundo do intelecto [sic] ou da razão. Quem não ama seu dialeto, não aprendeu o espírito vivo da língua.[4]

Saindo do contexto de língua alemã, recorremos a uma citação, na qual se reflete sobre a recepção de uma literatura oral que passa a ser escrita e, com isso, legível. Trata-se de Luiz Carlos Borges, num interessante texto em que estuda a oralidade discursiva do mito dos Guarani Mbyá. Segundo o autor, "o narrador tem por função (re)textualizar o texto da tradição, de forma que ele não é somente autor, mas o autor de uma nova versão e, ao mesmo tempo, seu comentador."[5] Isso que Borges afirma, certamente foi realizado pelos escritores do Hunsrückisch. Por isso a importância da análise da tradição, uma vez que nela estão contidos os resultados das reflexões de escritores sobre a problemática

---

3 Toma-se por base o ano de 1824 por ser o que marca a vinda dos primeiros imigrantes com apoio do governo imperial brasileiro. Sabe-se que ocorreram outros movimentos migratórios de regiões de língua alemã anteriormente para o Brasil, mas não se trata aí de um movimento sistemático.

4 A citação foi extraída da publicação da autora e não da dissertação apresentada à universidade. Arendt, Isabel C. e Silva, Haike R. Kleber da. (2000). *Representação do discurso teuto-católico e a construção de identidades.* Porto Alegre: EST, p. 144.

5 Borges, Luiz Carlos. (2003). Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: Fernandes, Frederico A. G. (Org.) *Oralidade e Literatura. Manifestações e abordagens no Brasil.* Londrina: Eduel, p. 12.

em questão, sendo elas sobre a forma como pode ser reproduzida em palavras escritas a expressão oral (palavras faladas) de um grupo ou também sobre a adequação a formas escritas já existentes, quando já houve alguma forma de reprodução escrita de determinada variante.

O Hunsrückisch praticamente inexiste na forma escrita, sendo mais conhecido, portanto, como uma língua oral. Como existem, porém, expressões isoladas dessa produção também na forma escrita, produzidas geralmente a partir de experiências linguísticas particulares, resultados de pesquisas individuais, propõe-se aqui refletir sobre essa forma escrita. Atualmente observa-se uma tendência crescente de criação em variantes dialetais devido a um maior acesso às mídias e a consequente divulgação mais rápida e de fácil produção.

Entra em questão aqui uma velha e relevante preocupação: a de se estar perdendo um conhecimento e uma habilidade linguística de difícil aprendizagem, que tem na escrita um recurso utilíssimo para dar vasão aos sentimentos em torno da língua materna. E mesmo um professor de português e de alemão pode valer-se desse instrumento para explicar diferenças linguísticas em relação ao dialeto, sejam elas gramaticais ou meramente de ordem vocabular. Neste sentido, também os preconceitos linguísticos, por exemplo, de que o "Hunsrückisch não é língua, que é língua de colono, ou língua quebrada (*verbrochnes Deitsch*)", devido à incompreensão do que realmente caracteriza e define uma língua, podem ser melhor combatidos com o auxílio do recurso da escrita. Vale ressaltar que as pesquisas do bilinguismo – da capacidade de uso de duas línguas – têm mostrado que, quanto melhor conhecemos e entendemos nossa língua materna, tanto melhor aprendemos outras línguas. Isso significa que quanto melhor e sem medo um falante conhecer e valorizar sua língua materna, o Hunsrückisch, tanto mais facilmente aprenderá o português e outras línguas, e tanto melhor poderá ser sua socialização e escolarização, isto é, a formação como cidadão seguro e confiante de si.

O tema, contudo, é bastante complexo, uma vez que para se chegar à proposta mais elaborada de uma escrita em Hunsrückisch, vários fatores têm de ser considerados, envolvendo por exemplo: a variação interna do próprio Hunsrückisch (por exemplo, qual variante deve-se adotar?), a natureza e a finalidade da escrita enquanto convenção social (para que se quer tal escrita e para que serve uma escrita?), a vinculação histórica do dialeto (de onde provém o dialeto que falamos?) e o sistema de referência para a sua ortografia (de qual sistema de escrita partir, se do alemão ou do português?). Os argumentos que se levantou aqui mostram que o empreendimento é digno de toda atenção, nos mais diversos segmentos da sociedade, pois já faz algum tempo que o Hunsrückisch deixou de ser "língua apenas de colono", para ser cada vez mais também

língua de outras classes sociais. E, mesmo que continuasse sendo uma língua de colonos, mereceria a nossa atenção pela sua importância, antes ignorada. O Hunsrückisch ultrapassou as fronteiras das comunidades coloniais e hoje é possível encontrar falantes dessa variante dialetal em diversos setores da sociedade brasileira, o que por si só já é um dado de grande importância, pois houve uma transposição dessas fronteiras e um crescimento intelectual de muitos elementos desse contexto, sem que tivessem que ocorrer perdas linguísticas por parte desses falantes.

Portanto, conforme Borges, "ao [se] mencionar a tradição, o que fica implicado é o acervo narrativo próprio do grupo, os diversos gêneros e a interdiscursividade/intertextualidade,"[6] esses transmitidos na língua materna desses falantes, ou seja, em variante dialetal. Certamente muitas pessoas, principalmente os falantes mais idosos dessas comunidades, lembram-se dos contos do Pe. Balduino Rambo, publicados em Hunsrückisch no almanaque *Die Fahne des Heiligen Ignatius*. Uma coletânea desses contos foi reunida e publicada pela Editora da UNISINOS.

Die Schmier. Ein riograndenser Straßenbild in Versen, de Karl Hermann

O poema de Karl Hermann foi publicado em 1925, no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, às páginas 99–100. Referindo-se ao anuário aqui em questão, a antropóloga Giralda Seyferth diz:

> trata-se do mais importante Kalender, publicado entre 1881 e 1939 pela Editora Rotermund, de São Leopoldo (RS), fundada pelo pastor Wilhelm Rotermund, figura respeitada nos meios teuto-brasileiros. Parte substantiva desse almanaque era ocupada por textos literários em língua alemã produzidos no Brasil.[7]

E de fato, os anuários eram o veículo de difusão cultural das comunidades imigrantes de língua alemã no Brasil. As famílias imigrantes especialmente no contexto rural não possuíam muitos livros em suas casas, no entanto, era comum que tivessem em seus lares a Bíblia e o Kalender, que era a leitura para o ano. O primeiro *Kalender für die Deutschen in Brasilien* foi publicado para o ano de 1881, indo a 1918. Depois de um ano suspenso devido à Primeira Guerra Mundial, voltou a ser publicado de 1920 a 1941.

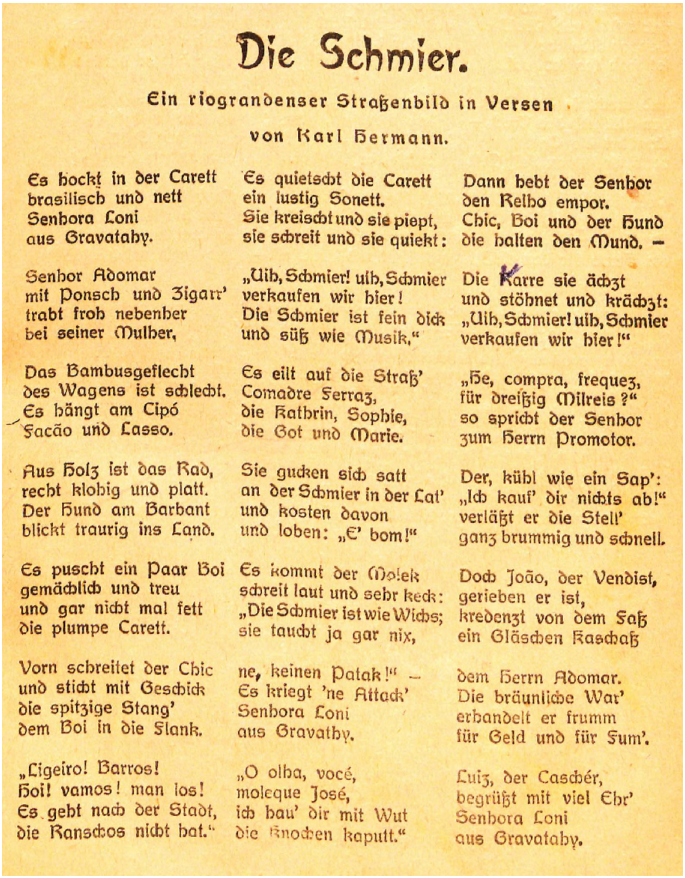
---

6 Borges, L. C. (2003, p. 13).

7 Seyferth, Giralda. (2004). Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149–197.

Quanto ao autor do poema aqui apresentado, Karl Hermann, não se tem maiores informações. Não se trata de um autor frequentemente encontrado no anuário, como outros (Ernesto Niemeyer, Arno Philipp ou Wolfgang Ammon, por exemplo).

Não é comum encontrar no anuário textos com registros tão marcantes de Hunsrückisch, o que causa certo estranhamento no poema de Hermann, pois nele pode se perceber uma presença acentuada de palavras da língua portuguesa no poema que tem por base a língua alemã. Além disso, é possível identificar muitas palavras da língua portuguesa que foram germanizadas, prática bastante comum no dia a dia linguístico dos imigrantes de língua alemã no Brasil, em contato com a língua portuguesa.



Die Schmier.

Ein riograndenser Straßenbild in Versen

von Karl Hermann.

Es hockt in der Caretт
brasilisch und nett
Senhora Loni
aus Gravatahy.

Es quietscht die Caretт
ein lustig Sonett.
Sie kreischt und sie piept,
sie schreit und sie quiekt:

Dann hebt der Senhor
den Relho empor.
Chic, Boi und der Hund
die halten den Mund. –

Senhor Adomar
mit Ponsch und Zigarr'
trabt froh nebenher
bei seiner Mulher,

„Uih, Schmier! uih, Schmier
verkaufen wir hier!
Die Schmier ist fein dick
und süß wie Musik,"

Die Karre sie ächzt
und stöhnet und krächzt:
„Uih, Schmier! uih, Schmier
verkaufen wir hier!"

Das Bambusgeflecht
des Wagens ist schlecht.
Es hängt am Cipó
Laçao und Lasso.

Es eilt auf die Straß'
Comadre Serraz,
die Katbrin, Sophie,
die Got und Marie.

„Be, compra, frequez,
für dreißig Milreis?"
so spricht der Senhor
zum Herrn Promotor.

Aus Holz ist das Rad,
recht klobig und platt.
Der Hund am Barbant
blickt traurig ins Land.

Sie gucken sich satt
an der Schmier in der Lat'
und kosten davon
und loben: „E' bom!"

Der, kühl wie ein Sap':
„Ich kauf' dir nichts ab!"
verläßt er die Stell'
ganz brummig und schnell.

Es puscht ein Paar Boi
gemächlich und treu
und gar nicht mal fett
die plumpe Caretт.

Es kommt der Molek
schreit laut und sehr keck:
„Die Schmier ist wie Wichs;
sie taucht ja gar nix,

Doch João, der Vendist,
gerieben er ist,
kredenzt von dem Faß
ein Gläschen Kaschaß

Vorn schreitet der Chic
und sticht mit Geschick
die spitzige Stang'
dem Boi in die Flank.

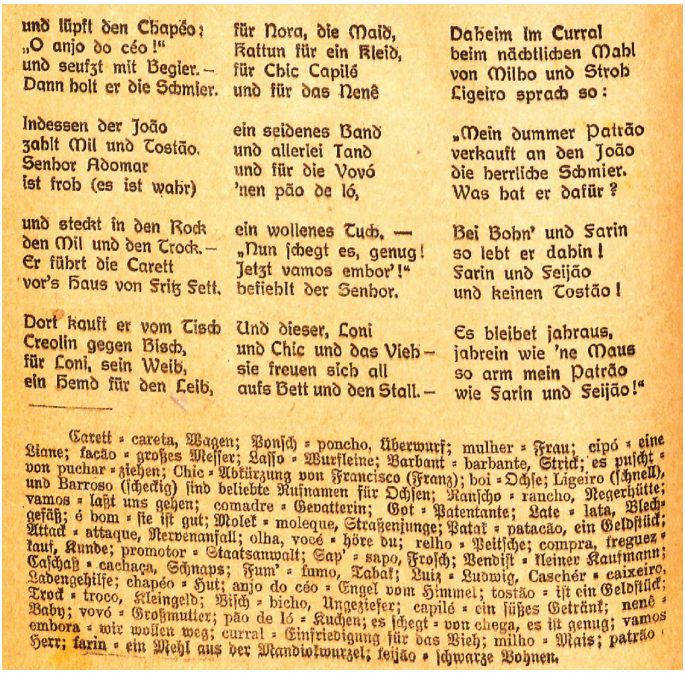
ne, keinen Patak!" –
Es kriegt 'ne Attack'
Senhora Loni
aus Gravatahy.

dem Herrn Adomar.
Die bräunliche War'
erhandelt er frumm
für Geld und für Sum'.

„Ligeiro! Barros!
Boi! vamos! man los!
Es geht nach der Stadt,
die Ranchos nicht hat."

„O olha, você,
moleque José,
ich hau' dir mit Wut
die Knochen kaputt."

Luiz, der Caschér,
begrüßt mit viel Ehr'
Senhora Loni
aus Gravatahy.



und lüpft den Chapéo;
„O anjo do céo!“
und seufzt mit Begier. –
Dann holt er die Schmier.

Indessen der João
zahlt Mil und Tostão.
Senhor Adomar
ist froh (es ist wahr)

und steckt in den Rock
den Mil und den Trock. –
Er führt die Caretт
vor's Haus von Fritz Fett.

Dort kauft er vom Tisch
Creolin gegen Bisch,
für Loni, sein Weib,
ein Hemd für den Leib,

für Nora, die Maid,
Kattun für ein Kleid,
für Chic Capilé
und für das Nenê

ein seidenes Band
und allerlei Tand
und für die Vovó
'nen pão de ló,

ein wollenes Tuch, —
„Nun schegt es, genug!
Jetzt vamos embor'!“
befiehlt der Senhor.

Und dieser, Loni
und Chic und das Vieh –
sie freuen sich all
aufs Bett und den Stall. –

Daheim im Curral
beim nächtlichen Mahl
von Milho und Stroh
Ligeiro sprach so:

„Mein dummer Patrão
verkauft an den João
die herrliche Schmier.
Was hat er dafür?

Bei Bohn' und Farin
so lebt er dahin!
Farin und Feijão
und keinen Tostão!

Es bleibet jahraus,
jahrein wie 'ne Maus
so arm mein Patrão
wie Farin und Feijão!“

Caretт = careta, Wagen; Poncho = poncho, Überwurf; mulher = Frau; cipó = eine Liane; facão = großes Messer; Lasso = Wurfleine; Barbant = barbante, Strick; es puscht = von puchar = ziehen; Chic = Abkürzung von Francisco (Franz); boi = Ochse; Ligeiro (schnell), und Barroso (scheckig) sind beliebte Rufnamen für Ochsen; Ranscho = rancho, Negerhütte; vamos = laßt uns gehen; comadre = Gevatterin; Got = Patentante; Late = lata, Blechgefäß; é bom = sie ist gut; Molek = moleque, Straßenjunge; Patak = patacão, ein Geldstück; Attack = attaque, Nervenanfall; olha, você = höre du; relho = Peitsche; compra, freguez = kauf, Kunde; promotor = Staatsanwalt; Sap' = sapo, Frosch; Vendist = kleiner Kaufmann; Caschaß = cachaça, Schnaps; Fum' = fumo, Tabak; Luiz = Ludwig, Caschér = caixeiro, Ladengehilfe; chapéo = Hut; anjo do céo = Engel vom Himmel; tostão = ist ein Geldstück; Trock = troco, Kleingeld; Bisch = bicho, Ungeziefer; capilé = ein süßes Getränk; nenê = Baby; vovó = Großmutter; pão de ló = Kuchen; es schegt = von chega, es ist genug; vamos embora = wir wollen weg; curral = Einfriedigung für das Vieh; milho = Mais; patrão = Herr; farin = ein Mehl aus der Mandiokwurzel; feijão = schwarze Bohnen.

O poema *Die Schmier. Ein riograndenser Straßenbild in Versen* [A schmier. Uma cena riograndense de rua em versos], de Karl Hermann, narra o deslocamento do casal Adomar e Loni, de Gravataí, no Rio Grande do Sul, para o centro urbano com o objetivo de vender o schmier por eles produzido, aproveitando também a viagem para fazerem compras.

Hermann destaca para o leitor da época a relevância da palavra schmier e sua importância no contexto de imigração, assim como a sua importância também no contexto econômico, uma vez que lemos sobre a venda de schmier por parte do casal. A palavra schmier, também chamada "chimia" por muitos, é uma palavra compreendida nos países de língua alemã na Europa, mas possivelmente pouco conhecida no contexto brasileiro, caso do poema em questão. Na língua alemã existe o verbo "schmieren", que significa especificamente untar; por exemplo, passar algum doce, ou schmier sobre uma fatia de pão. No Brasil a palavra schmier quer dizer doce de frutas em forma pastosa muito similar à geleia, mas mais consistente.

Voltando ao casal que sai de casa para vender schmier. Adomar e Loni saem de carreta, algo semelhante a uma carroça, porém de um conjunto de

rodas apenas. Esta é puxada por dois bois: Barroso e Ligeiro. Senhor Adomar acompanha a carroça a pé, fumando seu cigarro, enquanto dona Loni viaja sentada na carroça. As rodas de madeira da carroça gemem a sua música e dão o tom do grupo em movimento. Ao chegarem no povoado, fazem a propaganda do seu produto para que as pessoas ouçam que o casal passa com schmier: "Olhem, schmier! Olhem, schmier!/ estamos vendendo/ está levemente consistente/ e doce como música." Logo aparecem na rua as primeiras compradoras: comadre Ferraz, Kathrin, Sophie, a madrinha e a Marie. Elas provam e dizem que está muito boa. Enquanto isso, passa um moleque, dizendo que schmier de seu Adomar não presta por ser como graxa. A senhora Loni se revolta com o moleque José e o ameaça com raiva. Depois disso, senhor Adomar ergue o chicote e dá o comando para que a carroça volte a andar. Chegam onde está o promotor e este, calmamente, diz que não compra schmier de seu Adomar. O comerciante João, no entanto, saúda senhor Adomar com um pequeno copo de cachaça e o caixa recepciona senhora Loni. E todos iniciam negociações. O comerciante compra schmier e paga Adomar, que segue até o comércio de Fritz Fett, onde compra creolina, uma blusa para a esposa, tecido para um vestido para Nora, algo para o nenê e pão de ló para a vovó. Mas já é o suficiente, é hora de ir embora, de voltar para casa, onde os espera a cama e o estábulo.

À noite, no curral, comendo milho e pasto, Ligeiro, um dos bois de senhor Adomar, diz:

> "Meu patrão bobão
> vende para o João
> o maravilhoso schmier
> e o que ganha com isso?
>
> Com feijão e farinha
> Ele vive a sua vida
> Farinha e feijão
> E nenhum tostão!
> Entra ano e
> Sai ano como rato
> Tão pobre meu patrão
> Como farinha e feijão!"

Optamos por apresentar como fechamento a tradução livre da fala final do boi ligeiro por ser muito expressiva e relevante a crítica feita pelo companheiro do dia a dia do senhor Adomar.

Dois aspectos de uma breve análise literário-linguística

Como já mencionamos acima, o objetivo principal neste momento é apresentar um poema que fala por si quando tratamos da relevância do Hunsrückisch como língua minoritária presente nas regiões de colonização alemã no Brasil. No entanto, queremos trazer uma breve reflexão de cunho literário e linguístico do poema.

Aspectos literários

Karl Hermann traz ao leitor do *Kalender für die Deutschen in Brasilien* um poema com o qual certamente muitos se identificaram, apesar do caráter irônico que marca o poema e possivelmente a crítica, ao final do poema, destacada na voz do boi Ligeiro, o que deve ter levado a reflexões nas mais diversas direções.

Como se lê no subtítulo do poema, "Uma cena riograndense de rua em versos", Hermann traz uma cena que era corriqueira naquele momento no contexto de imigração alemã, ou seja, a venda de produtos dos trabalhadores rurais no centro urbano. A cena certamente foi muito comum na época em que carroças circulavam no meio urbano, assim como era comum a venda de leite, por exemplo, nos grandes centros urbanos naquele período. Claro que a prática não se restringe ao contexto de imigração de alemães no Brasil, mas era uma prática comum no contexto imigratório.

Quando dizemos que há ironia na poema de Hermann, queremos enfatizar que apesar de uma prática honesta, a venda de um produto que resulta do trabalho diário da família e que é objeto de desejo dos moradores das áreas urbanas, parece haver certo descaso com o produto por parte de alguns possíveis compradores, como o promotor. Não se dá o motivo da negação por parte da autoridade. Enquanto isso, o moleque José diz que o schmier do casal parece graxa, mas, neste caso, trata-se alguém não levado a sério pelo grupo restante.

O que se destaca no poema, porém, além do aspecto linguístico que será discutido a seguir, é a crítica irônica que se dá por parte do boi Ligeiro. É muito interessante como o autor dá voz ao boi Ligeiro para destacar que, apesar da venda do schmier, produzido e vendido com orgulho pelo casal, não se tem rendimento com o negócio, uma vez que ainda se continua com "farinha e feijão", ou seja, a refeição continua a mais simples que existe.

Quanto ao interlocutor do boi Ligeiro, parece se tratar do boi Barroso, pois estão no curral, no momento da refeição. Na verdade, na fala do boi Ligeiro o leitor acompanha a conclusão do poema, sendo desta forma, o leitor o interlocutor do boi Ligeiro na sua fala final.

Ao final do poema, o leitor tem acesso a uma listagem de vocábulos da língua portuguesa que necessitam de explicação para o falante menos fluente na língua local. Esse aspecto completa os aspectos interessantes do poema em questão. Passaremos a seguir, à breve análise linguística do poema.

Aspectos linguísticos

Como mencionado acima, a questão linguística é um aspecto de destaque no poema, pois o autor parece brincar com as palavras e chama a atenção a forma como o poema é construído, com muitos empréstimos da língua portuguesa e a germanização de termos da língua local.

Tomemos as duas primeiras estrofes para análise:

Es bockt in der **Carett**	Sentada na carreta
Brasilisch und nett	à brasileira e simpática
Senhora Loni	está a senhora Loni
Aus Gravataby.	De Gravataí.
Senhor Adomar	Senhor Adomar
mit **Ponsch** und **Zigarr**	de poncho e cigarro
Trabt froh nebenher	caminha feliz ao lado
bei seiner **Mulher**,	de sua mulher.

Temos aí uma palavra destacada na primeira estrofe: *carret*. A palavra é originária da língua portuguesa e usada no dia a dia na lida rural do contexto de imigração alemã, pois se trata de um meio de transporte para o trabalho na lavoura e que também é usado para deslocamentos mais distantes, como é o caso da família que viaja para o centro urbano. A carreta é uma carroça em formato reduzido, ou seja, de um conjunto de rodas apenas. Por isso, é meio de transporte de tração mais leve para os bois, porém mais instável para os usuários.

Senhor Adomar acompanha sua esposa a pé, pois a carreta também não oferece espaço suficiente para o casal que deve levar no meio de transporte as latas com o schmier. Senhor Adomar acompanha a esposa, vestindo um poncho e fumando um cigarro. O poncho é uma vestimenta típica do sul do Brasil, usado em dias de maior frio. Na Europa existem vestimentas semelhantes, no entanto o poncho é usado no contexto sulino especialmente por pessoas que andam a cavalo, o que era uma prática impossível na Europa à época da emigração,

pois as pessoas menos favorecidas não tinham condições de manter um cavalo. Além do poncho, Adomar fuma um cigarro. Claro que na Europa também se fumava cigarros, mas a palavra *Zigarre* na língua alemã quer dizer charuto. O que o senhor Adomar fumava certamente não era um charuto e sim um cigarro, *eine Zigarrete*. Neste caso parece ocorrer um empréstimo da língua portuguesa, germanizando e aproximando a palavra no poema de *cigarro*.

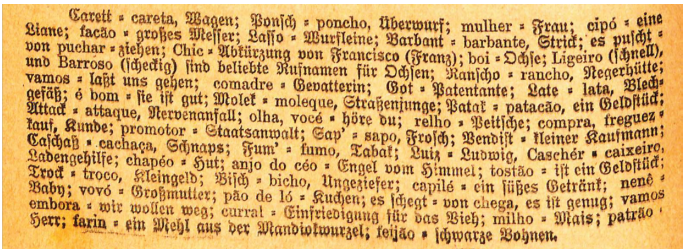
Interessante é que Karl Hermann use a palavra *mulher*, termo português, no poema. O termo usual na prática linguística diária no contexto imigratório *Frau* é ignorado para usar-se *Mulher*. É certo que em muitos lugares os termos relacionados ao meio familiar e de parentesco foi substituído pelos termos em português. Passou-se a usar os termos primo, prima, sobrinho, sobrinha, sogro, sogra, etc. Não imaginamos e não conhecemos casos da substituição do termo *Mulher* por *Frau* por falantes do Hunsrückisch. Acreditamos que se trata de uma opção para compor a rima no poema: Trabt froh ***nebenher***/ bei seiner ***Mulher***.

Sobre a estruturação do poema, merece destaque que o autor usou 33 estrofes, cada uma com quatro versos, totalizando 132 versos. Ou seja, trata-se de um poema longo. Além disso, nos versos o autor faz rimas finais ABAB, como podemos ver na última estrofe:

> Es bleibt *jahraus*,
> Jahrein wie ‘ne *Maus*
> So arm mein *Patrão*
> Wie Farin und *Feijão*

Ao longo de todo o poema o leitor é confrontado com um vocabulário que gira em torno do contato linguístico com o qual o imigrante alemão e seus descendentes estão envolvidos em solo brasileiro. É exatamente essa a forma com a qual se confrontam o imigrante e seus descendentes e o habitante local que convive com os imigrados.

Queremos destacar a seguir os termos que o autor coloca ao final do poema como vocabulário que merece destaque no poema, especialmente para os leitores que se expressam na língua alemã, devido à presença de muitos termos que são exclusivamente da língua portuguesa.


Caretí = careta, Wagen; Ponsch = poncho, Überwurf; mulher = Frau; cipó = eine Liane; facão = großes Messer; Lasso = Wurfleine; Barbant = barbante, Strick; es puscht = von puchar = ziehen; Chic = Abkürzung von Francisco (Franz); boi = Ochse; Ligeiro (schnell), und Barroso (schedig) sind beliebte Rufnamen für Ochsen; Ranscho = rancho, Negerhütte; vamos = laßt uns gehen; comadre = Gevatterin; Got = Patentante; Late = lata, Blechgefäß; é bom = sie ist gut; Molek = moleque, Straßenjunge; Patat = patacão, ein Geldstück; Attack = attaque, Nervenanfall; olha, você = höre du; relho = Peitsche; compra, freguez = kauf, Kunde; promotor = Staatsanwalt; Sap' = sapo, Frosch; Wendist = kleiner Kaufmann; Caischaß = cachaça, Schnaps; Fum' = fumo, Tabak; Luiz = Ludwig, Caschér = caixeiro, Ladengehilfe; chapéo = Hut; anjo do céo = Engel vom Himmel; tostão = ist ein Geldstück; Trock = troco, Kleingeld; Bisch = bicho, Ungeziefer; capilé = ein süßes Getränk; nené = Baby; vovó = Großmutter; pão de ló = Kuchen; es schegt = von chega, es ist genug; vamos embora = wir wollen weg; curral = Einfriedigung für das Vieh; milho = Mais; patrão = Herr; farin = ein Mehl aus der Mandiokwurzel; feijão = schwarze Bohnen.

Considerações finais

O poema apresentado aqui merece muito mais atenção. No entanto, como colocado na Apresentação do presente texto, a intenção aqui foi homenagear o colega Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen com um texto que sabemos será do seu agrado e que ele possivelmente não conhece. Com certeza ele já comeu schmier, não do casal que aqui a vendeu, mas possivelmente ele próprio ajudou na feitura de schmier. A intenção, portanto, era de apresentar um poema que completa em breve seu centenário e que pode ser ainda bastante explorado. O poema requer aprofundamentos tanto da parte literária como da linguística e também seu autor merece maior atenção. Aos pesquisadores envolvidos com as pesquisas em torno da literatura do contexto imigratório alemão cabe ressaltar que existe muito a ser pesquisado e estudado. Poemas que trazem em si o caráter e as características da escrita do Hunsrückisch merecem maior atenção, pois são em número reduzido e quando são publicados trazem em si algo especial que merece atenção também especial e sensível.

Então, vamos fazer um schmier!

Referências

Altenhofen, Cléo Vilson. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.* Stuttgart, Steiner. XVIII, pp. 444.

Altenhofen, Cléo V.; Neumann, Gerson R.; Habel, Jussara M.; Prediger, Angélica. (2018). *Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch.* 1. ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras – UFRGS. v. 1.

Arendt, Isabel C. e Silva, Haike R. Kleber da. (2000). *Representação do discurso teuto-católico e a construção de identidades.* Porto Alegre: EST, pp. 144.

Borges, Luiz Carlos. (2003). Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: Fernandes, Frederico A. G. (Org.) *Oralidade e Literatura. Manifestações e abordagens no Brasil.* Londrina: Eduel.

Hermann, Karl. (1925). Die Schmier. Ein riograndenser Straβenbild in Versen. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien 1925*, p. 99–100.

Seyferth, Giralda. (2004). Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149–197, jul./dez. 2004.

MinGLA – Minderheiten germanischer Sprachen in Lateinamerika / Minorías de lenguas germánicas en Latinoamérica

Herausgegeben von / Editado por Patrick Wolf-Farré und / y Joachim Steffen

Bd. / Vol. 1 Patrick Wolf-Farré / Lucas Löff Machado / Angélica Prediger / Sebastian Kürschner (Hrsg.): Deutsche und weitere germanische Sprachminderheiten in Lateinamerika. Grundlagen, Methoden, Fallstudien. 2023.

Bd. / Vol. 2 Lucas Löff Machado: Die Rolle sprachlicher Normen für Deutschsprachige in Brasilien. Untersuchungen bei Nachfahren von Eingewanderten in Rio Grande do Sul. 2024.

Bd. / Vol. 3 Joachim Steffen / Marcelo Jacó Krug / Lucas Löff Machado / Claudia Wolff Pavan / Willian Radünz / Fernando Hélio Tavares de Barros (Hrsg./eds.): Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit. Sprachliche Perspektiven auf die akademische Arbeit von Cléo Vilson Altenhofen / Contato Linguístico, Variação e Plurilinguismo. Perspectivas Linguísticas sobre o Trabalho Acadêmico de Cléo Vilson Altenhofen. 2025.

www.peterlang.com

MINGLA – MINDERHEITEN GERMANISCHER SPRACHEN IN LATEINAMERIKA / MINORÍAS DE LENGUAS GERMÁNICAS EN LATINOAMÉRICA 3

Joachim Steffen / Marcelo Jacó Krug /
Lucas Löff Machado / Claudia Wolff Pavan / Willian Radünz /
Fernando Hélio Tavares de Barros (Hrsg./eds.)

Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit
Contato Linguístico, Variação e Plurilinguismo

Der Sammelband würdigt das Lebenswerk von Cléo V. Altenhofen anlässlich seines 60. Geburtstags mit Beiträgen zur Erforschung germanischer und romanischer Varietäten in Südamerika. In über 20 Studien werden diachrone, diatopische, diastratische und diaphasische Aspekte des Hunsrückischen sowie der Einfluss der deutschen und italienischen Einwanderungen auf das brasilianische Portugiesisch untersucht. Die Vielfalt der Beiträge spiegelt die sprachliche Diversität und die Komplexität der sprachlichen und kulturelle Interaktionen im südamerikanischen Kontext wider.

Esta antologia homenageia o trabalho de Cléo V. Altenhofen, por ocasião de seu 60º aniversário, com contribuições que tratam do estudo das variedades germânicas e românicas na América do Sul. Em mais de 20 estudos, são analisados aspectos diacrônicos, diatópicos, diastráticos e diafásicos do Hunsrückisch, bem como a influência da imigração alemã e italiana no português brasileiro. A variedade de contribuições reflete a diversidade linguística e a complexidade das interações linguísticas e culturais no contexto sul-americano.

Die Herausgeber

Joachim Steffen ist Professor für Angewandte Sprachwissenschaft (Romanistik) in Augsburg. Marcelo J. Krug ist Professor an der Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) in Chapecó, Brasilien, im Bereich Sprachkontakt und Sprachwissenschaft. Lucas Löff Machado ist Juniorprofessor im Zentrum für Sprachen und Kommunikation an der Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasilien. Claudia Wolff Pavan ist Doktorandin in Germanistik an der Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) und promoviert zum Thema Variation und Wandel des Hunsrückischen im Kontakt mit dem brasilianischen Portugiesisch. Willian Radünz ist Dozent für Portugiesisch an der Freien Universität Berlin. Fernando Hélio Tavares de Barros ist Postdoktorand an der Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

ISBN 978-3-631-91297-3

www.peterlang.com